# BABA VANGA
# TODA A VERDADE

Autora: Krasimira Stoyanova

Tradução: Amadeu António

Baba Vanga (Vangeliya Gushterova) nasceu em 31 de Janeiro de 1911 na cidade de Strumica — ex-Jugoslávia, na família de pequenos agricultores. De seu pai ela herdou resiliência, compaixão pelos menos favorecidos e senso de justiça, enquanto da sua mãe ela herdou o carácter alegre e uma atitude rígida com relação à limpeza e à ordem.

Ela nasceu 2 meses antes da hora certa. Ela era muito fraca, com as orelhas presas à cabeça e os dedos dos dois braços e pés igualmente grudados. Ninguém sabia se a criança sobreviveria, mas para lhe dar uma hipótese colocaram-na perto da lareira, envolta em tripas de boi e lã não lavada esperando que a criança sobrevivesse até o nono mês.

Uma noite em Março o bebé chorou e as velhinhas que cuidavam da menina contaram à mãe perturbada que o bebé havia nascido. Havia o costume na região de que, se não se tivesse certeza de que um bebé viveria, o bebé não podia ser nomeado. Na manhã seguinte, novamente de acordo com o costume, a avó da criança saiu à rua e pediu à primeira mulher que encontrasse, que oferecesse um nome para o recém-nascido. A mulher sugeriu Andromaha. Naquela época, muitas mulheres usavam nomes Gregos, mas a avó não gostou e pediu um nome a uma segunda mulher que ofereceu Vangeliya (significa portadora de boas notícias). Esse nome também era Grego, mas era tão popular que a avó o aceitou como um nome búlgaro e o aprovou.

O pai — Pande Surchev era ainda jovem quando se juntou aos rebeldes e o seu movimento contra o império Otomano. Tendo sido capturado pelos Turcos e enviado para a prisão com uma sentença de prisão perpétua, foi torturado sem esperança de sobrevivência, mas então o governo Otomano sofreu uma grande mudança em 1908, quando o império foi reestruturado numa Monarquia Constitucional. O novo governo libertou os prisioneiros. Ele voltou para casa, descobriu que os rebeldes ainda estavam ativos e juntou-se novamente a eles. Logo depois, porém, os rebeldes separaram-se e todos voltaram para suas casas.

Pande voltou para a aldeia dele, mas não encontrou ninguém em casa. Os seus pais faleceram e o irmão desapareceu em qualquer parte. Durante dias ficou sem saber o que fazer, quando soube que o município de Strumica estava a ceder casas e terrenos abandonados a quem lá quisesse viver.

Deram-lhe uma casa velha na periferia da cidade. Quase todas as casas eram velhas e precárias e o bairro parecia mais uma vila do que parte de uma cidade. As ruas eram estreitas, lamacentas e sujas e à noite completamente escuras. Os

quintais eram muito pequenos, cercados por cercados — com animais por ali. À noite trancavam os animais no primeiro andar da casa ou ficavam com eles. Todos no bairro vieram de vilarejos próximos em busca de melhores oportunidades na cidade. Em geral, os migrantes eram agricultores ou pequenos artesãos e comerciantes. Eles chamavam o bairro de "Svetiko" porque todas as casas eram apertadas em torno de uma igreja dita dos "Quinze mártires."

O recém-chegado Pande começou a viver com os seus novos vizinhos em paz e respeito mútuo. Conseguiu um terreno e começou a tratá-lo. Conheceu uma mulher — alegre e ágil, que parecia uma jovem. Gostaram um do outro e passado pouco tempo casaram. Chamava-se Paraskeva.

Vangeliya ou apelidada Vangeliya, tinha apenas 3 anos, quando a mãe morreu durante um parto. Um ano depois disso, em 1915, a Primeira Guerra Mundial foi desencadeada e o pai de Vangeliya foi mobilizado para lutar contra o inimigo como soldado do exército Búlgaro. Baba Vanga ficou com a vizinha Asanica — mulher Turca gentil e muito compassiva. Durante três anos não teve notícias de Pande, e as pessoas pensavam que Vangeliya havia ficado órfã, quando um dia ele voltou muito desnutrido, mas vivo.

Ele levou Vangeliya para a velha casa onde eles voltaram a morar, mas não foi fácil para o Pai. Vangeliya, já com 7 anos, era uma criança muito magra, loira de olhos azuis e detentora de um caráter muito rebelde. Era evidente a falta da atenção e do rigor materno.

Naquela época, a Primeira Guerra Mundial terminou e Strumica caiu sob o domínio Sérvio. A nova autoridade implementou uma moral estrita e diversas restrições. Havia muita gente da cidade que não conseguia entender as novas ordens e começou a viver com medo e ansiedade. Pande era um deles, e sentia-se preocupado com a vida que Baba Vanga levaria quando crescesse.

Era uma criança vivaz, alegre e comunicativa. As outras crianças visitavam o quintal dela para brincar com prazer. A brincadeira favorita dela era deitar as crianças no chão como seus pacientes e ela como médica trata-los. Ela arrancava um pouco de relva e colocava-a sobre as suas barrigas. Depois disso, ela pedia às crianças que arrumassem o pátio, pois ela odiava sujidade. Muitas vezes ela sentava-se num pequeno tapete e as crianças juntavam-se ao seu redor dela para ouvir as histórias que inventava.

Anos depois, quando estava de bom humor, Pande gostava de contar histórias aos seus outros filhos sobre a “Atenção” da Vangeliya e todos riam até as lágrimas.

Baba Vanga gostava de ter tudo no seu lugar. Um dia, o pai decidiu ir pescar e pediu ao amigo que o esperasse um instante para apanhar o equipamento. Ele procurou-o por toda a parte, mas não conseguia encontrar a cana de pesca. Vangeliya observou com satisfação o andamento da busca e só mais tarde perguntou ao pai o que procurava ele, e então ela disse-lhe que os anzóis estavam presos ao chapéu. De uma outra vez ele teve que procurar as botas. Ele percebeu que seria difícil manter a casa sozinho com uma criança pequena e decidiu tentar casar-se de novo. Mas as hipóteses de sucesso dele eram baixas, pois ele era pobre, além de viúvo e com uma filha, mas surpreendentemente ele encontrou esposa bastante rápido.

Tanka Georgieva era uma das garotas mais bonitas da cidade. Ela sentava-se numa cadeira para trançar os longos cabelos. Estava noiva de um oficial militar Búlgaro, mas as circunstâncias concorreram para o rompimento do casamento e, para evitar a grande vergonha, os pais de Tanka rapidamente arranjaram um casamento com Pande. Embora inicialmente infeliz com essa reviravolta do destino, Tanka descobriu mais tarde que Pande era um homem bom e trabalhador. Ela era boa dona de casa e uma mãe carinhosa.

Seguiram-se dias de felicidade e sucesso. Pande era um bom agricultor e zelador e a sua propriedade cresceu lentamente até atingir 10 acres. Ele começou a contratar pessoas durante a época da colheita e as pessoas tratavam-no com respeito.

Infelizmente a felicidade durou pouco. Os patronos políticos mais barulhentos da nova autoridade não conseguiam perdoar a Pande o seu passado rebelde. Um dia eles prenderam-no e confiscaram-lhe as terras. Isso aconteceu na época da colheita. Do sucesso, a família mergulhou numa dura miséria que prevaleceu por muitos anos.

Quando Pande voltou da delegacia, todo espancado e torturado, começou a procurar trabalho para sustentar a família, que aumentara com mais um membro. Em 1922 Tanka deu à luz um menino, a quem chamaram Vasil. Pande tornou-se pastor numa vila próxima. Permaneceu um servo e um homem pobre para o resto da sua vida.

A esposa Tanka ficou em casa com os dois filhos Vangeliya e Vasil, e a jovem Vangeliya de apenas 11 anos teve que ajudar muito na lida da casa. Ela cuidava do irmão e inventava brincadeiras diferentes para os dois. No entanto, havia um jogo que perturbava muito os pais. Ela colocava uma coisa fora da casa em algum lugar, depois voltava para a casa e de olhos fechados tentava chegar até essa coisa, como se fosse cega. E estava sempre a brincar desse modo apesar das admoestações e ameaças dos pais.

Em 1923 a família mudou-se para "Novo Selo," onde o irmão de Pande viva. Kostadin ficou rico ao longo dos anos, casou-se, mas não teve filhos. Quando soube da pobreza da família do irmão, convidou-os a ir viver com ele.

Como filha mais velho, Vangeliya, tinha a responsabilidade de levar o burro todos os dias até os currais das ovelhas, a fim de trazer de volta leite. Num dia de verão, Baba Vanga estava de volta à aldeia acompanhada por duas primas. As três meninas decidiram ir a uma fonte de água próxima chamada pelos aldeões "Hanskata cheshma."

Do nada, sem que ninguém percebesse, uma forte tempestade se desencadeou. O céu escureceu e o vento horripilante fustigava as árvores, arrancando as pequenas. Torrões de terra e pequenas árvores foram jogados longe no campo. Um pilar feito de galhos, folhas e pedaços misturados num terrível redemoinho atingiu as três garotas e arrastou Vangeliya a 2 quilómetros de distância no campo. Por quanto tempo durou a tempestade, ninguém se lembra, mas quando foram procurar Vangeliya, encontraram-na debaixo de uma pilha de pedras e galhos enlouquecida de medo. Pior do que o medo, porém, era a dor indescritível que ela sentia nos olhos, completamente incapaz de os abrir. Quando a levaram para casa, todos tentaram reduzir-lhe a dor. Lavaram-lhe os olhos, com água e depois com mistura de ervas, tentaram aplicar pomada, mas nada aliviou Vangeliya. Com o passar dos dias, os olhos encheram-se de sangue e depois ficaram descorados.

O pai desesperado decidiu levar a família de volta para "Strumica" e procurar um médico. Em "Novo Selo" eles ficaram por um curto período de tempo – cerca de 3 meses, pois não se sentiram tão bem lá e parecia que tinham ido para lá apenas para Vangeliya sofrer aquela tragédia.

A notícia do infortúnio de Vangeliya rapidamente se espalhou pelo bairro. Durante todo o dia as visitas paravam para dar apoio e oferecer várias ervas e pomadas que achavam que poderiam ajudar. Na realidade, eles faziam isso por compaixão, porque ninguém realmente conhecia um remédio para tal condição.

Eles levaram Vangeliya a um médico, que concluiu que a infeção estava a espalhar-se e, se quisessem salvar-lhe os olhos, seriam necessárias cirurgias. Era preciso muito dinheiro... Duas cirurgias foram feitas. Para a primeira Pande arranjou dinheiro, a segunda cirurgia foi feita de graça, por compaixão pela condição de pobreza de Vangeliya. Infelizmente porém, ambas as cirurgias não tiveram sucesso. O médico recomendou uma terceira cirurgia a ser feita em "Belgrado" e Pande concordou. Marcaram a data e informaram que essa cirurgia ia custar 5.000 dinara, uma quantia enorme na época.

O pai ficou devastado, pois não tinha como arranjar tanto dinheiro. Ele era muito pobre e os vizinhos não eram muito diferentes, de modo ninguém podia ajudá-lo. Ele pediu ajuda à mãe da sua falecida esposa. Há muito tempo atrás, ela prometera que Vangeliya herdaria algumas das terras dela. Pande ainda lhe perguntou se ela podia vender esse terreno e usar o dinheiro para a cirurgia. Infelizmente, depois que a sua primeira esposa morreu, a relação com a sogra azedou e ela recusou-se a ajudar.

Então Pande começou a vender tudo o que podia. Vendeu a máquina de costura que sobrara da primeira mulher, vendeu a única ovelha que tinham e não tinha mais nada de valor. No final, ele mal arrecadou metade do valor necessário para a cirurgia. Um dia antes da data marcada, Pande enviou Vangeliya junto com um vizinho que se dirigia a Belgrado para visitar um filho. Ele queria muito acompanhá-la e estar com ela nesse momento difícil, mas não queria gastar nenhum dinheiro extra, pois já muito pouco.

Quando o vizinho, um senhor bem vestido, conduziu Vangeliya ao médico, parecia que um homem rico estava a tentar livrar-se de um parente pobre. O médico que ia fazer a cirurgia, no dia seguinte, teve a mesma impressão. Quando ele viu a quantia de dinheiro que o vizinho lhe apresentou, ficou furioso com o desbarato a que fora lançado e puxando Vangeliya para um quarto disse-lhe: "Menina, o dinheiro que o teu pai manda é metade do que é necessário, por isso vou fazer metade d cirurgia. Quando trouxeres tudo o que eu pedi, farei uma cirurgia adequada." Felizmente proferiu essas palavras num estado de fúria.

Quando Baba Vanga voltou para casa, ela conseguia enxergar muito pouco. O médico disse que ela vai precisava de comida forte, e um ambiente arrumado e tranquilo. Claro que essas recomendações permaneceram apenas um desejo, porque a vida da família era tão pobre quanto sempre fora. Em 1924 nasceu outra criança, um menino que chamavam de Tomé. Pande partiu novamente

para as aldeias vizinhas em busca de trabalho. A Esposa trabalhava o máximo que podia no campo, e Vangeliya cuidava das crianças e da casa.

Logo a má qualidade de vida trouxe um desfecho ruim, porquanto desenvolveu uma outra catarata nos olhos. Uma nova cirurgia estava completamente fora de questão e Vangeliya ficou cega novamente, desta vez de forma permanente. O desespero foi total. Noite após noite Vangeliya chorava e orava a Deus para lhe recuperar a visão, mas nenhum milagre aconteceu. Os meses passaram-se e Vangeliya não conseguia perdoar-se por ser um fardo para a família e não saber o que fazer.

Um dia um vizinho falou a Pande, acerca de uma escola para invisuais na cidade vizinha de "Zemun." Pelo menos lá ela não vai passar fome, já que a escola gozava de boa reputação. Em 1925 ela foi aceite. Na época ela tinha 15 anos. Quando percebeu que ia embora, não conseguiu dormir com a expectativa. Ela estava a enfrentar um futuro desconhecido, e ninguém poderia dizer-lhe quanto tempo ela ia ficar nessa casa para invisuais. A ideia de que não ia ver a família de novo fê-la chorar.

No dia seguinte, Vangeliya teve que se despedir da família e da casa. Pequena e magra, ela "observava" silenciosamente a manhã seguinte. Claro que ela só podia ouvir, pois era assim que ela era capaz de perceber o mundo. Pessoas com visão normal não percebem quantos sons se misturam ao seu redor. O gato a correr pela relva, o vento a soprar os galhos da ameixoeira e o sol inundar-lhe o rosto com os raios quentes. Essa imagem Vangeliya haveria de recordar toda a sua vida.

Na escola para invisuais, tudo era novo e interessante. Eles deram imediatamente um uniforme à nova aluna. Consistia numa saia marrom e blusa azul acompanhada de lindos sapatos bege. Cortaram-lhe os cabelos loiros de forma profissional. Ela ficou perplexa, mas também muito feliz. Nos momentos em que Vangeliya estava sozinha, ela tocava o novo uniforme e sentia-se uma rainha, porque pela primeira vez na vida ela tinha roupas bonitas.

A disciplina na escola era distinta. Até o meio-dia os alunos tinham diversas aulas. Era-lhes ensinado o sistema Braille de leitura. Uma das disciplinas da escola era a música. A nova aluna—Vangeliya, tinha um ouvido muito bom para a música, e rapidamente aprendeu a tocar piano. A música lembrava-lhe a casa em Novo Selo, a sua infância e família. Ela desejou que eles tivessem mais aulas de música.

À tarde, o programa escolar focava-se em habilidades práticas. Ensinavam as alunas a cuidar da casa. Cozinhar, limpar, tricotar, pode parecer praticamente fácil, mas não é o caso quando se é cego. As meninas invisuais eram treinadas a "ver com as mãos" e a desenvolver dedos sensíveis e flexíveis. Vangeliya aprendeu tudo com facilidade, e não havia um único professor que se sentisse descontente com o seu desempenho.

Rapidamente três anos se passaram. Vangeliya completou os 18 anos. Ela tinha uma aparência muito arrumada, e o rosto fino brilhava com calma e satisfação. Mas durante algum tempo houve outra coisa. Entre os alunos da escola havia um menino de nome Dimitar, da aldeia "Giato." Sempre que ela ouvia a voz dele, o coração palpitava-lhe e o rosto corava. O menino sentia o mesmo por ela, e eles ficavam muito felizes quando estavam juntos. Um dia Dimitar disse a ela que a amava, e propôs-lhe casamento. Os pais eram ricos e não tinham nenhum problema em cuidar de ambos.

Durante todo o dia Vangeliya imaginava como ficaria num vestido de noiva. Ela estava tão feliz. Ela enviou uma mensagem ao pai e aguardava a sua bênção. Seguiram-se dias de ansiosa expectativa.

Um dia Vangeliya recebeu a tão esperada resposta de "Strumica" e o pai. Infelizmente, em vez de uma bênção, Vangeliya recebeu notícias sombrias. Em 1926 a madrasta Tanka deu à luz uma menina que eles chamaram de Lubka. 2 anos depois, ao dar à luz um 4º filho, Tanka faleceu. Em vez de abençoar baba Vanga emitiu-lhe um grito de socorro, ao lhe pedir que abandonasse a sua felicidade e fosse cuidar dos irmãos órfãos.

Vangeliya despediu-se do seu primeiro amor e de um casamento que lhe poderia ter proporcionado uma vida melhor. O caminho de volta foi difícil, pois Vangeliya estava a perceber que aqueles 3 anos na escola para invisuais, tinham sido os melhores anos da sua vida, e não voltariam. A partir daí, durante muito tempo, a vida de Vangeliya foi marcada por uma pobreza implacável e muito sofrimento. Essas condições, no entanto, desbloquearam o poder espiritual ilimitado, que a ajudaria a superar todas as dificuldades no seu caminho.

De volta a casa, Vangeliya ficou impressionado com a terrível miséria. As crianças – todas muito pequenas, estavam sujas e fortemente desnutridas. O irmão Vasil estava com 6 anos, Tomé com 4 e o mais novo Lubka 2. Vangeliya teve que adoptar o papel de mãe. Quando ela regressou, o pai foi imediatamente trabalhar.

Nessa época, ocorreu um grande terramoto, na região de "Chirpan." Do forte abalo, a velha e instável casa da família de Vangeliya caiu em escombros. Os filhos de Pande ficaram desabrigados. Poucos dias depois, Pande construiu uma dependência pequena e instável com juncos e lama. Tinha apenas um quarto, com um pequeno corredor. Mais tarde, acrescentou uma pequena cozinha, onde instalou a lareira.

Eles mudaram muito rapidamente, pois não tinham quase nada. Mesmo aqui Vangeliya trouxe beleza e ordem. Ela colocou o baú grande da madrasta num lugar bem visível, colocou tapetes no chão de barro e tricotou uma capa para a cama. Em frente ao barraco cercaram um pequeno quintal, e ela plantou lindas flores à entrada.

Nessa casinha Vangeliya e a irmã Lubka, viveram sozinhas nos anos seguintes, pois os irmãos, apesar de serem muito jovens, foram trabalhar como pastores e criados.

As pessoas das aldeias e cidades vizinhas, espalham a notícia de que Vangeliya sabia tricotar bem, e muitas vezes eles levavam-lhe linha para que ela tricotasse a pedido. Não lhe pagavam dinheiro, mas levavam comida ou deixavam-lhe algumas coisinhas ou novelos. Desses novelos Vangeliya fazia roupas para os irmãos, mas não fazia nada para si própria, pois não saía de casa de jeito nenhum. Pessoas que sabiam o quão pobre era a família de Vangeliya, doavam as roupas de mulheres que tinham falecido, para que Vangeliya pudesse usá-las.

Vangeliya aprendeu igualmente a tecer. Ela mostrou a Lubka como juntar os fios e ficava a trabalhar até tarde da noite. Era comum Vangeliya chorar de desespero tarde da noite. Durante o dia, ela não mostrava sinais de tristeza, para evitar a compaixão dos vizinhos e assustar Lubka ao mesmo tempo, mas à noite deixava fluir as emoções e aliviava o seu pesado fardo.

De manhã levantavam-se muito cedo, pois Vangeliya sempre dizia que havia muito a fazer. Ela detestava entregar-se à ociosidade e não gostava de pessoas ociosas ao seu redor. Ela queria que todos os lugares fossem arrumados e ficassem apresentáveis. Elaborou uma agenda. A segunda-feira era dedicada à lavandaria, a terça-feira a varrer o chão e o quintal, a quarta-feira era dedicada a remendar as roupas. Vangeliya ensinou Lubka a costurar e foi rigorosa nas suas expectativas. Ela costurava o remendo e, se ela não gostasse da costura, rasgava o remendo e pedia a Lubka que fizesse de novo. Muitas vezes Lubka chorava porque as roupas para arrumar eram sempre muitas, e ela queria brincar com as outras crianças, mas Vangeliya era firme e queria que tudo fosse bem feito.

Quinta-feira era dia de assar pão. Sexta-feira, eles iam ao rio para colher barro vermelho, e depois pintar a casa com esse material gratuito. Ao sábado eles colhiam urtigas para comer. Domingo era dia de ir à igreja – geralmente era ao domingo à tarde que as mulheres das aldeias vizinhas visitavam Vangeliya para escolher os itens que ela tricotava para elas. Elas reuniam-se no pequeno quintal a conversar. Vangeliya era muito sociável, possuía um forte senso de humor, e todos adoravam conversar com ela.

Havia um costume interessante na região de "Struma." Na noite anterior ao "Gergiov Den" (feriado Búlgaro), as jovens colocavam notas dentro de uma jarra de barro e, pela manhã, "liam" a sua sorte. Geralmente eles deixavam a jarra de barro no quintal da Vangeliya sob uma roseira vermelha escura, que parecia uma pequena árvore. Talvez por compaixão por ser cega, Vangeliya era mais frequentemente escolhida para ser o oráculo que interpretaria a fortuna deles. Era muito interessante que tudo o que Vangeliya previra, mais tarde se tornava um facto. Todos ficavam muito surpreendidos, mas ninguém sequer suspeitava que Vangeliya tivesse um dom. Em outro feriado, as mulheres solteiras iam ao rio e juntavam galhos como se fosse uma ponte. A crença era a de que durante a noite ocorreria um sonho que mostraria à moça quem seria o seu futuro marido. Pela manhã ninguém era capaz de surpreender Vangeliya. Ela era capaz de descrever o sonho, antes que a pessoa que o sonhou pudesse contar a qualquer um.

Esses costumes infelizmente foram uma alegria breve e secundária. Vangeliya não podia dar-se ao luxo de relaxar, porque a pobreza nunca lhes dava descanso. Ela tinha que trabalhar sem parar. Às vezes, muitas vezes, acabavam com fome. Eles comiam principalmente couve galega, broa de milho e iogurte muito diluído, e muitas vezes não tinham nem isso. Um dia disseram a seu pai Pande que não tinham mais farinha. As poucas moedas que eles tinham, Vangeliya estava a guardá-las para momentos extremamente difíceis.

Pande foi ao encontro de um velho amigo rico e perguntou se ele poderia dispensar um pouco de farinha. O amigo disse que tinha um saquinho que pode dar a Pande se ele pagasse. Pande pagou-a e o enviou-a por meio de um mercador vendedor ambulante à Vangeliya. Reinou uma grande comoção em casa. Vangeliya fez pão imediatamente, e eles comeram-no ainda quente. 30 minutos depois, as duas irmãs ficaram doentes e começaram a vomitar. Os vizinhos assustados enviaram uma mensagem a Pande que estava na aldeia vizinha. Quando voltou para casa para cuidar dos filhos, verificou a farinha e

percebeu que o seu velho amigo lhe havia vendido uma erva venenosa que cresce ao lado do trigo.

Na periferia da cidade, perto do rio "Trakiana," Pande tinha um pequeno jardim com 6 cerejeiras. Quando as cerejas estavam prontas a ser colhidas, Pande vendia-as a vendedores ambulantes. Quando alguns dos miúdos pediam alguma coisa, Pande sempre prometia que, quando vendessem as cerejas, compraria o que fosse necessário. O dinheiro da venda, porém, era tão pouco que a promessa era sempre repassada para o ano seguinte.

Um ano eles plantaram tabaco. Trabalhavam do amanhecer ao anoitecer e quando colhiam recebiam tão pouco, que a única coisa que Pande conseguiu foi um cântaro novo, que encheu de "boza" (bebida não alcoólica específica Búlgara que tem um gosto doce.)

Em 1943 Lubka foi estudar. Ela era a melhor aluna e a mais pobre. Vangeliya ficou muito feliz com o interesse que ela mostrava por aprender, pois ainda que breve, ela foi exposta à educação na escola de invisuais, e sabia quanta qualidade de vida a educação poderia trazer. Vangeliya era rígida com os irmãos, mas não conseguia convencê-los a ir à escola. Mas eles não podiam, de qualquer modo, por estarem a trabalhar, mas o irmão mais velho Vasil disse-lhe que, mesmo que tivesse tempo, não queria ir à escola.

Em Strumica, um clube de Esperanto foi criado e muitas crianças pobres começaram a visitá-lo. Vasil e Tome inscreveram-se e começaram a frequentá-lo regularmente. Supostamente, eles estavam a aprender Esperanto, mas depois descobriu-se que esse era um clube Comunista ilegal, e o que eles estavam realmente a estudar era literatura Comunista de Marx. Era frequentemente solicitado a Lubka que entregasse livros diferentes a várias pessoas. Ambos os filhos do ex-rebelde Pande naturalmente abriram caminho para esse clube.

Os anos que se seguiram a 1934 foram marcados por uma miséria mais profunda e desumana, imposta pela humilhação e pelo sofrimento. Vangeliya era a mais exausta e ao mesmo tempo a mais forte da família. Ela nunca se permitiu reclamar ou perder o seu espírito. Ela era apoio não apenas dos seus irmãos, mas também do pai, que muitas vezes ele ficava deprimido e em desespero. Vangeliya encorajou-o dizendo-lhe que dias melhores estavam por vir.

Muitas vezes no seu desespero, Pande sonhava em se tornar caçador de tesouros. Uma vez Baba Vanga disse-lhe que ela sabia onde algumas

antiguidades estavam enterradas e descreveu o local. Ficava numa aldeia abandonada um pouco longe de "Strumica." Havia um rio e uma floresta nas proximidades. Entre o rio e a floresta havia uma rocha de tamanho considerável, e o tesouro estava enterrado em baixo. Pande ficou muito surpreendido com o que Vangeliya lhe disse e começou a rir, mas depois pensou e lembrou-se que de facto tal local existe. O nome da aldeia era "Raqnci" que fora abandonado por há muito tempo atrás ter irrompido uma praga lá. Ele perguntou a Vangeliya, como ela sabia essas coisas, e ela disse-lhe que sonhara com isso.

Um dia, Pande propôs que fossem a essa aldeia e procurassem o tesouro. Eles foram a pé. Lubka recorda que Vangeliya ia com muita confiança, como se conhecesse muito bem a área. Quando chegaram ao local, parecia exatamente como Vangeliya descrevera. Pande disse que um dia voltaria para escavar debaixo da rocha, mas depois caiu e quebrou o braço e foi assim que perdeu a hipótese de encontrar o tesouro. Mais tarde eles construíram um lago artificial lá e mesmo que houvesse um tesouro estava completamente perdido.

Logo após essa profecia do tesouro, Pande perdeu uma das ovelhas que tinha a seu cargo. Voltou para casa muito irritado porque acreditava que seria demitido, pois não tinha dinheiro para compensar o animal perdido. Vangeliya disse-lhe: "Não fique furioso. A sua ovelha está com Atanas da aldeia "Monosnitovo."

Pande ficou muito surpreendido com o que ouviu, pois não conhecia ninguém com esse nome, nem tampouco Vangeliya devia conhecer. Muito preocupado, ele perguntou-lhe como ela chegara a essa conclusão. Ela disse que sonhara com isso. Vangeliya sempre dizia que sonhava com coisas, que por sua vez se tornavam verdadeiras e reais. Possivelmente esses foram os seus primeiros sinais de clarividência. Pande foi à aldeia de que Vangeliya lhe falou, e encontrou a sua ovelha no rebanho do referido Atanas.

Ao final de cada ano, o município preparava uma lista com as pessoas com necessidades financeiras, e pequenos recursos eram disponibilizados em apoio a essas pessoas. Com antecedência de uma semana inteira, Lubka e Vangeliya tomaram posto na espera desses fundos. Os funcionários ficaram muito tristes ao ver as duas irmãs lá à espera. Vangeliya estava descalça e de frio e tinha os pés vermelhos de tão frios. "Por que não ficas em casa onde é quente, quando não tens sapatos para usar?" perguntou uma mulher. Mas em casa raramente fazia calor. Eles não tinham lenha. Sempre que possível, eles recolhiam pinhas,

mas elas queimavam rápido e não forneciam muito calor. A sala era na maioria das vezes frígida e, como era feita de junco, o vento soprava pela sala.

Apesar de a Vangeliya ser saudável, ainda assim em 1939 isso infelizmente mudou. Ela desenvolveu pleurisia efusiva. Durante cerca de 8 meses ela esteve entre a vida e a morte. Perdeu tanto peso que, quando fazia sol, era Lubka que a levava até fora como uma criança. Quando a condição dela ficou muito ruim, eles chamaram um médico de uma instituição próxima. Quando ela entrou, olhou em volta com desgosto e pediu a Lubka que erguesse o cobertor de Vangeliya. Por causa da imobilidade prolongada, todo o corpo de Vangeliya estava em feridas e a pele dela estava em decomposição. O médico pediu ao assistente para lhe trazer um pouco de desinfetante e pó do centro médico. O médico saiu da sala e disse a Lubka que a irmã estava muito doente e logo iria morrer.

As notícias espalharam-se rapidamente pelo bairro, e um padre foi chamado para lhe ministrar a extrema-unção. No dia seguinte, um dos trabalhadores do monopólio do tabaco, iniciou uma campanha de doação entre os trabalhadores pobres.

Dois dias depois, Lubka foi buscar água ao poço, que ficava situado bem longe da casa. Quando voltou, ela deixou cair o jarro de surpresa. Vangeliya, que todos esperavam fosse morrer logo, estava fora da cama, a varrer o quintal. Mal se podia dizer que ela estava doente, apenas ainda apresentava uma cor pálida. Quando ela ouviu a voz de Lubka, disse-lhe: "Vem, apressa-te, começa a limpar. Temos que varrer tudo porque em breve muita gente vai começar a vir até aqui.

1939 foi um ano de volatilidade política. O governo recente estava alinhar a política do país com a da Alemanha Nazi, e isso causou muitos protestos e tumultos entre a população. Muitas prisões tiveram lugar. Pande também foi preso enquanto falava ao povo contra o governo e o rumo que tomava, alegando que isso seria devastador para a nação. Na época ele tinha 53 anos e novamente foi espancado e torturado na prisão. Quando voltou para casa, parecia um velho que descarrilhara. Antes que pudesse recuperar por completo, ele foi de novo à procura de trabalho para alimentar a família.

Durante o verão, Pande tropeçou, caiu e quebrou o braço. Sofreu igualmente um corte e, infelizmente, infeccionou. Lentamente, a infecção espalhou-se a ponto de todo o seu corpo ser afectado. A toda a hora ele esteve cercado por Vangeliya e Lubka, a cuidar dele. Em certa altura apresentou uma leve melhora que lhes deu esperança, mas Lubka ouvia como a Vangeliya chorava a noite

toda, como se soubesse que em breve o pai iria morrer, deixando-os inteiramente órfãos e sem proteção neste mundo.

Em Setembro a condição de Pande ficou piorou, e os seus dois filhos juntaram-se a Vangeliya e Lubka na tentativa de ajudar o pai. Depois de todo esse tempo, finalmente estavam todos juntos, mas logo a fome os pressionou fortemente. Todas as manhãs, os dois irmãos saíam a procurar trabalho. Vasil esperava em frente ao prédio do município à espera que alguém o tomasse como estivador. Tome trabalhou num talho, a limpar tripas o dia todo, não por dinheiro, mas por restos de comida. Muitas vezes os dois irmãos voltavam para casa de mãos a abanar.

Um dia, quando estavam bem no fundo, sem comida, Pande lembrou-se de um velho amigo dele e mandou Lubka e Tome pedir-lhe que lhes algum dinheiro emprestado.

"Não posso dar dinheiro assim," disse o "bom" amigo Hristo Tudjarov: "Amanhã vais ao meu campo colher o algodão restante, e então eu te pagarei." De manhã cedo, Tome e Lubka foram ao campo e começaram a colher algodão. Era Outubro e fazia frio. Com o vento forte e gelado, as suas mãos racharam e ficaram azuladas. No final, eles voltaram junto de Hristo, que com o passar dos anos se tornou um homem rico, e entregaram-lhe o saquinho com o algodão que tinham colhido. Ele jogou aos pés de Tome 2 levs e disse que Lubka era muito jovem para ser paga... e fechou-lhes a porta na cara. A neve começou a cair. Na volta, as duas crianças choravam de dor e humilhação e as lágrimas que derramavam molhavam o pedaço de pão que conseguiram comprar com o dinheiro ganho.

No início de Novembro, Pande sentiu que estava a deixar este mundo, e chamou todos os filhos para junto da cama e contou-lhes isso. "Crianças, estou a morrer e vocês vão ficar sozinhos. Sejam honestos e trabalhadores e ouçam a Vangeliya, ela cuidará de vós." A 8 de Novembro de 1940 Pande faleceu aos 54 anos. As crianças limparam o corpo de Pande e vestiram-no, mas não tinham dinheiro para um funeral. Passaram um dia e uma noite inteiros com o cadáver no quarto. No dia seguinte, um dos vizinhos, que era sacristão na igreja, contou ao padre a tragédia. O padre imediatamente fez arranjos, e Pande foi enterrado no cemitério católico de graça. Depois do funeral, quando viu como as crianças pareciam pobres e miseráveis, deu-lhes parte do dinheiro da igreja, para que pudessem comprar pão.

Seguiram-se dias muito difíceis. Foi apenas o espírito e o carácter forte de Vangeliya que impediram que os irmãos e a irmã caíssem em total desespero. Ela carregava o fardo mais pesado, mas, independentemente disso, inspirava os irmãos a ser fortes e a esperar que dias melhores chegassem.

Um dia, chegou um pelotão de tropas à sua porta. Entre eles estava Dimitar Gushterov, um homem de 23 anos da aldeia "Krandgilitza." Ele queria falar em particular com Vangeliya, por sentir dor de desgosto. O irmão fora assassinado perto da aldeia "Sklave." Ele era comerciante de porcos e tinha negócios na área. Vangeliya saiu de casa e antes que ele pudesse dizer alguma coisa ela chamou-o pelo nome e disse:

"Eu sei por que você está aqui. Você quer que eu diga quem lhe matou o irmão. Talvez eu lhe conte após algum tempo, mas você tem que me prometer que não vai vingá-lo, porque não é necessário. Você estará vivo e testemunhará o fim deles."

Dimitar ficou tão surpreendido com o que aconteceu. Ele não tinha ideia, como ela sabia do seu nome nem como ela sabia sobre a dor de desgosto. Algumas vezes depois dessa, Dimitar veio visitar Vangeliya, e eles conversaram durante muito tempo. Logo depois, Vangeliya disse à irmã Lubka, que Dimitar a queria como esposa, e ela concordou. Ela disse a Lubka que eles estavam a mudar-se para viver na cidade de Petrich.

Na época, os dois irmãos estavam fora. Vasil fora convocado como soldado, enquanto Tome foi enviado contra a vontade para trabalhar na Alemanha.

No dia 22 de Abril, Dimitar chegou com uma carroça carregada de feno recém-cortado e malcheiroso, coberto com um toldo, para maior conforto. Ele vinha bem vestido e animado. A notícia espalhou-se rapidamente e os vizinhos e todos que conheciam Vangeliya começaram a reunir-se para se despedir. Alguns diziam que ela estava a cometer um erro ao sair de casa, mas ela não lhes deu ouvidos. Tudo o que ela estava a deixar para trás eram lembranças tristes, miséria e uma enorme pobreza. O dote de Vangeliya era simbólico. Ela tinha um cachecol vermelho tricotado por ela própria e um par de potes de cobre, e esses eram todos os pertences que ela tinha. Eles puseram uma fechadura na porta e deixaram o local de vez.

Viajaram com a carroça por uma estrada irregular em direção a "Petrich." Viajaram em silêncio, um pouco tristes por terem deixado "Strumica." Chegaram a Petrich à noite e pararam em frente a uma casinha, que antes era usada como

depósito e onde ninguém morava mais. A casa parecia que a qualquer momento ia desmoronar na cabeça dos seus novos residentes. Na frente, havia um grande quintal que estava uma bagunça.

Olhos curiosos das casas vizinhas observaram Vangeliya. A sua reputação de clarividente já se havia espalhado e as pessoas a examinavam-na de cima a baixo. Eles interrogavam-se como uma mulher cega podia ser uma boa dona de casa e cuidar da casa, e até indagavam acerca disso em voz alta. Vangeliya não prestava atenção a tais comentários. Eles entraram para um corredor escuro e sujo. Havia dois quartos, um que foi transformado num quarto e um outro. Vangeliya costumava receber muitas visitas.

"Havia um terceiro quarto adicional," lembra Lubka "que usávamos como cozinha, quarto e geralmente servia para tudo. Havia uma cama feita de madeira que foi colocada sobre 4 placas de folha flandres. Não havia cobertor, e como travesseiro dispunham de um saco cheio de folhas de milho.

A cama descrita, fora usada pela avó Magdalena—mãe de Dimitar, que dormia ali com os três filhos do irmão assassinado de Dimitar, e outros dois filhos dos seus outros irmãos. Estava uma imundície por toda a parte. Resumindo, Vangeliya substituiu um estilo de vida de miséria por outro não menos miserável e árduo.

A 10 de Maio de 1942 Vangeliya casou-se com Dimitar. Nao foi facil. A avó Madalena não gostou da Vangeliya. Quando ela a viu, a primeira coisa que ela disse foi: "Ah meu filho, que sorte tu tiveste." Talvez ela estivesse à espera que o filho trouxesse para casa alguma ruiva forte, que pudesse cuidar de todos eles. Na casa, além da avó Magdalena e dos 5 filhos dos irmãos de Dimitar, havia também a esposa do irmão assassinado, que estava doente de tuberculose e estava a morrer. A avó Madalena já estava com 70 anos e praticamente nada podia fazer.

Vangeliya engoliu os insultos e logo mostrou do que era capaz. Com o seu espírito forte, a miséria não poderia assustá-la, afinal isso era tudo que ela conhecia. Vangeliya e Lubka começaram a transformar a casa. Eles esfregaram, limparam, pintaram e, muito em breve, a casa ficou arrumada e acolhedora. Nesses anos de guerra era muito difícil conseguir aconchego, mas Vangeliya conseguiu-o, basicamente sem nada. De pano simples, ela fez cortinas, e Lubka as colocou na perfeição. Com fio de embrulho pintado, fizeram capas para as camas.

Vangeliya proibiu os aldeões de se reunirem no seu quintal e aí negociarem. Ela limpou e arrumou o pátio, e em toda a parte que o seu toque de esposa habilidosa e capaz se fez presente.

E então, no final da guerra, na região de "Strumica" começaram a formar-se esquadrões rebeldes, e muitos jovens juntaram-se para lutar contra o exército Alemão, que estava em retirada. Lubka e Vasil concordaram secretamente em se alistar juntos. Vasil tinha 22 anos. Vangeliya ficou muito triste com essa decisão que Vasil tomou. Com lágrimas a escorrer-lhe dos olhos, ela implorou: "Por favor, não vás. Serás morto aos 23 anos."

Mas o irmão disse-lhe que não acredita nela, e no mesmo dia, ele e Lubka foram para "Strumica" onde encontraram Tome. No dia seguinte, três deles aderiram ao movimento guerrilheiro comunista.

No dia 8 de Outubro de 1944, Vasil, que actualmente era comandante de um esquadrão de sabotadores, recebeu ordens para explodir uma ponte perto da vila "Furka," pois era esperado que unidades do exército Alemão recuassem de lá. Vasil completou com sucesso a tarefa e explodiu a ponte, mas não percebeu que, quando estava a tirar fósforos do bolso para acender a dinamite, deixara cair a carteira de identidade. Tropas Alemãs chegaram para investigar e encontraram a identificação. Prenderam um lenhador que estava a trabalhar perto da ponte e ele confessou que viu o homem da foto a espreitar.

Eles prenderam todos da aldeia e trancaram-nos dentro da igreja. Vasil foi preso com todos os demais. Os Alemães emitiram uma ordem para queimar todos vivos se não traíssem a pessoa que rebentara com a ponte. As pessoas sabiam que Vasil era o único, mas não disseram nada. Não vendo escapatória, Vasil aproximou-se e disse "Fui eu." Eles reconheceram-no pela identificação encontrada anteriormente. Ele foi expulso da igreja, e na frente de todos, torturado e executado como exemplo para os demais. O dia 8 de Outubro era o dia de aniversário de Vasil. Ele acabara de fazer 23, quando foi morto...

Em 1947, depois que o marido de Vangeliya construiu a nova casa, ele adoeceu gravemente. Desde que voltara da Grécia que não andara a sentir-se bem, mas logo depois que terminou a casa – aparentemente ele ficou exausto e isso também contribuiu para a sua doença. Ele também tinha fortes dores de estômago, e um amigo aconselhou-o a beber um pouco de Rakia (aguardente de uva tradicional Búlgara), que isso lhe aliviaria a dor. No começo ele bebia muito pouco, mas com o tempo ele ficou viciado no álcool e a sua vida mudou drasticamente. Ele fechava-se, ficava noites inteiras sozinho no seu quarto e só

bebia. Muito provavelmente ele tinha o seu próprio drama pessoal, mas não queria partilhá-lo com ninguém.

Tanto os médicos como Vangeliya estavam constantemente a dizer-lhe para parar com aquela vida destrutiva, porquanto ele ia matar-se se continuasse nela. Vangeliya andava pela casa como uma sombra—ela tinha tanto desgosto que chorava por horas a fio à noite. Mais tarde, ela partilhou com a irmã que sabia que não havia salvação para o marido. Ela guardou esse triste facto apenas para si própria e orava para que acontecesse um milagre. Ao mesmo tempo, centenas de pessoas vinham todas as semanas consultar Vangeliya para que ela pudesse ler sobre a sua sina. Ela escutava compassivamente as suas histórias trágicas, a dava-lhes conselhos, além de fornecer a alguns curas para os seus males. Ainda ninguém suspeitava sequer do tipo de problema que Vangeliya tinha aos seus ombros.

Mitko esteve a "tratar-se" com Rakia durante 12 anos, até que caiu numa cama. Eles levaram-no para o hospital por ele desenvolvido ter cirrose no fígado, e o corpo começou a encher-se de água. Vangeliya insistiu em ficar com Mitko por quase uma semana. Um dia, um dos médicos disse à irmã de Vangeliya que lhe queria dizer algo. Vangeliya disse-lhe que ela deveria guardar as suas palavras, pois ela sabia muito bem que o fim do marido estava a aproximar-se. Ela só queria ir para casa com ele. Ao longo desses seis meses de doença, Vangeliya esteve sempre ao redor do marido—como se quisesse passar para ele um pouco da sua força para que ele recuperasse. Ou talvez tenha sido uma despedida constante do seu ente querido com quem viveu por 20 anos.

Lyubka: "Quando Mitko já estava em agonia, Vangeliya esteve sempre ao lado dele, e ela vertia constantemente lágrimas dos seus olhos cegos. Ela sussurrava algo baixinho – não sei se ela estava a orar para que a vida dele fosse poupada, ou se ela estava a despedir-se. Mitko faleceu a 1 de Abril de 1962, aos 42 anos. Começamos a preparar o funeral e a sua cerimónia—Vangeliya dormia por longas horas. Ela dormiu até o momento do funeral. Mais tarde, ela contou-me que caminhou com Mitko até o local designado para onde a sua alma deveria ir. Na manhã seguinte, saí para contar a todos os visitantes que Vangeliya enterrara o marido no dia anterior e que não aceitava pessoas naquele dia. Ela ouviu-me e disse: "Não, não digas para eles irem, eu vou aceitar todos eles—eles precisam de mim."

A certa altura, Vangeliya era incapaz de lidar com os milhares de pessoas que a visitavam todos os meses. Foi quando ela procurou a ajuda do governo. A 3 de

Outubro de 1967 Vangeliya foi oficialmente contratada pelo governo. Contrataram pessoas para organizar as visitas, além de proporcionar segurança e conforto à Vangeliya. Um escritório de serviço especial foi estabelecido para marcar os compromissos para a profetisa. Todas essas actividades governamentais reconheceram não oficialmente Baba Vanga pelas suas capacidades fenomenais.

## O FENÓMENO

Krasimira Stoyanova

"Qualquer tentativa sincera de aceder ao futuro certamente interessará a muitos, mas as pessoas estão fartas de todo esse alarido científico. Assim, vamos explicar menos o que é o quê e contar mais..."

John Wyndham

Nós, sobrinhos de Vanga, filhos da irmã dela, íamos muitas vezes ver a tia, mesmo quando éramos muito pequenos. Não achávamos estranhas as suas esquisitices, nem o seu comportamento. Só que por vezes não conseguíamos entender por que a minha tia empalidecia de repente, por que ela adoecia de repente, e porque palavras incompreensíveis lhe saíam da boca, e a voz dela soava anormalmente alta e até ameaçadora, atingindo a nossa imaginação com uma enorme força interior. Se nesses momentos algum dos vizinhos estivesse por perto, ouvíamos: "Calma, calma, ela está profetizar." A tia Vanga é profetisa? No imaginário da criança, essa palavra costuma fundir-se com a vaga imagem de um antigo sábio, um velho de barba prateada com uma Bíblia nas mãos,

junto ao qual, com os olhos fixos no rosto do profeta, um jovem que mais tarde, após a morte do velho, se tornará ele próprio profeta. Assim nos víamos.

Lembro-me do dia em que completei 16 anos. Lembro-me precisamente porque logo depois de um modesto jantar na nossa casa em Petrich, Vanga de repente começou a falar comigo. E não era ela, mas escutei a voz de uma pessoa completamente diferente. As palavras que ouvi na época nada tinham que ver com uma conversa de mesa completamente normal, em que se fala um pouco de tudo, mas na verdade de nada. Foi quando o Vanga estava a transmitir, agora tenho a certeza.

"Estás sempre, a todo instante, à nossa vista."

Então ela contou-me tudo o que eu tinha feito o dia todo. Como sabia ela de todos aqueles pequenos acontecimentos que mesmo na minha memória, se não fosse por Vanga, não teriam durado até o dia seguinte? Eu fiquei pasmado. E então perguntei à minha tia por que ela dissera tudo aquilo? Vanga ficou surpreendida:

"Eu não te contei nada."

Mas quando lhe repeti o que acabara de ouvir da sua boca, ela disse baixinho:

"Não sou eu, são os outros que estão sempre perto de mim. A alguns eu chamo "pequenas forças" para mim própria, foram elas que te falaram sobre o teu dia através de mim; mas também existem "grandes forças." Quando elas começam a falar em mim, ou melhor, através de mim, eu perco muita energia, sinto-me mal, fico muito tempo deprimida. Querido, queres vê-los?" Fiquei tão chocado com tudo que ouvi que até berrei:

"Não!" Mas passado um tempo, quando me acalmei, perguntei a Vanga:

"Que coisas reais posso ver?" Ela respondeu:

"Nada de especial, apenas pontos brilhantes no ar, parecem vaga-lumes que voam sobre as dálias numa noite quente."

Depois, com o passar dos anos, tentei explicar esse fenómeno. Em vários momentos, quando Vanga estava de bom humor, eu fazia perguntas, às quais ela geralmente respondia. Felizmente, as anotações que fiz foram preservadas. Peguei nelas, processei-as e fiz uma espécie de questionário que dá uma ideia das capacidades de Vanga. Naturalmente, fiz perguntas de uma forma diferente, mas o significado delas é absolutamente preciso. Devo preveni-los de que

Vanga, como todas as pessoas que se concentram profundamente no interior das suas vidas, é lacónica. Portanto, quase sempre as perguntas são muito mais longas que as respostas.

Pergunta: Diga-me, tia, você vê os rostos específicos das pessoas com quem você se comunica, imagina alguma imagem geral, a situação?

Resposta: Sim, vejo-o com clareza.

Pergunta: Tem importância para você o momento em que uma ação ocorre—no presente, no passado ou no futuro?

A resposta: Essas ninharias não têm importância para mim. Tanto o passado como o futuro são traçados com a mesma clareza na minha mente.

Pergunta: O que você vê, tia, é-lhe dado como informação sobre uma pessoa ou como a própria pessoa?

A resposta: Com a mesma precisão que uma vida viva: tanto como informação sobre uma pessoa, quanto como essa própria pessoa em particular.

Pergunta: Cada pessoa tem o seu "código," uma cifra pessoal, com cujo conhecimento é possível desvendar a "linha da vida" de uma pessoa, o seu destino?

Não obtive resposta.

Pergunta: Como se manifesta exatamente o futuro de uma determinada pessoa—apenas os eventos principais são destacados, ou você vê a vida inteira como um todo, numa série de eventos? Numa palavra, como nos filmes, ou algo mais?

Resposta: Vejo a vida de uma pessoa, como se fosse filmada.

Pergunta: Você lê o pensamento?

Resposta: Leio.

Pergunta: E à distância?

Resposta: A distância não importa.

Pergunta: Será possível ler os pensamentos de pessoas de outras línguas que não falam Búlgaro? (A própria Vanga não conhece outros idiomas.)

Resposta: Não há barreiras linguísticas. Normalmente ouve-se uma voz, a língua é sempre o Búlgaro.

Pergunta: Você pode "sintonizar" as informações do seu interesse a partir de um determinado período de tempo pré-determinado?

Resposta: Posso.

Pergunta: Se você estiver a ouvir rádio, a informação que você recebe gera imagens visuais?

Resposta: Não, não gera.

Pergunta: A profundidade das intuições que tem depende da seriedade da questão colocada e da força da personalidade da pessoa que se dirige a si?

Resposta: Sim, é importante.

Pergunta: A profundidade dessas intuições depende do estado de saúde, não apenas seu, mas também do estado nervoso do questionador?

Resposta: Não depende.

Pergunta: Se acontecer você ver, com a visão interior que lhe foi dada do alto, um quase infortúnio ou mesmo a morte de uma pessoa que tiver vindo até si, você pode fazer alguma coisa para evitar o infortúnio?

Resposta: Não, nem eu nem ninguém podemos fazer nada.

Pergunta: E se os problemas, mesmo os catastróficos, ameaçarem não apenas uma pessoa, mas um grupo de pessoas, uma cidade inteira, um estado—será possível preparar algo com antecedência?

A resposta: É inútil.

Pergunta: O destino de uma pessoa depende da sua força interior, moral e das suas capacidades físicas? Será possível influenciar o destino?

Resposta: Não se pode. Cada um seguirá o seu próprio caminho, e apenas o seu próprio caminho.

Pergunta: Como é que você determina com que pesares um visitante vem até si?

Resposta: Ouço uma voz a falar sobre essa pessoa, a sua imagem aparece diante de mim e a causa do sofrimento torna-se clara.

Pergunta: Você sente que o seu dom de clarividência é programado de cima?

Resposta: Sim. Poderes superiores.

Pergunta: Que forças são essas que tanto a afetaram?

Não obtive resposta.

Pergunta: De que modo é geralmente percebido o “sinal” dessas forças transcendentes?

Resposta: A sua voz é com frequência ouvida.

Pergunta: Você vê aquele ou aqueles a quem você chama de “poderes superiores”?

Resposta: Com tanta clareza quanto um homem vê o seu reflexo nas águas plácidas.

Pergunta: Eles consistem em "pontos brilhantes que cintilam como vaga-lumes sobre as dálias"?

Eu diria que sim.

Pergunta: Essas forças podem materializar-se, adotar carne humana, por exemplo?

Resposta: Não, não podem.

Pergunta: Se você, tia, quiser entrar em contato com eles, terá sucesso? Ou deveriam ser eles os únicos a tomar a iniciativa?

Resposta: Na maioria das vezes, o contato ocorre a pedido deles. Mas também posso convocar essas forças em todos os lugares, perto de mim. Eles estão em toda parte.

Pergunta: Será possível especificar alguns detalhes menores a pedido de quem faz as perguntas? Você obterá uma resposta fazendo esse tipo de perguntas esclarecedoras?

Resposta: A resposta é sólida, mas muito vaga. E, em geral, é bastante difícil.

Pergunta: Que coisa será a essência de uma pessoa—uma simbiose de vários dos seus corpos, como se estivessem fundidos? Talvez devêssemos falar sobre a unidade de hipóstases tão diferentes como o envoltório físico, o espírito, a alma?

Resposta: Sim, pode sim. É justo.

Pergunta: Como é que vê a pessoa falecida sobre a qual está a ser questionada, como uma certa imagem, como um certo conceito de pessoa, ou de alguma outra forma?

Resposta: Surge-me uma imagem claramente visível do falecido aparece e a sua voz é ouvida.

Pergunta: Então, a pessoa falecida consegue responder a perguntas?

Resposta: Ela tanto faz perguntas como é capaz de responder às perguntas que lhe são dirigidas.

Pergunta: A personalidade é preservada após a morte física e o sepultamento?

Resposta: É.

Pergunta: Como você, tia, percebe o facto da morte de uma pessoa—apenas como a cessação da existência física do seu corpo?

Resposta: Sim, apenas como a morte física do corpo humano.

Pergunta: O "renascimento" de uma pessoa ocorre após a morte física e em que é que isso se expressa?

Vanga não respondeu.

Pergunta: Que tipo de laços é mais forte, de sangue ou espiritual?

Resposta: A conexão espiritual é mais forte.

Pergunta: Todas as pessoas do planeta constituem uma família, porque todas as pessoas pensam: constituem uma comunidade de inteligência num determinado estágio de evolução. Existe, paralelamente à mente humana, outra mais perfeita, mais elevada?

Resposta: Existe.

Pergunta: Diga-me, tia, qual é a origem dessa mente superior? Ele permeia apenas o espaço próximo à Terra ou todo o Cosmos? Chegou até nós como um legado de civilizações antigas e extintas ou foi enviado por um mensageiro do nosso futuro? De onde vem e onde se acha "localizada"?

A resposta: Esta mente começa e termina no Cosmos, é eterna e infinita e está sujeita a tudo.

Pergunta: Existiram civilizações grandiosas e altamente organizadas na Terra antes?

Resposta: Existiram.

Pergunta: Quantos vivam nelas quando o seu tempo terminou?

Não houve resposta.

Pergunta: Querida tia, você acha que a nossa civilização humana moderna pode ser percebida, digamos, como a idade de uma criança—a idade do todo e daquela, a mente, de cuja existência você está tão firmemente convencida?

Resposta: Sim, talvez essa seja a comparação certa.

Pergunta: Ainda existirá uma mente no universo que tenha atingido o mesmo estágio de desenvolvimento que a da nossa civilização?

Nenhuma resposta.

Pergunta: Diga-me, tia, algum dia virá a suceder um encontro com representantes de outras civilizações? Aquelas naves alienígenas chamadas de forma tão primitiva de "discos voadores" realmente visitam a Terra?

Resposta: Visitam, sim.

Pergunta: De onde vêm elas?

Resposta: Do planeta, que na língua dos seus habitantes se chama Vamfim. De qualquer modo, ouço essa palavra incomum: Vamfim. Este planeta é o terceiro a contar da Terra.

Pergunta: Será possível, a pedido dos terráqueos, entrar em contato com os habitantes desse misterioso planeta? Por meios técnicos, ou talvez por meios telepáticos?

Resposta: Os terráqueos são impotentes aqui. O contato é realizado, de acordo com o seu desejo, pelos nossos hóspedes.

Repito: abstenho-me deliberadamente de comentar. As minhas perguntas, claro, não foram de modo nenhum aleatórias, mas achavam-se relacionadas com acontecimentos específicos, só as fiz a Vanga quando, conforme me pareceu, ela estava mais predisposta a dar-me ouvidos com atenção. Eventos específicos serão discutidos mais à frente, por favor, seja paciente. Agora voltarei ao meu prefácio. Embora, talvez este não seja um prefácio, mas apenas uma espécie de texto explicativo. É possível que continue a dar algumas explicações ou esclarecimentos.

Vanga era uma pessoa profundamente religiosa, ela acreditava em Deus, na Sua existência. Mas quando questionada pelo jornalista K. K. (Ainda tenho uma gravação da conversa), que a entrevistou em 1983, quando questionada se ela tinha visto Jesus Cristo, Vanga respondeu:

"Sim, vi. Tal como está representado nos ícones. Cristo é uma enorme bola de fogo que é impossível de encarar, de tão brilhante que ele é apenas semelhante na aparência a um homem. Saiba que isto encerra uma mentira oculta.

Acredito que a qualidade mais surpreendente do seu dom sobrenatural é a facilidade com que Vanga é capaz de se mover no tempo e no espaço: do passado distante ao mais incerto, em algum lugar por aí, nas profundezas do tempo, um futuro levemente cintilante. Não o seu eu físico, é claro, mas o seu eu espiritual. (É exatamente aqui que faltam palavras. Ou eu ou a linguagem humana em geral, está tremendamente em falta).

Perto da aldeia de Prepechene, entre as cidades de Sandanski e Petrici, fica o Vale Rupite, amplamente conhecido na Bulgária pelas suas quentes fontes minerais. Do oeste parece estar bloqueado por uma pequena montanha, espessa como lã de ovelha, coberta de arbustos e pequenos bosques. A montanha é chamada de Casing. No seu sopé, antes corria um rio profundo, o Struma, agora o canal fica cheio de água apenas durante as enchentes e chuvas fortes. Com o calor, o rio seca completamente e o seu leito arenoso brilha ao sol com vidros limpos. Vanga tem lá uma pequena casa, onde passa os dias em paz e sossego entre a natureza imperturbável do homem. Também acolhe visitas.

Todos os anos, no dia 15 de Outubro, quando o Dia de Pedro é inscrito no calendário da igreja, Vanga reúne convidados. Vizinhos, amigos e conhecidos sentam-se para uma refeição modesta. A refeição é tranquila, sem libações e discursos solenes. Então, Vanga comemora o Dia de Pedro? De jeito nenhum. O motivo de um banquete modesto é diferente, ninguém consegue adivinhar. Vou ler as minhas anotações, datadas de 1985. Aqui está o que Vanga disse:

"Neste mesmo dia, há mil anos, ocorreu uma forte erupção de um vulcão. As correntes de lava inundaram uma vasta cidade rica, e milhares de pessoas morreram no fogo. E as pessoas que viviam aqui eram altas e imponentes, muito bonitas, vestiam roupas brancas que brilhavam com um brilho metálico. A cidade tinha teatros e bibliotecas, e os seus cidadãos valorizavam a iluminação mais do que outros bens, reverenciavam profundamente a sabedoria, sentiam-se em pé de igualdade até com os czares. Um rio azul corria pela cidade, as suas águas fluiam sobre um leito de areia dourada. Nesse rio, os recém-nascidos

eram batizados e as crianças cresciam saudáveis, e transformavam-se gradualmente em jovens, fortes de corpo e de espírito saudável...

O portão principal da cidade era decorado com grifos de asas douradas—os patronos da cidade. Perto havia três grandes igrejas: São Petka, São Theotokos e São Pantaleão. Os abismos da Terra ainda exalam, o seu hálito é aquecido pela água mineral. Ouçam, vocês certamente ouvirão os suspiros de pessoas mortas há muito tempo. E por isso atrevo-me a pedir-lhes, meus convidados: enquanto estivermos vivos, lembremo-nos com uma oração silenciosa de todos aqueles que morreram tão repentinamente, no matiz e na grandeza de uma vida terrena alegre. Deveriam eles ter morrido? E não haverá um profundo significado presciente escondido aqui?

"O Vale Rupite atrai muito Vanga," diz a sua irmã Lubka, "e não consigo entender o quê exatamente? Se houve problemas aqui há muito tempo, o que isso tem a ver connosco? Uma desgraça antiga não nos devia afetar. Embora afete: tanto eu quanto muitos outros nos sentimos aqui como se estivéssemos num estado de depressão. E Vanga escuta vozes que não são ouvidas longe desses lugares, excita as suas vozes que soavam há mil anos. lembra-nos também que a casa foi construída no local de um antigo santuário pré-antigo, o que significa que está num bom local.

Meu irmão Dimitar também estava preparado para falar quando se tratava da minha tia. Ele falava, e o seu rosto passa de um rosto simples, que não se destaca em nada entre os mesmos rostos dos nossos vizinhos, para um rosto imponente: Dimitar assume um "ar de professor." Mais um pouco e começará a "irradiar." No entanto, ele interpreta com bastante sensatez.

Não sou historiador nem arqueólogo, mas gosto de vasculhar livros antigos. Ele até criou as suas próprias versões sobre a origem de alguns monumentos históricos. Posso dizer sinceramente que ficarei feliz se as minhas modestas suposições forem confirmadas por escavações arqueológicas.

Eu li que realmente existiam santuários antigos no Vale Rupite. Não só os arqueólogos, mas também os residentes comuns encontram aqui muitos fragmentos de objetos religiosos. Parece-me que a cerâmica, o artesanato e a arquitetura atingiram um nível notavelmente elevado no vale. Não é necessário ter muita imaginação para adivinhar os degraus dos ricos templos Trácios entre os blocos de pedra, e se pouparmos o vestuário e subirmos de joelhos entre os escombros, poderemos encontrar uma moeda Romana que esverdeda por ação do tempo. E não apenas Romana. O vale estava cheio de vida. Peregrinos de

perto e de longe vinham aqui para orar em templos solenes e iluminados, bem como para curar úlceras corporais em fontes minerais de água quente.

Os idosos gostam de contar histórias, ouvidas na infância, sobre como acontecia o ritual de cura com água. Mesmo à noite, cada vítima cavava, tanto quanto podia, um buraco na areia. Pela manhã, água mineral quente acumulava-se nele. Ao nascer do sol, sempre ao nascer do sol, quando os primeiros raios iluminavam o topo ondulado do Monte Kozhukh, eles tiravam água com um recipiente escavado numa abóbora—uma cratera—e derramavam-na sobre si. Repetidamente eles recolhiam-na e serviam-se dela. Olhavam para o suave sol da manhã e oravam a Deus, pedindo saúde e força espiritual. Oramos mentalmente... Segundo o ritual, durante todo o tempo da "ablução ao nascer do sol," como era chamada, era necessário permanecer em completo silêncio. Acreditava-se também que quem realizasse o ritual com fé sincera e profunda, o tratamento seria benéfico. O efeito era alcançado rapidamente e doenças antigas eram curadas.

Há uma outra crença, o meu irmão continua a "irradiar" e tem um efeito muito forte no meu psiquismo, que me obrigando a embarcar num labirinto das mais estranhas suposições, a fazer palpites, cada qual mais incrível que o anterior. Assim, acredita-se que na praça da cidade tenha existido uma grande estátua de um cavaleiro. O cavaleiro não terá sido outro senão o próprio São Constantino. A estátua foi retirada do pedestal quando os janízaros* chegaram a esta terra abençoada. Pessoalmente, acredito que também poderia ter sido uma estátua do deus Trácio Heros, pois foi aqui que os arqueólogos encontraram placas com a sua imagem. Entendo que a questão é em grande parte puramente escolástica e um dia a ciência lhe dará uma resposta precisa.

A questão é outra. Vou falar sobre o que está relacionado com a minha tia Vanga. A estranheza reside no facto de as suas primeiras perceções estarem relacionadas com o cavaleiro. Eles "encontraram-se" no poço quando Vanga foi buscar água. O cavaleiro avisou-a sobre as provações iminentes, sobre quando esperar a guerra. Foi ele quem informou Vanga que ela iria tornar-se clarividente e predizer o destino dos vivos, escutar e compreender a voz dos mortos." Os seus primeiros "encontros" ocorreram há muito tempo, há 30 anos, quando Vanga se estabeleceu no vale. Ela não se vai mudar para nenhum outro lugar.

*(NT: A elite dos exércitos dos sultões Otomanos)

Nós, Búlgaros, geralmente não somos indiferentes às lendas que têm por protagonista o cavaleiro. Afinal, os cientistas ainda não sabem por quem nem quando foi esculpido na rocha o "retrato," cujo nome histórico é "Cavaleiro Madara." Os especialistas sugerem que naquela rocha está representado Khan Tervel ou outro guerreiro da época do primeiro estado Búlgaro. Mas eu questiono se esse não será o mesmo cavaleiro que certa vez ficou no meio da praça da bela cidade e então, centenas e centenas de anos depois, começou a aparecer à nossa Vanga, geralmente apenas na véspera de alguns eventos fatídicos.

Parece-me que não foi por acaso que a minha tia escolheu o Vale do Rupite: há, eu sei, muitos locais próximos que são muito mais pitorescos. Vanga diz que atrai aqui a energia cósmica em pleno. O fluxo de energia é "atraído" para o leito seco do rio Struma, porque ali, nas profundezas da terra, um grande segredo foi enterrado, cuja solução do mistério é a chave para a leitura da história antiga do povo Búlgaro. Que energia foi essa que atraiu ao vale os peregrinos dos tempos antigos, e que ainda nutre o dom profético de Vanga, não me comprometo a julgar. Mas quero subir bem alto e dirigir-me aos nossos académicos e doutores em ciências: Venham aqui, amigos, cavem areia, derrubem pedras, mergulhem também na essência da cifra inscrita pelo Todo-Poderoso no alto céu-misterioso e eternas letras estreladas, forcem a mente, voem nas asas da fantasia, alimentada por factos, e vocês abrirão—devem abrir!—um segredo antigo. Vá, vocês encontrarão fama, e não apenas entre outros cientistas, fama mundial.

Esse é o raciocínio do meu irmão Dimitar, e confesso que nem sempre é enfadonho aprofundar-se no significado das suas palavras cruzadas orais.

Muitas vezes perguntamos a Vanga: por que você vive aqui, quando há tantos lugares próximos que são muito mais férteis? Aproxime-se da água límpida da nascente, dos arbustos orvalhados onde o canto dos pardais e dos tordos é tão doce pela manhã. Por que, tia, você está apegada a este deserto sombrio? E o que ouvimos com mais frequência em resposta? Quase sempre igual, misterioso e incompreensível para o comum dos mortais:

"Tenho que ficar aqui por um certo tempo. Sinto-me bem aqui e quando me sinto bem a energia flui através de mim da terra e do espaço ao longo de uma ponte invisível, absorvo-a facilmente, respiro-a como um bálsamo vivificante. Na minha mente, vejo as chamas infernais que certa vez, em tempos imemoriais, queimaram esta terra. Todas as coisas foram consumidas e derretidas pelo fogo,

e todas as coisas que antes eram impuras foram purificadas da imundície. O segredo da purificação pelo fogo está escondido pelas montanhas; não estão longe, sinto a sua presença.

É só você, tia, que consegue sentir a ponte sobre a qual a energia flui, ou outros também poderão "pisar" nela?

"Eu e os pássaros. Tendes os ouvidos fechados para o ruído das asas de inúmeros bandos de pássaros que não ouvem as vozes tristes dos pássaros a voar no outono e os seus gritos alegres, os seus cantos de trombeta na primavera? Lugares como este terreno montanhoso atrai energia, e os pássaros conseguem capturá-la, são carregados com ela. Eles voam de um "lugar" para outro, sem se sentirem cansados. (Conversa no verão de 1988.)

Um pouco antes, observei que Vanga não fala muito. Mas ela tem um clima especial de paz, e então precisamos ouvi-la com atenção: quem tiver ouvidos, ouça. Vanga prossegue:

"Eu sou deixada aqui!" É para onde os confusos e desesperados devem vir, e é para lá que eles se esforçam, como pássaros ao encontro de um ponto de referência. Aquele que anseia pela libertação encontra um caminho. E só posso ler os escritos da sua alma, sem ouvir a linguagem, que é tão comunicativa, tão capaz de misturar e confundir tudo, que cem mentes não conhecerão a verdade. E outra coisa: não devo apenas ler ontem e hoje, mas também traçar a direção certa para amanhã. Mas estou tão cansada! (Verão de 1988.)

Afastamo-nos de Vanga, que ergueu o rosto para o céu e se fechou sobre si própria, sem um músculo se contrair, sem que um só fio de cabelo se mexesse. Na concentração, é como se estivéssemos petrificados, e a admiração enche-nos os estúpidos corações humanos. Onde está ela agora? E se a alma dela tivesse voado por um tempo para falar com o próprio Deus? Ou talvez a sua alma, como uma menina nos riachos ensolarados de um rio quente, esteja banhada em poderosos fluxos de energia que desconhecidos, desconhecidos, fluem do espaço para a terra, e da terra, como vapor, sobem para o céu? Quem sabe... Ela também conhece os pássaros.

Bom, nós, sobrinhos, não conseguimos entender nada, a não ser a opinião da nossa mãe:

Estamos juntas há tantos anos! Desde o dia do meu nascimento, posso dizer que não me afastei dela, mas estou na completa ignorância—onde a minha irmã conseguiu tais habilidades? Que habilidades são essas? Não sei. As pessoas

chamam a nossa Vanga de clarividente, cartomante, curandeira, oráculo. Para mim, ela é uma adivinha misteriosa, que vê o passado, o futuro e, claro, o presente com igual clareza. Há muito que recuso explicações, sem as contemplar, sabendo que não encontro nada se não tentar espreitar o laboratório da sua alma, embora não seja necessário olhar apenas. Vanga está toda aberta, mas não tenho olhos para olhar para ela. Não, não os que temos na testa, mas outros bem diferentes. É assim que isso me faz pensar.

Pois bem, a minha mãe é uma aldeã, ocupada com as tarefas domésticas do dia a dia; ela não tem tempo nem necessidade de tentar penetrar no mundo interior da irmã. Bem, ela foi a única a olhar pela porta aberta, sem ver nada? Quantos estudiosos vieram a Vanga para, como dizem, deitar as mãos à cabeça, ficar de olhos arregalados e ir para casa sem entender nada! "Deixe-me, que aqui está um milagre, um milagre sem dúvida," disse o cientista soviético Mikhailov. —Não acredito que ela pudesse ter escutado a voz da minha mãe, que morreu há 10 anos. Porém, só a minha mãe sabia o que Vanga me contara. Assim, acontecem milagres?"

O médico soviético Z.M. pediu modestamente a Vanga que falasse sobre os curandeiros da antiguidade e sobre seus métodos de tratamento. Z.M. é uma especialista séria e culta, e quando a adivinha começou a dizer-lhe os nomes dos médicos (e apenas especialistas como Z.M. os conhecem), os métodos do seu trabalho, o médico ficou indescritivelmente surpreendido: "Você é capaz de pensar que Paracelso é seu amigo pessoal."

Vanga contou detalhadamente ao famoso historiador Búlgaro, como se estivesse a ler um livro fascinante, sobre os principais acontecimentos do século XII, sobre as guerras que assolavam as terras Búlgaras naquela época, sobre os heróis das grandes vitórias e aqueles que deixaram o campo de batalha de forma inglória. O historiador, grande conhecedor da época, não duvidou de nenhum dos factos apresentados. Além disso, ele escutou e aprendeu muito sobre aquela época pela primeira vez. Isso, em relação às autoridades das escolas antigas, tanto para o conhecimento preservado pelas obras dos antigos—diferente de tudo quanto, ao contrário, as escrituras cobertas da poeira dos séculos nos trouxeram apenas um pouco.

Aqui está outro exemplo interessante de como Vanga imagina Deus, e eu diria, o absoluto: na sua profunda convicção, Deus lembra-lhe um certo olho que não dorme.

“Ninguém está oculto em casa, ninguém está oculto à sombra de uma árvore, nenhuma boa ou má ação passa despercebida. E não pense que sejamos livres para fazer o que quisermos, nas suas ações ninguém é livre, e tudo mais é predeterminado. Só podemos experimentar sentimentos: alegria por uma boa ação, amargura e remorso por uma má." Isso é o que Vanga pensa.

Ela é indiferente à nossa vaidade terrena, tudo o que é terreno lhe parece mesquinho, desinteressante. As pessoas sabem que ela é uma pessoa completamente altruísta, mas as pessoas são como são. Provavelmente não existe nenhum país do qual ela não recebesse um presente, só que ela não precisa de presentes de jeito nenhum. Tal como acontece na vida que um garotinho na distante Coreia que cresce como uma folha de relva na estrada, sem receber presentes dos seus pobres pais nem no dia do seu aniversário, e de um xeque Árabe, dono de depósitos de petróleo, rico como Creso, que aceita qualquer oferta com uma expressão entediada no rosto.

Não há justiça no mundo e Vanga sabe disso. Será por isso que ela é indiferente à fama e aos presentes?

Sim, eu sei, para ela, o mendigo Coreano e o xeque milionário Árabe são iguais (como se ela tivesse se elevado acima de todas as coisas humanas, trémula e solta, de vida curta e apenas aparentemente prolongada no tempo). Além disso, não é a indiferença da insensibilidade, mas uma certa hipersensibilidade.

Para desenvolver a metáfora, direi o seguinte: Vanga vê que o pobre menino é forte de espírito e de corpo, sobe às alturas da alegria humana e da glória terrena, e o rico dará todo o seu ouro para ser curado de uma doença maligna, e não conseguirá nada. A balança está a oscilar, e somente a fé na justiça final de qualquer decisão do destino constitui um apoio seguro para uma pessoa na sua fugaz vida terrena...

Quero agora transferir para o papel as minhas memórias brilhantes e infantis do arco-íris. Assim, depois da chuva que humedeceu a poeira avermelhada de Julho no vale de Rulite, um arco-íris surgiu no céu. Estava muito perto, brilhava com cores puras incrivelmente lindas e, o mais incrível de tudo, parecia-me uma ponte maravilhosa a atravessar o nosso pequeno rio. Ela apelou ao desconhecido e cheio de maravilhas do país que se estende do outro lado do rio, além da montanha Kozhukh: é mais provável que não seja muito longe na estrada. Sob o poder dos sonhos de infância, eu estava sentada calmamente na varanda da casa de Vanga e de repente ouvi a voz dela:

"Pega numa cadeira, querida, e dá-me a tua mão, vamos sair para o relvado, quero passear sob o arco-íris." É tão baixo que teremos que nos abaixar. Podemo-nos curvar diante de um arco-íris, não é, querida?

Ela viu o arco-íris através dos olhos da sua alma com a mesma clareza com que via tudo o que contava às pessoas.

Eu perguntei a Vanga:

"Diga-me, tia, o que significa um arco-íris—um símbolo de beleza, um buquê de flores brilhantes que só podem florescer no céu?"

"O arco-íris é apenas um lembrete," disse ela. —Lembrete da enchente. Leste que um castigo foi enviado às pessoas pelos seus pecados: choveu durante quarenta dias. A água inundou a terra, afogou criaturas vivas, e afogou, é claro, e pessoas. Noé permaneceu vivo e com ele na arca de 'todas as criaturas aos pares.' Noé na sua arca, embora não tenha perdido completamente a fé na salvação, desesperou na luta contra as ondas, e então um arco-íris surgiu no céu. As montanhas cobertas de neve brilhavam sob o arco-íris, e uma pomba voou de lá com um galho de oliveira no bico. Esse foi o sinal; foste salvo por teres acreditado."

"Tia, mas é uma lenda bíblica, nada mais. E o que você acha do arco-íris?"

"Ah, querida, não posso te contar mais nada. Uma lenda, dizes tu? E de onde vêm as lendas? A Arca de Noé fica bem ao lado da minha cabana. Se eu andar dez passos, colocarei a minha mão no seu lado quente e volumoso. A madeira aquecida pelo sol é tão agradável ao toque!"

Ela fez uma pausa e voltou a pensar em algo tão profundamente escondido que eu nunca mais veria. O arco-íris chamou-me, mas eu não corri, e provavelmente não ligarei de novo.

Eu me lembro de um caso assim. Certa manhã, houve uma batida tímida à porta da cabana. Olhei pela janela e vi uma mulher modestamente vestida e aqueles que tinham vindo com a convidada: um homem muito cansado, com um rosto meio caído, um monge e uma velha curvada com ele. Vanga foi ao seu encontro. Era muito cedo, os raios do sol mal iluminavam o rosto muito calmo e cego, até um pouco como uma máscara, da Vanga. Com uma voz monótona, não alta, mas muito confiante, ela disse, dirigindo-se especificamente ao monge.

"Você não precisava ir tão longe."

A minha mãe está doente e só tenho esperança em si.

"Doente? Você é um monge, a sua mãe é a igreja. Você deve viver e trabalhar apenas para a igreja. Você fez um voto à santa mãe Igreja e morreu para o mundo."

O monge, que era bem jovem, ficou envergonhado e corou. Após um momento de silêncio, ele continuou numa voz muito baixa e grave:

"Trouxe comigo uma parente. Ela ainda é jovem, mas quer ir para um mosteiro e ser freira, não sei o que lhe aconselhar.

"Deixe-ma ver," disse Vanga, "a sua parente não é tão jovem assim, ela tem família.

"Sim", disse o monge, "ela tem família, marido e duas filhas. O problema é que o marido está completamente em desacordo."

"Bem, a mãe abandonará os filhos à sua sorte, e vai esconder-se atrás dos portões da igreja. Mas eu estou para aqui a inventar. Ela não se pode esconder em lugar nenhum, os seus olhos de choro pelos filhos serão vistos por toda parte, as lágrimas dos filhos queimarão a mãe apóstata. Vá embora, você não deveria ter ido tão longe."

Acho que mencionei nas minhas notas desconexas que Vanga podia "ler" uma vida humana inteira, do nascimento à morte. E da mesma forma, ela percebe os fios que compõem a trama de cada ato humano. Para esclarecer o meu ponto, contarei uma pequena mas conhecida história de ladrões. Foi assim que aconteceu. Numa das igrejas antigas, um tanto degradadas desde a época, trabalhavam restauradores, jovens cultos e instruídos. Quem poderia imaginar que eles estavam a planear uma ação maligna: roubar ícones? E fizeram-no com tanta habilidade que ninguém teria pensado neles, e procuraram ladrões por toda a região, e os nossos restauradores continuaram a renovar os afrescos das paredes e a aparar o bigode.

Tínhamos a certeza de que tudo tinha sido encoberto. Somente quando todas as buscas terminaram em fracasso total, se decidiu pedir ajuda a Vanga. Ela imediatamente disse quem eram os ladrões, listou detalhadamente tudo o que roubaram, sorriu ao pensar na ingenuidade humana, e desvendou toda a cadeia lógica do crime e do "emaranhado de vestígios." As "pessoas cultas" ficaram chocadas, pois eles confessaram tudo e arrependeram-se amargamente do que

fizeram. Desde que me lembro, o tribunal levou em conta o seu choroso pedido de misericórdia.

E eis uma outra história de uma propriedade semelhante. O nosso velho amigo, um idoso que já tinha netos na escola, decidiu que era hora de pensar na velhice que se aproximava. Ele não tinha dinheiro, mas tinha uma variedade de dez moedas de ouro de cunhagem antiga. Esses colares, muitas vezes feitos de moedas simples e baratas, ainda são comuns nas aldeias Búlgaras. Assim ele decidiu que, se ficasse doente, poderia, quando o ouro fosse útil, contratar alguém para cuidar dele e acomodá-lo para a sua última viagem. E, fora de perigo, escondeu a coleção num embrulho e costurou o embrulho no travesseiro. Esconder dinheiro era um negócio complicado, o velho não dava conta da tarefa e os netos espiavam-no. Alguns dias depois, o nosso vizinho encontrou um travesseiro rasgado no seu quarto e as moedas de ouro desaparecidas.

Quem o roubou?

Foi um vizinho, decidiu o velho, e imediatamente foi ao tribunal. O juiz, felizmente, não dispunha de tempo naquele dia, e o velho foi para casa e em caminho procurou Vanga.

“Fiz bem em processar o ladrão?” decidiu. "Quem é?" perguntou ele.

“Como é que sabe quem é o ladrão?" respondeu Vanga. —Vá para casa, que debaixo do galpão perto do celeiro você tem um saco de aveia para o burro, vasculhe lá bem—você encontrará o que perdeu. Nunca mais ofenda as pessoas com suspeita de novo.

No dia seguinte, antes de o sol nascer e a relva brilhar com o orvalho que caíra fortemente durante a noite, o velho bateu à nossa porta.

“Vanga, abra, não tenho forças para esperar!”

Vanga abriu e o velho caiu a seus pés.

"Obrigado, nunca esquecerei, você me salvou do pecado e da vergonha. Afinal, o meu vizinho e eu fomos amigos a vida toda, desde pequenos. Os meus netos pirralhos fizeram algo que só aprendem na escola.”

Durante muitos anos, vivemos todos como uma grande família, numa casinha miserável, na escuridão e apinhados de forma incomum. Certa vez, perguntei a Vanga se algum dia viria um dia incrível em que nos mudássemos para uma

casa nova, espaçosa e iluminada. Vanga, como se esperasse a minha pergunta, respondeu sem hesitar:

"Vejo a nossa velha casa arruinada, parte do telhado, pedaços de paredes, molduras sem vidro milagrosamente presas em alguns pilares, por os alicerces têm sido destruídos. Então haverá uma nova casa."

Eu não entendi.

Com o passar dos dias, todas as manhãs corria para o trabalho, voltava tarde, cansada, muitas vezes de mau humor pelo facto de realmente não ter onde descansar. Mas um dia, ao voltar do trabalho, vi uma nuvem de pó de cal no local da nossa casa. A casa desabara! Aconteceu o seguinte. Ao nosso lado, trabalhadores construíam um novo prédio. Quando estavam a cavar um buraco para a fundação, a nossa "antiga morada" mudou-se para aquele buraco—como um menino a deslizar num trenó colina abaixo! Diante dos meus olhos atónitos, os restos do telhado, das paredes e dos caixilhos das janelas sem vidros pairavam literalmente no ar. Felizmente, nenhum dos nossos ficou ferido.

"Se eu contar às pessoas o que sei, elas não vão querer viver," disse Vanga certa vez.

A família é sagrada para ela. Se ela estiver insatisfeita com alguma das outras esposas, ela faz de tudo para explicar a todos a briga fatal, garante que quaisquer causas e os seus efeitos são descartáveis e devem ser eliminados para o bem da família como um todo. Porque não existe vida fora da família, mas apenas uma existência que não se inspira em objetivos superiores, vazia, sem valor, incapaz de preencher o sentido do trabalho quotidiano, da vida quotidiana. Por mais que você tire água da cheshma (nascente) com uma caneca furada, você não vai ficar bêbado, não vai matar a sede...

Vanga imediatamente vê o verdadeiro culpado do drama familiar e enuncia de forma decisiva, a sua palavra muitas vezes muito pesada para as presentes, sem nenhum medo de que ela se possa sentir ofendida. Não "expõe," como é habitual num tribunal secular, mas apenas dá um veredicto desagradável. É-lhe concedido esse direito e, em caso afirmativo, por quem? Não sei, só sei que ela não tem inimigos e não há quem se ofenda com Vanga. Pelo menos, não conheci nenhum nem ouvi falar deles.

Outra história da categoria de histórias policiais, mas divertida. Na sua nova casa, aqui em Rupit, o vestido dela foi roubado. Era um lindo vestido de veludo que lhe assentava muito bem. Vanga, ao descobrir a perda, não ficou chateada.

“Deixa pra lá, a coitada que o pegou vai ficar feliz com o vestido, e depois vai sofrer de vergonha. Não vai saber como devolvê-lo. Não é preciso procurar no guarda-vestidos, o vestido vai ser decolcido em breve.

Uma semana depois, o vestido estava pendurado em cabides no armário. Vanga apenas sorriu misteriosamente.

E logo, aqui está o azar! outro roubo. Os ladrões viraram tudo de cabeça para baixo, procurando tesouros, claro, já que Vanga é uma "feiticeira," de modo que ela deve ter tesouros. Mas, claro, não encontraram nada, provavelmente levaram alguns trocados de para seu aborrecimento. Lembro-me muito bem de que chamamos a polícia. Os policias, que não demoraram a quebrar a cabeça com as possíveis variantes desse caso enfadonho, perguntaram diretamente a Vanga.

Você própria suspeita de quem?

Por que eu deveria suspeitar, ela respondeu—os jovens eram hooligans. Nada, eles próprios vão trazer e colocar no lugar.

Dois dias depois, chegou toda uma “delegação”; ladrões menores de idade e os pais. Os mais velhos choraram, os mais novos estavam cabisbaixos. Como se costuma dizer, eles ardiam de vergonha. Vanga sentou-se na varanda, fez uma pausa e leu um pequeno sermão para os idiotas que tinham andado a fazer disparates.

“Nenhum roubo jamais ficou nem jamais permanecerá em segredo. Nós roubamos mas a nossa consciência é testemunha do roubo. Pessoas de coração sensível verão que a sua consciência fica inquieta, suspeitarão que algo está errado e a sua má ação será gradualmente revelada. Podemos fugir ao desprezo das pessoas, mas não podemos esconder-nos de nós próprios. Vão em frente, não deixem que nada assim lhes aconteça novamente. Nunca.”

Eles deram ouvidos à nossa Vanga? Você sentiu a verdade das palavras dela? Desculpe, mas não sei.

Ah, Vanga, se tu pudesses ver! Como o vale da manhã, Rupite, como nuvens de musselina leves, quase etéreas, para o céu perolado da manhã, como o peito vermelho suavemente a abanar dos pardais a dar as boas-vindas ao novo dia desenha o azul da sua luz veloz... A manhã é um banquete para os olhos que não esqueceram como olhar.

Mas Vanga conhece outra coisa: a contemplação, e não sei que cores brilham diante dos seus olhos interiores quando ela mergulha na sua alma atormentada. De repente, os seus olhos cegos abrem-se como janelas para o sol, e ela olha, sim, olha e vê o desconhecido, o além, o misterioso. Alguns minutos se passam, a luz apaga-se, e o rosto de Vanga, que acaba de ser invulgarmente inspirado, parece desbotar, torna-se de novo como uma máscara artística.

Aconteceu estarmos sentadas juntas na varanda, a conversar sobre todo tipo de coisas, o pensamento salta, sem parar, de objeto em objeto, e de repente Vanga adormece. Aconteceu uma vez que lhe lia um livro, uma obra de ficção, com personagens, um enredo fascinante. Vanga ouviu um pouco, fiquei empolgada e li com expressão, mudando a entonação, destacando o tom da fala do autor, as réplicas dos personagens. E então percebi que a minha eloquência estava a ser desperdiçada: Vanga estava a dormir. Estupefacto, calei-me, mas Vanga, sem abrir os olhos, disse:

"Lê. Não estou a dormir. Queria ver como as pessoas realmente viviam na época descrita nesse romance histórico"

"Bem, como era?" perguntei eu, não pensando numa pergunta que valesse mais a pena.

“Vou te deixar triste: no livro o personagem principal não é verídico. Desculpa-me, o livro está bem escrito, não só para ti, muita gente gosta, mas não é verdade. Fui transportada por algum tempo para os anos em que os eventos descritos aconteceram.

"Sinto muito, mas nada disso é verdade." Assim dito, repetido várias vezes, joguei o livro no armário, pensando que nunca, jamais me tornaria escritora. Os meus leitores, acho, já perceberam que então escolhi o caminho certo.

Nós, meros mortais, mesmo os mais inteligentes e clarividentes de nós, imaginamos o mundo que nos rodeia num plano, Vanga num plano completamente diferente. O nosso mundo e o dela giram em órbitas diferentes, por isso, pelo jeito, não me comprometo a raciocinar, interpretar, comentar, mas apenas tomo a liberdade de documentar o que aprendi até onde me recordo.

Uma noite tranquila e quente, o cheiro de tabaco doce irradia inebriante até a próxima chuva, as dálias amarelas queimam, uma joaninha rasteja sobre uma folha de gerânio. Vanga vai até a beira do canteiro, curva-se sobre as flores. Os lábios dela abrem-se e ela diz alguma coisa, como se estivesse a falar baixinho com um amigo próximo.

"Do que está você a falar, tia? E com quem?”

“Tu não vês que é com as flores. O gerânio acabou de me dizer: ‘Sou a melhor cura para um colapso nervoso.’ É engraçado, eu sabia disso há muito tempo.”

Deixem que pergunte aos mais inteligentes dos meus concidadãos, aos sábios do nosso querido planeta Terra, deixem que lhes peça que expliquem o mecanismo de receção e reprodução da informação, que é tão habilmente executado no trabalho de Vanga. Sei que ninguém me vai responder, não vou ouvir nada inteligível. E então pergunto a Vanga:

“Tia, como é que você vê?”

"Sabes, querida, tudo acontece por si só, e é bem simples. Um homem vem até mim, e com ele a sua vida irrompe na minha vida, com todas as alegrias e paixões, fracassos e dores. Uma janela se abre no meu cérebro, através do qual observo a vida do meu hóspede. Não importa se ele está a falar ou se ele está calado. É melhor mesmo que ele fique calado, porque as fotos da vida dele que vejo vêm acompanhadas de uma história detalhada, ouço palavras que claramente não são ouvidas por vocês ou por nenhuma outra pessoa.

É preciso muito tempo para se falar sobre a vida.

"Claro. Mas os eventos principais não carecem de tanto assim.”

“Tia, estou a anotar algo, procure exemplos interessantes para mim.”

“De que adianta procurá-los, se os estou a esconder?” Sabes tudo sobre isso. Bem, se quiseres, escreve por exemplo a história da Canção Chinesa. Havia uma artista Chinesa, o nome dela era Sun. Ela estudou em Sófia, onde se casou com um Búlgaro. Em 1971, certa vez ela procurou-me em busca de luz. Eu disse-lhe então:

“Você vai voltar para o seu povo, você vai-se tornar uma pessoa famosa e respeitável. Vejo o seu país, os seus lugares de origem, campos inundados de água, brotos verdes de arroz, casas baixas, as pessoas trabalham duro, mas são pobres, não têm nem sapatos, têm umas sandálias de madeira com cordões nos pés e o país é lindo com a beleza do trabalho humano incansável. Você entende-me?”

E eu também disse à chinesa:

“Pobre menina, o seu filho está doente, tem paralisia, só uma pessoa pode ajudá-lo: você. A criança vai recuperar."

Então Sun foi para a China, começou a estudar acupuntura e, tendo alcançado um sucesso incrível, colocou muitas pessoas de pé e curou o filho. Ela visitou-nos novamente na Bulgária, mas agora vejo-a na sua terra natal. Agora ela é muito famosa na China, ela está feliz.”

Entre as muitas celebridades do mundo, por assim dizer, de classe, têm visitado Vanga, e artistas. Uma vez encontrei Svyatoslav Roerich aqui. Ele estava de passagem pela Bulgária vindo da Índia, acho eu, a caminho de Amsterdão. Ele sentou-se em silêncio em frente a Vanga, e a sua tia falou numa voz suave e calma, a sua voz habitual, sem entonação e até como se não tivesse emoção. Ela viu o escritório de Roerich, viu um grande vaso de cerâmica com terra bem cultivada e nele uma flor—um lírio de alabastro branco como um símbolo da beleza pura do céu. Vanga disse:

"Esta é a maior decoração espiritual da sua casa. O lindo lírio brilha para mim como a prata das eternas neves celestiais do Tibete e do Himalaia. A partir daí, do Tibete, começou a história da humanidade, aí é preciso buscar as suas raízes, a explicação de muitas coisas surpreendentes e estranhas, mistérios da vida terrena do homem e do povo.”

“O seu pai” continuou Vanga voltando-se para Roerich, “não era apenas um artista, mas também um profeta inspirado. Todas as suas pinturas são epifanias, previsões. Elas são criptografadas, mas um coração atento e sensível revelará o código ao espectador, e o significado das telas ficará claro. Você deve continuar o trabalho do seu pai com toda diligência. Está destinado a fazê-lo."

Não me lembro se Roerich disse alguma coisa ou não, só me lembro que ele nos deixou profundamente pensativo: as sombras das nuvens pareciam vagar-lhe pelo rosto.

Vanga é facilmente transferida para um ambiente completamente diferente, “visita” países sobre os quais nunca ouviu nada antes, e não fala em geral, mas especificamente, como, por exemplo, sobre o lírio de puro alabastro, o favorito de Svyatoslav Roerich, sobre o qual ele nunca falou a ninguém. Ora, o lírio de Roerich! Aqui vem até nós...

Mas tudo em ordem. Uma vizinha vem até nós. Sobre algum assunto trivial, principalmente, claro está, para conversar com a minha tia. Começa a gabar-se de como ela é uma anfitriã diligente e amante do lar, de como tudo em casa é limpo e decorado. De jeito nenhum, dizem os vizinhos, eles são desleixados, sujos e incompetentes, não gostam dos maridos nem dos filhos... Numa palavra,

uma canção famosa. Vanga, aparentemente, estava bastante cansada dela e começou a contar à vizinha: A cortina da janela estava rasgada, as meias sujas do marido estavam no meio do quarto numa caixa de ferramentas, a roupa de cama estava lavada, não é melhor do que a de um prisioneiro.

"Você não é amante e não tem imaginação, não gosto de gente dessa."

A vizinha, envergonhada, saiu rapidamente. Ouve-se dizer que agora reina ordem na casa dela.

Estando no presente a conversar com uma visita, Vanga não se ensaia nada e de repente olha para o passado por um segundo. Assim, ela disse a um dos nossos convidados, de repente, do nada, que ele tinha um homem na família chamado "Turk." O nosso convidado não sabia disso e riu incrédulo—não será uma fantasia? Mas ele logo nos visitou de novo e nos contou que durante a guerra o seu tio encontrara a esposa na casa de um dos vizinhos e a esfaqueara até à morte com ciúme. A partir de então, ele foi chamado de "o Turco."

Em 1944, um camponês da aldeia de Kromidovo, no distrito de Sandan, soube que o filho tinha sido morto pelos Alemães perto de Novy Selo, na Macedónia. Logo que possível, o camponês foi até lá na esperança de desenterrar o cadáver e enterrá-lo novamente em casa. Sete sepulturas foram abertas e o camponês não identificou o filho. O infeliz voltou-se para Vanga. Ela disse que o túmulo que procuravam ficava na margem do rio, perto de um grande arbusto. Quando foi desenterrado, documentos e uma foto caíram do bolso da jaqueta do morto—mostravam o filho de um camponês da aldeia de Kromidovo.

O jovem D. G. na barbearia contraiu uma forte infeção: apareceu-lhe um eczema terrível no rosto, surgiram-lhe furúnculos, ele sofreu muito. As drogas não ajudavam. O infeliz veio à Vanga. Ela não deu ouvidos à história da barbearia suja, mas imediatamente mandou apanhar um pouco de lama do rio e misturar na mesma proporção com sal comum, e colocar uma compressa dessa mistura no rosto à noite. O paciente obedeceu e um dia depois as feridas começaram a secar e logo tudo passou sem deixar vestígios. Outro paciente, os médicos não conseguiram fazer-lhe um diagnóstico. Vanga disse que tinha aderências visíveis no diafragma e aconselhou-o a fazer tratamento "nas águas," na Alemanha, acrescentando que voltaria saudável. E assim aconteceu.

A um oficial que ia para a frente, ela avisou: não se precipite no ataque a cavalo. Este último, no calor da primeira batalha, esqueceu o seu conselho, o seu cavalo

foi morto por um estilhaço e o próprio oficial, gravemente ferido, sobreviveu milagrosamente.

Em 1979, o famoso artista soviético Vyacheslav Tikhonov veio até ela. Vanga disse à irmã:

“Deixe-o esperar um pouco lá fora, preciso receber um sinal de que já posso recebê-lo.”

Foi nesse momento que Tikhonov cruzou a soleira. Vanga ficou furiosa e perguntou em tom insatisfeito:

"Por que você não realizou o desejo do seu melhor amigo Yuri Gagarin?"

Tikhonov ficou em silêncio, perplexo, e Vanga continuou:

“Quando Gagarin fez o seu último vôo de teste, ele veio se despedir e disse, a sorrir alegremente: “Eu queria dar-te um presente, mas não dá tempo para fazer compras, compra tu mesmo um despertador, coloque-o sobre a mesa—isso será uma lembrança minha."

O artista, ao ouvir o que foi dito, quase perdeu a consciência, estava embriagado de valeriana. Quando voltou a si, confirmou que tudo era verdade: esqueceu de comprar um despertador por causa da turbulência após a morte de Gagarin. Vanga então acrescentou:

“Gagarin não morreu, ele foi levado!” Como, por que, onde exatamente não diz.

Ao escritor Julian Semyonov, Vanga disse:

“É preciso trabalhar muito e complementar o filme com mais alguns episódios (estávamos a falar do aclamado filme ‘Dezassete Momentos de Primavera’ (um filme sobre um oficial da inteligência Soviética durante a Segunda Guerra Mundial). Mas não tenha pressa, você ainda está ‘descalço’ para a próxima série. Primeiro, vá a Espanha, onde você encontrará um certo Vladimir, que lhe contará muitas coisas interessantes. E o seu plano para acabar com o livro com a morte da heroína é implausível. Em tal vida, deveria ser diferente: deixe que a heroína viva, e o livro soará verdadeiro.”

Vanga descreveu detalhadamente toda a situação da sua casa a um engenheiro conhecido, depois parou no estado civil desse engenheiro, e pouco depois percebeu com um sorriso:

“Você tem muito lixo no seu sótão, alguns dele guardado em baús, e a máquina de escrever do seu falecido avô também está guardada lá. O surpreendido

engenheiro realmente lembrou que o seu avô tinha uma máquina de escrever antiga, mas o engenheiro não sabia para onde a máquina de escrever fora removida após a morte do seu avô. Acontece que Vanga sabia. A esse engenheiro ela também sugeriu um erro significativo nos cálculos, pelo que o resultado final ficou incorreto. O engenheiro corrigiu o erro e ficou muito satisfeito com o conselho.

Há muitos anos, um famoso pintor veio visitar Vanga. Eles conversaram durante muito tempo. Ao se despedir, o artista entregou a Vanga a sua tela 'Cristo com os seus discípulos no meio de um grande campo.' A pintura ainda é a única decoração da casa de Vanga. Ela então disse ao artista:

"Você trabalhou muito, mas é pobre e não tem nada. Procure manter o espírito elevado, a vitalidade, a fé na sua vocação. Grandes dificuldades o aguardam. Você vai sofrer uma derrota muito grande na sua vida, e então você irá para a estrada sozinho."

Passado um tempo, Vanga recebeu convidados indesejados, conforme se veio a ver, os pais de uma jovem que se casou com esse artista contra a vontade do pai e da mãe. Vanga, uma juíza severa e implacável, pronunciou a sua sentença:

"Sim, a sua filha casou com um artista que você detesta sem saber porquê. Ele pode ser pobre, mas é honesto. Você não vai trazer a sua filha de volta, porque ela e o marido dela estavam unidos pelo amor."

E ainda assim os pais, com todas as suas forças, destruíram a família. E depois? Duas crianças ficaram órfãs. O pai delas, quebrantado e solitário, deixou a casa e a terra natal. Mas os pais dessa mulher não comemoraram por muito tempo a sua "vitória" sobre o odiado artista. A filha deles logo se envolveu num acidente de carro e morreu. Assim, infelizmente, a previsão de Vanga tornou-se realidade. Existem muitas histórias dessas. A força delas está no facto de serem absolutamente verídicas.

Assim, uma mulher, residente em Montreal, viajou ao redor do mundo na esperança de encontrar um curador sábio que a ajudasse a superar uma crise mental aguda. Criminosos mataram-lhe o marido e sequestraram o seu único filho. O assassino foi apanhado, mas a criança desapareceu. Porém, algum tempo depois, a polícia informou à mãe desolada que o seu filho foi encontrado no fundo do lago. E então, em desespero, essa mulher deu a volta ao mundo em busca de um curandeiro e viu-se na soleira da casinha de Vanga. Isso foi no verão de 1987.

"Na verdade, você sofreu muito," disse-lhe Vanga, "mas diga-me sem reservas—você não deu à luz a criança, deu?"

"Não," disse a mulher, "o meu marido e eu adotamos o menino no orfanato.

Então ouça—continuou Vanga—o menino está vivo, foi levado para a Austrália, agora mora numa cidade grande e vai à escola.

Os seus novos "pais" fazem de tudo para que o menino a esqueça, a sua casa, e a sua pátria. Em breve você receberá notícias do seu filho, e em Abril do próximo ano informações detalhadas sobre ele. Você terá muito mais provações, ao final das quais vocês se encontrarão. A continuação desta triste história foi a seguinte: foram julgados os assassinos do marido da mulher, um deles confessou que a criança tinha sido realmente raptada, que estava viva e pertencia a uma família rica e nobre. Resta aguardar o desfecho—o futuro encontro de mãe e do filho.

Vanga previu a um professor de arte pobre e doente de Petrich que na velhice ele seria rico e amplamente conhecido. Alguns anos depois, o professor ganhou no Sportloto (ou seja, a loteria) primeiro 20 mil levas, depois mais 10 mil. Ele foi capaz de fazer seriamente o que amava—pintar, e alcançou algum sucesso. O público interessou-se pelos seus quadros e também teve compradores.

"Você simplesmente não vê," diz Vanga, "uma mulher alta e bonita com roupas azuis e brancas está parada ao meu lado. Aquela que já veio até mim com a sua presença evoca na minha mente várias imagens da sua vida, e aquela que está sempre ao meu lado diz-me as palavras certas, eu ouço e passo a todos vós."

Vanga lê o pensamento? Sim, ela costuma dizer aos visitantes o que eles pensam agora, ou há uma hora, ou até antes. Lê o pensamento e à distância. Os pensamentos dos estrangeiros, cuja língua Vanga, claro, não conhece, são lidos com a mesma facilidade que os pensamentos de um Búlgaro. Não há barreira linguística. Ela ouve uma voz a falar-lhe em Búlgaro, não importa se quem esteja ao seu lado seja um Chinês ou um Inglês. Ela conta-me, e apresso-me a anotar o que ouvi num caderno espesso.

"Recentemente fui visitada por um Romeno cujo filho se afogou no Danúbio. O infeliz tinha certeza de que o filho foi empurrado para a água por um rapaz malvado, e essa ideia não lhe dava descanso. E eu olhei como tudo aconteceu e contei-lhe. Seu filho não sabia nadar, ficou preso nas algas do rio, ficou apavorado, começou a tropeçar e afogou-se. Ninguém foi culpado pelo infortúnio. Pude ver o local onde ocorreu o acidente e descrevê-lo em detalhes."

Entre as perguntas que Vanga faz a vários dos seus convidados, muitas são frequentemente repetidas. Assim, por exemplo, pessoas que vêm de diferentes países costumam perguntar-lhe se ela prevê algo fatal no destino de uma pessoa, que talvez possa evitar um desfecho trágico.

"Não," sempre responde Vanga, "não está no meu poder. Ninguém superará o destino. A vida de uma pessoa é estritamente predeterminada."

Certa vez, um jovem chegou a Vanga, e eles conversaram calma e pacificamente e já se estavam a despedir, quando Vanga, como que se lembrasse de algo importante, disse:

"Estou à tua esperando no dia 15 de Maio. Não deixes que nada te impeça de me visitar em 15 de Maio. No entanto, não podes. E sucedeu que no dia 15 de Maio esse jovem foi convidado pelo amigo para ajudar na construção da casa.

Foi estranho recusar, mas ele decidiu ir visitar Vanga no dia 17 de Maio. E aconteceu que no fatídico dia 15, ele foi atropelado por um comboio que o maquinista não conseguiu frear, por os travões terem falhado. Vanga esperou tensa em casa pela visita do jovem, viu tudo o que lhe aconteceu na mente dela, tentou ajudar de alguma forma, mas não conseguiu.

Nas minhas anotações, refiro-me não apenas às histórias de Vanga, mas também à minha mãe Lubka. Aqui está uma história engraçada que a minha mãe certa vez me contou:

O meu sogro, professor, artista autodidata e violinista local, decidiu "criar" (como ele disse) um retrato de Vanga, que concordou em posar para ele. Durante as longas sessões, ela ficava sentada em silêncio e apenas repetia uma ou duas vezes ao meu sogro:

"Tio Boris, aconteça o que acontecer, não venda a extensão da casa nem o seu violino."

O meu sogro ficou muito intrigado com aquele conselho, pois pensava apenas em vender o violino e dedicar todo o seu tempo livre à pintura. E aqui está o que aconteceu 10 anos depois. A nossa casa em Sandanski era tão antiga quanto o mundo, uma estrutura em ruínas que um dia desabou. O meu sogro estava sentado no meio da sala naquele momento triste e pensativo, a tocar o seu violino. Ele sobreviveu milagrosamente, escapou apenas com um leve susto. Nesse colapso repentino, a dependência não foi danificada e nós mudamos para ela enquanto estivemos a construir uma nova casa.

Entre os visitantes de Vanga estava um certo A. X. Búlgaro, que há muito emigrara para a Áustria. Ele viveu lá muito bem, encontrou uma noiva rica, casou-se e também enriqueceu. Ele disse tudo isso em silêncio a Vanga, que o ouvia, e depois acrescentou:

“Para mim está tudo bem, mas sinto falta da minha terra natal, estou completamente exausto.”

E ele veio à Bulgária para o festival anual da colheita de outono. Vanga disse-lhe que, segundo a lenda, no início desse feriado, um cordeiro sacrificial deveria ser abatido e um prato cerimonial—kurban deveria ser preparado.

"O cordeiro," Vanga instruiu o seu convidado, "deve ser comprado e abatido por si, caso contrário, o infortúnio acontecerá."

Não sei como aconteceu, mas o Búlgaro “austríaco” não comprou cordeiro, não preparou um prato antigo. O feriado parecia um sucesso sem os ritos antigos, mas o convidado da Áustria morreu repentinamente e foi sepultado na Bulgária, unido para sempre à terra da sua pátria, pela qual tanto ansiava.

Vanga disse certa vez no círculo da sua família:

“Estou presente em todos os pontos quentes do planeta, vejo confrontos militares, presencio terrível derramamento de sangue, prevejo desastres naturais e acidentes. Vocês dormem à noite, enquanto eu volto as páginas da existência humana e vivencio as tragédias de muita, muita gente."

Ouço a história da minha mãe e transfiro para o papel:

Há muitos anos, designadamente no dia 1 de Novembro de 1950, várias vizinhas decidiram ir juntas ao Mosteiro de Rila. A minha sogra foi com elas, e a Vanga também foi, ela queria muito defender o serviço solene na igreja por ocasião do dia de São Ivan. O serviço foi muito bonito e muito longo. Mais perto do fim, Vanga começou a preocupar-se muito com alguma coisa: ela virou a cabeça e ouviu alguma coisa com atenção. Um pouco mais tarde, ela começou a persuadir os peregrinos mais próximos dela a irem imediatamente a algum lugar, mas para não ficarem ali. Mas quem iria sem ouvir o final do solene serviço de oração, quem de repente deixaria o lugar santo com tanta pressa? Resumindo, Vanga entrou sozinha no autocarro e voltou sozinha para casa.

E sobre o vale do rio Rila, refletido nas cúpulas brilhantes da igreja, uma nuvem negra de tempestade avolumou-se lentamente. Encheu todo o céu, o trovão retumbou, um raio atingiu uma velha árvore coberta de musgo e aquilo

começou. Era o fim do mundo! Riachos de água, quedas de água caíram do céu para a terra. Rila transbordou de água, rolaram pedras, árvores inteiras foram arrastadas com raízes, estradas inundadas, muitas aldeias, casas demolidas. Os meus parentes ficaram tão assustados que não tiveram tempo de guardar os seus pertences longe do perigo e foram levados pela correnteza, enquanto a vaca lambia a língua. A minha sogra de alguma forma chegou a casa molhada e com frio, muito assustada com tudo que viu. Depois dessa história, ela adoeceu e ficou doente por muito tempo.

...Como uma longa fita, a vida humana passa diante dos olhos da mente de Vanga, tudo diante dela desde o dia do nascimento até à morte. É claro que ela própria não sabia por que acontecia que um completo estranho viesse até ela e, por assim dizer, lhe entregava um certo pergaminho no qual só ela podia ver a escrita, fosse uma história longa ou curta sobre seu destino. Além disso, a entrega dessa fita, desse pergaminho ou não entrega à adivinha não dependia da vontade da própria Vanga, nem da vontade do convidado. A fórmula (se é que podemos falar de fórmula aqui) é a seguinte: vim e trouxe a minha biografia. E fui direto à questão. Então, será verdade que desde o primeiro dia a vida de uma pessoa é estritamente predeterminada, e o seu destino é "programado"? Mas por quem? E por que o misterioso "programador" revela tão generosa e facilmente os seus segredos supersecretos a uma mulher cega, a uma clarividente cega? (Que combinação estranha e surpreendente: cega e clarividente).

Certa vez, trouxeram a Vanga uma jovem que se sentia muito mal: não conseguia abrir os olhos, coitada, as pálpebras pareciam fechar-se-lhe como que por vontade própria. Vanga, sem perguntar nada, deu a sentença: vai imediatamente a Sofia, procura os melhores médicos, embora nada possa ser feito, ou a menina morrerá em breve.

Os pais soluçantes foram embora com a filha infeliz e Vanga sentou-se com as mãos no chão. E eu penso, que infortúnio, que destino amargo, saber o desfecho quase fatal e não poder ajudar. Eu sei que há quem tenha inveja de Vanga, dizem, ela tem fama mundial, em toda a parte e em todos os lugares Vanga é conhecida... Ah, o fardo dessa fama é pesado, às vezes insuportavelmente pesado. Ali estava ela sentada na minha frente, com as mãos ao dependuro indefesa no chão, e num silêncio pesado, as suas forças vitais deixaram-na, a minha pobre tia Vanga...

Escrevo a história da minha mãe, não me lembro se ela a contou ou não, mas só para lhes recordar: a minha mãe é completamente incapaz de fantasiar, de exagerar, ela lembra-me um pouco um gramofone: a mesma melodia, sempre no mesmo disco. Então, ela diz:

Lembro-me muito bem da visita de um residente de Sofia muito importante a Vanga. O convidado metropolitano não veio sozinho, mas trouxe com ele duas mulheres. Ele comportou-se com grande dignidade, falou como se estivesse a dar ordens, de sapatos pretos a brilhar e o rosto barbeado. Não sei porquê, mas queria perguntar quantos anos ele tinha. Ele era tão autoconfiante que não dava para saber se ele era jovem ou velho. Embora tenha sido muito estranho, perguntei:

"Dá-me licença, quantos anos tem o senhor?" E de repente este importante senhor riu alegremente e respondeu:

"Sou um toco muito velho, como oficial participei da Primeira Guerra Mundial. Por obra de algum milagre voltei do inferno com vida e desde então, tenho sido diligente com todas as minhas forças, cuidado de mim, só de mim, e continuarei a fazer o mesmo. Esse é o segredo da minha eterna juventude. Vanga esteve presente na nossa conversa e ficou em silêncio, mas às últimas palavras do oficial, ela bateu o pé e disse irritada:

"Ah, isso foi suficiente, até aqui, mas já chega!"

Não entendemos as palavras de Vanga e logo o residente de Sofia partiu, levado consigo as suas damas. Três dias depois, uma delas relatou que o seu mestre havia morrido repentinamente.

"Já chega por ora," disse Vanga, mas quem lho disse a ela? Quem?

Nas minhas anotações há um curioso depoimento de outros parentes nossos. A minha irmã Anna, médica de profissão, lembra: Desde cedo vivi no "campo de atração" de Vanga, não só eu, claro, todos os nossos parentes e amigos. Lembro-me bem de que os médicos se recusavam terminantemente a reconhecer o dom extraordinário de Vanga. Falou-se muito da minha pobre tia: que ela era uma charlatã, e uma especuladora esperta, que tinha toda uma equipe de espiões que recolhiam dados preliminares sobre a sua "clientela," e ela própria só conseguia assumir um ar misterioso de adivinha, e também que ela era vidente, que praticava magia negra e sabe Deus o que mais. Quando eu era criança, as crianças da vizinhança costumavam zombar de mim dizendo que eu era sobrinha da vidente.

Mas Vanga ignorou todas essa parvoíce, e não havia nada que nos censurasse e às pessoas mais exigentes: viviam na pobreza, não tinham roupas festivas. Vanga nunca recebeu "honorários" de ninguém, pelo que provavelmente falaram sobre ela por simples inveja humana. Assim, infelizmente isso acontece com frequência, e como ontem foi amanhã será.

Os anos passaram-se e estranhos vinham até a minha tia quase todos os dias. Ela não dizia não a ninguém. E então chegou o dia em que o médico oficial, na pessoa do Dr. Georgi Lozanov, chegou à nossa modesta casa. Pessoa doce, sensível e muito atenciosa, Georgi Lozanov tornou-se quase uma pessoa querida para nós. Ele recolheu e acumulou factos. Ele e os seus colaboradores mais próximos fundamentaram a pesquisa em bases científicas, e buscou (e não encontrou) definições científicas do "fenómeno Vanga". Depois surgiu esta definição agora amplamente conhecida de "o fenómeno de Vanga."

Eu própria, enquanto médica, fiquei bastante cética em relação a tudo que vi. A medicina clássica ensinou-nos que é perfeitamente possível conhecer uma pessoa, revelar todos os segredos do seu psiquismo. Nem sequer era teoricamente possível que algo incognoscível pudesse permanecer nas profundezas da psique humana. E aqui estou, muito orgulhosa da minha profissão de médica, a "sombria" Vanga derrubou facilmente a "sólida posição materialista." Sabendo que ela não entende nada de medicina, nunca vou entender como ela faz um diagnóstico inequívoco. Ok, diagnóstico. E como ela previa o destino? Afinal, as suas previsões se tornam realidade com uma precisão literalmente fatal.

E cheguei à seguinte conclusão: é-nos impossível, educados e inteligentes que somos, sermos vaidosos, ter muito orgulho do conhecimento que recebemos. Nem sabemos o que é “conhecimento,” nem somos capazes de determinar a escala do “conhecimento” em relação à “ignorância.” “Sei que não sei nada”— que aforismo profundo!

“Nós, Búlgaros, deveríamos estar felizes por uma mulher incrível, Vanga, viver ter vivido no nosso pequeno e modesto país. Deus tem sido muito generoso connosco. É claro que as habilidades fenomenais de Vanga estão a ser estudadas e continuarão a atrair a atenção de cientistas de diversas profissões por muito tempo. Quem sabe, talvez o mais talentoso, o mais atento deles abra uma janela para o misterioso mundo cego da nossa clarividente Vanga.”

É o que diz Anna, médica e pessoa chegada.

Bom, para quem já folheou estas páginas, acho que será interessante conhecer melhor Vanga. Já ouvi muitas vezes e estou convencida de que a biografia de uma pessoa extraordinária é mais interessante do que o romance mais emocionante. No entanto, não cabe a mim julgar. Repito, a minha tarefa é muito modesta: transferir para o papel apenas o que sei com bastante segurança.

## O TESTEMUNHO DE ZHENI KOSTADINOVA*

Publicado a 9 de Janeiro de 2016

### BABA VANGA JAMAIS PREVIU A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

*- Como foi que as palavras da NOSTRADAMUS Búlgara começassem a ganhar vida própria? A profetisa nunca disse que Roma se viria a tornar na capital do Califado.*

Baba Vanga jamais previu o início de uma terceira guerra mundial, nem mencionou nada sobre Roma se tornar na capital do califado.

Na Bulgária, o interesse pela personalidade e pelas previsões de Baba Vanga nunca parou de crescer. Ela é muito popular na Sérvia, Macedónia e na Rússia—onde, há dois anos atrás, fizeram um filme sobre ela. Mas de repente, no início de Dezembro de 2015, a falecida profetisa foi alçada para o palco das notícias mundiais depois que uma das maiores manchetes—o New York Post publicou um material sobre ela, intitulado:

"Precisamos dar ouvidos ao que esta profetiza Búlgara cega diz acerca do Isis."

Parte do artigo rezava:

"Mística cega que previu os ataques terroristas de 11 de setembro, o Tsunami em 26 de Dezembro de 2004, o fracasso da usina nuclear de Fukushima e o surgimento do Isis também fez previsões sinistras para 2016 e além dessa data."

A mesma história é publicada por outros grandes tablóides, como o *Independent* e o *Mirror*, baseados no Reino Unido.

Baba Vanga nunca jamais fez previsões para qualquer sequência de anos. Aquelas "previsões" dela que têm início no ano 2000 e que prosseguem até o ano 5000 tiveram origem, inicialmente, no site da Ria Novosti cerca de 6 ou 7 anos atrás.

Recentemente, um blogue Turco procedeu a alterações e à publicação de novas previsões, e agora, nesta era da internet, todo mundo partilha e populariza um perfeito disparate que carece de qualquer documentação ou evidência.

Aconselho as pessoas a terem muito cuidado com a leitura dessas "notícias." Baba Vanga é facilmente usada como um instrumento para persuadir as pessoas de todos os tipos de mensagens, mas aqueles que buscam a verdade geralmente são desconfiados.

As previsões comuns atribuídas a Baba Vanga que têm circulado pela web e até mesmo citadas por tabloides mundialmente conhecidos são publicadas há anos. Eis alguns exemplos do que foi publicado:

2016 - Os Muçulmanos vão conquistar a Europa.

2023 - A órbita da Terra vai sofrer mudança (o que quer que isso signifique).

2025 - A população da Europa vai ser dizimada.

2033 - Os níveis de água vão subir devido ao derretimento do gelo.

2043 - 2066...

2076 - O comunismo retornará à Europa.

2084, 2100, 2130, 2170, 2187, 2201, 2262 etc., e assim por diante, numa sequência (interminável) de anos.

Normalmente, a última previsão que foi publicada refere a data de 3797—ou seja, quando não existirá mais vida na Terra.

Realmente fala-se muito na existência de muitas publicações dessas que citam incorretamente as previsões de Baba Vanga. Todo mundo está a inventar as próprias previsões bizarras, ou a misturar palavras próprias reais com as suas histórias fictícias, e tudo isso está apenas a distorcer, de uma forma muito negativa, a imagem real da nossa profetisa, bem como os dons fenomenais e sabedoria que ela possuiu. Mas, com respeito a todos os grandes personagens, isso não é incomum—os seus mitos geralmente sobrevivem à própria pessoa e ao que eles deixam neste mundo.

Durante mais de 20 anos de pesquisa sobre a vida e os feitos de Baba Vanga, nunca encontrei uma única pessoa que me atestasse qualquer das previsões atrás referidas. Onde foram eles buscar isso? De que fontes o terão coletado? Sempre que falo sobre uma predição feita por Baba Vanga, eu cito a pessoa a quem ela a revelou e a data em que o fez.

Baba Vanga era extremamente cuidadosa com quem partilhava qualquer das previsões que fazia, pois ela sabia muito bem que muitas pessoas abusariam disso. Havia quem espalhasse assim informação enganosa em nome da profetisa, mesmo quando ela se encontrava viva. Hoje, infelizmente, quando Baba Vanga não mais se encontra presente no mundo físico, ela não se pode defender de declarações absurdas, que visam espalhar o medo entre as pessoas. É por isso que Baba Vanga se recusava a fazer muitas previsões de carácter geral. Quando ela o fazia, ela insistia em que as pessoas o mantivessem em segredo. Existem certas coisas que precisavam ser mantidas ocultas.

*- E quanto à previsão popular de que Baba Vanga disse que o conflito mundial vai começar por causa de um vírus que se disseminou acidentalmente a partir de um laboratório?*

Isso é um completo absurdo! Mais uma história populista publicada para chamar mais a atenção nas costas de Baba Vanga. Hoje, certas pessoas até escreveram romances sobre Baba Vanga, onde citaram as suas próprias invenções em nome da profetisa. Esta é uma forma pura de blasfémia. Mas todo mundo paga pelos seus próprios atos e é responsável pelo que tiver feito.

*- Terá Baba Vanga visto a Bulgária, a Turquia e a Grécia juntas?*

Sim, uma das suas previsões mais antigas, mas que ainda não se concretizou, trata da união das nações dos Balcãs. Ela disse isso em 1948: "Um dia, os Balcãs unir-se-ão. Sofia, Bucareste, Belgrado, Atenas e Ancara iniciarão negociações e se ajudarão mutuamente. "Numa conversa com Yanka Takeva, Baba Vanga sugere que ela não via um grande perigo nos Balcãs, mas que, se a questão sobre a Grande Albânia for suscitada, isso seria alarmante. Assim, como poderemos interpretar as suas palavras? Sobre a união dos Balcãs, não é impossível que a EU se fragmente e que as nações dos Balcãs comecem a procurar formas de cooperar umas com as outras. Em relação à questão da Grande Albânia—esperemos não ver um cenário desses (que não está excluído), se levarmos igualmente em consideração os tempos turbulentos em que vivemos.

*- Baba Vanga previu sofrimento para os Sérvios, já que "eles praguejam contra Deus," mas os Búlgaros também o fazem. Quanto tempo precisaremos sofrer por isso?*

Não é propriamente isso. Ela disse: "A Jugoslávia vai ser fragmentada e ficar em pedaços, por os Sérvios praguejarem contra Deus." Na verdade, existe uma

linguagem calão muito ofensiva na língua sérvia que envolve Deus... Os Búlgaros não têm nada disso. Muito provavelmente as palavras têm um significado muito potente, e Baba Vanga sugere que, uma vez que essas palavras vibram na fala do dia-a-dia, elas criam um significado, pelo qual se paga um preço.

As palavras envolvem uma espécie de magia... Para nós, Búlgaros, ela disse que sofreremos por sermos infiéis. Neshka Robeva e PhD. Dimitar Philipov são testemunhas de tal declaração. Baba Vanga foi uma grande defensora da ideia de que as escolas deveriam ter aulas de religião para ensinar às crianças bons valores e virtudes. Ela não distinguia as religiões — antes pelo contrário, respeita cada uma delas porque, para ela, Deus é um e é único, mas Baba Vanga foi Cristã Ortodoxa. Diante de Yanka Takeva, Baba Vanga disse que o político que incluir aulas de religião nas escolas, irá governar por um longo tempo. Se as suas palavras foram citadas correctamente, os nossos políticos atuais poderão começar a pensar nelas.

*** Sobre a autora**

Zheni Kostadinova formou-se em Filosofia na Universidade de Sofia "St. Kliment Ohridski" Ela trabalhou como editora no programa de TV estudantil "Ku-Ku" e como repórter na Rádio Nacional "Horizon" Há mais de 15 anos ela é colunista do jornal "Weekly Trud," onde escreve sobre esoterismo e psicologia. No mesmo jornal ela mantém uma página de literatura. Zheni Kostadinova é autora de alguns dos livros mais populares escritos sobre Baba Vanga, incluindo "Baba Vanga, a profetisa," "As Predições de Baba Vanga," "O segredo de Baba Vanga" O seu primeiro livro foi traduzido para o Russo, o Polonês, o Letão, O Sérvio e o Albanês. Zheni é membro da União dos Escritores Búlgaros.

## DO TESTEMUNHO DE KRASIMIRA STOYANOVA

"Não consigo dormir à noite. Como poderei — se, quando vou para a cama, todas as tragédias das pessoas que ouvi durante o dia me acodem à mente. Há tanta dor neste mundo. Mais — quando tudo fica em silencia à noite, também ouço os sons cósmicos. Eu ouço como os sinos cósmicos tocam a todo instante e como tudo que tem vida reflete esse ritmo. É por isso que a flor sabe quando se abrir, e que o galo nunca se engana quanto às horas em que deve cantar. Como conseguirei dormir? Se eu te pudesse contar tudo o que vejo, deveria ter

ocorrido um milagre. Os segredos do mundo de que eu tenho conhecimento mas não posso contar, são tantos, que poderiam encher uma barragem enorme."

A casinha de Baba Vanga "lembra" muitas lágrimas e tragédias humanas. Mas a maior tragédia é a da sua senhoria—Baba Vanga, que acumula toda essa dor no coração e devolve esperança e cura sempre que pode. No meio da sala—onde Baba Vanga acolhia as suas visitas, há uma grande mesa repleta de presentes que essas visitas deram à profetisa, além de inúmeros cubos de açúcar embrulhados em papel. O açúcar é um dos muitos mistérios que giram em torno de Baba Vanga, já que ela pede às visitas que tragam um pouco de açúcar, que terá estado na própria habitação do ou da consulente por pelo menos durante alguns dias. Quando a visita entra na sala, ela pega no açúcar, começa a tocar-lhe durante alguns segundos e então dá início à leitura.

Porquê açúcar? O que estará armazenado nesses pequenos cristais, para Baba Vanga conseguir revelar com precisão impressionante os detalhes da vida de alguém? Nem mesmo Baba Vanga consegue responder a essa indagação. Ela disse-me certa vez que nos seus primeiros anos de leitura, ela tinha que ter uma vela acesa na sua frente. "Como sou invisual, poderia ter sofrido um acidente com a vela, pelo que a voz me disse para mudar para o açúcar, por ser inofensivo."

Baba Vanga normalmente senta-se atrás da grande mesa. Geralmente ela sente-se tão exausta e pálida que mal respira. Às vezes ela não tem forças nem para falar. Eu a ouvi algumas vezes sussurrar algo como: "Querido Deus, terei eu sido a maior dos pecadores, para que Tu me punisses com esta pesada cruz? Tu deste-me tanto, mas também exiges tanto de mim." Em seguida, ela levantava-se lentamente da cadeira em que se sentava por mais de três horas seguidas, tirava as roupas e ia lentamente para o seu quarto, onde relaxava um pouco.

Mas, conforme foi mencionado atrás, Baba Vanga raramente dorme. Ela deita-se um pouco, fica quieta e muitas vezes tricota para realmente descansar um pouco. Ela adorava tricotar, pois essa era uma das poucas coisas que a ajudava a descontrair. Ela costumava mostrar-se uma tecedeira muito hábil. Ela tricotava muito rápido, e as peças de vestuário que tricotava refletiam a sua inspiração. Ela tinha vários modelos que ela própria inventava. Ela tricotou centenas de coletes, suéteres, saias, etc. Muito contente com o que produzia, muitas das suas coisas foram dadas de presente a amigos e visitas aleatórias, e ela

mostrava-se tão feliz quanto uma criança quando as pessoas adoravam os presentes dela.

## DIÁLOGOS COM OS MORTOS

O dom de Baba Vanga de ser capaz de se comunicar com as almas das pessoas falecidas está a oprimir as mentes mais conservadoras. Cientistas e intelectuais de toda a Bulgária e de todo o mundo ficavam sem fala ante as atividades do fenómeno de contato dela. Baba Vanga descrevia tantos detalhes da vida dos mortos aqui na Terra, que quando a maioria dos visitantes escutava, ficava desconcertada e perdia a fala ao testemunhar um verdadeiro milagre— Baba Vanga não tinha como saber todos os grandes detalhes mais significativos sobre as pessoas — algumas das quais tinham morrido há 50 ou 60 anos e algumas até mais do que isso. É evidente que Baba Vanga recebia todas essas informações por via telepática, diretamente dos mortos.

Existem milhares de exemplos de tais contatos com o mundo exterior que Baba Vanga havia estabelecido. As conversas notáveis que tinha com os mortos persuadiam até mesmo os maiores ateus a mudar a perceção que tinham da vida e da morte, a repensar as verdades categóricas e a mudar os pontos de vista que defendiam.

Baba Vanga é uma das maiores provas vivas do século XX da existência de vida após a morte e das almas dos mortos. É uma pena que esse lado do seu fenómeno tenha sido ignorado pelos cientistas durante tantos anos. Mas que poderiam eles ter feito levando em consideração o regime totalitário em que religião, ocultismo e espiritualismo eram coisas proibidas.

Há um outro momento. Baba Vanga costumava dizer que, quaisquer que fossem os exames que lhe fizessem, qualquer que fosse o equipamento que usassem, eles não encontrariam a verdade por o seu dom lhe ser dado por Deus: —"Deus deu-me este dom. Ele tirou-me os olhos físicos para poder dar-me outros olhos com os quais eu pudesse ver todo o mundo visível e invisível."

Baba Vanga frequentemente apontava as almas dos mortos enquanto fonte das suas profecias. Eram eles que lhe ditavam as mensagens a transmitir aos visitantes, lhe revelava os nomes de todos os familiares. Diante do famoso filósofo Stoyu Stoev Baba Vanga disse: "Eu revelo aos visitantes o que vejo e o que ouço. A primeira coisa que os mortos me dizem é o nome... Diz-lhe que ele

é Ivan, Peter, Nicola... Por vezes eu vejo escrito, ou apenas a primeira letra... Outras vezes os mortos gritam-me tão alto que quase me rebentam a cabeça.

Ao poeta Russo—Valentin Sidorov, Baba Vanga explicou: —as almas dos mortos são translúcidas e incolores como água num copo. Mas eles irradiam luz. Eles parecem gente normal—andam, sentam-se, riem, choram... Não me dão folga. Assim que adormeço, acordam-me e dizem-me: —Levanta-te que está na hora de trabalhar!

Nevena Tosheva relembrou uma frase interessante de Baba Vanga: —Assim que as pessoas descem do autocarro (aqueles que a visitavam) os seus parentes mortos vêm junto com elas. Um dia entrei em minha casa e vi almas de pessoas mortas por toda parte. Eles estavam sentados e conversavam. Eu fiquei simplesmente a olhar para eles e deitei-me a dormir.

Quando Baba Vanga estabelece contato com os mortos, por vezes ela entra num transe profundo. Essa é uma característica típica de todos os médiuns—eles sempre entram em transe, em comparação com aqueles que os contactam—como Baba Vanga. No ocultismo é aceite que os médiuns só falam com as almas dos mortos, em que aqueles que contactam estabelecem contato com outras criaturas, assim como captam as vibrações de mais energias.

De todas as histórias e factos sobre Baba Vanga, fica claro que ela conseguia comunicar com as flores, as almas de animais mortos, os santos e até mesmo alienígenas. Todos esses informantes são provavelmente um tipo diferente de energia inteligente que Baba Vanga trata com diferentes designações.

Eis um resumo das fontes (entidades) que falavam a Baba Vanga ao conduzir as suas profecias:

- Uma voz está a falar comigo

- O céu disse-me

- O ícone da Mãe Maria disse-me

- São João Crisóstomo disse-me

- As almas dos mortos estão a dizer-me

- Esses poderes não me deixam em paz

- Os alienígenas vieram falar comigo

- O açúcar está a dizer-me

- Assim que toquei no anel, toda a casa se abriu na minha frente e eu vi apenas duas crianças

- Que alma me está a falar de momento—não sei

De todos os exemplos acima descritos, pode-se concluir que as informações enviadas podiam proceder praticamente de qualquer coisa: objetos que refletiam a energia do visitante (um relógio, um anel, um ícone, uma foto), objetos pessoais da pessoa morta (as suas roupas, terra do seu túmulo, uma foto), o cubo de açúcar que ela tradicionalmente pedia, etc.

Baba Vanga não precisava necessariamente de uma mediação dos objetos para poder entrar num canal de informação—uma vez que um visitante estivesse na frente dela, os seus parentes mortos (como ela explicava) quase que instantaneamente se sentavam ao redor dele e começavam a fazer perguntas ou a ditar as mensagens e conselhos. Com efeito, as almas falecidas de cada visitante são a principal fonte de informações de todos os factos e detalhes íntimos da vida de cada pessoa que se sentava na frente de Baba Vanga. É importante observar que ela frequentemente recebia informações que não se referiam a pessoas específicas e não era muito claro de onde ela as obtinha (por exemplo, quando ela descrevia certos lugares, factos históricos e eventos, etc.).

Por meio da telepatia, Baba Vanga era capaz de captar diferentes canais de energia e, a esse respeito, os físicos explicavam que a informação nada mais era do que uma energia transformada.

KRASIMIRA STOYANOVA

* * *

## KRASIMIRA STOYANOVA - SOBRINHA DE BABA VANGA

*Krasimira Stoyanova nasceu em Sandanski em 1949. Ela é uma das sobrinhas de Baba Vanga. Formou-se na Universidade de Sofia com especialização em filologia Turca em 1972. Mais tarde, completou Egiptologia e Siriologia na New Bulgarian University. Durante alguns anos, ele foi a editor-chefe do programa matinal da Nova TV.*

*Como se sente enquanto sobrinha de Baba Vanga?*

Do ponto de vista pessoal, estamos acostumados a isso—tanto o meu irmão como a minha irmã. A sensação de algo fenomenal era criada pelas pessoas que

vinham visitar a minha tia. Quando nascemos e somos criados perto de um fenómeno tão grande, a gente mal percebe ou o vemos.

*Isso ajudou-a de alguma forma ou, pelo contrário, prejudicou-a?*

Baba Vanga era um fardo no sentido mais positivo da palavra. Mesmo agora, que já somos maduras, ainda temos muitas "restrições" quanto às coisas simples da vida—coisas como o comportamento pessoal, a compaixão, a compreensão e, em especial, a paciência. Por um lado, tive uma tia muito famosa, conhecida por muita gente e escrevo e conto histórias. Ao mesmo tempo, sempre temos essas restrições na nossa mentalidade. É uma marca tão duradoura em mim e na minha família que até hoje não a. . .

*Isso foi sendo aprendido durante a infância ou foi ensinado posteriormente?*

Quando estávamos mais maduros, é claro. Quando éramos crianças, aceitávamos Baba Vanga como uma tia comum com todas as suas capacidades e toda a gente que ela aceitava e ajudava. Os nossos colegas ficavam muito mais surpreendidos do que eu e os meus irmãos. Anos mais tarde, gradualmente comecei a perceber o que ela era e por que toda aquela gente vinha consultá-la. Eu tive longas conversas com Baba Vanga com respeito à Bíblia, a Deus, à essência do ser humano enquanto criatura espiritual, às capacidades desse ser humano de ler os sinais—algo que continuo a aprender. Baba Vanga costumava dizer: "Tu sempre esperas que o milagre ocorra, que algo aconteça ou que alguém venha e faça isso por ti, por não veres nem conseguires ver nem ler os sinais." Esse é um grande segredo. Com a "leitura dos sinais," Baba Vanga referia-se a alguns indicadores, símbolos, que nem mesmo têm cabimento no campo das coisas visíveis.

*Foi isso que você "herdou" da sua tia, para futuro?*

Foi poder ler os sinais. Para alguns deles tenho a concentração e a atenção necessárias. Por exemplo, para os processos sociais na Bulgária—esses são pequenos pedaços, que se conseguirmos identificar e acumular—juntamos as peças do quebra-cabeça em algo grande (...) que se relaciona com a época em que vivemos. Esses são eventos e coisas que simplesmente acontecem, mas nós não os notamos. Outra expressão comumente usada por Baba Vanga era: "Tu tens olhos para ver, mas não vês nada."

Esse amálgama que, por um lado, temos a nossa família e trabalho, e por outro, temos tudo o mais que cabe no campo da matéria espiritual e imaterial, leva a uma bifurcação. Tais contradições só são compreendidas com forte

concentração e luta interna pessoal. Para mim, isso está intimamente ligado à infância e não posso simplesmente ignorar—está dentro de nós. Muitas vezes me interrogo se eu deveria ser tão severa com as pessoas com quem trabalho, ou se, caso eu fosse um pouco mais paciente e mostrasse maior compreensão, talvez fosse diferente. Esse fardo constante de dúvidas não é realmente fácil de lidar.

*Você é uma mulher com dotes literários, tem quatro livros publicados sobre Baba Vanga e está agora a escrever o seu quinto. Existirão factos, situações e segredos sobre a sua tia que você ainda tenha revelado aos seus leitores? Se existir, você tem intenção de contar a todos sobre o desconhecido na vida da sua tia?*

Sim, tenho um grande segredo, mas não tenho a coragem necessária para começar a escrever e a contar às pessoas.

*Serão novamente contradições e hesitações pessoais?*

Não, eu simplesmente não tenho o conhecimento neste momento para entender esses segredos. Por receio, abstenho-me de distorcer as próprias palavras de Baba Vanga. Não me quero tornar numa pessoa tendenciosa. Tenho muitas anotações sobre a minha tia, que gostaria de ler repetidamente, mas ainda sinto que não estou pronta para avançar. Por tudo que não é visto, mas está a acontecer. Por exemplo, o que serão os humanos na sua essência, o que é Deus, o que é a religião, o que é este mundo que não podemos ver e outros. Baba Vanga conhecia as respostas para essas questões.

*Estarão os Búlgaros preparados para esse livro? Será o leitor Búlgaro sábio e maduro suficiente para isso?*

Essa é a questão principal. Não apenas o Búlgaro, mas estarão os humanos do século 21 preparados para tal livro? Uma outra grande questão são as previsões que Baba Vanga fez para a Bulgária—para as grandes mudanças que aguardam o país. Ela costumava dizer que o nosso país não ia melhorar se os Búlgaros não começassem a mudar a partir de dentro. Outra coisa, se as pessoas não perceberem que precisam mudar, a mãe natureza, o cosmos, forçará os humanos a mudar. A minha irmã mora na Grécia e conta como os Gregos são tão egoístas, tão materialistas e que odeiam os Búlgaros. E eis que se deu o grande terremoto em Atenas.

Muita dessa gente começou a mudar a mentalidade numa questão de horas. De repente, a grande dor e a perda uniram-nos. Alguns tornaram-se mais

cuidadosos e educados uns para com os outros, misericordiosos, altruístas. Não há outro caminho senão este para toda a humanidade. Baba Vanga havia dito: "Se uma pessoa não entender que se roubar, mentir, criar intrigas, e for a única que sabe disso, ainda que as pessoas lhe respeitem a posição social e a personalidade, não há como uma sociedade prosperar."

*Você acha que Baba Vanga foi uma emanação Búlgara pura e que existe algum significado simbólico no facto de ela ter surgido especificamente na Bulgária?*

Acho sim. Nada há acidental—ela realmente amou estas terras, incluindo Strumitza, é claro, a sua cidade natal. Baba Vanga disse-nos que a Bulgária é um país abençoado e que não foi por acaso que ela nasceu aqui. Existem muitos líderes espirituais nascidos na Bulgária—veja Petar Deunov, Cirilo (o Filósofo) e o irmão, Metódio, da Morávia, entre outros.

## UM ARAUTO DO NOVO FUTURO DA HUMANIDADE

As habilidades extraordinárias de Baba Vanga chegam-nos em diversas formas diferentes.

Ela tem acesso ao mundo físico e espiritual da pessoa e consegue determinar os seus valores morais e condições de saúde. Ela recebe informações de eventos globais do passado e do futuro.

Ela é capaz de entrar em contato com pessoas que faleceram na vida que conhecemos. Baba Vanga afirma que a reencarnação existe. Ela consegue observar o movimento de civilizações alienígenas ao redor da Terra e consegue comunicar com formas de vida, como plantas e animais.

Baba Vanga recebe informações por diversos processos, na maioria das vezes completamente desconhecidos da ciência, que sugerem a presença de um campo informacional cósmico, profícuo e sem fim. Com base nas suas capacidades, podemos concluir que cada indivíduo encerra uma energia metafísica dotada de estrutura própria e ingredientes espirituais específicos. Em geral, as habilidades de Baba Vanga sugerem capacidades novas para os seres humanos, novas formas do mundo material, novas funções e resultados da evolução, que ainda permanecem invisíveis para a humanidade.

Existem forças universais da natureza que afetam a sociedade. Elas surgem como uma determinação e uma sentença natural e histórica. O desrespeito por essas forças é a razão da atual crise social que o mundo está a sofrer. Essas são

capacidades secretas desconhecidas (e até chocantes) do mundo material que lentamente estão a ser reconhecidas pela ciência no campo da teoria cósmica. O debate sobre as capacidades invulgares de Baba Vanga leva à conclusão lógica de que a ciência precisa ajustar-se e aumentar a sua flexibilidade. Existem métodos e reivindicações arcaicos que precisam ser abandonados. Um exemplo desses seria a postura absoluta da evidência empírica que vem dos experimentos, ao mesmo tempo que mina a importância da hipótese.

Com base nas capacidades de Baba Vanga poderia construir-se um novo modelo para a sociedade, com relação aos objetivos e significado da vida e ao lugar que a humanidade ocupa no universo. Essas capacidades abrem janelas para novos conhecimentos sobre problemas em relação aos quais a ciência não conseguiu apresentar uma explicação.

Baba Vanga constantemente sublinhava que a **MORAL** é a base da sociedade. Não há democracia, nem direitos humanos, sem a superioridade dos valores morais. A riqueza é fantasmagórica e hipócrita, uma vez desprovida de moral. A nação Búlgara sofre com o declínio das qualidades morais. O egoísmo, a mentira e a comercialização estão a liquidar o mundo. Baba Vanga distinguia as pessoas, não com base nas crenças políticas que professavam, mas com base nas qualidades morais e comportamento que tinha em sociedade.

Baba Vanga é primordialmente uma pessoa terrena e não uma persona mística. Das suas capacidades, foram tiradas conclusões que favoreciam um quadro científico mais rico para o nosso mundo. A genética na sua atual posição não consegue descobrir os segredos da vida que se estendem além do genoma humano. De longe, falta-nos o conhecimento das correntes de energia informativa que atingem a Terra. As civilizações alienígenas simplesmente não são semelhantes aos objetos cósmicos da Terra. Acima de nós, existem camadas de planos cósmicos.

Não existe matéria morta, mas viva e animada nas criações mais simples. Para entendê-lo melhor, precisamos não apenas de novas abordagens na ciência, mas também de mudar para condições de vida melhores e mais inteligentes para todas as pessoas. Só então os humanos serão capazes de se aprofundar nos segredos da vida e de apreciar o tesouro infinito que é o universo.

As centenas de milhares de visitas canonizam Baba Vanga como uma pessoa sagrada, uma grande personagem Búlgara e o arauto de um novo futuro para a humanidade. A sua modéstia foi uma das suas mensagens mais fortes que transmitiu às pessoas, que irá deixar uma memória inestimável, dela que já é

uma lenda. Uma lenda que se tornará viva quando as descobertas científicas do amanhã estabelecerem Baba Vanga como um dos milagres da sociedade e da natureza.

## SERÃO, AS PREVISÕES DE BABA VANGA, UM FENÓMENO?

- O início da 2ª guerra mundial e as consequências
- A data em que morreu o czar Boris 3 (rei Búlgaro de 1918-1943)
- A fragmentação da Checoslováquia
- Os motins no Líbano (1968)
- A guerra na Nicarágua (1979)
- O conflito do Chipre de 1974
- A eleição de Indira Gandhi e a sua morte pouco tempo depois
- O desmembramento da União Soviética
- A fragmentação da Iugoslávia
- A união da Alemanha Oriental e Ocidental
- A vitória eleitoral de Boris Yeltzin
- O desastre nuclear em Chernobyl (Ucrânia)
- A data da morte de Estaline
- Os ataques dos EUA em 11 de Setembro de 2001
- O 44º Presidente dos EUA será negro
- O desastre do submarino russo "Kursk"
- Os conflitos na Síria
- O retorno de Simeon Sakskoburgotsky II à Bulgária

## ALGUMAS DAS PREVISÕES DE BABA VANGA QUE AINDA NÃO SE TORNARAM REALIDADE

- A paz de 1000 anos há de estabelecer-se na Terra. As pessoas perceberão a existência do mundo espiritual.
- O cancro e o HIV/SIDA terão cura — um medicamento feito do ferro.
- Por volta de 2020, os comboios serão movidos a energia solar; a extração de petróleo vai parar e a mãe Terra vai descansar — previsão feita 46 anos atrás
- Em 1960, Baba Vanga previu que por volta de 2018-2020 os cientistas. iniciariam projetos para a produção de energia hélio-3 a partir do espaço.
- Por volta de 2050 pessoas viajarão para outros mundos com uma velocidade 10 vezes mais rápida que a velocidade da luz.
- Dentro de 200 anos os humanos farão um contato com os seus "irmãos mentais" de outro planeta.

## OUTRAS PREVISÕES COMUNS FEITAS POR BABA VANGA

- "Não haverá uma terceira guerra mundial, mas se vocês continuarem a poluir a natureza assim, isso irá destruir-nos. A Mãe Natureza é Deus e não tolerará o impato que exercemos sobre ela."
- "O mundo não vai desaparecer em breve—vai mudar. Chegará um tempo em que as fronteiras desaparecerão e as pessoas viverão juntas em paz e cooperação."
- "Até que o dinheiro (deixe de) dominar o mundo, não haverá nenhum progresso na Terra."
- "Se vocês continuarem a tratar a Mãe Natureza assim, chegará um dia em que diferentes plantas, vegetais e animais começarão a desaparecer... Primeiro serão a cebola, o alho, a pimenta e as abelhas. O leite tornar-se-á venenoso. As pessoas semearão trigo, mas verão crescer centeio."
- "Todo o ouro aparecerá na superfície do planeta, mas a água esconder-se-á. A água ficará mais cara que o ouro negro e um dia desaparecerá. Os que estão vivos comerão e beberão em utensílios de ouro, mas não terão água."
- "Todos nós iremos um a um para o outro mundo, mas o planeta Terra e a humanidade permanecerão. O nosso planeta existiu durante biliões de anos

e existirá por muitos mais antes de (qualquer) 'apocalipse'. Não tenham medo—unam-se e entreajudem-se. Tudo o que está escrito na pedra não pode ser alterado. Mais cedo ou mais tarde acontecerá."

- "Não nos encontramos sozinhos neste planeta. Existe uma inteligência extraterrestre com que os humanos estabelecerão contato um dia. Os Húngaros serão os primeiros a entrar em contato com cidadãos de outro planeta. Porém, isso não sucederá antes de 200 anos."
- "Cada nação tem uma estrela que a recarrega de energia. Mas existem exceções; certas nações têm um planeta em vez de uma estrela... O novo tempo chegará e essas nações não serão capazes de sobreviver. Numa atmosfera invulgar para eles, elas irão sufocar. Uma nação que tem um planeta em vez de uma estrela irá morrer tal como uma vela se apaga numa forte ventania."
- "As nossas montanhas e lagos Búlgaros são sagrados—como os da Índia. Infelizmente, a nossa nação ainda não percebeu isso. Chegará o dia em que pessoas de todo o mundo visitarão esses lugares em busca de energia... Os sete lagos Rila são um lugar paradisíaco—é uma de nossas conexões que temos com o cosmos. É por isso que Peter Deunov (Beinsa Douno) costumava visitar os lagos com tanta frequência."
- "Onde fica situado o inferno? Aqui na Terra. Aqui é o inferno. Aqui estão as lutas da vida, os pecados, os fracassos e as quedas. Vocês foram trazidos aqui para se purificar, para que poderem alçar-se para a luz. Chegará um tempo em que as pessoas mudarão dramaticamente—eu já não estarei viva, mas sei que isso acontecerá. Mas todos têm tempos melhores, mais pacíficos e felizes pela frente."

## BABA VANGA ENQUANTO MÉDIUM

O fenómeno de Baba Vanga é apoiado por numerosos factos para os quais a ciência não consegue fornecer provas válidas.

Foi na década de 1960, o professor Georgi Lozanov—ex-diretor do Instituto Búlgaro de Sugestologia, que começou a decidir examinar a atividade incomum de Baba Vanga. Tendo um conhecimento profundo no campo da Parapsicologia, o professor Lozanov juntamente com a sua equipe realizaram uma pesquisa sobre as capacidades de clarividência de Baba Vanga, e enviaram

cartões me busca de feedback para milhares de pessoas que tinham visitado Baba Vanga.

Descobriu-se que mais de 7.000 visitantes relataram a impressionante precisão de todas as previsões que Baba Vanga lhes tinha feito. Analisando cuidadosamente os dados obtidos, os pesquisadores concluíram que cerca de 80% de todas as previsões Baba Vanga se concretizaram a 100%. Além dos cartões de feedback, a equipe de pesquisa também gravou centenas de sessões espirituais de Baba Vanga e produziu um documentário dedicado a ela.

É importante notar que Baba Vanga nem sempre partilhava as previsões em todos os detalhes, pois ela não queria incomodar as pessoas nos casos em que tinha más notícias a revelar. Ela costumava dizer "Se eu contar a algumas pessoas tudo o que vejo e sei, elas vão querer acabar com a vida de uma vez" Algumas das previsões de Baba Vanga são codificadas e só podem ser decodificadas quando os eventos se tornam realidade.

Por exemplo, uma jovem conta a seguinte história após a visita que fez a Baba Vanga: "Durante muitos anos, eu e a minha família vivemos numa casa velha e a cair aos pedaços. Certa vez, perguntei a Baba Vanga se alguma vez chegaríamos a ter uma casa normal como as outras pessoas têm. Baba Vanga disse-me: "Sim, vejo uma casa, mas apenas as janelas, sem a fundação" Não consegui entender o que aquilo queria dizer na altura, então comecei a esperar com ansiedade. Passados cerca de 2 meses, quando estava de volta do trabalho, vi muito fumo e poeira em frente à nossa casa. Descobri que a nossa casa desabara por terem estado mesmo ao lado a construir uma nova casa e os trabalhadores terem minado os alicerces da nossa. De alguma forma inexplicável para mim, poucas das janelas do segundo andar ficaram penduradas, intactas."

Baba Vanga conheceu muitos cientistas, mas na maioria dos casos, ao final da sua sessão espiritual, eles deixavam a sua casa com grande espanto com tudo o que ouviam. Um cientista Soviético muito famoso—Anatoly Michaylov disse "Como entender este milagre? Como é que Vanga estabelece contato com a minha mãe falecida há mais de 10 anos? Será possível que o cérebro morto dela envie informações?"

Para uma conhecida historiadora Búlgara, Baba Vanga falou em detalhes sobre a vida nas terras búlgaras no século XII—como se ela estivesse a ler um livro. O historiador admite que Baba Vanga lhe narrou coisas de que nem ele tinha conhecimento—independentemente do facto de que ele foi considerado o especialista com mais conhecimento daquela época específica.

Muitos cientistas e pesquisadores tentaram explicar em que se baseiam as previsões de Baba Vanga. Ela tem a sua própria interpretação:

"Depois da grande tempestade quando fiquei cega, eu chorava todas as noites e orava a Deus para não me deixar indefesa daquele jeito—um grande fardo para a minha pobre família. Ele ouviu as minhas orações. Este dom é-me dado por Deus! Ele tirou-me a visão humana, mas deu-me outros olhos com os quais posso ver todo o mundo visível e invisível. Acabou por suceder que, da pessoa com deficiência que mais precisava de ajuda, comecei a ajudar todas as outras pessoas que estavam a sofrer e tornei-me no seu apoio e esperança."

A respeito de Deus, Baba Vanga costumava dizer: "Se não for vontade de Deus, vocês não poderão nem mesmo tirar um único fio de cabelo da vossa cabeça."

Assim como todos os outros clarividentes famosos pelo dom que têm de profecia, Baba Vanga também tinha descrentes e céticos que até afirmavam que ela tinha informantes que lhe forneciam informações detalhadas de cada visitante. É claro que muitos cientistas autorizados negaram completamente tais afirmações por causa dos seguintes factos:

Baba Vanga foi visitada por mais de 100.000 pessoas por ano, provenientes de diferentes partes do mundo; algumas das previsões que fez foram para recém-nascidos ou natimortos; ela via e conversava com pessoas que estavam mortas há mais de 200 anos, de que até mesmo os parentes mais próximos não se lembravam muito; ela sabia que remédio ou erva sugerir aos doentes, e então eles saravam completamente—nem mesmo a medicina contemporânea era capaz de ajudar essas pessoas.

Baba Vanga disse: "Chegou a hora de a ciência fazer grandes descobertas no campo da matéria imaterial. Os cientistas descobrirão muitos factos acerca do futuro do nosso planeta e do universo. Eles descobrirão muitas informações nos velhos livros sagrados. Muitos segredos serão descobertos. Muitas antiguidades serão desenterradas."

Quando questionada sobre o que ela via quando uma pessoa se aproximava dela, Baba Vanga dizia: "Quando tenho alguém na minha frente, tenho a sensação de que uma janela se abre na minha cabeça, através da qual vejo imagens da vida da pessoa—ela entra na frente dos meus olhos, como a fita de um filme. Acima de mim, ouço uma voz que me diz o que dizer a essa pessoa."

Em algumas das sessões espirituais de Baba Vanga, especialmente quando ela fazia previsões para eventos mundiais, ela entrava num transe profundo.

Instantaneamente ela começava a se sentir-se mal, ficava pálida e o seu timbre de voz ficava muito diferente e mais possante. As palavras que ela dizia eram palavras e frases que o léxico de Baba Vanga não possui.

Eis um diálogo interessante tido entre Baba Vanga e Krasimira Stoyanova—sua sobrinha:

Pergunta: Você vê rostos específicos—uma aparência, imagem, situação?

Vejo.

Pergunta: Como é que você vê o futuro das diferentes pessoas?

Assim como num filme do cinema.

Pergunta: Você consegue ler os pensamentos das pessoas?

Sim.

Pergunta: A que distância você consegue alcançar esses pensamentos?

A distância não tem importância.

Pergunta: Como consegue ler os pensamentos dos estrangeiros? Existe alguma barreira de idioma?

Não existe barreira de idioma nenhuma.

Pergunta: Você consegue extrair informações de um período específico de tempo e fazer perguntas?

Consigo.

Pergunta: A força das capacidades que tem de clarividência depende da seriedade do problema, bem como da força da personalidade da pessoa que você está a ver?

Depende.

Pergunta: Depende da saúde atual ou condição psicológica da personalidade?

Não.

Pergunta: Se você prevê infortúnio ou morte, isso pode ser mudado ou evitado?

Ninguém consegue evitar esses eventos.

Pergunta: E para grupos, cidades, países inteiros?

Não, não pode ser evitado.

Pergunta: Os eventos de toda a vida humana dependem da força do indivíduo e poderá ele mudar esses eventos?

Não, todo mundo segue um caminho estritamente definido.

Pergunta: Como define o principal problema de cada visitante?

Surge-me uma imagem e eu escuto uma voz.

Pergunta: Você acha que as capacidades de clarividência que tem foram programadas por poderes superiores?

Acho.

Pergunta: Por quem? Você viu-os?

Sim. Eles parecem-se com figuras transparentes—tal como um homem vê o seu reflexo na água.

Pergunta: Eles conseguem materializar-se?

Não.

Pergunta: É desejo da sua parte ou da deles estabelecer um contato?

Geralmente é da parte deles.

Pergunta: Serão os humanos compostos de três matérias interligadas: etérico, físico e mental?

São.

Pergunta: Como é que você vê o falecido?

Com imagem e voz.

Pergunta: Ao falar com uma pessoa falecida, ela faz perguntas ou apenas responde?

Ele/ela faz ambas essas coisas.

Pergunta: A personalidade é mantida depois que morremos?

É.

Pergunta: Como percebe você a morte?

Apenas como um término físico.

Pergunta: O que é mais forte o relacionamento biológico ou espiritual?

O espiritual é mais forte.

## OUTRA ENTREVISTA INTERESSANTE COM BABA VANGA

Entrevistador: Você fala com fantasmas?

Vanga: Muitos vêm e são todos diferentes. Não consigo entender alguns deles, mas os que estão ao meu redor eu entendo.

Entrevistador: Você recorda os detalhes depois de entrar em transe?

Vanga: Não. Não me lembro de quase nada. Depois do transe sinto-me muito exausta para o resto do dia.

Entrevistador: As pessoas tentam mentir-lhe?

Vanga: É muito raro. A maioria das pessoas que me vem ver não se atreve a mentir.

Entrevistador: Você toma remédios?

Vanga: Não, não. Houve apenas uma vez, há muitos anos atrás, em que um médico me receitou alguns comprimidos para a minha pressão arterial. Deixei de os tomar por ter sentido a minha boca a começar a ficar muito seca, não conseguir rodar bem a língua, e ter ficado com muito sono e quando bebia água ela não sabia a água.

Entrevistador: O que você faz para descontrair?

Vanga: Eu apenas fico sossegada. Fecho-me no meu quarto e não quero ver ninguém. Deito-me de costas e fico quieta. Essa é a única coisa que funciona bem para mim.

## EXCERTOS

"Eu vejo-os há cerca de um ano. Eles são transparentes. Eles parecem-se com um reflexo de espelho da água. Eles envergam vestes que lembram uma armadura e que brilha como escamas de peixe. Parece que também há mulheres entre eles. Os cabelos deles parecem algas marinhas e são macios como a penugem de um pato e envolvem-lhes as cabeças como uma auréola. Por vezes, eles têm algo como asas nas costas. Muitas vezes, quando volto para

a minha casa na cidade de Petrich, encontro-os sentados no meu quarto e converso com eles.

"Às vezes, à distância, antes de chegar à porta da frente, ouço sons lentos—algo como uma melodia, como se um coro estivesse a cantar salmos. Dizem que são do planeta Vamfim—ou pelo menos foi isso que percebi, que é o terceiro planeta a contar da Terra. Só não me dizem o terceiro a de que lado, e ao mesmo tempo eu não consigo entendê-los.

"De vez em quando, um deles agarra-me a mão e leva-me para o planeta deles. Caminhamos sobre um solo salpicado de estrelas—como se o pisássemos. Os que me levam até lá movem-se muito rápido, por saltos. Eles vão e depois regressam. No planeta deles tudo é muito, muito bonito. Possui uma natureza maravilhosa que não dá para descrever. Só não sei por que não vi nenhuma casa em lugar algum. Esses seres, ou alienígenas, não sei o que lhes chamar, são muito estritos. Quando falam, as vozes deles soam como um eco. Por vezes, eles colocam algo como tampões de ouvido nos meus ouvidos. No planeta deles, toda a sociedade é extremamente bem organizada e eles trabalham muito. Esses seres estão a dizer-me que sou a ligação mais direta que têm com a Terra. Eles comunicam apenas com algumas outras pessoas no nosso planeta.

"Eles não me permitem que fale sobre o que ouvi ou vi no planeta deles. Uma delas disse-me certa vez: "A gente vem aqui um pouco e depois tem que voltar imediatamente. Não nos faças muitas perguntas, pois é proibido partilhar qualquer informação."

"Um dia, dois deles colocaram duas esculturas aqui na Terra de alguns dos seus homens famosos. Eu conheço o lugar exato, mas não posso partilhar.

"A primeira escultura é de um homem que parece muito pensativo e está a apoiar a cabeça na mão. A outra escultura é novamente de um homem de pé, e que na mão direita segura algo que parece uma pistola. Quando estavam a colocar as esculturas, um dizia ao outro: "Não deveríamos mover as esculturas mais para o lado, para que não sejam vistas pelo homem?" O outro respondeu: "Não te preocupes com isso, os humanos são cegos, não vês?"

"Eu entrei em minha casa e sentei-me no meio do meu quarto, e todos eles se sentaram em círculo ao meu redor. Todos eram homens mais velhos, posso até dizer idosos, que envergavam roupas brilhantes—irradiavam tanta luz, como se todo o meu quarto estivesse a ser iluminado pelo sol. Disseram-me eles: "Levanta-te e escuta, e nós vamos falar-te sobre o futuro. Não tenhas medo de

nada, pois à tua porta tens um guarda—"um indivíduo de ferro." Eles disseram-me que ainda não chegou a hora de eu partilhar aquilo que me revelaram. Citarei apenas o seguinte: "O mundo passará por muitas mudanças. Ele vai sofrer subidas e vai quedas. O equilíbrio será estabelecido quando começarmos a comunicar com os humanos."

Baba Vanga também disse o seguinte com respeito aos contatos que tem com extraterrestres:

"Vocês não o percebem, mas agora está a eclodir um grande movimento de aeronaves nos céus. Normalmente, há três deles a voar. Eles dizem-me: "Prepara-te para um grande evento," mas não me dizem o que é."

"Em todos os planetas do nosso sistema solar existe vida. Em Marte, em Saturno—em todos eles. Encontramo-nos no nível de desenvolvimento mais baixo. Nós no planeta Terra estamos no nível 3. Os seres do Planeta Vermelho encontram-se no nível mais alto. Em Plutão, eles encontram-se no nível 7. Para não falar do nível que os outros alcançaram—no infinito. No nível 26, temos o direito de entrar em contato com o criador. A partir do nível 33, se quisermos podemos "fundir-nos" com o criador. Dessa forma, quanto mais velho o criador fica, mais jovem ele se torna. No planeta Terra existiram civilizações muito mais antigas que a nossa. No espaço, paralelamente ao nosso mundo, existem mentes muito mais desenvolvidas. A nossa civilização humana encontra-se no estágio da infância em termos de desenvolvimento da mente em comparação com outras."

De acordo com Baba Vanga, esses seres estabeleceram algum tipo de hierarquia, por terem superiores que vêm à Terra em raras ocasiões. Eles geralmente vêm anunciar eventos extraordinários, ou quando grandes cataclismos estão para se dar. Nesses casos, Baba Vanga fica pálida, desmaia e a voz dela começa a soar muito diferente—como se não fosse a dela. É muito forte e tem um timbre diferente. As palavras e frases que emprega não têm nada em comum com o léxico do dia-a-dia de Baba Vanga. Tudo parece como se uma mente estranha tivesse incutido Baba Vanga para anunciar, por meio dela, eventos fatídicos à raça humana. Aos seres com os quais está em contato, ela normalmente se refere como "o grande poder" e "o grande espírito."

* * *

"Chegou o momento em que as autoridades descobriram que Baba Vanga é um fenómeno único que contradiz as visões materialistas e ateístas da Bulgária comunista. Ao mesmo tempo, ficou claro que isso não poderá ser ocultado por muito tempo e, mais cedo ou mais tarde, cada vez mais pessoas o descobrirão. O enorme interesse por Baba Vanga poderia ter criado outros problemas graves, razão porque as autoridades decidiram dar-lhe a oportunidade de ajudar as pessoas, na forma de "pesquisa científica" Ela colocava uma placa na porta que dizia: "Tópico. Instituto de Sugestologia"

* * *

"Tal como qualquer ser humano, Baba Vanga tinha as suas próprias fraquezas. Ela ficava bastante nervosa, muito mal-humorada, especialmente quando alguém a irritava. Eu vi-a a sair de casa, ainda sem ter terminado a briga com alguém, e ir para o quintal e começa a regar as flores, ou a fazer jardinagem. O tempo a passar, e todas aquelas centenas de pessoas que à espera do lado de fora da porta a perguntar aos guardas por Baba Vanga, quando ela começava a aceitar as pessoas de novo. Eles nunca apresentaram uma resposta para essa questão, por ninguém poder ordenar a Baba Vanga que desse início às suas leituras, se ela não quisesse. Ela era realmente inesperada em termos de ação e reação"

Dtoyu Stoev

* * *

"Em 1977 fui visitar Baba Vanga, para ela me dizer se eu deveria fazer a cirurgia à minha vesícula biliar—algo que os médicos tinham sugerido. Baba Vanga bradou: "Ah, aqueles médicos, que vergonha. Eles só querem cortar as pessoas— são uns verdadeiros açougueiros. Você não tem pedras nem areia na sua vesícula biliar. Não faça essa cirurgia. Venha aqui ao Rupite, onde existem fontes minerais muito poderosas. Faça banhos regulares neles, beba a água e recuperar-se-á por completo"

Cenka Georgieva

* * *

"Quando ela fazia previsões importantes, para toda a humanidade, ela descrevia-as com muito convencionalismo. Por exemplo: "Protejam o Kursk," "Lembrem-se de Praga", etc.

Pessoalmente, testemunhei histórias mais humildes. Lembro-me de certa vez Dzhagarov me pedir para levar Baba Vanga a Sofia para fazer uma leitura sobre um famoso escritor soviético. Ela não gostava de dormir noutras camas, mas foi.

Éramos quatro pessoas na sala com Baba Vanga—Dzhagarov, o escritor, o secretário de Assuntos Internacionais da União dos Escritores, e eu. A determinado momento, Baba Vanga disse:

"Você é um grande escritor. Este nome que você tem não é seu. O seu pai foi morto na guerra quando você nasceu. A sua mãe casou-se com um homem bom, que lhe deu o nome" O escritor ficou pálido e trêmulo: "Isso é segredo de que só eu e a minha mãe temos conhecimento"

"Ele deu-lhe um copo dourado de presente. A Dzhagarov, Baba Vanga disse que ele tinha que parar de beber, senão morreria de insuficiência renal. Eventualmente, foi exatamente isso o que sucedeu. Ao secretário, Baba Vanga não disse palavra, pois ele era um homem mau.

"Baba Vanga não tinha misericórdia das mulheres. O que ela perdoava aos homens, ela não perdoava às mulheres. Lembro-me de como certa manhã ela afugentou uma bela jovem, que era a primeira da fila. "Tu queres divorciar-te e vens-me pedir conselho. Sai daqui! A próxima da fila é uma mulher de Razgrad. O filho dela está doente—está com um problema real, não tu"

Nikolay Stoyanov

* * *

"Baba Vanga teve muitos problemas com as autoridades antes e depois de 9 de setembro de 1944. Ao czar Boris, ela disse: "Vocês andaram a distribuir o país, mas o vosso poder vai ser reduzido ao tamanho de uma casca de noz. O mundo vai ficar vermelho." Então ela disse-lhe para se recordar da data—26 de Agosto. Ele ficou estático e deixou a casa de Baba Vanga muito confuso. Previsões muito similares foram dadas ao czar Boris por outro clarividente—Lulchev. Em 26 de Agosto, o czar Boris morreu.

Nesses dias, eles também tinham informantes, de modo que trancaram Baba Vanga na prisão em Petrich, porque ela disse que o mundo iria ficar vermelho. O meu pai, que na época estudava Direito, foi falar com o delegado da polícia local e disse-lhe: "Você é louco para acreditar nas palavras de uma cega. O mundo inteiro vai rir de si" Depois dessa reunião, eles soltaram a minha tia

(Baba Vanga). Após o 9 de Setembro, as autoridades ficaram ainda piores e mais perversas com ela"

Pergunta - "Baba Vanga foi colocada sob escuta?"

"Foi, e ela sabia muito bem que estava a ser escutada. A casa estava cheia de microfones. Quando ela queria contar a alguém algo mais especial, pedia que ele para ir dar um passeio pelo jardim. Como ela estava a fazer leituras fenomenais que não podiam ser explicadas pela ciência, a certa altura as autoridades decidiram "legalizar" o trabalho dela dispensando-lhe guardas e estabelecendo uma organização para gerir as marcações. Ela chegou a receber um salário de 136 levs (cerca de US $110) e foi funcionária do governo municipal. Eles também permitiram que cientistas como o PhD George Lozanov e PhD Shipkovenski a examinassem"

Nikolay Stoyanov

## ANALISANDO AS PRÁTICAS DE CURA DE BABA VANGA

## ERVAS — OUTRAS CURAS — RITUAIS

Sem ser uma herbalista e sem ter qualquer treino formal em fitoterapia, Baba Vanga conseguiu curar com sucesso, com ervas e outros procedimentos, milhares, senão centenas de milhares de pessoas. Caso contrário, ela não seria conhecida em todos os lugares como profetisa e curandeira, e as pessoas diriam: "Em Petrich há uma vigarista" Em vez disso, as pessoas costumavam dizer: "Existe uma santa lá em Petrich"

Vale a pena pensar no caso de Baba Vanga. Na verdade, o conhecimento da cura com ervas foi passado de geração em geração. Mas qual foi a primeira geração que efetivamente adquiriu esse conhecimento? Quem foi a primeira pessoa que possuiu a capacidade de curar? Não existiu essa primeira pessoa. Existe apenas esta experiência humana de um milênio. As pessoas colhiam e usavam gramíneas, raízes, galhos — alguns recuperavam, outros eram envenenados.

Mas além do conhecimento empírico de tentativa e erro, havia outro factor importante. Aqueles que passaram para a eternidade partilhavam a sua experiência. E tem havido pessoas com percepções extra-sensoriais desde a antiguidade. Poderosos videntes que captam os sinais: "Esta erva é venenosa, cuidado" ou "Esta erva pode curar isto e aquilo" Os psíquicos que começaram a

curar com ervas passavam os seus conhecimentos aos seus ancestrais e assim o herbalismo (filoterapia) se tornou cada vez mais popular com o passar dos tempos. Baba Vanga não tinha nenhum conhecimento transmitido dos seus predecessores. Ela usava o mecanismo desde o início da humanidade. Ela adquiriu esse conhecimento diretamente dos Seres Incorpóreos Inteligentes.

Baba Vanga costumava curar não só com ervas, mas também com outros produtos, como cebola, batata ralada, milho, folhas de nogueira, clara de ovo, óleo de girassol, vinagre, cera de abelha e assim. Até mesmo com pele de rã! A informação quanto ao que recomendar exatamente ao visitante ela recebia da mesma forma que podia "ver" a erva exata necessária. No livro de Krassimira Stoyanova "A verdade sobre Baba Vanga," há uma lista detalhada das diferentes doenças tratadas com as receitas de cura de Baba Vanga. Os casos de cura listados abaixo são extraídos do mesmo livro.

(1) Quando o professor Atanas Maleev proibiu pessoalmente Baba Vanga de curar por haver médicos que podiam curar todas as doenças (??!), ela acatou a ordem, mas uma vez, sucedeu o seguinte com o sobrinho de 5 anos dela, Dimitar. Após uma infeção de varicela, apareceu-lhe uma pequena forma semelhante a um grão no canto do olho esquerdo. O médico recomendou que levassem o menino ao hospital regional em Blagoevgrad. Baba Vanga decidiu ir para lá junto com a irmã e a criança. Na noite anterior à viagem, no entanto, ela disse a Lyubka para derreter um pouco de cera de abelha, fazer uma massa, deixá-la esfriar e colocá-la sobre o grão como um emplastro. Pela manhã, quando retiraram o gesso, a forma granulosa estava colada nele com uma raiz, do tamanho de meio palito de fósforo. (!!!)

(2) E agora aqui está um exemplo de como Baba Vanga poupou um jovem à amputação de uma perna. Foi nesse caso que a pele da rã ajudou! Um operador de escavadeira arranhou o joelho enquanto drenava um pântano. A perna começou a empolar e a ganhar pus. Os médicos disseram que a perna precisava ser amputada. Baba Vanga recomendou o seguinte: descubra uma rã, se possível no local onde se deu o acidente, esfole-a e coloque a pele sobre a ferida. O homem fez o que ela mandou, dormiu dois dias e duas noites sem acordar e, quando acordou, o curativo havia caído do joelho e nele havia algo semelhante a um ferrão branco, de 10 centímetros de comprimento. Numa semana, a ferida cicatrizou completamente.

Bem, como poderíamos não dizer que Baba Vanga é uma santa. Apesar dos cérebros amputados e dogmatismo religioso!

(3) M.T. de Petrich tinha uma verruga na mão que lhe estava a atrapalhar o trabalho. Um dia ela arranhou-a por acidente. Passada uma semana, começaram a aparecer-lhe verrugas semelhantes por todo o corpo da mulher. Baba Vanga disse à mulher para procurar a erva que bifurca (NT: Forking larkspur, ou Consolida Regalis, ou ainda Esporas Bravas) para a secar e transformar em pó e depois aplicá-la na primeira verruga. Depois disso, todas as outras verrugas desapareceram.

(4) Há muitos anos K.B. teve hemorróidas internas. Baba Vanga disse-lhe para procurar visco comum (NT: Viscum álbum, ou Erva de Passarinho, cujo extrato demonstrou a capacidade de matar as células cancerígenas in vitro), que crescia em pinheiros (uma espécie de planta parasita, cujas sementes se prendem à casca de diferentes árvores e se desenvolvem apenas aí), para esmagar alguns galhos secos da planta, coloca-los num copo de água e beber essa água todas as manhãs. As hemorróidas desapareceram.

(5) Baba Vanga recomendou a um jovem que estava com leucemia que bebesse a água de grãos fervidos de trigo, milho, aveia, centeio e painço. Depois de algum tempo, o homem ligou-lhe e disse que estava a sentir-se muito bem e que engordara 5 quilos.

(6) Baba Vanga ajudou um jovem médico a livrar-se de algumas erupções persistentes, dizendo-lhe para beber uma decocção (fervido) de sementes de vetch (NT: Vícia sativa, ou Erva De Florescência).

(7) A.P. de Sandanski foi curado da forma inicial de diabetes da seguinte maneira. Ele trouxe a Baba Vanga cerca de 3 quilos de vagens de feijão maduro. Baba Vanga pegou neles durante algum tempo nas mãos e então disse-lhe para ferver os frutos e beber um copo da decocção todas as manhãs antes de comer.

Este último caso, em que Baba Vanga segurou as vagens de feijão nas mãos, abre a porta para mais uma das suas práticas de cura, da qual falam muito pouco aqueles que têm opinião positiva sobre a profetisa. Em capítulos posteriores, classificamos os fenómenos não tradicionais em três categorias principais. A segunda categoria foi denominada *indução extraordinária*. Inclui fenómenos como: transmissão intencional de pensamentos, bioterapia, cirurgia Tibetana, psicocinesia, levitação, materialização e desmaterialização, teletransporte e magia. De um modo geral, são fenómenos nos quais, por meio da concentração mental, se cria uma forma-pensamento ou se modula a

energia informativa do próprio campo astral ou de outrem. Por sua vez, o campo astral tem um efeito organizador sobre a matéria física.

Até mesmo aqueles espíritos mais abertos para o não-tradicional, que reconhecem quase todos os "milagres," incluindo profecias, levitação e teletransporte, são bastante reservados quando se trata de aceitar a magia. E isso é sensato. Infelizmente, a própria palavra "magia" já se encontra corrompida. Isso é compreensível, tendo em vista o contexto histórico e os abusos monstruosos da magia negra, que ainda hoje se manifestam. Mas a magia também tem um aspeto muito positivo. Nestes casos, é chamada de magia branca e por vezes pode salvar vidas.

Para lhes apresentar alguns factos, mencionarei brevemente duas tribos que viviam nas montanhas Azuis (Nilgiri), no sul da Índia, que Helena Blavatsky estudou em 1883: Os Toda (altos, bem constituídos, nobres) e Moulou Kouroumbs (baixos, anões—maus) (A palavra "kouroumban" é de origem Tamil e significa um anão). Se um Molou Kouroumb se ofendesse ou se sentisse lesado nos seus interesses, ele fixava o olhar durante um longo tempo na pessoa considerada vítima. A pobre pessoa faleceria em duas semanas em resultado de uma disfunção hepática. Um exemplo típico de magia negra! Essa magia só podia ser neutralizada pelos Toda, se uma pessoa procurasse a sua ajuda na hora certa. Essa era a ação de salvação!

Podemos grosso modo definir a magia como criação por parte do criador de uma impressão informativa sustentável no plano mental—um resultado da visualização, invocação de Seres Incorpóreos Inteligentes e de ações ritualísticas simbólicas. A impressão informativa pode estabelecer conexão com a psique da pessoa à qual a magia se destina e pode então afetar-lhe o corpo mental e astral. Em resultado, também pode afetar-lhe o corpo
físico. Consequentemente, não é de surpreender que a magia possa causar modificações psicossomáticas ou apenas causar impato na psique.

O impato na psique e no corpo físico pode ser construtivo e estimulante (como com a magia branca) ou podem suprimir as funções do corpo e agir destrutivamente (como com a magia negra). Em muitos casos, porém, a magia nada mais é do que sugestão mental (positiva ou negativa). Por exemplo, para um efeito terapêutico positivo, um bom mago pode, segundo o próprio critério, se a situação permitir e se o paciente estiver sujeito a influências, prescrever algo como um "placebo" Esse é um exemplo típico de como a mente pode afetar o corpo simplesmente pela forte crença no efeito positivo do tratamento.

No caso em que Baba Vanga segurava as vagens de feijão, se ela pretendia curar por sugestão, só podia ser confirmado apenas pela observação no momento por um especialista teosofista detentor de sensações não físicas bem desenvolvidas, ou por avaliação instrumental de uma possível emanação das mãos de Baba Vanga. Está cientificamente comprovado que fotões ultravioleta irradiam das palmas das mãos e dos dedos de pessoas com habilidades extrassensoriais, quando estão a trabalhar.

Esses fotões têm um efeito altamente estimulante no metabolismo do sujeito e na estruturação da água nos tecidos, o que tem um enorme efeito sobre os processos biológicos. Essa é a razão por que, quando uma pessoa com habilidades extrassensoriais, segura um pouco de água ou comida nas suas mãos, isso pode emanar poder de cura. Mas Baba Vanga não se limitava a influenciar os produtos. Ela podia realizar ações mágicas no verdadeiro sentido da palavra. Vamos chamar-lhe de rituais, a fim de evitar a polémica carga semântica da palavra "magia" Além disso, a própria Baba Vanga disse diversas vezes: "Eu não faço magia, não pratico essas coisas"

Aqui estão as palavras da sua sobrinha (Stoyanova, em 1996): "No entanto, às vezes ela recomendava outras formas de cura. Formas estranhas, ilógicas e inexplicáveis. Foi exatamente por causa dessas coisas que as capacidades de Baba Vanga foram ferozmente negadas por parte do conhecimento médico oficial, que afirmava que ela era uma bruxa e uma vigarista habilidosa. Tais definições ofendiam-me, porque, quaisquer que tenham sido os métodos que Baba Vanga, empregou durante os quase 50 anos de prática, eles nunca fizeram mal a uma única pessoa"

(8) Krassimira Stoyanova dá alguns exemplos a esse respeito. Eis um deles:

Para as mulheres que tiveram filhos natimortos, Baba Vanga recomendava que, na gravidez seguinte, trouxessem uma nova boneca, um cobertor de bebé e uma banheira de bebé. Ela segurava-as nas mãos por um ou dois minutos e então dizia-lhes para realizar o seguinte procedimento. Na primeira noite, a mulher devia enrolar o cobertor do bebé em volta da cintura, na noite seguinte ela devia enrolar o cobertor em volta da boneca. Isso devia ser repetido três vezes. Depois que o bebé nascesse, ela dava dar banho apenas nessa banheira. Normalmente, após esses procedimentos, as mulheres tinham filhos saudáveis, que cresciam e se desenvolviam bem.

O mesmo procedimento, desta vez realizado pela própria Baba Vanga, é descrito por Velitchka Yaneva de Kardzhali a Zheni Kostadinova:

A minha irmã mais nova não conseguia engravidar—no quarto mês de gravidez o seu corpo rejeitava o feto. Quando fomos a Baba Vanga, ela pediu à minha irmã para, quando engravidasse novamente, voltasse a ela, no quarto mês, e trouxesse uma boneca e um cobertor de bebé. Lembro-me dessa cena com toda a clareza—de joelhos, Baba Vanga enrolou e desembrulhou o cobertor em volta da boneca, falando algo para si própria, com suor a escorrer. Então, levantou-se e disse: "Agora está ligado! O nascimento será realizado e nascerá saudável; quando tiver quatro meses, traz-mo para que eu possa batizá-lo." No dia 9 de Dezembro 1970 a minha irmã deu à luz um menino. . .

(9) E eis aqui mais um exemplo de um "ritual," descrito por Stoyanova:

A um visitante que urinava durante a noite, embora já fosse crescido, Baba Vanga recomendou que lhe trouxesse um rim de porco. Depois de segurar nele nas mãos durante um tempo, ela pediu-lhe que fizesse o seguinte: devia amarrar aquele rim à cintura, pegar duas garrafas vazias de casa e enchê-las com água da pia que havia no jardim. Depois disso, ele deveria beber essa água, longe da pia, retirar o rim e enterrá-lo bem longe, em algum prado. O homem foi instantaneamente curado.

A interpretação que eu faria do caso (8) é a seguinte. Eu começaria de longe, mencionando alguns factos sobre a bioterapia. Pode ser realizada por meio de dois mecanismos. 1) Pela concentração do pensamento, o curador modula num nível informacional o seu corpo astral, que por sua vez afeta estruturalmente os planos físicos do organismo. O resultado é uma irradiação deliberada (nos espectros ultravioleta, ótico e infravermelho) dos dedos e das palmas do bioterapeuta. Além disso, o bioterapeuta pode utilizar os campos magnético, elétrico e acústico para fins de cura.

Mas também pode afetar diretamente o corpo astral do paciente, através do seu próprio corpo astral ativo. O efeito é uma ativação focal do metabolismo do paciente, um aumento de seu balanço energético e estimulação do seu sistema nervoso central com todos os efeitos subsequentes. 2) Ao agir de uma longa distância (mas também na proximidade) por meio da concentração do pensamento, o curador pode enviar uma forma-pensamento, representando uma onda de pensamento alterada num nível informacional (em termos psicotrónicos—uma onda psy). Dessa forma, eles modulam o campo mental do paciente num nível informativo e, a partir daí, no campo astral, restaurando o movimento adequado de energia através dos chakras e dos principais canais

biológicos do paciente. Em resultado, o corpo físico do paciente também é afetado positivamente.

É claro que, pelos mesmos mecanismos, se no lugar do bio-terapeuta houvesse um mago negro, as mudanças na psique e no corpo da pessoa que sofre a ação poderiam ser negativas. Mas os magos negros não influenciam dessa forma, porque são seres dotados de baixa espiritualidade e não têm capacidade de agir a nível mental. Em vez disso, eles geralmente usam outros métodos inaceitáveis, como a invocação de Seres Incorpóreos Inteligentes, que residem nos níveis mais baixos do plano astral. São "seres" que prontamente aceitam fazer o "trabalho sujo," já que costumavam ser criminosos na sua vida terrena.

Conforme já explicamos, as pessoas nobres, honestas e honradas estão sempre rodeadas por um círculo de Seres Incorpóreos Inteligentes dos reinos superiores do mundo astral, e de acordo com o nível espiritual da pessoa—também de Seres Incorpóreos Inteligentes oriundos dos mundos mentais e superiores, que atuam como um escudo contra os Seres Incorpóreos Inteligentes do mal.

Mas como funciona a magia branca? Os Seres Incorpóreos Inteligentes comuns, ao que parece, não conseguem ter impato direto sobre os humanos, por a sua energia astral ser insuficiente e a sua "essência" astral não ser tão densa quanto a dos seres de posição inferior. Então, o mago branco não invoca Seres Incorpóreos Inteligentes, por ser uma pessoa com um biocampo psíquico próprio muito forte e provavelmente ser capaz de agir de forma semelhante aos bioterapeutas.

Mas se uma pessoa nobre e de boa índole (como Baba Vanga), que não apresente as capacidades de um mago, quisesse realizar um ato de magia, ela precisaria usar uma oração forte, que poderia atrair Seres Incorpóreos Inteligentes de uma classe, que possui uma energia consideravelmente mais forte. Isso era provavelmente o que Baba Vanga costumava fazer. Ela não tinha as habilidades específicas que Juna tinha, de influência direta, e podia recorrer a duas opções: magia por meio da oração ou magia por sugestão.

No caso das mulheres com bebés natimortos, o facto de Baba Vanga segurar os objetos rituais nas mãos destinava-se a operar uma sugestão (por esses não serem produtos biológicos). Ao mesmo tempo, porém, ela provavelmente dirigia uma forma-pensamento muito forte a Deus (que era capturada pelas "forças" com as quais ela estava em contato). Dessa forma, os Seres Incorpóreos Inteligentes Superiores, que capturavam a impressão informativa, poderiam vir ajudar.

Quando a mulher enrolava o cobertor do bebé à cintura, provavelmente isso poderia causar alterações no nível astral e biofísico do seu organismo, desde que o problema fosse de origem funcional. O cobertor em si não era milagroso, mas servia como um "ponto focal" para os seres mais elevados sem corpo concentrarem a sua energia modulada de informação. O embrulho da boneca com o cobertor era uma espécie de ação simbólica para gerar e dar à luz uma criança saudável. Esse símbolo podia ampliar por ressonância as ações dos Seres Incorpóreos Inteligentes.

Em especial no caso evocado por Velitchka Yaneva, quando Baba Vanga enrolava e desembrulhava o cobertor em volta da boneca, ela provavelmente fazia uma oração muito forte; e o facto de ela ficar a suar profusamente podia ficar a dever-se ao uso extremo de energia mental necessária para a visualização. No final do ritual, quando Baba Vanga disse: "Ele está ligado," ela provavelmente recebeu uma resposta dos Seres Incorpóreos Inteligentes de que o seu pedido seria executado.

Esses rituais, entretanto, podem ser interpretados como operando no nível da sugestão pura. Se uma mulher já tiver tido um filho natimorto, provavelmente ficará muito nervosa na sua gravidez seguinte. Essa apreensão a um nível psicológico levaria a um desequilíbrio no funcionamento do seu sistema nervoso, à interrupção do seu metabolismo. O que, por sua vez, teria um efeito negativo no feto. Incentivada pela "magia" de Baba Vanga, a mulher aceitaria a nova gravidez com calma e confiança, e isso seria fundamental para o desenvolvimento normal da gravidez e do nascimento.

Na minha opinião, no caso (9) o mecanismo é de pura sugestão e isso é apoiado pelo facto de que "o homem foi curado instantaneamente" Provavelmente, esse homem estava preocupado. Se o incidente aconteceu uma vez, ele começou a ficar preocupado com o que poderia acontecer sempre, e começava a acontecer devido à sua autossugestão negativa. Baba Vanga conseguiu quebrar esse círculo vicioso distraindo a atenção do homem com as ações rituais que ela pediu que ele fizesse e, principalmente, garantindo-lhe que isso ajudaria.

Sim, Baba Vanga era de facto uma boa psicóloga, como diriam muitos daqueles que a conheciam bem!

Svetla Todorova

## Sobre a autora

Svetla Todorova terminou com distinção a Universidade do Governo de Sofia com especialização em física atómica. Ela trabalha como cientista sénior na Academia de Ciências da Bulgária. Ela tem feito contribuições muito originais nos campos da modelagem matemática e dos processos biológicos. É autora e co-autora de muitos livros e publicações científicas, que foram publicados em algumas das revistas mais prestigiadas do mundo.

## MÁXIMAS DE BABA VANGA

- Deus é um só—independentemente do que as pessoas lhe chamam. Diante de Deus todos somos iguais.
- Eu não falo—é Deus que o faz! Esta é a voz de Deus, a voz do mundo.
- Existe um Deus. Se ficarem em silêncio as pedras também falarão de Deus. Tal como o cego sabe que existe luz, o aleijado sabe que há quem seja saudável, do mesmo modo os saudáveis deviam saber que existe um Deus.
- Há mais de quarenta anos que entro em transe profundo e jamais vi a pessoa de Deus nem de Cristo, mas sei que Deus é fogo e luz!
- Deus é um orbe luminoso—ele não tem rosto nem uma imagem específica.
- Vós não acreditais em Deus, e ao mesmo tempo quereis que Deus vos auxilie. Se não tiverem fé em Deus não me venham visitar por não ser eu—mas Deus quem vos ajuda.
- Se tiverdes cometido um pecado, vão fazer uma visita a uma igreja quando num dia de grande celebração. Acendam uma vela e levem uma dádiva; uma toalha de mesa, um lençol da cama, uma toalha, uma carpete... Deem algo à igreja. Tornem-se humilde e orem por que Deus vos perdoe o pecado.
- Se não tiverem uma igreja por perto, o céu também constitui uma igreja. Saiam a céu aberto e abram o vosso espírito numa oração, e agradeçam a Deus.
- Vós carregais a igreja em vós próprios. Todo ser humano tem Deus na alma.

- Reforçai a vossa fé, amem-se uns aos outros, e sejam bons uns para com os outros—sem essas três coisas não haverá progresso em coisa nenhuma.
- Todos os apóstolos se acham ativos, todos os apóstolos voltaram à Terra, por a hora do Espírito Santo ter chegado. A missão mais importante encontra-se sobre os ombros do apóstolo Andrey. Ele prepara o caminho para Jesus Cristo, da forma que ele ordenou.
- Jesus voltará à Terra uma vez mais em vestes brancas. Está a chegar o tempo em que certa gente começa a sentir o retorno de Jesus Cristo no coração.
- Nos Himalaias agora pregam o novo Messias. Ele há de vir em meados do novo século. Uma nova era está a chegar. As Plêiades estão a pensar mais em nós. Alguns deles já se encontram aqui entre nós, e alguns veem-nos.
- Precisamos amar-nos uns aos outros e ser bons uns para com os outros para podermos sobreviver. Se não chegarmos à razão em nós próprios e não percebermos isso, as leis impiedosas do universo forçar-nos-ão a aprender a fazê-lo, mas então será tarde e pagaremos um enorme preço.
- Não busquem a retribuição—mais cedo ou mais tarde toda a gente paga pelos seus atos.
- Não julgueis os outros—não têm esse direito. Somente Deus pode ser o juiz.
- Se vocês dão enquanto estão a viver esta vida, isso ser-lhes-á devolvido no além. Se tiverem duas maças e derem uma a outro indivíduo, essa maçã está à vossa espera quando tiverem falecido. Se nada tiverem dado não esperem receber nada no mundo do além.
- Muita gente sofre, por carecer da capacidade de esquecer dos tempos difíceis e instantes da vida, e também por não conseguirem perdoar aos outros.
- A pobreza assemelha-se a uma flor, não se contentem com uma enorme riqueza. A pobreza dá-lhes a oportunidade de desfrutar de momentos felizes com os vossos filhos, amigos e parentes. A riqueza contribui para um padecimento da alma.

- Vocês jamais serão felizes e financeiramente estáveis se não estiverem a fazer o trabalho que mais se lhe adequar. Precisam descobrir o que é que gostam mais de fazer, e fazê-lo. Não se deixem escravizar pela "moda" de fazer aquilo que rende mais, nem sigam os conselhos dos outros.
- Quem quer que esteja a roubar, esse há de clamar por saúde.
- Não peçam muito—não conseguem pagar o preço.
- Há quem tenha nascido só para colher felicidade. Um é um excelente trabalhador mas não tem paz na família; outro tem ambas as coisas, mas carece de saúde. Um terceiro é saudável, mas os filhos são enfermos etc., etc. Em todo homem há bom e mau. É assim que as pessoas e o mundo foram feitos. A paciência é um dever. O planeta Terra quer receber uma dádiva; por isso viemos viver nele. À Terra pagamos os nossos impostos, tal qual pagamos os impostos pelas nossas habitações. Toda a gente paga. Há muito tempo que vi como o mundo é organizado
- Trabalhem pela manhã e pela tarde, mas não pela noite. Pela noite os poderes universais não ajudam, e sem a sua ajuda, nada de grandioso poderá resultar.
- Não durmam no chão nem muito próximo do chão. Os espíritos inferiores estão aí, e podem obcecá-los.
- Jamais recusem servir de padrinhos de batismo nem de casamento—é um ato de Deus.
- Não se casem aos Sábados—esse é o dia dos mortos. Se quiserem fazer uma celebração, façam-na ao Domingo— o dia de deus.
- Fazer novas amizades é excelente, mas jamais esqueçam as antigas.
- O Planeta Terra é nossa Mãe. Protejam-na, respeitem-na. A mãe natureza alimenta-nos, mas também sofre por nossa causa e é por isso que castiga as pessoas quando ela cruzam uma certa linha. A mãe terra pode punir com severidade.
- Vocês estão a envenenar a natureza, estão a dar de comer aos vossos filhos comida envenenada, e depois veem a mim com queixas de como contraem cancros, e de como novas doenças aparecem. . . Usem a cabeça enquanto ainda há tempo, ou sofrerão mais.

- Não colham as flores. Quando as observam e as acarinham contraem alívio, similar àquele que sentem quando tomam banho. Quando colhem as flores não percebem que elas “choram”. . . É dito para colherem um ramo de uma árvore ou um lilás embora haja outras flores. Que triste colher uma tulipa ou uma campânula-branca - é como se uma mãe perdesse um filho. . . As plantas falam comigo, mas são tantas, e eu consigo lembrar tão pouco.
- As flores são organismos vivos que irradiam energia e transmitem vigor. A julgar pela forma como crescem e florescem na casa onde são colocadas, pode-se ver se há amor e harmonia nessa família.
- Não ofereçam flores apanhadas de presente—estão a levar tristeza às pessoas. Uma flor colhida chora como uma criança.
- O mundo começou pelas ervas e há de acabar com elas. As pessoas deviam usar ervas que encontram na sua terra no tratamento dos seus problemas de saúde. Foi assim que foi determinado; que todos curassem as suas doenças com as próprias ervas.
- Os medicamentos sintéticos fecham a porta pela qual a natureza através das suas ervas podem curar o organismo doente. Para toda a doença há uma erva.
- A mãe natureza tem a resposta para que todos se curem. Leiam a linguagem da natureza—Deus fala através dela.
- Não usem exageradamente fertilizantes e químicos. A comida está a ser envenenada e a natureza está a sufocar.
- O planeta Terra é um organismo vivo. Não o irritem. Estudem a sua linguagem e as suas leis e observem-nas estritamente se quiserem viver melhor e mais tempo. Se forem cuidadosos com ela, ela dar-lhes-á muito. Se a deixarem irritada, ela castigá-los-á já que é mais forte do que vós. Há muitos anos que tenho entrado em transe profundo—há cidades enterradas bem fundo me resultado de desastres naturais. . . Quantas civilizações desapareceram.
- Leiam a linguagem da mãe terra—a noz parece-se com um cérebro, os feijões assemelham-se a rins. . . . há cura para todos.
- Jamais armem brigas por causa de questões imobiliárias. Aquelas casas que não tiverem amor e paz nelas - o fogo há de destruí-las.

- A família constitui uma união sagrada - homem e mulher devem unir-se num organismo. Numa casa o galo deve cantar — a voz do homem precisa ser escutada.
- Não há nada mais precioso do que as mães. Nem um homem, nem um filho nem irmão. As mães constituem a maior proteção. . . Jamais deixem a vossa mãe sem auxílio quando ficar velha.
- As mulheres são um espelho dos maridos, a casa é um espelho da mulher, os filhos são um espelho de ambos os pais.
- Ao darem à luz, precisam saber que não pertencem mais a vós próprias. Pertencem aos vossos filhos—estão a dar vida pela qual são responsáveis.
- Deem á luz enquanto ainda são novas, enquanto o vosso organismo é salutar e possui vigor. Dar à luz numa idade avançada aumenta os defeitos de nascença e torna-se muito mais difícil de criar a criança.
- A mãe que não deu à luz é ainda mãe. Se forem estéreis, adotem uma criança. Criem-na, eduquem-na, assegurem-se de que casa e acima de tudo—façam dele um bom homem ou mulher. Isso é o mais importante.
- Vocês não passam a ser mães só por terem dado à luz—são mães quando conseguem criar e educar uma criança.
- Se uma mulher não der à luz isso é errado. É duplamente pior se não criar o próprio filho ou filha.
- Se passarem sete ou oito anos e não conseguirem engravidar, adotem uma criança. Aí as mães acalmam psicologicamente e a natureza materna pode recompensa-las com um filho próprio.
- Não se divorciem, não se separem um do outro, por os vossos filhos sofrerem enormemente, e vocês não descobrirem a verdadeira felicidade.
- Jamais abandonem os vossos filhos—vós e os vossos filhos estarão condenados a sofrer. As mães que abandonam os filhos carregam com uma enorme pedra de moinho ao pescoço.
- Todos vivemos tempos difíceis atualmente. As pessoas não têm muito em comum umas com as outras As mães dão à luz, mas não têm leite suficiente para amamentar os filhos. Dizem que é por ficarem nervosas. Não é isso. É simplesmente por as crianças nada terem em comum com

as suas mães—elas simplesmente veem a este mundo por intermédio delas. As crianças não obtêm nada das suas mães—nem leite nem carinho de mãe.

- Elas enviam-nas para as creches quando ainda são muito pequenas, à noite põem-nas no berço para dormirem em separado, e as crianças raramente veem o sorriso do rosto da mãe. As mães sentem-se infelizes por os seus maridos as não respeitarem o suficiente. Por outro lado, os maridos pensam que casaram simplesmente por que tinham que o fazer—seguir a tradição. Os velhos são infelizes por não serem respeitados pelos novos. Ninguém tem amizade por ninguém; agora as pessoas só se interessam pelo dinheiro—tudo irá na perfeição. Não sabem que um dia o dinheiro nada fará por elas.
- Não se amedrontem com as doenças—tenham fé. O mais saudável dos indivíduos morrerá mais cedo caso não tenha fé.
- Os medicamentos modernos fazem milagres, mas Deus também os faz.
- Deus legou a dor, mas Deus também legou ervas da natureza.
- Descontraia, viva a sua vida e cante. Quando me sinto cansada demais e quero relaxar de todas essas centenas de visitantes, começo a cantar.
- Se sofrerem de exostose (NT: Excrescência óssea anormal) usem regularmente roupas de lã.
- O cancro é um bacilo—olhem para ele—ele está a rastejar pela mesa!
- Um Búlgaro há de fazer parte da equipe que vier a descobrir a cura para o cancro.
- A cura do cancro será feita a partir do ferro.
- Há dois tipos de doenças—uma que é tratada com remédios caseiros, outra com medicamentos farmacêuticos. Conhecer o diagnóstico exato é sobremodo importante.
- Não se exponham regularmente às correntes de ar, não fiquem em locais húmidos, não bebam água demasiado gelada. A maior parte das doenças tem início por demasiada exposição ao frio ou à humidade.
- Aqueles que são nervosos, que se sentem constantemente assustados com isto ou aquilo—não são doentes. Padecem de uma condição mental.

Deviam fazer uma visita a um neurologista, ou descontrair me banhos minerais e piscinas. Não podem viver no medo constante.

- A epilepsia é desencadeada em resultado do medo. Não se preocupem, a medicina moderna desenvolveu pastilhas para essa doença. Pouco a pouco com os anos a epilepsia desaparecerá por si.
- Gente, porque é que fumam? Se isso fosse bom para a saúde, os homens e as mulheres teriam chaminés no lugar da cabeça. Parem de fumar, e vivam uma vida mais longa e saudável.
- Não há nada mais pavoroso que o desespero. Essa é uma das piores doenças. Não há cura para o desespero—ele há de corroê-los de dentro para fora.
- Que coisa é a sida? Uma doença sexualmente transmitida—eles enviam-nos isto de cima, para que percebamos o quão pecaminosos somos. Hão de morrer milhões vitimados pela sida antes que uma cura seja descoberta.

## PENIO POPOV

Em 1972, a minha esposa Bogdanka fez uma cirurgia para remover um tumor na cabeça. No mesmo ano, a minha irmã Stoyanka também passou por uma cirurgia difícil à glândula do timo. Eu queria ajudar tanto quanto me fosse possível—pois essas eram as pessoas mais próximas e queridas que eu tinha. Fui a muitos hospitais diferentes, entrei em contato com médicos famosos, mas não encontrei esperança.

Por fim, fui visitar Baba Vanga pessoalmente. A minha irmã estava a sentir-se um pouco melhor e decidiu vir comigo. Sabíamos de antemão que Baba Vanga precisava que levássemos açúcar para poder prever os nossos destinos. Colocamos cubos de açúcar sob o travesseiro da minha esposa, sob o da minha irmã, sob o meu e sob o travesseiro do meu filho. Ele gaguejava desde o jardim-de-infância, por ter ficado com medo ao ver a cabeça de um urso.

Chegamos em Petrich e ficamos à espera com as centenas de pessoas que já lá estavam. Havia um homem que tinha chegado antes de nós que andava nervosamente para frente e para trás e olhava regularmente para a porta pela qual se entrava na casa de Baba Vanga. Passado pouco tempo, Baba Vanga

apareceu e disse: —O homem que precisa saber o que será o seu 5º filho, por os seus outros 4 filhos serem todos meninas... neste instante a sua esposa deu à luz um menino! O homem agradeceu do fundo do coração e correu rapidamente de regresso. No dia seguinte, ele voltou lá para dar um presente a Baba Vanga.

No terceiro dia da nossa chegada, Baba Vanga acolheu-nos. —O irmão e a irmã podem vir— o irmão de Ruse e a irmã de Byala.

A minha irmã entrou primeiro, mas eu fiquei perto da entrada, pelo que pude ouvir toda a conversa.

- De que doença se queixa? —foram as primeiras palavras de Baba Vanga. A minha irmã explicou detalhadamente e de seguida perguntou: —Terei cura? A minha filha logo vai ter um filho—poderei ajudá-la a criar o filho?

- Vai sim, você vai—disse Baba Vanga. Em seguida, ela proferiu algumas outras palavras calmantes e a mandou-a consultar um médico em Sofia.

Então seguiu-se a minha vez—Baba Vanga pegou nos cubos de açúcar e perguntou-me:

- De quem é esse açúcar?

- É da minha mulher—disse eu.

- Do que é que ela está padece?

- Ela tem um tumor na cabeça—do lado esquerdo. Há cerca de 10 anos, antes de fazer a cirurgia, uma colega dela, da fábrica, bateu com a cabeça por acidente... ela vai ficar bem?

Baba Vanga parou um pouco e disse:

- Ela vai viver, ela vai viver—disse devagar, e como que num devaneio. Passados alguns momentos, ouvi-a dizer algo para si própria: Eh Bogadnka, Bogdanka, onde foi que você arranjou essa doença cruel?

Comecei a chorar e ela interrompeu-me:

- Não chore agora, há tempo para isso.

Então eu dei-lhe o açúcar do meu filho, e então com uma voz alegre ela disse:

- O que há de errado com o seu filho? Ele será muito dotado de habilidades e conhecimentos—ele terá uma vida boa.

Eu disse-lhe que ele gaguejava:

- Em 2-3 meses, o seu filho entrará na puberdade. A gagueira desaparecerá por si só.

Foi exatamente assim que aconteceu.

Então eu dei-lhe o meu açúcar e Baba Vanga me disse para cuidar do meu coração e me lavar regularmente com água do rio. Naquela época, eu tinha um coração saudável, mas hoje tenho uma doença cardíaca.

Enquanto voltávamos para casa, pensava em todas as previsões que essa profetisa cega que viu o nosso passado e futuro nos contou.

Assim que entrei em casa, aminha esposa deu-me as boas-vindas com as palavras: —Vem aqui para te contar o que Baba Vanga me disse.

Eu perguntei-lhe como ela sabia disso, quem lho tinha dito? —Tive um sonho com ela—disse a minha esposa.

Fiquei pasmado. Tudo o que a minha esposa me contou sobre o sonho que teve, combinava completamente com o que Baba Vanga me disse no nosso encontro pessoal!

Volvido um ano, a minha esposa faleceu—com apenas 36 anos. Dois anos após a morte da minha esposa, a minha irmã faleceu. Eu descobri depois que Baba Vanga disse aos nossos amigos em Petrich o seguinte: —A esposa de Penio vai morrer, e dois anos depois a sua irmã também vai morrer”

Obviamente, ela escondeu essa verdade cruel de mim, embora me tenha dado um leve indício do que estava por vir quando falou da minha esposa.

## HISTÓRIA CONTADA POR LYUBKA TODOROVA

Fui visitar Baba Vanga apenas uma vez no final de agosto de 1966. Esse encontro deixou emoções profundas e duradouras em mim.

Nessa época eu já era casada—tinha uma filha e morava em Sofia. A minha mãe e a minha irmã moravam em Dupnitza. Logo após a minha irmã—Bistra, terminar a educação no Instituto para se tornar professor de crianças, ela adoeceu com esclerose múltipla. A doença desenvolveu-se muito rapidamente. Em apenas alguns anos, ela já estava imobilizada numa cama.

Fui visitar Baba Vanga para pedir ajuda para a minha irmã. Fui a Petrich com o meu marido—tínhamos marcado um encontro com bastante antecedência. Havia muita gente à espera na frente da casa dela, e então eu e o meu marido juntamo-nos a essa gente com nossos corações entristecidos. A maioria das pessoas não dizia nada. Alguns estavam muito preocupados com o próprio sofrimento... alguns ficaram com a profetisa durante um período muito curto, outros durante muito mais tempo. A irmã de Baba Vanga—Lyubka estava lá, e estava a ajudar muito nas conversas porque Baba Vanga falava com um dialeto Macedônio e às vezes precisávamos de uma tradução.

Ouvi chamar o meu nome e entrei para ver Baba Vanga. Eu senti-me literalmente trémula, de tão encantada que fiquei com a sua presença e com toda a atmosfera que a cercava.

A primeira coisa que ela me disse foi que eu tinha ido para lá com o meu marido de carro, que estivera no exterior recentemente e que em breve iria para o exterior de novo. Era a pura verdade! Ela também adivinhou que eu tinha tirado uma folga do trabalho para cuidar da minha irmã.

Dei-lhe o açúcar, com o qual minha irmã tinha dormido anteriormente. Baba Vanga tocou-lhe e disse que minha irmã estava muito doente— o seu lado direito estava paralisado e que ela não podia ajudá-la. —Ela ia morrer com as mãos cruzadas como uma santa—mas não seria me breve, disse ela com uma voz tão amiga e compassiva que jamais esquecerei.

Baba Vanga também acrescentou que a minha avó (que falecera havia 10 anos) estava a cuidar de nós e que um tio meu, que estava doente, iria morrer em

breve. Inicialmente, eu não sabia a que tio ela se referia em particular, mas depois de um tempo, o irmão do meu falecido pai morreu de cancro.

Então nossa conversa passou a girar em torno da minha família. Lembro-me de como Baba Vanga insistiu: —Quero de você dê à luz um menino.

Em 1970 foi o que aconteceu - dei à luz um filho, a que dei o nome de Biser. Dois anos depois, no outono de 1972, a minha irmã faleceu, após um sofrimento de anos da sua doença.

Os profetas carregam um fardo muito pesado. Eles estão constantemente a ver as imagens sombrias de acidentes, cataclismos, desastres e infortúnios das pessoas. Eles veem tudo, sabem de tudo, mas não podem fazer nada para o evitar. Baba Vanga frequentemente aceitava pessoas, cujos parentes sofriam das piores doenças, de doenças incuráveis. A maioria deles esperava que Baba Vanga lhes dissesse: "Ele vai viver"! - mas infelizmente esse não era o destino daqueles mártires.

Quando Baba Vanga via que a morte estava a chegar e é inevitável—esse era o seu maior desafio na previsão do destino das pessoas que fazia. Ela tinha que falar diretamente sobre a morte que se aproximava, ou procurar encontrar uma maneira de a ocultar, se sentisse que a pessoa à sua frente não era capaz de a aceitar.

Muitas vezes, quando esse era o caso, Baba Vanga simplesmente dizia: "Vem visitar-me de novo daqui a 10 dias" ou "Vem no próximo mês," por ela saber muito bem que o inevitável teria acontecido. Ao mesmo tempo, a pessoa que a visitava precisaria da sua compaixão e coragem depois do seu parente próximo falecer, então ela estaria sempre pronta para ajudar e era por isso que ela ligava de volta.

Baba Vanga costumava dizer: —Vivo com a dor e o sofrimento das pessoas todos os dias, mas não posso e nem me atrevo a explicar por que isso acontece com elas. Uma voz muito rígida diz-me para não tentar explicar nada porque todo ser humano merece a vida que tem.

## PENKA TZANEVA DE SILISTRA

Visitei Baba Vanga em 1969. A minha irmã estava doente com leucemia e foi por isso que me quis encontrar com ela. Marquei uma consulta por telefone,

mas a notificação chegou quando a minha irmã já havia falecido—ela estava apenas com 36 anos de idade.

Quando entrei na casa de Baba Vanga ela disse-me: —Penka, eu sei porque tu vieste aqui, mas a tua irmã não tinha outro destino — isso estava escrito para ela. Nada poderia ter sido feito. Depois acrescentou: —Ah, que jovem ela era! Ela está a chamar a tua mãe—estão aqui as duas.

Nesse instante comecei a chorar e Baba Vanga prosseguiu: —Ela está a perguntar pela tua irmã Deshka, pelo teu irmão, mas acima de tudo ela está feliz por te ver—ela está agradecida por estares a cuidar bem dos seus filhos.

Eu não tinha filhos meus, pelo que aceitei cuidar dos dois filhos da minha irmã - um menino e uma menina. Baba Vanga continuou: —A tua irmã está com muita sede. Leva-lhe uma garrafa de água ao túmulo—despeja a água dos pés à cabeça. Não basta regar apenas as flores.

Aí ela disse: —Que relógio é esse que a tua irmã está a perguntar? Por que não o usas? Ela está a pedir que tu o uses.

Expliquei que disse a amigas minhas que trabalhavam em navios que me trouxessem um relógio de presente para a minha irmã. Quando trouxeram, a minha irmã já havia falecido, mas eu também não o usei.

Tradicionalmente, quando as pessoas vão visitar os túmulos dos parentes, geralmente levam água, flores e velas. Essa tradição foi passada de uma geração à seguinte, mas as pessoas realmente não perceberam a razão de ser disso. Crentes e descrentes na vida após a morte fazem esse ritual como um sinal de respeito aos parentes e para seu próprio conforto.

Pelas palavras de Baba Vanga, fica claro que as almas dos falecidos têm a necessidade de ser lembradas, de estarem sempre vivas nas memórias dos seus parentes vivos.

"Que relógio é esse que a tua irmã está a perguntar?" Esta é mais uma prova de que os mortos insistem em não serem esquecidos, e esse relógio era um símbolo da lembrança dela. "Ela pergunta pela tua irmã Deshka, pelo teu irmão, mas acima de tudo ela está feliz em ver-te—ela está grata por cuidares bem dos filhos dela"

Outro facto é que os espíritos das pessoas mortas veem do seu reino o que está a acontecer na Terra. Aparentemente, as suas informações são limitadas, pois eles não veem o que está a acontecer a todos os seus parentes e é por isso que

pedem a Baba Vanga para perguntar ao visitante sobre coisas ou pessoas específicas.

Outra questão que surge—será que as almas dos mortos ouvem as respostas de seus parentes vivos? Ou Baba Vanga, por meio dos seus recetores fenomenais, enviava a informação de volta aos mortos? Dessa forma, o círculo se fechava—a profetisa ao mesmo tempo estava a receber e a enviar informações para os mortos e para os vivos.

Com base nas sessões espiritualistas de Baba Vanga com os mortos, podemos concluir que o mundo deles é mais sensível do que o nosso, e que eles podem nos ver, descrever e contar momentos da nossa vida—embora as suas informações sejam até certo ponto limitadas. Nós, por outro lado, não podemos vê-los, não podemos ouvi-los, não podemos nem mesmo senti-los quando andam a vagar ao nosso redor.

Outra mensagem interessante da história de Penka foi quando a sua irmã chamou a mãe. Aparentemente, as almas dos mortos podem chamar umas às outras na vida após a morte, de modo que assim que a irmã captou o canal de comunicação com Baba Vanga, ela começou a chamar a mãe.

## KRISLOVO, DA PROVÍNCIA DE PLOVDIV

Sou uma mulher com deficiência—com nível II de deficiência. O meu marido é saudável, mas a minha deficiência não nos incomodou a ponto de deixarmos de ter uma vida normal. Eu realmente tive sorte com ele—o meu primeiro marido era deficiente como eu e morreu de cancro. Quando me casei, morei 12 anos na vila de Beglesh. O meu pai morreu jovem, depois o meu marido, e 10 anos depois a minha mãe também faleceu.

Tendo perdido os meus parentes mais próximos, decidi ir visitar Baba Vanga junto com algumas amigas minhas. Apanhamos o comboio para Petrich em 10 de Junho, de 1992. Chegou à tarde e fomos direto para o hotel local. Depois de fazer o check-in, fomos para a casa de Baba Vanga na aldeia de Rupite (a poucos quilómetros de Petrich). O ar estava muito limpo e refrescante—era muito fácil respirar. De manhã, formamos uma longa coluna—éramos pelo menos 100 pessoas. Algumas pessoas esperaram por mais de 3 semanas.

Exatamente às 9h, um carro preto parou na frente da casa e Baba Vanga desceu dele e entrou em casa. Na frente da sua casa havia muitas flores diferentes. Ao lado havia uma grande nogueira e em baixo dela um banco e uma mesa. Sobre a mesa, havia um vaso com flores frescas, e próximo ao vaso foi colocado um ícone da Virgem Maria. Após 10 minutos, Baba Vanga saiu de casa e foi até a nogueira. Ela voltou-se para o pôr-do-sol, fez o sinal-da-cruz e sentou-se à mesa. Ela segurava um talo de manjericão. Fiquei muito pensativa e não ouvi que ela havia me tivesse chamado. Uma das minhas amigas “acordou-me” e disse-me para ir até ela. Eu assustei-me e então ouvi-a a chamar-me pelo nome.

Cheguei mais perto, e o homem que estava com ela deu-me uma cadeira. Baba Vanga agarrou a mão dele e impediu-o de me dar a cadeira. Por um momento ela ficou a olhar para mim—tinha o corpo todo arrepiado. Pela primeira vez na minha vida tive essa sensação—senti como se ela estivesse a penetrar no meu cérebro como um raio-X. Fiquei com a cabeça tonta, sem forças nas pernas e apoiei-me na mesa. Fiz um grande esforço para não cair nem desmaiar.

Ela esticou-se por cima da mesa, agarrou-me a mão e disse: - Vem, senta-te ao meu lado. Vejo que pagaste pelo hotel por 1 semana inteira. Eu quero que venhas aqui todas as manhãs às 9h - para te sentares comigo à mesa. Concordas?

Eu acenei com a cabeça, sem perceber que ela era cega e que eu tinha que falar algo, pelo que confirmei. Mas então—como se ela tivesse acabado de me ler a mente disse: - Não te preocupes, posso ser cega, mas vejo com os olhos de Deus. Dá-me o açúcar com que dormiste três noites.

Abri a minha bolsa e dei-lho. Ela tocou por alguns segundos nele e depois virou a cabeça para mim e disse: —Em que estavas a pensar tão profundamente quando te chamei e tu não me ouviste - era na tua mãe? Ela está aqui bem ao meu lado, e está pronta para te repreender.

Nesse exato momento, o rosto de Baba Vanga ficou um pouco amarelo, a mão esquerda começou a tremer, os dedos começaram a girar o caule de manjericão e... ouvi a voz da minha mãe. Comecei a olhar ao redor, mas não vi ninguém além de Baba Vanga, de modo que comecei a ouvir com atenção.

- Por que te esqueceste de servir um prato de comida, e de o deixar à mesa, para que Deus a tenha—depois que voltaste do meu enterro? Passei fome o dia todo. Quando voltares para casa, diz à tua irmã para matar e assar um frango no sábado, e junto com um pão caseiro o deixar na mesa—para que eu possa dar

uma garfada. Estou com o teu pai e o teu marido aqui comigo. O que queres que eu lhes diga?

Eu apenas disse: — Estou bem e tenho uma vida normal. Aí, a minha mãe continuou: —O teu marido está a perguntar se encontraste alguém para casar, para não ficares sozinha. Não te esqueças do que eu disse, pois ficarei à espera. Adeus, por eles já estarem a chamar-nos.

Nesse instante, a cor do rosto de Baba Vanga normalizou e ela recuperou a voz. Aí ela disse: —Tu vais-te casar de novo, vai ter um homem bom e inteligente e vais ter uma vida normal. Não terás filhos—porque essa é a tua doença, mas vais adotar um. Vais viver até os 83 anos. Queres-me perguntar mais alguma coisa?

- Quero, existe Deus e vida após a morte? Baba Vanga disse: —Deus não existe porque é assim que o governo quer que se diga. Mas estou a dizer-te que existe um grande poder que move e controla este mundo. Existe vida após a morte, paraíso, inferno e reencarnação.

Eu jamais esquecerei essas palavras. Houve muitas outras coisas que Baba Vanga me disse... ao longo dos anos, mas tudo o que ela disse sobre mim tornou-se realidade.

## EVTIM EVTIMOV

Não me lembro qual foi o primeiro encontro que tive com Baba Vanga. Eu ouvi falar muito sobre ela em criança. Eu a vi nas ruas de Petrich (minha cidade natal) muitas vezes. Nua certa altura, estivemos até a morar muito próximo um do outro.

Após a segunda guerra mundial—eu estava com cerca de 10 ou 12 anos de idade, Baba Vanga começou a tornar-se cada vez mais popular. Uma das linhas de frente ficava situada bem perto de Petrich — a cerca de 20 km a oeste na direção de Strumitza—a cidade natal de Baba Vanga. Ouvi dizer que muitos homens e mulheres foram visitar Baba Vanga para que ela pudesse dizer se os seus pais, maridos, filhos e irmãos estavam vivos, feridos ou mortos... Alguns dos meus amigos disseram-me que se alguém estivesse morto, Baba Vanga geralmente não dizia isso diretamente, mas ficava pálida e doente, ou chegava até mesmo a desmaiar—dessa forma as pessoas sabiam que os seus parentes não estavam vivos.

Lembro-me de lá por volta dos anos 50, um coronel de alto escalão da França vir encontrar-se com Baba Vanga. A sua filha desaparecera havia 20 dias e toda a polícia Francesa não conseguia encontrá-la. Então, ele ouviu falar de Baba Vanga, provavelmente através de nossa embaixada ou dos jornalistas—nessa época, muito fora escrito sobre Baba Vanga, tanto em Búlgaro quanto no exterior.

Eles chamaram um amigo meu da escola para servir de intérprete. Ele mal entrou no aposento de Baba Vanga, quando ela o recebeu com as palavras: "Ah, tu vieste perguntar pela tua filha — onde ela está, não é? Bem, a tua filha está em casa—vai e ligue para ela a ver por ti próprio se ela não está absolutamente bem"

A princípio o coronel ficou surpreendido—não conseguia acreditar no que acabara de ouvir. A essa altura ele começara a pensar no pior, que nunca mais veria a sua filha. Ele foi ao correio local de Petrich para estabelecer uma ligação. Na época eu trabalhava lá e estava presente quando o coronel chegou. Apenas 20 segundos depois, ouvi uma voz muito alta e risos de felicidade e alegria... e o coronel saiu muito animado—ele mal se aguentava de pé e quase desmaiou. Perguntei ao meu amigo o que havia acontecido. Ela contou-me que a filha dele tinha namorado e que eles tinham ido para a vila de férias dele por 20 dias... e esqueceram-se de todo mundo.

O coronel então voltou para expressar a sua profunda gratidão a Baba Vanga e tomou um voo direto de volta para casa.

Em 1953, era recruta e fui dispensado do serviço por uma semana. Apanhei o comboio para Petrich, e tive um senhor idoso no meu compartimento com quem tive uma boa conversa. Ele acabou se revelando um membro ativo do partido comunista—já havia sido preso muitas vezes, e até mesmo condenado à morte uma vez. Ele contou-me uma história muito fascinante sobre o único encontro que teve com Baba Vanga.

No mesmo ano de 1953, ocorreu uma inundação desastrosa na cidade de Sandanski. O rio Bistritza galgou o seu leito e levou muitas árvores, casas e infelizmente pessoas. Esse homem idoso havia perdido o seu neto. Durante quase um mês, eles não conseguiram encontrá-lo em lugar nenhum—nem ter notícias, nem nada. Esse homem, que por acaso era um ateu acérrimo, um descrente que até punia pessoas por irem à igreja, foi forçado a ir e perguntar a Baba Vanga se ela poderia dizer-lhe onde procurar o neto. Quando ele visitou

Baba Vanga, ela disse-lhe imediatamente numa voz irada: "Tu vens-me ver, mas não vais acreditar numa palavra do que eu te disser—por que vens, então, aqui?

"Sim, não acredito em cartomantes nem em adivinhos, mas estou desesperada para encontrar o meu neto que desapareceu por altura de uma cheia" Então Baba Vanga explicou: "Quando voltares para Sandanski, vais ao longo do rio Bistritza, até que ele se encontre com o rio Struma. Nesse canto irás ver um 'pastor a segurar um cajado'. Cumprimenta o pastor e caminhar exatamente 10 passos na direção do topo do seu cajado. É aí que vais encontrar o teu neto"

O velho não acreditou naquelas palavras, mas em desespero, seguiu estritamente a orientação dada por Baba Vanga. Na verdade, no cruzamento dos dois rios, via-se um velho pastor a carregar um cajado. Ele deu 10 passos na direção para onde o seu cajado apontava, e a 2 metros da margem, na areia viu a mão de uma criança. Ele rapidamente escavou a areia e encontrou o cadáver do seu neto.

É por isso que esse velho viajava comigo para Petrich, para ir pessoalmente agradecer a Baba Vanga pela sua ajuda. Ele disse-me que dali em diante mudara completamente a visão que tinha da vida, e que de um descrente acérrimo ele agora se transformara num homem diferente.

Lá pelo final de 1965, eu era secretário do Governo no centro comunitário de Petrich. Uma das minhas colegas no centro era Veneta—filha de Baba Vanga. Um dia ela disse-me que Baba Vanga dissera que eu me tornaria um "grande" homem (isto é, famoso). Eu disse a Veneta que estava grato pelo que a sua mãe lhe dissera, mas não via o que mais podia alcançar do que o meu status atual. Afinal, eu estava com 32 anos na época - um poeta que trabalhava como secretário do Governo. A poesia sempre fora o meu amor verdadeiro e único... Eu estava a dizer a mim próprio: "A minha poesia está a ir bem, os meus livros são publicados, eu sou um membro da associação de escritores da Bulgária... que mais poderia eu ter-me tornado?" Fiquei muito confuso.

Cerca de duas semanas após a minha conversa com Veneta, saí em digressão com o nosso conjunto do centro comunitário. No nosso terceiro dia recebi um telegrama que dizia: "Venha a Sofia ao Comitê Central do Comsomol (Liga dos Jovens Comunistas). Você foi contratado para o departamento de publicação"

Fiquei realmente perplexo. Eu não tinha pretensões dessas—Petrich já era bom o suficiente para mim. Bem nesse momento, recordei as palavras de

Baba Vanga. Se eu realmente quisesse tal promoção, poderia ter pedido a ajuda de alguns dos maiores escritores da minha época—a maioria deles tinha um profundo respeito por mim. Mas como Baba Vanga sabia disso? Eu não dissera nada sobre esse assunto antes...

Voltei para Petrich e logo no dia seguinte apanhei o comboio para Sofia. Fui aceite por George Atanasov—o secretário-chefe do Comsomol. Ele abriu a conversa dizendo: "Evtim, você é um homem muito talentoso, e decidimos contratá-lo por 6 meses para o departamento editorial. Você vai substituir Slav Karaslavov em poesia.

"Nunca fiz um trabalho destes antes"—disse eu.

"Convidamo-lo não só para fazer este trabalho, mas também para conhecer os seus amigos literários e se expor a um clima mais profissional"

Disse a Slav que responderia em dois ou três dias.

Quando voltei para Petrich, Veneta estava encantada e disse: "O que foi que eu te disse — viu que a minha mãe te disse a verdade?! Ela foi categórica ao dizer que você se tornará um homem de sucesso"

Em 16 de Janeiro de 1966 eu fui para Sofia. Baba Vanga viu o caminho da minha vida, o meu futuro. Por fim, entendi o que ela queria dizer ao dizer que me tornaria um "grande" homem.

Pessoalmente nunca a visitei para que ela pudesse fazer-me uma leitura. Ela era chegada à minha mãe. Em 1969, a minha irmã morreu de um acidente muito absurdo e, desde então, a minha mãe foi visitá-la algumas vezes. Não descobri sobre o que elas conversaram, mas apenas me lembro que Baba Vanga lhe disse: "Ela podia ter vivido por muitos mais anos. Aconteceu algo que ninguém pensou, nem mesmo ela.."

Um certo ano, um dos famosos poetas russos—Ramsul Gamzatov veio a Petrich. Ele pediu-me para o levar a Baba Vanga. Ele entrou primeiro na casa dela e então chamaram a esposa dele para se juntar a ele. Quando ele saiu, ele vinha com as mãos na cabeça, tinha a pele pálida e um comportamento inadequado. Eu perguntei-lhe o que tinha acontecido—por que ele estava tão animado. Ele disse-me que ainda não conseguia voltar ao normal e que precisava de algum tempo para o conseguir.

Nesse momento, um dos guardas de Baba Vanga surgiu e disse-me que ela também me queria ver. Não hesitei muito e entrei para ir ao encontro dela. A

primeira coisa que eu disse foi: "O meu amigo Ramsul ficou bastante intrigado quando saiu—o que foi que aconteceu?" Baba Vanga riu e disse: "Bem, ele se esqueceu de colocar a bengala da mãe dentro do caixão. Ele organizou uma grande cerimónia, mas esqueceu a bengala—e se ela precisar dela no outro mundo? Ele esqueceu-a atrás da porta do quarto dela"

Ramsul estava a tentar encontrar uma explicação lógica para o facto de ela ter conhecimento desse grande detalhe...

Outro poeta Russo—Leonid Leonov andava a fazer perguntas acerca de Baba Vanga com bastante frequência. Ele a respeitava profundamente e mandava presentes de vez em quando. Na primeira vez que ele a visitou, ela disse-lhe: "Vejo que tu escreves livros volumosos e muito grandes. Tens uma peça que escreveste há muito tempo, mas guarda-la em algum lugar nas tuas pastas. A peça era sobre uma carruagem. Esta mesma peça pode trazer-te muito mais sucesso do que todos os teus livros juntos"

A "Golden Carriage" era o nome da peça. Quando Leonov voltou a Moscovo, ele encontrou e reescreveu a peça, e mais tarde publicou-a. Na verdade, ele tornou-se bastante popular com ela.

Durante as reuniões de literatura que tiveram lugar na Bulgária, Baba Vanga foi visitada por muitos escritores famosos, incluindo John Cheever, William Saroyan, Eugeni Evtushenko, Andrey Woznesenski, Bulat Okudzhava entre outros.

Em 1965 eu ainda morava e trabalhava em Petrich e um dia encontrei-me com os meus colegas escritores—Venko Markovski e Ivan Arzhentinski. Eles disseram-me que haviam visitado Baba Vanga. Ao saírem, Baba Vanga disse-lhes numa voz muito grave: "Vá à oficina mais próximo loja de reparações automóveis, que esse vosso carro não vai os levar muito longe" Venko e Ivan não levaram as suas palavras a sério, mas o respeito e a fé que tinham por em Baba Vanga levou-os a seguir os seus conselhos. Descobriu-se que os freios do carro estavam prestes a deixar de funcionar. Enquanto viveram, sempre se lembraram dessa história e sempre mencionaram Baba Vanga com bom gosto.

Muitas pessoas visitavam Baba Vanga, incluindo aqueles que a haviam proibido de fazer leituras para as pessoas.

Um certo ano, levei Stefan Getsov (famoso ator Búlgaro) a um encontro com Baba Vanga. Fomos inicialmente comprar duas mesas de mármore, já que as produziam em Petrich. Isso aconteceu durante aquela altura em que ela não

tinha permissão para aceitar as pessoas. Eu organizei a reunião por meio do prefeito da época—Stoil Bozhikov. Baba Vanga, a sua filha Veneta e o seu marido aceitaram-nos com muita cordialidade. Eles fizeram-nos café e começamos a conversar. Volvidos cerca de 10 minutos, Baba Vanga disse: "Evtim, este teu amigo que está sentado ao teu lado - eu o vejo num palco muito grande!"

Baba Vanga havia reconhecido corretamente que Stefan era um artista. Ninguém disse nada sobre ele durante a nossa conversa, nem sequer lho apresentamos. Acabei de confirmar que ela estava certa, e ela continuou a dizer ao Stefan: "É ótimo que tenhas mandado a tua mãe morar noutro lugar, caso contrário ela ter-se-ia divorciado de ti mais a tua segunda esposa... mas tu e os teus pais cometeram um erro anos antes"

Stefan a princípio não percebeu o que ela queria dizer com aquilo, e nesse momento Baba Vanga continuou: "Por que não concordaste em te tornar médico, quando eles te enviaram para França?" Ter-te-ias tornado no maior açougueiro"

Assim que Stefan ouviu toda aquela conversa, ele ficou pálido. Ele não disse uma palavra, apenas permaneceu em silêncio.

Quando saímos do aposento de Baba Vanga, Stefan deteve-me e disse: "Vou te contar algo de que apenas três pessoas têm conhecimento—a minha mãe, eu e outro homem. Na década de 50, um Coronel da Segurança Nacional propôs-me para trabalhar para eles. Eles queriam mandar-me para a França para estudar medicina. É por isso que Baba Vanga me disse que eu me teria tornado num grande açougueiro, cirurgião. Mas ninguém sabia disso!"

Numa das raras ocasiões em que levei pessoas para Baba Vanga, passei por uma situação muito embaraçosa. Em geral, evitava assumir essa responsabilidade de levar as pessoas até a profetisa, mas dessa vez fiz um acordo. Decorria o ano de 1964 e eu ainda trabalhava no centro comunitário de Petrich. Fomos visitados por um famoso conjunto de folclore. Uma das cantoras e a líder do conjunto pediram-me para as levar a Baba Vanga.

Fomos para casa dela às 2 da manhã—já havia gente à espera. Por volta das 5 horas, todo o pátio estava completamente cheio. Por volta das 5 e 30, Baba Vanga saiu. Havia uma cerca entre a sua casa e as fileiras de pessoas, e então ela começou a falar com elas por cima da cerca, fazendo leituras rápidas e aleatórias para algumas pessoas, ou até mesmo mandando embora algumas

pessoas (Baba Vanga tinha uma atitude muito rígida em relação às mulheres que traíam os maridos, entre outras). Então, quando ela chegou até nós, ela virou-se para a cantora e disse: “Por que me vieste ver—não vieste há cerca de um mês? Vens novamente para me perguntar sobre o teu marido?”

“Sim, vim por causa dele de novo, de modo que você me pode dizer se ele me vai deixar” - disse a cantora. Baba Vanga com uma voz raivosa disse em voz alta: “Como ousas, tu que acabaste de sair da cama do líder do teu conjunto que tens ao teu lado, tu ainda cheiras a lençóis, e vens aqui para me perguntar se o teu marido está a trair-te e se ele te vai deixar? Eu não faço leituras para pessoas como tu - vai embora e nunca mais voltes”

Eu realmente senti-me muito envergonhado na frente de Baba Vanga. O líder do grupo estava literalmente em choque—não disse uma única palavra.

Desde esse momento muito estranho, nunca mais me comprometi a levar outras pessoas a Baba Vanga. Lembro-me de uma vez que ela me contar uma história relacionada com a questão do adultério. Uma jovem veio vê-la, me busca de conselho. Ela engravidara do seu amante e queria saber se deveria ficar com a criança e mentir ao marido que era dele. Baba Vanga disse-lhe que, uma vez que ela não se protegera, ela desse à luz e cuidasse do seu filho—que havia de colher aquilo que semeara.

A mulher disse-lhe que já tinha um filho do marido, o que complicava ainda mais a situação. Ela queria ter os dois homens. Então Baba Vanga não conseguiu conter-se e disse à mulher que ela não merecia nenhum dos dois e que ela era punida por Deus. O marido da mulher entrou a seguir, perguntou a Baba Vanga por que a esposa tinha andado muito nervosa nos últimos meses. Naquele momento, Baba Vanga não conseguiu dizer-lhe a verdade e simplesmente mudou de assunto.

Baba Vanga estava condenava veementemente as mulheres que traíam os homens. Na nossa parte do país (região de Petrich) os idosos dizem: “A mulher é a casa” Por que eles não dizem que o homem é a casa? Porque a mulher cuida da casa, dos filhos, do seu homem, e estabelece os valores e princípios morais numa família.

Ao mesmo tempo, onde houvesse muita dor e tristeza, Baba Vanga sempre era profundamente compassiva. Ela sempre consolava as pessoas, seja com boas palavras ou diretamente com conselhos, como os casos em que ela enviou milhares de pessoas a médicos específicos, ou lhes deu um remédio caseiro

único, que milagrosamente as curou das suas doenças. Ela era um ser humano extraordinário—só a recordarei com bem!

## STEFKA SUBOTINOVA

## FAMOSA CANTORA DE FOLCLORE BÚLGARA

Em 1965, eu e uma colega minha decidimos visitar Baba Vanga em Petrich. Eu queria a todo custo conhecê-la, por a minha vida estar numa encruzilhada e eu não saber o que fazer. Passara por um divórcio e estava prestes a constituir uma nova família. Tinha alguns candidatos muito sérios para meu futuro marido e tinha dificuldade em escolher um.

Apanhamos o comboio para Petrich. Apenas a minha mãe tinha conhecimento de que eu ia visitar Baba Vanga. Saí com muita esperança, e tomei a decisão de seguir todos os conselhos que Baba Vanga me desse.

Assim que chegamos lá, fomos primeiro fazer o check-in no hotel. Inicialmente tínhamos a ideia de que haveria entre 6 a 7 pessoas antes de nós à espera de consultar Baba Vanga, pelo que uma noite de hotel devia ser suficiente. Chegamos à praça da cidade e vimos muitos carros, carruagens, motocicletas, bicicletas... Perguntamos a um homem se esse era o mercado da cidade. Ele riu e disse: —Não, este lugar não é um mercado—toda esta gente está à esperando de ver Baba Vanga!

Assim que que a minha colega—Valkana, ouviu aquilo, ela pediu-me para que voltássemos para casa, pois era inútil esperar tanto apenas para ver Baba Vanga por alguns minutos. Eu estava decidida—não deixaria Petrich até ver Baba Vanga e consultá-la sobre os dilemas que estava a enfrentar na vida.

Ficamos à espera no portão dela. Havia mais de 100 pessoas connosco. Eu e a Valkana disfarçamo-nos com lenços compridos, por sermos celebridades e não querermos ser incomodadas pelo público.

Ficamos horas à espera na fila. Houve um momento em que até tive vontade de chorar. Eu estava a dizer a mim própria por que diabos aquilo estava a acontecer. Que desejo eu tinha de visitar Baba Vanga, e agora parecia que talvez nem a conseguiria ver.

Já me corriam as lágrimas pelo rosto quando, de repente Baba Vanga apareceu à sua porta e chamou: —as cantoras de folclore podem agora vir. As pessoas

começaram a olhar em torno, mas como estávamos disfarçadas, não conseguiam reconhecer-nos.

Tiramos os lenços e entramos na casa dela. Além do açúcar, levava também uma toalha linda com flores bordadas da China—tínhamos feito um espetáculo lá.

Mal tínhamos entrado no quarto quando Baba Vanga disse: —Stefka, que cabelo lindo tu tens!

Eu tinha um cabelo muito comprido numa trança. —Quem será a primeira? —disse Baba Vanga.

- Como a Valkana, é mais velha que eu—ela tem o direito—disse eu.

Valkana passou-lhe o açúcar e, depois de Baba Vanga lhe tocar por alguns segundos, disse:

- Valkana, por que levaste Stoyan (marido) da aldeia dele para Sofia? Deste-lhe uma educação superior, e agora ele anda atrás das prostitutas. Sabes que ele vai querer divorciar-se de ti? Ele tem uma amante e vai se casar com ela. Ela também irá dar à luz um filho dele. Além disso, ele tem outras amantes também—do teu conjunto, todas são amigas dele.

De facto, certa vez, quando voltava de um espetáculo, vi Stoyan junto com outra mulher no seu carro e fiquei bastante surpreendida. Mas não pude contar a Valkana—afinal ela era a principal do nosso conjunto. Baba Vanga falou com ela por pelo menos uns 20 minutos—ela contou muitas coisas da sua vida pessoal e profissional. O que quer que ela lhe tenha dito, isso veio a suceder anos mais tarde. Sim, Valkana e Stoyan divorciaram-se, ele casou com a amante e ela deu à luz um filho dele...

Enquanto eu ouvia Baba Vanga a revelar a vida de Valkana, senti-me sem palavras. Fiquei em silêncio e aguardei ansiosamente pela minha vez.

Naquela altura, eu tinha uns quantos candidatos sérios para meu próximo marido—um licenciado, um engenheiro de Sofia, um advogado, um professor de Skopie e um general militar.

Então chegou a minha vez e Baba Vanga tocou no meu cubo de açúcar também. Volvidos alguns segundos, ela disse numa voz estrita:

- Divorciaste-te há dois anos?

- Divorciei, sim.

- Por que não te divorciaste dele há mais tempo?

- Porque achei que ele havia de mudar e que o divórcio não seria necessário.

- Ele há de mudar mas é quando os meus olhos começarem a enxergar de novo.

- Vim vê-la porque...

- Eu sei porque vieste. Eu também sei que choraste lá fora. O teu pai faleceu—ele está aqui agora. Ele morreu num acidente (na verdade, meu pai morreu em 1963—ele foi atropelado por um caminhão). Ele diz para não chorar tanto por causa dele—que tem o travesseiro constantemente encharcado. Aqui está a tua avó—ela acabou de chegar...

Ela continuou a listar mais parentes falecidos, mas eu instei sobre o meu problema:

- Estou numa grande encruzilhada na minha vida e não sei que caminho tomar. Eu vim buscar o seu conselho.

- Ah, tu tens muitos candidatos. Quando as mulheres se divorciam, dificilmente encontram um novo homem—e tu tens uns quantos preparados para ti. Quem é aquele homem (ela disse o nome dele) de facto marrom—ele é advogado? Foge desse homem! Ele é muito ruim—ele vai-te arruinar a vida. E o licenciado? (Mais uma vez ela disse o nome dele com 100% de precisão.) Ele ama-te de verdade. Os parentes dele também gostam muito de ti—a mãe, a irmã—todas elas querem que tu te cases com ele. Se tu te casares com ele, terás um filho dele. Mas precisas saber que ele te irá trair.

Eu pessoalmente preferia o licenciado entre todos os 5 homens, mas uma vez que Baba Vanga me disse isso, mudei de opinião instantaneamente.

- E Dimitar, quem é ele? É meu compatriota da Macedônia. Vais viver como uma rainha com ele. Vais viver para a América com ele, vai dar tudo certo, ele só quer ter um filho teu. Aqueles que te rodeiam não vão gostar que te cases com ele (ela referia-se à minha filha e à minha mãe). Sabias que ele está agora à tua espera em Sofia? Ele veio com umas quantas pastas e uma pilha de documentos. Ele foi ao teu apartamento 5 vezes. Ele quer casar contigo. Será um bom casamento, mas não será muito feliz morar noutro país. Fica na Bulgária.

Um instante a seguir, Baba Vanga com uma voz mais animada disse:

- Ah, agora vejo um militar! Ele tem uma elevada posição na hierarquia—um general. Ele é um homem viúvo com dois filhos. Aqui está a sua esposa... Ah, como ela chora... ela morreu durante uma cirurgia. Ela chora muito e está muito triste com o seu filho mais novo (Baba Vanga disse o nome).

Então Baba Vanga mudou de assunto e começou a falar sobre outras coisas menos importantes. Enquanto ela falava, tricotava—tão hábil, tão rápido. Eu estremecia de tão empolgada que estava com o conselho que ela me ia dar—então pensei por um segundo que ela se esquecera daquilo que eu viera à procura. Nesse instante, como se lesse o meu pensamento, ela disse:

- No dia 6 de Janeiro, vai-te casar com o general.

Eu nem mesmo o considerava uma opção, pois tinha uma opinião negativa sobre os militares. Tão surpreendida fiquei que disse:

- O quê—está a falar a sério?

- Sim, o general será o teu próximo marido—repetiu Baba Vanga num tom ainda mais convincente.

- Ele não parou de ligar para ti e de perguntar à tua mãe por onde tu andaste. Tu disseste-lhe para não dizer. Agora, quando voltares para Sofia, tu vais vê-lo.

Então Baba Vanga mostrou-me três dedos e disse:

- Vais ter três casamentos. Não fique enfurecida—isso é o que está escrito. Não podes escapar ao teu destino.

Voltei para casa e a minha mãe recebeu-me com uma expressão alegre. —O general não parou de ligar à tua procura! Ele vai ligar para ti novamente esta noite. A minha filha também entrou na conversa: —Mãe,
o Mitko do Skopie ligou para ti, e eu disse-lhe que de momento tu estavas num espetáculo.

Nesse mesmo instante, a campainha tocou—era Mitko, o professor
de Skopie. Ele começou à porta: —tu és o meu anjo, tu és o meu tesouro, quero casar contigo! Fiquei sem palavras e não consegui pensar durante alguns segundos—senti-me tão estranha e questionei-me sobre o que fazer naquela situação. Lembrei-me que tomara a decisão de dar ouvidos a Baba Vanga.

Dimitar trouxe algumas pastas com ele (conforme Baba Vanga havia dito) e começou a mostrar documentos e cartas, que ele começou a ler-me: em

essência, os tios que tinha na América estavam a convidá-lo para ir viver lá com eles. Também lhe tinham dito para "se casar com uma Búlgara por ser muito decente," e se ele se casasse comigo, comprariam um Cadillac e uma casa perto do oceano.

Eu não sei como foi que aconteceu, mas eu casei com o general exatamente no dia 6 de Janeiro . Inicialmente, a data do casamento fora marcada para o dia 3 de Janeiro, mas não conseguimos encontrar um padrinho de casamento antes do dia 6.

De início o meu marido ficou surpreendido e não acreditou quando lhe contei sobre a conversa que tivera com Baba Vanga, mas Valkana também a confirmou.

Vivi 10 anos com o general e então divorciamo-nos. Então, tive o meu terceiro casamento. Tive o meu casamento mais feliz com esse homem, mas infelizmente ele faleceu. Ele trabalhava como representante de comércio exterior e até hoje acredito que morreu de maneira estranha, não muito clara para as minhas circunstâncias. Vivemos juntos durante 13 anos— um homem muito inteligente e bom, mas o meu destino tirou-mo. Fiquei sozinha.

Baba Vanga previu o meu sucesso também—eu me tornaria uma cantora folk muito famosa. Ela disse que no final da minha vida receberia um grande prêmio.

Ela disse-me que não teria sorte com os meus casamentos por ser a infeliz da família—teria todos os grandes problemas sobre os meus ombros e teria de carregar o fardo.

À minha filha ela disse que iria estudar uma coisa, mas trabalhar noutra. Ela disse: —Tu queres ter muitos filhos, mas "eles" permitir-te-ão que tenhas apenas um. A tua filha terá o mesmo destino. O que quer que esteja escrito na pedra, não pode ser apagado.

Chegou a hora em que eu e Valkana tivemos que partir, então peguei na minha bolsa para tirar dinheiro. Baba Vanga deteve-me e disse:

- Não quero o teu dinheiro—dá-me a toalha da China.

Passei-lhe a toalha e, assim que ela a tocou, ela descreveu a minha sala de estar em todos os detalhes. Aí ela disse: —Por que não me trouxeste um dos pauzinhos que trouxeste da China — vejo que tens 18 ao todo.

Eu realmente trouxera um pacote de hashis da China, mas realmente não sabia quantos continha. Quando cheguei a casa, contei-os—surpreendentemente, ele tinha exatamente 18! Como foi ela capaz de ver até mesmo esse pequeno detalhe...

A minha filha também foi visitar Baba Vanga. Mandei por ela uma garrafa de creme de menta caseiro—eu sabia que ela adorava aquela bebida. No entanto, a minha filha comprou um na loja e substituiu-o pelo caseiro.

Baba Vanga disse-lhe imediatamente:

- Não quero essa garrafa—amanhã volta e traz-me a que a tua mãe te deu. Traz-me também a receita.

Tudo o que Baba Vanga me disse aconteceu com uma precisão inacreditável. Os meus casamentos, os meus divórcios... o destino da minha filha... a popularidade que alcancei no final da minha carreira. A única profecia que ainda não se cumpriu foi o prémio que hei de receber no final da minha vida!

## UM VISITANTE ANÓNIMO

Em 1967 tivemos um concerto na cidade de Petrich com a orquestra de Chalashkanov. Após o concerto que teve lugar no centro da comunidade local, uma mulher aproximou-se de mim e disse que se chamava Lyubka—que era a irmã de Baba Vanga. Assim que ouvi menção a isso, mencionei que adoraria ir visitar Baba Vanga um dia. Lyubka sugeriu que eu deveria estar na manhã seguinte diante da casa de Baba Vanga. Quando lá cheguei, já havia muita gente à espera para a ver. De repente Lyubka saiu de casa e mandou-me entrar. Provavelmente tal não era bem o caso, porque Baba Vanga disse de imediato—"Como foi que entraste aqui?" Eu senti-me muito mal e não soube o que responder. Ela descobriu que eu me metera à frente da fila e repreendeu-me. A irmã dela fez-me sinal para não responder e ficar apenas calado.

Do nada Baba Vanga perguntou-me: "Por que desististe do conservatório musical?" Eu havia completado o meu terceiro ano quando deixei o instituto. Baba Vanga insistiu que eu devia terminar o meu curso. Ela também me revelou outras coisas de que me lembro vagamente, e quando eu estava para sair enfatizou "Não tires os óculos." Eu disse-lhe que não usava óculos. Ela repetiu umas quantas vezes que eu usasse óculos. Anos depois, descobri que

Baba Vanga se referia aos 'óculos' de otimismo que sempre usei, apesar de tudo por que passei.

Em 1971, passei por um acidente desastroso, com relação ao qual fora prevenido por Baba Vanga 2 semanas antes de acontecer de uma forma muito estranha. Sonhei com uma velha com o rosto muito branco e sem olhos. Era uma personificação de Baba Vanga. Então, no meu sonho, ela me disse para nunca entrar num avião em que viajassem 13 pessoas. Eu acordei desse pesadelo todo arrepiado.

No dia seguinte, eu e a minha orquestra tivemos que viajar para Varna a participar num grande evento por ocasião do Dia do Estudante—grande festa na Bulgária que ocorre a 8 de Dezembro. Quando fui ao aeroporto, revelei aos meus colegas o pesadelo que tivera e disse veementemente que não viajaria com eles. Um dos meus colegas disse-me que duas pessoas da orquestra tinham viajado para Varna no dia anterior de comboio—pelo que não totalizávamos 13 pessoas. Acabamos viajando para os dois lados sem incidentes, e então comecei a esquecer o meu sonho, por achar que era apenas um pesadelo ruim e nada mais.

A 21 de Dezembro de 1971, um grande grupo estava prestes a viajar para a Argélia por ocasião das Jornadas de Cultura Búlgara na Argélia. Éramos cerca de 70 pessoas—em eu e a minha orquestra totalizávamos exatamente 13 pessoas. Antes de entrar no avião, os meus colegas disseram-me que acabáramos de assinar contratos para um trabalho de 6 meses na Alemanha, de modo que, assim que voltássemos da Argélia, partiríamos para a Alemanha. Fiquei muito animado quando ouvi a boa notícia. Inicialmente, o lugar que me fora designado ficava situado nalgum lugar na frente do avião, mas decidi sentar-me com alguns dos meus colegas bem atrás—tinha alguma delicatessen Búlgara (charcutaria, salame mais precisamente) no bolso, pelo que queria partilhá-la com os meus colegas e assim podermos tomar um copo e brindar ao nosso novo trabalho na Alemanha.

Então o avião começou a acelerar e gradualmente levantou voo, e a cerca de 40 metros do solo no final da pista fez uma curva acentuada para a esquerda e bateu com o nariz no chão. Não tenho palavras que descrevam todo o pesadelo que vivi naquele avião nesse dia. Foi um milagre eu estar vivo. Na frente do avião, 35 pessoas morreram no local— era aí que eu deveria ir sentado. Foi aí que morreu a nossa famosa cantora Búlgara Pasha Hristova.

Poucos dias após aquela tragédia, lembrei-me do sonho que tivera e do aviso que Baba Vanga me dera.

Por muito tempo não consegui recuperar psicologicamente daquele trágico acidente. Foi por isso que decidi visitar Baba Vana uma vez mais. À porta começou: "Ah, que medo com que tu estás... mas procura acalmar-te, o acidente já passou. Tu vais melhorar, mas fica longe da água. Fiquei intrigado e a interrogar-me do que tudo aquilo significaria. Era um nadador muito bom e não tinha medo de água. Então, 11 anos depois, entendi o que Baba Vanga queria dizer—em resultado do grande estresse que sofri após o acidente, desenvolvi diabetes - uma doença que exige que bebamos muita água.

Em 1978, passei por um divórcio muito difícil com a minha esposa Emília. Apesar de ela me ter provocado tanta dor a mim e ao meu filho, ainda assim não conseguia tirá-la da minha cabeça. Isso estava a matar-me lentamente. Até comecei a ter pensamentos suicidas. Foi por isso que voltei a Baba Vanga mais uma vez. Mais uma vez no seu estilo—logo depois que entrei na sala ela disse-me diretamente: "Por que tens vontade de cometer suicídio?" Fiquei pasmado. Esses eram pensamentos que eu nunca enunciara em voz alta a ninguém. Em seguida, ela disse-me: "Vou ajudar-te a tirar esses pensamentos destrutivos da tua cabeça. Vai para casa e traz-me um copo de água e um anel."

Voltei para Sofia, peguei nas coisas que Baba Vanga pedira e levei-lhas de volta. Ela segurou nos itens por alguns minutos e ficou a sussurrar algo sobre eles. Aí ela disse-me para levar o copo para casa e se a Emília viesse para lhe dar água por aquele copo. Em relação ao anel, ela disse-me para o colocar num local específico do apartamento dela. Quando eu ia a sair da casa de Baba Vanga, ela disse-me que dentro de um mês estaria aliviado da carga mental que carregava e que iria encontrar uma mulher que viria a ser o sol da minha vida pelo resto dos meus dias. Isso foi exatamente o que aconteceu—tudo o que Baba Vanga me disse e previu tornou-se realidade! Esta é uma confissão que tornei pública pela primeira vez. A minha nova esposa nada sabia sobre as previsões de Baba Vanga, e espero que ela não fique zangada por eu não lho ter contado até agora...

Para mim, Baba Vanga continua viva mesma depois da sua morte física. Quando tenho problemas pessoais, converso com ela nos meus sonhos e sigo estritamente tudo o que ela me diz enquanto sonho. Acredito firmemente que ela continua a ajudar-me em tudo até hoje.

## BORIS GUTSEV DE GABROVO

Quando estava com 30 anos foi diagnosticado ao meu filho mais novo— Krasimir, um cancro de fígado. Depois de ficar no hospital durante um mês, ficou claro que os seus dois canais da vesícula biliar estavam quase inteiramente obstruídos pelas células cancerígenas e que as suas aberturas eram do tamanho de uma agulha. Isso resultava na incapacidade de purificação do sangue, e era facilmente visto no raio-X.

Decidimos levá-lo a Atenas, na Grécia. Antes de irmos para a Grécia, eu e o meu filho mais velho decidimos ir à Baba Vanga. Sem sequer ainda termos dito uma palavra sobre Krasimir, ela disse: "Ele tem os dutos da vesícula biliar entupidos e vocês decidiram levá-lo à Grécia - levem-no."

Ela não disse mais nada e disse-nos para irmos.

Após 10 dias em Atenas, voltamos. De acordo com os médicos Gregos, Krasimir não tinha mais de 1 mês de vida.

Como nossa última esperança, decidimos visitar Baba Vanga de novo. Desta vez ela foi ainda mais lacônica. - Vá para casa e ligue-me daqui a 10 dias."

Exatamente após 10 dias, Krasimir faleceu.

"Ligue-me daqui a 10 dias"—era assim que Baba Vanga abordava as situações difíceis - quando via que a morte estava muito próxima, e as pessoas à sua frente eram fracas para ouvir a verdade. Quando a morte ocorria dentro de poucos dias, Baba Vanga costumava ser lacônica, mostrar-se quase sem palavras e pedia aos visitantes que voltassem para casa. Essas previsões faziam Baba Vanga sofrer muito, pois ela as mantinha dentro de si. Ela havia dito certa vez: - Ah, se vocês soubessem o quanto eu sofro quando tenho que contar sobre uma morte que se aproxima."

Evtim Evtimov—um poeta de Petrich, lembra como Baba Vanga quando ela mal começara a acolher as pessoas, costumava desmaiar, quando ela tinha que contar más notícias. Era assim que as pessoas souberam que o pior estava por vir.

As imagens da morte, bem como as conversas com os espíritos de pessoas que tinham falecido recentemente, consumiam a maior parte da energia psicológica

de Baba Vanga. Nos dias em que tinha mais casos tristes que envolviam a morte, ela acabava com as visitas muito mais cedo.

Quase não havia dia algum em que Baba Vanga não dissesse: "Eu vejo morte." Essa previsão dela tanto se aplicava a uma morte iminente quanto a uma morte recente.

## PETER BAKOV

*Petar Bakov e Baba Vanga foram amigos durante muito tempo. Ela costumava adorar as canções que lhe eram dedicadas. Em algumas das canções, Baba Vanga costumava ter momentos em que entrava em transe profundo e começava a dizer coisas muito incomuns, que não teria dito de outra forma. Todos aqueles momentos especiais com Baba Vanga foram descritos em detalhes no livro de Peter Bakov intitulado "O lado estranho de Baba Vanga." Esse livro é uma das poucas evidências que nos mostram o quão pouco sabíamos sobre Baba Vanga e a habilidade fenomenal que tinha de comunicar com outros seres superiores que não nós e de transmitir informações sobre a história da humanidade, a sua criação e o seu avanço em direção a novas estrelas...*

Certa vez, quando eu era hóspede de Baba Vanga, um jovem casal muito atraente entrou a vê-la. Eles também pareciam ricos. Ela começou a berrar com a moça: "Quando soubeste que ele estava com sida, por que dormiste com ele?"

"Por eu o amar de verdade"—disse a jovem com a voz trêmula, e então começou a chorar.

"Bem, agora vais morrer antes dele, de tão apaixonada que estás." Baba Vanga ficou muito zangada e entrou em transe profundo pouco depois.

Despedi o casal e quando voltei vi os olhos azuis brilhantes de Baba Vanga bem abertos. A voz apresentou um acento grave e então ela começou a dizer: "Fala Amon Ra... aqui em baixo das vossas terras está enterrada a primeira escrita da primeira civilização. Ele está colocado num sarcófago de mármore. Em baixo do sarcófago há uma pirâmide luminosa feita de diamante, no topo da qual há um orbe de cristal. Nesse orbe está a chave do grande segredo. O orbe é protegido por um cavaleiro feito de ouro, uma liga e uma energia desconhecidos dos humanos. Depois de muito tempo, o orbe será descoberto por um homem iluminado das vossas terras. Então a humanidade entrará na fraternidade da

santidade. Os vossos criadores irão salvá-los. O vosso sol desaparecerá e vocês migrarão para outras estrelas... "

Quando Baba Vanga falava assim, eu perdia completamente a cabeça. Tenho certeza de que ela nunca partilhou essa revelação superior com ninguém. Ela sempre me pediu para escrever um livro sobre tudo o que escutei dela durante os seus períodos de transe e para o publicar quando ela falecesse.

Ela contou-me muitas coisas... Lembro que foi nos anos 70, quando ela me contou sobre os gigantes Ananaki que viveram perto do rio Struma (actual Bulgária) e que criaram os humanos. Ela disse: "Todas essas terras aqui— Petrich, Melnik, Strumitza, Rozhen, St. Vrach, estava tudo debaixo d'água. Oh, se vocês apenas soubessem que tipo de batalhas se travaram aqui na Terra. Lá onde o rio Struma faz uma grande curva há uma grande rocha - foi aqui que os alienígenas pousaram na Terra pela primeira vez. Eles criaram-nos—nós não evoluímos dos macacos. O caos criou-os a eles e eles criaram-nos a nós. O caos está cheio de inteligência.

Assim esses foram os gigantes cósmicos chamados Ananaki. Vieram da constelação de Andrômeda. Eles criaram os Atlantes. Eles tinham mais de 3 metros de altura e eram muito bonitos. Por opção própria, viviam entre 800 e 1600 anos. Há milhares de anos, o nosso terreno aqui era um centro de sacerdócio. Também existe um santuário de devotos pagãos. Os pagãos tinham mais conhecimento do que todos os cientistas atualmente. Os pagãos - esses são os profetas, xamãs, homens de sabedoria. Também nesses santuários foram colocadas pessoas como Filipe e Alexandre, o Grande, e muitos mais, e muitos mais..."

Por vezes Baba Vanga contava as suas profecias com maiores detalhes—ela descrevia lugares, figuras históricas, eventos... Ela era realmente grande, iluminada por Deus, uma verdadeira Santa. Ao mesmo tempo, Baba Vanga era uma mulher comum.

Muitas vezes, à noite, ela e eu bebíamos um pouco de conhaque com sabor de anis e começávamos a cantar. Cheguei a cantar-lhe literariamente milhares de canções e dediquei-lhe diversos poemas. Ela incentivava a energia do riso—ela sabia dizer boas piadas. Era uma pessoa mortal como qualquer outra. Mas quando ela tinha um "contato" com os poderes superiores, ela tornava-se numa estranha. Se ela não tivesse tal contato, ela não conseguia contar nada sobre ninguém.

Infelizmente, havia muitas pessoas com energia muito negativa a cercar Baba Vanga diariamente. Como ela costumava dizer, eles estavam literariamente a sugar-lhe a energia positiva. Se não fossem eles, ela provavelmente teria vivido mais 2 ou 3 anos.

Baba Vanga tinha esse estranho hábito. Antes de começar a ingerir a comida, ela colocava as mãos na borda do prato e não tocava na comida durante algum tempo. Ela extraía energia da comida dessa forma.

Baba Vanga ficou preocupado com os procedimentos legais de Todor Zhivkov (o líder comunista da Bulgária). Ela me dizia: "Faz alguma coisa com relação a ele, para que não o condenem—ele é um homem bom." Eu era bastante próximo do promotor público Ivan Tatarchev na época, por isso ela me pediu ajuda.

Tenho visto e ouvido tantos milagres e histórias ao longo dos anos através da amizade que tive com Baba Vanga. Eu percebi muitas verdades espirituais e sinto-me grato do fundo do meu coração a este fenómeno chamado Baba Vanga!

Eu estimo a memória dela como a de uma Santa. Um dia ela será reconhecida como tal em todo o mundo e será retratada em muitas igrejas e templos. Por enquanto ela está apenas pintada no meu pequeno templo.

* * *

"Que guerra? Vanga se não fez tal uma previsão! Alguém inventa (essas previsõ es), que os outros repetem e deixam as pessoas estressadas. Eles especulam em nome dela, por todo mundo acreditar no que ela tinha a dizer," diz o seu vizinho e amigo. Boyka Kostadinova, que foi amigo de Baba Vanga durante 50 anos.

Eli Goreva conta o que Baba Vanga lhe revelou sobre a sua própria morte. "Na 11 de Agosto eu vou morrer, no dia 12 vão considerar se vão ou não submeter o meu cérebro a um estudo, no dia 13 vou ser enterrada, no dia 14 vou viajar, no dia 15 de Agosto vou estar à mesa de jantar com a Santa Madre."

"Ela via o passado e o futuro, mas profecias sobre a terceira guerra mundial eu nunca a ouvia revelar." Goreva conta que as profecias sobre o 11 de Setembro, o Kursk e sobre o presidente negro dos EUA também são fictícias. Ela

s têm aparecido depois da sua morte e ninguém disse quando foi que ela revelou tais profecias. Ela viveu pela Bíblia. Ela disse que tudo com relação ao mundo é dito na Bíblia, mas que deve ser lida e interpretada com cuidado.

Peter Bakov, com quem ela disse muitas coisas sobre o mundo, também não ouviu falar de terceira guerra mundial nenhuma. "Eu perguntei-lhe, mas ela sempre me dizia: não tenhas medo meu filho, não há nada a temer. Não haverá uma terceira guerra mundial" — conta ele. A vida para além da matéria, que nós não conseguimos ver, não irá permitir a aniquilação da Terra. Somos produtos de uma inteligência extraterrestre (sabendo que ela foi uma firme Cristã, tenho certeza de que ela estava a referir-se a Deus e não a alienígenas, aqui). Não há mãe alguma que mate o seu filho" recorda Peter. Ela raramente falava sobre política, mas muitas vezes disse: "Não se separem da União (ou seja, da Rússia), porque vocês vão sofrer."

"Isso era dirigido à Bulgária que naquele tempo tinha estreitos laços com a União Soviética (Rússia). O que me leva a pensar que, com toda a turbulência que se vive na Europa e no mundo, se o mundo, se não irá suceder que no futuro a Rússia poder vir a ser um líder mundial."

## MANOL TOCHKOV

## BABA VANGA DEU PAZ AO MEU FILHO

## BABA VANGA FOI A MAIOR CLARIVIDENTE BÚLGARA

Manol Tochkov, que é sargento-mor na reserva, nasceu em 1940 na aldeia de Bryagovo. A sua infância em Bryagovo foi passada em torno de novilhos, vacas e burros. Em 1960, ele formou-se na Escola de Sargentos juniores em Asenovgrad e, mais tarde, foi enviado para a frente na divisão Kurdzhali.

Durante três décadas ele foi sargento de uma bateria e chefe de um depósito de armas e munições. Ele casou com uma mulher local e começou do zero. Aos poucos, ele e a esposa começam a construir o seu novo "ninho" familiar. Eles têm três meninos. Infelizmente, em 1986, Manol perdeu o seu filho primogénito.

“Desde então tudo virou de cabeça para baixo. Eu e a minha esposa esquecemos a felicidade e a alegria, ficamos assustados. O meu filho tinha apenas 26 anos— um bom especialista em eletrónica. Ele estava a trabalhar no departamento de segurança do Ministério de Assuntos Internos. Aquela notícia sinistra caiu como um raio num céu azul. O meu filho morreu num acidente de carro no centro de Kurdzhali, em frente ao hotel “Bulgária.” Ainda não está muito claro o que aconteceu exatamente, mas por um triz, o meu filho esbarrou-se e bateu com a cabeça no cimento e morreu no local.”

Foi quando a infeliz família decidiu ir perguntar a Baba Vanga o que acontecera. o ano de 1986 ainda era um ano em que visitar a profetisa era considerada heresia. Ser sargento e ser membro do partido comunista foi outro sério obstáculo para Manol, que o desencorajou de visitar Baba Vanga. Se essa reunião de alguma forma se tornasse pública, ele perderia o emprego, já para não falar nas graves consequências que isso teria no futuro desenvolvimento da sua carreira. Acima de tudo, Manol era um ateu acérrimo. Apesar de tudo, ele decidiu arriscar e foi visitar Baba Vanga.

“Entramos na casa dela e Baba Vanga deu-nos as boas-vindas. Primeiro, ela fez-nos umas perguntas de carácter geral, como quem eramos, de onde viéramos, em que trabalhávamos e por que viéramos vê-la. Ela olhava para nós com os seus olhos cegos tão intensamente, que eu e minha esposa ficamos um pouco intimidados—até cometemos um erro com a data da morte do meu filho. Ele morreu em 15 de Agosto e nós dissemos 13 de Agosto. Baba Vanga interrompeu-nos imediatamente e clamou em voz alta:

“A informação que vejo é que o seu filho morreu no dia de Nossa Senhora da Assunção, em 15 de Agosto. Por que me está a mentir?”

Assim que ela achou que estávamos muito envergonhados pelo próprio erro que cometemos, ela continuou num tom calmo: “Quando as pessoas estão mergulhadas na tristeza, podem até esquecer o próprio nome, quanto mais datas ou meses... Os boatos que você ouve em  Kurdzhali são todos falsos, não se preocupe com a estupidez dos outros. O seu filho estava sozinho no carro quando morreu. Era assim que estava escrito para ele—ir para a vida após a morte nesse grande feriado Cristão. O seu filho foi colocado no caixão vestido com um facto cinza claro, camisa creme e gravata escura.” Era exatamente assim, ela não perdia nada.

De repente, o rosto dela enrugou-se e ela ficou parada por um ou dois minutos. Então ela disse em voz alta novamente: “Aqui está o seu filho, eu vejo-

o na minha frente. Ele está zangado porque você o ter enterrado sem o relógio—ele quere-o."

Expliquei que o relógio do meu filho ficara completamente amassado no acidente e não pudéramos colocá-lo no caixão. "Você vai comprar um novo para ele! Quando você fizer um serviço memorial pelo seu 40º dia, você vai deixar o relógio novo no seu túmulo!

A minha esposa também perguntou a Baba Vanga sobre os nossos parentes vivos. Ela foi novamente muito precisa ao dizer: "O seu outro filho, George, agora está a estudar numa escola técnica. Você vai construir uma casa para ele em breve. O imóvel que pertencia ao seu falecido filho, você irá transferir para o George. Eu quero que você me venha visitar um ano após a morte do seu filho."

Exatamente volvidos 365 dias, Manol e a esposa foram a Rupite visitar Baba Vanga novamente. Logo de início, ela disse: "Primeiro faça uma cerimónia fúnebre no aniversário do seu filho—ele ficará mais feliz. Em segundo lugar, remova essa laje de mármore do seu túmulo—coloca muito peso sobre ele. Terceiro - pense mais nos irmãos vivos dele."

Mas este não foi o fim da história. Manol não partilhou com a profetisa que está quase cego de um dos seus olhos. Durante um exercício militar, ele magoara-se e a retina encheu-se de sangue. Gradualmente, ele quase perdeu a visão desse olho. Manol fez duas cirurgias complexas no Hospital Militar de Sofia, mas o seu estado piorou em vez de melhorar. Tudo isso aconteceu antes do acidente de carro do filho. A esposa perguntou a Baba Vanga se a visão dele algum dia melhoraria. A profetisa previu que Manol não ficaria inteiramente cego, mas que pioraria.

"Antes de conhecer Baba Vanga, eu era completamente ateu. A minha mãe sempre me pedia para beijar a mão de nosso padre Stoyo em Bryagovo—eu jamais fiz isso. Mas, a Baba Vanga, estou pronto para beijar os pés se for preciso—para mim, ela é uma Santa.

O período feliz da minha vida terminou quando o meu filho morreu. A perda de um primogénito atinge-nos bem no coração e a dor permanece para o resto da nossa vida. O meu consolo hoje são os meus outros dois filhos e os meus netos. Estou muito grato a Baba Vanga—se não a visitássemos, duvido que o meu filho tivesse encontrado paz e harmonia no pós-vida."

## PETER IVANOV

## EX-INSPETOR DO DEPARTAMENTO DE PASSAPORTES DA BULGÁRIA

Em Março de 1960, fui contratado como inspetor no Departamento de Passaportes da Bulgária—um sub-departamento da polícia. O meu trabalho consistia em ajudar as unidades de fronteira da polícia e controlar se elas seguiam os procedimentos e padrões no desempenho das suas funções profissionais. A essência do meu trabalho foi o motivo para me encontrar com Baba Vanga.

Ouvi muitas histórias sobre o dom fenomenal que ela tinha de prever o futuro e de fazer leituras para as pessoas com uma precisão inacreditável, mas não tinha muito interesse por conhecê-la.

Fiquei bastante surpreendida com a quantidade de gente que esperava dias para obter aprovação para passar a fronteira e chegar a Petrich—onde Baba Vanga vivia. Muito poucas dessas pessoas revelavam a verdade de que iam encontrar-se com a profetisa. A maioria delas sabia muito bem que era proibido pela República Popular da Bulgária ir visitar profetas, oráculos, médiuns e toda essa gente talentosa que era amplamente rejeitada pelo regime comunista da época. Era por isso que as pessoas vinham com todos os tipos de histórias, como visitar parentes, visitar parentes que eram recrutas, visitar dias de celebração nacional, visitar um médico, e assim por diante; para o caso da nossa agência de fronteira exigir documentos que comprovassem a necessidade da respetiva visita.

Algumas pessoas declaravam que iam visitar a aldeia vizinha (do outro lado da fronteira), mas assim que chegavam lá, procuravam chegar a Petrich. Alguns até se arriscavam a dirigir-se até Petrich no próprio veículo, porque se tivessem que ir de ônibus ou comboio, teriam que preencher todos os documentos de declaração, incluindo a prova do motivo da sua visita à Bulgária.

Em alguns casos, alguns oficiais da alfândega mostravam condescendência e emitiam passes de admissão para as pessoas que queriam chegar a Petrich. Tudo isso, porém, violava as normas e regras estabelecidas.

Tentei obter mais informações sobre Baba Vanga dos meus colegas. A versão oficial é que ela não contava nada com precisão e que tinha cúmplices que a ajudavam a reunir informação sobre os seus visitantes.

Eu realmente queria revelar a mim próprio se Baba Vanga era apenas um mito ou se ela realmente tinha capacidades fenomenais de ler sobre nós como se fossemos um livro aberto na frente dela.

O meu interesse intensificou-se ainda mais, quando alguns jornais e revistas publicaram alguns artigos sobre ela.

Mais tarde, a famosa revista soviética da época chamada "Comunista" publicou algum material interessante sobre algumas pesquisas científicas feitas com pessoas com capacidades sobrenaturais. O fenómeno de Baba Vanga também foi mencionado na revista. Essencialmente, os cientistas estavam a tentar resolver e explicar empiricamente essas ocorrências naturais.

Certa vez discuti esses artigos com alguns dos meus superiores, mas eles disseram-me que a proibição de visitar Baba Vanga ainda estava em vigor.

Fiquei completamente convencido das habilidades fenomenais de Baba Vanga no verão de 1964, quando fui enviado numa viagem de negócios a Petrich. Durante três dias, tive de fiscalizar o trabalho do departamento de polícia local no que dizia respeito à emissão de documentos de identidade e passaportes, bem como ao registo de endereço dos cidadãos locais. Nem pensei em dedicar um tempo ao caso Baba Vanga.

Uma vez feita a minha inspeção num prédio fora da cidade no meu primeiro dia, pegamos um carro da polícia para regressarmos. Em frente a uma casa, notei centenas de pessoas à espera. Perguntei aos meus colegas por que aquela gente estava aqui, e eles disseram-me que essa era a casa de Baba Vanga. Pedi que me deixassem ali, e eles podiam ir, que eu regressaria para casa a pé.

Entrei no quintal da casa e notei homens, mulheres e crianças que estavam sentados ou parados perto da cerca. A julgar pelas suas roupas e bagagem, descobri que algumas dessas pessoas tinham estado ali havia dias.

A certa altura, uma menina saiu de casa e em voz alta disse: "Já te disse, Baba Vanga já está muito cansada e não vai receber mais gente por hoje."

Achei que ela estivesse a passar mal porque estávamos no meio do verão e fazia muito calor. Fiquei um pouco triste por não ter ido na hora certa e voltei-me para ir para o meu hotel. Dei 2 a 3 passos e ouvi outra voz que disse: "Esse homem que está perto da entrada - venha."

À porta, atrás da garota, vi Baba Vanga. Ela parecia exatamente como as pessoas ma tinham descrito—meia-idade, meia altura, vestida de forma muito

modesta. Fui na direção dela, passei por toda aquela gente que me olhava com um certo ciúme. Eu com toda a probabilidade estava muito emocionado e vivamente comovido, quando tropecei no tapete que estava na porta da frente. A menina me convidou-me a entrar e eu entrei para o quarto de Baba Vanga. Era o típico ambiente rural—nada diferente do quarto dos meus pais que viviam no campo. Os mesmos tapetes feitos à mão e toalhas de mesa colocados por toda a parte. A mesma quietude, arrumação e modéstia... ao entrar, tentei ficar o mais calmo possível para não pensar em mim próprio nem no meu trabalho.

Tinha a certeza de que ninguém dera informações sobre mim, pois todo o encontro aconteceu por acaso. Eu nem sequer dormia sobre o açúcar, que era a prática comum da maioria das pessoas que visitavam Baba Vanga. Não parei de me interrogar como essa cega que ficava neste quarto semiescuro descobrira que eu estava perto da entrada do seu quintal e me chamou quando estava para regressar a casa—apesar de estar muito cansada.

Baba Vanga iniciou a conversa em voz alta. Ela fazia perguntas e poucos segundos depois respondia ela própria: "Onde trabalhas? És de Sofia, perto da Ponte do Leão, num grande edifício. O teu escritório fica ao lado do inspetor-chefe... ele respeita-te muito. O que carregas aos ombros? Ah, eu vejo dragonas com estrelas. Vais ser promovido em breve."

Ela adivinhou com uma precisão inacreditável onde eu trabalhava e que o meu aposento ficava perto do meu superior, mas como ela conseguiu ver as minhas dragonas—se eu usava roupas civis? E ela viu as estrelas (eu era capitão na época). Quanto à promoção, eu não acreditei nela—pelo menos dois anos teriam que decorrer, se eu quisesse ser promovido.

Baba Vanga não ficou nesse assunto por muito tempo e rapidamente mudou, e contou-me coisas sobre os meus pais. Ela adivinhou com precisão que eles moravam no campo e que eu tinha dois irmãos e uma irmã, dizendo com idêntica exatidão onde eles moravam. Em seguida, ela ficou em silêncio por alguns segundos e disse: "Vejo uma nova sepultura... oh, este era o teu pai" Na verdade, o meu pai falecera recentemente e nós o enterramos onde ele vivera. Ela continuou: "Vejo que tu vais mudar do apartamento atual em que vives para um novo." Nesse momento, olhei involuntariamente para a lâmpada da igreja que estava fixada na parede—fiquei espantado. As costas de Baba Vanga estavam voltadas para mim mas ela conseguiu capturar o momento em que olhei para aquela lâmpada. "Assim como a maioria das

mulheres de idade, eu também tenho uma lâmpada de igreja—mas não abuso dela."

Muito provavelmente Baba Vanga queria realçar na minha frente que ela era uma forte crente, que ela era Cristã. Entretanto, naquela época, todos os tipos de religiões ou eventos paranormais eram amplamente rejeitados e proibidos pelo governo, por isso ela mencionou que não abusava dela.

Poucos meses depois do encontro com Baba Vanga, absolutamente por acaso encontrei um ex-colega meu que não via há muito tempo. Ele ofereceu-me um apartamento bem aconchegante, bem próximo de onde eu trabalhava na época. Um dos seus parentes tinha mudado, de modo que literalmente em 3 dias recebi a aprovação do município para me mudar.

Graças ao facto de morar perto do meu trabalho, participei de uma ação policial por capturar um prisioneiro perigoso que conseguira escapar da prisão. Fui premiado com um relógio especial que me foi dado pelo ministro de assuntos internos. Pouco depois, fui promovido ao posto de major. Eis como todas as leituras de Baba Vanga se tornaram verdadeiras até a última palavra.

Em pouco tempo, tive um colega de quarto no meu novo apartamento—Alexander Varbanov, um músico da Orquestra Filarmónica da Bulgária. Ele insistiu em se encontrar com Baba Vanga e, um ano depois, levei-o a Petrich para se encontrar com a profetisa. Mesmo antes de entrarmos na sala de Baba Vanga, ela disse em voz alta: "Peter, és tu de novo—por que trazes esse tipo contigo?" Ela começou a berrar literariamente com ele dizendo: "Por que deixaste a tua família, a tua menina? Tens tanta ganância pela riqueza. Tu não vais ter família, nem felicidade, agora sai."

Fiquei tão surpreendido por ela ter chamou o meu nome, que não lhe dei a conhecer no nosso primeiro encontro. O que foi ainda mais impressionante foi como ela adivinhou todos os detalhes do meu colega de quarto—sem que ele tivesse levado o seu cubo de açúcar. Alexander ficou completamente arrasado—ele nem teve coragem de perguntar se ele se iria casar com a nova namorada. Ele simplesmente saiu da sala todo suado e com lágrimas nos olhos. Eu senti-me muito abatido quando vi a expressão do rosto dele.

Seis meses depois, Alexander foi para a Áustria junto com os colegas da orquestra. A esposa suicidou-se ao atirar-se do quarto andar. Na primavera de 1990, ele voltou à Bulgária e visitou-me. Desci as escadas e vi o seu Mercedes branco e a filha dele nele, que estava a viver com ele na Alemanha. Ele disse-me

que ele tinha tudo (ou seja, encontrava-se financeiramente seguro), mas que ao mesmo tempo era muito infeliz. Esse foi o momento em que me lembrei de tudo o que Baba Vanga dissera sobre ele—ela tinha acertado de novo.

VANGA DIMITROVA, PITONISA BÚLGARA

(In: 'Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro')

Chegamos finalmente à terra fria e clara da Bulgária com as suas montanhas ondeantes e verdes e a sua costa lendária que dá para o Mar Negro. Nos Estados Unidos, a Bulgária é conhecida (quando é) pelos roseirais que fornecem essência para os perfumes do mundo e como a pátria orgulhosa do iogurte. Mas a Bulgária não é tão—somente isso.

Um dos "valores" do país, neste momento, é Vanga Dimitrova, a vidente cega da Bulgária. Vanga, que vive perto da fronteira grega, na cidadezinha de Petrich uma grande médium, que se situa no mesmo plano de Gerard Croiset de Utrecht, na Holanda, e de Jeane Dixon, de Washington.

Como eles, é famosa em sua parte do mundo, e multidões de pessoas lhe procuram a ajuda. Vanga descobre pessoas desaparecidas, ajuda a resolver crimes, diagnostica moléstias e lê o passado. Mas o seu maior dom é a profecia. Essa mulher cega, de meia-idade, prediz o futuro com assombrosa precisão. E vive num país suficientemente` sábio para poder apreciá-la.

A Bulgária teve seis mil anos para aprender a sabedoria. Situada na Península Balcânica, mais ou menos do tamanho do Tennessee (e pouco maior que o Estado de Pernambuco), divisa com a Romênia, a Iugoslávia, a Grécia e a Turquia. Depois de conhecer a sua Idade de Ouro no século XIII, caiu nas mãos dos sultões turcos. Os seiscentos anos de brutal domínio otomano foram finalmente encerrados com a ajuda da Rússia czarista há menos de um século. Vieram depois as selvagens, confusas e famosas intrigas balcânicas, que inspiraram uma era de filmes de espionagem e, na vida real, trouxeram o caos e inversões em todas as frentes. Os comunistas conquistaram o poder em 1944. No período de estabilidade política que se seguiu, eliminou-se a pobreza realmente aflitiva, extinguiu-se o analfabetismo. Existem agora dúzias de universidades, faculdades, hospitais e institutos médicos. Hoje em dia, os oito

milhões de habitantes da Bulgária estão provavelmente em melhor situação do que os habitantes de muitas partes da União Soviética, embora sejam mais pobres do que as populações de outros países satélites.

A nossa busca da história da pasmosa profetisa Vanga e do próprio psi na Bulgária começou na capital, Sofia, cidade que tem cinco mil anos, mas não dá a impressão de mocidade nem de velhice. Sofia apenas é—como a natureza. O seu povo fala naturalmente de coisas naturais mo a capacidade psíquica, com uma facilidade inconsciente que não encontramos em outros lugares. Depois de captar o sentimento nacional, que lembra a nota viva e harmoniosa de um vaso grego, não nos surpreendemos de que viva na minúscula Bulgária a primeira profetisa do mundo moderno sustentada pelo governo, Vanga Dimitrova. E não nos surpreendemos de que os búlgaros tenham encetado a sua pesquisa psíquica científica mais suavemente do que qualquer outro povo.

- Vanga Dimitrova nunca foi uma estranha em minha vida. Embora eu nunca a tivesse conhecido pessoalmente, ela conhecia a minha vida melhor do que eu mesma. A autora desse comentário concordara em contar-nos à parte que Vanga representara em sua vida, em falar sobre a visão do futuro, desenrolada como uma tapeçaria, como se os fios da sua vida tivessem sido tecidos antes do seu nascimento.

Saímos do Grande Hotel Balcânico rumo à nossa entrevista. Diante de nós, a praça central matraqueava com os táxis e bondes enganchados uns nos outros. Do outro lado da praça se erguiam os catorze séculos da Igreja de Santa Sofia. À nossa direita, como um fragmento de barraca metálica pré-fabricada que houvesse afundado, via-se uma igreja literalmente subterrânea usada durante a opressão turca. Os minaretes de uma mesquita se elevavam logo depois e um almuadem ainda chamava os fiéis à oração.

Atrás de nós, no centro do pátio do hotel, viam-se as ruínas não totalmente arruinadas de um banho romano. Uma confusão de tempos, uma terra de épocas heroicas, um país que focalizava os seus conhecimentos do século XX sobre aquele ponto imóvel no olho do tempo—a médium cega que prevê e prediz.

- Como eu lhes disse, nunca a conheci. Meu pai foi procurá-la quando eu tinha doze anos. - A mulher que se achava diante de nós teria trinta e poucos. Possuía

maneiras distintas e um bom emprego oficial. De pernas finas, cabelos castanhos avermelhados, olhos cinzentos, animava-se ao conversar. Depois que a conhecemos melhor notamos que; em momentos de distração, quando ficava sentada, esperando, num vestíbulo ou num café, o seu olhar pensativo lembrava o de uma estátua que fitasse os olhos em alguma lagoa de águas paradas.

- Meu pai era médico e materialista convicto. Foi procurar Vanga por simples curiosidade. Queria ver como procedia a mulher em relação às pessoas que a buscavam, se era uma impostora consciente ou inconsciente.

“Naquele tempo, Vanga já vivia na aldeia de Petrich, onde ainda vive. Conversava com as pessoas em sua casa, uma casa de camponeses, pequenina e rústica. Ela hoje não vive no luxo, mas está muito melhor do que estava. Quando meu pai chegou havia, como sempre, muita gente no pátio esperando ser admitida à sua presença. Ela assomou à porta e chamou meu pai. . . pelo seu apelido carinhoso, nunca usado fora da família. Disse que o receberia primeiro porque ele era a única pessoa no pátio que não acreditava nela. Depois que ele entrou, Vanga narrou-lhe uma série de coisas sobre o passado dele. Meu pai foi casado três vezes. Ela descreveu os casamentos corretamente, contou-lhe pormenores, particularidades, coisinhas que só ele sabia, pois não as revelara sequer às últimas esposas”.

"A seguir, começou a falar sobre o futuro. Meu pai, predisse ela, morreria dali a catorze anos, em 1958, de cancro. Vanga falou também a respeito de meu irmão mais moço e a meu respeito. De todos os filhos, éramos os prediletos de papai. Vanga disse que eu faria um casamento feliz, mas que meu marido morreria de repente, pouco depois. Eu ficaria viúva com um bebê para criar. Disse que eu tornaria a casar, mas faria um casamento desastroso. O destino de meu irmão seria pior ainda. Ele morreria num estranho acidente aos vinte e poucos anos.

"A experiência de Petrich abalou profundamente meu pai. Vanga 8escrevera com muita clareza e com fartura de pormenores cenas íntimas do seu passado. O que ela predissera para ele e o resto da família não era de molde a entusiasmar-nos.

"Meu pobre pai voltou para casa terrivelmente transtornado. Precisava falar com alguém sobre isso e, assim confiou em minha madrasta. Contou-lhe tudo,

fazendo-a prometer que nunca repetiria uma palavra a ninguém. Mas as senhoras sabem como são as mulheres. Não demorou muito que ela me contasse toda a História. Talvez achasse que também precisava confiar em alguém.

"Muitos anos depois, meu pai chegou à conclusão de que tinha uma úlcera. Sendo médico, não deveria ter falhado assim no diagnóstico, mas talvez a sua vontade de acreditar que não sofria de uma coisa pior fosse tão grande que o diagnóstico lhe saiu errado. Sofreu duas operações. Na segunda, os médicos limitaram-se a olhar e tornaram a costurá-lo. Morreu de cancro... em 1958, na data predita por Vanga.

"Eu me casei. Um bom casamento, um casamento feliz. Senti-me ainda mais feliz quando nasceu meu primeiro filho. Depois, alguns meses mais tarde, inesperadamente, repentinamente, meu marido morreu. . .  ainda muito moço. Casei pela segunda vez e o segundo casamento foi um desastre. Agora estou divorciada. Há poucos anos, meu irmão correu para pegar um bonde. Saltou. . . mas alguma coisa não deu certo. Ele perdeu o equilíbrio, caiu e morreu.

"Tudo aconteceu. Tudo o que Vanga disse que nos aconteceria aconteceu. Posso assegurar-lhes que ela estava certa. Mas não posso dizer-lhes porquê. Eu era uma criança, tinha doze anos quando meu pai foi procurá-la. Toda a minha vida se desenrolou diante dela, para que ela a visse. Porquê? Seria um plano, o destino, alguma coisa relacionada com a reencarnação? Por que Vanga pôde ver isso? Porquê?

Sentia-se a intensidade da pergunta. Sabíamos que ela não esperava que tivéssemos a resposta, mas tínhamos a impressão de que continuaria perguntando "Porquê?"
Talvez, algum dia, em algum lugar, encontrasse urna resposta.

- Não sei se acreditam em Deus—continuou ela. —Não acredito nos rituais da igreja, nem nos dogmas, nem na espécie de imagem que eles pintam das coisas. Mas sei que há alguma coisa. Quando a vida vai bem, digo: "Obrigada, meu Deus"; e quando vai mal, peço: "Ajuda-me, ajuda-me".

Mas ainda não sei o que possibilitou a Vanga ver a minha vida.

"Foi provavelmente por ter falado primeiro com meu pai que ela se mostrou tão exata em suas predições sobre a minha família. Ela é sempre melhor no começo do dia. Essas coisas cobram os seus tributos. Além disso, está frequentemente doente. Pobre Vanga. Não lhe quero mal, apesar de tudo. Ela deve levar uma vida muito triste."

Vanga Dimitrova é uma camponesa de quase cinquenta anos, que vive com a irmã em Petrich, numa região montanhosa da fronteira entre a Bulgária, a Iugoslávia e a Grécia. Está longe de qualquer espécie de corrente de atividade ou influência mas, como vidente, tem o seu próprio gênero de corrente de influência. A vida de Vanga misturou-se inevitavelmente às dores, prazeres e experiências dos milhares de seres que recorreram a ela em último recurso e às guerras, revoluções e infortúnios da sua terra.

- É um grande consolo para mim ter podido ajudar algumas pessoas—diz a mulher, que semelha a imagem de um oráculo popular redivivo. Sempre se veste de preto e, quase sempre, traz a cabeça envolvida no chalé de camponesa, que lhe acentua o rosto, redondo e cego; não é um rosto trágico, mas um simples rosto humano desadornado, que parece ter sido exposto a todas as intempéries. Havia um quê de obstinada resistência em seu vulto baixo, como também em seu caráter. Vanga já deu consultas psíquicas a dúzias de pessoas ao mesmo tempo.

Não lida apenas com personalidades locais. O incessante desfile que lhe atravessa a soleira da porta inclui também os mais cultos e os mais requintados, que vão a Petrich movidos pela curiosidade ou pelo desespero. Inclui celebridades do Ocidente—membros do jet set e pessoas famosas, que buscam informações de uma médium não envolvida em política e nos problemas do Ocidente.

Os cientistas que trabalharam com Vanga dizem-na “uma mulher respeitável”. Ela é mais que uma “feiticeira do campo”. É uma das maiores médiuns vivas de hoje.

- Ela, não raro, fica muito triste com as coisas que prevê—conta-nos um dos cientistas. —O seu dom psíquico a faz feliz. Mas, por outro lado, não pode viver sem ele. Não pode parar. E o *modus operandi* da sua personalidade. O saber que ajudou alguém, que não é apenas uma cega inútil que se aquece ao Sol

enquanto todo o mundo trabalha, parece sustentá-la contra a sobrecarga de "visões" infelizes—morte, doença, assassínios, lares desfeitos, carreiras malogradas—que se relacionam com que lhe passam pela sala de estar.

Vanga provavelmente não sabe que as predições que fez para o pai da nossa amiga se realizaram. Provavelmente nem mesmo se lembra do médico cético e das cenas da sua vida, passada e futura, que entreviu por alguns minutos. Mas, infelizmente para Vanga, algumas das suas profecias mais dramáticas e trágicas relacionavam-se com criaturas muito chegadas.

E seu irmão Tomás quem conta:

- Durante os anos maus da guerra, Vanga ajudou muita gente. As pessoas vinham procurá-la a fim de saber o que havia acontecido a amigos de que estavam separadas, conhecer o destino de entes amados, arrastados pela guerra. Vanga dizia-lhes quem ia morrer e quem voltaria, e quando. "No princípio de 1944, meu irmão Vasil e eu decidimos juntar-nos aos guerrilheiros que combatiam os alemães. Fomos despedir-nos de Vanga. Assim que aparecemos, ela rompeu a chorar, e disse a Vasil:

- Você morrerá quando tiver vinte e três anos de idade.
- Diga isso à outra pessoa—retrucou-lhe Vasil. —Não acredito. Não acredito numa única palavra.

"Passamos juntos a primavera e o verão nas montanhas, lutando contra os alemães. Depois, no outono, nós nos separamos. A unidade de Vasil atacou a aldeia de Foukso. Eles estouraram uma ponte e mataram muitos nazis. Vasil foi ferido e acabou capturado por homens da SS."

Os alemães encurralaram todo o povo da cidade na igreja central. Cercados de metralhadoras, os habitantes de Foukso não puderam fazer nada quando os alemães obrigaram Vasil a descer a nave lateral da igreja e o puseram em pé. Espoucaram tiros na velha igreja. Vasil caiu ao chão, morto.

- Foi no dia 8 de outubro de 1944, em que meu irmão completava 23 anos.
A data da sua morte. A misteriosa capacidade de ver até vinte anos adiante no futuro é a parte mais insólita do talento psíquico de Vanga. Nem ela, nem os que a consultam têm, normalmente, o menor desejo de conhecer tais

particularidades. Mas estas surgem gratuitamente. Quando lhe acontece ver uma data de morte, quase sempre acerta. Vanga não sabe por que se revela de repente o dia fatal.

- Para meu grande pesar, à medida que vejo detalhes cada vez maiores da vida dos outros, vejo também, com frequência, as datas da sua morte. Muito antes que isso acontecesse, previ o dia em que meu marido morreria, muito embora ele não tivesse ainda quarenta anos. Vi também que nada se poderia fazer para salvá-lo. Chamava-se Dimitri Georgeyev. Era um homem bom e generoso mas, infelizmente, se pôs a beber. Creio realmente que foi toda aquela gente que insistia em procurar-me, centenas de pessoas com as suas dificuldades a entrar e a sair da nossa casa, que o Levou à bebida. Ele morreu no dia 7 de abril de 1956, como eu previra. A partir desse dia, passei a vestir-me de preta. E desde a sua morte, não fui mais chamada pelo seu sobrenome, Georgeyev. Sou conhecida como Vanga Dimitrova.

A capacidade profética de Vanga talvez seja sensível à morte porque a primeira predição de que ela se lembra envolvia uma morte muito especial para ela. Quando fez treze anos, começou a ter períodos de cegueira.

- A ideia de não poder ver para o resto da vida transtornou-me horrivelmente. Meu pai e toda a família tentaram ajudar. Mas não adiantou. —Depois de duas operações malogradas, Vanga ficou cega outra vez, aos dezanove anos. — Disseram a meu pai que somente certa especialista poderia fazer alguma coisa, e por isso ele me levou para vê-lo. Mas foi tudo em vão. Se fôssemos mais ricos é possível que, hoje, eu estivesse enxergando. Lubka, irmã de Vanga, conta o caso com maiores minúcias:

- Meu pai viajou com Vanga para outra cidade. O médico examinou-a e disse que Vanga recuperaria a vista se ele a operasse imediatamente. Em seguida, pediu a meu pai uma grande soma de dinheiro. Papai era um trabalhador migrante. Só conseguia trabalho em determinadas ocasiões. Estava longe de ter a quantidade de dinheiro exigida pelo médico... embora eu saiba que a teria dado para ajudar Vanga, se a tivesse.

Vanga teria de ser cega. O pai levou a filha para casa. Lá chegada, Vanga confidenciou aos irmãos e irmãs que receava que o pai morresse logo. Disse que sabia disso. Tentaram confortá-la. Ela estava apenas imaginando coisas

mórbidas porque não podia ver. Mas o pai morreu—no dia exato que Vanga especificara. Ela trocara uma visão por outra.

Naquele tempo, Vanga vivia numa aldeia da Macedônia, ao pé da fronteira búlgara. As pessoas começaram a acorrer à casa da família. Poderiam falar com a menina cega? Seria a vidente capaz de ajudá-las? Pouco depois, vieram das aldeias vizinhas. No verão turbulento, Vanga vaticinou uma mudança inesperada em sua própria vida. Ela disse a sua irmã Lubka:

- Dentro em pouco virá um homem de uniforme de outro país. Ele será o homem da minha vida.
Hoje, Lubka observa:

- Dessa vez, naturalmente, achávamos que ela estava errada. Afinal de contas, era cega.
No outono, um jovem soldado de belos bigodes pretos veia da cidade próxima de Petrich, na Bulgária. Era Dimitri Georgeyev, que procurava descobrir quem matara seu irmão.

- Eu sabia—recorda Vanga—mas não queria contar a Dimitri. Não queria que ele se vingasse. Ele insistiu.

Finalmente, obriguei-o a jurar que não faria nada aos homens. Cantei-lhe, de um modo geral, as pessoas que estavam envolvidas, mas não citei os dois sujeitos que tinham realmente cometido o assassínio. Um dos homens que Vanga "viu" como assassino acabou morrendo numa briga de rua. O outro, anos depois, confessou em seu leito de morte haver matado o irmão de Dimitri. Mas isso não era o mais importante. O soldado Dimitri voltou à Bulgária. Desmobilizado algum tempo depois, rumou diretamente para a casa de Vanga. A porta, disse apenas:

Vanga, vim aqui pedir-lhe...

Sou cega, não sou para você—atalhou ela.

Não faz mal. Quero que seja minha esposa.

- E eu cedi—conclui Vanga, que então se mudou, em companhia do marido, para Petrich, na Bulgária, do outro lado da fronteira. A população de Petrich tinha ganho uma vidente. Boris Gurov, lavrador de meia-idade, visitou incontinenti a nova vizinha. Seu irmão mais moço, Nikola, desaparecera em 1923, quando tinha apenas quinze anos. A família o procurara em toda parte, mas nunca se haviam encontrado pistas. Aquilo ainda atormentava o lavrador.

Poderia Vanga dizer-lhe o que acontecera a Nikola em 192?

- Eu o vejo. Está vivo! —disse-lhe Vanga. —Vejo o seu irmão Nikola numa grande cidade da Rússia. Ele cresceu ali. E um cientista. Mas...não está lá agora. É escravo dos Alemães. Está num acampamento. Mas não se preocupe, virá procurá-lo no princípio desta primavera. Poderá reconhecê-la pelo uniforme cinzento. Estará carregando duas malas—ajuntou Vanga.

Era estranho demais. Boris não podia aceitar a ideia de que o seu perdido irmão fosse um cientista soviético, e muito menos que estivesse, naquele momento, num campo de concentração. Voltou para casa convencido de que nunca saberia a verdade. A título de curiosidade, repetiu a história fantástica de Vanga à sua família.

Reza a crônica local que, dois meses depois, numa madrugada de primavera, um estranho, cansado, parou diante da casa de Boris. Pôs no chão duas malas. Não parecia familiar a pessoa alguma da aldeia. Não pareceu familiar a Boris quando este saiu para falar com ele. Era Nikola. O irmão mais moço regressara depois de quase vinte anos. Nikola confirmou a visão de Vanga. Fugira para a Rússia, onde estudara e acabara se transformando em engenheiro.

Ao estourar a guerra, entrara para o Exército Vermelho e, pouco depois, fora capturado pelos alemães. No acampamento, conseguira finalmente convencer os germânicos de que era búlgaro. E os búlgaros, nessa ocasião, estavam oficialmente aliados aos alemães. Os nazistas deixaram-no partir. Ele se dirigira, a pé, para casa em seu uniforme cinzento de prisioneiro.

Essa mulher cega, que vive nas selvagens montanhas da Trácia a que aludem Homero e Virgílio, acerta sempre em sua profecia? Pode ver o futuro com a mesma precisão com que nós ligamos um aparelho de televisão e vemos o que se passa na tela? Não de todo. Há dias em que o seu poder psíquico não

funciona. Ela, às vezes, se equivoca. Nenhuma sensação especial lhe assegura que as suas predições estão certas ou erradas. Mas—e este é um grandíssimo "mas"—Vanga Dimitrova acerta quase sempre. De acordo com a documentação fornecida pelos cientistas, acerta em 80% das vezes. 80% do que vê do passado e do que prevê do futuro está absolutamente certo, e 80% não são uma percentagem despicienda nos anais oraculares.

Vanga é especialmente hábil em dar às pessoas informações sobre amigos e parentes desaparecidos. Durante a guerra, uma mulher iugoslava procurou-a para ter notícias do marido, tido por morto em ação.

- Ele não está morto—disse Vanga. Ele vai voltar. E voltou—na ocasião predita por Vanga. O círculo da sua fama aumentou.

Mais recentemente, um lavrador búlgaro foi a Petrich, vindo de uma região relativamente distante. Poderia Vanga ajudá-lo a encontrar sua filha desaparecida? Calmamente,
Vanga contou-lhe que a menina se suicidara, afogando-se num lago que havia perto da casa dele. O corpo, mais tarde, foi retirado do lago.

Um dia, uma mulher apareceu à porta de Vanga, embora já soubesse que a pessoa a cujo respeito desejava informações estava morta. Sua irmã fora enterrada quinze anos antes. Mas quais tinham sido as verdadeiras circunstâncias da sua morte?

- Sua irmã foi morta pelo próprio marido—disse-lhe Vanga. Ele conseguiu estabelecer um álibi falso, segundo o qual estivera em Sofia o tempo todo. Segundo os relatos, o uxoricida foi finalmente encontrado.

No reino do trabalho psíquico de detetive, Vanga, cega, sentada em sua casinha, pôde dar à patrulha búlgara da fronteira informações suficientes para a captura de um bandido das montanhas, com sete mortes nas costas. Os jornais búlgaros afirmam que ela é amiúde utilizada pela polícia na solução de crimes.

Diz Vanga que não tem controlo sobre as imagens mentais que se formam em sua mente. É precisa que elas venham naturalmente.

- Não posso forçá-las. Elas podem referir-se ao passado, ao presente ou ao futuro. Não tem meios de saber qual o período de tempo que se iluminará de repente para ela.
Alguns anos atrás, um romancista búlgaro fez a viagem de seis horas de Sofia a Petrich. Vanga não respondeu às suas perguntas. Em vez disso, as palavras lhe saíam aos borbotões, delineando circunstanciadamente o enredo de um livro que o romancista acabara de escrever, mas que ainda não mostrara a ninguém.

- É uma história verdadeira—disse Vanga. Exceto no fim. No livro, a moça morre, o que não acontece na vida real. Ela ainda está viva. Mude o fim e conte a história como aconteceu. O livro ficará melhor. Vanga acertara tão surpreendentemente a respeito do manuscrito que o autor lhe seguia o conselho e deixou viver a heroína. Afirma-se também que Vanga teria dito ao romancista que ele faria uma longa viagem à Rússia e que por duas vezes, escaparia por um triz de morrer acidentalmente. E reza a história, todas as predições, há seu tempo, se materializaram.

Estes são alguns dos relatos que lhe deram celebridade na Bulgária. Literal e figuradamente, Vanga é uma instituição nacional. Muitos búlgaros, quando falha tudo o mais, recorrem a ela. Pouquíssimos dentre eles, por mais horríveis que sejam os seus augúrios, lhe atribuem a imagem da feiticeira má. As pessoas falam nela com interesse e, geralmente, com respeito.

- As histórias que ouviram sobre Vanga Dimitrova são verdadeiras—asseguroü-nos uma jovem secretária em nosso hotel. É uma mulher notável e merece um crédito tremendo por todas as pessoas que tem ajudado. Minha irmã está tentando conseguir uma entrevista com ela. Já não é tão fácil como antigamente, quando a gente ia para lá, fazia fila no pátio e ficava esperando. Agora é preciso fazer um requerimento a uma espécie de comissão que eles organizaram. A comissão marca um dia e esse dia, às vezes, demora um tempo enorme.

Para os estrangeiros, o custo de uma consulta é de aproximadamente 30 dólares. Para os búlgaros, a taxa orça por dez leva (5 dólares), e que, em muitos casos, equivale, no mínimo, a um dia de trabalho. O dinheiro não vai para Vanga, mas para o Estado. Vanga recebe um pequeno salário, equivalente, mais ou menos, a uns duzentos dólares mensais, pago pelo governo.

Os cientistas explicaram mais tarde que a comissão foi organizada por três razões: para impedir que Vanga seja sufocada por milhares de visitantes; para fazer registros adequados das suas profecias; e para entrevistar os que vão procurá-la. Isso permite aos cientistas acompanhar-lhe as predições à medida que passam os anos. Que pensam os cientistas búlgaros desse oráculo cego que existe em seu meio?

Os Institutos de Sugestologia e Parapsicologia de Sofia e Petrich possuem uns trinta cientistas que estudaram as fenomenais capacidades psíquicas de Vanga empregando o equipamento mais moderno e mais sofisticado. O seu porta-voz principal é o Dr. Georgi Lozanov, diretor dos dois Institutos. O Dr. Lozanov, médico e psicoterapeuta há dezasseis anos e praticante de Ioga há vinte e cinco, é o pioneiro da parapsicologia na Bulgária. Médico célebre, granjeou fama não só na Bulgária mas em todo o bloco de países comunistas pelos seus descobrimentos no campo dos poderes supranormais da mente. As suas palavras são acatadíssimas na Bulgária.

O Dr. Lozanov declarou publicamente às imprensas búlgara e iugoslava: "As histórias a respeito de Vanga Dimitrova não são fantasias, embora algumas contenham exageros. Ela é uma criatura extraordinariamente talentosa". Um escritor iugoslavo perguntou ao Dr. Lozanov se Vanga era a profetisa mais talentosa do mundo.

- É difícil dizer. As capacidades precognitivas são como a poesia. Tudo depende do treinamento e, amiúde, da capacidade de traduzir a inspiração em palavras. Vanga, às vezes, trabalha num minuto. Outras, leva horas. A telepatia e, em certas ocasiões, a fantasia se misturam às suas predições. Os históricos dos casos, no entanto, parecem mostrar que ela lê o futuro para os que a procuram pessoalmente, e até para os que não a procuram. Possui capacidades psíquicas muitíssimo superiores às das pessoas comuns e da maioria dos médiuns. (205) Há anos que Vanga tem sido um personagem para o Dr. Lozanov.

- Ouvi falar em Vanga desde os doze ou treze anos. Ouvi tanta coisa que, depois dos vinte, decidi ir vê-la pessoalmente. Um amigo, Sasha Itrech, assistente na Universidade de Sofia, acompanhou-me. Os dois jovens pesquisadores encostaram o carro fora da estrada, muito antes do perímetro urbano de Petrich, e puseram-se a andar. Não queriam que ninguém pudesse fornecer a menor informação a seu respeito. Achava Lozanov que Vanga

poderia ter espias espalhados pela aldeia, que lhe dessem informações a respeito dos recém-chegados.

- Entramos na fila com centenas de outros—contou Lozanov—e esperamos três horas inteiras para chegar à cabeceira. Nem sequer nos falávamos. Para que fornecer pistas a quem pudesse estar ali prestando atenção? Finalmente chegou a nossa vez. Sasha entrou primeiro.

Vanga começou dizendo-lhe o nome e o sobrenome. Disse-lhe onde nascera e descreveu o apartamento de esquina, num segundo andar, em que ele morava naquele tempo. Disse-lhe, em seguida, o nome de sua mãe e identificou a moléstia de que ela estava sofrendo. Disse ainda a Sasha a data da morte de seu pai e o nome da doença que o matara. Forneceu todas essas informações como se as estivesse lendo num livro. A seguir, concluiu:

- Você está casado há sete anos, mas não tem filhos. Terá um daqui a um ano.
"Isso aconteceu exatamente como ela predissera.
"Chegou depois a minha vez. Quando transpus a soleira da porta, Vanga me interpelou:

- Georgi, por que veio? Você é um médico que cura com a hipnose. Quer experimentar-me. Por que veio agora?

Chegou cedo demais. Voltará daqui a alguns anos.

"Ela parecia querer dizer que um estudo científico sério do seu talento profético talvez fosse possível naquela ocasião. Eu não disse nada. Ao invés disso, tentei minha primeira experiência. Usando todo o poder da minha vontade e a pequena capacidade telepática que possuo, imaginei ser outro homem, um homem que conheço muito bem. Ela começou a predizer, mas as suas predições estavam erradas. E ela mesma mo confessou. Depois disse:
- Vá embora, não lhe posso dizer nada."

Observa Lozanov:

- O facto de eu ter pedido bloquear Vanga é muito interessante. Foi o primeiro elemento seguro que tive para a minha hipótese de que Vanga respigava o que dizia aos visitantes em suas próprias mentes, telepaticamente. Lozanov não

desenvolveu a sua ideia nem lhe mostrou a relação com a profecia. É muito fácil presumir que Vanga extrai os seus conhecimentos do passado e do presente do próprio consulente—mas que dizer do futuro? É possível que a vidente não os obtenha de um grande esquema geral que vê no céu mas, pelo menos em certos casos, carregamos connosco o nosso destino. Isso vai muito além da ideia do resultado lógico das ações ou pensamentos atuais. Que é o que, numa menina de doze anos, conduz logicamente à morte do marido dez anos depois, após o nascimento do primeiro filho do casal? Ainda que esse "desenho" estivesse na moça, como se prenderia ao pai que está em presença de Vanga?

Procurando compreender a profecia, muita gente figurou o tempo como um espetáculo que rola para nós numa esteira transportadora. Talvez os quadros já estejam lá, como os de uma procissão a vários quarteirões de distância. Comparam-se os profetas a pessoas postadas no alto de edifícios: veem mais longe. Isso dá origem à ideia do "presente espaçoso"—à ideia de que alguns podem ver melhor o presente do que outros. O trabalho com Vanga indica que poderemos obter um novo vislumbre de compreensão se modificarmos a nossa perspetiva.

Talvez haja em nós uma semente, um padrão que atrai o futuro, exatamente como a glande atrai os elementos de que precisa para transformar-se em carvalho. A glândula tem de transformar-se em carvalho, mas tem de transformar-se num carvalho velho, num carvalho de vinte galhos, de cinquenta galhos? Se o carvalho estender um ramo na direção de uma linha de força, o ramo será cortado; mas se o estender em outra direção, o ramo subsistirá.

Para a mente do Dr. Lozanov, as teorias acerca da profecia de Vanga são menos importantes nesta fase do que o "trabalho duríssimo". "Seja ela o que for, tenho a certeza de que a profecia pode ser explicada cientificamente, e o será", diz ele. Com históricos de casos e documentação, as teorias podem começar a elaborar-se mais facilmente quando se organiza a experiência. Uma questão fundamental é saber se os auspícios de Vanga podem ser evitados. As suas palavras são uma advertência ou um decreto?

E muito mais fácil obter-se um vislumbre de compreensão observando o trabalho médico psíquico de Vanga. Pode ser que ela não esteja lendo embriões de tempo encerrados nos poderes de compreensão de nossas mentes, que habitualmente não podemos explorar, mas talvez esteja lendo informações

sobre o nosso estado físico, constantemente sistematizados em nosso inconsciente. Vanga não é uma curadora e não pode, psiquicamente, receitar um remédio. O que ela faz é diagnosticar uma doença ou uma disfunção. E predizer se o doente sobreviverá ou sucumbirá sob o efeito das enfermidades.

Vinte anos se haviam passada depois que Vanga dissera ao jovem Lozanov que se fosse; não poderia fazer nada por ele. Depois, contudo, como ela predissera, chegara o momento azado para a investigação e ambos tinham feito muita coisa um pelo outro.

- Nos últimos dez anos tenho tido centenas, talvez milhares de conversações com Vanga. Ela acabou confiando em mim e concordou em trabalhar comigo, - diz o Dr. Lozanov. — Fiz um sem-número de testes e experiências com ela. E verifiquei pessoalmente os seus antecedentes, tentando documentar os acontecimentos passados, que ela revelou às pessoas, e o futuro que predisse.

Os casos verificados por Lozanov refletem a amplitude dos dons de Vanga.

- Há vinte e cinco anos, uma mulher de aldeia da Macedônia perdeu o filho; o menino desapareceu. Foi visto brincando à beira de um rio. Os aldeões procuraram em toda a parte, mas não encontraram vestígios do garoto. A própria mãe, finalmente, concordou em que já não havia esperanças de achá-lo—relatou o Dr. Lozanov.

- Isso aconteceu durante a guerra, antes da libertação. Vinte e dois anos se passaram.

A mulher acertou de procurar Vanga para informar-se de uma doença que a estava preocupando. "A senhora ficará boa", assegurou-lhe Vanga. E, de repente, ajuntou: "e seu filho logo voltará também. Vejo-o com um cigano. Ele cresceu. Se a senhora for amanhã a uma certa aldeia, o achará." A mulher rumou imediatamente para a aldeia que Vanga lhe indicara. E, lá, achou realmente o filho, tal como Vanga o descrevera. Ele, a princípio, não a reconheceu mas, à medida que ela mencionava acontecimentos passados, ele foi-se recordando, pouco a pouco. Hoje, os dois estão reunidos.

Lozanov visitou-os para documentar a história.

- Certa vez fui a Petrich e encontrei vários camponeses da aldeia de N. em casa de Vanga, — recorda-se Lozanov.

- Eles queriam saber por que morriam as suas abelhas. "Por que vieram procurar-me?" perguntou-lhes Vanga. "Seria melhor se tirassem o veneno das suas colmeias". Os camponeses se foram. Mais tarde, fui à aldeia de N. e perguntei-lhes se Vanga acertara. Eles disseram que sim. Ela lhes contara quem pusera o veneno nos cortiços e o envenenados, interpelado pelos apicultores, confessou tudo.

Lozanov guarda em seus arquivos, cada vez mais abarrotados, a história do chofer de um ministério do governo. O chofer foi procurá-la por simples curiosidade. Vanga disse-lhe que ele não era um bom homem. "Se soubesse o que você anda fazendo, sua mulher o abandonaria amanhã. Mas isso não é tão perigoso. Você sofrerá um acidente no dia 11 de Novembro deste ano. Ficará muito ferido, mas não morrerá." O motorista riu-se e saiu. No dia 11 de Novembro, deu uma trombada com o carro e feriu-se gravemente, conta Lozanov.

Disse Vanga:

- Não tenho medo de dizer às pessoas o que vejo mas, de um modo geral, não gosto de falar a respeito de problemas de casamento. Vejo muitas coisas sobre mulheres e homens casados. Quero ajudar, mas não os ajudaria se lhes dissesse que muita coisa do que vejo aconteceu ou acontecerá.

O Dr. Lozanov examinou também alguns dos feitos psíquicos mais estranhos de Vanga.
- Vanga visitou uma mulher grávida na aldeia de P., no sul da Bulgária. Ela disse à mulher que a criança que esta última estava esperando seria morta quando fosse pouco mais que um bebê. E mostrou a casa onde morava o futuro matador. Tudo isso aconteceu. Mais tarde, a polícia prendeu o assassino na casa que ela indicara.

Em meados da década de 1960, pessoas de toda a Europa Oriental e, finalmente, da Europa Ocidental acorriam à casa de Vanga. Chegaram mesmo algumas da Austrália, dos Estados Unidos e do Canadá. Havia gente demais. Ela estava dando até cinquenta consultas por dia. Como outros grandes médiuns,

tinha-se a impressão de que Vanga poderia ser destruída pelo seu dom. Multidões de doentes, curiosos, preocupados—apareciam todos os dias e, muitas vezes, quando a longa fila se aproximava do fim, Vanga se sentia atordoada, e sua fala se arrastava, as imagens proféticas lhe apareciam borradas e confusas.

Em meados da década de 1960, entretanto, estava acontecendo outra coisa em Sofia. O provido governo Búlgaro chegara à conclusão de que a clarividência e a precognição eram campos maduros e vitais de indagação científica. O governo fundou o Instituto de Sugestologia e Parapsicologia que, entre outras providências, ofereceu abrigo a Vanga e resguardou-a das exigências mais exorbitantes feitas às suas energias. Em 1966, ela passou a ser funcionária pública. Hoje, além do pequeno salário que lhe paga o governo, dispõe de duas secretárias e de um grupo de pessoas encarregadas de entrevistar os solicitantes. Fora isso, para estudá-la cientificamente, existe em Petrich um laboratório de parapsicologia sustentado pelo governo, inteiramente aparelhado e apetrechado, ligado ao grande Instituto de Sofia.

Um governo comunista que sustenta e estuda uma profetisa e clarividente pareceu-nos extraordinário. Alguns parapsicólogos ocidentais, que tinham visitado os países da Cortina de Ferro há quatro ou cinco anos, asseguravam que os comunistas dificilmente se atreviam a mencionar o tópico "proibido" da profecia, mesmo em conversações particulares. Um ocidental que ventilara o problema da precognição numa conferência comunista aparentemente escandalizara os delegados. Sem embargo disso, o governo da Bulgária estava firmando um precedente no mundo inteiro ao estudar esse fenómeno de predição psíquica.

- Como foi que isso aconteceu?—perguntamos ao Dr. Lozanov, quando lhe fomos apresentadas no Instituto de Sugestologia e Parapsicologia em Sofia.

Lozanov, com os seus quarenta e três anos, o seu halo de cabelos grisalhos e anelados, as suas sobrancelhas nitidamente arqueadas e os seus quentes olhos escuros, cercados de risonhas rugazinhas, irradia uma preocupação profunda e bem-humorada pelas pessoas. É compato, flexível, de estatura mediana. Conquanto seja um mestre hipnotista, não tem o olhar imperioso do hipnotista estereotipado. Em vez de furar-nos, os seus olhos nos atraem. Georgi Lozanov ri com frequência e longamente—um riso que cresce sempre e parece ter nascido

da última piada contada num reino de permanente deleite. Talvez Lozanov tenha encontrado parte do deleite que são apanágio dos gurus, durante os seus vinte e cinco anos de estudos das formas filosóficas mais elevadas da Ioga.

Depois de conversar rapidamente com ele, compreendia-se que houvesse conquistado a confiança e a cooperação não só de Vanga mas também de muitos outros médiuns—personalidades tão temperamentais e personalísticas que muitos pesquisadores se recusam a lidar com portadores de grandes dotes psíquicos. Lozanov combinara um severo autodesenvolvimento, através da Ioga, com um rigoroso treinamento científico—extraordinária combinação que lhe deu profunda visão interior e rapport com as mentes fenomenais dos médiuns.

O Dr. Lozanov sorriu diante da nossa pergunta sobre o interesse búlgaro pelo paranormal.
- Não se esqueçam de que este é um país muito antigo—disse ele. É a terra de Orfeu.
Diz-se que Orfeu, que nós conhecemos como o deus da música e da poesia, viveu realmente na terra que é hoje a Bulgária. Reza a lenda que Orfeu foi um grande profeta, mestre e músico e, quando cantava e tangia a sua lira, os pássaros lhe voavam ao encontro, os peixes saltavam das águas e iam ter com ele, o vento e o mar se imobilizavam, os rios fluíam na sua direção, as árvores e as próprias pedras acompanhavam-no. E quando ele foi violentamente atacado, o seu corpo feito pedaços e atirado aos quatro ventos, a cabeça decepada de Orfeu, arrojada a um rio continuou a cantar.

- Possuímos uma longa tradição de cultura ocultista na Bulgária—continuou Lozanov. Muitas pessoas aqui têm experiências psíquicas. Talvez seja a atmosfera—ajuntou, sorrindo—mas o caso não é incomum. Isso explica, em parte, a disposição para examinar os factos parapsicológicos. Na realidade, todos somos médiuns, mas nem todos somos capazes de utilizar o talento psíquico de maneira prática. Qualquer um de nós pode cantar algumas notas, mas os que têm queda para a música desenvolverão o seu talento até atingir um alto nível.

- Como foi que o governo passou a interessar-se pelo psi? —perguntamos.

- Trabalhei com a precognição durante vinte anos—replicou Lozanov. Pesquisei perto de sessenta e cinco médiuns na Bulgária. Eu sabia que haveria uma época

na Bulgária em que os cientistas poderiam entregar-se a esse estudo. Trabalhei com Vanga Dimitrova cerca de dez anos. Houve muitas dificuldades e aqueles anos foram duros. Basicamente, eu tinha de provar que ela era, de facto, clarividente. Há uns três anos se organizou uma comissão para estudá-la. Gosto de comissões—rematou, sorrindo. Cônscio de que montes de estatísticas podem ser relutados ou ignorados, resultados de testes e testemunhos negados, argumentos lógicos destruídos, Lozanov decidiu deixar que os membros da comissão julgassem por si mesmos e chegassem às próprias conclusões mediante experiências e provas de primeira mão.

- Levei toda a comissão, um por um, a Vanga— disse Lozanov. — Antes de irmos a casa dela, alguns procuraram-me e perguntaram: "Por que você está perdendo tempo com Vanga? Por que não larga esse negócio de precognição e não se dedica exclusivamente à psiquiatria?"
E eu lhes respondi: "Mais tarde falaremos sabre isso".

"Tivemos sorte naquele dia. Vanga estava no melhor da sua forma. Mostrou-se sumamente clarividente. Depois, alguns membros da comissão me procuraram e disseram:
Precisamos experimentar. Precisamos estudar isso."

A comissão apresentou um relatório favorável a Vanga e, por ocasião do degelo, no meado dos anos 60, a parapsicologia recebeu o seu *nihil obstar*. Fundaram-se muitos Institutos de Parapsicologia. Outros grupos científicos, como o Instituto de Fisiologia, cooperaram plenamente com a pesquisa da ESP.

- O nosso apoio provém dos mais altos níveis do governo—disse Lozanov—dos mais altos. O governo nos deu excelentes condições para o trabalha. Nunca tivemos de preocupar-nos com dinheiro. Podemos levar avante qualquer projeto, em qualquer área do paranormal. Vanga é a primeira clarividente do mundo a ser colocada na folha de pagamento do Estado e o nosso governo criou boas condições para pesquisar a precognição.

Lozanov disse tudo isso com muito orgulho—orgulho pela Bulgária e pelo seu povo notável, a quem é extremamente dedicado.

Devemos dar os parabéns aos búlgaros por terem tido o discernimento e a coragem de ingressar num campo de estudos tão importante e valioso quanto a

sondagem dos velados domínios da existência humana. Muitas vidas dentre os oito milhões de cidadãos da Bulgária foram tocadas pelas profecias de Vanga, quer a conheçam, quer não, e urge compreender melhor esse fenómeno. Se os estudos de profecia realizados pelo Instituto de Parapsicologia redundarem numa vitória científica, a Bulgária terá tido o mérito de dar ao mundo uma das maiores conquistas de todos os tempos.

- Têm chegado pessoas de todas as partes do globo para consultar Vanga e, durante muitos anos, mandamos questionários a mais de três mil delas, sistematicamente, a fim de verificar-lhe as predições. Até agora, a nossa pesquisa revela que 80% do que Vanga predisse estão certos.

"Seria muito arrojado dizer categoricamente que ela é precognitiva—advertiu Lozanov. Cumpre evitar pronunciamentos antecipados. Aqui prepondera a ideia de que, se a precognição existe numa pessoa, não temos medo do que ela possa implicar filosoficamente. Se a precognição existe, encontraremos explicações para ela. Em minha opinião pessoal, não como diretor do Instituto, Vanga é médium; é capaz de predizer o futuro, embora não 100%."

Em regra geral, os cientistas comunistas acreditam gire os factos paranormais provavelmente obedecem a leis específicas, que podem ser descobertas e aproveitadas. A definição comunista de "materialismo" inclui as leis das ocorrências científicas e, portanto, se os factos psíquicos estão sujeitos a leis de comportamento, podem ser considerados "materiais".

Além de analisar históricos de casos, como estudavam eles a precognição?
A resposta de Lozanov não nos surpreendeu. Ajustava-se ao surto de pesquisa do paranormal que se registra em todo o mundo comunista: um esforço para compreender a energia básica inerente ao paranormal e a relação dessa energia com o corpo humano.

- Estamos estudando os campos de energia em torno de Vanga durante a precognição, - contou-nos Lozanov—e a relação entre a, profecia e as outras formas de ESP. —Lozanov e os seus colegas fazem um estudo total da precognição: a mulher total e o panorama total dos seus pronunciamentos psíquicos. —Temos uma documentação completa, médica e de outros gêneros, de todos os dias da vida de Vanga durante os últimos anos. Por que tem ela bons e maus dias? Existem factores médicos envolvidos nas suas profecias

totalmente exatas do futuro? Os campos biológicos ao redor do seu corpo afetam a precognição e a clarividência? O seu cérebro funciona de maneira diferente do cérebro de outras pessoas? Que se pode dizer da sua constituição psicológica? Estas são apenas algumas perguntas cujas respostas estamos procurando.

E prosseguiu:

- Não é possível estudar todos os aspetos paranormais dos seres humanos sem incluir no estudo muitas áreas da ciência. Por isso acredito que o melhor método de pesquisa da ESP consiste em reunir um grupo de muitos especialistas diferentes. O nosso Instituto conta com trinta cientistas, todos de especialidades distintas, que trabalham juntos para estudar Vanga e o psi em geral.

"O cientista puro que trabalha no campo da ESP nem sempre lhe compreende os aspetos psicoterapêuticos. E possível que escapem à sua observação alguns dos aspetos mais complexos da psique humana e das leis da sugestão.

Nem tudo o que se refere a seres humanos é tão simples quanto alguns cientistas puros gostariam que fosse. Por outro lado, o psicologista ou psicoterapeuta sozinho talvez não consiga elucidar problemas técnicos de física ou de electrofisiologia. Quando todos trabalham juntos, como fazemos aqui no Instituto, podemos obviar a alguns equívocos e evitar muitos erros. Claro está que, se um pesquisador chegasse um dia a deixar de cometer erros, não haveria desenvolvimento de espécie alguma!" O Dr. Lozanov interrompeu a sua vívida e brilhante explicação para dar uma risada.

Os búlgaros acreditam firmemente num enfoque unificado, interdisciplinar do psi. Afinal de contas, o ser humano não é uma máquina dividida em partes separadas, isoladas umas das outras.

- Procuramos também manter uma boa atmosfera ao redor de Vanga para protegê-la. Outros pesquisadores poderão querer trabalhar com ela mas, até agora, ela só quis trabalhar connosco—disse Lozanov.

Isso aliás, vem confirmar o facto de que Lozanov estabelece um rapport com médiuns mais perfeito que a maioria dos cientistas. O dia tem um número

determinado de horas, e muitos bons médiuns preferem ajudar as pessoas necessitadas de auxílio a trabalhar num laboratório em testes científicos abstratos, cacetes ou penosos. Já sabíamos alguma coisa sobre o tipo de predições que Vanga costuma fazer—datas de morte, acidentes futuros, as várias fortunas da vida.

- Examinando milhares de profecias de Vanga para diferentes pessoas, o senhor não depara, às vezes, com um modelo geral para pessoas de determinadas áreas ou países? —perguntamos. —Isso não lhe daria uma ideia de acontecimentos políticos futuros ou catástrofes naturais, como terremotos?

- Vanga não faz predições políticas—respondeu ele em tom categórico. —Ela não quer fazer predições políticas, só predições pessoais.

- Bem, que é profecia? —indagamos finalmente. Ele sorriu e pediu que nós lho explicássemos. Em lugar de fazê-lo, perguntamos como Vanga a explica. As pessoas carregam consigo traços do próprio destino? Ou a história do suturo vem de outro plano, de espíritos desencarnados, como querem alguns?

- Vanga afirma-nos que vê quadros e ouve vozes. E diz às pessoas o que vê e ouve. Como cientistas, naturalmente, precisamos ser muito céticos em relação a essas vozes, mas é assim que ela diz que obtém as informações.

Haverá alguma coisa como o destino, o karma, a predestinação? Serão fixos alguns modelos das nossas vidas? A ser assim, por que uma pessoa está destinada à tragédia, ao passo que outra é abençoada com todas as facilidades e felicidades? Por que prediria Vanga a uma mulher grávida que o filho que ela traz no ventre será morto por um homem postado em tal e tal lugar? Seria o destino dessa criança nascer para ser assassinada?

Os milhares de búlgaros cujas vidas foram tocadas pelas profecias de Vanga calam-se ao ouvir perguntas como essas. Alguns, com os quais conversamos fora do Instituto, falam em reencarnação como possível explicação; outros respondem recorrendo às ciências modernas. Os búlgaros têm sido obrigados a enfrentar alguns mistérios da existência humana. Como explicar o destino de uma criança—o destino de um país como a Bulgária, cujo povo foi oprimido por brutais soberanos turcos durante um longo e tortuoso período de seiscentos anos?

Talvez por causa dos seus milénios de civilização, talvez por causa dos longos séculos de opressão, talvez por causa da atmosfera harmoniosa do país, a pequena população da Bulgária parece ter mais médiuns *per capita* do que a maioria dos outros lugares. Tem telepatas, clarividentes, profetas, curadores; o poder psíquico, virtualmente, é um recurso nacional.

- A nossa cultura ocultista remonta aos tempos antigos—reiterou Lozanov. Desde a Renascença, temos tido sociedades religiosas místicas. A mais poderosa dentre elas se parecia com a dos albigenses da França, exterminados pela Inquisição. Mas aqui sobreviveram e floresceram. A compreensão e a aceitação do elemento psíquico da vida filtraram-se através da nossa cultura. Muitas pessoas em nosso país têm experiências psíquicas em vários níveis diferentes. Temos um bom "clima" para isso. As senhoras sem dúvida o sentiram aqui, na costa do Mar Negro, onde há uma ambiência muito espiritual, uma atmosfera de grande harmonia.

Existe, realmente, algo especial na costa búlgara do Mar Negro que nem o menos sensível dos cronistas de viagens pode deixar de notar. O bom "clima" se reflete na atitude sem preconceitos de muitos búlgaros para com a ESP. Surpreendíamo-nos constantemente ao descobrir que os Búlgaros que conhecíamos por acaso estavam bem informados a respeito do psi e achavam naturalíssimo tudo o que a ele se referia.

- Telepatia, oh sim—disse um rapaz que ficamos conhecendo e que estudava Inglês na Universidade de Sofia.

- Um professor meu fala muito em telepatia. Travamos discussões sobre isso e sobre a Lâmpada de Aladim, que, no seu entender, tem ligação com esse fenómeno. De acordo com as teorias dele, a Lâmpada de Aladim pode ter sido um resquício de uma civilização muito mais antiga e desenvolvida do que a nossa. Na sua opinião, a Lâmpada representava a exploração do poder psíquico para finalidades práticas... uma coisa que povos ulteriores, mais primitivos, chamariam de mágica.

Disse-nos um estudante de medicina:

- Pessoas como Vanga não são novidade. Os gregos tinham Cassandra e os oráculos de Delfos. A profecia sempre foi uma questão desconcertante. Lembra-me um caso, cujo relato encontrei, de uma mulher que precisava de psicoterapia. Ela se dizia condessa, condessa francesa, que vivera há muitos séculos num castelo da França. E confessou aos psiquiatras que desejava ser levada para lá. A título de experiência, afinal, decidiram levá-la. Sem nunca ter estado na França, a mulher conhecia todas as salas do castelo e descreveu-as minuciosamente antes de viajar. Disse que havia um retrato seu em certo lugar. Os médicos localizaram o quadro, o retrato de uma condessa que ali vivera duzentos anos antes, a mesma mulher que ela afirmava ser.

Procuraram todos os nomes por ela mencionados em velhas crónicas esquecidas, que só poderiam ser encontradas na França, e os nomes estavam todos lá. Ela chegou a dar descrições precisas de como se enfeitavam as salas para determinadas receções e jantares de gala. Estava tudo certo.

"Reencarnação... disse ele. —E uma ideia sumamente intrigante. Há outro caso que não me sai da cabeça: o de um homem que sonhou ter construído um palácio há centenas de anos, talvez há mil anos. Descreveu todo o plano da construção, a localização, etc. O homem estava obcecado pelo palácio. O clínico sugeriu a um arqueologista que examinasse o lugar indicado por ele. O arqueologista começou a escavar. E encontrou o palácio, construído exatamente como o homem sonhara havê-lo construído.

"Isso faz a gente pensar, não faz?"—rematou o estudante.
Hoje em dia o Dr. Lozanov está arrancando a capacidade psíquica do reino do misticismo em seu país e submetendo-a a disciplinas científicas rigorosas em seus laboratórios.

- Tudo pode ser explicado cientificamente—diz ele.
Voltando ao trabalho de Lozanov com a Vidente de Petrich, não resistimos à tentação de perguntar:

- Vanga prediz o seu futuro?

- A primeira vez em que fui procurá-la, quando ainda era moço, foi à única em que ela me predisse alguma coisa—respondeu ele. —Muita gente imagina que ela tem de fazer-me vaticínios, o tempo todo, mas agora, como veem, a vida

dela está intimamente ligada a acontecimentos de minha vida e ao progresso do Instituto. É muito difícil para ela predizer o próprio futuro e, portanto, também não prediz o meu. Além disso—ajuntou com um sorriso— não preciso de predições.

- Como veio a interessar-se pelas coisas psíquicas? Havia algum médium na sua família?

- Não, não, ninguém na minha família tem o menor interesse pela parapsicologia.

Mas, como muitos meninos nos países orientais, em que a hipnose era aceito logo, Lozanov, com o seu talento natural para hipnose, começou a hipnotizar os amiguinhos da escola. Um dia, perguntou a uma colega de classe em transe:

"O que é que nosso amigo está fazendo em outra parte da cidade?" Os garotos verificaram a resposta do rapaz.

- Ele estava certo—diz Lozanov. —O meu colega de classe demonstrou clarividência enquanto se achava em transe. Isso me fez pensar. Comecei a interessar-me por parapsicologia e Ioga e estudei psicologia e psiquiatria na Universidade de Sofia.

Lozanov viajou o mundo todo em função do seu trabalho no campo da parapsicologia e da sugestologia, não só o bloco de países comunistas, mas também a índia, a Europa, a
Grã-Bretanha, a América. Em todos procurou pistas para a compreensão da clarividência e da precognição. Estabeleceu um caloroso rapport com alguns dos maiores profetas e clarividentes do mundo, entre os quais figuram os mais famosos iogues da Índia e Croiset, da Holanda, que cooperara com ele num projeto de pesquisa conjunta. Jeane
Dixon, de Washington, poderá visitar a Bulgária em futuro próximo.

- Talvez tenhamos, um dia, uma conferência de profetas—observa Lozanov com uma boa gargalhada.

Muitos relatos e históricos de casos que envolvem Vanga foram publicados na Bulgária e recentemente numa história em série, dividida em cinco partes, na

revista iugoslava Svet. (53-205) Até agora, porém, os dados científicos não foram liberados.
Quando tenciona publicar a pesquisa que fez de Vanga nos últimos der, anos? - perguntamos.

- Talvez daqui a um ano possamos publicá-la. Depende. Como a autoridade do Instituto está envolvida nisso, não diremos de maneira positiva que ela é capaz de predizer o futuro— explicou Lozanov. —Diremos que o material sugere capacidades paranormais e, nesse caso, ainda não será necessária uma explanação.

Quando esse estudo for publicado, será o mais extenso, mais circunstanciado, mais amplo e (depois de conhecer as pessoas nele envolvidas) provavelmente o mais criativo que já se fez sobre um profeta vivo. Vanga é um projeto de pesquisa em desenvolvimento para os cientistas búlgaros. Mas, até agora, o cuidadoso estudo que fizeram, indicando que ela tem acertado 80% das suas profecias, alimenta a crença búlgara de que se trata de uma médium excecional. Os 80% de Vanga são ainda mais assombrosos por serem um cálculo científico de predições feitas dia a dia, e não apenas das mais notáveis, publicadas de vez em quando pela imprensa do país. E o triunfo das previsões de Vanga é construído com acontecimentos específicos, preditos em relação a pessoas que ela raras vezes conhece, pessoas que não são famosas.

Existem, talvez, menos dúvidas no que concerne à pureza do elemento psíquico nos tipos de predição de Vanga do que nas profecias de guerra em determinadas áreas, a queda de um líder mundial ou o divórcio de uma famosa estrela do cinema. O volume cada vez maior das provas de que a cega de Petrich pode ver o futuro, e frequentemente o vê, nos faz pensar, quando não indica outra coisa, que possivelmente não conhecemos tanta coisa a nosso respeito e a respeito do mundo em que vivemos quanto o supõe a ciência dos compêndios.

Vanga é vidente há mais de trinta anos. Há mais de trinta anos tem sido cega para o mundo de todos os dias. Não lhe é dado ver as belezas que abundam em sua terra, o verde-azulado do mar, as longas carreiras de girassóis que crescem tão alto e tão pesados na ponta, as "hordas de tesouros"—os alguidares e taças de ouro, as joias que fascinam e faíscam desde o terceiro milênio a.C. E ela não pode ver as novas coisas que, provavelmente lhe

pareceriam ainda mais insólitas—as minissaias drapejando pelas ruas, as espaçonaves de brinquedo, a máquina de EEG que os cientistas lhe aplicam.

Mas Vanga, em sua existência conturbada como a própria Bulgária, parece ter feito um arranjo especial com o tempo, pois vê claramente através dele. Com os seus olhos despojados de visão, vê, pelo menos de vez em quando, o que os outros contemplamos cegamente.

**Nikolay Stoyanov: O Caso Baba Vanga**

Entrevista realizada por: Dobrinka Korcheva

*Sr. Stoyanov, há algo que você não tenha partilhado no seu livro recentemente publicado intitulado "O Caso Baba Vanga"? Em caso afirmativo, foi por falta de espaço, uma "censura" interna ou para guardar o "material" para outro livro mais uma vez dedicado a Baba Vanga?*

Não acho que não tenha dito tudo o que queria partilhar neste livro. No entanto, sei de algo fora do âmbito do meu livro que me foi contado pelo meu bom amigo Toma Tomov, que fez um filme magnífico sobre Baba Vanga. Ele contou-me que o filho adoptivo de Baba Vanga, que é promotor em Petrich e presidente da Fundação "Vanga," lhe contou que a profetisa havia partilhado com ele quando seria o fim do mundo. Ele jurou não contar a ninguém, já que Baba Vanga lhe pedira que não o fizesse. E por essa não ser uma informação de primeira mão—e tanto pode ser verdade como pode não ser, decidi não a incluir no meu livro.

*Qual será, das previsões feitas por Baba Vanga, a que você não conseguiu esquecer?*

Em criança, adolescente e estudante—foram os períodos em que tive contatos mais activos com Baba Vanga. Na verdade, ela foi ao meu casamento, mas eu nunca lhe pedi que me fizesse uma leitura de vida. Fiquei apavorado com a ideia de chegar a saber coisas sobre o futuro que é melhor não saber, caso contrário perderemos a motivação para viver.

Svetlin Rusev, que também era muito próximo de Baba Vanga, partilha da minha opinião—ele nunca pediu a Baba Vanga que lhe contasse nada sobre a sua vida pessoal.

*Você é o primeiro a divulgar que Dimitar Gushterov—marido de Baba Vanga, teve que deixar a sua noiva Zoitza, para se casar com a profetisa. De acordo com os antigos costumes, tal ato era considerado muito pecaminoso, sem falar no que Zoitza se sentiu em resultado da sua decisão. Dito isto, Dimitar deve ter tido esse drama pessoal, um conflito interno e até culpa, que o "consomiu" durante todos aqueles anos. Isso é o que você insinua no seu livro, e também partilha a sua opinião, que essa é provavelmente uma das muitas razões pelas quais ele teve essa debiilidade que o terá levado a começar a beber álcool e mais tarde morrer de cirrose.*

Eu tinha esquecido essa história e, quando falei com Evtim Evtimov sobre a filha de Baba Vanga, ele refrescou-me a memória acerca do marido dela. Como não iria publicar algo sobre o qual não tenho 100% de certeza, fui até a casa de Baba Vanga e conversei com o curador do complexo. Eles confirmaram a informação que apuraram pessoalmente de Zoitza. Todas as outras pessoas a quem perguntei disseram a mesma coisa, pelo que fiz dessa o meu ponto-chave para a questão do porquê desse casamento ter ocorrdo desde logo.

A minha tia, que não era apenas uma mulher muito bonita, mas também muito sugestiva, disse uma vez a Dimitar: "Escute, você não terá nada a perder. Baba Vanga é uma mulher muito decente, uma óptima pessoa. Ela cozinha muito bem, tricota muito bem, é extremamente limpa e arrumada. Além do dom fenomenal dela, você nunca ficará sem dinheiro." Para além de tudo, Baba Vanga disse com precisão a Dimitar, onde estavam as moedas de ouro do seu irmão assassinado. Eles encontraram-no num campo agrícola, com a cabeça esmagada.

Dimitar era um homem muito bom, mas não era nada espiritual. Não era único, nem um espírito iluminado, por assim dizer: "Vou me ajoelhar diante desta mulher e sacrificar a minha vida por ela". Ele era um homem comum, mas era um faz-tudo talentoso—ele conseguia consertar tudo com as mãos e até construiu a nova casa sozinho.

Quando a minha tia perguntou a Baba Vanga como foi a sua primeira noite de núpcias, Baba Vanga respondeu: "Isso não é da conta de ninguém" e encerrou o assunto de uma vez por todas. Na minha opinião, o casamento foi consumado, mas eventualmente Baba Vanga e Dimitar não tiveram filhos.

Dimitar deve ter tido a vaga sensação de que, como Baba Vanga possuia aquele dom de prever o futuro, eles sempre teriam dinheiro na família. Ela não pedia dinheiro, mas as pessoas ficavam tão agradecidas que muitas vezes lhe davam algum. Sem falar no período em que foi oficialmente empregada como funcionária do Estado Búlgaro. Baba Vanga contribuiu com muito dinheiro para o município de Petrich—estamos a falar de milhões de levs. A taxa cobrada aos Búlgaros era muito inferior às taxas cobradas aos estrangeiros.

*Então havia impostos sobre a renda dela?*

Não, todo o dinheiro era para o município. Baba Vanga tinha um salário do governo. Havia algumas outras pessoas que também eram funcionários do governo e que trabalhavam com Baba Vanga. Ela tinha um motorista, um segurança e um grupo de pessoas que cuidava dela. Todos recebiam um salário do Governo.

Há mais uma coisa. Hoje, um em cada dois adivinhos é considerado um charlatão e é exposto e investigado. No caso de Baba Vanga, havia um "guarda-chuva" que vinha "de cima". Como se explicaria tal paradoxo?

Chegou um momento em que as autoridades descobriram que Baba Vanga era um fenómeno único que contradizia as visões materialistas e ateístas da Bulgária comunista. Ao mesmo tempo, ficou claro que isso não podia ficar escondido por muito mais tempo e que mais cedo ou mais tarde, mais e mais pessoas descobririam. O enorme interesse suscitado por Baba Vanga poderia ter criado outros problemas graves, por isso as autoridades decidiram dar-lhe a oportunidade de ajudar as pessoas, sob a forma de "investigação científica." Ela tinha uma placa na porta que dizia: "Instituto de Sugestologia."

*O chefe do Instituto era PhD. Georgi Lozanov. Até você escrever que ele esteve em prisão domiciliar durante 10 anos, ninguém soube do seu destino trágico.*

Ele teve um ataque cardíaco e depois sofreu um derrame. O tempo de prisão domiciliar excedeu os 10 anos. Durante esse tempo, ele não saiu de casa. Levaram tudo o que ele havia trabalhado, fecharam o instituto e prenderam-no no aeroporto. Ele carregava consigo algumas gravações de Baba Vanga e as suas sessões de leitura, para poder partilhá-las em um simpósio científico. Foi por isso que ele foi preso. As autoridades arruinaram-lhe a vida, enquanto os

cientistas Russos, que não eram escravos da ideologia ao extremo, puderam fazer muitos exames e pesquisas sobre Baba Vanga.

*Confesso que fiquei muito surpreendido quando li no seu livro que Krasimira Stoyanova – sobrinha de Baba Vanga, não só privatizou e se apossou da questão "Baba Vanga," como também roubou um texto sobre a profetisa que não é dela. Você pode contar essa história mais uma vez.*

Pouco antes das mudanças ocorridas na Bulgária, Krasimira trouxe-me um rascunho composto por algumas páginas escritas sobre Baba Vanga. Eu era editor da revista "Flame" à época e, como tal, achei muito interessante a ideia de publicar um livro sobre a profetisa. Krasimira trabalhava com Lyubomir Levchev à época.

O problema é que não conseguimos escrever um livro com quatro páginas, pelo que lhe perguntei: "Você consegue escrever?" Ela respondeu: "Não, nunca escrevi um livro antes." Eu disse-lhe que ela não podia esperar que eu escrevesse porque não estava pronto, e além do mais tinha outros problemas importantes a resolver de momento. Assim, pedi a um amigo meu—Hristo Ganev, que tinha grande respeito por Baba Vanga e com quem partilhávamos muitas visões espirituais do mundo—para se encontrar com a profetisa e tomar notas do que ele tinha ouvido. Conseguimos marcar algumas reuniões e Hristo conseguiu gravar material suficiente, de modo que ele acabou por escrever esse livro e deu-mo para ser editado e posteriormente publicado. Krasimira chegou um dia e pegou no livro para ler e acrescentar algo dela. Então, quando o trouxe de volta, percebi que faltava o nome de Hristo Ganev como coautor—tanto na frente, como no final.

Fiquei muito intrigado e perguntei diretamente a Krasimira por que o nome dele não vinha no livro. Ela apenas respondeu: "Hristo Ganev não tem nada que ver com este livro, este livro é meu." Eu disse-lhe sommente para sair da minha vista e que a não queria ver mais. Na verdade, essa foi a última vez que a vi.

Essa síndrome é uma característica típica da maioria das pessoas que são parentes de alguém que é um fenómeno ou uma pessoa muito famosa. É por isso que Baba Vanga teve Veneta (que foi adoptada por Baba Vanga) como sua filha "verdadeira" para o resto da vida.

## O HOMEM E OS CONTURBADOS TEMPOS ATUAIS

Vanga persiste em prever o estabelecimnto de contatos inteligentes com seres de outros planetas. Mas esse tempo ainda está muito longe. O que acontecerá com as pessoas antes disso?

"Antes disso, a humanidade experimentará muitos desastres naturais e sociais e acontecimentos violentos. Gradualmente, a consciência humana mudará. Tempos difíceis sucederão, as pessoas serão divididas com base na fé. O ensinamento mais antigo virá ao mundo. Perguntam-me: "Quando chegará esse tempo?" Não, não vai ser tão cedo. A Síria ainda não caiu!" (Esta declaração foi gravada por mim em 1980.)

De facto, assistimos a acontecimentos incríveis. Mudanças rápidas em todas as áreas da vida estão a abalar a Terra. Doutrinas e ditadores são esmagados, velhos mitos são desmascarados, os conceitos das pessoas são alterados, o pensamento conservador é libertado, todos os dias somos saturados de coisas novas até ao limite. Será acidental? Esta convulsão social praticamente universal será arbitrária? De onde vem esta mudança repentina? "Nada é acidental, nada é acidental," diz Vanga. É por isso que digo a todas as pessoas que a nossa consciência deve ser transformada em bondade. E isso não é apenas um desejo.

A Terra está a entrar em um novo período de tempo, que pode ser descrito como o tempo das virtudes. Este novo estado do planeta não depende de nós, vem independentemente de o querermos ou não. O novo tempo exige um novo pensamento, uma consciência diferente, pessoas qualitativamente novas, para que a harmonia no Universo não seja perturbada. Muita gente tenta adaptar-se às mudanças atuais, mas isso não a ajudará a entrar no futuro. Elas eram necessárias pelo tempo que passa, e elas cumpriram a missão que lhes foi atribuída pelo céu. Outros, pessoas de bem, servirão o futuro: a preservação e o desenvolvimento da vida.

Com que é que a pessoa atual não se preocupa? Junto com as ansiedades e esperanças que ela deposita no futuro, o espírito humano inquieto está à procura de respostas para muitas outras questões. Vanga acalma os curiosos:

"Chegará a hora dos "milagres," muitos mistérios serão resolvidos!"

No início de 1968, Vanga muitas vezes entrou em transe e exclamou:

"Lembrem-se de Praga! Lembrem-se de Praga! Grandes forças circulam pela cidade e bradam: 'Guerra! Guerra!' Praga vai transformar-se num aquário onde as pessoas vão pescar....

Apesar de não termos compreendido o significado do que ouvimos, foi assustador ouvir. Há muitos que ouviram essas palavras dela, porque ela as repetiu muitas vezes. Então realmente testemunhamos os acontecimentos que se deram na Tchecoslováquia, mas o que Vanga queria dizer, que Praga se transformaria em um aquário, ainda não entendemos. Ela geralmente não explica e raramente interpreta qualquer coisa dita, especialmente quando se trata de acontecimentos grandes e fatídicos, ao mesmo tempo que diz que ela própria não entende.

Normalmente Vanga evita falar de política, e para isso tem boas razões, porque as suas palavras podem ser interpretadas como se quiser. Mas ainda assim, às vezes, embora muito pouco, ele fala sobre esses temas.

Aqui, por exemplo, está uma conversa interessante que teve em 1982 com o jornalista libanês Abdel Amir Abdallah. Ele partilhou as impressões que colheu sobre esse encontro no semanário político Al Kitah al Arabi, publicado em Beirute. A sua história chegou-nos em tradução do Italiano e foi publicada na revista "Bulgaria d'oggi." Nº 2 de 1982. O jornalista foi convidado da "Sofia Press." Aqui está a sua história com abreviaturas:

"Na casa da Vanga. Um quarto como tantos outros. No meio—uma lareira elétrica. Vanga estava sentada num sofá coberto com um tapete com listas azuis e laranjas. Tentei concentrar toda a minha força mental para não cair sob a influência dela. Ele tirou os óculos e olhou para os rostos das outras três mulheres sentadas no canto da sala. Tudo ficou impresso na minha mente.

Reinou um silêncio que vinha do rosto de Vanga. Então ela ergueu a cabeça e disse com uma voz intensa e confiante que expressava uma vontade inabalável:

Jornalista Libanês, venha sentar-se aqui! Deixe o motorista sair!

"Esse foi o primeiro sinal que me revelou o poder de Vanga. Como saberia ela que o motorista estava no quarto?

Dá-me açúcar, jornalista Libanês!

Tirei um pedaço de açúcar do bolso e coloquei na mesa para ver Vanga pegar nele. Sem qualquer esforço, estendeu a mão e apanhou o açúcar. Ela começou a

dar-lhe voltas, com a mão firme. Virou-se para mim, e parecendo estar a observar-me por dentro, disse:

Você usa óculos, que você usa principalmente para reuniões importantes e outras circunstâncias. Por que os tirou agora?

Este foi o segundo golpe que Vanga me desferiu para minha incredulidade.

"Olhe," disse ela, o seu pai e a sua mãe estão vivos e estão no Líbano. Neste momento, a sua mãe está em casa, mas o seu pai não está, talvez na rua, no campo. Você mora na cidade e é jornalista há cerca de doze anos. Você escreve sobre o setor de serviços, mas também pode escrever sobre política. Embora a sua contribuição nessa área seja pequena: raramente escreve sobre política. Em 1982-1983, você terá um grande sucesso no seu trabalho... Terá sete filhos e, quando completar 42 anos, testemunhará uma grande guerra, mas não lhe direi quem a desencadeará."

Havia palavras ininteligíveis, misturadas em tons de comando e admiração.

"Você é Muçulmano e observa os feriados do calendário Muçulmano. Vocês têm um texto sagrado importante—o Corão. Você precisa lê-lo na íntegra e com mais detalhes os capítulos 9, 10, 11 e 12."

Vanga prosseguiu:

"Em 1984, a Síria vai travar uma grande guerra, a situação vai tornar-se muito complicada. Já esteve em Jerusalém? Vejo Bagdade agora. O que é isto que eu vejo, Bagdade? Você vai lá."

Ela continuou a falar, não me dando a chance de fazer perguntas.

"O Líbano terá problemas do norte e do sul, do oeste e do leste. Vejo o Nilo. O que é que o Nilo tem que ver aqui? Você vai lá. Há muitas estradas à sua frente. Ouça, jornalista, você deve ter um profundo respeito pela sua mãe. Você tem que lembrar que ela quer algo de si. O Líbano está cercado pelas chamas. Há muita fruta vermelha e muita água. Mas não há petróleo no seu país e não haverá petróleo."

Então Vanga perguntou-me:

"Quem lhe falou de mim?"

O editor-chefe Walid Al-Husseini, ele queria falar consigo.

Vanga ficou em silêncio por um momento e então começou a dar voltas ao cubo de açúcar que tinha nas mãos de novo e disse:

“Há muitos veículos armados no Líbano neste momento. Em maio de 1982, o seu céu ficará negro.” Em seguida, ela prosseguiu:

“Existem muitas comités no Líbano, mas não são capazes de fazer nada. As trincheiras permanecerão abertas e as barricadas não serão destruídas.”

“Quem foi o seu profeta? Aquele que prega e olha para os três planetas? Vejo a alma dele entrar no meu quarto. Quem é Elias Sarkis? O seu presidente, cristão, solteiro de ascendência árabe. É um bom político. Mas agora há muitas tropas no Líbano. As relações que têm com a Síria devem continuar a ser sempre muito boas. No futuro, essa relação será ainda melhor.”

Vanga fez uma pausa por um momento, e depois acrescentou:

"Há uma guerra em Beirute neste momento.” Depois disso, ele disse:

“Este incêndio está a desaparecer, mas depois voltará a reacender-se.”

Ao contactar-me: “Aprova esta guerra?"

Eu respondi: "Não, não aprovo.”

A Sra. Vanga disse-me isso em 2 de dezembro de 1981, às 8h45.

Quando regressei ao Líbano, vasculhei os arquivos e encontrei material que me dava conta de que nesse dia se verificara um confronto armado entre dois grupos na parte ocidental de Beirute. Vanga não costuma falar de política. Todos me alertaram sobre isso. Mas por que terá ela falado comigo sobre política? Talvez porque estivesse preocupada com a situação política e com o destino do meu país. Pensei nisso na noite anterior e os meus segredos ficaram impressos em um pedaço de açúcar, e Vanga traduziu esses segredos através da química das sensações por palavras.

Voltando a Sofia, pensei muito nessa mulher, cujo dom é reconhecido pelo Estado. Quando voltei ao hotel, decidi não publicar nenhum material que estivesse relacionado comigo pessoalmente, bem como o que dizia respeito a todos nós, principalmente o que dizia respeito à minha terra natal, o Líbano.

Porquê? Sim, porque se tudo o que Vanga disse se confirmar, é terrível! Queria acreditar que tudo não passava de palavras. Vanga falou sobre a situação política e o futuro da Nicarágua com um representante de alto escalão desse estado em 1978. O convidado expressou esperança de pelo menos uma

normalização parcial da situação ter lugar lá no futuro próximo, e Vanga lhe disse:

"Não, haverá mais sangue derramado lá. Rios de sangue vão correr. O que os espera, nem imagina!"

Quero falar-lhes de uma das noites que passei com a Vanga. Era véspera de Natal, a véspera de Natal de 1981, e nós temos um feriado da família santa, e nesse dia todos nos reunimos, não importa onde estejamos. Vanga é muito pontual, e tem grande respeito pelos rituais religiosos. E de cada um de nós exige uma preparação séria para as os dias santos.

Nós reunimo-nos numa grande sala em Rulit, onde um fogo quente e alegre animado crepitava na lareira. A rua é escura, os arredores estão cobertos de escuridão e tão silenciosos, como se houvesse um metro de neve no quintal. Mas não há neve. Ela vai lá muito raramente, para grande pesar das crianças, mas isso não reduz minimamente o nosso humor. Montamos a mesa festiva. De acordo com a tradição, precisamos ter treze pratos quaresmais e, no meio da mesa, uma torta assada quente redonda com uma moeda.

Um pouco mais tarde, Vanga vem cortar o bolo e quem conseguir um pedaço com o dinheiro terá sorte para todo o ano seguinte. Somos todos adultos, mas até hoje, como outrora, aguardamos este momento com muita emoção. Apenas um pouco mais de paciência. Antes do jantar, as crianças saem para o pátio com uma vela acesa, um bolo de Natal e um incensário com incenso e convidam o Senhor para um jantar festivo. Depois andamos ao redor da mesa com o incensário, fazemos uma oração e só depois começamos a comer.

O fogo na lareira arde gradualmente, e os troncos inflamam-se com belas brasas vermelhas. Temos uma outra crença na nossa área. Pela forma como a lenha arde e o calor que a lareira liberta, eles determinam como será o ano seguinte. Profetizar numa ocasião tão responsável é confiado à pessoa mais velha da família. A nossa "anciã" e autoridade indiscutível, é claro, Vanga, de modo que quando esse momento chega, todos nós a ouvimos com fôlego suspenso. Ela não vê o fogo moribundo, mas "calcula" os sinais com a ajuda de seu incrível dom.

"Em 1981, o nosso planeta esteve sob estrelas muito más, mas no próximo ano será habitado por novos 'espíritos.' Eles trarão bondade e esperança. 1981 não trouxe nada de bom às pessoas, mas exigiu muito de cada um de nós."

“1982 será um ano de ansiedade e dificuldade. Muitas cidades e aldeias serão destruídas em consequência de terramotos e inundações, as catástrofes naturais dilacerarão a terra, as pessoas más dominarão e os ladrões, bêbados, querelas e meretrizes sem conta. Entre as pessoas, serão criadas relações frágeis e duvidosas, que se romperão logo no início. Os sentimentos serão muito desvalorizados e apenas as falsas paixões, ou melhor, as ambições e o egoísmo, se tornarão incentivos nas relações humanas. O ano de 1982 brilhará sob uma nova luz. Novas almas povoarão a terra e algumas delas se manifestarão. Uma luz mais brilhante brilhará em Jerusalém. As pessoas não virão pela cultura, mas pelo conhecimento. A palavra ‘Volga’ virá e engrandecerá o planeta.”

“1981 trouxe infortúnio a muita gente, e depôs muitos líderes. O ano de 1982 será bom para a cultura, mas chegará o dia em que muita gente que trabalha neste campo serão separadas, separadas como o trigo do feijão. O ano de 1982 trará muita bondade e muitas coisas novas. O ano entrará em vigor em 22 de março. Este será um ano de novos jejuns, reino e poder, e começará na primavera, quando as primeiras flores aparecerem e os pássaros voarem do sul. Haverá muitas mudanças, nova gente virá, muitos idosos será dispensada, as mulheres assumirão altos cargos, mas essa não é a sua vocação. Muitos se aposentarão por receio, e outros serão varridos com uma vassoura imunda. Espere por uma mudança para melhor."

## O HOMEM E A SUA SAÚDE MENTAL

**A fitoterapia ocupa um lugar de destaque na prática de Vanga, mas ela acredita que nem as ervas nem a harmonia com a natureza produzem o efeito desejado se a pessoa não se esforçar por manter a sua saúde mental a um nível elevado. Do seu ponto de vista, a vida humana é uma cadeia inseparável de processos e relações interligadas, e a violação de um dos elos pode levar a uma quebra de harmonia na natureza. Perguntamos-lhe o que entende por saúde mental e como preservá-la, e ela responde invariavelmente: “Todo o ser vivo, toda a Terra e todo o Universo estão sujeitos a um ritmo e a uma ordem cósmica rigorosamente definidos. A violação dessa ordem leva a erros, pelos quais todos pagamos um preço elevado.”**

**Está bem, mas como nos movemos dentro dessa ordem?**
**Sem quebrar a harmonia.**

**E como viver em sintonia com ela?**
**Esforçando-nos por ser bondosos.**

**De onde vem a esta vidente cega, Vanga, tanta convicção de que a bondade é a base para preservar a vida em todas as suas manifestações? Talvez esta confiança seja sustentada pelo seu dom incrível de ultrapassar o tempo e o espaço, de ver o invisível, aquilo que a pessoa mais perspicaz não consegue ver? Ou será a sua filosofia de vida pessoal, formada durante anos de uma infância pobre e órfã? É difícil responder a esta pergunta, porque o comportamento de Vanga na vida quotidiana e as suas profecias fenomenais estão tão entrelaçados que é difícil separar uma coisa da outra.**

**Ela é uma pessoa de uma moral excepcionalmente elevada, e talvez tenha mesmo de ser assim. Como se pode ensinar as pessoas a serem bondosas e a amarem-se umas às outras sem o ser, se não as amarmos nós próprios, se não formos capazes de abrir o coração a todos os que procuram a nossa ajuda, se não compreendermos que a felicidade consiste em dar alegria aos outros, que é impossível viver plenamente se não sacrificarmos a nossa vida pelos outros?**

**Vejamos agora qual é a opinião de Vanga sobre aquelas qualidades humanas e atos que afastam o homem da bondade tão desejada por todos. Tomemos a atitude perante os filhos e a sua educação. Vanga diz: "Antes de darem à luz filhos, devem saber que já não vos pertencem a vós próprios, mas sim à criança. Dá-se uma vida pela qual se é totalmente responsável."**

**Uma mulher queixa-se a Vanga: "A minha filha bate-nos, já não aguento mais." Vanga responde: "Deviam tê-la corrigido quando era pequena. O vosso filho fartou-se de tudo, mimaram-no demais e agora não está bem da cabeça. Assim acontece – parece que têm um filho, mas na realidade não têm."**

**"Sou uma mãe infeliz", chora outra, "um filho é reincidente, já não é a primeira vez que vai para a prisão, o outro é infeliz no casamento. A minha filha tem uma doença nervosa." "Tenha paciência", diz-lhe Vanga, "os seus filhos cumprirão as penas, e tudo se resolverá. Assim é o destino humano – ainda por descobrir por nenhum de nós."**

**Noutros casos semelhantes, Vanga conclui: "Deixem as pessoas sofrer e lutar por si mesmas, para que possam superar tudo sozinhas, caso contrário nada as ajudará. Só quando a doença se instala é que o bêbado começa a perceber o que fez, mas por vezes já é tarde demais."**

**"Do teu filho não sairá nada de bom", diz Vanga a um ministro, "vive de tudo feito, não faz o menor esforço para fazer seja o que for. Tinha quatro anos e já tinha casa e carro. Uma educação miserável. Não se pode construir uma casa com esses tijolos. Uma pessoa assim desperdiçará tudo." Uns anos depois, soube-se que esse mesmo filho se tornou toxicodependente, pelo que as sementes más lançadas pelo pai deram rebentos sombrios.**

**"A minha filha não me dá importância nenhuma", queixa-se uma ex-professora, "casou-se, teve um filho, e a criança está doente. O que devo fazer?" Vanga responde: "Pois é, ensinou os filhos dos outros, mas o seu ficou abandonado, acabou por se afastar. Deixaram de ser pessoas próximas. Mas nada! Ela paga o seu comportamento, sofrendo com o filho."**

**Ou aqui está uma cena. Uma família jovem com um filho de cerca de três anos. A criança está ao colo da mãe, sempre a choramingar, a pedir isto e aquilo. E a mãe, num tom autoritário que não admite discussão, põe o pai a correr para o carro e de volta, mandando trazer isto e aquilo. Com o seu ouvido apurado e infalível, Vanga, que está sentada no jardim e ouve o choramingar da criança, percebe a situação. Pergunta irritada de quem é a criança e manda trazerem os pais até ela.**

**"Tu, mãe, não cuidas bem da criança, não a educas como deve ser. Lembra-te do que te digo: vai crescer e tentar tomar conta da tua vida, quase ao ponto de te matar. E tu já te zangaste com o mundo inteiro por causa dele, como se fosses a única a ter filhos!"**

**"É verdade, Tia Vanga," intervém o marido. "Somos sete irmãos, eu sou o mais novo, mas a minha mulher não confia na minha mãe, ou seja, na avó." Vanga pergunta. "Sou investigador, e a minha mulher é educadora de infância."**

**“Meu Deus! É assim que se educa uma criança?”, exclama Vanga. “Por causa dos outros e por conta própria, não têm nervos para isso”, justifica-se a mãe. “Nada disso”, diz Vanga, zangada. “O problema é que não sabem educar o vosso próprio filho. Deem-no à vossa sogra. Ela criou sete filhos, talvez não tenha lido tantos livros como vocês, mas sabe educar na prática.”**

**“Nunca!”, diz a mulher entre dentes. “Para o meu filho andar na terra com os animais?” “Pois isso é convosco”, diz Vanga. “Mas, por favor, lembrem-se bem deste encontro. Há-de chegar o dia em que se hão-de arrepender amargamente por não me terem ouvido, e então já ninguém vos poderá ajudar.”**

**Sobre casos assim, Vanga diz: “As leis no nosso país deviam ser alteradas. Quando julgam crianças mimadas e arrogantes que cometeram um crime, não deviam ser elas a ir para a prisão, mas sim os pais.”**

**E mais: “Todas as crianças são iguais. Seja qual for a mãe — branca ou negra, rainha ou mendiga — ainda assim acarinha o que tem de mais próximo do seu ser — o seu próprio filho. As mães tremem quando os filhos fazem exames. E na vida, tudo é um exame, uma prova. Também considero mães aquelas que adoptam e criam filhos, mesmo que não os tenham dado à luz, pois são mulheres que amam.”**

**“Adopta uma criança,” diz Vanga a uma jovem, “porque ainda há mães indignas que se privam voluntariamente da alegria de ser mãe. A natureza recompensa com igual generosidade tanto quem deu à luz como quem criou. A grandeza da mãe que adoptou a criança não é menor do que a grandeza de quem a gerou. O teu mérito será ainda maior, pois tens o coração aberto para dar felicidade, e és digna de ostentar o nome de ‘mãe’.”**

**Um pai desesperado pergunta o que aconteceu à filha, uma rapariga já adulta que perdeu mais de quarenta quilos e não se sente bem. Como tratá-la? “Sou mineiro”, responde o pai, “trabalho no subsolo.” Vanga vira-se bruscamente para ele: “E tu, homem, já mostraste os teus calos à tua filha?” O homem fica atrapalhado: “Trabalho para que ela tenha uma vida boa, para que estude!” Vanga: “E em vez de estudar, meteu-se com uma seita religiosa qualquer, não sei dizer qual, deixou de comer e agora vejo-a**

**completamente exausta, ao ponto de não se conseguir levantar da cama sem ajuda. Ah, homem, homem! Educar não é só dar dinheiro, mas antes de mais é preciso exigir dos filhos, educar-lhes o gosto pelo trabalho e incutir responsabilidade. O que fizeste da criança? E a tua culpa de pai é grande. Se puderes, traz-me a tua filha, que eu falo com ela. Hei-de ajudá-la a recuperar."**

**Outra mãe preocupada literalmente voou até Vanga e disse que o filho tinha sido detido pela polícia e que, sem sequer querer saber pormenores, veio logo ter com ela. "Não mintas", cortou-lhe Vanga. "Não negues, porque sabes bem que o teu filho e os rapazes assaltaram a loja. Quantos eram? Outro foi detido com ele. Para que vieste ter comigo? Ele roubou, vai ter o que merece. Deixaste-o sem vigilância!"**

**Sobre crianças deixadas na Casa de Infância, abandonadas, muitas vezes por terem algum tipo de deficiência: seria melhor o Estado procurar essas mães que irresponsavelmente abandonam os próprios filhos, e dar-lhes um apoio para os manterem. Porque é que outras mulheres hão-de ser infelizes por terem adoptado uma criança doente?**

**Há outro tema de que Vanga gosta muito de falar: o tema da retribuição. Eis as suas palavras: "Que todos saibam que nada fica sem ser pago neste mundo. As pessoas cometem crimes na esperança de que ninguém repare. Nada disso! Tudo se sabe, e chega o momento em que o culpado tem de acertar contas!" E ainda: "Não há pessoa ardilosa, por mais astuta que seja, que consiga enganar o seu próprio destino. Engana enquanto Deus o permitir. E depois que não espere misericórdia!"**

**Duas mulheres vieram ter com Vanga, tinham estado à espera da consulta durante vinte dias. Eram rendeiras e, enquanto aguardavam, sentaram-se no chão perto da casa dela a fazer renda. Quando chegaram junto dela, Vanga contou-lhes a história da família em tal detalhe que era simplesmente impossível esquecer. Perguntou: "E quem é esse padre que estava ao vosso lado?" Uma das mulheres disse: "Nem fales dele. Viemos por causa de um irmão que foi atropelado por um comboio." "Mas o fio do vosso sofrimento vem dessa pessoa", contrapôs Vanga. "Eu sei", disse a irmã. "Então para que vieram ter comigo?", perguntou Vanga, e contou a seguinte história: "Quando a vossa mãe era jovem e muito bonita, um dia foi rezar a um mosteiro. O jovem monge, ao vê-la, apaixonou-se. Cativado**

**pela sua beleza, largou o hábito e casou-se com ela. Tiveram três filhos e depois a vossa mãe ficou paralítica. Passou treze anos deitada na cama. O pai entendeu que isso era um castigo por ter quebrado o voto monástico e voltou de novo para a igreja, rezando no mosteiro por perdão. Entretanto, a mãe morreu e os três filhos foram deixados ao abandono. O filho tornou-se alcoólico, uma das filhas enlouqueceu, a segunda casou duas vezes e ficou viúva duas vezes: os maridos morreram subitamente. Um dia, depois de mais uma bebedeira, o irmão atirou-se para debaixo de um comboio, e a irmã viúva ficou sozinha." E agora ali estava ela diante de Vanga, a chorar amargamente, assustada também com o poder de Vanga, que lhe contou em pormenor toda a tragédia da família. "Isto é o que se chama castigo de Deus. Mas não chores, já sofreste muito e serás salva."**

**O pai-criminoso cometeu muitos delitos na vida, mas nunca foi apanhado, vivendo até à velhice. Mas os filhos foram castigados pelos pecados do pai obstinado. Um enlouqueceu, outro ficou epiléptico, e todos juntos acabaram por trazer muito sofrimento ao próprio pai. Assim, o carrasco tornou-se vítima, pagando o mal que fez a outras pessoas.**

**A filha adoptiva veio ter com Vanga para se queixar do pai, que deserdou os próprios filhos em favor da segunda mulher. Deste novo casamento nasceu uma criança doente, com uma grande corcunda, uma rapariga. Foi a essa criança que o pai deixou toda a herança, mimando-a enquanto crescia. Quando a rapariga cresceu, como era rica, logo apareceu pretendente. Vanga aceitou ser testemunha no casamento e participar na boda. Mas depois do nascimento do segundo filho, a jovem morreu. Ficaram então dois órfãos. "Eh rapaz," disse Vanga ao genro viúvo ainda tão novo — "o teu sogro abandonou os dois filhos para dar tudo à tua mulher. E assim o destino decretou que agora os filhos dela ficassem sem mãe. Isto é o pagamento pelas lágrimas das crianças abandonadas."**

**A irmã de Vanga, Lubka, lembra-se de um caso que aconteceu há muitos anos. Um pai teve três rapazes, um a seguir ao outro, paralisados da cintura para baixo até à ponta dos pés. E o homem levou Vanga para saber por que razão o destino o tinha castigado assim. Vanga disse: "Agora estás a pagar pelos crimes do teu avô, que, para poder roubar muçulmanos que fugiam para a Turquia depois da Guerra Russo-Turca, matou e partiu as pernas a adultos e crianças. Agora estás rico com o ouro roubado, mas a**

**maldição dos assassinados caiu sobre ti. Não há cura para os teus filhos, por isso vais criá-los e sofrer enquanto viveres." Há muitos que sofrem pelo que os antepassados fizeram.**

**Aqui está outra história. Um homem veio ter com Vanga e disse: "Vim ter contigo para me dizeres... Tenho um quarto filho, mas se for como os primeiros três, vou para casa e mato-o." "Como assim, matá-lo?", saltou Vanga. "Não, não é isso", respondeu o pai — "os meus três filhos são surdos-mudos, e as raparigas ouvem, mas não falam." "E tudo porque", disse Vanga, "tens uma grande culpa e ofendeste uma pessoa inocente que te amava." "É verdade", disse o homem, e começou a chorar, depois contou: "Quando decidi casar-me, convidei uma mulher muito boa para testemunha, mas na véspera do casamento, eu e a noiva decidimos que ela não servia — a família dela era pobre — e sem uma palavra para ela, convidámos gente mais rica. No dia seguinte, a caminho da igreja, passámos pela casa dela sem lhe dizer nada, como se não víssemos que estava toda arranjada, à nossa espera com a família toda. O nosso desprezo chocou-a de tal maneira que a mulher, ofendida e humilhada aos olhos de todos, não aguentou e lançou uma terrível maldição. Disse: 'Oxalá, se nascer um rapaz, seja surdo-mudo, e se for rapariga, muda como uma andorinha!'" "Escuta," disse Vanga, "confia-me esta criança, eu batizo-o, torno-me tua madrinha, e ele não será surdo-mudo." E assim foi. O afilhado de Vanga cresceu normal, ouvia, falava, agora tem a sua própria família, é um grande mestre de obras.**

**O divórcio e as famílias desfeitas são outro lado da existência humana que muito entristece Vanga. Ela não tem bons sentimentos por quem se divorcia, por muito importantes que sejam. Ouvi-a dizer: "Sodoma e Gomorra cairão sobre vós, gente sem vergonha, e fogo e cinzas cairão sobre as vossas cabeças. É duro e amargo para uma humanidade assim!"**

**Uma jovem mulher pediu conselho a Vanga sobre se deveria divorciar-se, porque estava desiludida com o marido. "Não", disse-lhe Vanga. "Não devias ter casado se não percebeste desde o início que o teu marido não era a tua mãe para tomar conta de ti." Agora tens de ser tu a cuidar do teu marido. E mesmo que cases cinco vezes, até perceberes isto, o teu destino será sempre o mesmo."**

**Um jovem trouxe uma linda rapariga de olhos negros a Vanga e disse que queriam casar-se, mas os pais eram contra. "Mas vocês não são feitos um para o outro", disse-lhes Vanga, "estás agora a começar a tua carreira e cometerás um grande erro se te casares." "Mas eu amo-a", respondeu o jovem, mas Vanga repetiu: "Não são certos um para o outro." O jovem casal saiu desiludido e, apesar do aviso de Vanga, casou-se. Mas a felicidade conjugal durou pouco mais de um ano, até ao nascimento da criança. Depois começaram as discórdias. Separaram-se várias vezes, voltaram a juntar-se, até que se separaram de vez. Um rapazinho de dez anos ficou assim, numa encruzilhada, ligado apenas à avó, que o criou.**

**"Os maridos de hoje já não são o mesmo apoio seguro em que as mulheres se podem apoiar", diz Vanga. "São como um girassol." E quão segura é a sua sombra, quão sólida é a sua nobreza?»**

**Um marido mandou a esposa trabalhar para o estrangeiro para ganhar dólares, e quando ela regressou, exigiu logo o divórcio. Vanga disse-lhe: "Porque vieste ter comigo? Ou não sabes que não se entrega a mulher nem a arma voluntariamente? E tu entregaste a tua mulher de livre vontade. Ainda ficaste contente por ela ir ganhar dinheiro. Em vão agora andas a bater às portas! Ela não voltará para ti."**

**Uma mulher estrangeira, dominada pela saudade da sua terra natal, contou a Vanga que se sentia muito sozinha e infeliz na Bulgária. E pediu a Vanga que a aconselhasse se devia regressar para junto dos pais. Vanga ficou calada durante algum tempo e depois, como se cortasse a frase, disse: "Não, casaste-te com um búlgaro e vais viver aqui. Nós temos um ditado: 'Com pai e mãe, até ao mar; com o marido, para além-mar!' E terás de te afogar — juntos! Ouve-me! Em breve vais acalmar-te e resolver os teus problemas. E hás-de agradecer-me por não ter destruído a tua família."**

**Um homem levou a segunda mulher para casa, mas ela roubou-o e abandonou-o. Terrivelmente transtornado, o marido abandonado perguntou a Vanga o que devia fazer. Vanga disse-lhe: "Sim, não faças nada, mas lembra-te apenas de como um dia deixaste a tua ex-mulher, que era inocente perante ti. Percebes agora o quanto a magoaste? E ainda foi mais duro para ela, porque ficaram dois filhos sem pai." O homem disse que esses filhos lhe deram tanto trabalho que não aguentou e foi-se**

**embora. “Pois, mas a culpa é tua, porque és má pessoa. Agora junta as pedras que espalhaste.”**

**Mas uma mulher, bem maquilhada e vestida na moda, pergunta a Vanga porque não se casa, e Vanga responde: “Olha bem para ti, como estás maquilhada, os homens têm medo de ti porque não te conseguem ver ao natural. Para eles és algo incompreensível, porque não ficou nada de natural em ti.” “Mas é a moda agora”, disse a mulher. “Pois, se és assim”, diz Vanga, “vais ficar solteira. Pessoas como tu só servem para ser amantes, não esposas. Ai meu Deus, que rapariga! Até os teus pais adoeceram por tua causa. Vai para casa e pensa bem no que te disse.”**

**A outra, muito fria e arrogante, disse a Vanga que já tinha corrido o mundo todo, ao que Vanga respondeu: “E é só isso que tens. Há-de chegar o dia em que ficarás sozinha como um dedo.”**

**Vanga é muito hostil para com as pessoas que não gostam de trabalhar e preferem gastar o dinheiro obtido sem esforço. Porque, na sua opinião, o trabalho árduo é a maior virtude humana.**

**“Ensinem as crianças a trabalhar desde cedo. Vocês próprios dão um mau exemplo, porque já se esqueceram de trabalhar. Vivem de tudo feito, satisfazem todos os desejos deles e desencorajam-nos de trabalhar, e depois os vossos filhos mandam-vos para um lar de idosos em ‘agradecimento’.”**

**Um jovem foi ter com Vanga com um problema qualquer, e ela reconheceu logo que ele tinha decidido ser um “eterno estudante” e, ainda à porta, travou-o: “O que fazes, rapaz? O teu pai já não tem forças. Até quando vais esvaziar-lhe os bolsos? Vejo que não estudas, mas fazes coisas vazias, inúteis.” “Tenho namorada”, interrompeu o rapaz. “Pois tens, e não é só uma”, continuou Vanga. “Estás a desperdiçar o teu tempo. Não dá para fazer uma flauta do teu ramo! És má pessoa. Quantos exames já fizeste, e não passaste nenhum. Não venhas com desculpas de que te calham sempre as perguntas difíceis. Isso comigo não pega. Simplesmente não estudas. Vai-te embora! Não tenho nada para falar contigo.”**

**Um visitante da Jugoslávia:**

**“Uma noite, Vanga, dormi num campo com uma pedra debaixo da cabeça. E sonhei que estava dinheiro enterrado debaixo dela.” Vanga perguntou-lhe o que fazia no campo, e ele disse que tinha uma vinha e foi escavá-la. “A colheita foi fraca este ano. É verdade que não cavei bem a vinha, mas não sei porque é que nasceram tão poucas uvas.” “Homem, homem,” disse Vanga, “não escavaste bem, não trabalhaste como devia ser, e ainda esperas colheita e lucro. E andas à procura de dinheiro enterrado, tudo igual, para ficares rico sem grande esforço. És um preguiçoso, e não sei que ajuda queres de mim. Vai-te embora!”**

**A outro visitante: “Já acabaste?” “Filosofia.” “Filosofia, dizes tu? E qual é a tua filosofia — de uma mulher para outra? Não creio que vás ser filósofo. Tens é de trabalhar muito. E se queres saber mais, aproxima-te da igreja. Há lá muita gente caridosa, boa e culta, muitos livros e sabedoria.”**

**Outro visitante está a escrever um livro muito sério e pergunta a Vanga se o poderá acabar. “Que livro estás a escrever, não é nada sobre o céu? Sabes quão alto é aquilo de que queres escrever? Espaços imensos separam-nos, é difícil lá chegar.”**

**Uma velha, há muitos anos, quando era noiva, recebeu de presente do sogro um colar tradicional de vinte e quatro moedas de ouro. Guardou-o como recordação da juventude. Mas um dia, o neto já crescido pediu-lho, para a noiva ser fotografada com ele no dia do casamento. A avó deu-lho e só o viu. Na manhã seguinte, o neto disse que tinham deixado o colar em cima da mesa e desapareceu. Uma avó muito aflita pediu a Vanga que a ajudasse a encontrar o colar. “Explica-me uma coisa,” disse Vanga. “Porque é que, quando usaste esse colar no dia do casamento, o teu marido te disse para o tirares à noite, guardares bem e nunca mais o usares?” “Não sei”, disse a velha, “mas ouvi dizer que o meu sogro roubou esse colar.” “Está certo,” confirmou Vanga, “e ele tirou-o da bisavó da rapariga com quem o teu neto casou. E agora chegou a hora de o colar voltar para onde veio. Mesmo que tenha sido outra pessoa a levá-lo, essas moedas de ouro não te pertencem, porque foram obtidas de forma desonesta.” “Então não o procuro mais,” disse a velha, e foi-se embora.**

**O carro de um jovem visitante foi roubado. À força de insistir, conseguiu chegar até Vanga fora da vez. “Roubaram-me o carro”, disse a Vanga, “novo e muito bom.” Vanga repreendeu-o por ter passado à frente na fila,**

**onde crianças doentes e idosos que precisavam mesmo de ajuda esperavam há muito, e depois perguntou-lhe onde arranjou tanto dinheiro para um carro tão caro. "Poupámos", respondeu o jovem. Vanga: "Talvez nos mostres onde é que se poupa assim. Roubaste, homem! Roubaste uma velha pobre. Porque é que a trouxeste contigo?" De facto, atrás dele estava uma mulher de setenta anos, e o homem não tinha quarenta. Pelas conversas, percebeu-se que o jovem soube que a mulher era solteira mas rica, casou-se com ela e na prática roubou-a, pois ficou dono de tudo o que era dela. "Eu amo-o," interrompeu a mulher, "por isso dou-lhe tudo, e agora estou preocupada por ele estar zangado." "Pobres mulheres —" disse Vanga, "se vissem o que este homem faz nas tuas costas, não morrias tão cedo!" E a velha, surda, perguntou a Vanga várias vezes: "O que disseste?" "Um ladrão não deve encontrar nada", disse Vanga, "e por isso não vais encontrar!" O marido envergonhado agarrou a velha pela mão e os dois saíram rapidamente.**

**Um homem de cinquenta anos esperou mais de dez dias para chegar até Vanga. "Porque vieste ter comigo," disse ela, "não vejo nenhuma doença." "Tinha cinco moedas de ouro e foram-me roubadas," respondeu o visitante. "Mas onde as arranjaste?" interrompeu Vanga. "Comprei-as uma vez para os filhos," respondeu ele, "tenho quatro filhas e dois filhos." "Ah, não, não," levantou a voz Vanga, "não as compraste!" "Porque as tiraram?" perguntou Vanga. "Porque ele não precisava delas, iam-se perder." "E tu também não precisas. Esse ouro faria com que todos os teus filhos se zangassem. É até melhor que tenha desaparecido. Caso contrário, tu e a tua mulher acabariam por se zangar, porque acharias que foi ela que as escondeu. Os teus filhos vão crescer, formar família e ganhar dinheiro suficiente. Não precisas desse ouro." As chaves do carro tilintavam-lhe na mão e Vanga perguntou onde estava o carro dele. "Tiraram-me a carta e não posso conduzir por uns tempos." "Não foste só castigado pela polícia," disse-lhe Vanga, "mas também por levares mulheres de vida fácil nesse carro."**

**Uma jovem deixou um pequeno embrulho em papel branco na secretária de Vanga. A mulher vinha vestida na moda, com belas jóias. "O que me trouxeste?" perguntou Vanga. A mulher respondeu que tinha feito um bolo muito delicioso e o trouxe para Vanga. "Leva-o de volta," disse Vanga. "Nunca aceitaria comida tua." Olha para as tuas unhas, tão**

**compridas, tenho repulsa de receber coisas de donas de casa assim. Mulher: "Tinha uma peça de ouro que a minha sogra me deu, mas perdi-a." "Onde está a tua sogra?", perguntou Vanga. Visitante: "Pois, estávamos muito apertados em casa e mandámo-la para um lar de idosos."**

**Vanga ficou muito zangada: "Então não sabes explicar porque perdeste a jóia de ouro? Não mereces presentes assim. A tua sogra poupou essas peças durante tantos anos para, quando aparecesses na casa dela, tas entregar. E tu mandaste-a para um lar de idosos em sinal de gratidão. Sai daqui. Faltaram-te os primeiros sete anos de educação, a tua mãe falhou contigo. Se uma pessoa não aprende as virtudes nos primeiros sete anos de vida, nunca se tornará humilde e bondosa. A humildade é uma coisa grandiosa."**

**E Vanga começou a contar algo como um conto, que nos fez a todos pensar: "Um homem rico e muito orgulhoso estava sentado no seu jardim a descansar. Belas flores floresciam em redor e o ar era fresco. De repente, uma cobra rastejou até ele e enrolou-se depressa em volta do seu corpo. Começou a sufocá-lo. O homem tentou libertar-se, mas em vão. Suava por todo o corpo do esforço inútil e do medo, mas a certa altura decidiu encolher-se, diminuir de tamanho para escapar. Foi encolhendo, encolhendo, até ficar tão pequeno que escapou do aperto de ferro da cobra e finalmente respirou fundo."**

**"Cada pessoa tem períodos difíceis," resume Vanga. "Mesmo os mais ricos e fortes. Por isso, a pessoa deve esforçar-se por ser humilde, para não morrer nos braços do mal."**

**E ainda: "Se não fores capaz de perdoar no teu coração, não és nada. Tornar-te-ás como folhas de papel levadas pelo vento, que nunca encontrarão o seu lugar na terra."**

**Um homem idoso queixou-se de que a sua casa já tinha sido assaltada sete vezes e pediu a Vanga que lhe dissesse quem era o ladrão. "Essas pessoas não são estranhas, nenhum estranho sabe o que tens em casa. Mesmo que fossem estranhos, só da tua família é que poderiam saber os detalhes." "É verdade," respondeu o homem. "O meu filho fala demais. Mal se junta com os amigos a beber, conta tudo." "Pois então, que te posso aconselhar? Não guardes nada de valor em casa e os ladrões deixar-te-ão em paz."**

**Há também muitos que vêm ter com Vanga para lhe pedir os números que vão sair na lotaria ou no totoloto do próximo sorteio, para comprar o bilhete certo e ganhar. Mandam até cartas do estrangeiro. Caçadores de tesouros também aparecem, trazendo sacos de terra para Vanga determinar onde está o tesouro enterrado. Alguns até prometem que, se encontrarem o tesouro, lhe darão metade. Vanga fica terrivelmente indignada com essas pessoas: "Oh, como são tolos. Se eu precisasse de dinheiro, comprava eu mesma um bilhete de lotaria, ou preenchia um boletim de totoloto, ou encontrava um tesouro. Mas não preciso de dinheiro, não tem valor nenhum para mim. E depois, porque pensam vocês que são os escolhidos para serem favorecidos? Se precisam de dinheiro, trabalhem! Que seja fruto das vossas mãos e da vossa mente! Mas não precisam de ouro! Há-de chegar o dia em que os tesouros enterrados virão à superfície da terra, mas a água desaparecerá. Conseguiremos nós beber ouro em vez de água? O que pensam que vale mais?"**

**Um visitante quer saber se há um tesouro enterrado no quintal, debaixo do poço. Vive numa antiga casa turca e alguém lhe disse que os antigos donos enterraram muito dinheiro junto ao poço antes de partirem para a Turquia. Até comprou o mapa por 500 levs. "Ora essa," zangou-se Vanga. "Podes ser tão tolo? Assim é que te enganam. Não há dinheiro nenhum ali, nunca houve. Não devias ter pago tanto pelo mapa. Não ficarás rico com tesouros escondidos. A riqueza só virá como fruto das tuas próprias mãos."**

**"A ganância," diz Vanga, "deve desaparecer da face da terra. É uma qualidade terrível, da qual devemos proteger-nos a todo o custo. Não devemos querer acumular riquezas, há sol e bens suficientes para cada pessoa na terra."**

**Uma velha, a cavar o jardim, encontrou um pote de barro com moedas de ouro. Voltou a tapá-lo com terra e, sem contar a ninguém, foi ter com Vanga para lhe perguntar o que devia fazer com o tesouro. "Não contes a ninguém," disse Vanga. "Especialmente a quem vive contigo. Ele é um avarento terrível, demasiado ganancioso, e há-de matar-te primeiro."**

**"Uma vez," diz Lubka, irmã de Vanga, "pedi-lhe para ver uma amiga minha, que eu pensava estar muito doente." "Não, não está doente, é uma má pessoa! Quer tudo neste mundo só para ela e para os filhos dela. Que te conte em que barraca cresceu e agora vive bem, mas a paixão excessiva**

**por carros, apartamentos, casas de campo — a ganância há-de arruiná-la. E esta é uma doença sem cura."**

**Uma mulher muito gorda foi perguntar a Vanga se iria conseguir um apartamento, porque vivia há muitos anos num quartinho com os filhos. E Vanga bateu o pé e disse, muito zangada: "Para que queres outra casa? Trazes duas casas às costas. Ou não é assim?! Eu vejo! Vendeste e comeste as casas dos teus dois maridos, então de que habitação te lamentas agora? Se eu mandasse, não te dava apartamento nenhum, porque não tens direito a mais nada."**

**E agora outro caso interessante. Um casal de idosos de uma certa aldeia veio ter com Vanga para lhe perguntar pelas doenças deles. De repente, Vanga vira-se para o velhote e pergunta: "Avô, porque é que há sempre uma corda atrás de ti para onde quer que vás?" O velho não conseguiu lembrar-se de nada de jeito, mas a velha lembrou-se e contou... Quando eram jovens, tinham meloas e ganharam muito dinheiro com as melancias que venderam na feira. Uma vez, o avô ia de carroça para o mercado com as melancias, e um rapazinho agarrou-se à carroça e roubou uma melancia. O avô (na altura ainda jovem) ficou tão furioso que pegou na primeira corda que encontrou e deu uma sova no rapaz. A mulher mal conseguiu arrancar o rapaz das mãos dele.**

**"Vais pagar por esse crime, Avô," disse Vanga. "Quanto é que ganharias por essa melancia?"**

**A mulher levou uma erva embrulhada em papel e disse a Vanga que essa erva lhe foi dada por uma amiga, que garante que é medicinal. "Se é assim," disse Vanga, "porque não a ofereces a algum instituto para investigação? Se for curativa, será usada para tratar doentes. Mas eu vejo que não cura nada, queres é que eu te diga se faz efeito ou não, para depois a dares aos doentes. E não tens medo de dar isso às pessoas sem saberes ao certo o que tens nas mãos? E se fizeres mal a muita gente? Larga essa erva e vai-te embora. Nem toda a gente pode ser curandeira!"**

**"E o violento foge do bêbado!" — dizia o provérbio búlgaro, e Vanga concorda, porque o abuso do álcool traz tantos problemas como qualquer outra desgraça. Um jovem, ex-médico que abandonou a profissão, com uma grande barriga e tão bêbado que mal encontrava a maçaneta da**

**porta, entrou no quarto de Vanga. "Para que vieste? — diz Vanga — Olha para ti! " E ele respondeu-lhe: "Diz à minha mulher que eu sou único!" "Sim, único," confirmou Vanga. "Perdeste a forma humana, e para que serviu estudar tanto, ler tantos livros? Não ficou nada desse saber. Ainda não percebeste. Mas não faz mal! As garrafas não te deixarão envelhecer!"**

**A rapariga dirige-se ansiosa a Vanga e diz-lhe que o pai está muito deprimido, está doente, e os médicos não conseguem descobrir a causa. E Vanga pergunta-lhe: "Porque fumas tanto? Em que trabalhas?" "Sou jornalista," responde a rapariga. "Porque fumas? Se fosse para fumarmos, o Senhor tinha-nos posto um cachimbo na cabeça. Vais fumar mais dois anos e depois vais arrepender-te amargamente desse hábito. Até a palavra 'tabaco' te há-de causar repulsa. E a doença do teu pai vem apenas de ciúmes. Ele não tem direito a tratar a tua mãe assim, porque não é culpa dela. Vai perceber isso e superar a crise. Mas pensa em ti. A tua doença é pior."**

**Dificilmente haverá problemas do dia-a-dia que não cheguem ao limiar de Vanga. E a este respeito, gosto muito da afirmação de um dos seus admiradores: "Mesmo que ela não preveja nada de especial, basta ir ter com ela para pedir conselho, porque Vanga lê no Livro da Vida."**

**Se lhe perguntares com que tipo de pessoas gosta mais de falar, Vanga responderá: "Para mim, todas as pessoas são iguais."**

**Ela costuma apoiar as suas profecias com parábolas: "Chegou o tempo em que o Senhor ordenou que todas as sepulturas na Terra se abrissem, e enviou um anjo para ver o que havia dentro delas. O anjo regressou ao Céu, e Deus perguntou-lhe o que tinha visto lá, se tinha visto quem era o réu e quem era o juiz." "Não, Senhor", respondeu o anjo, "apenas vi ossos brancos debaixo da terra!"**

**Vanga é muitas vezes questionada: "Não te aborreces com as pessoas que vêm ter contigo todos os dias?" "Não," responde ela, "só não gosto quando vêm velhinhas surdas. Falo-lhes, torno a dizer, e fazem-me repetir tudo várias vezes, todas a gritar: 'Então diz outra vez!'"**

**E o que mais a irrita são as mulheres andadeiras. "Não," digo-lhes eu, "fiquem em casa e aguentem o vosso marido." "Ah, mas eu já não aguento,**

**também tenho direito a ser feliz!" Eu não consigo entender o que querem dizer com esta palavra... Provavelmente, por felicidade as pessoas entendem que tudo esteja em ordem para elas, que não haja problemas. Mas não é assim que funciona. Não existe ninguém que tenha nascido só para a felicidade. Aqui, por exemplo, um é um grande trabalhador, mas não tem felicidade na família. Outro tem ambos, mas não tem saúde. E o terceiro é saudável, mas os filhos estão doentes, e por aí fora. Em cada pessoa há o bem e o mal. É assim que o mundo funciona. Para mim, a raiz da felicidade está na paciência da pessoa.**

**Perguntam-me: "Porque tem de haver coisas más? Não se podia evitar?" Como porque? Porque a Terra exige um tributo por vires e viveres nela. Pagamos impostos à terra como pagamento pelo apartamento... Até para uma casa de serviço, dada pelo Estado, depois cobram uma taxa. É isso! Todos pagamos... desde que o mundo existe.**

**Mas as melhores pessoas são as que vivem nas montanhas. Uma mulher pega na roca e fia, leva as ovelhas ao pasto — e canta. Arranja um marido por amor. Criam os filhos e vivem para si próprios...**

**E há algo de terrível nas cidades. As pessoas passam à minha frente, e cada uma tem uma placa pendurada ao pescoço que diz: "Sou hipócrita", "Sou ladrão", noutra: "Sou mentiroso", na terceira, quarta: "Sou vilão", "Sou canalha" e coisas do género. Por isso, muitas pessoas estão agora a voltar para as aldeias, e esse processo ainda vai crescer. "Mas o homem é assim tão insignificante?", exclamei eu uma vez.**

**"Sim," respondeu Vanga. "Da altura do vasto universo, o homem não é nada. Um minúsculo grão de pó, perdido no infinito, um ser vão que está sempre a explorar algo, à procura de algo, e mesmo assim não encontra. Mas o homem carrega uma 'faísca divina' que lhe permite ultrapassar o seu próprio tamanho, buscar, arriscar, desvendar os mistérios do universo, fazer descobertas impressionantes. Olha resolutamente até para o céu e não tem medo do seu desafio.**

**Lembra-te! Daqui a duzentos anos, o homem fará contato com os seus irmãos de mente de outros mundos. Equipamentos húngaros serão os primeiros a captar um sinal inteligente do espaço... e a verdade sobre esse**

**espaço deve ser procurada nos antigos livros sagrados!" (Tive esta conversa com Vanga em 1979 — nota do autor.)**

## UMA VIDA DIGNA DE ADMIRAÇÃO

*"Acima de tudo, tenham amor ardente uns para com os outros, porque o amor cobre a multidão de pecados."*
— Apóstolo Pedro

Ah, aquele terrível ano de 1928! Em vez da bênção do pai para o casamento, a Vanga recebeu uma notícia de Strumica que a abalou até ao mais fundo. O pai escreveu que a filha devia regressar imediatamente a casa para tomar conta das crianças. Dois anos antes, Tanka dera à luz o terceiro filho, uma menina, e dois anos depois, após o nascimento do quarto filho, morreu. Assim, a Vanga disse adeus ao seu primeiro amor, à escola, ao casamento que se avizinhava e a uma vida mais ou menos feliz. A viagem de regresso a casa foi dura e penosa, e ela sabia bem que aqueles três anos passados na Casa para Cegos, na cidade de Zemun, seriam para sempre os melhores anos da sua vida e nunca mais voltariam.

Desde então, a vida de uma rapariga cega ficou marcada por uma pobreza sem fim, muitos tormentos que nem todos os que veem seriam capazes de suportar. E o mais estranho é isto: a jovem não se quebrou — a sua força espiritual ficou ainda mais forte e ajudou-a a resistir a todas as provações.

Em casa, a Vanga encontrou uma pobreza terrível. As crianças, pequenas e frágeis, estavam sujas, doentes da constante má nutrição. O seu irmão Vasil tinha 6 anos. Toma, 4 anos, e a mais nova, Lubka, apenas 2. E a Vanga, cega, tinha de ser tudo para eles — mãe, dona de casa e protetora. Assim que a Vanga regressou, o pai voltou de novo para as aldeias à procura de trabalho como moço de lavoura ou pastor.

Sabe-se que a vida dá sempre mais golpes aos pobres. O terramoto de Chirpan, em 1929, também se fez sentir na região de Strumica. Com um abalo forte, as habitações miseráveis dos pobres ruíram, e a casa onde vivia a família da Vanga também caiu. Dos destroços, o pai ergueu uma cabana, rebocou-a com barro, e ali passaram a viver. Dentro havia apenas um pequeno quarto e um minúsculo corredor. Mais tarde, acrescentaram uma pequena cozinha onde isolaram o fogão para poder cozer pão quando a família tinha farinha.

Mudaram-se rapidamente, pois havia pouco para levar. A Vanga, com o seu apego à limpeza e à ordem, tentou criar conforto mesmo ali. Num lugar de destaque do quarto, colocaram um baú colorido herdado da madrasta, cobriram o chão de terra batida com esteiras e, num canto, puseram uma cama para a qual a Vanga tricotou uma manta de fios velhos — "para ser bonito", pois não havia mais nada. Um pequeno quintal foi vedado junto à casa e lá plantaram flores.

Nessa casinha, a Vanga e a Lubka viveram juntas muitos anos; os irmãos, embora ainda pequenos, iam para as aldeias trabalhar como moços de lavoura ou pastores para trazer pelo menos algum alimento para casa. Na cidade e nas aldeias vizinhas, soube-se rapidamente que a rapariga cega sabia tricotar depressa e bem, e começaram a trazer-lhe fardos de lã para tricotar. Em vez de dinheiro, davam-lhe pequenas coisas ou fios velhos. De trapos, fios e linhas coloridas, a Vanga cosia roupas para as crianças; para si mesma não fazia nada, porque raramente saía de casa. Todos sabiam da sua pobreza, e quando morria uma mulher no bairro, as roupas eram dadas à Vanga.

Ela aprendeu a tecer e ensinou a Lubka a unir os fios quebrados, e a irmãzinha tornou-se a sua ajudante: as duas ouviam até tarde da noite o barulho do tear, o movimento constante das agulhas de metal, o bater ritmado. E, de noite, a Vanga dava largas à sua tristeza e adormecia em lágrimas.

Levantava-se muito cedo, pois na casa havia sempre trabalho para fazer. A Vanga, de resto, não gostava de estar sem fazer nada e não permitia que ninguém ficasse à toa. Queria tudo limpo e arrumado. Assim, por exemplo, à segunda-feira, ela e a Lubka lavavam a roupa; à terça, varriam a casa e o quintal; à quarta, remendavam roupas. Lubka, embora ainda muito nova, já cosia. A Vanga ensinava-a a fazer outros trabalhos e era muito exigente com a irmã mais nova. Se, ao sentir um remendo novo num vestido velho, percebesse que uma costura estava mal feita, desfazia-a e obrigava Lubka a coser de novo. Muitas vezes Lubka chorava, porque havia tantas roupas velhas que passava o dia todo atarefada com elas, sem poder ir brincar com outras crianças. Mas a Vanga mantinha-se firme: tudo tinha de estar como devia, havia que saber trabalhar. À quinta-feira, amassavam o pão; à sexta, iam para fora da cidade buscar barro vermelho para rebocar a casa por dentro e por fora, para ficar mais bonita. Ao sábado, iam apanhar urtigas e azedas para a sopa do almoço. Ao domingo de manhã — igreja, e depois do almoço vinham mulheres das aldeias vizinhas

buscar as suas roupas feitas, muitas vezes juntavam-se no quintal vizinhas, conversavam, partilhavam novidades. A Vanga era muito sociável, tinha um humor vivo, e as mulheres gostavam de conversar com ela.

Na região de Strumica havia um costume curioso. Na véspera do Dia de São Jorge (6 de Maio), as raparigas colocavam um sinal especial num cântaro de barro — chamava-se *delva* — e no dia seguinte "descobriam" a sua sorte por ele. As raparigas do bairro costumavam pôr a *delva* no quintal da Vanga, debaixo de um grande e velho arbusto de rosas vermelhas escuras. Muitas vezes, talvez por compaixão pela cega, escolhiam a Vanga como "oráculo". Na manhã seguinte, a 7 de Maio, ela tirava os sinais e dizia às raparigas o seu destino. Estas histórias acabavam muitas vezes por se tornar proféticas, mas ninguém sequer pensava que a Vanga tinha o dom da previsão.

Havia outro dia festivo — o Dia dos Quarenta Grandes Mártires — em que as raparigas adivinhavam: colocavam ramos a atravessar o riacho, faziam uma "ponte" e acreditavam que, nessa noite, veriam em sonho o futuro eleito que passaria pela "ponte" do outro lado. De manhã, as raparigas corriam à Vanga, e ela… contava-lhes os seus próprios sonhos, a cada rapariga o seu sonho, o seu segredo. Tudo isto parecia muito estranho, mas ninguém tentava encontrar explicação para os milagres.

No entanto, o ambiente festivo e alegre não visitava muitas vezes a casa da Vanga, e ela raramente se permitia relaxar, pois a pobreza perseguia sempre a família de perto, e era preciso trabalhar o dia todo. Muitas vezes, muito frequentemente, passavam fome. Normalmente, a comida era couve brava, pão de milho ou leite azedo diluído, mas nem sempre havia isso. Dinheiro era raro, e a Vanga tentava guardá-lo para o dia mais escuro. Um dia, acabou a farinha em casa. O pai foi ter com um lavrador abastado, amigo seu, e pediu-lhe um pouco de farinha emprestada. Ele disse que tinha um saco de farinha preparado para venda — se havia dinheiro, comprava-se. O pai trouxe o saco para casa, a Vanga encontrou o dinheiro, e no dia seguinte pagaram a dívida. Farinha de trigo de verdade — que alegria! A Vanga logo amassou o pão e, mal saiu do forno, foi partido e comido em grandes pedaços. E passados uns trinta minutos, as duas irmãs adoeceram, começaram a sentir-se mal, tonto, enjoadas. O pai olhou para a farinha e percebeu que era meia misturada com ervas moídas. Assim, a festa do "pão delicioso" quase acabou em grande desgraça para a família. E aquele camponês, dizia-se, não tinha vergonha, nem consciência — "não sei de nada".

Se as crianças pediam ao pai para lhes comprar alguma coisa, ele prometia: "Assim que vender as cerejas, compro!" Uma primavera, plantaram um talhão de tabaco. Quando as folhas cresceram, foram cortadas, secas e esfregadas do amanhecer à noite. As matérias-primas prontas foram entregues ao Monopólio do Tabaco, e pagaram-lhes tão pouco que mal deu para comprar loiça nova, pois a antiga estava toda em frangalhos.

Em 1934, Lubka tornou-se estudante. Estudava bem. A Vanga alegrava-se com o empenho dela, porque, ainda que de forma limitada, também tinha tido contato com o saber na Casa para Cegos e sabia que felicidade era o verdadeiro estudo. Sempre foi exigente com as crianças, que a respeitavam e obedeciam em tudo, mas com a escola... os irmãos recusavam-se teimosamente a ir. O mais velho, Vasil, dizia-lhe que mesmo que tivesse tempo, não queria ir à escola.

Foi criado um clube esperantista em Strumica, onde se reuniam quase todas as crianças das famílias pobres. Tanto Vasil como Toma inscreveram-se, começaram a frequentá-lo regularmente e, supostamente, estudavam Esperanto. Muitas vezes faziam a pequena Lubka andar pela cidade a entregar livros a diferentes pessoas. Passado algum tempo, descobriu-se que o clube estudava Marxismo de forma clandestina. Os dois filhos do antigo guerrilheiro Pande encontraram naturalmente o seu caminho para uma escola real, onde aprenderam a verdade da vida. Foram os ideais do pai, as suas convicções e a própria vida que os orientaram para o caminho certo.

E a Vanga continuava a ser a chefe da casa e não se permitia relaxar perante as crianças nem, Deus nos livre, queixar-se a alguém. Tornou-se apoio não só para os irmãos, mas também para o pai, que se dobrava em Krivoy Rog com as preocupações pelo pão de cada dia, ao ponto de, por vezes, cair em completo desespero. A Vanga incutia-lhe confiança, repetindo sempre que dias melhores viriam, haviam de vir, em breve...

Durante muito tempo, sem conseguir equilibrar as contas, o pai sonhou (imagine-se!) tornar-se caçador de tesouros e, um dia, encontrar muito dinheiro. Um dia, a Vanga disse-lhe que sabia de um lugar onde estavam enterradas muitas moedas antigas, e descreveu-lhe o sítio. Ficava perto de Strumica: uma aldeia abandonada junto a um rio, uma floresta rala. Entre o rio e a floresta havia uma rocha pontiaguda, e o dinheiro, segundo a Vanga, estava enterrado debaixo dela. O pai ficou primeiro sem palavras de tão surpreendido, depois riu-se muito tempo e alto. A Vanga ficou calada e amuada.

O pai ficou confuso e lembrou-se que tal lugar existia mesmo. Chamava-se a aldeia abandonada de Rayants, há muito dizimada pela peste, e as pessoas nunca mais lá voltaram. Ficava, há muito falecida, nas margens do rio Rascati. De facto, havia lá uma floresta e uma rocha. Perguntou à Vanga como é que ela sabia daquele lugar, e ela disse-lhe que tinha visto o tesouro num sonho. Então o pai sugeriu irem lá juntos, porque, quem sabe, milagres acontecem — valia a pena tentar a sorte. E lá foram, não só os dois, mas a família toda. Lubka lembra-se de que, nesses lugares, a Vanga se orientava muito à vontade, como se já lá tivesse estado muitas vezes, e tudo era exatamente como ela descrevera. Andaram pela margem do rio sob a rocha, e o pai decidiu que voltaria depois com uma pá para desenterrar o tesouro. Mas aconteceu que caiu e partiu o braço; já não pôde cavar — a riqueza passou ao lado. Mais tarde, o rio foi represado, construíram um reservatório, e, se ali havia dinheiro enterrado, ficou para sempre debaixo de água à espera de caçadores de tesouros de séculos futuros.

E, pouco depois deste episódio, uma ovelha desapareceu do rebanho que Pande pastoreava. O pai chegou a casa furioso, pois não tinha dinheiro para pagar ao dono da ovelha. A Vanga acalmou-o, dizendo que a ovelha tinha sido roubada por um homem de Consentono. Descreveu-lhe o aspecto em detalhe. O pai ficou espantado, nem ele conhecia tal homem, quanto mais a Vanga, que não saía do quintal e não tinha conhecidos naquela aldeia. Surpreso ao extremo e um tanto perturbado, começou a interrogar mais a filha, e ela respondeu que sonhara tudo aquilo. Muitas vezes repetia, triste, que sonhava com acontecimentos desagradáveis, que depois se realizavam. Provavelmente era o início do seu dom de vidente. O pai foi à aldeia indicada pela Vanga e, de facto, encontrou a ovelha no rebanho do homem que ela descrevera.

No fim de cada ano, a comunidade elaborava listas dos cidadãos mais pobres de Strumica e dava-lhes pequenos subsídios. Na véspera do Ano Novo, a Vanga e a Lubka esperavam muito tempo no corredor da Casa da Comunidade por esse dinheiro. E os funcionários andavam ali, de um lado para o outro, embora alguns, ao passarem pelas duas irmãs, sentissem pena sincera: a Vanga ficou horas descalça no chão gelado de cimento, os pés azuis de frio. A Lubka calçava sapatos de sola de madeira nos pés descalços. Ao vê-las assim, tão miseráveis e a tremer, uma tia disse: "Se não têm nada para calçar, deviam era ficar em casa..." Na casa delas, o calor era raro. Quando tinham tempo, as irmãs iam ao

campo, ao pinhal, recolher pinhas. Esse combustível durava pouco tempo, o quarto era húmido e frio, parecia acolher todas as correntes de ar do mundo.

Este endurecimento forçado ainda as poupou de constipações durante algum tempo. Mas em 1939, a Vanga adoeceu com pleurisia. Durante cerca de oito meses esteve entre a vida e a morte, terrivelmente magra, ficou leve como uma pena. Nos dias de sol, a Lubka colocava-a numa gamela e levava-a para o exterior. Por vezes o médico aparecia, mas não sabia o que aconselhar, e uma vez disse à Lubka que a irmã morreria em breve — a situação era desesperada.

A notícia espalhou-se rapidamente pelo bairro, e os vizinhos chamaram o padre para realizar o ritual da última comunhão. No dia seguinte, quando os trabalhadores do Monopólio do Tabaco recebiam os seus magros salários, um deles, de chapéu na mão à porta, anunciou que estava a recolher dinheiro para o funeral de uma pobre rapariga cega. Dois dias depois, a Lubka foi ao poço buscar água — ficava bastante longe de casa — e, ao regressar, quando chegou ao portão, deixou cair os baldes de surpresa. A Vanga, cuja morte se esperava a qualquer minuto, levantara-se da cama, saíra para o quintal e varria-o diligentemente. Era impossível dizer que estava "à beira da morte". Estava apenas terrivelmente magra e um pouco mais pálida do que o habitual, mas os movimentos das suas mãos eram fortes e seguros, como os de uma pessoa perfeitamente saudável. Quando ouviu a voz da Lubka, disse-lhe: "Anda, começa a trabalhar depressa. Tens de varrer tudo, arrumar — em breve virá muita gente aqui!"

O ano de 1939 passou sob o signo de grandes agitações. O governo seguia uma política anti-popular de aproximação à Alemanha de Hitler, rebentaram greves por todo o lado, as pessoas iam a manifestações de protesto. Espalharam-se rumores, uns mais incríveis que outros. Começaram as prisões em massa.

O pai da Vanga também foi preso — alguém denunciou que ele dissera publicamente que tal política era desastrosa para o povo. Na prisão, foi impiedosamente espancado, forçado a dar nomes de "camaradas na luta anti-governamental". Mas como não havia provas de tal "luta", o pobre homem foi libertado. Depois de se recompor das pancadas, o Pande, já com 53 anos, voltou novamente para as aldeias, para trabalhar.

No início de 1940, a Lubka adoeceu com meningite. Foi levada para o hospital na cidade de Shtip, mas recusaram-se a aceitá-la porque não havia camas livres. Só quando o médico percebeu que a rapariga provavelmente morreria em casa sem cuidados adequados é que concordou em deixá-la ficar num corredor do hospital. Durante cerca de duas semanas, a Lubka lutou com a doença grave, estava escrito no seu destino recuperar, e assim foi — recuperou, voltou a pôr-se de pé. Quando regressou a Strumica, encontrou a Vanga magra como um esqueleto. Enquanto a Lubka esteve no hospital, ninguém atravessou o limiar da casa delas, não havia sequer quem lhes trouxesse água. Mas a Vanga aguentou-se e não se queixou. Ficou muito feliz por ver a irmã viva e bem.

No entanto, a saúde de antes voltou lentamente. Os médicos prescreveram bons cuidados e alimentação saudável, ou pelo menos uma caneca de leite de ovelha cru todos os dias. O pai decidiu arranjar leite a qualquer custo e contratou-se como pastor na aldeia de Hamzali, levando também as filhas. Agora havia leite suficiente, e a Lubka recuperou gradualmente.

Todos os dias, a Lubka e a Vanga iam buscar água; o poço ficava longe, num campo fora da aldeia. Enquanto a Lubka tirava a água, a Vanga sentava-se numa rocha, silenciosa, imóvel, sem prestar atenção a nada. A Lubka chegou mesmo a assustar-se, pareceu-lhe que a irmã perdera a consciência e estava prestes a morrer. Paralisada de medo, ficou ao lado da irmã até a Vanga sair do torpor. "Não tenhas medo," disse ela, "não é nada, estava só a falar com alguém. Era um cavaleiro que queria dar de beber ao cavalo. Eu disse-lhe para não ficar zangado contigo por não lhe teres cedido o lugar porque não o vias. O cavaleiro respondeu-me: 'Não estou zangado, posso esperar, mas apanha agora aquela erva com flores pequenas e brancas, chama-se erva-das-estrelas, e ajuda a curar muitas doenças.'"

A Lubka olhou em volta e só então reparou na erva que crescia em abundância junto ao poço. As flores pareciam mesmo estrelas. A planta tinha um caule fino, sem folhas, e flores brancas macias erguiam-se para o sol. A Lubka nunca soube o nome dessa planta, porque nunca viu nada semelhante noutros lugares, e mesmo na região ninguém conhecia uma planta chamada "erva-das-estrelas". Mas então, ao ouvir o que a irmã dissera, ficou ainda mais assustada, porque não viu ninguém no campo. De que cavaleiro falava a Vanga? Com quem poderia ela falar sem abrir a boca?...

Parece que o destino delas era adoecer nesse ano difícil de 1940. Depois das filhas, adoeceu o pai, surgiram úlceras na pele, começou uma infeção no sangue. A Vanga e a Lubka cuidaram dele todo o verão, e até parecia haver uma melhoria temporária, as filhas pensaram que o Pande poderia recuperar. Quando a Lubka perguntou à Vanga sobre isso, ela respondeu: "Não te iludas, maninha, eu sei que o pai vai morrer em breve. E ficaremos órfãs de vez, sem ajuda nem apoio." Em setembro, o estado do pai piorou muito, e os dois irmãos vieram para junto dele para se revezarem a velar pelo doente. Agora, depois de tantos anos de separação, a família estava finalmente reunida. Quero esclarecer: para passar fome junta. Todas as manhãs, os irmãos iam para a zona do mercado "apanhar" algum trabalho. O Vasil ficava em frente à Câmara Municipal à espera que alguém o contratasse como carregador, e o Tom passava o dia na matadoura a lavar miúdos para conseguir algo para trazer para casa. Muitas vezes voltavam de mãos vazias — eram tempos duros.

Um dia, quando já não restava nem uma migalha de pão em casa, o pai lembrou-se de um amigo e mandou o Tom e a Lubka pedir-lhe algum dinheiro emprestado. "Ninguém dá dinheiro assim à toa", disse o "amigo", Hristo Tudzharov, que nessa altura já era bastante rico. "Venham amanhã ao meu campo e apanhem o algodão que ficou no chão. Pago-vos."

Logo de manhã cedo, os filhos do Pande foram para o campo e passaram o dia inteiro a apanhar algodão. Era um outubro frio. O vento soprava forte, e as mãos deles estavam azuis e gretadas do frio. Quando, ao anoitecer, entregaram ao dono o algodão apanhado, ele atirou 2 levas aos pés do Toma — para três pessoas — e acrescentou que a Lubka era pequena, não tinha direito a dinheiro. O patrão bateu com a porta, pois lá fora já nevava. No caminho para casa, os mais novos choraram de revolta, as lágrimas caíam sobre o bolinho que compraram para o pai doente.

No início de novembro, o pai sentiu a aproximação da morte, reuniu os filhos à beira da cama: "Filhos," disse o velho Pande, "eu estou a morrer. Vocês ficam vivos e hão de viver para ver o dia em que a nossa terra voltará a ser terra búlgara. Gostava de poder esperar por esse dia luminoso. Tenho um grande pedido para vocês: quando os búlgaros vierem, chamem um soldado búlgaro, deixem-no cravar uma baioneta na terra sobre o meu túmulo, e eu entenderei que a Bulgária chegou!"

A 8 de novembro de 1940, com 54 anos, o pai morreu. O morto, lavado e vestido com toda a roupa limpa que tinha, jazia sobre a esteira, e nem o padre veio fazer o funeral. As crianças não sabiam como o enterrar, porque até esse triste rito exigia dinheiro — e eles, como sempre, tinham tanto dinheiro como buracos nos bolsos de um mendigo. Um vizinho, empregado da Igreja Católica, compadeceu-se dos órfãos, contou ao padre da morte do Pande, e decidiu-se sepultar o pobre homem de graça.

O pai morreu. E algum tempo depois, as tropas búlgaras chegaram a Strumica. Então os rapazes chamaram o soldado ao túmulo do pai. Era o Boris Yaney, da aldeia de Belyushets, distrito de Sandanski, que cravou a baioneta no monte da sepultura e disse: "Dorme bem, búlgaro honesto." Mas isso foi mais tarde.

Os dias de desespero foram passando, e só a paciência infinita da Vanga, o seu carácter forte, ajudaram os irmãos a não caírem na desesperança. Embora fosse quem mais sofria, ela mantinha-se firme e dava o exemplo de coragem aos outros. Os órfãos acreditavam que dias melhores chegariam. Logo os irmãos voltaram a partir para outras aldeias.

A Vanga e a Lubka ficaram sozinhas durante muito tempo.

## INÍCIO

"*Chega um momento na vida espiritual de cada homem em que ele se convence de que deve fazer as pazes com a sorte que lhe foi atribuída, que por mais bens que o universo tenha para oferecer, não encontrará o seu pão de cada dia se não cultivar diligentemente o pedaço de terra que lhe coube.*"
— Henry Thoreau

Uma nova e terrível tempestade estava a formar-se sobre o mundo. Em todo o lado se falava de uma guerra iminente. Das lojas e do mercado começaram a desaparecer produtos. Quem tinha mais posses fazia provisões para o futuro. Os vizinhos reuniam-se muitas vezes no pequeno quintal da Vanga. Até ao anoitecer ouviam-se as vozes inquietas. A Vanga repetia muitas vezes que era necessário juntar dinheiro e doá-lo à Igreja dos Quinze Santos Mártires. *"Dentro de um ano haverá guerra"*, avisava a Vanga — *"só a generosidade dos habitantes salvará a cidade da destruição."* Os vizinhos, como de costume, foram avarentos e acharam que o ambiente de receio geral era razão para duvidar dos seus avisos. A Vanga repetia, teimosa, que tinha visto em sonho os terríveis

acontecimentos da guerra que se aproximava, que começaria muito em breve, em 1941, em abril.

Talvez os vizinhos acreditassem, mas de que servia, o que poderiam mudar no futuro já traçado?... O ano inteiro de 1940 passou em ansiedade e incerteza. E no início de 1941...

"Era alto, louro, e de uma beleza divina. A sua antiga armadura de guerreiro brilhava ao luar. Um cavalo com cauda branca ondulante escavava o chão com os cascos. O cavaleiro parou no quintal, desmontou e entrou num quarto escuro. Emanava uma luz tal que a casa ficou tão clara como de dia. Virando-se para a Vanga, o visitante disse com voz profunda: *'Em breve tudo se virará do avesso neste mundo, muitas pessoas morrerão. Tu ficarás aqui e falarás dos vivos e dos mortos. Não tenhas medo! Eu estarei contigo, sempre te ajudarei.'*"

A Vanga perguntou à irmã: *"Lubka, viste o cavaleiro? Ele acabou de sair do nosso quintal!"*
"*Que cavaleiro?*", perguntou a irmã. "*Sabes a que horas estamos?*"
"*Não sei, (talvez saiba, mas era um cavaleiro muito estranho, e um sonho ainda mais estranho. Ouve bem o que vi...*" A inquietação da Vanga passou para a Lubka e ambas não conseguiram dormir até de manhã.

No dia 6 de abril de 1941, como a Vanga previra um ano antes, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. De manhã cedo, todos os habitantes de Strumica deixaram as suas casas e esconderam-se: uns em caves e palheiros, outros nos bosques, perto da cidade. Só a Vanga e a Lubka ficaram em casa.

À tarde, os vidros das janelas tilintaram e ouviu-se o ribombar de veículos pesados na rua. Os tanques alemães entraram na cidade. As irmãs ouviram vozes em língua estranha e o bater ritmado de botas — os alemães andavam pelos quintais à procura de gado, aves, a roubar. A porta delas abriu-se de repente, e um soldado apareceu no limiar. As irmãs ficaram no meio da sala, lívidas de medo. O soldado olhou em volta, viu o pobre quartinho, o quintal vazio, e foi-se embora: dali não havia nada a levar.

Passado um ou dois dias, os vizinhos começaram a regressar. Muitos vieram logo à casa da Vanga para saber o que tinha sido feito das duas irmãs; as pessoas ficavam hesitantes junto ao limiar, sem ousar entrar. Os que vinham

depois reuniam-se no quintal. A Vanga já não era a mesma. Em poucas horas, mudara completamente.

A Vanga estava num canto da sala, em frente a uma lamparina acesa, e falava com voz alta, forte e confiante. Uma grande tensão interior notava-se em cada palavra, em cada gesto. Os olhos cegos permaneciam vazios, mas o rosto estava tão transformado e espiritualizado que parecia irradiar uma luz viva. Dos seus lábios saía uma voz estranha, que falava com uma precisão surpreendente de nomes, locais, acontecimentos. Naquele tempo, quase todos os homens da cidade tinham sido recrutados ou levados para trabalhos forçados na Alemanha, e ela falava de cada um deles: se estavam vivos, quando voltariam, o que lhes aconteceria. A cena era tão impressionante que muitos sentiam vontade de se ajoelhar, como se estivessem diante de uma santa. E então? Aqueles a quem ela predissera um regresso próximo voltaram, de facto, na data certa que ela dissera.

A fama da Vanga como vidente espalhou-se rapidamente por toda a cidade. Multidões de pessoas começaram a acorrer à sua casa.

Eis uma das suas primeiras premonições:
A esposa do vizinho Milan Partenov estava sentada no quintal da Vanga a chorar, pois não havia notícias do marido havia muito tempo. Chorava amargamente pelos quatro filhos, julgando-os já órfãos. A Vanga olhou para ela e disse: *"Não chores, antes trata de fazer o jantar e preparar a roupa do teu marido, porque o Milan vai chegar a casa tarde, só de roupa interior. Vejo-o. Está escondido numa ravina perto da cidade."*
A mulher pensou que a Vanga dizia aquilo apenas por pena, mas foi para casa. Cozinhou o jantar, preparou a roupa do marido, esperou, esperou... e adormeceu sem o ver chegar. Perto da meia-noite, alguém bateu levemente na janela, e quando espreitou, quase desmaiou. No quintal estava o Milan, realmente só em roupa interior, como fugira do cativeiro. Estava esfomeado, comeu tudo sem distinguir o quê, e só se admirava que a mulher o esperasse, soubesse que ele voltaria: *"Ninguém podia saber disto, eu próprio não sabia se teria coragem para voltar. Tive medo de cair numa emboscada,"* repetia Milan.

No início da guerra, a Vanga disse à vizinha, mãe de Hristo Parkanov, que o filho estava vivo mas que não regressaria tão cedo. A noiva do Hristo não acreditou naquela previsão vaga e casou com outro. Um ano depois, Hristo voltou, são e salvo, e foi logo ter com a ex-noiva. Ela desmaiou de espanto. As crianças

correram a dar a notícia à mãe de Hristo, cujo coração quase explodiu de alegria.

Estes dois casos foram muito comentados, não só na cidade como nas aldeias vizinhas, e foi isso que fez com que as pessoas começassem a acorrer em peregrinação à casa da Vanga. Todos queriam saber dos seus entes queridos, e a Vanga respondia a todos. E, passado algum tempo, tudo se cumpria como ela dizia.

Para ela, os problemas quotidianos mais difíceis não eram segredo; respondia a todos. A Vanga tornou-se famosa como curandeira habilidosa de várias doenças, tratando sobretudo com ervas medicinais. Curiosamente, com o seu saber, deixava mesmo os homeopatas mais experientes perplexos, receitando remédios simples ou ervas vulgares que, segundo os médicos, não tinham propriedades curativas. E, no entanto, as suas poções produziam resultados surpreendentes e rápidos. Por exemplo, curou uma mulher que sofria de um distúrbio mental, dizendo aos familiares para apanharem uma erva que crescia em abundância na água do rio mais próximo e darem-lhe infusões dessa erva. A mulher acalmou-se, hoje tem já 80 anos, desfruta da vida, cuida dos netos.

A Vanga dizia aos camponeses que a visitavam, com absoluta precisão, o que os afligia, aconselhava-os como remediar as suas dores.
A um camponês que roubara um porco a uma pobre viúva, a Vanga contou publicamente toda a história vergonhosa. O homem foi-se embora envergonhado, e no dia seguinte a viúva encontrou o porquinho à porta de casa.

Casos assim, tão marcantes, eram amplamente comentados em Strumica. Ao profundo respeito que os vizinhos já tinham pela Vanga juntou-se uma sincera veneração. Em pouco tempo, conquistou uma autoridade incontestável em todo o distrito. As pessoas consultavam-na sobre todo o tipo de questões, e ela ajudava todos, resolvendo com facilidade até os litígios mais antigos e complicados.

Assim nasceu, pouco a pouco, a lenda da Vanga.

Algumas pessoas tinham medo das suas profecias, atribuíam-lhe propriedades místicas inacreditáveis, acusavam-na de feitiçaria. Outras, fascinadas pelos seus subtis discernimentos, exageravam tudo o que ela dizia, chamando-lhe

“milagres bíblicos”. Mas todos reconheciam unanimemente que a Vanga gozava do amor e respeito das pessoas, muitas das quais encontraram nela protecção e apoio. Um grande respeito acompanhou-a até à morte. A Vanga era constantemente convidada para ser madrinha de recém-nascidos, depois para assistir a casamentos — e não só num bairro de Petrich, mas literalmente em todo o país. Era também convidada para várias festas de família. As pessoas acreditavam que convidar a Vanga para casa, sobretudo a sua presença dentro de casa, trazia prosperidade e harmonia familiar.

"*No dia oito de Abril de 1942,*" conta a Lubka, "*a avó Tina, nossa velha amiga, veio ter connosco e disse que nesse dia nos visitaria um convidado importante. Explicou apenas que, em 1918, ele tinha vivido no seu apartamento. Saiu e voltou pouco depois com um homem baixo, de olhos azuis, bigode bem aparado e vestido com uniforme cinzento e calças de cavalaria. Perguntou à Vanga se ela poderia dar-lhe um pouco de tempo. A avó Tina sussurrou-me: ‘Olha bem para ele, porque este é o Czar búlgaro Boris.’ Fiquei surpreendida, nunca me passara pela cabeça que a nossa cabana pudesse ser visitada pelo rei. E a Vanga, de pé no seu lugar habitual, no canto da sala, antes que o convidado tivesse tempo de perguntar seja o que for, falou com voz severa: ‘O teu reino está a crescer, espalha-se largo, mas prepara-te para, em breve, teres de caber com os teus domínios dentro de uma noz.’ Repetiu: ‘Prepara-te.’ — Depois de uma pausa, acrescentou: ‘Lembra-te da data — 28 de Agosto!’*
O rei, sem perguntar nada, saiu muito confuso. Morreu a 28 de Agosto de 1943.

Depois da sua morte, vieram ter connosco a Strumica três mulheres de Sófia. Com elas vinha outra mulher de Petrich. Explicaram que eram parentes do rei e pediram à Vanga que lhes dissesse o que esperava a família real. Ela respondeu: *‘Quando voltarem, atem uma fita vermelha por cima da cama do rei.’ ‘Não podemos’,* perguntou uma delas, *‘atar uma fita cor-de-rosa ou branca?’ ‘Não,’* respondeu a Vanga, *‘apenas vermelha.’* As mulheres foram-se embora e nunca mais voltaram. E a 9 de Setembro de 1944, a Bandeira Vermelha da Vitória tremulava sobre o antigo palácio real.

## TODOS TÊM DIREITO A SER FELIZES

"*...A sabedoria que vem do alto é, antes de tudo, pura; depois pacífica, modesta, obediente, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sem hipocrisia.*"
Epístola de São Tiago, cap. 3, versículo 17

Em 1942, a fronteira jugoslavo-búlgara foi aberta e as pessoas de Petrich e de mais longe começaram a vir ter com a Vanga. Todos queriam ouvir falar de si próprios, dos seus e do futuro da família. Também vinham doentes, na esperança de que a Vanga os pudesse curar.

Certa vez, foi visitada por vários soldados do 14.º Regimento de Intendência do Exército Búlgaro. Entre eles estava um soldado moreno de 23 anos chamado Dimitar Gusarov, da aldeia de Cringila. Ele, ao que parece, queria falar pessoalmente com a Vanga, para saber o futuro, que nada de bom lhe prometia. Uns bandidos tinham assassinado e roubado o irmão, que era comerciante, perto da aldeia de Sklava. Três crianças, cuja mãe estava doente de tuberculose, ficaram órfãs.

O Dimitar andava pelo quintal, sem coragem de entrar. De repente, a Vanga saiu de casa e chamou-o pelo nome: *"Sei porque vieste. Queres saber os nomes dos assassinos do teu irmão — talvez te diga, mas tens de me prometer que não te vingarás. Vais ficar vivo e ser testemunha dos crimes deles em tribunal."*
A Vanga não permitia a ninguém vingar-se. Acreditava firmemente que a pessoa devia esforçar-se por fazer apenas o bem, pois os atos maus, incluindo a vingança, nunca ficam sem castigo. E o castigo é sempre muito cruel, e se não atingir o vingador, tornar-se-á, com certeza, uma maldição para a sua descendência. Muitas vezes perguntei-lhe por que era assim tão injusto, e ela respondia sempre: *"Para doer mais!"*
Não consigo compreender, e recuso-me a interpretar isto.

Lembro-me de outro caso. Há alguns anos, um camponês foi ter com a Vanga. Tinha treze filhos, mas todos morreram jovens; o último, o décimo terceiro, morreu aos doze anos. Os médicos acreditavam que a mãe, sem saber, infectava os filhos com tuberculose ainda no ventre, mas a Vanga tinha outra explicação. Recordou-lhe que, em jovem, ele se envergonhara toscamente da gravidez tardia da sua mãe já idosa. E uma vez até a ofendera cruelmente. Pena, claro, mas demasiado tarde: tanto ela como a criança morreram. Isto aconteceu há muito tempo — o homem já esquecera, mas a Vanga "não esqueceu"; percebeu logo porque é que a natureza era tão impiedosa com a descendência deste infeliz. A Vanga não só lhe recordou o que se passara há tantos anos, como

também lhe contou pormenores que ninguém sabia, e depois acrescentou: *"Deves saber que a tua mulher não é a causa da tua desgraça. Deve-se ser sempre bondoso para não sofrer a vida toda."*

Mas voltando ao encontro com o jovem soldado. Então, em Strumica, em 1942, o Dimitar Gusarov ficou tão impressionado com o que a Vanga lhe disse que nem se lembrava de ter saído de casa dela. Não conseguia entender como ela sabia o seu nome, como adivinhara o que lhe atormentava a alma. Depois voltou a ver a Vanga mais algumas vezes, e conversaram longamente numa pequena sala.

Em meados de Abril, a Vanga contou à irmã que o Dimitar a estava a cortejar e que em breve iriam viver para Petrich. Naquele tempo, os irmãos não estavam com elas. O Vasil servia como soldado em Dupnitsa e o Tom tinha sido levado para trabalhar na Alemanha. Na manhã de 22 de Abril, a carruagem enfeitada parou em frente à casa da Vanga. O Dimitar, excitado, saltou para o chão. A carruagem estava cheia de ervas aromáticas e flores, decorada com tapetes coloridos. A notícia espalhou-se rapidamente por toda a redondeza, e os vizinhos começaram a chegar de todos os lados, conhecidos apenas, para se despedirem da Vanga. Alguns até a censuraram por abandonar a sua terra natal. A Vanga não lhes deu ouvidos, pois não se despedia dos familiares, mas sim das memórias pesadas, da pobreza e de uma vida de orfandade sem alegria. O futuro também não era totalmente claro, mas esperavam que a jovem família tivesse dias felizes pela frente.

O enxoval da noiva era puramente simbólico: a Vanga deitou um xale de lã vermelha, tricotado por ela própria, sobre os ombros, e, como lembrança da casa dos pais, levou uma panela de cobre e um cântaro de cobre. Era tudo a sua bagagem. A Lubka sentou-se ao lado deles e olhou para a sua miserável casinha pela última vez...
No portão, um grande cadeado enferrujado, e ninguém sabia quando se abriria de novo.

A carruagem baloiçava suavemente a caminho de Petrich, e os três futuros parentes iam em silêncio, revivendo mentalmente a despedida de Strumica. Chegaram a Petrich ao fim da tarde do mesmo dia, pararam no número 10 da rua Opolchenskaya. Desceram em frente de uma casinha pobre, que nem se podia chamar de habitável. O telhado podre podia desabar a qualquer momento. Em frente da casa, um grande quintal desarrumado. Das janelas das

casas vizinhas, dezenas de olhos curiosos observavam-nos: a fama da Vanga adivinha já chegara a esta cidade. Algumas pessoas saíram à rua, uma tia começou logo a resmungar alto: como é que uma mulher cega podia ser dona de casa, e, em geral, que trabalhadora era ela... Mas a Vanga não deu ouvidos a essas palavras.

Entraram num corredor escuro, comprido e sujo. Havia um quartinho de cada lado. Um deles tornou-se mais tarde o quarto de dormir, e no outro a Vanga recebia os seus muitos visitantes.

«HOUVE OUTRO QUARTO NOS FUNDOS, ADICIONADO MAIS TARDE», lembra Lubka, «em que o soalho era feito de tábuas, um colchão foi estendido por cima e sacos de lã cheios de palha de milho serviam de almofadas. Nessa 'cama' dormiam a Baba Magdalena, mãe do seu futuro marido, com setenta anos, três filhos do filho assassinado e mais dois filhos de outro filho, juntamente com a mãe deles, tuberculosa. Sujidade e pobreza a deprimir.» Assim trocou a Vanga uma vida cheia de privações por outra, não menos pobre nem menos dura.

No dia dez de Maio de 1942, a Vanga casou-se com Dimitar e começou a administrar a sua nova casa. Foi muito difícil para a jovem mulher. A avó Magdalena, com a franqueza própria do povo simples, não aprovava a escolha do filho e, no primeiro encontro, disse logo: «É esta a tua sina?» Provavelmente esperava que o filho trouxesse para casa uma rapariga do campo, forte, saudável, que tomasse conta de todas as tarefas, já que ela já não tinha forças para tal. Vanga engoliu em silêncio a afronta e não tardou a mostrar do que era capaz. Não tinha medo de reprovações, nem da pobreza, nem de dificuldades, porque não só tinha um carácter forte, como também uma grande experiência na luta pela vida, experiência essa adquirida, pode dizer-se, desde o berço.

Dia e noite, juntamente com a Lubka, lavavam, limpavam, caiavam, consertavam, e em breve a casa reluzia de limpa. Naqueles anos de guerra era simplesmente impossível criar conforto a sério, mas a Vanga, com a sua engenhosidade natural, criava coisas maravilhosas a partir de nada. Uma qualidade muito característica do estilo da Vanga, que sempre tentava fazer tudo em volta «bonito e agradável de ver».

A Vanga proibiu os moradores das aldeias vizinhas de fazer comércio no seu quintal, mandou limpá-lo, pôs tudo em ordem. Por toda a casa e pátio sentia-se a mão firme de uma dona de casa de pulso.

A família vivia como todas as outras famílias daquele tempo de guerra, mas isso não durou muito. Os rumores sobre o dom de vidente da Vanga espalharam-se como ondas na água de uma pedra atirada — e, novamente, a corrente humana começou a afluir à sua casa. O marido não estava nada satisfeito com esse rumo dos acontecimentos; acreditava que, depois de casada, a Vanga deixaria as adivinhações e se dedicaria apenas à casa e à família, tal como faziam todas as mulheres casadas. Apesar de respeitar profundamente a Vanga, sentia-se desconfortável por não conseguir sustentar a família sozinho. A Vanga amava-o muito e estimava-o como pessoa e marido, mas acreditava que a sua vocação de servir as pessoas era mais forte do que os laços familiares e que até a sua vida pessoal devia ser dedicada aos outros. Além disso, o seu dom extraordinário não lhe dava descanso, exigindo uma expressão constante.

A sua casa tornara-se um vai-e-vem de todo o tipo de pessoas: civis e militares, doentes e angustiados — todos com os olhos brilhantes de esperança de ajuda.

Naqueles anos, muitos jovens búlgaros lutavam contra o jugo fascista em destacamentos de partidários. Os seus parentes e amigos iam muitas vezes ter com a Vanga, na esperança de saber algo sobre os filhos. O partidário Assen Askarov dizia à mãe: «Não tenhas medo! Vai muitas vezes ter com a Vanga, ela dir-te-á tudo sobre mim.»

Essas visitas não passaram despercebidas à polícia. Dois polícias, Dimitar Chuchurov e Boris Lazarev, iam quase todos os dias ter com a Vanga, ameaçavam-na, exigiam que contasse o que falava com os familiares dos «inimigos do regime». Mas a Vanga mantinha-se em silêncio. Então a polícia inventou outra coisa: começaram a obrigá-la a cumprir o «serviço laboral», de que a cega Vanga tinha sido dispensada. Entretanto, foi anunciada a mobilização dos soldados da reserva. Dimitar foi enviado para o corpo de ocupação na Grécia. Na despedida, prometeu à Vanga que, se voltasse vivo e são, lhe construiria uma casa nova onde ela esqueceria todas as suas desgraças. Mitko tinha mãos de ouro e vocação de construtor, embora nunca tivesse estudado para tal. Cumpriu a promessa apenas em 1947.

Ao despedir-se, a Vanga disse-lhe apenas: «Cuidado com a água.» E assim foi: todos os que sobreviveram e regressaram a casa sofreram durante muito tempo de malária e doenças renais, apanhadas na Grécia por terem bebido água de pântano podre por falta de água limpa.

Em 1942, a Vanga era frequentemente visitada por uma professora da cidade de Sveti, a Doutora Maria Gyurova. A Vanga e a Lubka depressa fizeram amizade com ela. Maria tinha quatro filhas e dois filhos gémeos, que serviam em Bitola. A Vanga dizia sempre: «Tia Maria, a minha irmã Lubka vai casar com um dos teus gémeos.» E assim aconteceu. Pouco depois, a Lubka conheceu o Stoyan, o mais velho dos irmãos; gostaram um do outro e casaram-se em breve. (Acrescento que se trata dos meus pais.)

Tanto a Maria como o seu marido Boris tinham recebido uma boa educação e bastante completa para a época. O Boris, ou seja, o meu avô, tocava bem violino, estudou pintura e matemática e lia clássicos franceses no original. Como homem instruído e de formação materialista, não acreditava muito nas previsões da Vanga, e um dia, quando ela os visitava em casa, decidiu pôr à prova o seu dom. Perguntou-lhe: «Sabes o que aconteceu aos ossos do meu pai, que os Turcos mataram em Mednik em 1912, e cujos ossos nunca foram encontrados?» A Vanga aconselhou-o a procurar em Melnik um certo Peter, que fora testemunha dos acontecimentos e poderia contar tudo em detalhe. O professor ficou surpreendido e, continuando a experiência, algum tempo depois foi a Melnik. Encontrou a família de Peter, que já tinha morrido. Mas o filho contou em detalhe sobre essa batalha — sabia pelos relatos do pai.

Soube-se então que o meu bisavô era padre e, ao mesmo tempo, um dos mais activos combatentes pela pureza da língua búlgara, pela escola e pela igreja búlgaras, a quem dedicou toda a vida a esta grande causa — foi preso pelos Turcos como companheiro de ideias de Yane Sandanski e assassinado brutalmente. O ódio dos Turcos por ele era tão grande que profanaram também as cinzas do padre: espalharam os ossos debaixo das árvores e, no caixão, puseram ossos de cavalo.

Tendo assim sabido o destino do pai, o Boris Gyurov acreditou no dom da Vanga e decidiu perguntar-lhe pelo destino de dois irmãos que saíram do país em 1921. A Vanga respondeu-lhe: «O Scherjo, na cova, e o Nikola, vivo. Vejo-o, esteve recentemente numa grande cidade, na Rússia, e lá estudou — tornou-se cientista. Só que agora não está na cidade, está preso num campo. Não te preocupes, ele chegará na primavera. Espera por ele, mal vejas um cavalheiro de facto cinzento, com duas malas na mão, sabe que é o teu irmão de regresso.» Parecia incrível. O meu avô não conseguia acreditar que o irmão desaparecido tivesse tornado-se cientista soviético, muito menos que estivesse num campo.

Na altura, não acreditou na Vanga e achou que nunca descobriria a verdade, nem se encontraria com o irmão.

Passaram-se alguns dias e, certa manhã cedo, um viajante cansado parou em frente da casa do Boris Gyurov. Vestia facto cinzento, e ao lado tinha duas malas no chão. Ninguém o conhecia. O Boris também não o reconheceu de imediato. Era o irmão Nikola. O irmão mais novo regressava à pátria após uma ausência de 22 anos. O Nikola confirmou tudo o que a Vanga tinha dito sobre ele.

Depois da morte de Yane Sandanski, um dos grupos do seu partido começou a convencer os seus apoiantes de que era necessário agir em aliança com os comunistas, enquanto o outro era contra. Surgiram tumultos e confrontos armados. Ambos os irmãos Boris Gyurov, como ele próprio, eram membros de uma das fações. Ainda estudante na Faculdade de Direito da Universidade de Sófia, Scherjo tornou-se comunista e, juntamente com o irmão Nikola, organizou o primeiro grupo comunista na cidade de Sveti Vrach em 1919, sendo eleito secretário do grupo. Ambos foram condenados à morte pela sua actividade comunista e fugiram do país para escapar. O Nikola chegou a Odessa. Depois de anos de fome, pobreza e privações, conseguiu estudar e tornou-se engenheiro electrotécnico. Construiu centrais eléctricas em várias repúblicas soviéticas. Quando rebentou a Segunda Guerra Mundial e os alemães ocuparam parte do território soviético, foi capturado e enviado para a Alemanha.

Ele suportou tortura e privações, mas conseguiu escapar do campo de prisioneiros, escondendo-se durante muito tempo até se juntar a um grupo de búlgaros que trabalhavam em Berlim. Depois de longos tormentos, conseguiu convencer os alemães de que era búlgaro, obteve os certificados e documentos oficiais necessários da Bulgária e de Sveti Vrach, e decidiu regressar imediatamente ao seu país. O Nikola ficou tão surpreendido quanto o irmão com as previsões da Vanga e com a precisão da descrição que ela fez da sua vida na União Soviética e depois na Alemanha.

Como este caso descrito está novamente ligado ao tempestuoso ano de 1943 da nossa história, apresento uma carta de confissão de R. B. sobre a Vanga:

*«*Grandes correntes de gente passaram por ti desde então, e muita água correu, e as vicissitudes do destino também me tocaram a mim. Vi muitos países, conheci pessoas maravilhosas, mas nunca tive uma experiência mais forte do que o*

*encontro contigo, e nunca conheci uma pessoa mais extraordinária e marcante do que tu.*
*Fui ter contigo naquela altura, sem acreditar na clarividência. Tinha acontecido depois de uma tempestade terrível na minha vida, quando, a 23 de Julho de 1942, tive de me tornar noiva e viúva no mesmo dia. Então ouvi as palavras de despedida mais ternas e os tiros do pelotão de fuzilamento, que me tiraram o Anton e o nosso amigo Nikola Vaptsarov e mais quatro belos camaradas.»*

*[1] Fala-se aqui do famoso poeta comunista búlgaro Nikola Vaptsarov e dos seus camaradas, que foram condenados à morte pelas autoridades fascistas no seio do Partido Comunista Búlgaro. Após torturas brutais, os seis foram fuzilados. Entre eles estava Anton Pepov, com quem R. B. casou poucos minutos antes da execução. (nota do autor)*

**«Nessa altura eras conhecida como a curandeira de Strumica, apesar de viveres no teu quarto modesto em Petrich e ainda não seres conhecida do mundo. Enquanto eu viver, nunca esquecerei a forma como reproduziste com tanto detalhe e compaixão o julgamento dos funcionários do Comité Central do PCB. Como alternavas do papel de procuradora ao de presidente do tribunal, como construías as palavras da defesa e dos acusados. O mais impressionante foi falares na linguagem deles, no estilo deles. E com que compaixão e dor profunda trataste aqueles heróis — jovens, capazes, leais!*
*Senti-me protegida, como uma irmã mais velha, quando me abraçaste com as palavras: "Rositsa, Rositsa, tão jovem, e tão cedo vestida de negro..." (no sentido de viúva — nota minha). Depois descreveste até o modelo do vestido embalado na mala, viste por baixo dela o saco de doces que eu tinha comprado para os sobrinhos do Anton — ele trazia-lhes sempre guloseimas quando vinha a Petrich (o Popov era da região de Petrich — nota do autor). Falaste comigo mais de uma hora, disseste que eu me lembraria menos do que tu da execução em si e dos últimos momentos dos condenados... E, no fim, começaste a erguer os mortos e a falar com as palavras do Anton, do Peter Bogdanov. Foi tão espantoso que não há palavras para descrever!*
*E depois disseste: "O Dimitar ergue-se da cova." Foi a primeira vez que te interrompi: "Vim ter contigo sem acreditar em clarividência, mas estás a falar comigo há mais de uma hora, de coisas que só eu podia saber, mas parece-me que estás cansada e confusa, porque eu não tenho parentes chamados Dimitar." Mas insististe: "Existe sim, e muito próximo." E de repente começaste a falar com uma voz completamente diferente, não a tua: 'Eu... Dimitar, Dimitar Daskala!'*

*(Daskala = o professor — nota de tradução.) Eu tanto insisti na minha certeza... e no que é que deu? O pai da minha mãe chamava-se mesmo Dimitar e era professor, mas morreu quando a minha mãe era pequena, e a minha mãe morreu quando eu era criança. Talvez eu estivesse a pensar no avô quando lá estive, mas essa informação tinha-se perdido nas profundezas da minha memória — e tu chamaste-a de lá. Senti-me tão fraca... de onde é que tiraste este avô, de repente — da cova ou do céu? Desde então falo de ti por todo o lado, a provar a tua superioridade sobre todos... porque até previas o meu futuro casamento, quando eu tinha a certeza de que nunca mais me casaria. E disseste: "Vais casar com um homem que escreve."*

Na primavera de 1944, na época da cereja, o marido da Vanga regressou da Grécia. Diz-se que voltou metade dele apenas: da água podre que bebiam, dos ataques de malária, o fígado estava-lhe inchado, tremia de febre constantemente. Mitko estava tão fraco que nem um machado conseguia segurar nas mãos. Mas era preciso cumprir a promessa feita à Vanga em 1942, e em 1945 começou a construir uma casa nova. Fez tudo sozinho, excepto os trabalhos mais pesados.

E cada vez mais gente se reunia no quintal, todos à espera de ajuda da Vanga. Ela levantava-se antes do amanhecer, preparava comida para os trabalhadores que ajudavam o Mitko na construção da casa, amassava e cozia pão, e depois recebia os que sofriam, insuflava esperança e fé nas pessoas. Aqui está mais um testemunho sobre a vida e actividade da Vanga nessa altura. G. Ch., de Plovdiv, relata um encontro com a Vanga em 1944:

*«Em Maio de 1944 fui mobilizado em Seres (Grécia — nota de tradução). Foi-nos atribuído deslocarmo-nos para Petrich até finais de Setembro. O meu comandante encontrou um camarada de armas, antigo colega da escola militar, e combinou um encontro. Fui com o comandante a esse encontro. Estávamos sentados a tomar um café. O camarada do comandante lembrou-se de repente: "Sabes, ali perto vive uma vidente interessante, que muito antes de 9 de Setembro previu a tomada do poder pelos comunistas, e por isso até foi presa."
Pedi para saber onde vivia essa mulher, e de manhã cedo, num dia de Outubro de 1944, fomos visitá-la. Mal entrámos no seu quartinho pobre, a Vanga entrou em transe e começou a falar para o meu comandante: "Tu és da cidade de Ruse, a tua mulher chama-se Maria, é a tua segunda mulher e um pouco surda... A tua casa fica à beira do Danúbio, o teu filho chama-se Itsko"... etc., com todos os detalhes*

*sobre a vida e a família do coronel. Eu ouvia maravilhado, porque ela dizia coisas de que eu nunca tinha ouvido falar, mesmo conhecendo o comandante há muito tempo. No fim do encontro, o coronel pediu-lhe para dizer algo sobre o irmão, de quem se interessava muito. A Vanga mudou de registo num instante e começou a ler como de um livro: "O teu irmão, chama-se assim e assim, está na cidade de Bordéus, em França, vive muito bem, tem tudo o que precisa, até um barco, mas está muito preocupado porque, ao sair da Bulgária, não se despediu de ti, e tu eras contra a partida dele."*
*Desde esse dia, tornei-me amigo da Vanga e visitante assíduo. Muita gente ia ter com ela. Vinham pessoas de várias partes do país. Era a época do Tribunal Popular, e muitas mulheres e mães vinham saber algo dos seus entes queridos. "Cova, cova", dizia ela a algumas, com dor no coração — o que queria dizer que o homem já não estava vivo. A outras: "Vai, ele virá ter contigo." Ou: "Vai-te embora, ele irá atrás de ti." E sei pelos meus conhecidos, que foram ter com ela com perguntas semelhantes, que todas as suas palavras de consolo se confirmaram por completo. Os meus encontros com a Vanga duraram cerca de cinquenta dias, mas deixaram uma marca indelével para a vida. A Vanga é um super-humano, é um oráculo, Deus lhe dê muitos anos de vida!»*

Também conheço outro caso, que data da mesma época. Um dos comandantes do nosso exército, que foi dos primeiros a entrar em Petrich, recebeu a tarefa de eliminar todos os elementos nocivos da cidade, incluindo a Vanga, porque com as suas previsões incutia superstição no povo, e o novo regime não podia permitir a existência de tais remanescentes prejudiciais do passado. Enquanto o comandante ponderava como cumprir a ordem, aconteceu o seguinte...
Um soldado a cavalo transportava um pacote de documentos secretos de um posto fronteiriço para outro. Da exaustão do trabalho para estabelecer o poder popular naquela região, todos estavam extenuados. Ao chegar ao posto, o soldado deu conta de que tinha deixado cair o pacote de documentos algures pelo caminho. A situação era desesperada! Enfrentava a pena de morte. O rapaz foi imediatamente preso, ia ser julgado por tribunal militar. Mas o acusado pediu um dia para procurar os documentos perdidos e, para não pensarem que pretendia fugir, pediu para ser acompanhado por um soldado armado. O comandante recusou, era proibido, mas o rapaz pediu com tal insistência para lhe darem uma última oportunidade que o comandante acabou por ceder.

Desceram das montanhas, e o soldado foi logo a Petrich ter com a Vanga para lhe pedir ajuda. E ela disse-lhe para subir de novo à clareira da montanha onde

tinha dado descanso ao cavalo e olhar com atenção na erva ali perto. Exatamente ali, segundo ela, o pacote atado à sela caiu — e ainda estava lá, despercebido por todos.

Os soldados foram imediatamente ao local indicado e encontraram o embrulho perdido. O comandante perguntou como ele conseguiu encontrar os documentos, e quando percebeu que tinha sido a Vanga a ajudar, decidiu que ela era uma pessoa útil e não via razão para a "eliminar". (Este episódio foi contado pelo próprio comandante).

Um oficial de Sófia veio várias vezes a Petrich com a mulher; já eram conhecidos, muita gente invejava aquela "família modelo". Mas a Vanga disse: "Não tenham pressa de invejar, o futuro mostrará se vale a pena invejá-los ou não." Depois da guerra, descobriu-se que o oficial era um carrasco. Foi julgado e condenado à morte. Ao saber disso, a Vanga disse aos seus visitantes: "Não invejem ninguém antes de verem o fim da sua vida."

Outro caso desses anos. Uma mulher de uma aldeia de Petrich perdeu a filha de três anos num mercado barulhento de domingo. Procurou-a por toda a parte, mas sem sucesso. A mãe inconsolável não sabia o que fazer e foi ter com a Vanga para perguntar pelo destino da filha. A Vanga disse que a menina tinha sido raptada por ciganos no bazar. Que a procura era inútil naquele momento, mas que passariam muitos anos até chegar o dia feliz em que a mãe ouviria falar da filha e a reencontraria.

Vinte e dois anos depois, esta mulher viajava para Blagoevgrad e, por acaso, na estação de Kresna, ouviu uma conversa entre dois amigos. Percebeu que viviam várias famílias ciganas na aldeia mais próxima. Uma das jovens ciganas era diferente de todas: tinha tranças loiras, olhos azuis e um comportamento distinto. Algo estremeceu no coração da mãe — tinha esperado tantos anos para ver a profecia da Vanga cumprir-se. A mulher foi até essa aldeia, encontrou rapidamente a casa e, antes de entrar, viu uma cigana de cabelo russo. Pensou que o coração lhe ia saltar do peito de tanta emoção. A jovem não acreditava na história, dizia que sempre vivera com os ciganos e que o marido até queria expulsar a velha atrevida. Mas a sogra mandou-o calar-se e contou que, muitos anos antes, essa menina lhe tinha sido dada por ciganos que vieram a uma feira numa das aldeias de Petrich e que a "suplicaram" de um camponês completamente pobre. A cigana ficou com a menina e criou-a como filha.

A mãe, emocionada, continuou a contar à filha tudo sobre a sua infância, até que algo brilhou na memória da jovem. Os olhos encheram-se de lágrimas quando se lembrou de que havia um poço fundo no pátio da sua infância e uma grande rocha por perto.

Sem mais dúvidas de que tinha encontrado a filha perdida, a mãe sugeriu que fossem à aldeia natal. Assim fizeram. Lá, a "cigana" lembrou-se de que ainda tinha um irmão, indicou o quintal, reconheceu logo a casa. Toda a aldeia se juntou: o reencontro foi tão comovente que ninguém conteve as lágrimas.

Em Maio de 1944, o irmão mais novo da Vanga, Tomé, regressou da Alemanha e ficou em Strumica. E, a 10 de Junho, o irmão mais velho da Vanga apareceu inesperadamente em Petrich para se despedir: ia a caminho de Strumica para se juntar a um destacamento de partisans.

Então, no fim da guerra, formou-se uma brigada partisan na região de Strumica e muitos jovens alistaram-se nos destacamentos de combate. Secretamente, a Lubka decidiu partir com ele. A Vanga ficou triste com a decisão do irmão — com lágrimas nos olhos, pediu-lhe que não fosse. O irmão insistiu, explicou que não acreditava em previsões e, nesse mesmo dia, partiram os dois juntos para Strumica e, depois, para os partisans.

No dia 8 de Outubro de 1944, o Vasil, que já era comandante de um grupo de sapadores, recebeu ordem para destruir uma ponte perto da aldeia de Furka. Partes do exército alemão estavam a retirar-se por essa ponte. O Vasil cumpriu a missão, explodiu a ponte, mas não reparou que, na pressa, deixou cair o cartão de identificação. Refugiou-se na casa de um amigo na aldeia, decidido a regressar ao destacamento durante a noite. Depois da explosão, os alemães, a desmontar os destroços, encontraram o cartão de identificação. Um lenhador, capturado perto do local da explosão, lembrou-se de ter visto esse jovem na aldeia. Os alemães prenderam imediatamente todos os habitantes e enfiaram-nos na igreja. É claro que o Vasil também foi preso. Os alemães declararam expressamente que, se em uma hora não lhes dissessem quem era o partisan, a igreja seria explodida. Muitos ali conheciam o Vasil, sabiam que fora ele a explodir a ponte, mas ninguém falou. Vendo a situação sem saída, o Vasil saiu do meio da multidão e disse: "Fui eu." Arrastaram-no para o adro da igreja e começaram a torturá-lo brutalmente à frente de todos: deitaram chumbo derretido nos ouvidos, espancaram-no, furaram-no com baionetas e depois

mataram-no a tiro. Ordenaram que o cadáver desfigurado não fosse enterrado — para servir de aviso.

O Vasil morreu a 8 de Outubro, tinha acabado de fazer 23 anos.

Memórias interessantes de P. R., de Sófia, em 1945: «Em Março de 1945, fui mobilizado em Sveti Vrach (hoje Sandanski). Tinha de servir na estação "General Todorov", na aldeia de Pripiceni. Numa tarde de domingo, por aborrecimento, decidi passear de "cuckoo" (comboio de via estreita) até à cidade de Petrich. Entrei na carruagem e sentei-me ao lado de uma mulher vestida de preto. Depois comecei a pensar para onde iria na cidade e o que ver. Quando o revisor se aproximou, a minha vizinha perguntou-lhe se podia indicar como chegar à casa da Vanga. Ouvi a conversa e lembrei-me do que tinha ouvido sobre essa mulher numa sapataria em Sófia. Um amigo do sapateiro contou-me muitas coisas interessantes sobre ela. Aqui vão algumas dessas histórias. Um dia, um camponês foi ter com a Vanga aflito — tinham-lhe levado o cavalo no mercado. A Vanga disse: "Não te preocupes. Vai lá no próximo dia de mercado e encontrá-lo-ás junto à mesma árvore onde o ataste da última vez. Foi um homem de uma aldeia vizinha que o levou para transportar sacos de lã."

E lembro-me de mais um caso. Um dia, uma camisa desapareceu do estendal onde a roupa secava. O dono dessa camisa foi ter com a Vanga por outro assunto, mas perguntou-lhe pela camisa. E ela disse-lhe: "Vale a pena preocupar-te com essa camisa quando tens outras? Quem a levou fê-lo por grande necessidade, não tinha nenhuma. Eu sei quem foi, mas não te digo. E se o vires com a tua camisa, faz de conta que não viste!"

Estas recordações inflamaram a minha curiosidade e decidi também ir à Vanga. Seguindo as indicações do revisor, encontrei a rua facilmente. Parei em frente a uma cerca de madeira enegrecida pelo tempo. Entrei no quintal e vi uma casa baixa, antiga, com um alpendre aberto, onde uma mulher idosa estava sentada de pés nus cruzados, a pentear os cabelos grisalhos. Vendo-me, perguntou-me se ia ter com a Vanga, e quando confirmei, disse-me que era domingo, a Vanga não recebia ninguém. Respondi que queria apenas vê-la de perto, pois tinha ouvido muitas coisas interessantes sobre ela. Ela foi perguntar, depois saiu e mostrou-me qual a porta por onde entrar. Bati, abri a porta e encontrei-me num quarto sombreado, com tapetes no chão, mobilado modestamente. E como não tenho o hábito de reparar em pormenores, só me lembro de que a Vanga estava recostada num divã coberto com uma manta, e a cabeça clara apoiada

na palma da mão. Eu sabia que ela não via, mas olhei-lhe nos olhos para me certificar. Cumprimentei-a e disse que tinha vindo apenas para prestar-lhe a minha homenagem.

Enquanto dizia estas palavras, a porta abriu-se e entrou a mulher de luto que eu conhecia do comboio. Pediu à Vanga que lhe dissesse algo sobre o filho desaparecido, pois não sabia onde o procurar. A Vanga disse-lhe para voltar na manhã seguinte.

A mulher saiu, mas assim que a porta se fechou, a Vanga deitou a cabeça na almofada, encolheu-se, estremeceu em convulsões, ficou pálida e um barítono áspero começou a gritar: "Cova, cova fresca, ai, os meus pés matam-me!" E repetiu isto várias vezes. Fiquei assustado. Senti que na penumbra do quarto estava outra mulher, provavelmente parente ou conhecida da Vanga, que me fez sinal para ficar calado. Pensei que esta cena tinha sido provocada pela mulher de luto que acabara de sair. Passado um ou dois minutos, a Vanga sentou-se e encolheu as pernas. Fez uma pausa e disse-me: "Tu tens muitos irmãos e irmãs, espera, agora vou nomeá-los... Ivan, Nedelya, Rada, Stanka", etc. "Somos nove," confirmei. "Tenho uma grande preocupação hoje, mas em vão." Mais tarde, quando escrevi à minha irmã sobre isto, ela disse-me que o filho dela tinha sido preso nessa altura, mas foi libertado alguns dias depois. A Vanga disse que eu tinha dois irmãos na frente, e que um tinha galões. Eu disse que não tinha irmão com galões.»

"Sim, sim, lembra-te", insistia a Vanga. Eu lembrei-me de que o meu irmão mais novo me tinha enviado uma fotografia dele com o uniforme de cabo da Frota do Danúbio. Então ela começou a descrever a nossa casa. Disse: *"Uma casa grande com uma cerca de ferro. Só que agora não há ninguém na casa."* Eu disse que a minha mulher tinha ido visitar a mulher do meu irmão ao campo. *"Espera, deixa-me ver onde"*, interrompeu a Vanga. *"Vejo aqui o grande rio. Isto deve ser o Danúbio. Espera, vou ver exatamente qual é o lugar –"* e começou a procurar: *Ru, Ru, Rus, Ruschuk* (hoje Ruse – nota do autor). *"Sim"*, disse eu.
*"E vejo aqui também o teu amigo próximo, o alfaiate, quem é ele?"* Eu disse que não havia alfaiates na família. *"Há, há"*, disse a Vanga, *"um homem mais velho, com um grande bigode, coroa calva e óculos. Está sentado debaixo de uma árvore, de pernas cruzadas, a coser."* De repente percebi que era o meu pai. Depois de se reformar, ele fazia factos de tecido, cosia-os, adornava-os com galões. Fazia coletes e calças. E antes disso, trabalhava como mensageiro na

administração florestal. *"Vês, afinal há alfaiate"*, disse a Vanga. E depois virou-se para a outra mulher e disse: *"Estão muito nítidos."*
A Vanga continuou: *"Atrás do teu pai, um pouco de lado, está uma mulher a segurar a mão de um rapazinho." "Não sei"*, disse eu, *"mas talvez seja a minha mãe, que morreu em 1922, e o meu filho, que morreu há 5 anos." "São eles"*, confirmou a Vanga. Perguntou-me por que usava roupa civil se estava na reserva. Expliquei que não tínhamos fardas militares suficientes, pois eram precisas para a frente de batalha. *"Sim"*, disse a Vanga. *"Agora os soldados na frente estão bem-dispostos, barbeiam-se, lavam a roupa, arranjam as juntas dos carros de bois, de modo geral, alegram-se e em breve virão para a Bulgária. Assim é. Bem, queres que eu te diga algo sobre ti?"*
Eu disse que não queria. Sabia que, ao regressar a Sófia, só trabalho me esperava. *"E mesmo assim"*, insistiu a Vanga. Eu contei-lhe que tinha o sonho de um dia construir uma casa, como os meus colegas. A Vanga fez uma pausa e disse: *"Vais construir, vais ter duas casas, vais construir duas vezes!"* Depois disse: *"Espera, vou ver o que fazes. Ora, tens uma grande oficina, muitos aprendizes. Vejo fogões de cozinha, regadores, bebedouros, e ou churrasqueiras ou braseiras..."*
Pensei que a Vanga tinha dito que eu teria duas casas porque seria rico, e informei-a de que era caldeireiro cooperativo. Em 1952 construí uma casa. Em 1975, construímos outra com o dinheiro dos filhos e noras. Assim aconteceu mesmo: construí duas vezes e, na verdade, duas casas – o andar de cima para um dos filhos.
Quando me despedi da Vanga, ela disse-me que, ao chegar à unidade, me esperava uma carta, uma notícia. Pensei que talvez fosse uma ordem de dispensa e, muito satisfeito, fui-me embora.
Quando voltei a Prepechene, os meus camaradas perguntaram-me onde tinha estado, e contei-lhes que tinha ido a Petrich ver a Vanga, e que ela me disse que me esperava uma carta. De facto, vi um envelope em cima da minha almofada. Os amigos pediram-me para lhes contar como foi o encontro, mas eu queria primeiro ler a carta. No entanto, não me deixaram em paz. Disseram que eu me esqueceria enquanto lia. Concordei. Contei-lhes tudo e deixei-os a comentar a nossa conversa com a Vanga.
A carta era da minha mulher em Ruse. Com muito cuidado, preparou-me para a notícia da morte do meu irmão. No dia 14 de Maio, depois do armistício, 5-6 soldados com um sargento, a revistar a zona perto de Graz, na Áustria, encontraram uma metralhadora. O sargento começou a inspeccionar e a metralhadora disparou de repente, ferindo mortalmente o meu irmão Alexandre

no coração. Foi levado para o hospital, viveu mais 3-4 horas e morreu. Na mensagem dizia: *"Morreu num acidente."*
*Cova, cova fresca*, dizia a Vanga. Assim, estas palavras eram para mim, porque o meu irmão morreu numa segunda-feira e eu estive com a Vanga poucos dias depois, num domingo.
Comecei a chorar. Os meus amigos leram a carta e tentaram consolar-me. O tenente veio e, provavelmente para me distrair, pediu-me que lhe contasse como foi o encontro com a Vanga. Depois disse que queria que o levasse até ela no dia seguinte. Mas, aconteceu que na manhã seguinte vieram mais dois com ele: Pavel e Mincho. Este Mincho disse-nos para não contarmos a ninguém para onde íamos, especialmente se houvesse estranhos por perto, porque suspeitava que a Vanga tinha espiões que a informavam. Estávamos à porta da Vanga muito cedo para sermos os primeiros. Estava tudo silencioso. Mas quando abriram o portão, ficámos surpreendidos. O quintal estava cheio de gente. Mal conseguimos entrar. Decidimos que o caso estava perdido, alguém sugeriu irmos comer algo e voltar mais tarde. Quando estávamos prestes a sair, o homem da frente, que se assumira como organizador, gritou: *"Que entre o Petko!"* Fiquei arrepiado, pois era o meu nome. Esperei que alguém mais respondesse, mas ninguém disse nada. Chamaram o meu nome uma segunda e uma terceira vez. Então disse que era o Petko, mas que tinha acabado de chegar. *"Não importa",* disse o organizador, *"já que a Vanga te chama, entra!" "Sim, entra, quantos são vocês? Não há tempo a perder!"* – gritava o povo. Fiquei surpreso e fui até à porta. Os outros vieram atrás. Sentámo-nos em cadeiras encostadas à parede numa pequena sala. Eu ao lado da Vanga, e os outros três à nossa frente. A certo ponto, a Vanga levantou-se, ficou pálida, lançou-se para o meio da sala, começou a gemer como se fosse chorar. Deitou-se no chão. Virou-se para o lado direito, encolheu-se, e uma voz estranha começou a dizer as palavras que eu tinha ouvido no dia anterior: *"Cova, cova fresca, ai, os meus pés matam-me!"* Olhámos uns para os outros, assustados. Depois a Vanga levantou-se e recuou para a parede onde eu estava sentado. Agitou os braços como se afastasse algo. Quando chegou à porta da sala, abriu-a e saiu rapidamente. Um homem, provavelmente parente, apareceu de repente e disse-nos baixinho que ela provavelmente ia descansar um pouco e voltaria. E de facto voltou. Sem se sentar, perguntou quem era o Petko. Eu respondi. E a Vanga disse: *"O teu irmão (morto – nota do autor) é muito teimoso. Insiste que eu te diga que não deves abandonar o filho dele e deves tomar conta dele."* Eu concordei. Depois a Vanga perguntou qual de nós era o oficial. O tenente Urumov respondeu, e a Vanga perguntou-lhe por que estava de roupa civil. Ele

respondeu: *"Para não dar nas vistas."* Vanga: *"Pois bem. Mas é o seguinte. Aqui diante de mim está uma pessoa próxima de ti, também oficial. Morto em Março. Sabes de quem falo?"* O tenente confirmou. A Vanga continuou: *"Ele tem algo muito importante para te dizer, mas eu não tenho o direito de tocar em assuntos políticos. Mas ele diz isto: tu sabes em que partido ele estava. Ele sugere que sigas o exemplo dele e passes para o lado do partido dele: é melhor para ti. E mais. Ele diz que digas à mulher dele para tirar o luto e casar-se o mais depressa possível, para que a filha Malinka se habitue ao novo pai. E para vestir a menina com um vestido branco, comprar-lhe um relógio para ele ver como lhe fica bem."* O tenente prometeu escrever à viúva. A Vanga mudou de assunto. Para o tenente: *"Antes de vires aqui, serviste noutro lugar. Desapareceram lá umas ferramentas, picaretas, pás, e nunca as encontraste."* O tenente confirmou o que foi dito. Vanga: *"Não te preocupes, elas vão aparecer. Quando as águas do Struma baixarem, os cabos aparecerão fora de água."* A Vanga continuou: *"Tiveste um problema com uma mala. Havia banha de porco lá dentro e os soldados comeram-na sem autorização do dono. Não os repreendas! Tinham fome, e quem é que ficaria numa fome dessas. Bem, já chega."*
Quando saímos, não podíamos deixar de trocar impressões sobre tudo aquilo, embora todos estivessem surpreendidos com o que viram e ouviram. Perguntei ao tenente de que partido era o amigo dele. Ele respondeu que era comunista e que ele próprio era do partido agrário, e que discutiam muito sobre questões políticas.
Quando a Vanga perguntou quem era o próximo, o Pavel ofereceu-se. A Vanga disse-lhe que trabalhava no escritório e que via prateleiras com livros de um lado. Do outro lado também havia livros, e uma mulher muito bonita trabalhava em frente à secretária do Pavel. Ela era viúva e tinha duas filhas adoráveis. *"Tu és solteiro, não és?"* O Pavel confirmou. Disse que era funcionário na firma "Granainas", na cidade de Elin Pelin. *"Escuta, Pavel, tu vais casar com esta mulher. Ela gosta de ti, mas tem vergonha de dizer o que sente. Por isso tens de dar o primeiro passo. E fica a saber que esta mulher te vai trazer felicidade."* O Pavel ficou corado como uma rapariga. A Vanga disse que ele ia ser promovido, e ele ficou muito contente.
Uns anos mais tarde, encontrei o Pavel em Sófia, num restaurante onde agora está construído o Hotel Hemus. Perguntei-lhe se o que a Vanga lhe tinha dito se tinha realizado. Ele respondeu que, de facto, tinha casado com essa mulher, que tinha uma família maravilhosa e que já era director da empresa.
A terceira pessoa com quem a Vanga falou foi o Mincho. *"E tu não vês nada"*, disse a Vanga, *"está escuro, não se vê nada. Tu não acreditas, por isso está*

*escuro."* O Mincho disse que se perguntava se iria ter um filho. *"Eu digo-te de pessoa para pessoa",* respondeu a Vanga, *"adopta uma criança e, se depois tiveres um teu, será óptimo."*

"Mincho era o homem que sempre tentava convencer-nos de que a Vanga obtinha informações de pessoas que escutavam à sua ordem. Muitos anos mais tarde, perguntei-lhe se tinha pensado bem nas palavras da Vanga. Ele disse que nem sequer pensou nisso. Ao mesmo tempo, continuava mais escuro que uma nuvem."

Em 1947, o marido da Vanga terminou a construção da casa e adoeceu gravemente. Na realidade, nunca se tinha recuperado desde o regresso da Grécia, e a construção da casa minou-lhe completamente as forças. Mitko sofria de fortes dores de estômago, e um amigo aconselhou-o a beber um copo de rakia por dia para aliviar a dor. Mitko começou a beber um pouco e, sem se dar conta, ficou dependente do vinho, tornando-se taciturno e irritadiço, trancava-se sozinho no quarto, não falava com ninguém, apenas bebia. Provavelmente, vivia algum drama interior profundo, que não queria partilhar com ninguém. Tanto os médicos como a própria Vanga aconselharam-no constantemente a mudar de vida, mas ele não queria ouvir ninguém. A Vanga andava pela casa como uma sombra, a definhar diante dos olhos, consumida pela angústia, chorava todas as noites. Sabia que não havia salvação para o marido, sabia-o com certeza, mas guardava tudo para si e rezava a Deus para que acontecesse um milagre.

E as pessoas continuavam a vir ter com a Vanga, e ela ouvia-as, aconselhava-as, curava-as. E ninguém suspeitava da tragédia que se desenrolava dentro da sua própria casa.

Mitko foi "tratado" desta forma durante doze anos, até acabar numa cama de hospital. O diagnóstico foi cirrose hepática. A Vanga desesperou-se. Mas queria ficar junto dele. E passou muito tempo à cabeceira do marido doente. Quando o médico assistente insinuou à Vanga que a situação era muito grave, ela respondeu: *"Eu sei que a morte está próxima."* Um dia, o Mitko, sentindo algum alívio, adormeceu. No chão, aos seus pés, a Vanga também adormeceu. Durante os seis meses da doença grave, a Vanga esteve junto do marido, como se quisesse dar-lhe um pedaço da sua força, da sua firmeza. Ou talvez tenha sido uma longa despedida de um homem querido, com quem viveu duas décadas.

Não é costume falar desses dias difíceis na nossa família, eu própria só soube de algumas coisas, em fragmentos, contadas pela minha mãe. *"Quando o Mitko estava a morrer, a Vanga ajoelhou-se junto à sua cama, as lágrimas corriam incessantes dos seus olhos cegos. Murmurava em voz baixa. Não sei se rezava ao Todo-Poderoso para o poupar ou se se despedia dele. O Mitko morreu a 1 de Abril de 1962, com 42 anos. E quando o grande mistério da morte se consumou, a Vanga parou de chorar e adormeceu. Fizemos tudo o que era preciso, as pessoas começaram a chegar, e ela continuava a dormir. Dormiu até ao enterro. Depois disse: 'Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado.'*

Na manhã seguinte, saí e disse às pessoas que se tinham reunido à nossa porta, como de costume, que a Vanga tinha enterrado o marido no dia anterior e não estava em condições de ver ninguém. Mas ela protestou: *"Tragam as pessoas de volta. Eu recebo toda a gente. Elas precisam de mim."*

A partir desse dia, nós, os sobrinhos da Vanga – o Krasimir, a Anna, o Dimitar, claro, e a nossa mãe Lubka – testemunhámos a sua vida amarga, solitária, de viúva, a sua tragédia pessoal e, ao mesmo tempo, a sua vida incansável e extraordinária em nome das pessoas. Parece que nasceu assim: para ser feliz com a felicidade que dá aos outros.

Lembro-me dela nesses dias: sob o lenço negro de viúva, que nunca mais tirou desde então, o rosto pálido, como se estivesse congelado. Todo o seu ser vivia uma vida interior, tensa, concentrada, afastada de tudo o que a rodeava. E as pessoas iam e vinham, cada vez mais, como se corressem para ali vindas de todo o mundo. Com problemas diferentes, com perguntas diversas, cientistas e completamente analfabetos, cépticos e crentes, saudáveis e doentes, todos cruzavam o seu limiar com medo ou escárnio, desconfiança ou curiosidade. E ela não dizia não a ninguém.

Lembro-me de um caso antigo. Uma jovem mulher, inteligente, foi visitar a minha mãe a Sandanski e pediu-lhe que a ajudasse a chegar até à Vanga, em quem confiava muito. O filho da mulher estava gravemente doente, mas ela tinha medo de fazer fosse o que fosse sem consultar a Vanga. Eis o que contou:

*"Em 1944, o meu pai, médico e convicto materialista, decidiu visitar a Vanga apenas por curiosidade. Em Petrich, havia muita gente em frente da casa dela, todos à espera da sua vez. A Vanga apareceu à porta e chamou o meu pai, chamando-o por um diminutivo que nunca era usado fora do círculo familiar.*

*Sem acreditar, o médico aproximou-se dela, e ela contou-lhe muito do seu passado. O meu pai tinha sido casado duas vezes – ela descreveu correctamente os dois casamentos, deu detalhes que nem as mulheres dele sabiam. Depois falou do futuro. Disse-lhe que morreria de cancro em catorze anos. Contou-me coisas sobre mim e sobre o meu irmão mais novo. Sobre mim, disse que seria muito feliz no meu casamento, mas o meu marido morreria cedo. Eu ficaria viúva, com uma criança pequena nos braços. Voltaria a casar, mas desta vez sem sucesso. Sobre o destino do meu irmão, a Vanga disse que seria muito cruel: morreria num acidente aos vinte anos.*

O meu pai ficou terrivelmente perturbado com tudo o que ouviu, quis guardar segredo, mas não aguentou e partilhou com a segunda mulher. Assim soube do segredo.

O tempo passou, o meu pai adoeceu. Pensava que tinha uma úlcera. Foi operado duas vezes – da segunda abriram-no apenas para fechar. Morreu de cancro em 1958, num dia que, simbolicamente, tinha o nome da Vanga.

Eu própria acabei por casar, fui muito feliz no casamento, tivemos uma filha. Mas de repente o meu marido adoeceu e morreu. O meu segundo casamento foi muito infeliz e acabou em divórcio. E mesmo antes disso, o meu irmão, apressando-se para apanhar o eléctrico, escorregou e caiu mesmo debaixo das rodas. Tinha vinte anos. Tudo o que a Vanga previu ao meu pai cumpriu-se com uma precisão espantosa."*

Ou então este caso. O filho dos nossos vizinhos, um bebé de dez meses, teve febre de 38 ou até 39 graus durante três semanas. Os médicos não percebiam a causa da doença, tratavam-no com todo o cuidado, com vários medicamentos, mas sem resultado. Levámos o bebé à Vanga, ela mandou dar-lhe banho numa infusão de ervas da floresta. Depois do primeiro banho, a febre baixou; depois do segundo, a criança acalmou-se completamente e recuperou em pouco tempo.

Uma bailarina russa, casada com um búlgaro, ficou com problemas motores depois de um parto difícil. Os médicos achavam que nunca mais poderia dançar. A actriz, entristecida, não sabia o que fazer. Alguém aconselhou-a a visitar a Vanga, para ter certezas sobre o seu futuro, saber em que podia esperar.

O encontro aconteceu. E como ficou feliz a bailarina quando ouviu isto: *"Não fiques triste, vais recuperar em breve, terás mais dois filhos e voltarás a dançar para glória do ballet russo."* E assim foi.

F. S., enfermeira:
*"Há muitos anos, a minha mãe foi à Vanga para procurar um remédio para a irmã dela, que ficou surda em criança. Aconteceu assim: o dono da casa onde a nossa família vivia chegou uma noite bêbado, entrou no quarto dos pais e bateu na menina – atingiu um nervo. A Vanga disse à minha mãe para mostrar a menina a um otorrino em Varna, mas avisou que a criança sentiria apenas um ligeiro alívio, mas não ficaria completamente curada. E assim aconteceu. A minha mãe foi avisada para descansar mais, porque morreria de pé. E assim foi: a mãe morreu subitamente de AVC, com 54 anos. Vi a Vanga e o meu tio, que morreu há muito tempo, segurando um copo na mão. O tio morreu quando tentava impedir uma colisão frontal entre dois comboios de passageiros. Não conseguiu saltar a tempo, e duas locomotivas esmagaram-no como uma panqueca. E de facto, soube-se que pouco antes da colisão ele tinha bebido vinho tinto e, por causa disso, o meu avô (pai dele) não conseguiu receber a pensão pelo filho morto – dizia-se que o acidente aconteceu porque ele estava bêbado. E o facto de ter salvo a vida de tantas pessoas nos dois comboios não foi tido em conta."*

V. G., escritor:
*"Há cerca de dezassete anos, um dos meus parentes foi à Vanga. Conversavam sobre várias coisas, mas de repente a Vanga perguntou: «Que anda o Vlado a fazer, a Velha Casa?» A Dora, que era o nome da minha parente, ligou-me depois a rir-se: «Olha as tontices que a Vanga diz! O que é isso do Vlado e da Velha Casa?» Passados dezassete anos, escrevi um livro de memórias sobre a minha cidade natal, Bansko, e chamei-lhe Tulipa Púrpura. Entreguei o manuscrito à editora Narodna Mladezh. O editor-chefe era o Evtim Evtimov. Disse-me que não gostava muito do nome e sugeriu mudar. Respondi-lhe que tinha outro título em mente: Memórias da Velha Casa. «Este é melhor», disse o Evtim. E o livro saiu com esse título. Numa noite, a meio da noite, a mesma Dora ligou-me, agitada, a dizer que não conseguia dormir em paz. Enquanto lia o livro, lembrou-se subitamente que a Vanga tinha visto o livro e até o título... tantos anos antes!"*

S. P., jornalista:
*"O regedor da nossa aldeia contou-me esta história (aldeia Razlogko): o cavalo de um vizinho desapareceu. Foi ter com a Vanga, e ela disse: «Os cavalos foram*

*roubados por ciganos, estão presos num prado nas montanhas. Os ciganos vão levá-los para vender.» Quando foram ao local indicado, viram os cavalos amarrados a pastar. Recuperaram-nos, e o homem ficou radiante, porque era responsável pelos cavalos da quinta."*

E. N., Ruse:
*"Também desapareceram dois cavalos muito bons. A Vanga disse às vítimas: «Levaram os cavalos pela cordilheira da Stara Planina, estão numa das aldeias de Gabrovo.» Depois descreveu o sítio e a aldeia em detalhe. Encontraram os cavalos."*

K. P., ator de cinema:
*"Depois de filmar Brilho sobre o Drava, comecei a montagem. Era uma coprodução de vários países, com grandes fundos investidos. Colegas ficaram horrorizados ao descobrir que faltavam várias bobinas de filme. Podia tornar-se num escândalo enorme. Foram à Vanga, e ela disse que as bobinas tinham sido simplesmente deitadas fora. Descreveu uma pequena casa abandonada perto do aterro. Os colegas lembraram-se de que, nos arredores de Pancharevo, o Centro de Cinema tinha mesmo uma velha casinha onde se guardavam películas danificadas ou rejeitadas. Fomos lá, escavámos muito tempo, mas acabámos por encontrar os filmes."*

Kr. St., segundo ouviu de Serafim Severnyak (escritor):
*"A Vanga perguntou-lhe quantos casamentos tinha tido. Ele respondeu: «Três.» «Não serão quatro?», perguntou a Vanga. «Aqui vejo a tua irmã ao teu lado a mostrar-me quatro dedos.» S. S. ficou apavorado, porque a irmã tinha morrido ainda criança. Nem as pessoas mais chegadas sabiam o que a Vanga lhe revelou."*

B. X.:
*"O filho dos nossos vizinhos desapareceu sem deixar rasto. Procuraram-no por todo o lado durante dias, em vão. Os pais foram à Vanga, e ela disse que no sábado a polícia traria o rapaz para casa são e salvo. Espalhou-se a notícia, e de manhã cedo reunimo-nos todos à porta da casa para ver o desfecho. Alguns pessimistas foram-se embora, mas quem ficou foi recompensado: à hora de almoço, chegou um carro da polícia. Houve exclamações de espanto. O rapaz saiu do carro, acompanhado por um polícia. A cena do reencontro foi indescritível."*

G. G.:
*"Há muitos anos, a Vanga disse-me que bilhete de língua búlgara eu iria tirar no exame de admissão. Quando tirei o bilhete, o espanto ficou tão estampado no meu rosto que o examinador perguntou-me o que se passava. Tive coragem de contar-lhe tudo. Ele riu-se: «Bem, o que é que podemos fazer? Vamos trocar o bilhete, se a Vanga o adivinhou?»"*

G. P., de uma aldeia:
*"Levou um problema ao conhecimento da Vanga. As ovelhas do rebanho pareciam enlouquecidas: mordiam-se umas às outras e recusavam comer. A Vanga mandou observar qual ovelha começava a morder, cortar-lhe um bocado de lã e levar-lho. Depois mandou picar bem a lã, misturá-la com a comida e dar a cada ovelha. As ovelhas acalmaram-se."*

Um caso sobre uma jovem grávida:
*"Chorava, explicando que estava grávida do sétimo filho e que antes só tinha tido raparigas. Se agora nascesse outra rapariga, o marido punha-a fora de casa. «Deixa isso comigo», disse a Vanga, «vais ter um rapaz.» Dois meses depois nasceu mesmo um rapaz."*

Sobre um jovem:
*"O rapaz nasceu com um problema nas pernas. Decidiu operar-se para se ver livre da doença. Depois da operação, ficou ainda pior. Comentário da Vanga: «Não devias ter operado. Esta doença não te impedia de andar. Se Deus nos der cornos, temos de os usar.» O rapaz começou a coxear tanto por causa dos esporões nos pés que procurou a Vanga de novo. Ela disse-lhe: «Arranja um prato de cobre velho, aquece-o no fogão, depois embebe um lenço de lã em gasolina. Põe o lenço em cima do prato quente e pisa-o com o pé. Aguenta até o prato arrefecer. Repete quatro vezes.»*

---

Depois da morte do marido, que era um apoio firme para a Vanga no seu caminho difícil, ela sozinha já não conseguia dar conta das multidões à porta de casa, suplicando ajuda e apoio. Houve uma vez em que a multidão quase a esmagou. Depois disso, após falar com a irmã – a minha mãe – e com o meu pai Stoyan, pediu-lhes que se mudassem para Petrich para estarem perto dela e ajudarem se fosse preciso. Tínhamos acabado de construir uma casa nova em Sandanski, mas decidimos deixá-la e mudar-nos para Petrich. Foi em 1966.

Considero necessário contar o que ouvi da minha tia e do meu pai Stoyan Gaigurov. Na minha família, falava-se muito da Vanga. A minha mãe e o meu pai respeitavam-na profundamente e consultavam-na frequentemente sobre vários assuntos. O espantoso é que ela também previu o meu destino sem sequer me ver, quando nos visitou e eu estava na tropa. A Vanga previu que eu me casaria com a irmã dela.

A presença constante da Vanga nas nossas vidas não era tanto a de uma parente, mas a de uma vidente espantosa. Nunca conseguirei explicar como ela foi capaz de prever o destino de cada um dos meus três filhos, quando nasceram. Aconteceu exatamente como ela disse. À minha filha mais velha, a Vanga previu que iria aprender línguas estrangeiras e interessar-se por hieróglifos. Depois do liceu, ela quis entrar em Filologia Búlgara, mas foi desencorajada e entrou em Filologia Turca – teve de aprender uma língua estrangeira e, mais tarde, hieróglifos. À minha filha mais nova, a Vanga disse: «Vais ser uma boa médica.» A rapariga adorava música, tocava piano, sonhava com uma carreira musical. Mas, depois do liceu, inscreveu-se em Medicina, formou-se e tornou-se uma excelente médica, apaixonada pela profissão. Ao meu filho Dimitar, a Vanga disse que seria técnico – e assim foi.

Muita gente, céptica quanto ao dom da Vanga, ainda acredita que ela tinha intermediários que recolhiam informações sobre quem a ia ver. Isto não é apenas falso – é impossível, pois milhares de pessoas de todo o mundo acorriam a ela. Além disso, a Vanga previa o destino de bebés ainda não nascidos, via pessoas mortas há 100, 200 anos, e conversava com elas, mesmo quando já nem os familiares se lembravam. A Vanga sabia que remédio ou erva podia salvar alguém quando a medicina já nada podia fazer. Como é que ela fazia tudo isto?

Esta é a pergunta para a qual ainda hoje se procura resposta.

"Quando Vanga percebeu que definitivamente não podia ajudar as milhares de pessoas que esperavam dia e noite ao portão de sua casa, decidiu pedir ajuda às autoridades. Ouviram-na com atenção e decidiram apoiá-la. Assim, a partir de 3 de outubro de 1967, Vanga, como dizia, «entrou para o serviço público». Foram destacados funcionários para manter a ordem no seu pátio e zelar pelo seu descanso e tranquilidade. Criou-se um serviço especial sob o conselho comunitário para registar todos os que desejavam ver Vanga. Em resumo, Vanga recebeu reconhecimento oficial e, como já disse no início, tornou-se

também objeto de investigação científica no Instituto de Sugestologia e Parapsicologia, dirigido por Georgy Lozanov.

M. D., de Ruse:
"*Em 1968, visitei a Vanga duas vezes. Ela saiu do quarto surpreendida, ou melhor, chocada. Tudo o que eu queria saber, ela contou-me. Dentro da sala, funcionavam gravadores e outros aparelhos. O presidente e o secretário do conselho comunitário convidaram-me para um exame médico e começaram a fazer-me perguntas. Estavam lá cerca de 30 pessoas de bata branca: médicos, psicólogos, neurologistas e outros especialistas. Um ano depois, recebi duas cartas do Instituto de Sugestologia, pedindo que eu preenchesse uns questionários para responder se o que a Vanga me dissera se tinha cumprido. Respondi com prazer, pois tudo aconteceu exatamente como ela previu.*"

Infelizmente, este trabalho sério foi gradualmente interrompido, e quase nada do imenso material recolhido foi publicado entre nós. Muita gente gostaria de ler algo confiável sobre Vanga, mas não há literatura — e, quando há, qualquer um tem razão de suspeitar que existe algum segredo aqui, protegido até pelo governo búlgaro. No nosso país, e não só, correram os rumores mais incríveis sobre Vanga, o que só alimentou ainda mais o interesse pelo seu talento fenomenal. Foi este interesse que motivou a publicação de uma matéria na revista *Pogled*, em 1966, intitulada «Parapsicologia e Vanga». Nela, além de uma entrevista com o Dr. Lozanov, fez-se uma tentativa séria de explicar o fenómeno. Na mesma altura, já se publicavam materiais sobre Vanga no estrangeiro — e continuam a publicar-se. Pode-se dizer que é conhecida em todo o lado, como mostram as numerosas cartas e felicitações que recebemos de quase todos os países do mundo.

Curiosamente, já em 1970 foi publicado nos Estados Unidos um livro sobre pessoas com capacidades fenomenais. No primeiro capítulo, intitulado «Vanga Dimitrova — o Oráculo Búlgaro», baseado em factos da sua vida e entrevistas com visitantes e especialistas, os autores tentam explicar as suas capacidades e levantam várias questões interessantes. É discutível quão fiáveis são algumas descrições, mas no fim do capítulo, que tem cerca de 30 páginas, dizem que talvez seja o ensaio mais profundo alguma vez escrito sobre um profeta vivo.

## «SOU UMA JANELA PARA ELES»

O mais espantoso no dom de Vanga, segundo muitos especialistas, é a sua capacidade de «comunicar» com parentes falecidos, amigos e conhecidos de quem a procura. As ideias de Vanga sobre a morte e o que acontece depois diferem bastante das concepções comuns. Aqui fica um diálogo de Vanga com o realizador P. I. (registado em 1983):

«Já vos disse que depois da morte o corpo se decompõe, desaparece, como tudo o que é vivo. Mas há uma parte do corpo que não apodrece, não se corrompe.»
— «Suponho que se refere à alma?»
«Não sei como lhe chamar. Acredito que aquilo que não se corrompe num ser humano se desenvolve e passa para um novo estado, mais elevado, sobre o qual nada sabemos ao certo. É como se morresses analfabeto, depois morresses estudante, depois alguém com estudos superiores, depois um cientista.»
— «Então uma pessoa enfrenta várias mortes?»
«Sim, há várias mortes, mas o princípio superior não morre. E é isso a alma humana.»

Para Vanga, a morte é apenas um fim físico — a personalidade preserva-se mesmo depois dela. Certa vez, quando um visitante lhe perguntou se era a sua presença que evocava a imagem de uma mulher morta, Vanga respondeu: «Não, eles vêm por si mesmos. Sou uma janela para este mundo para eles.» E, às vezes, as suas palavras ganhavam a precisão de uma fórmula matemática: «Quando uma pessoa se põe diante de mim, todos os seus parentes falecidos reúnem-se à sua volta. Fazem-me as suas próprias perguntas e estão dispostos a responder às minhas. O que ouço deles, transmito aos vivos.»

Gostava de começar esta parte com uma história recente, porque até eu, habituado às sessões de Vanga, fiquei impressionado.

Um casal, cujo pai era engenheiro, tinha um único filho — um rapaz de 16 anos. Desde pequeno, levavam-no para todo o lado, e quando cresceu, eram inseparáveis. Quando o filho se tornou adolescente, os pais relutavam sempre em deixá-lo sair, com medo de que algo lhe acontecesse. Um dia, o rapaz pediu permissão ao pai e depois à mãe para ir com amigos à quinta. Estranhamente, ambos, contrariando os seus princípios, autorizaram sem perguntar nada. Ele foi... e não voltou. Encontraram-no morto, eletrocutado junto a um poste de eletricidade.

Devastados e a culparem-se por o terem deixado ir, os pais decidiram ir à Vanga. Aconselhámo-los a levar uma flor em vaso, porque a morte recente podia provocar em Vanga um estado mental pesado ou até um colapso.

Quando os pais entraram no quarto, Vanga empalideceu subitamente e exclamou com uma voz estranha e forte: *«Aqui estou! E como está o engenheiro?»* O pai ficou pálido e quase desmaiou — o rapaz tinha o hábito de entrar em casa a perguntar isto, a brincar. Confirmaram que era a voz do filho. A voz continuou: *«Amanhã vão ao Lyubcho e deem-lhe meias cinzentas. Como está a Lyudmila? Recebi flores da Vanya, mas vieram com muitas lágrimas. Não chorem tanto, as vossas lágrimas mancham a nossa roupa e depois não há como limpá-la. O céu não é azul como o veem, é branco, muito branco. E estamos todos de branco. Quero que mandem fazer uma joia de prata, tipo colar, com as letras B. e K. Vou voltar. Voltarei para vocês de novo, mas será à nona hora.»*

Não perceberam o significado desta frase final, mas a mãe, ainda incrédula, encontrou força para pedir à Vanga — que falava com a voz do filho — que o descrevesse. Vanga, na voz jovem, disse: *«Sou eu quem perguntas. E para todos acreditarem, vou dizer como me despediram: eu estava de calças cinzentas escuras e camisola cinzenta. Não se surpreendam! Eu fui chamado, e ninguém podia impedir-me. O tio está comigo, e o avô também.»*
Após uma pausa: *«Está bem, deixaram-me ficar aqui o tempo que consegui.»*

Vanga respirou fundo, sorriu e disse: *«Ele foi-se, subiu como um quíton branco como a neve. Assim todos nós, crentes e descrentes, voaremos na mesma direção. Era a hora dele, foi chamado, e foi-se.»*

Vanga contou mais: *«Um dia, veio ter comigo uma jovem e eu perguntei logo: 'Lembras-te de que a tua mãe falecida tinha uma cicatriz na coxa esquerda?' A mulher confirmou e perguntou como eu sabia. 'Ora... é simples. A mulher morta estava à minha frente. Era jovem, alegre, de olhos azuis, lenço branco na cabeça. Lembro-me de a ver levantar a saia colorida a rir e dizer: Pergunta-lhe se se lembra que eu tinha uma cicatriz de nódoa negra.' Depois, a falecida disse-me: 'Diz à Magdalena, através desta visita, para não vir mais ao cemitério — custa-lhe muito, ela já nem tem joelho.' A visitante confirmou: Magdalena era a irmã dela, que tem uma prótese no joelho e custa-lhe andar.»*

"Lembro-me de que houve uma pausa bastante longa depois do que foi dito, e então Vanga voltou a falar — muito, e com uma inspiração que parecia vir de

outro lugar. «Ouço a voz da tua mãe», disse ela, «e ela pede para eu te dizer o seguinte: quando os turcos quiseram incendiar a nossa aldeia de Galichnik, o meu pai ofereceu-lhes um grande resgate para salvar o povoado. E depois decidimos construir uma igreja, para isso cortámos todas as amoreiras da aldeia — não havia outras árvores por perto. Os troncos eram levados para o local da obra em segredo, à noite. Construímos a igreja. E em frente a ela fizemos uma fonte de três bicas.»

O visitante, pasmado, disse que nunca tinha ouvido tais detalhes, mas quando esteve em Galichnik realmente não viu as tradicionais amoreiras, e na frente da igreja havia de facto uma fonte de três bicas.

Vanga, entretanto, continuava a falar como se usasse a língua dos mortos: «Recentemente, o meu filho bateu com a cabeça e agora está muito doente.»
«Sim», confirmou o visitante, «o meu irmão teve um coágulo num vaso cerebral e foi operado.»
Vanga continuou: «Façam outra operação, mas apenas para ficarem em paz. Não servirá de nada, o teu irmão vai morrer em breve.»
Não preciso dizer que tudo aconteceu exatamente assim.

Outro caso: uma mulher veio porque o filho, soldado, sofreu um acidente e morreu. Vanga perguntou:
«Como se chamava o rapaz?»
«Marko», respondeu a mulher.
«Mas ele diz-me que o nome dele era Mario.»
«Sim», disse a mulher, «em casa nós chamávamos-lhe Mario.»
Por Vanga, o jovem contou quem foi responsável pelo desastre e acrescentou: «A própria morte avisou-me (por pressentimento) na sexta-feira, e na terça-feira fui embora.» O rapaz morreu numa terça-feira.

A mãe disse que o filho tinha perdido o relógio e ela prometera comprar-lhe outro, mas depois da morte dele, claro, não comprou nada. O rapaz também perguntou por que não via a irmã, e a mãe explicou que ela se formara e vivia noutra cidade.

Cinco pessoas de Sófia decidiram visitar Vanga, foram de carro até Rulite. Esperaram muito, mas Vanga quis receber apenas um deles. «Chamem o Kiril», disse ela. E de facto, aquele homem tinha uma razão forte para procurar Vanga: o filho dele tinha ido numa excursão a Vitosha (a montanha junto a Sófia) e não

voltara. Vanga disse apenas algumas palavras: «Neste momento vejo o teu filho sentado numa rocha, a desenhar algo num papel. Não posso dizer mais nada. Vais ter notícias dele em dois dias.» O homem, mais calmo, saiu convencido de que, se o filho estava a desenhar, então estava vivo. Mas dois dias depois recebeu a notícia da polícia: o rapaz fora encontrado morto no sopé de uma falésia. Um idoso viu-o lá em baixo, sentado numa posição estranha. Chamou-o, mas não respondeu. Ao aproximar-se, viu que era um cadáver. Ao lado dele estava o papel onde desenhara... ele próprio a cair da falésia.

M. K., Sófia: «Em 1970, o meu irmão Vasil, de 49 anos, desapareceu. Durante vinte dias não soubemos nada dele. Trabalhava como chefe de contabilidade no conselho da aldeia. A minha irmã e a minha nora foram a Vanga. Ela descreveu-lhe a aparência, a cor da camisa, o hábito que ele tinha de olhar para o relógio — mas no momento não o tinha no pulso (tinha deixado em casa) — disse que o via descalço, num lugar alto nas montanhas. Descreveu a região, mas não sabia dizer exatamente onde. Depois soubemos que o meu irmão caíra da Pedra Negra, em Rila. Ela viu a sua agonia e disse: 'Vejo-o descalço, deitado no chão, mas... ainda não está morto.' Quando contei isso ao investigador, ele ficou surpreendido e disse: 'Sim, ele estava realmente descalço, os sapatos estavam de lado, e ele não morreu logo.' Mas Vanga despediu-se da minha nora com estas palavras: 'Vai, minha nora, as autoridades vão contar-te tudo.' E assim foi. Dois dias depois, um polícia veio contar tudo. Não é um milagre?!»

I. L., Sófia: «Não vou, Vanga, recordar todas as palavras que se confirmaram depois do nosso encontro. Mas não esquecerei o choque quando me chamaste pelo nome, no meio da multidão. E quando fiquei diante de ti, disseste-me: 'Eis que o teu pai morto aparece diante de ti, veio de longe.' Pela tua boca, o meu pai contou pormenores incríveis da nossa vida e do nosso futuro. Disseste: 'O pai não está contente, pergunta por que venderam a casa que foi construída no terreno dado por Alexander Stamboliyski?' Fiquei paralisado, pois tinha-me esquecido desse detalhe, não me parecia importante. Mas fiquei com pena de ter entristecido o meu pai, e guardo essa emoção até hoje.»

Vanga dizia: *«Em breve, as pessoas começarão a encontrar-se com os seus parentes falecidos na rua.»* (1989)

Essa capacidade absolutamente incrível de Vanga comunicar com os mortos impressionou muito o famoso crítico literário Zdravko Petrov. Numa revista de

Sófia, em 1975, publicou um artigo muito interessante, intitulado «A Profetisa Búlgara». Cito aqui alguns excertos:

*"Até ao outono de 1972, dava pouca importância ao facto de, numa pequena cidade junto à fronteira grega, Petrich, viver uma vidente que atraía a atenção de muitos búlgaros. Desde manhã cedo até tarde da noite, o seu pátio está cheio de gente. Sabe do destino de pessoas desaparecidas, resolve crimes, faz diagnósticos médicos, fala do passado. O mais espantoso do seu dom é que não fala apenas do presente — antevê o futuro. Mas as suas previsões não têm fatalismo. A experiência ensinou-a a ser muito cuidadosa com o que diz. Além disso, nem tudo o que é possível se torna real. O termo hegeliano 'realidade dividida' explica não só a probabilidade como categoria filosófica, mas também o fenómeno de Vanga. Algumas coisas ela diz com precisão espantosa.

Uma vez, numas sessões a que assisti, Vanga pediu ao seu 'paciente' que lhe desse o relógio — normalmente iam ter com ela levando cubos de açúcar. Ele estranhou muito que ela quisesse sentir o relógio. Mas Vanga disse-lhe: 'Não seguro o teu relógio, seguro o teu cérebro.'

Certo dia, por acaso, fui parar a Petrich em férias. Passei lá alguns dias. Conheci melhor aquela mulher simples, dotada do dom de adivinhar. Fui vê-la, ouvi-a, fui-me embora. Para ser sincero, não tinha intenção de me submeter a nenhuma das suas 'sessões'. Parece que Vanga percebeu esse estado de espírito logo nos primeiros dias em Petrich, pois mais tarde disse a um amigo meu: 'Ele veio com vontade de não saber nada de si mesmo, mas eu contei-lhe tudo.' E riu-se daquele seu riso tão característico.

Mas o mais interessante vem agora. O meu amigo, que me apresentou a Vanga, tinha carro e propôs irmos dar uma volta fora da cidade depois do almoço — não só a mim, mas também a Vanga e à sua irmã. Fomos todos juntos até à aldeia de Samoilovo, onde ficam as ruínas da fortaleza construída pelo czar Samuel, objeto de investigação arqueológica e restauração. Fomos em silêncio no carro. Quando chegámos, decidimos explorar a fortaleza e as escavações. Como Vanga não podia apreciar a vista connosco, ficou no carro com a irmã, conversando. Eu vagueava por perto. De repente, quando estava a uns 7 ou 8 metros do carro, Vanga falou. Percebi que as palavras eram para mim. Ela surpreendeu-me logo com a primeira frase: 'O teu pai Pedro está aqui.' Fiquei paralisado, como Hamlet diante do espírito do pai. O meu pai morrera há quinze anos. Vanga começou a falar dele com tal detalhe que fiquei petrificado

de espanto. Nem sei dizer o que senti, mas quem me viu disse que fiquei lívido. Ela repetiu várias vezes que o meu pai estava ali diante dela — embora eu não faça ideia em que forma ou projeção — no passado, presente ou futuro. Ainda assim, Vanga chegou mesmo a apontar para ele. Obviamente, 'recebeu a informação' (como?) sobre um episódio doméstico que até eu já tinha esquecido. Para Vanga não existe presente, passado ou futuro — o tempo é um só fluxo homogéneo. Foi essa a impressão que tive. Assim, contou-me facilmente sobre a vida passada do meu pai. Sabia que ele, advogado de profissão, dera aulas de economia política e direito civil num liceu turco antes da revolução de 1944."*

"Depois, Vanga começou a falar dos meus tios. Eu citei dois deles. Contei-lhe sobre o terceiro, que morreu tragicamente, rodeado de mistério. Vanga disse que a razão do seu assassinato foi traição. Fiquei ainda mais surpreso quando ela, de repente, perguntou: 'Quem na tua família se chama Matvey?' Respondi que era o nome do meu avô. Eu tinha cinco anos quando o enterrámos, numa fria manhã de janeiro. Quarenta anos já tinham passado desde esse dia. O facto de ela saber o nome do meu avô surpreendeu-me muito.

Quando voltei a Sófia e contei tudo aos meus amigos, um deles perguntou-me se, naquele momento, eu estava a pensar no meu avô. Eu raramente penso nele, mesmo em Sófia, onde tenho parentes com quem poderia falar sobre ele. Até os meus amigos mais próximos não sabem o nome dele. Vanga disse que ele era um homem bom — e foi assim mesmo que os meus familiares sempre o conheceram. Vanga falou longamente sobre os meus parentes, durante uns 10 ou 15 minutos. Contou-me também sobre uma sobrinha minha, que falhou num exame de acesso à universidade. E falou até de pequenas coisas do dia a dia, como o facto de o aquecimento a vapor do meu apartamento estar avariado. Depois aconselhou-me a apanhar mais sol, pois seria essencial para a minha saúde. Eu não gosto muito do sol, mas ela insistiu: 'Que o sol seja o teu deus.' Depois disse que eu tinha duas formações superiores ('duas cabeças', como ela disse) e o público ali acrescentou que eu estava a fazer uma especialização em Moscovo.

Vanga disse então que via os guerreiros de Samuel. Passavam em filas diante dos seus olhos. Sabemos pela história que eles foram cegados por ordem de Basílio II. Vanga perguntou-me quem os cegara, de que nacionalidade era. Fiquei confuso: deu-me um branco, esqueci completamente a história dessa

dinastia real. Depois, um amigo meu perguntou-me como pude esquecer a genealogia de Basílio II, conhecendo eu tão bem a história bizantina. Acho que fiquei mesmo perturbado com a capacidade de Vanga de ver tão longe no passado. Em outra ocasião, Vanga perguntou-me quem eram os bizantinos. Contou que, certa vez, estando numa igreja na cidade de Melnik, ouviu vozes a dizer: 'Nós somos bizantinos.' Viu pessoas vestidas de brocado e ruínas de termas romanas debaixo da terra. Alguns nobres bizantinos, de facto, foram forçados a abandonar a sua pátria e a estabelecer-se em Melnik. Falou ainda de outras figuras históricas.

Tentei compreender essa incrível capacidade de Vanga de ver o passado e o futuro. Entre nós havia um diálogo muito interessante durante todo esse tempo.

Vanga começou a falar da morte. Não conseguíamos tirar os olhos do seu rosto imóvel. Era evidente que ela estava a ter visões. Contou casos em que sentiu a aproximação da morte. Disse-me que vira a hora exata da morte do marido. Contou ainda como, certa vez, quando cozinhava ameixas no quintal, a morte 'sussurrou' por cima das árvores. Parecia uma balada. Para Vanga, a morte é uma mulher bela, com longos cabelos esvoaçantes. Tive a sensação de estar diante de uma poetisa, não de uma vidente.

A morte… este hóspede terrível e indesejado, que rasga os fios da nossa vida. Mas, segundo Vanga, é apenas uma projeção do nosso 'eu' em outras dimensões que não compreendemos.

Um dia, uma jovem de Sófia foi ter com Vanga. Ela virou-se para a rapariga e perguntou:
'Onde está o teu amigo?'
A mulher respondeu que ele tinha morrido, afogado num rio há alguns anos. Vanga descreveu o jovem, dizendo que o via como vivo, que ele falava com ela: 'Vejo-o à minha frente. É alto, moreno, tem uma pinta na bochecha. Ouço-lhe a voz. O rapaz tem um leve problema de fala.'
A mulher confirmou tudo. Vanga continuou:
'Ele disse-me: "Ninguém é culpado pela minha morte. Caí na água sozinho e parti a coluna." Pergunta quem ficou com o relógio e outras coisas dele. Lembra-se de muitas pessoas, pergunta por amigos e conhecidos. Aconselha-te a casar em breve e garante que farás uma boa escolha.'

Um cientista espanhol contou a Vanga como a sua mãe falecida era bondosa e carinhosa, mas viveu toda a vida na pobreza. Vanga interrompeu-o e disse: 'Espera, deixa-me contar o que aconteceu.' No leito de morte, a tua mãe disse: "Não tenho nada para te deixar, senão um velho anel de família. Estás sozinho, que ele te ajude e proteja na vida."
O professor, espantado, confirmou. Explicou que, certa vez, já ele era um cientista famoso, descansava à beira do rio e o anel escorregou-lhe do dedo e caiu na água. Procurou-o, mas nunca mais o encontrou.
'O que fizeste, homem? Perdeste o elo com a tua mãe!', exclamou Vanga.
O cientista, embaraçado, admitiu que às vezes pensava nisso, pois desde então começou a ter azar em tudo, mas, como materialista, afastava tais pensamentos.

Há alguns anos, durante uma inundação, um casal perdeu o seu único filho. Parecia lógico assumir que a criança se tinha afogado, mas eles não queriam acreditar. Foram ter com Vanga para saber a verdade. E Vanga — este caso é contado pela própria — disse-lhes: 'Não chorem, este é o destino do vosso filho. Ele realmente não está entre os vivos. Mas o corpo não está onde o procuraram. Está onde o rio faz uma curva. Há árvores grandes e o corpo ficou preso nas raízes. Vejo-o como se estivesse vivo. Ele estende-me a mão, chama-me para vos mostrar o lugar. Quer ser enterrado.'
Algum tempo depois, parentes desta família voltaram a Vanga para lhe dizer que encontraram o cadáver exatamente no local que ela indicara. O corpo do pobre menino foi retirado e enterrado.

Casos assim há milhares — é impossível contá-los todos. E, convenhamos, o tema não é agradável. Vanga não vê apenas o 'reino dos mortos'. Vê a destruição e o renascimento de cidades inteiras. Por exemplo, Melnik: 'Aqui', diz Vanga, 'cada erva, cada pedra, cada palmo de terra é sagrado. Venho para cá com muito gosto, é onde melhor descanso. Carrego-me de força, energia, inspiração. Sento-me numa rocha e fico em silêncio. Ninguém deve incomodar-me. Tudo à minha volta fala comigo — pedras, ruínas, sombras. A cidade conta-me a história dos séculos passados. Vejo pessoas mortas há muito tempo, templos arruinados, casas construídas há milhares de anos.'

Uma vez vim aqui com a minha irmã. O filho dela, de seis meses, estava connosco. Pareceu-me ouvir a sua alma a dizer-me com a voz de Vanga: 'Tia, vês Melnik? Pois tu és como Melnik.' Fiquei muito perturbada e chorei amargamente: 'Por que como Melnik? O que quis dizer Vanga? A história antiga

desta cidade ou o seu vazio e abandono? E por que associei estas palavras ao bebé?' Até hoje, não sei.

No início dos anos 70, Vanga tinha um desejo forte de ir todos os dias a Melnik e receber lá muitos dos seus visitantes. Acreditava que o seu dom se revelava mais plenamente nesta cidade, que lá podia contar coisas muito interessantes. Mas esta atividade, para uma cidade tão pequena, trazia vários problemas, e o desejo de Vanga não foi satisfeito. É pena: nunca saberemos quais revelações Vanga ainda teria para nos surpreender.

Outro caso interessante. Em 1983, o realizador P. K. partilhou com Vanga os seus planos de fazer um filme sobre Orfeu. Vanga disse que ele não teria sucesso, porque a visão do realizador sobre o herói lendário era completamente errada. Disse, literalmente (esta conversa está gravada em fita):
'O dom de Orfeu não é celeste, mas terrestre. Ele escutava a terra e cantava. Os animais selvagens paravam para o ouvir, mas não compreendiam. Orfeu — terra. Tocava e cantava tanto para a folha do salgueiro como para o salgueiro em si. Deitava-se no chão, e a própria terra escutava-o e cantava para ele. Orfeu cantava com a terra. Onde quer que fosse, tocava sempre as suas melodias. Os pássaros cantavam-lhe, e ele cantava-lhes. Era-lhe bom na terra e com os seres da terra. Para os sons do céu, muito mais belos, ele permanecia surdo.'"

"Ela disse ao diretor:
— *'Ele será rico ou pobre? Como você o vê? Eu, por exemplo, vejo-o em roupas rasgadas, com as unhas crescidas. Canta o tempo todo, a terra dá-lhe todas as vozes. Por isso é tão descuidado, desleixado — ele não é do céu. Você não pode retratá-lo assim, e é isso que está errado.'*

Vanga continuou:
— *'Acontece de maneiras diferentes: às vezes vejo claramente acontecimentos antigos e pessoas que já se foram, às vezes vejo pior. E devo dizer que nem sempre tenho curiosidade para isso. Fico aqui sentada sozinha, pensando: "Deus, quanta coisa já não existiu neste mundo! Quem me dera poder contar tudo às pessoas! Seria tão bom... mas falta-me habilidade..."*

Com prazer, Vanga fala... com as flores. Ela as considera seres vivos, tal como nós, seres humanos. Se você pudesse ver como ela cuidava das flores em frente à sua casinha em Rupite! Sempre parava diante de cada flor, acariciava-a, regava-a, murmurava algo para ela. Diz que as flores lhe contam muitas coisas

interessantes. Parece um conto de fadas, um lindo conto de fadas — mas é verdade, mostra que é verdade.

Na sua vida há tantas coisas inexplicáveis… Se você visitar Vanga logo após a morte de alguém querido, ela pode até adoecer com o contato com essa morte recente — houve casos em que chegou a perder a consciência. Assim que percebia quem vinha até ela, costumava dizer: *'Por que veio sem flores?'* — porque a informação sobre o falecido, que você comunica inconscientemente pela sua simples presença, também é conhecida pelas flores. Mas as flores conseguem transmitir essa informação de forma mais delicada do que a pessoa, poupando Vanga de choques mais fortes. E, ao mesmo tempo, ela não gosta de buquês: *'As flores são mais belas vivas: num prado, num canteiro, num vaso. O buquê é como uma multidão de pessoas, onde a individualidade se apaga. Mas cada flor tem a sua própria personalidade.'*

A mãe de Vanga lembra como, certo dia, ela pediu para ir ao quintal onde estavam reunidas as pessoas e chamar uma mulher. Vanga chamou-a pelo nome e disse que trabalhava vendendo flores em Sófia. Quando lhe perguntaram como ela sabia que uma florista a esperava lá fora, a vidente respondeu: *'Sim, foram os centáureas que me contaram. Essa mulher quer perguntar o que deve fazer com o filho completamente inchado. Chamem a pobre mulher, direi tudo a ela.'*

Vanga também teve uma longa conversa sobre flores com o escritor soviético Leonid Leonov, quando ele veio à Bulgária em 1980. Ela disse, entre outras coisas, que invejava o seu grande jardim, cheio de flores maravilhosas, puras como os olhos de uma criança. Sorrindo, quase conspiradora, comentou com Leonid Maksimovich: *'Eu sei que você também entende a linguagem das flores — é verdadeira e bela.'* E depois ainda o repreendeu por ter dado um grande filodendro, que antes ficava em sua casa, para a União dos Escritores. Aconselhou-o a encontrar outro, pois é o filodendro que estimula a inspiração — é a flor dos artistas e dos criadores.

Sobre flores, plantas e ervas medicinais, como já mencionei, Vanga também falou com Svyatoslav Roerich. À pergunta dele sobre a importância das ervas medicinais na medicina, Vanga respondeu: *'Com duas palavras não dá para explicar. É um tema grande, separado. O mundo começou com a erva e terminará com a erva. Tudo o que as pessoas deixarem na Terra será coberto pela erva do esquecimento. As ervas de cada país curam apenas as pessoas que vivem nesse*

*país. Assim já está definido. Cada um deve se tratar apenas com as suas próprias ervas.'*

## "NÃO VIVO PARA MIM — VIVO PARA AS PESSOAS"

A casa da Vanga, em Petrich, atrai muitos visitantes. O que os traz até aqui? O que os faz vir de tão longe, de lugares vizinhos? Um quer que uma mulher sábia o ajude a desfazer o nó apertado dos problemas familiares; outro procura cura para uma doença incurável; um terceiro é movido pela simples curiosidade humana de ver a Vanga com os seus próprios olhos, de se certificar pessoalmente de que tudo o que ouviu não é invenção de mentes ociosas. Como se bastasse olhar uma vez para uma pessoa e decidir se ela tem um dom maravilhoso ou não. Mas o caminho para Petrich não é reservado, e lá vão todos para a casa da Vanga — se alguém contasse, facilmente chegaria a cem pessoas por dia...

Os habitantes de Petrich há muito se habituaram ao facto de que a casa da Vanga está sempre cheia de gente, há sempre uma fila variada, e não ligam aos visitantes. Penso que poucos dos nossos cidadãos pensam no quão extraordinária é esta sua velha vizinha, que aqui vive desde 1942. Tanto para os petritchanos como para os visitantes, tudo isto já é hábito, e nem consideram algo de especial. Um escritor famoso, penso que F. M. Dostoiévski, disse que o homem é um ser que se habitua a tudo. Assim, se perguntarmos aos habitantes da cidade quem é a sua famosa Vanga — uma feiticeira, uma vidente ou, por exemplo, uma curandeira — ouviremos uma resposta simples e clara: uma vizinha, uma conterrânea. E pronto. Mas será só isso?

A Vanga nasceu a 31 de Janeiro de 1911, na cidade jugoslava de Strumica, numa família de pequenos proprietários de terras. Do pai, que era fisicamente forte e trabalhava arduamente num campo magro, herdou grande resistência ao trabalho físico e, além disso, uma honestidade cristalina, amor pela justiça e aversão à mentira e ao engano. Da mãe, também herdou uma boa herança — um espírito alegre, amor pela limpeza nos sentimentos e na casa; essa limpeza especial é o único culto da Vanga.

A menina nasceu prematura, de sete meses, era muito fraca, as orelhas coladas à cabeça, os dedos das mãos e dos pés colados uns aos outros. Ninguém sabia se sobreviveria. O bebé ficava deitado, enrolado num pano e numa manta de pele de carneiro, chiando baixinho. E como era costume na região de Strumica não se dar nome a uma criança se houvesse pouca esperança de que sobrevivesse (a mortalidade infantil era muito alta), a menina ficou sem nome durante algum tempo. Curioso também era o costume popular de escolher o nome da criança. A avó costumava sair à rua e perguntar o nome à primeira mulher que encontrasse. Assim fez a avó desta pequena menina. Saiu e ouviu de uma mulher que passava: "Perguntas como se há-de chamar a menina? Chama-a Andromaca."

Naqueles anos, muitas pessoas em Strumica e nas aldeias vizinhas tinham nomes gregos, mas à avó não agradou esse nome sonoro; ficou parada à porta de casa e logo viu outra mulher. "Como devo chamar o bebé? — O que é isso? — perguntou. — Não há nome mais bonito do que Vangelia — 'portadora de boas novas'. Um belo nome grego, que seja a tua neta Vangelia."

A avó, e depois todos os outros, aceitaram esse nome, e ficou para a recém-nascida: Vangelia, Vanga... Será que os pais sabiam quem estava deitado, enrolado numa quente pele de cordeiro? Improvável.

Pande Surchev, o pai da Vanga, via a sua vocação, o sentido de toda a sua vida, no trabalho de camponês. Mas aqui está o problema: é raro um camponês ter a simples felicidade de cultivar o pão em paz. Um camponês está hoje no campo e amanhã no campo de batalha, como tem sido hábito há séculos. Pande juntou-se a um destacamento de guerrilheiros; muitos então lutavam pela liberdade da sua terra, contra o jugo turco. Os guerrilheiros eram chamados Chetniks, e os turcos odiavam-nos e temiam-nos. O Panda não teve sorte no campo de batalha: numa das batalhas, foi capturado e condenado a prisão perpétua na prisão de "Yedi Kule".

Os prisioneiros não tinham esperança de salvação, e foi apenas graças à Revolução dos Jovens Turcos de 1908, quando foi proclamada uma monarquia constitucional, que ele, como muitos dos seus companheiros de infortúnio, viu a luz da liberdade. Pande Surchev regressou a casa.

Mas não encontrou ninguém vivo em casa. Os pais morreram enquanto ele lutava e permanecia numa cela escura de "Yedi Kule", o irmão partiu dos lugares

natalícios, ninguém sabe para onde… Que fazer? Então soube que a comunidade da cidade de Strumica distribuía casas e terrenos abandonados pelos turcos. Decidiu tentar a sorte em Strumica.

Deram-lhe um quarto numa velha casa nos arredores da cidade. Tudo ali se mantinha de qualquer maneira: casas, quintais; e a terra, sem cuidado, dava pouco fruto. No entanto, o doce ar de liberdade inebriava todos os habitantes daquele recanto: embora com fome, estavam alegres. Camponeses, pequenos artesãos, comerciantes de rendimentos modestos — todos tinham o hábito de se levantar de madrugada, trabalhar com entusiasmo, viver em comunidade. Quando o sino de bronze do campanário da Igreja dos Quinze Santos Mártires começava a tocar, sérvios, búlgaros, ciganos, e até a numerosa família do turco Gul Bab, que não quis deixar a sua casa para ir para a Turquia, faziam o sinal da cruz na testa. Brincava-se que ele não partira porque não permitiam levar as roseiras. De facto, no jardim de Gul Bab, as rosas floresciam da primavera ao outono, espalhando um aroma maravilhoso por toda a vizinhança.

O novo senhor começou a viver em paz e harmonia com os vizinhos. Era de boa índole, e pessoas assim são estimadas em toda a parte. Durante algum tempo viveu sozinho, mas logo conheceu uma rapariga doce, magra como um junco, ágil e alegre: chamava-se Paraskeva. Gostaram um do outro, cortejaram algum tempo como noivos, e depois começaram a chamar os convidados: um festim honesto para o casamento. Os jovens eram felizes. Em 1911, como já disse, nasceu a Vangelia.

Os pais deixaram a criança fraca, mas a menina começou a ganhar forças; porém, três anos depois, durante o segundo parto, Paraskeva morreu. Panda ficou transtornado, andava perdido, sem encontrar o seu lugar — e então veio a guerra.

A Primeira Guerra Mundial bateu à porta das casas pacatas. Mobilizaram o Pande e levaram-no a servir no exército búlgaro. A menina foi entregue a uma vizinha, uma mulher turca muito bondosa e justa, chamada Asanitsa. Três pesados anos de guerra passaram num abrir e fechar de olhos, sem uma única palavra do pai de Vangelia. Os vizinhos pensavam que a menina era órfã, mas um dia o pai regressou a casa, incrivelmente magro, pele e osso, mas ileso. A menina chorou de alegria.

Pai e filha começaram a viver no mesmo velho quarto, e começaram os tempos difíceis. A Vanga já tinha 7 anos. Magra, de olhos azuis, cabelo castanho, muito viva, não parecia uma criança que passara fome, tal como aparecera à luz de Deus. O pai percebeu rapidamente que à criança lhe faltava tanto o carinho paterno como a disciplina. Era preciso casar de novo, mas quem quereria um viúvo, sem casa decente, com uma filha pequena nos braços?

No fim da guerra, em Strumica, o poder passou para o prefeito sérvio. Muitos soldados e oficiais búlgaros que regressavam a casa da terrível guerra foram obrigados a abandonar a sua terra natal. E Pande também quis partir, porque agora os habitantes eram obrigados a falar e a escrever em sérvio. Mas para onde ir com uma criança? Panda ficou, para alegria das crianças da vizinhança, e a Vanga continuou a ser a rapariga mais alegre e sociável do quintal.

A Vanga gostava que cada objecto em casa tivesse o seu próprio lugar seguro — e sempre inesperado. Um dia, o pai decidiu ir pescar e pediu a um vizinho que esperasse um segundo enquanto ele ia buscar as canas. Mas os segundos não chegaram: procurou-as por toda a casa, desapareceram — como uma carpa puxada na água. A Vanga assistia divertida a toda aquela confusão e, só depois, disse que "as canas tinham ficado presas no chapéu". O pai olhou para cima: as canas estavam pousadas confortavelmente em pregos cravados na parede, junto ao tecto. Da mesma forma, da próxima vez, procurou durante muito tempo umas sandálias de palha, passando várias vezes, em vão, por uma velha caldeira virada, sem perceber que as sandálias estavam lá dentro.

Como viu que não conseguia dar conta da filha e da casa, Pande decidiu casar-se de novo. Ainda tinha pouca esperança de sucesso, por ser pobre, viúvo e com uma criança, mas para sua própria alegria encontrou rapidamente uma esposa.

Naquele tempo conturbado, as autoridades sérvias emitiam frequentemente ordens absurdas. Uma delas, de carácter quase medieval, dizia: todas as mulheres que tivessem alguma ligação com oficiais ou soldados búlgaros, juntamente com as suas famílias, deviam abandonar imediatamente Strumica. Uma das raparigas mais bonitas da cidade, noiva de um oficial búlgaro, chamava-se Tanka e preparava-se para o casamento. E eis uma ordem absurda! Para não ser envergonhada nem expulsa de Strumica, os pais da Tanka casaram-na rapidamente e em segredo com o Panda. A pobre rapariga sentia-se profundamente infeliz, embora encontrasse no marido um homem bom e

trabalhador. O povo diz: o que se aguenta, acaba por se amar. E assim aconteceu desta vez: Pande amava a esposa, e ela tornou-se uma dona de casa dedicada e uma mãe carinhosa para a menina.

Os dias de prosperidade e de entendimento mútuo começaram a fluir. Pande era um bom lavrador e um proprietário forte, pouco a pouco a sua parcela de terra foi aumentando e em breve chegou a 10 hectares. Pande chegou mesmo a contratar trabalhadores na primavera e no outono, para semear e colher a tempo, e as pessoas começaram a tratá-lo respeitosamente por "chorbadji Pande" (Senhor Pande).

Mas, alas, a prosperidade foi temporária. Uma nova tempestade rebentou sobre a região de Strumica. A liderança sérvia traçou outro objetivo ridículo: transformar o maior número possível de habitantes locais em sérvios. Havia um líder muito "zeloso" nesta ação selvagem, um certo Popchevsky, que chocava literalmente todos pela sua crueldade: uma vida humana não valia para ele mais do que um tostão de cobre. As autoridades sérvias deram-lhe o "direito" de dispor das vidas das pessoas a seu bel-prazer. E ele decidiu, antes de mais nada, livrar-se daqueles que simpatizavam com os búlgaros e, claro, dos que eram búlgaros por nacionalidade. Uma das primeiras vítimas do lacaio sérvio foi o pai da Vanga e a sua família. Pande foi preso, todas as suas terras foram-lhes retiradas. E logo agora era altura de ceifa, quando as pessoas levavam o grão dos campos. A colheita perdeu-se, a família empobreceu nesse ano terrível e por muito tempo.

Quando o pai regressou da prisão, severamente espancado e debilitado, a mulher estava em dores de parto, e uma bondosa avó parteira cuidava dela. Tanka deu à luz um rapaz, a quem chamaram Vasil. O ano de nascimento dele é 1922. O pai foi trabalhar como pastor nas aldeias vizinhas de Bosilovo e Dabila. Pastor, moço de lavoura, e sempre pobre, assim ficou até ao fim da vida.

Passava o dia todo perdido nos pastos, e em casa a mulher ocupava-se dos dois filhos — Vanga e Vasil — e, devo dizer, a Vanga ajudava rapidamente a nova mãe nos trabalhos da casa. Já tinha 11 anos. A Vanga cuidava do irmão, inventava jogos para poder brincar sozinha. E um dia inventou um novo jogo que incomodou um pouco os pais: no quintal, na rua, perto de casa, num canto escondido, ela escondia um objecto — na maior parte das vezes um brinquedo simples — depois voltava para casa, fechava bem os olhos e começava, como uma cega, a procurar o que tinha escondido. Persistente, vezes sem conta,

jogava "à ceguinha", e nenhuma ameaça ou proibição do pai e da madrasta a fazia parar.

Em 1923, a família mudou-se para Novo Selo, para junto do irmão de Pande, Kostadin. Este tinha enriquecido, casara-se bem, mas não tinha felicidade: não tinha filhos. Quando Kostadin percebeu como era difícil a situação da família do irmão, decidiu chamá-los para sua casa, para que os dois cuidassem do gado e para que os parentes não passassem fome em Strumica. O pai e a esposa concordaram.

Começou uma nova vida. Como mais velha, a Vanga, com 12 anos, tinha uma tarefa importante: todos os dias conduzir um burrinho até ao pasto, atrás da aldeia, e de lá trazer duas latas de leite para casa.

Numa tarde de verão, regressava à aldeia com duas primas. As raparigas decidiram beber água fresca na nascente "Khan Cheshma". Era só andar uns duzentos metros. Ninguém percebeu bem como aconteceu. De repente levantou-se um furacão. O céu escureceu, e surgiu um vento terrível, que partia ramos grossos das árvores e os levava, misturados com pó, rente ao chão. As raparigas ficaram mudas de horror, o vento derrubou-as ao chão, e a Vanga, como uma folha, foi arrastada para um campo aberto. Quanto tempo durou este furacão, ninguém sabe. Mas quando o vento acalmou, as raparigas correram para casa a chorar — sem a Vanga. Só uma hora depois a encontraram, caída num campo, coberta de ramos, cheia de areia. Estava quase fora de si de medo, com uma dor terrível a picar-lhe os olhos cobertos de pó como agulhas — não os conseguia abrir.

Em casa, começaram a tratá-la, lavaram-lhe os olhos com água limpa, mas nada ajudou. Recorreram a curandeiros, a quem sabia "rezar doenças", faziam-lhe compressas, davam-lhe água mineral e "benta", ungiam-na com bálsamos — mas também não trouxe alívio. Os olhos da pobre rapariga estavam cheios de sangue e as pálpebras inchadas. Desesperado, sem saber como ajudar a filha, o pai decidiu voltar para Strumica e procurar lá um bom médico. Na verdade, ficaram muito pouco nesta aldeia, cerca de três meses, e parecia que só lá tinham ido para que os olhos da Vanga se estragassem. Um pensamento terrível perseguia o pai da Vanga.

A notícia da pobre rapariga espalhou-se rapidamente na cidade, os vizinhos vinham ter com eles, ofereciam novamente infusões de ervas, pomadas,

contavam histórias sobre o efeito milagroso destas ervas — mas, claro, ninguém conhecia um remédio eficaz para tal doença.

Finalmente, encontraram um oftalmologista profissional. Ele examinou a Vanga e disse que a situação era muito grave, porque a inflamação avançava; era necessária uma operação urgente para salvar a visão. Isto exigia muito dinheiro, era preciso ir a Belgrado. A família fez tudo para reunir a quantia necessária — cerca de 500 leva em dinheiro da época. Venderam literalmente tudo o que tinham, embora o que havia para vender numa família pobre? Uma máquina de costura velha que restava da primeira esposa, a única ovelha que possuíam e alguns dos seus parcos bens. Pande pediu mais algum dinheiro emprestado e, como resultado, mal juntou metade da quantia necessária. E o tempo da operação aproximava-se...

Na véspera da operação, a Vanga foi enviada para Belgrado com um dos vizinhos, que era mais abastado e ia visitar o filho. Apesar de Pande querer muito estar ao lado da filha nesse momento difícil, decidiu não ir para não gastar dinheiro na viagem — o dinheiro já não chegava.

Quando o vizinho levou a Vanga ao hospital, parecia que um parente rico deixava a sua pobre parente e queria ver-se livre dela o mais depressa possível. Foi essa a impressão que o Dr. Savich teve, quando agendou a operação para o dia seguinte. Ao ver quanto dinheiro o acompanhante lhe entregava, ficou furioso com a mesquinhez e declarou, severa e perentoriamente: "Quando me trouxerem o valor certo, farei a operação!" Mesmo assim, tratou um pouco os olhos da rapariga.

Depois de regressar de Belgrado, a Vanga, ainda que fraco, voltou a ver um pouco. O médico avisou-a de que, para recuperar, precisava de muita comida, limpeza e descanso absoluto. Claro que esses conselhos ficaram apenas como um bom desejo, porque a vida da família continuou pelo velho trilho — na necessidade e na pobreza. Em 1924, nasceu outro filho — um rapaz, a quem chamaram Tom — e o pobre Pande voltou a ir trabalhar para as aldeias, para alimentar de alguma forma a família de cinco pessoas. A esposa trabalhava nos campos como podia, enquanto a Vanga tomava conta dos dois irmãos e da casa.

Alimentação pobre, condições de vida precárias e, sobretudo, tratamento injusto pesaram: a visão piorou. O pano caiu novamente, não havia hipótese de

outra operação, e passado algum tempo ficou completamente cega. Para sempre…

O desespero apoderou-se da rapariga. Noites inteiras a Vanga chorava e rezava a Deus para que acontecesse um milagre e voltasse a ver, mas o milagre não aconteceu. Muitos meses passaram, e ela ainda não conseguia aceitar que se tornara um peso para a família, completamente indefesa, sem saber como encontrar uma saída para essa situação.

Os vizinhos aconselharam o pai a ir à cidade de Zemun, onde havia uma Casa para Cegos, e lá deixar a Vanga. Diziam que a rapariga não passaria fome, que cuidavam das crianças pobres lá. O pai concordou.

Em 1926, a família recebeu a notícia da Casa para Cegos de que a Vanga seria aceite. Tinha já 15 anos. Quando percebeu que ia partir, que teria de se separar dos irmãos, do pai, da madrasta, a quem aprendera a amar sinceramente, e do lar natal, o coração quase se lhe partiu de dor; a rapariga não parou de chorar.

Chegou o dia de se despedir da casa da família. Magrinha, fraca, estranhamente silenciosa, "via" a manhã de primavera que chegava, ou melhor, ouvia o dia que nascia. Agora só podia ouvir o mundo. Quem vê não faz ideia de quantos sons o rodeiam. Ali estava uma brisa suave a esgueirar-se pela sebe de trepadeiras, depois a acariciar os gerânios e os malmequeres, a correr pela erva nova como patas de gato, a balançar o ramo mais alto da ameixeira. E o sol, suave, suave, deslizava-lhe pelo rosto, aquecia-lhe as faces, os olhos cegos… Esta imagem ficou gravada para sempre na memória da Vanga.

Na Casa para Cegos na cidade de Zemun, tudo era novo: embora assustador, era interessante. As crianças foram logo vestidas com fardas rigorosas de estudante — saias castanhas plissadas e blusas com golas de marinheiro. Usavam sapatos confortáveis. Pela primeira vez na vida, cortaram o cabelo castanho da Vanga. Ela ficou envergonhada e, para sua surpresa, feliz. Durante muito tempo passava a mão às escondidas pela roupa nova, sentindo-se uma rainha, pois nunca se vestira tão bem.

O regime na Casa era rigoroso. Antes do almoço, os alunos ocupavam-se de coisas sérias: aprendiam o sistema Braille para cegos, passavam por todas as disciplinas escolares, estudavam música. A nova aluna tinha um ouvido musical extraordinariamente desenvolvido e rapidamente aprendeu a tocar piano. Para

ela, as teclas não só produziam sons, mas contavam-lhe histórias: falavam-lhe da casa nos campos verdes de Strumica, do céu azul sobre o Novo Selo, do quintal florido, do alegre murmúrio dos regatos do rio Tracli, da infância, da família, do sol radiante e das estrelas altas. Que pena que a aula de música não pudesse durar o dia inteiro!

Depois disso, começavam as aulas práticas. Ensinavam-lhes, a eles, crianças cegas, a colocar as suas coisas nos seus lugares pelo tato, a pôr a mesa para o jantar, a arrumar o quarto. É claro que isto não seria trabalho difícil para quem vê, mas para as raparigas cegas era necessário aprender a "ver" com as mãos, desenvolver uma sensibilidade e uma flexibilidade extraordinárias nos dedos. A Vanga aprendia tudo com facilidade, e não havia professor que ficasse descontente com ela.

Três anos passaram sem se dar por isso. A Vanga deixou de ser uma adolescente magricela e esfomeada para se tornar numa rapariga esbelta, de figura firme, o rosto fino irradiando uma calma profunda e satisfação. E passado algum tempo, esse rosto bonito também se iluminou com uma alegria interior. Lá, entre os alunos da Casa, havia um jovem, chamava-se Dimitar, era da aldeia de Giaoto, no distrito de Geveliysky. A Vanga, mal ouvia a voz dele, corava logo de alegria, o coração batia-lhe ansioso e feliz no peito.

O jovem também reconhecia a voz dela, e os dois eram incrivelmente felizes quando estavam juntos. Num dos dias mais felizes da vida da Vanga, Dimitar declarou-lhe o seu amor e pediu-a em casamento. Os pais dele eram ricos e não se importavam de ajudar os dois. Durante dias, a Vanga tentou imaginar como ficaria como noiva — num vestido branco comprido, com um véu tão suave como o sopro de um anjo. Estava tão feliz. A administração enviou uma mensagem ao pai dela sobre a decisão de Vangelia e Dimitar de se casarem, e todos aguardavam a sua bênção.

## RETRATO FIEL DE VANGA

"Saibam que nem tudo se vê com os olhos. Só o coração é que vê."
— A. Saint-Exupéry

Quero descrever-vos o dia-a-dia de Vanga, porque, apesar das suas capacidades fenomenais, ela é uma pessoa igual a qualquer outra, e não há nada de invulgar na sua vida quotidiana.

A casa de Vanga, em Petrich, na rua St. Opechenskiy, 10, dificilmente vos impressionaria. É modesta, de dois andares, caiada de branco por fora, com uma pequena varanda no segundo piso virada para a rua. Espremida entre prédios altos e modernos, a casa não chamaria a atenção se não fosse pelo enorme jardim de flores ao lado, cuidadosamente tratado e a espalhar fragrância por toda a vizinhança. O amor de Vanga pelas flores, árvores e pela natureza em geral tornou-se literalmente lendário. Ao longe, atrás da casa, erguem-se suavemente as encostas da montanha Bjelasica.

Uma escada em caracol liga os dois andares da casa, com dois quartos em cada piso, à esquerda e à direita ao longo do corredor. O que realmente impressiona é a limpeza impecável que reina por todo o lado e a predileção da dona pela cor branca. Até se poderia pensar que o desejo de limpeza se tornou quase uma mania, mas Vanga tem outra explicação para isso: "Todos os dias sou visitada por pessoas diferentes. Ajudo-as, mas deixam-me as suas doenças, os seus pensamentos por vezes impuros. Este peso é grande para mim, por isso começo a pôr tudo em ordem, e isso traz-me alívio." Tudo é branco — as cortinas engomadas, as colchas e as toalhas de mesa.

A casa de Vanga não tem quase nenhum móvel especialmente caro. Só o absolutamente necessário. O único luxo são os inúmeros souvenirs oferecidos por amigos e visitantes de longa data, espalhados por toda a casa. Muitos brinquedos e objetos de madeira e metal, castiçais de todo o tipo, cavalos, bonecas, barcos e tudo o mais. Para nós, estas coisas podem não ter grande valor, mas Vanga cuida delas com muito carinho, pois lembram-lhe uma pessoa em particular, e ela valoriza os objetos não pelo preço, mas pela beleza e pelo trabalho que neles foi investido. Quando éramos pequenos, este reino de brinquedos era o lugar mais atraente do mundo para nós. Mas Vanga não nos permitia brincar com eles, só olhar e admirar. Às vezes apetecia-me brincar às

escondidas com alguma boneca, mas o respeito por Vanga era tão grande que nunca ousávamos desobedecer.

No jardim, brincávamos à vontade, embora Vanga sempre tentasse juntar o agradável ao útil. Ela considerava um grande crime não ensinar as crianças a trabalhar desde cedo e apenas satisfazer os seus desejos. Na sua opinião, esse é o maior erro, que deforma a criança, tornando-a preguiçosa e irresponsável. As nossas brincadeiras estavam sempre ligadas a varrer os caminhos, apanhar folhas, mondar ervas daninhas, regar... Vanga assegurava-se com rigor de que tudo fosse feito como devia ser, não admitindo o mais pequeno deslize. Uma tentativa de varrer "pela rama", um papel caído e não apanhado, bastava para ela se mostrar descontente e obrigar a fazer tudo de novo. Vanga parecia ver melhor do que nós, apontando até onde tínhamos falhado. Tínhamos muito tempo para as brincadeiras de criança, mas também havia tarefas. Muitas vezes tínhamos de escolher feijão, lentilhas ou arroz na grande mesa da cozinha, e depois Vanga organizava e guardava tudo em potes de cerâmica especiais, para estar sempre à mão.

Desfazíamos novelos de lã, enrolávamos os fios em meadas, que guardávamos numa bonita caixa de onde Vanga tricotava as nossas roupas. Comprar os produtos era totalmente responsabilidade nossa. Vanga adorava dizer-nos: "Não pensem que quando éramos pequenos nos deixavam dormir até tarde, como a vocês, ou brincar sem trabalhar. Nenhuma criança tinha sequer tal ideia. No nosso bairro, toda a gente cultivava tabaco, e logo de madrugada, pelas duas ou três horas, acordavam para colher as folhas. Levavam lanternas, porque era escuro. Às cestas penduradas nos burros punham as crianças ainda a dormir, que também ajudavam na apanha. Depois, as folhas colhidas iam para esses cestos, e as crianças seguiam a pé. O tabaco era colhido até às sete, oito da manhã. As folhas apanhadas mais tarde perdiam as qualidades desejadas.

Nós não cultivávamos tabaco (só uma vez no verão o meu pai plantou um pequeno talhão), mas ajudávamos os vizinhos todo o verão. Por volta das dez, quando entregávamos os molhos de folhas enfiadas num cordel, o dono dava-nos uma melancia, que era o nosso pequeno-almoço. Mais ou menos à mesma hora, na rua passava o 'urcia' (o vendedor de leite coalhado) e gritava: 'Yurt, yurt!' (leite coalhado). Quem queria comprar dava um ovo ou dois dinares, e o 'urcia' servia de um pote de barro uma concha. Depois aparecia o vendedor de halva. Por um ovo, cortava um pedaço de halva não maior que uma caixa de

fósforos. A vossa mãe (ou a minha irmã — nota) às vezes, às escondidas de mim, tirava um ovo da nossa galinha e comprava halva. Mas éramos quatro, e cada um recebia um pedacinho de papel, e a Lubka lambia o papel."

Não me lembro de termos tido dinheiro. Aos domingos, porém, recebíamos algum de Vanga para o cinema e guloseimas. Mas o troco era devolvido ao cêntimo. Dar dinheiro às crianças é tão prejudicial como não as ensinar a trabalhar, porque é mais fácil gastar o dinheiro dos outros do que ganhá-lo. Mas, apesar de todas estas exigências, o tempo que passei em casa da minha tia foi o mais feliz da minha vida. Ela sabe comunicar com as crianças, elas tornam-se obedientes e responsáveis. Além disso, Vanga nunca se aborrece. Muita gente a visita, organizam-se festas, e à noite Vanga conta-nos histórias divertidas da sua infância em Strumice e contos de tempos longínquos.

De manhã, nunca mais tarde das cinco horas, Vanga já está de pé. Lavada, penteada com cuidado, as tranças presas numa rede rendada, com uma saia limpa e engomada, de avental, apresenta um ar cuidado, respira limpeza, frescura e alegria. Assim me lembro dela desde a mais tenra infância. Normalmente, Vanga vestia-se de escuro, não só porque já era uma viúva de meia-idade. "Um dia," dizia ela, "vesti uma linda blusa vermelha, oferta de uma americana. Mas então a 'voz' repreendeu-me: 'Não me seduzas com as tuas roupas!' Tirei-a, guardei-a num saco, e ainda está no armário."

O dia de Vanga começa com um ritual que nunca muda, mesmo quando está doente. Assim que desce do quarto no segundo piso, vai diretamente ao seu oratório. O quarto é pequeno, com flores no parapeito da janela e um grande quadro da Última Ceia pendurado na parede em frente à porta. À esquerda está um ícone milagroso da Virgem, numa moldura de prata, oferta de Jerusalém. Há outros ícones e lamparinas que ardem dia e noite. Debaixo do grande quadro está uma cama coberta com uma bonita colcha branca. Põe-se de joelhos e envia a sua oração da manhã a Deus.

Já referi no início do livro que Vanga é uma pessoa religiosa, mas gostaria de aprofundar o seu sentimento religioso, porque não é apenas um costume ou tradição para ela, mas uma crença profunda. A fé de Vanga em Deus é imensa, podendo dizer-se que é uma das mais diligentes cristãs. Exige o mesmo respeito pela religião aos seus familiares. Quando éramos pequenos, Vanga e eu visitávamos todas as igrejas da cidade e das aldeias vizinhas, além de muitos mosteiros. Vanga sabia todas as liturgias de cor e ficava em todos os ofícios

religiosos do princípio ao fim. Dizia que, se se vai à igreja, deve-se estar presente em todos os ritos até ao fim, caso contrário visitar o templo não faz sentido… Lembro-me de como, muitas vezes, repreendia os fiéis que cochichavam e não ouviam o padre.

Dizia-lhes: "Mais valia ficarem em casa a fazer o jantar, minhas senhoras, e não perturbarem quem quer ouvir a palavra de Deus." Depois de regressarmos da igreja, líamos a Bíblia. Enquanto nós dormíamos depois do almoço, a minha mãe lia, e Vanga escutava com grande entusiasmo. E até hoje, ela continua a gostar mais quando lhe leem as revelações dos profetas, onde se fala do sofrimento do mundo. Depois, discutiam o que tinham lido durante muito tempo. Vanga dizia: "Não resmungues contra o sofrimento que te calha. O sofrimento é um agente de purificação, como, por exemplo, uma jaqueta que ficaria suja se não fosse lavada."

Todos os dias, para Vanga, começam com uma oração a Deus — ela pede força e inspiração para ajudar todos os que sofrem. Esta imagem comovente merecia o pincel de um grande artista. Nunca vi ninguém rezar com tanto fervor e com todo o coração. O seu rosto parece iluminar-se, e os lábios murmuram orações que só ela conhece, vindas das profundezas da sua alma. Por vezes, nestes momentos tão íntimos de comunhão com Deus, ela chora: tão forte é o seu pedido de ajuda, inspiração e força. Às vezes, as suas orações começam com uma pergunta que sai diretamente do coração: "Qual é o meu destino, Deus, e a quem sirvo eu? Para edificação do mundo ou para o fortalecimento da fé?"

Hoje, muitos cientistas tentam compreender a que se deve o dom profético de Vanga, mas ela tem a sua própria explicação: "Depois da grande tempestade, quando perdi a visão e chorava dia e noite, rezando a Deus para não me deixar tão indefesa, um peso para a minha pobre família, Ele ouviu as minhas súplicas. Este dom foi-me dado por Deus! Ele tirou-me a visão humana, mas deu-me outros olhos com os quais posso contemplar todo o mundo visível e invisível. Aconteceu que eu, que fiquei incapaz e eu própria precisava de ajuda, comecei a ajudar todos os que sofrem e tornei-me apoio e esperança para eles."

Em relação a este poder do Altíssimo, ela diz: "Se Deus não quiser, nem um fio de cabelo da cabeça cai." Lembro-me bem de uma resposta sua, firme, dirigida a um visitante inteligente mas com uma doença incurável, a quem ela tentou consolar dizendo: "Que podes fazer, já que o Senhor me puniu a mim e a ti, havemos de suportar!" Ao que ele respondeu: "Deus não existe!" E Vanga

retorquiu: "Deus existe! E se te calares para sempre, então até as pedras falarão de Deus. Tal como o cego sabe que existe luz, tal como o aleijado sabe que existem pessoas saudáveis, assim também os saudáveis devem saber que Deus existe!"

Apesar do seu amor pela Igreja, Vanga não tem receio de criticar os seus ministros — padres, monges ou mesmo o clero de alto grau. Recordo-me de uma vez em que expulsou um padre por ter trocado a batina por roupas seculares, o que para ela era uma blasfémia contra a Igreja. Quem se dedicou a ela não pode andar como um cidadão comum. Fez também uma dura crítica aos monges do Mosteiro de Rila, que tinham deixado o mosteiro num estado lastimável, cheio de lixo por todo o lado. Não manter uma limpeza impecável na morada de Deus é, para ela, um crime. "Se não cuidarem da manutenção do mosteiro," dizia Vanga, "serão castigados. Eu vejo, daqui a pouco, neste lugar, haverá um grande incêndio. Esta casa há de arder, porque a vida que levam não é digna do Deus a quem se dedicaram." E aconselhava: "É preciso tentar sacudir os pecados todos os dias."

Depois das orações matinais, Vanga dedicava-se às tarefas domésticas. Quando acordávamos, o pequeno-almoço já estava pronto na mesa. Eu observava-a a cozinhar e sempre me surpreendia com a sua destreza e rapidez de mãos. Cozinhava num fogão a lenha, sempre tão limpo e brilhante que mais parecia um espelho — podia-se ver o reflexo. Ficava espantada: como é que, sem ver, conseguia acender a lenha com um fósforo, sem fazer faíscas ou queimar as mãos? Enquanto preparava a comida, mexendo o tacho, colocava a tampa debaixo da colher, para que nenhuma gota caísse no fogão. Depois de cozinhar, o fogão ficava tão limpo como se nada ali tivesse sido feito.

Ao pequeno-almoço, comíamos vários bagels deliciosos, pãezinhos de leite ou algo semelhante. Não sei se é só uma memória de infância, mas para mim a comida dela era a melhor do mundo. Costumava preparar pratos da famosa cozinha macedónia, mas muitas vezes inventava as suas próprias receitas, combinando, a meu ver, produtos incompatíveis. No entanto, tudo o que fazia tinha um sabor insuperável. Ao jantar, Vanga preparava algo leve, pois, segundo ela, uma pessoa deve alimentar-se bem, mas pouco de cada vez. Comer em excesso, dizia, é uma doença que traz outras doenças a seguir. Depois, lavava todos os pratos na perfeição, e nós arrumávamos a mesa e limpávamos a

cozinha. “A minha vida pobre e órfã ensinou-me engenho e uma perceção especial dos produtos e do sabor da comida que se prepara,” dizia Vanga.

O nosso quintal era grande e havia lá muitas urtigas a crescer. Quase todos os dias fazíamos alguma coisa com elas. As crianças (a minha irmã e os irmãos — nota) fartavam-se de comer sempre o mesmo, e eu tinha de me desenvencilhar para variar a comida. Carne era uma raridade na nossa mesa. Lembro-me de que, quando o meu pai morreu, tínhamos um porquinho que tivemos de vender.

Deu-nos as orelhas, as patas e o rabo. Foi toda a carne de porco que tivemos. Normalmente, comia-se sopa e broa, mas não era todos os dias. Ainda se podia comer esse pão quente, mas assim que arrefecia, ficava tão seco que nem passava na garganta. Os meus irmãos molhavam-no na água para o comer. Às vezes, apanhavam peixinhos no rio, passavam-nos por farinha e depois assavam-nos numa tampa de metal. Ao ver o que comíamos, a nossa vizinha, a Tia Tina, dizia: “Ai, pobrezinhos, não sei como é que vocês vivem!”

Hoje, Vanga já não cozinha, mas quem se ocupa dessa tarefa tão importante tem de estar à altura. Deus nos livre de usar pratos mal lavados ou não perfeitos. Parece que ela observa cada movimento e nota qualquer falha.

Para nós, Vanga era como todas as outras tias do mundo — carinhosa e afectuosa, mas muitas vezes insatisfeita com o nosso mau comportamento. Temos de lhe prestar homenagem: educou-nos com rigor, tinha “mão de ferro”. No entanto, éramos incrivelmente felizes quando, depois do jantar, especialmente no verão, saíamos todos juntos da cidade, subíamos a algum prado na Belasitsa ou íamos a Melnik e ao Mosteiro de Rozhen. Mesmo então, na minha infância, eu percebia que a nossa tia era uma mulher extraordinária. Sentava-se um pouco afastada de nós e ficava em silêncio. Os adultos não nos deixavam incomodá-la, dizendo que era melhor ela descansar. Depois do passeio, é que começava a parte mais interessante.

Vanga contava histórias e lendas incríveis sobre aquele lugar, sobre a vida do povo local desde tempos antigos, sobre batalhas que ali se travaram. Isso sempre me impressionou, porque não me lembro de ninguém me ter contado nada assim em casa. Eram histórias fascinantes, provavelmente nascidas das imagens que Vanga via com a sua visão sobre-humana. Um dia, muito surpreendida com o que tinha ouvido, perguntei-lhe como é que sabia tantos

pormenores, e ela respondeu: "Essa história foi-me contada agora mesmo por aquela árvore velha ali, na orla da floresta." Como não ficar maravilhada?

Lubka recorda o seguinte episódio: "Estávamos em Sandanski e a minha irmã disse-me: 'Leva-me à Igreja de São Jorge.' Não ficava longe de nossa casa. Fomos numa tarde de domingo, estava tudo deserto. Sentámo-nos num banco no jardim da igreja. A Vanga já andava com dores há muito tempo, sobretudo nas articulações dos joelhos: um joelho parecia ter passado, mas o outro ainda a incomodava. Sentou-se no banco com dificuldade e depois disse que não conseguia levantar-se de todo. De repente, pediu-me: 'Abaixa-te e apanha alguma erva debaixo do banco.' 'Qual delas?' 'Não importa,' disse a Vanga, 'dá-me qualquer uma.' Entreguei-lhe um molho de erva e ela esfregou o joelho. Em menos de cinco minutos, levantou-se animada e disse que já podíamos ir para casa, pois estava bem."

Por volta das nove horas, depois de terminar as tarefas da casa, Vanga entrava num quarto especialmente reservado e começava a receber os muitos visitantes. Depois das sessões, cansada, pálida e exausta, voltava para o quarto. Um pouco mais tarde almoçava e depois descansava. Agora, Vanga já não recebe em sua casa em Petrich, mas vai para a zona de Rulite, onde as pessoas a esperam desde manhã cedo.

Rulite é uma zona selvagem, intocada e belíssima, conhecida desde a Antiguidade. Há muito tempo, quando Vanga adoeceu de reumatismo, descobriu o poder curativo da água termal e do silêncio, e desde então este lugar tornou-se-lhe muito querido. No fim de Agosto e início de Setembro, carregávamos as coisas numa carroça e íamos para lá. Íamos quase o dia todo, embora a distância desde Petrich não fosse mais do que vinte quilómetros. Para nós, era um desafio incrível. Ao chegar, os adultos montavam toldos e faziam uma lareira onde cozinhavam a comida.

Sentíamo-nos como índios na pradaria. No dia seguinte, cada família escavava uma grande cova na areia — ficava como uma pequena piscina, rodeada por arbustos que exalavam um cheiro forte e agradável. Assim, todos os dias as pessoas tomavam banhos, e muitos doentes encontravam alívio. Para nós, a parte mais interessante começava à noite, quando as pessoas se reuniam para conversar, cantar belas canções desta região ou dançar em roda. Como era divertido! Claro que todos se juntavam perto da tenda de Vanga, pois ela

conseguia contar histórias fascinantes, e as pessoas ouviam-na com enorme prazer.

Não sei porquê — talvez fosse o ambiente que predispunha — mas lembro-me melhor de todas das histórias da Vanga sobre a sua terra natal, Strumice. Com que sentimento sincero ela contava a lenda...

"A cidade", disse Vanga, "recebeu o nome da bela filha de um governante local, que vivia num grande palácio no cimo de uma colina. E lá em baixo, no campo, noutro belo palácio, vivia a sua filha Strumitsa. Um dia, a cidade foi atacada por um grande exército tártaro, mas os cidadãos corajosos não se renderam e defenderam bravamente os portões da cidade. Strumitsa subiu ao telhado de casa para ver a batalha e reparou no jovem chefe dos tártaros. Apaixonou-se por ele imediatamente e quis vê-lo de perto. Saiu da cidade por um túnel secreto e foi ter com o chefe tártaro. De perto, achou-o ainda mais belo, e quando começaram a conversar, sem pensar duas vezes, revelou-lhe a passagem secreta.

Então os tártaros invadiram a cidade e tomaram-na em poucos minutos. Muitos habitantes foram mortos, e o senhor local foi feito prisioneiro. Quando o pai percebeu o que a filha tinha feito, e que fora ela a responsável pela morte de milhares de inocentes, amaldiçoou-a. Depois da morte, que a terra não aceitasse o seu corpo e o expulsasse sete vezes, e que a sua alma nunca encontrasse descanso." Vanga contou que, no fim da cidade, na colina, existem desde os tempos antigos sete degraus, e os habitantes acreditam que são os vestígios do caixão de Strumitsa, que a terra rejeitou sete vezes. Ela contava esta lenda para a ligar ao tema da traição e à responsabilidade individual, pois cada um deve sacrificar os seus interesses pessoais se eles não servirem para o bem das pessoas.

"Muitos anos depois," continuou Vanga, "durante a escravatura turca, as pessoas viam à noite, no céu, um anjo de grandes asas, que lhes dizia em voz alta que deviam aguentar, que não deviam desesperar, porque a liberdade estava próxima. Este anjo, segundo os mais velhos, era o espírito de Strumitsa, amaldiçoada pelo pai, que assim expiava os seus pecados por um crime terrível, mas nunca encontrou paz."

Lembro-me de outra história sobre esses tempos. Vanga lembra-se de ouvir os mais velhos dizerem que os avós tinham visto uma enorme coluna de fogo na

colina. Na opinião deles, nesse local, também durante a escravatura turca, quinze mártires, defensores da fé cristã, foram degolados. Ali havia então uma igreja dedicada a São Jorge o Vitorioso, mas os turcos destruíram-na até aos alicerces. Vanga diz que, em 1941, lhe apareceu um enorme templo, sustentado por quinze santos mártires. Quem são eles, de onde vieram?

Mais tarde, quando foram feitas escavações, encontraram-se as colunas da antiga igreja de São Jorge. E então os habitantes de Strumitsa construíram uma grande igreja, que chamaram de “Os Quinze Santos Mártires de Strumitsa”. Mas a abertura da Igreja de São Jorge ainda está por vir. A própria Vanga ainda vive com o desejo de abrir este templo, porque ouve uma “voz” que lhe diz: “Vem e abre o portão. São de ferro e pesados, mas atrás deles há uma luz brilhante.”

Durante estas conversas, o tempo passava sem se dar por isso, e quando escurecia, as pessoas deitavam-se e adormeciam, embaladas pelas doces canções dos grilos. Hoje, já não se veem toldos em Rulite. Vanga construiu ali uma pequena casa, e muitos dos que iam regularmente para aquele lugar seguiram o seu exemplo, mas a maravilhosa beleza permaneceu intocada.

A casa de Vanga vê-se de longe. Um belo jardim rodeia-a por todos os lados. Quando as flores desabrocham, espalham um perfume tão agradável que não apetece ir embora. E as pessoas, silenciosas e emocionadas, esperam para ser convidadas a entrar. Essas pessoas sempre me impressionaram muito. São diferentes, cada uma com o seu problema, a sua dor, as suas perguntas, mas ali, diante da porta de Vanga, ficam imóveis, na expectativa de um encontro com o extraordinário, com o fenomenal, tornando-se todos iguais. Cada um tem o desejo de se tornar melhor, mais paciente, mais disponível, sem dar importância a desconfortos. Há quem espere mais de vinte dias para um encontro com Vanga, passe noites em hotéis, pensões ou mesmo ao relento, mas ninguém se queixa; todos vivem com a sensação de ter vindo em peregrinação. Tenho a certeza absoluta de que não há quem tenha visitado este lugar e não tenha saído de lá uma pessoa melhor.

Também a visitam personalidades conhecidas — figuras públicas, clérigos, artistas. Graças às particularidades do meu trabalho, que se liga sobretudo a gente de letras, sei dos encontros de Vanga com escritores como John Cheever, William Saroyan, John Columbo, Eddie Brown do Canadá, Sergey Mikhalkov, Rasul Gamzatov e muitos artistas búlgaros. Mas o mais emocionante foi o encontro de Vanga com Indira Gandhi. Encontraram-se depois do almoço, em

Sófia. Infelizmente, só estava presente um intérprete, e Vanga, como se sabe, não gosta de repetir as suas palavras. Só me lembro do breve comentário de Vanga sobre Indira: "Ela é uma grande mulher, e toda a sua vida dedicada ao bem-estar do povo indiano é digna de respeito e admiração."

Infelizmente, esqueci o nome, mas ele era professor e figura pública, um bom amigo de Indira Gandhi. O encontro foi muito interessante. Vanga disse-lhe: "Agora, aqui está a tua mãe espiritual, cujo retrato levas na pasta. Esta é a mãe da Índia. Foi uma mulher muito virtuosa, como uma freira no mundo. A sua nacionalidade era francesa, mas a sua vida foi inteiramente dedicada ao renascimento espiritual dos indianos. Ela é a tua guia espiritual, mas não está contente contigo porque não cumpriste os seus desejos. Prometeste, mas não cumpriste."

O professor ficou tão surpreendido que caiu de joelhos e disse: "Perdoa-me, Mãe!" Antes da morte da mãe da Índia, ele prometera construir uma escola, mas até hoje não o fez. "Vieste por tua vontade?", perguntou Vanga. "Mandaram-me", respondeu o professor, e Vanga acrescentou: "Diz a quem te mandou que agora está na desgraça, mas voltará a sentar-se no trono. Só tem de ter muito cuidado e não contar tudo à sua nora — uma viúva. Deve guardar distância." Pouco depois, chegaram novamente mensageiros da Índia, e Indira, como sinal de respeito e apreço, enviou a Vanga um sari indiano, muito bonito, de tecido verde translúcido. As indianas enrolaram Vanga num sari e iam pôr-lhe um ponto vermelho na testa, mas ela recusou. Vanga ficou muito satisfeita com o respeito e os bons sentimentos que Indira Gandhi lhe demonstrou.

Vanga também teve encontros interessantes com o escritor soviético Leonid Leonov. Conheceram-se há mais de vinte anos. Mesmo no primeiro encontro, Vanga viu o fim do romance que L. L. começara a escrever, e ele ficou extremamente surpreendido com o poder do seu dom. Depois disso, L. L. escrevia-lhe frequentemente, e ela ajudava-o a resolver vários problemas. O escritor já morreu. Nos últimos anos, escrevia uma espécie de romance global sobre a humanidade. Começou-o há mais de trinta anos e não conseguia terminá-lo. Certa vez, L. L. pediu-me que perguntasse a Vanga qual seria o destino dessa obra tão demorada, e ela respondeu-me: "O livro deve ficar pronto em três anos (a conversa foi em 1989 — nota do autor), e terá quatro imagens (quatro temas — nota do autor): o homem, o universo, Deus e o demónio. Ele também escreve sobre povos antigos. A alma da sua esposa

falecida, T. M., está satisfeita porque L. L. comprou de novo um filodendro para casa. Ela visita-o frequentemente, ajuda-o, apoia-o, e depois descansa nessa planta. L. L. ainda tem força vital.

Ainda viverá mais algum tempo. E que não saia de casa, apenas de vez em quando precisa de respirar o ar da montanha. Mas a sua visão permanecerá como está, sem alterações. O romance deve aparecer em três anos e será editado por uma mulher, mas ela deve ser uma pessoa muito de confiança. O livro será um enorme sucesso e será bem recebido por toda a gente, até pelos jovens. O destino deste escritor na literatura é complicado, mas feliz. Muito se dirá dele depois da sua morte. Agora já é apreciado, mas muitos invejam-no por causa do seu talento e das suas escolhas de temas.

O romance será traduzido no estrangeiro — na Alemanha, Índia, Brasil, América e muitos outros países do mundo. Tem inimigos? Teve, mas já morreram, por isso não vale a pena falar deles. Que não tema os vivos. Publicará três livros (talvez três edições — nota do autor) que hão de correr mundo. Tinha dez anos quando Deus o abençoou e lhe deu o dom de prever a humanidade através da palavra escrita. Tem um espírito muito forte. Infelizmente, ninguém na família herdará o seu talento ou a sua inteligência. O seu talento é abençoado pelo Céu e por Máximo Gorki, que acreditava que L. L. se tornaria um 'grande homem'."

Extremamente surpreendido com tudo o que Vanga disse, Leonid Leonov escreveu: "O dom divinatório de Vanga, infantilmente simples e ao mesmo tempo brilhante, merece o mais profundo, minucioso e respeitoso estudo em todos os seus parâmetros. Isso aproximaria as pessoas da descoberta do misterioso continente no globo da eternidade, que ainda é ignorado pelo ceticismo. Neste caso, em vez das ferramentas habituais — bússola de navio antiga, dispositivos de observação — podem usar-se também qualidades naturais, vontade e dedicação, ou até computadores, mas mesmo assim é necessária uma reestruturação do pensamento em relação à metodologia de investigação, sem a qual mais vale não começar nada.

Quem invade este mundo imensurável deve deixar todos os tesouros de conhecimento acumulado à porta, tal como em alguns países se deixa o calçado antes de entrar num templo. Isto já aconteceu muitas vezes: apesar de pilhas de volumes de biblioteca, o cientista deparou-se com questões do futuro e da realidade para as quais não encontrou resposta, porque não têm designação verbal na linguagem terrena. A previsão de grandes acontecimentos fatídicos

facilitaria a transição das pessoas para uma etapa de existência mais consciente, que é o nosso presente. Curvamo-nos perante o dom clarividente da profundamente venerada Vanga e desejamos-lhe, em nome de todos os seus contemporâneos, uma longa vida e boa saúde."

No entanto, a atitude de Vanga nem sempre era tão afetuosa para com todos os escritores. Tomemos, por exemplo, um encontro com o escritor soviético E. E. Logo à porta, Vanga disse-lhe: "Quem és tu?" "Um escritor", respondeu o poeta. "Pois, que escritor és tu — cheiras a barril. Mantém-te longe de mim." Um pouco mais tarde: "Sabes muito e podes muito, mas não há lugar para ti para onde vais. Porque bebes tanto e fumas tanto? Arranja os dentes e o estômago. Não escrevas de noite. Levanta-te cedo e depois trabalha. Escreve das três às sete da manhã — é então que vem a maior inspiração." "Estou a escrever um livro", disse o poeta. "Sobre uma mulher?", perguntou Vanga. "Sim, e sobre uma mulher." "Sobre a guerra?", insistiu Vanga. "Sim." "Está bem. Escreve, mas tenta aprofundar o assunto. E depois saltas como uma pega de ramo em ramo."

A. Ya. — um escritor italiano. Vanga: "E tu és um amante de mulheres e uma má pessoa. E muito ganancioso. Estás à procura de mulher outra vez (o escritor já tinha tido vários casamentos — nota), mas fica a saber por mim: o diabo apoderou-se de ti! Vais procurar uma esposa e tens de procurar ou uma muito inteligente ou uma muito estúpida. Mas como todos têm um pouco de ambas, não estou certa de que tenhas sorte desta vez."

O famoso cantor de ópera E. G. visitou Vanga em 1982 e contou-lhe que estava muito assustado, porque, de repente, enquanto cantava uma ária, ficou sem voz. Considerava isso um sintoma grave. "Não é o que pensas," disse Vanga, "mas enquanto cantavas, deliberadamente saltaste uma frase que falava de Deus, por isso a tua voz quebrou. No entanto, não só sentiste a voz falhar, mas também viste algo." "Sim," confirmou o cantor, "vi uma mão a fazer sinal para parar." "E agora," disse Vanga, "vais fazer o seguinte: no dia antes da tua próxima atuação, vais pôr um cesto de flores brancas em frente ao altar de uma igreja. Depois disso, podes cantar tranquilo."

À cantora A. T.: "Tu és muito inteligente e talentosa. Dá mais atenção e respeito ao teu marido, porque ele trabalhou sem parar para que pudesses estudar e ter sucesso. Quando estiveres em Itália, vai à Catedral de Roma, compra um passarinho de brincar que cante e deixa-o lá onde ninguém o veja — isso trar-te-á sucesso."

A dois irmãos cantores: “Um de vocês é uma pessoa muito limpa, e o outro é muito preguiçoso. A mulher de um será uma grande devassa, e o outro casará com uma boa rapariga, que o amará muito.”

Vou contar uma conversa interessante com uma atriz da URSS — L. S. Vanga disse-lhe: “Tens dois maridos.” “Só tenho um,” disse a atriz. Vanga: “Não, tens. Tiveste e ainda tens. O teu marido está vivo, e tu sabes muito bem, mas vives como se ele não existisse. Aquele com quem estás agora não é teu marido, e está muito doente, o sistema excretor dele não está bem. Temos uma erva — orégão vermelho, faz chá e dá-lho a beber. E com o teu marido, a situação é esta: quando ele foi para a frente de batalha, disse-te que se voltasse aleijado, seguiria a tua vida de longe, mas não apareceria diante de ti assim.” A atriz disse que antes de ir ver Vanga, uma amiga lhe dissera: “Acho que vi o teu marido. Esse homem não tem pernas e vive num lar para deficientes, acho que não o vais ver outra vez.”

Um famoso físico nuclear foi ter com Vanga porque o filho andava completamente perdido e ele não sabia o que fazer com ele. O físico: “Estudei muitos anos noutro país e quando voltei, o rapaz já tinha metido o pé na lama.” Vanga: “O teu filho vai endireitar-se quando for para o exército. Com ele está tudo claro. Mas onde tu trabalhas, podes meter as pessoas em sarilhos terríveis, sabias disso? Se vocês, cientistas, podem e sabem, façam com que as pessoas tenham orgulho de vocês. Tens consciência da responsabilidade que tens para com as pessoas?”

A minha mãe estudou em Moscovo e lá conheceu a famosa Juna Davitashvili, a maior vidente da URSS. A mãe decidiu ir ver a irmã, mas disse a Vanga que queria conhecer Juna. Vanga disse: “Manda-lhe as minhas saudações e diz-lhe para nunca se esquecer dos seus décimo terceiro, décimo nono e vigésimo primeiro aniversários.” A mãe mandou cumprimentos. Juna ficou profundamente surpreendida, porque nunca tinha conhecido Vanga, e contou algo verdadeiramente incrível: “Vivíamos na aldeia quando o meu irmão de seis anos caiu num poço. Eu tinha treze anos.

As pessoas correram, gritavam. Sem pensar, estendi os braços e atirei-me ao poço, agarrei na criança que se afogava, atirei-o para cima e as pessoas apanharam-no. Senti uma força incrível ao meu lado, que me permitiu atirar o rapaz com as minhas mãos de criança e me manteve à tona da água. Fiquei lá em baixo. As pessoas estavam cheias de medo por mim. Baixaram uns ganchos

de ferro e prenderam-se no meu vestido. Entretanto, eu dava uns passeios debaixo de água inacreditáveis. Quando me puxaram para fora do poço, eu disse que estava bem, e não tinha uma gota de água na boca. Começaram a sacudir-me de cabeça para baixo, mas foi completamente desnecessário.

Quando tinha dezasseis anos, vinha da escola para casa e passei por uma casa que dizia 'Cuidado, casa em ruínas'. Mesmo assim, entrei, e vigas pesadas começaram a cair em cima de mim. Mas duas delas pararam, cruzadas por cima da minha cabeça, e não me aconteceu nada. As ruínas foram limpas durante mais de seis horas e encontraram-me debaixo da trave, sem um arranhão. Quando tinha dezanove anos, a caminhar pela rua, vi uma casa a arder, e nas divisões em chamas um homem corria aos gritos por ajuda. As chamas eram fortíssimas, e as pessoas tinham medo de entrar. Estendi a mão, parti o vidro e entrei, agarrei no homem a arder e tirei-o para a rua. Mas nada de grave me aconteceu. Só as mãos ficaram cortadas pelo vidro e o cabelo chamuscado.

E quando tinha vinte e um anos, a regressar do trabalho antes da Páscoa, decidi parar na igreja para acender uma vela. Naquela altura, tinha o cabelo comprido. Quando entrei no templo, ajeitei-o, mas não sei porquê, de repente pegaram fogo. E eu estava a nove metros das velas."

Uma francesa que abriu cursos de videntes em França e já ensinou mais de vinte e cinco mulheres visitou Vanga. "Porque vieste ter comigo? Eu não preciso de professores. Dizem-me lá de cima o que dizer às pessoas. Mas tu diz-me: quem é este velho que está ao teu lado?" "É o meu pai", disse a mulher. Vanga: "Ele disse-me para te dizer que todo o dinheiro que ele deixou e que tu ganhaste foi pelo vento. O que aconteceu?" Mulher: "Sim, tive um amante, mas ele foi-se embora depois de 'comer' todo o meu dinheiro." "Ah, então foi por isso que vieste," disse Vanga. "Mas diz-me outra coisa: compraste-me alguma coisa, não trouxeste?"

A mulher respondeu, atrapalhada, que lhe tinha comprado uma camisa de dormir branca, mas deixara-a com uma amiga em Sófia. Vanga, como se sabe, recebe muitas ofertas, mas guarda apenas as que lhe lembram alguém. A maior parte dá-as a igrejas, mosteiros e pobres. Já a ouvi muitas vezes dizer: "Recebes de graça, dá de graça." E reparei nisto: assim que dá alguma coisa, no dia seguinte recebe o dobro. Vanga tem muitos admiradores e amigos, mas também há quem se aproxime dela por interesse. Alguns querem tirar partido do nome dela ou fazer publicidade ao conhecimento que têm dela.

Por isso, ela diz às pessoas: "Não procurem beneficiar-se usando o meu nome, a minha autoridade e o meu dom, porque são recebidos da desgraça humana, e quem vier até mim com o coração impuro e interesseiro, a dor humana há de persegui-lo e castigá-lo severamente. Venham ter comigo como verdadeiros amigos, por minha causa, e eu retribuirei com a minha amizade. Vocês continuam a pedir-me, pedir-me, porque não me perguntam como estou eu, se a cruz que carrego é pesada, quais são os meus desejos? Onde hei de eu ir buscar o que querem de mim?

Pessoalmente, não tenho nada além de mim mesma. O que vos posso dar? Posso dar-vos conselhos e ensinar-vos algo, mas vocês não entendem e não aprendem nada. Não tenho mais nada para vos dar. Só preciso de alimento espiritual, que poucos me podem dar, porque são todos pobres de espírito. A ganância é que vos guia, mas eu desprezo-a."

"És forte, querida, tens força para dar um bocadinho a todos!" (observação do visitante — nota do autor). Vanga: "Dar, dar — era se houvesse para dar!"

Não são apenas os visitantes que se interessam por este poder dela. Cientistas e jornalistas também vêm perguntar-lhe como ficou cega, como começou a prever. Vanga não gosta de falar da sua desgraça, porque é uma brasa que arde, mas nunca se apaga — não metas o dedo nesta ferida em brasa. Não consigo falar disso com quem só tem curiosidade. Poucos me compreenderiam." Guardei uma entrevista com jornalistas sobre o seu dom, onde ela diz: "Não posso dizer-vos mais nada: a voz diz-me, a voz diz-me, a voz grita, mas dizer que vi Cristo ou a Virgem — não. Só sei orações...

Quando o meu marido estava muito doente, pus-me diante do ícone e disse: 'Ensina-me, Deus, como posso suportar este sofrimento e como engolir este veneno?': 'Pega no copo, corta o coração e ainda sobreviverás.' Mas agora ele está na análise (Vanga não entendia o sentido desta palavra naquela situação — nota do autor), no domingo parte." (No domingo, às 12:20, de 1 de Abril de 1962 — nota do autor — Mirko, o marido de Vanga, faleceu.)

"Chorei como qualquer outra pessoa", diz Vanga, "e depois digo: 'Deus, o que devo fazer a seguir?' 'Não chores. Chegou o tempo em que se há de colocar um pilar de ferro à tua porta para te guardar.' Passou um ano ou dois, ergueu-se o poste — aqui está o sentinela à porta há muitos anos."

*Pergunta: Fala com espíritos?*

Vanga: Eles vêm muito, e todos são diferentes. Aqueles que vêm e estão sempre por perto, eu entendo-os. Vem um, bate à porta e diz: "Esta porta é má, muda-a!"

*Lembra-se do que acontece quando entra em transe?*

Não. Não me lembro de muita coisa. Depois do transe, sinto-me muito mal o dia todo.

*Tentam enganá-la?*

Muito raramente, a maioria das pessoas tem medo.

*Toma algum medicamento?*

Não.

*Nunca?*

Não. Uma vez o médico receitou-me comprimidos para a tensão, mas assim que comecei a tomá-los, a boca começou a secar, não conseguia mexer a língua. E a sonolência é terrível. Bebo água — não tem sabor, então deixei os comprimidos.

*Como é tratada?*

Como posso. Quero muito ficar em silêncio depois das sessões.

*Como descansa?*

Não digo nada. Tranco-me num quarto e recolho-me. Deito-me de costas e fico calada. É a única coisa que me salva.

Sobre o descanso, quero acrescentar mais. Já disse que Vanga dorme muito pouco e recupera-se rapidamente. Perguntei-lhe mais de uma vez por que não dormia mais, e ela disse-me: "Mas como posso dormir? Deito-me para descansar, e todas as tragédias humanas que ouvi durante o dia voltam a passar pela minha cabeça. Tanta dor no mundo! Mas há outra razão. No silêncio, especialmente à noite, oiço todos os sons celestes. Oiço os sinos do céu a tocar a cada hora, e todos os seres vivos respondem a este ritmo. Por isso é que a flor

sabe quando deve florescer, e o galo nunca se engana na hora de cantar. Como posso dormir? Se pudesse contar tudo o que vejo, seria um milagre. Os segredos do mundo de que sei, mas que não posso contar, estão quase à superfície. Falta um bocadinho para se abrirem e então Deus virá em nosso auxílio!"

A irmã de Vanga, Lyubka, recorda que nos primeiros anos do dom de clarividência, Vanga ficava por vezes esquecida, horas a fio em silêncio, com uma expressão vazia. Dizia-se que a sua consciência se deslocava para prisões, campos de concentração, aldeias desconhecidas — estava presente em morticínios, em desastres naturais.

Aliás, esse movimento mental no espaço continua até hoje. É isso que explica o silêncio prolongado de Vanga, quando parece estar a observar algo com muita atenção. Lyubka conta o seguinte episódio: Antes do grande terramoto em Skopje, fomos com Vanga visitar Strumitsa, à nossa velha amiga Panda Askanova. Ele parecia muito preocupado, porque a sua casa em Skopje tinha ficado quase destruída pela água, e pediu conselho à irmã se devia arranjar a casa velha ou juntar dinheiro para construir uma nova. E Vanga disse-lhe: "Que nova casa, homem! Foge de Skopje, porque em breve haverá uma tragédia terrível. Fica aqui em Strumitsa!" Pouco tempo depois, aconteceu mesmo um forte terramoto em Skopje, com destruição e perdas de vidas.

Conheço outros casos contados pela própria Vanga. Eu devia ser ainda uma menina quando o rio Struma transbordou na primavera e inundou enormes áreas, até as pontes por onde passavam comboios. Vanga viajava com a família de Sandanski para Petrich. Quando o comboio se aproximava da ponte, atrás da estação General Todorov, ouviu as vozes preocupadas dos passageiros, que olhavam para as cheias e, assustados, diziam que a ponte podia ruir com o peso do comboio e a força da água. "Nessa altura," diz Vanga, "as mulheres e as crianças começaram a chorar, e ouvi uma voz de homem na carruagem ao lado: 'A Vanga está na próxima carruagem, vamos até ela, só ela nos pode salvar!'

Eu própria estava assustada. As pessoas correram para a nossa carruagem, desesperadas de medo. Como podia eu ajudá-las? Se se afogassem, eu também me afogava. Reuni forças e rezei: 'Deus, salva a vida destas pessoas!' E depois gritei-lhes: 'Não tenham medo, nada de mal vos acontecerá.' Disse-lhes isto só para lhes dar coragem, sem saber o que ia acontecer. Mas, de facto, deu-se um

milagre. Devagar e firme, o comboio atravessou a ponte e chegámos a Petrich em segurança."

A pequena casa de Vanga em Rulite lembra muitas lágrimas e sofrimento humano. Mas a maior tragédia é a da própria dona, a profetisa Vanga, que faz passar pelo coração a dor humana, dando a todos esperança e cura. O quarto onde Vanga recebe os visitantes ainda está cheio da tensão e ansiedade das pessoas que por lá passaram. As cinzas arrefecem na lareira, e as cortinas brancas da pequena janela ondulam como as asas de um pássaro cansado. No centro da sala há uma grande mesa, cheia de presentes para a vidente e incontáveis pedacinhos de açúcar embrulhados em papel. O açúcar é também um dos segredos do dom de Vanga: ela exige que todos os que a visitam tragam um pedaço de açúcar que tenha estado em casa durante pelo menos alguns dias.

Quando o visitante entra, ela pega nesse pedaço, segura-o nas mãos, sente-o e começa a adivinhar. Porquê açúcar? O que fica impresso nos cristais de açúcar, para que Vanga adivinhe com tanta precisão o destino do visitante? Até hoje ninguém conseguiu responder a esta pergunta. Nem a própria Vanga sabe responder. Contou-me que, nos primeiros anos, quando começou a prever, acendia-se uma vela à sua frente. "Mas como sou cega e não vejo, podia acontecer alguma desgraça, e a voz disse-me para substituir a vela por um pedaço de açúcar, porque é puro."

Vanga está sentada à mesa desarrumada. Pálida e tão cansada que mal consegue respirar. Nem consegue falar. Já a ouvi murmurar qualquer coisa, e se ouvirmos com atenção, parece ser: "Meu Deus, serei eu a maior pecadora, já que me puseste esta cruz tão pesada? Deste-me muito, mas também me pedes muito." Depois levanta-se lentamente da cadeira onde esteve sentada mais de três horas, tira a roupa de cima e vai devagar para o quarto onde descansa. A brancura fresca e o cheiro de limpeza do quarto acolhem-na para um breve repouso. Mas, como já sabemos, ela não dorme.

Fica deitada um pouco, em silêncio, e muitas vezes começa a tricotar alguma coisa. Adora esta atividade — as agulhas batem rapidamente, as malhas encadeiam-se umas nas outras, o cansaço passa depressa. Vanga é uma grande artesã. Tricota depressa e apertado, e toda a sua inspiração se reflecte nas peças tricotadas. Tem modelos lindíssimos, que inventa ela mesma. Incontáveis

coletes, camisolas, saias, blusas tricotadas. Feliz com as suas criações, oferece muitas peças e fica feliz se gostarmos dos presentes.

Sobre esta paixão de Vanga pelo tricot, Lyubka conta o seguinte: "A Vanga mandou-me comprar dois quilos de lã, que depois foram tingidos de azul. Isso foi há uns vinte anos, antes da Páscoa. Durante todo o jejum até à Sexta-Feira Santa, a Vanga tricotou um grande e bonito xaile. Depois chamou os padres de Sandanski e disse-lhes: 'Andei a tricotar este xaile quarenta dias e quarenta noites. Em cada malha, disse uma oração por todas as pessoas. As orações nasceram no meu coração e na minha alma atormentada, que mas ditava. Tenho um grande pedido para vocês. Peço-vos que consagrem este xaile na Páscoa e que ele fique na igreja. Cubram com ele os que sofrem de insónia e dores de cabeça. Que todas as pessoas que o tocarem encontrem paz.'"

O descanso de Vanga à tarde é breve. Por volta das cinco, o silêncio é interrompido pelas pessoas que voltam a juntar-se. Depois do almoço, Vanga não recebe, mas há sempre quem, tendo-a visitado de manhã, não tenha percebido ou não se tenha lembrado do que foi dito. Essas pessoas raramente ela consegue ajudar, porque não é capaz de reproduzir o que já disse. O que diz deve ser recordado imediatamente, mesmo as palavras mais simples, pois não são ditas por acaso...

Fiquei com a impressão de que, durante as sessões de Vanga, a memória humana não ajuda muito e o visitante recorda-se de pouco do que é dito. Isto aplica-se não só aos seus visitantes (o que é compreensível: o contato com o "sobrenatural" abala as pessoas e bloqueia-lhes a memória), mas também se aplica a nós, seus familiares, que andamos sempre por perto e já estamos habituados ao seu dom. Quando assistimos a uma sessão, acontece que um de nós se lembra de uma coisa, outro de outra, mas mesmo reunindo toda a informação, fica muito escassa.

Gostaria de contar dois casos sobre isto. O escritor Leonid Leonov, num dos seus encontros com Vanga, decidiu gravar tudo num gravador para depois poder traduzir para russo. Queria ter esse registo para ouvir com calma mais tarde. O escritor trouxe o seu próprio gravador de Moscovo, colocou-o ele mesmo a gravar e pediu que ninguém passasse por perto, com receio de estragar alguma coisa. Vanga então teve uma inspiração e falou sobre acontecimentos decisivos para o seu país. Estabeleceu contato com uma clarividente de origem russa, já falecida — Elena Blavatsky.

Ouvimos coisas verdadeiramente espantosas. Extremamente satisfeito com o encontro e por ter obtido uma gravação única, Leonid Leonov partiu para Sófia muito entusiasmado. Mas, quando entrámos no hotel, parecia-me que o escritor ia ter um ataque cardíaco. Não havia absolutamente nada gravado na fita — nem um som, nem uma única palavra de Vanga. Na esperança de recuperar algo, nós, que o acompanhámos, tentámos recordar o que a clarividente tinha dito. Apesar de grandes esforços, conseguimos reconstruir muito pouco do que ouvimos. Leonov ficou num estado terrível. Perguntaram a Vanga se era possível repetir tudo, mas ela disse que não podia repetir o que dissera. O momento tinha-se perdido.

Um caso semelhante aconteceu com outros amigos nossos — P. C. e L. G., que, durante uma das suas visitas a Vanga, também fizeram gravações num gravador. Vanga falou de novo sobre grandes e significativos acontecimentos. Mas, quando chegaram a casa e ligaram o gravador, ficaram ambos pasmados ao ouvir apenas canções populares, embora não houvesse rádio, transistor ou qualquer gravador por perto...

Claro que existem registos das previsões de Vanga; em 1974 até fizeram um filme sobre ela. O filme é documental e consideramo-lo muito interessante, mas Vanga não aprova nem o filme nem as gravações, porque considera que o que foi registado é insignificante — mesmo o equipamento sensível escapou ao essencial que poderia revelar o seu dom. No entanto, o filme não foi bem recebido por muitos espectadores. Durante muitos anos, até 1989, foi de facto proibido e só era exibido em privado e apenas a um grupo restrito. Como a ciência oficial nega completamente o dom de Vanga, este documento objetivo, na minha opinião, também foi censurado. E não tinha nada de incriminatório. O filme, intitulado *Fenómeno*, divide-se condicionalmente em duas partes. Na primeira parte, são filmadas as sessões de Vanga com várias pessoas; mostram-se as suas previsões, tanto as bem-sucedidas como as menos acertadas. Na segunda metade, apresentam-se os debates dos nossos cientistas e especialistas sobre o fenómeno Vanga. O comportamento dos nossos especialistas causou uma onda de indignação e discordância entre as pessoas comuns.

Um grupo de espectadores de Blagoevgrad escreveu: "O filme está, de facto, bem feito, mas não podemos aprovar estas verdades triviais, que nos foram apresentadas tão facilmente pelos especialistas inteligentes e de ar sábio que

participaram no filme — psicólogos, sociólogos, médicos. Durante os seus comentários, tínhamos a sensação de que queriam mesmo que o público acreditasse numa interpretação genuinamente desinteressada dos factos recolhidos, mas as suas palavras transpiravam dúvida, como se nem eles próprios acreditassem. A sua posição é clara para nós, na medida em que o seu ceticismo não é contagioso.

É-nos claro que tipo de pessoas são, mas não aprovamos o seu pensamento tão ortodoxo em relação à questão. Que subjetividade é essa relativamente ao fenómeno Vanga? Não se pode oferecer uma interpretação tão ortodoxa dos factos — justamente, se uma verdade é objetiva, então é quase impossível prová-la — por isso, não existe. Muitas verdades na vida, de facto, não existem materialmente, não podem ser apalpadas, mas foram deduzidas logicamente, e depois manifestaram-se e confirmaram-se na realidade. Porque não admitir que este fenómeno também tem uma explicação? Porque devemos negar o desconhecido e o inexplicável? Quem precisa desta atitude negativa tão tendenciosa?"

Deixemos esta discussão inútil e voltemos ao quotidiano de Vanga. Normalmente, depois das cinco da tarde, Vanga dá uma volta pelos seus "domínios". Alegre, descansada, bem-disposta, vai primeiro cuidar das flores. Tem flores que florescem todo o ano. Talvez porque o solo aqui é fértil — as casas estão situadas no antigo leito do rio Struma e há sedimentos férteis há centenas de anos — ou talvez porque Vanga é muito zelosa nos cuidados, mas as plantas crescem até acima dela. Vanga é de baixa estatura, engrossou um pouco com a idade e, muitas vezes, perde-se entre a vegetação. Estes são os momentos mais felizes para ela. Nesse contato com a beleza da natureza, sente-se como no paraíso: toca todos os vasos, todas as folhas, sabe qual flor deve regar, a qual pôr fertilizante ou mudar a terra.

Fiquei muitas vezes surpreendida com o incrível conhecimento de Vanga sobre jardinagem. Ela diz que as próprias plantas lhe sussurram o que precisam. Lembro-me de uma mulher que lhe perguntou o que devia fazer — tinha uma planta espessa em casa que estava a definhar porque alguém cortara o caule acidentalmente e formara-se um grande buraco. "Compra tinta a óleo", disse Vanga, "e tapa o buraco. O caule vai crescer e a tua planta não morrerá." "A tinta a óleo pode ser remédio? O que é isso?" perguntou a mulher. "Não sei,"

respondeu Vanga, "mas foi a própria flor que me disse de que remédio precisava."

Vanga vive realmente muito ligada à natureza, e o seu modo de vida faz-nos sentir saudades do passado e das sensações esquecidas da vida patriarcal. Para além das flores, está rodeada de animais — cães, gatos, cabras, galinhas. Nesta zona vivem águias, raposas, lebres e também há cobras. Para não falar dos pássaros. Como este lugar é muito procurado por caçadores, durante a época de caça aparecem homens com espingardas, prontos para matar. Mas encontram sempre uma forte resistência por parte de Vanga. Com toda a sua autoridade, proíbe qualquer um de destruir plantas e animais. Talvez graças a ela, este recanto tenha sido preservado quase na sua forma original, apesar da proximidade das cidades de Sandanski, Petrich e das aldeias.

Vanga verifica sempre tudo — se o quintal está limpo, se os animais estão alimentados, se tudo está no seu lugar. As pessoas que agora a ajudam na casa — uma mulher de uma aldeia vizinha e um guarda designado pelo conselho — sabem que Vanga é muito exigente e tentam não provocar a sua ira, pois é impiedosa com os descuidados e preguiçosos. Atrás das casas há campos lavrados, pertencentes à cooperativa da aldeia vizinha, onde se semeiam várias culturas, e que dão uma boa colheita. Aqui o clima é quente e crescem bem amendoins, sésamo, algodão, por vezes trigo. É especialmente bonito na primavera, quando as hastes verdes ondulam ao vento leve, e os campos parecem belos tapetes verdes. As pessoas perguntam frequentemente a Vanga como plantar melhor e como alternar culturas.

Ela gosta de conversar sobre agricultura e fala dos problemas da terra como se fossem seus. Mostra um interesse vivo em tudo o que se faz não só em Rulite, mas em toda a região. É bom que as pessoas lhe peçam conselho e a oiçam, porque ela ajuda-os a tomar as decisões certas. E não se trata apenas de trabalho agrícola. Vanga também é muito ativa na vida social desta região. Dá conselhos sobre a construção de casas, pontes, postes, sobre a colocação de pessoas em trabalho, abertura e encerramento de produções, ajardinamento. Que não pareça exagero, mas penso que a Petrich de hoje deve a sua bela aparência, em grande parte, à intervenção ativa de Vanga. Fala com grande entusiasmo dos especialistas e chefes de Sófia que a visitam, e a quem pede candeeiros para as ruas, materiais de construção, ou equipamentos para várias empresas da cidade.

O fruto destes inúmeros encontros de trabalho é o seu conhecimento com muitos arquitetos e especialistas do país. Com que prazer Vanga ouve os visitantes da cidade, que notam que a cidade mudou e se tornou belíssima. Ama a sua cidade, porque nela passou a sua vida e as recordações mais preciosas estão ligadas a ela. É um amor recíproco — as pessoas desta cidade prestam-lhe honra e respeito, e ela retribui com amizade e ajuda. Por isso não me parece estranho que a nossa velha amiga de Belgrado dirija as cartas a Vanga desta forma: "Bulgária, Vangingrado." Pelos vistos, entendeu muito bem esta ligação mútua.

Esta região é rica. A influência do Mediterrâneo — tão perto da fronteira com a Jugoslávia e a Grécia — deu-lhe um clima abençoado, maravilhoso, e pessoas trabalhadoras. Mas, segundo Vanga, a maior riqueza são mesmo as pessoas. Ela conhece muitas delas; o seu conhecimento de famílias inteiras remonta a 1942. Sabe o destino destas pessoas, acompanha com interesse o futuro delas e a vida dos seus filhos. Muitas vezes, as suas horas da noite são dedicadas a elas. Estes encontros são difíceis de descrever — é preciso vivê-los.

Em Rulite, por trás de uma alta cordilheira, o sol já se escondeu. O silêncio envolve suavemente a natureza adormecida. Vanga senta-se num banco entre as suas flores preferidas e descansa como uma dona de casa diligente que terminou todas as tarefas. Vanga come muito pouco, mas sabe que naquela noite terá convidados especiais à mesa e fará questão de os receber bem. Esses convidados são a sua grande família e uma parte inseparável da sua vida. Não me lembro de uma única noite, nem mesmo no Inverno ou com mau tempo, em que Vanga tenha ficado sozinha.

As pessoas vêm de todo o lado — das aldeias vizinhas, das cidades próximas, até de lugares mais distantes. Vêm apenas para ver Vanga, para falar sobre os problemas de hoje e sobre o passado. Há algo de doce e comovente nestes encontros. É especialmente interessante no Inverno. Está frio lá fora, e na sala onde se reúnem os convidados de Vanga arde uma lareira bem acesa. O calor na sala não vem apenas da lenha a arder, mas também do bom ambiente que reina nessas noites. Um dos convidados — bom cantor e animado pela atmosfera agradável na companhia de Vanga — canta uma canção. Parece-me que foi ali, na sala modesta de Vanga, que ouvi as mais belas canções desta região, nascidas da alma do povo.

Mas isto costuma acontecer mais para o fim da noite. Antes disso, há sempre uma conversa de coração aberto. Fala-se das famílias, dos entes queridos. Partilham-se impressões do que se ouviu ou leu com Vanga. Ela interessa-se por tudo. É uma excelente ouvinte, mas também uma grande conversadora. Gosta de perguntar às mulheres: "Então, contem-me: já se prepararam para a Páscoa? Como está o quintal, o que plantaram na horta, o que estão a cozinhar?"

Lembro-me de uma mulher dizer que tinham abatido um borrego e não sabiam o que fazer com as miudezas. "Como assim, para onde?" — disse Vanga — "Eu digo-vos. Vão fazer um kukurech (não sei como se chama este prato noutros sítios — nota do autor). Pegam no estômago e nas tripas do borrego, cebolas verdes, hortelã. Enchem o estômago e as tripas com água morna e mantêm até ficarem brancos. Depois cortam as tripas em tiras de 20 cm de comprimento. Tentem cortar direito, para que a comida fique bonita, apetecível — a beleza mostra se a mulher é uma boa dona de casa. Cortem o estômago em pedaços do tamanho da palma da mão.

Piquem finamente a cebola verde e a hortelã e juntem sal a gosto. Depois, colocam meia colher de sopa desta mistura verde nos pedaços do estômago — como se fossem rolinhos de couve — e atam bem com as tiras da tripa. Os rolinhos são colocados bem apertadinhos uns aos outros até encherem o tabuleiro. Por cima põem óleo de girassol e polvilham com pimentão. Vai ao forno cerca de uma hora a temperatura moderada até o líquido evaporar e a superfície ficar com uma crosta avermelhada. Depois," ri-se Vanga, "expulsem as crianças da cozinha e comam!

Eu ainda sei mais tipos de kukurech, das receitas do meu pai. Ele era pastor e sabia cozinhar pratos deliciosos de carne de borrego. Mas, regra geral," continua Vanga, "cozinho segundo as minhas próprias receitas, e quem prova diz sempre que é muito saboroso." E isto é absolutamente verdade. Lembro-me até hoje do sabor dos rolinhos de couve do jejum, dos pimentos recheados, das curgetes, das beringelas e das várias sobremesas preparadas por ela. Infelizmente, não tenho paixão pela culinária e agora lamento não ter escrito estas receitas. Porque cada vez que Vanga cozinhava, fazia de forma diferente.

Segundo Vanga, cada refeição deve ser preparada em utensílios perfeitamente limpos, numa cozinha limpa e com produtos bem lavados. Vanga, como já escrevi, é extremamente asseada em tudo. "Este grande amor pela limpeza," diz ela, "devo tê-lo herdado da minha avó Katya, que era conhecida em Strumitsa

como uma verdadeira dona de casa e de uma limpeza incrível. Por exemplo, quando começava a tecer um pano, punha um avental de toalha branca para não sujar o tecido. Todas as casas eram bordadas, engomadas, caiadas e brilhavam de tão limpas. Em casa do meu avô, tinham uma sala para criar bichos-da-seda. Muitas pessoas na cidade faziam este trabalho, porque em Strumitsa havia muitas amoreiras. Com os fios de seda, a minha avó tecia lençóis tão bonitos e finos que todas as mulheres a invejavam."

Uma noite, em Rulite, uma mulher de uma aldeia próxima trouxe a Vanga um colete de malha para mostrar o seu bonito trabalho. Vanga pegou nele, sentiu-o de todos os lados e disse: "Está mal feito. Se fosses tricotadeira, não conseguirias ganhar o pão. O ponto até pode ser interessante, mas com nós tão grosseiros no avesso e malhas tão irregulares, só serve para trabalho pesado. És jovem e deves saber que qualquer coisa, seja para o que for, deve ser feita com amor e atenção. Só assim o trabalho traz proveito e alegria. Por exemplo, é fácil fazer um lençol com tecido comprado — corta-se e faz-se a bainha. Mas não gosto deles. São simples demais. Não custa nada à dona de casa coser-lhes uma rendinha. Ficam logo diferentes. É bom dormir num lençol assim. Ou vejam as janelas. Devem ser lavadas todas as semanas — o trabalho é bem recompensado, porque o sol entra por elas e há mais luz na casa. Mas as cortinas devem ser lavadas todos os meses. É bonito e faz bem."

A casa da minha tia estava sempre a ser lavada, sacudida, arrumada. E isso continua até hoje. As pessoas leram no jornal que uma mulher tinha dado à luz quíntuplos. Comentam que a mãe deve estar muito feliz — tal coisa não acontece muitas vezes. Vanga ouviu, e depois disse-lhes: "Nunca pensaram porque é que agora nascem tantos gémeos? É como se estes filhos viessem em grupos. Isto não é por acaso. São almas do 'exército celeste' que chegam em massa à Terra, porque vem aí uma grande luta espiritual. São os arautos de um novo tempo, que precisa de gente nova. Não repararam como as crianças agora nascem tão inteligentes? Mesmo muito pequenas, já falam de tecnologia, de carros e aviões, de computadores e aparelhos, e de tantas outras coisas. Comparadas com as gerações anteriores, nascem verdadeiros génios. Vêm aí acontecimentos muito interessantes, mas é preciso paciência para os esperar."

Uma noite, Vanga conversava com o nosso amigo de Sófia, o escritor P. M., sobre o significado dos nomes das aldeias. O convidado era uma pessoa culta, ligada às artes, e o tema interessava-lhe muito. "Sabes," disse Vanga, "o que

significa o nome da aldeia Slepce? (uma aldeia na Macedónia — nota do editor). Ali viveram soldados cegos do exército de Samuel e toda a aldeia cuidava deles. Daí vem Slepce (Cegos), dos cegos.
E Badoca? Sabes de onde vem esse nome? De 'tirar os olhos' ('vadya ochi' — em búlgaro — nota do editor). Perto dessa aldeia, os soldados de Samuel foram cegados. Talvez não saibas o que significa Ohrid (uma cidade na Macedónia — nota do editor)? Antigamente havia um fosso profundo à beira da cidade, onde as mulheres iam chorar quando tinham problemas. Os seus lamentos começavam: 'Oh, o fosso! Oh, Reed! Oh, Reed!' E assim nasceu o nome Ohrid."

Eu não estava menos interessado do que o convidado. Como era boa a história de Vanga, mas como poderia ela saber tudo isto? Destas visitas nocturnas em 1988, lembro-me de uma conversa entre Vanga e uma búlgara, M. D., que vive na Suíça. Acho interessante e quero partilhar um pouco com o leitor.

M. D.: Já ouvi tanto falar de si, Vanga, e agora estou feliz por finalmente a poder ver.

Vanga: Porque é que vêm três homens atrás de ti? És casada?

M. D.: Divorciei-me do meu marido e agora vivo com outro.

V: E porque é que o deixaste? Ele era adequado para ti. Trabalhou como engenheiro?

M.G.: Sim, ele era engenheiro químico.

(Nota: Refere-se a uma famosa batalha em 1014 entre as tropas do czar búlgaro Samuel e o imperador bizantino Basílio II, que derrota os soldados de Samuel e manda cegá-los. Por cada cem, deixava um com um olho para guiar os outros.)

V: Onde é que ele está agora?

M.G.: No Irão. Representante de uma empresa. Muito rico.

V: Também tens dois filhos. São do primeiro casamento?

M.G.: Sim. Já são grandes. Não tenho problema com eles.

V: Mas agora ele tem outra mulher.

M.G.: Sim. Mas não sei se estão casados ou não.

V: E porque é que o deixaste? Ele era o certo para ti.

M.G.: Tínhamos muita diferença de idade. Muitas separações — ele partia sempre em trabalho e eu ficava sozinha noutra cidade.

V: Não importa o que faças, terás um terceiro marido antes dos quarenta, e depois ficarás sozinha o resto da vida. Olha-os! Entras numa sala e eles seguem-te. O homem com quem estás agora... o que faz? Escreve, às vezes desenha umas coisas.

M.G.: Sim, gosta de desenhar e tem uma grande coleção de quadros. Trabalha em jornalismo. Mas temos um problema. Não há ligação espiritual, embora pareça amar-me.

V: Ele está doente, por isso te evita. Se se curar, haverá uma pequena melhoria, mas não recuperará totalmente.

M.G.: Posso ajudá-lo?

V: Não podes ajudar. Mas daqui a dois ou três anos, vais deixá-lo, por muito querido que seja, porque és jovem. Nós, os velhos, já não nos acendemos. Este homem pode ser bom, mas o teu primeiro marido era mais adequado para ti. Lamento que o tenhas deixado. E este homem com quem vives agora tem filhos?

M.G.: Sim, ele divorciou-se há muito tempo e o filho não vive com ele. Mas a mãe deste homem quer muito que fiquemos juntos.

V: Porque não adotas uma criança?

M.G.: Ainda não decidi.

V: Fizeste uma operação?

M.G.: Sim.

V: Erosão no útero.

M.G.: Sim, mas estava com muito medo.

V: Não é cancro.

M.G.: Sim, os médicos também confirmaram.

V: O que fazes? E também desenhas? Desenhas numa tela.

M.G.: Desenho modelos para roupas numa revista de moda, tiro fotografias, dou consultoria.

V: Porque não vives na tua própria casa?

M.G.: Vivo na casa do noivo.

V: Mas na tua casa mora agora uma jovem. Quem é?

M.G.: É a sobrinha do meu ex-marido. Não tinha onde viver.

V: O que fizeste à casa? Aquilo parecia uma estalagem.

M.G.: Derrubei uma parede e fiz uma grande sala.

V: Uma estalagem... Mas não faz mal. Seja o que for, não dês a tua casa a ninguém e poupa dinheiro para uma "ocasião de chuva". Mas vais deixar este homem.

M.G.: Ganho de formas diferentes, às vezes muito, outras menos. Agora trabalho com contrato.

V.: Fumas muito.

M.G.: Não, não muito.

V.: Não é verdade! Fumas muito. Devias deixar de fumar. Caso contrário, terás grandes problemas na garganta e nos pulmões. E não uses saltos altos! Tens depósitos de sal nos pés.

M.G.: Sim, nos dois casos.

V.: Mas a perna esquerda está mais afetada.

M.G.: É verdade.

V.: Devia fazer a operação? Onde estão os teus pais? Porque é que a tua mãe está assim deitada?

M.G.: Ela morreu.

V.: E o teu pai está deitado. Olha!

M.G.: E ele também morreu.

V.: Quem é Maria? Mãe? De que morreu? Nefrite purulenta.

M.G.: Sim.

V.: O pai pergunta pela mais nova. És tu?

M.G.: Sim, sou eu.

V.: Quem te criou?

M.G.: O meu pai, e eu gostava muito dele.

V.: E outra criança?

M.G.: É a minha irmã por parte da mãe, do primeiro casamento.

V.: Vocês comunicam?

M.G.: Nem por isso.

V.: Porquê?

M.G.: Acho que ela é muito egoísta.

V.: Não é egoísta. A vida dela também não foi fácil e desviou-a para o caminho errado.

M.G.: Também queria saber se terei sorte no trabalho pelo qual vim para a Bulgária.

V.: Muito difícil. Tens de atrair pessoas influentes.

M.G.: Gostaria de começar a trabalhar com uma das revistas de moda. Trouxe o material necessário comigo.

V.: E pensas que se fizeres um trabalho para um búlgaro, ele depois vai dizer "obrigado"? Nunca! Mas cuida da tua casa, poupa algum dinheiro e não deixes a Suíça. Queres ir para a América e Itália?

M.G.: Sim, quero.

V.: Mas porquê? Para turismo ou trabalho?

M.G.: Mais para trabalhar.

V.: E volto a repetir: faz o que quiseres, mas não saias do país; o teu destino é viver com o teu terceiro marido. Mas o mais bonito é vir ver a Vanga num dia de festa. Por exemplo, na Anunciação, 25 de Março. Nesse dia é o dia do nome da Vanga — Vangelia significa "portadora de boas notícias" — e esta festa é-lhe muito querida. Reúnem-se convidados de toda a parte para a felicitar. A clareira em Rulit enche-se de gente vestida a rigor e todos se divertem muito. Cantam-se canções. Até há pouco tempo, Vanga adorava cantar em dueto com a irmã Lubka. As duas são muito musicais, têm boas vozes e interpretavam canções populares na perfeição. As pessoas ouviam-nas com muito gosto. Depois, todos juntos, em várias filas, dançavam o "horo" búlgaro.

Outro feriado muito venerado por Vanga é a Maslenitsa. É uma grande festa para todos os búlgaros, porque no último dia da Maslenitsa — o Domingo do Perdão — perdoam-se todas as ofensas e mágoas que, voluntária ou involuntariamente, se causaram durante o ano. É o dia do perdão universal. Nessa altura, além dos familiares e convidados, vêm muitos pais cujos filhos nasceram graças à ajuda de Vanga. Ela batizou muitas crianças e tornou-se a "mãe espiritual" de mais de cinco mil recém-nascidos. Que mãe pode orgulhar-se de tamanha riqueza!

Curiosamente, a Vanga lembra-se de muitas crianças e dos seus pais. Lembra-se de quando vieram vê-la pela primeira vez, de quando e como as crianças foram batizadas na igreja ou ali mesmo em Rulit, de quem foi o padre, etc. Sempre me espantou a sua memória incrível. Continua interessada nestas crianças, pergunta como estudam, como vivem, quais os problemas que têm. Essas crianças já têm os seus próprios filhos, que também vêm para a festa. Beijam-lhe a mão com o

mesmo respeito e reverência, chamam-lhe “madrinha”. Estes encontros são muito comoventes, juntam-se centenas de pessoas, unidas pela humanidade da Vanga, pelo amor e respeito que têm por ela. Como seria bom se houvesse mais festas assim.

Tradicionalmente, põe-se na mesa uma tarte, halva branca e halva de tahine. Um dos homens pendura um ovo numa corda atada a um rolo da massa, depois um pedaço de halva branca, e leva isso à volta da mesa. Se conseguires apanhar o ovo ou a halva com a boca — sem usar as mãos — então será um ano feliz. Depois, dá-se um carvão a cada pessoa presente, para que tudo o que é mau se queime.

E o mais interessante acontece na rua, onde arde uma grande fogueira e todos saltam por cima do fogo para queimar todas as forças do mal e ganhar mais saúde.

A Vanga gosta muito da Páscoa e do Domingo de Ramos. Domingo de Ramos em búlgaro é “Cvetnica” (as flores desabrocham). Talvez porque estão ligados às flores. Agora estas festas já não se celebram ali como antigamente, mas a Vanga lembra-se de como, em Strumice, as raparigas apanhavam urtigas, crista-de-galo e coziam uma banitsa magra para o Domingo de Ramos. À noite, as raparigas enchiam os cestos de túlipas de Strumice, faziam coroas de flores para adornar a cabeça e vestiam os trajes tradicionais mais bonitos. E depois iam para casa a cantar:

“A donzela varre os pátios planos com duas coroas de basílico branco. Um rapaz atrevido espreitou para o seu pátio, acenou e disse-lhe: ‘Vem aqui, dá-me uma túlipazinha, donzela, escarlate-escarlate — vou-me enfeitar, vou ficar querido para ti…’”

A Vanga inspirou-se tanto que começou a recitar os primeiros versos e depois embalou-se e cantou. A sua irmã Lubka acrescenta: “No Domingo de Ramos, toda a cidade e todos os estudantes iam para fora da cidade, levando ramos de salgueiro na mão. O padre, montado num burro, cantava: ‘Comunhão, Domingo.’ Nós, estudantes, recebíamos um pequeno sino pendurado numa fita com laço, que colocávamos ao pescoço, e ele tocava suavemente a cada movimento. Isso era na zona de Sofular. E depois faziam-se coroas com os ramos de palmeira e colocavam-se no iconóstase.”

Sempre admirei a capacidade da Vanga de contar histórias e de organizar festas. Tenho memórias vivíssimas de como celebrávamos o Natal, a Páscoa, a Epifania e a Exaltação da Cruz. A sua atitude perante as festas é respeitosa e quase infantil. A entrega completa aos rituais religiosos não é por acaso. É o seu modo de viver e uma forma de se libertar do peso do dia-a-dia. São os dias em que a Vanga se entrega por completo a Deus, e tudo o que faz é uma homenagem profunda. Mas não nos distraiamos e voltemos às conversas de fim de tarde na casa da Vanga.

Um dos convidados diz: “Tia Vanga, já cumpri tudo com a minha família. Ganhei muito dinheiro e dei tudo. Os filhos formaram-se, têm trabalho, carros, apartamentos, por isso não tenho problemas.” “Espera”, diz a Vanga, “agora queres vender a casa, e para onde vais?” Ele respondeu-lhe: “Coitado de ti, Kocherinovo espera por ti!” (uma aldeia perto de Blagoevgrad, onde há um lar de idosos). E assim foi. O homem morreu num lar de idosos, longe de todos. E acreditava que tinha garantido uma velhice tranquila entre os seus. Afinal, trabalhou a vida toda para morrer num lar.

“Algumas pessoas pensam que ter dinheiro pode comprar amor, mas isso é em vão. O dinheiro não compra amor. Ou pensa: quando ficar rico, tudo vai estar bem, mas mesmo isso não vale nada. A pessoa trabalha, trabalha, poupa dinheiro e coisas, e depois morre e deixa tudo para os outros. Aqueles que acumularam muito raramente aproveitam o que juntaram. Outros é que ficam com isso. Por isso, é mais sensato não poupar, mas gastar o dinheiro — é um meio, não o fim da vida.”

Diz outro convidado, que veio do velório de um amigo próximo e contou quanto comeram os parentes enlutados, e a Vanga disse: “Não aprovo tanto desperdício. Esta ostentação não é ditada por grande amor ou tristeza pelo falecido, mas antes uma demonstração da sua bondade ostensiva perante os outros. Essa tristeza não é real, porque a profundidade dos sentimentos não se mede pela quantidade de comida. A minha família sabe o quanto eu amava o meu marido, mas pelo descanso da sua alma só ofereço um prato de milho, umas azeitonas e um copo de vinho. É mais importante honrar e lembrar os mortos enquanto vivos, não com comida — eles não precisam dela. Vê Melnik, por exemplo.

Na cidade há uma placa memorial aos nossos heróis nacionais mortos pelos turcos em 1912. Os seus descendentes ergueram o monumento e sossegaram,

pensando que assim lhes prestaram homenagem. E depois? Os mortos já partiram — temos de cuidar dos vivos, mas isso também não é toda a verdade, porque os mortos continuam a viver. Estão entre nós, amam-nos e ajudam-nos a ver as verdades eternas da vida. Por isso devemos dar-lhes a memória dos nossos corações."

Falando sobre futebol, sobre a insatisfação dos adeptos com o trabalho dos treinadores e jogadores, a Vanga resume: "Isto vai continuar até os especialistas em futebol aprenderem a atrair crianças com não mais de seis anos, como fazem nas escolas de arte. E agora escolhem rapazes grandes, que já olham para as raparigas. Assim não se reanima o futebol."

Já é tarde. Falaram de radiação e do perigo que representa para as pessoas e a natureza. A Vanga remata a conversa dizendo: "Comam mais urtigas, porque radiação nenhuma lhes pega." O modesto jantar acaba, a loiça é bem lavada, a mesa arrumada, o chão varrido para que tudo esteja limpo no dia seguinte.

O carro atribuído pelo Conselho encosta para a levar a casa em Petrich. Acompanham-na apenas até ao portão; a Vanga não tem medo de nada e fecha a chave com confiança. Depois entra calmamente em casa. Claro que não há lâmpadas acesas, já que não precisa delas. Alguém podia pensar que ela iria deitar-se logo para dormir e descansar, mas sei que não é assim.

Falando do dia-a-dia da Vanga, quero apresentar outra história contada pela sua irmã Lubka:
"A Vanga não tem medo de nada. Não sei como uma cobra saiu do jardim para a sua casa em Petrich e enrolou-se no tapete de pelúcia. A Vanga pisou-a, mas não teve medo, e a cobra não a mordeu — apenas se afastou depressa. Procurámo-la durante muito tempo, mas não a encontrámos, e nunca mais apareceu.

Apesar de viver sozinha e ser cega, a Vanga desce do segundo andar no meio da noite, anda pelo jardim e rega as flores. Tem um sistema nervoso forte e é muito resistente. Pergunto-me como tem força para receber, ouvir, aconselhar, denunciar e ajudar milhares de pessoas durante tantos anos sem mostrar quase sinal de cansaço.

Há uns anos, tinha um rapaz da tesouraria, e um dia disse-lhe para passar recibos às pessoas sem restrições — receberia todos enquanto aguentasse. A

fila de gente — uns a entrar, outros a sair — era interminável. O rapaz suava em bica, sem tempo para parar de escrever recibos. A certa altura, disse: 'Tia Vanga, queres mais? Estou a passar o centésimo recibo.' Só quando teve a certeza de que não havia uma única pessoa à espera à porta é que disse que chegava. Todos estavam exaustos — tanta gente, tanta tensão — e ela, como se nada fosse, animada, bem-disposta, pronta a começar outra coisa... Sim, tinha uma energia inesgotável: há apenas três anos ainda era tão forte que conseguia deslocar um guarda-roupa de um lado da sala para o outro.

A Vanga comprou um transistor "Falcon" e, para onde quer que fôssemos, eu ligava-o. Só nós é que o ouvíamos — ela ficava perdida nos seus pensamentos. Este transistor estava sempre na sua mala."

De alguma forma, não sei porquê, nem por ordem de quem, alguns funcionários invadiram a casa e fizeram um inventário de todos os seus bens, até ao último presente oferecido por visitantes agradecidos. Por causa deste ato sujo, a Vanga adoeceu e passou mais de um mês no hospital de Sófia. Durante todo esse tempo, a casa ficou aberta, e funcionários sem escrúpulos, além de registarem tudo, levaram o que lhes agradou.
Quando voltou do hospital, não quis entrar em casa, mas ficou em Rulit, dizendo: "Não quero seguir as pegadas de ladrões!"
Tudo foi repintado, lavado novamente, limpo e colocado no seu devido lugar, mas ela continuava a guardar uma dor na alma que ainda hoje a acompanhava.

Depois perguntou-me se eu via o transistor dela em algum lado. Procurei, mas não encontrei em parte nenhuma, e ela respondeu: "Não faz mal, ele próprio há de trazê-lo."
Trabalhava para ela como caixa um homem idoso que estava gravemente doente. Um dia, muito doente, veio ter com ela e confessou, quinze anos depois, que tinha levado o transistor e mais qualquer coisa, pensando que, estando ela tão gravemente doente, era pouco provável que regressasse do hospital. Entregou-lhe o transistor e pediu perdão. Ela não tocou no objeto, apenas lhe disse: "Bem, já pagaste o imposto por teres roubado isto. E ainda terás de sofrer muito mais por causa deste ato."

Pouco tempo depois, esse homem morreu em terríveis agonias.
Não sei se ela o perdoou ou não, nunca mais falámos sobre este caso, mas espanta-me o seu comportamento — durante todos estes quinze anos ela soube onde estava o seu transistor favorito, mas nunca insinuou quem era o

ladrão, nem o ofendeu de forma alguma. No fim, todos os culpados vieram bater-lhe à porta para pedir perdão, mas o que ela escondia no coração só ela sabia.

Muitas vezes sentamo-nos, conversamos, refletimos sobre a vida, e a Vanga, de repente, diz: Vivemos tempos difíceis. As pessoas não têm nada em comum umas com as outras. As mães dão à luz filhos, mas não têm leite para os alimentar. Justificam-se: dizem que é neurose. Não. É simplesmente que as crianças nada têm a ver com as mães, vieram ao mundo através delas, mas nada recebem — nem leite, nem calor. Crianças muito pequenas são enviadas para o infantário, deitam-nas sozinhas à noite, raramente veem um sorriso no rosto da mãe. As mães estão infelizes porque os maridos não as valorizam o suficiente. Por sua vez, os maridos acham que casaram porque assim é suposto ser. Os adultos também estão insatisfeitos com os filhos — não há respeito por parte deles. Ninguém é amigo de ninguém. As pessoas só se interessam por dinheiro. Pensam que se tiverem dinheiro, então tudo está bem. Não sabem que chegará o dia em que esse dinheiro não lhes servirá de nada.

Há um conto muito antigo: houve um tempo em que um camelo custava 10 tostões e era considerado muito caro. Depois chegou um tempo em que havia tantos camelos que qualquer um valia um tostão, mas não havia compradores. Pensem neste conto, porque chegará o dia em que as pessoas terão tudo, mas não poderão comprar nada do que realmente tem valor e constitui uma riqueza sem preço — amizade, amor, partilha.

Um dia recebemos uma carta vinda de Espanha, de muito longe. Foi escrita por uma mulher a quem a fama da Vanga chegou. Pelos vistos, interessou-se por ela há muito tempo, já que sabia muitos detalhes sobre a sua vida. Lembro-me de um excerto da carta: "Admiro o seu dom, Vanga. Não há misticismo em si. Mas compreendo-a, e sei como é difícil para si. Ver tudo tão claramente e ainda assim (e acredito que o faz!) ter de inspirar coragem a todos os que se põem diante de si, à espera de ajuda, mesmo quando vê o seu fim trágico..."

Esta afirmação de uma desconhecida espanhola é muito significativa, porque caracteriza com grande precisão uma das principais qualidades do carácter da Vanga — a sua nobreza e indestrutível humanismo.

Todos sabem (e eu sei melhor do que ninguém) que a Vanga não vê absolutamente nada. Mas uma manhã, quando estava prestes a partir para Rulit,

percebeu-se que a sua rede preta de cabelo tinha desaparecido. Havia quatro mulheres na sala e todas começaram a procurar diligentemente. Chegaram a acender um candeeiro. A rede parecia ter-se evaporado. De repente, a Vanga estendeu a perna direita e apontou com os dedos para onde estava a rede:

"Olham com quatro pares de olhos, mas não veem nada."

A minha amiga Z. B., de Sófia, conta com muito gosto a seguinte história:
"Era inverno quando fui ter com a Vanga. Recebeu-me numa sala bem decorada, com uma grande lareira acesa. A Vanga estava sentada no sofá em frente à lareira, a fazer malha. As suas mãos moviam-se rápida e habilmente, como as de uma tricotadeira experiente. Fiquei surpreendida com a forma como ela tricotava tão depressa e tão apertado, sem trocar as malhas, mesmo não podendo ver nada! Enquanto eu olhava, maravilhada, ela virou-se para mim de repente e disse:
Vai dizer à mulher que cozinha na cozinha para preparar o tabuleiro do peixe.

Fui logo à cozinha, mas como queria ajudar, perguntei se podia limpar o peixe. Ela riu:
"Não podes, porque ainda não há peixe, está agora a vir para cá. Daqui a pouco trazem-no pessoas da aldeia de Pripiceni."

Fiquei sem palavras. O que a Vanga disse era simplesmente incrível. Decidi esperar a todo o custo para ver se se confirmava. Passadas umas duas horas, apareceu um rapaz e a primeira coisa que disse, depois de a cumprimentar, foi:
"Tia Vanga, pesquei uns peixes frescos e trouxe-lhe alguns para provar!"

Quero sublinhar que a clarividência da Vanga abrange todos os aspetos e problemas da vida humana. Mas voltemos à pergunta principal: que tipo de pessoa é a Vanga? Vivi com ela toda a minha vida e posso responder com convicção: ela vive como todas as pessoas, e não há nada de especial no seu modo de estar. Mas vive em completa harmonia com a natureza — é verdadeiramente "parte dela" no sentido mais completo da palavra.

É por isso que toda a natureza ressoa tão claramente dentro dela, fala-lhe, e ela capta esses sinais com os seus sentidos perfeitos. Consegue receber sinais de tudo o que a rodeia: das ervas e das árvores, das pedras e das flores, dos objetos e do espaço, do passado e do futuro. As montanhas e serras revelam-lhe segredos de milhares de anos, e os rios — as lendas de cidades e povos há

muito extintos. Segundo ela, "tudo vive", não existe "natureza inanimada", tudo obedece a uma organização superior e a uma razão maior.

Há momentos em que não quer falar com ninguém, e se alguém grita do quintal, ela irrita-se e pede que não perturbem a sua paz, porque tem de ouvir, durante horas, notícias sobre uma infinidade de acontecimentos e pessoas do passado e do futuro:
"Não é bom quando eu vou a fundo e vocês vêm ter comigo — isso incomoda-me, mesmo que vocês não possam ver com quem estou a falar… Às vezes estou rodeada pelos de cima, outras vezes pelos subordinados deles, mas são todos do espaço sideral, e quando falam, põem-me algo como auscultadores nos ouvidos — as vozes chegam de muito longe e soam como um eco. Por isso preciso de paz e silêncio.

Às vezes fico muito nervosa e as pessoas pensam que sou má. Vejo um anel que se aperta gradualmente à volta da Terra, sinto o tormento de todas as pessoas e não posso, nem ouso, explicar, porque uma voz muito severa avisa-me constantemente para não tentar explicar nada, porque as pessoas merecem a vida que levam. Como ajudar estas pessoas que não respeitam ninguém, que correm atrás da destilaria por dinheiro e coisas… Como se o homem não tivesse outro objetivo senão pisar tudo o que é luminoso e sagrado, que alcançou à custa de sacrifícios tão caros…"

Naquele dia, 30 de Maio de 1988, Vanga disse que uma mulher muito bonita, vestida de branco, andava à sua volta e já estava parada em frente às pessoas que iam entrar para a ver. Observou-a durante muito tempo, com prazer, pois as roupas da mulher brilhavam como prata. Naturalmente, ninguém viu essa mulher.

Quando o responsável começou a deixar entrar as pessoas para Vanga, a "mulher prateada" elevou-se cerca de dois metros acima do chão. Era extremamente bela. "Quando eu via, como vocês veem, nunca vi tanta beleza reunida numa só figura humana", disse Vanga.

Já passa das doze horas. A cidade dorme profundamente, mas Vanga ainda está acordada. Lavada, limpa e alegre, mesmo à meia-noite ajoelha-se diante do ícone milagroso para a oração noturna e reza pela saúde, vida e sucesso de toda a humanidade.

## MENSAGEIROS CELESTIAIS

Entramos agora numa parte muito delicada da nossa narrativa, que pode ser chamada, de forma muito livre, "Os Mensageiros". Algumas das nossas conversas íntimas com Vanga foram descritas no primeiro capítulo. Vamos continuar.

Um dos dias de verão de 1979. Vanga está bem-disposta, mais conversadora do que nunca. Anoto à pressa:

"Vejo-os há cerca de um ano. São transparentes. Parecem o reflexo de uma pessoa na água. O cabelo é macio como penugem de pato e forma uma espécie de auréola em volta das cabeças. Atrás vejo algo que parece asas. Muitas vezes, quando chego a casa, encontro-os no meu quarto. Falo com eles antes de chegar ao portão, e oiço sons longos e lentos, muito melodiosos, como um coro a cantar salmos. Dizem que vêm do planeta Vamphim — o terceiro planeta de Barth, ou assim percebo. Não sei porque vêm aqui. Às vezes um deles pega-me na mão e leva-me ao planeta dele. Eu sigo-o.

Caminho na terra (mas não é a Terra!), salpicada de estrelas. É como se as pisasse. Os que me guiam movem-se muito depressa, aos saltos. Vão e voltam. No planeta deles, tudo é muito belo, mas não consigo descrever. Por algum motivo, não vejo habitações em lado nenhum. Estas criaturas são muito severas. Quando falam, as vozes ressoam como um eco. Às vezes põem-me algo como auscultadores nos ouvidos. Para quê? Não sei.
Trabalham muito, com clareza e de forma organizada. Dizem que há muito poucas pessoas através das quais fazem ligações diretas com a Terra. Controlam-nos. Não me deixam falar sobre o que ouço e vejo deles.

Ouvi isto recentemente: 'Viemos só por um momento. Temos de voltar depressa. Não esperem muito de nós, não façam perguntas: é-nos proibido falar.'

Um dia, colocaram duas esculturas na Terra, aparentemente dos seus concidadãos mais destacados. Sei a localização exata, mas não a posso mostrar. Uma escultura é assim: um homem sentado numa pedra lisa, a pensar, com a

cabeça apoiada na mão. Outra: um homem de pé, a olhar para o longe, segurando na mão direita um objeto que se assemelha vagamente a uma arma.

Quando estavam a colocar a escultura, um deles disse: 'Talvez devêssemos mover as figuras um pouco para o lado, para que as pessoas não vejam?' O outro respondeu: 'Não tenhas medo, não vês que eles são cegos?'"

Alguns anos depois...
Um dia, quando eu ia regressar de Rulit, a minha mãe contava-me algo, parada junto ao portão, e bateu acidentalmente com força o portão. Vanga disse logo: "Não fales tão alto nem faças barulho, há muita gente na casa."
Claro que a minha mãe não viu ninguém: a casa estava escura, silenciosa, deserta. A minha mãe diz que é sempre assim quando Vanga não está.

Eis o que a própria Vanga conta:
"Dessa vez entrei em casa e sentei-me numa cadeira no meio da sala, e eles sentaram-se à minha volta. Eram homens idosos, bastante velhos, com roupas ofuscantes, e a sala parecia iluminada pelo sol. Um deles disse-me: 'Levanta-te e ouve, vamos dizer-te algo sobre o futuro. Não tenhas medo de nada, porque tens um guarda à porta. Então: o mundo espera muitas mudanças, vai renascer e destruir-se de novo. O equilíbrio virá quando começarmos a falar com as pessoas!'"

Ou outra declaração sua, não menos interessante, na minha opinião:
"Vocês não veem, mas há agora muitas máquinas voadoras estranhas no céu. Vejo três 'pessoas' dentro de cada uma (claro, a palavra 'pessoa' está entre aspas). Oiço as palavras: 'Está a preparar-se um grande acontecimento!'"

Maio de 1989. Estamos sentados com Vanga a conversar. De repente o rádio ficou em silêncio. Vanga: "Aqui estão eles. Vieram, e o rádio calou-se."
Ela atende as pessoas, fala, fala, e de repente pára. Explica: "Estou cansada, e depois aquele que me diz vai-se embora de repente, e eu não posso dizer mais nada ao visitante. Eu digo, digo, digo — e ele desaparece. Tudo o que eu transmito desse sopro nunca muda. Mesmo depois de 20 anos, permanece válido."

Vanga:
"Os golfinhos também vêm ter comigo, falam comigo e eu entendo-os. Queixam-se: 'Está a ficar demasiado quente debaixo de nós. Já não aguentamos

mais.'"
"As 'forças' disseram-me uma vez que o Gagarin não ardeu no avião e não morreu, mas foi 'levado'. Por quem, porquê, para onde — não explicam."

A definição de tempo de Vanga: existe o "grande tempo", apenas "tempo" e "tempos".
Ela disse: "Observei os astronautas da Terra com grande interesse quando pousaram na Lua. Mas eles não viram nem um milésimo do que eu vi lá..."

Então, que criaturas são estas que comunicam com Vanga e visitam a sua casa? Na opinião dela, têm uma hierarquia rigorosa, existem os seus "superiores", que aparecem raramente e normalmente apenas quando é necessário comunicar acontecimentos excecionais, ou quando se esperam graves desastres naturais.

Quando a minha pobre tia fica a saber de uma catástrofe iminente, empalidece, desmaia, saem-lhe palavras incoerentes da boca, e a sua voz, nesses momentos, nada tem a ver com a voz habitual. É muito forte, nada tem a ver com o seu vocabulário quotidiano. Estas palavras parecem-me desconexas. É como se uma mente alienígena tomasse posse dela para anunciar acontecimentos fatais. Ela chama-lhe "grande força" ou "grande espírito". Vejo sorrisos céticos nos rostos dos leitores e quero esclarecer que todas as definições de Vanga devem ser entendidas de forma condicional. Na verdade, nem sequer temos termos para definir as imagens e fenómenos que se lhe revelam. Vamos imaginar como se comportaria qualquer um de nós no lugar da Vanga... É claro que ela encontrou as palavras que entende, que são mais próximas da sua compreensão e perceção.

A "voz" que lhe diz algo também deve ser entendida de forma condicional, porque soa dentro dela, "na minha cabeça", como diz Vanga. No entanto, ela ouve-a, entende-a, responde-lhe mentalmente. Como isto acontece, não sabe explicar, mas a comunicação é fácil e natural, sem qualquer esforço da parte dela. Não é algo de que goste particularmente, e pode evitá-lo, se quiser.

Vanga explica que são "forças" (mais uma vez usando o seu termo, pois é difícil encontrar outro mais expressivo) que se elevaram da terra para o ar, porque a Terra agora está impura. Não é difícil supor que um cientista — se compreendesse o que se passa e o que é tão claramente visível para Vanga — encontraria outros termos e daria outras explicações. Mas basta à Vanga saber.

Mais uma vez, quero sublinhar que o leitor não deve tomar como «verdade absoluta» as declarações de Vanga sobre «o espírito que habita o seu corpo», sobre as «forças» que circulam no ar ou sobre as «vozes» que ela ouve e compreende. Mas também não devemos assumir que estamos perante uma manifestação de misticismo, muito menos de doença. O facto de ela, uma mulher de instrução modesta, já idosa, tentar enquadrar os seus sentimentos, sem dúvida grandiosos, em algum quadro de referência aceite em geral, em palavras que conhece, não a diminui em nada, nem torna a tarefa mais simples — uma tarefa cuja natureza talvez nunca sejamos capazes de compreender, quanto mais resolver. Esta é a minha opinião — os cientistas provavelmente pensarão de outra forma.

O jornal "Narodna Mladezh", na edição de 11 de Agosto de 1988, publicou um artigo sobre uma mulher de Plovdiv que, tal como a moscovita Juna Davitashvili, tem a capacidade de «ouvir com as mãos». A primeira metade do texto fala sobre a mulher em si, sobre as suas sensações, sobre como foi visitada por «seres extraterrestres» que a hipnotizaram, fizeram algo ao seu cérebro. Achei interessante e pedi à minha mãe para ler o artigo à Vanga. A mãe assim fez. Vanga ouviu tudo e disse apenas: «Porque é que se admiram? Eles já andam entre nós.»

Sob o título "Onde está o Planeta X?", na edição de 23 de Setembro de 1988, o jornal "Rabodnichevo Delo" publicou a seguinte mensagem do seu correspondente em Moscovo:

*«Um conhecido cientista do Turquemenistão, Odek Odekov, propôs hipóteses interligadas que podem explicar certos fenómenos naturais que ocorrem na Terra e a influência de civilizações extraterrestres. Segundo o cientista, aproximadamente de 3600 em 3600 anos, a nossa Terra posiciona-se favoravelmente em relação ao Planeta X. Desenhos e anotações de astrónomos da civilização suméria falam deste misterioso planeta. Segundo os antigos, o Sistema Solar é composto por 12 corpos celestes — o Sol, a Lua e 10 planetas. Conhecemos 9 planetas. Os cientistas continuam a procurar este Planeta X, que pode mover-se numa órbita inclinada, tornando-o muito difícil de detectar. Se se sabe que à terceira velocidade cósmica é possível sair do Sistema Solar, então não é difícil supor a possibilidade de visitas à Terra por representantes de civilizações extraterrestres. As lendas sobre anomalias atmosféricas na Antiguidade, que*

*chegaram até nós sob a forma de hieróglifos, lendas e mitos bíblicos, coincidem com a época aproximada destas possíveis visitas: há 7600 e há 3600 anos.»*

Imaginemos, por um instante, que este planeta já foi «descoberto» por Vanga em 1979, que o seu nome é realmente Vamphim e que é o terceiro da Terra, e que os alienígenas com quem comunica — e a quem deve o seu dom profético — são habitantes precisamente deste planeta. Será isto possível?
Aparentemente, só podemos esperar até recebermos um sinal convincente de outros seres inteligentes. Também é possível que os futuros avanços da ciência expliquem os nossos equívocos e que venhamos finalmente a aceitar a ideia de que não existem outros seres inteligentes no Sistema Solar além de nós. Penso que, se contasse isto tudo à Vanga, ela apenas se riria, dizendo: «Tretas, eu sei que eles estão lá.»
E, de facto, como poderia eu explicar de outra forma um acontecimento espantoso que tive a sorte de testemunhar há oito anos e que ficará para sempre na minha memória?

As pessoas recorrem à Vanga com as mais incríveis perguntas, problemas e pedidos. É até engraçado, mas fãs do "Sportloto" (loto) aparecem para lhe pedir conselhos… sobre que números apostar para ganhar o grande prémio. Vêm caçadores de tesouros. Alguns trazem documentos e mapas antigos, pensando que se Vanga os tiver nas mãos, facilmente se orientará e lhes mostrará o local exato onde o tesouro está enterrado. Tais pessoas, Vanga expulsa com indignação, pois não reconhece «dinheiro fácil» e não suporta caçadores de riqueza fácil.

Foi assim que, certa vez, lá em Rupite, um homem apareceu junto da minha mãe: pedia-lhe que convencesse Vanga a recebê-lo. Mostrou-lhe um pedaço de papel amarrotado com dez linhas de caracteres escritos — ou melhor, muito mal copiados, pareciam hieróglifos. No topo da folha, rabiscos, como se uma criança os tivesse desenhado. O homem disse que eram mapas antigos. Eu ouvia a conversa com metade da atenção, cada vez mais irritada, pois tínhamos de ir a Petrich com urgência. E o visitante explicava, em pormenor, que já mostrara o mapa a cientistas em Sófia, mas ninguém conseguira decifrá-lo. Até lhe disseram que era uma fraude — uma sequência de ícones ridículos, nada parecido com escrita, nem moderna nem antiga. O nosso visitante não convidado decidiu que só Vanga poderia decifrar o mapa e indicar onde estava escondido o imenso tesouro.

A minha mãe sabia que Vanga não gostava de receber tais pessoas e tentou convencê-lo a desistir. Mas ele insistiu tanto que ela acabou por ter pena dele. Para minha grande surpresa, ouvi a minha mãe explicar ao homem que a filha dela — ou seja, eu — estudava hieróglifos e talvez conseguisse decifrar aquela escrita misteriosa. Como qualquer mãe, claramente sobrestimava as minhas modestas capacidades.

O persistente caçador de tesouros aproximou-se de mim — eu estava sentada num banco junto à casa de Vanga — e contou-me novamente todos os detalhes da sua história. Eu ouvi pouco, apenas espreitei para o papel amarrotado. Onde! Como poderia eu decifrar aquilo, se o meu conhecimento de árabe e da escrita hieroglífica turca antiga é limitado? Não, aquele amontoado de símbolos não era para mim. Apesar de tudo, decidi copiar o texto para, mais tarde, mostrar a especialistas sérios em Sófia, quem sabe resolvessem o enigma. O caçador de tesouros ficou felicíssimo e combinámos que voltaria para saber do resultado.

Confesso que o esqueci de imediato, convencida desde o início de que aquilo era disparate. Lembro-me de termos ido a Petrich com a mãe, feito as compras, tratado dos assuntos e regressado a Rupite depois de almoço. Foi então que Vanga me chamou ao quarto onde costuma descansar: disse que tinha ouvido a conversa com o caçador de tesouros. Ficou em silêncio, pensativa, e depois falou com firmeza e voz alta:

«Isto não é disparate. Estamos a falar de um documento importante, mas não é 'cap para Senka', não é para os dentes dele — ninguém conseguirá lê-lo hoje. O texto e o mapa foram copiados muitas vezes: de geração em geração, as pessoas tentaram descobrir o segredo do texto. Mas ninguém o conseguirá decifrar. E este documento não fala de tesouros escondidos, mas sim de uma escrita antiga, ainda desconhecida no mundo. Os mesmos hieróglifos estão gravados no interior de um caixão de pedra, escondido nas profundezas da terra, há muitos milhares de anos. E mesmo que as pessoas encontrem por acaso o sarcófago, não conseguirão ler a escrita. Há coisas tão interessantes lá — conta-se a história do mundo tal como era há dois mil anos e tal como será dentro de outros dois mil anos.

Este sarcófago foi escondido na nossa Terra por gente vinda do Egipto. Foi assim: uma caravana de camelos, escoltada por soldados e os seus comandantes mais altos, acompanhados ainda por muitos escravos. Quando

chegaram à nossa terra, pararam para descansar. Nessa noite, os escravos começaram a cavar um buraco profundo. Um carregamento misterioso — um sarcófago — foi baixado para a cova e esta rapidamente coberta de terra. Quem fez o trabalho foi morto, todos eles. Este segredo está borrifado com sangue inocente, espera ser revelado, decifrado pelas pessoas — a mensagem de há milénios é preciosa, pertence à humanidade.»

Eu ouvia a Vanga e não queria acreditar no que ouvia. Será possível tal milagre — a existência de uma escrita até hoje desconhecida, dirigida a gerações futuras, durante dois milénios? Conhecendo Vanga, não posso deixar de acreditar nela, mas esta história pareceu-me mais do que incrível. Quando fui a Sófia, entreguei a cópia da carta a colegas para analisarem e todos confirmaram que o texto era impossível de ler — não fazia sentido. Deixei de pensar nisso e um dia rasguei-o e deitei-o fora.

Passado algum tempo, Vanga e eu voltámos a falar do mapa e do «tesouro» escondido. Notava-se que Vanga tinha gosto em falar sobre o tema. Tive a impressão de que ela própria se surpreendia com o que tinha dito:

«Hoje, os mais eruditos cientistas, os mais sábios professores, não decifrarão o mapa nem encontrarão o sarcófago. O tempo ainda não chegou.»
Perguntei: «Talvez devêssemos procurá-lo. Se eu soubesse para onde ir, os meus amigos e eu iríamos até ao fim do mundo.»

«Sabes tu onde procurar?» — Vanga não respondeu. Depois vieram outras pessoas vê-la, ela conversou com elas, mas notei que voltava muitas vezes o rosto na minha direção, como se estivesse a ouvir algo que não podíamos ouvir, a fitar algo invisível para nós. Quando voltámos a ficar sós, Vanga, concentrada, falou devagar e com clareza, como se estivesse a ler num livro:

«Vejo montanhas, este lugar fica nas montanhas, nas montanhas...»
Tive a sensação de que Vanga estava agora algures nas montanhas e contava-me em pormenor o que via: erva curta e dura, pedrinhas, trilhos. E depois — afiada como o dente de um animal predador, a rocha.

«Irão no dia 5 de Maio.» Perguntei: «Porquê nesse dia em especial?»
«Vão a essa rocha,» disse a minha tia, «por causa da posição dos corpos celestes.» O mais importante pode ser visto ao luar, assim como ao nascer do sol. Depois deixou claro que não queria falar mais sobre o assunto.

Na verdade, eu não tinha a certeza do que significava aquela última frase da Vanga. No entanto, nós, a família, estávamos habituados a não fazer muitas perguntas. Os meus amigos acolheram entusiasticamente a ideia, e na manhã do dia 4 de Maio estávamos prontos para a jornada. À tarde, pusemo-nos a caminho.

Vaguear por entre os montes foi mais deprimente do que agradável. Houve momentos em que, duvidando do êxito da nossa aventura, sugeri regressar à cidade, mas os meus amigos não aceitaram. Para grande surpresa nossa, chegámos lá à tarde. Vanga descrevera tudo com tal precisão e detalhe que era simplesmente impossível enganar-nos. Vimos também a rocha — afiada como o dente de um animal predador — que fechava a orla norte de uma pequena clareira; vimos as pedrinhas sob os pés e a erva dura como arame. A terra, aquecida pelo sol, transmitia uma paz impressionante; borboletas esvoaçavam no ar límpido da montanha, e as folhas das grandes árvores espraiadas cintilavam sob a luz solar.

No final da tarde, o céu escureceu de repente e choveu tanto que, numa hora, estávamos encharcados até aos ossos. A lona da tenda não serviu de nada: a água entrou até nos sacos de comida e de roupa seca. A chuva caiu durante cerca de duas horas e depois parou tão de repente como começara — mas o céu manteve-se carregado e sombrio. Estava escuro. Fizemos uma grande fogueira para nos aquecermos e secarmos. Estávamos tão confortáveis junto ao fogo que decidimos passar ali toda a noite.

Assim, os cinco sentámo-nos em redor da fogueira; a escuridão engoliu tudo à volta, o silêncio extraordinário ressoava nos ouvidos, e parecia que não restava mais ninguém no mundo além de nós. Assaltava-me o pensamento de que tínhamos vindo ali em vão, pois com aquele manto de nuvens nem a Lua nem o Sol se deixariam ver. O coração apertava-se-me, não queria pensar em nada, os olhos fechavam-se sozinhos. Eu e os meus companheiros dormíamos em pequenos cochilos junto ao fogo que se extinguia.

De manhã, o céu clareou; colocámo-nos ao pé da falésia, aguardando ansiosamente os primeiros raios de sol. Não sei bem por que razão permanecíamos ali, mas provavelmente foi a "descoberta" do dia anterior que pesou: na superfície da rocha, à altura dos nossos rostos, havia três depressões do tamanho e forma de pires. Formavam um triângulo isósceles, cujo vértice apontava para o chão.

Meia hora passou, mas nada de interessante aconteceu. O sol erguia-se devagar. E de repente, um raio de sol incidiu no dente afiado da rocha, desceu, alcançou o triângulo e rastejou devagar, da esquerda para a direita, como se seguisse as depressões na pedra. Observámos este fenómeno durante uns vinte minutos, e depois toda a rocha ficou subitamente iluminada por uma luz solar intensa. Não sei se este jogo de raios foi um acaso ou se testemunhámos algum fenómeno interessante, mas o facto é este: a 5 de Maio, um raio de sol desenhou um triângulo na rocha, que alguém já antes assinalara. Recebemos um sinal.

Passámos o dia inteiro a discutir o que se passara, a examinar a rocha, os círculos que formavam o triângulo, e esperávamos impacientes pela noite para ver o que a "irmã do Sol" — a Lua — nos mostraria. Mas, ao cair da noite, voltou a chover. Chuva outra vez. Ficámos novamente encharcados e secámos junto à fogueira, olhando, sem esperança, o céu sombrio e hostil. Ainda assim, era mais fácil do que na véspera. Confiávamos na Vanga e esperávamos um milagre. Perto da meia-noite, tomámos os nossos postos junto à rocha. Então? As nuvens começaram a dispersar-se, ao fim de meia hora surgiram as estrelas no céu, e logo depois apareceu a Lua.

De repente, um raio de luar — nem soubemos de onde veio — repetiu o jogo de luz do raio solar. Tocou o topo da rocha, depois, roçando repetidamente as depressões, durante uns quinze minutos desenhou o triângulo da esquerda para a direita, com o vértice para o chão, e depois desapareceu. Ficámos imóveis a dois ou três metros da rocha escura, ninguém ousava pronunciar uma palavra. Suponho que todos pensávamos na mesma coisa: será que este jogo de luz na rocha era acaso, ou havia ali algum padrão?

Mas o mais incrível ainda estava para vir. Poucos minutos depois, o lado sul, liso, da falésia onde estávamos começou a brilhar com uma luz cinzenta-clara, como um ecrã de televisão. E, um instante depois, surgiram duas figuras nesse "ecrã". Eram enormes, ocupavam toda a superfície iluminada. A parte lisa da rocha tinha cerca de 5 metros de altura por 3 ou 4 metros de largura. As figuras eram tão nítidas, tão em relevo, que a qualquer momento pareciam prestes a desprender-se da pedra e a caminhar na nossa direção. Foi espantoso — ficámos literalmente petrificados com o que víamos e… que pecado escondê-lo: de medo…

Lembro-me tão bem destas figuras que nunca as esquecerei enquanto viver. À esquerda, num rochedo em primeiro plano, víamos um homem idoso, ou melhor, um ancião, de pé, erguido na totalidade. Tinha cabelo até aos ombros e usava uma túnica comprida. A mão esquerda caía-lhe ao lado, e na direita, estendida, segurava um objecto — algo redondo, parecido com uma esfera, mas não era uma bola, antes um aparelho desconhecido.

Ao fundo, acima e à direita, estava outra figura. Não sei porquê, mas fez-me lembrar um faraó. Um jovem, sentado numa cadeira, com as pernas juntas, as mãos pousadas nos braços da cadeira. Na cabeça, usava um gorro alto, de cada lado algo como antenas.

O "ecrã" brilhou durante bastante tempo, por isso pudemos observar bem as formas e gravá-las na memória. Depois, a rocha "apagou-se" e tudo mergulhou na escuridão. Não havia o menor indício de qualquer luz em volta, por isso não havia sequer de onde poderiam ter vindo aqueles efeitos luminosos.

Quando voltámos a nós e iluminámos o local com uma lanterna, olhámos para o relógio e percebemos que tínhamos assistido a aquela cena estranha durante cerca de vinte minutos.

Em silêncio, fomos para as tendas, como se obedecêssemos a uma ordem, começámos apressadamente a arrumar a bagagem, e na escuridão cerrada, iluminando o caminho com a lanterna, tropeçando em raízes e pedras, saímos dali rapidamente e em silêncio, de regresso a casa. Duas horas depois, vimos as primeiras luzes da cidade.

Sentindo-nos aliviados pela proximidade das pessoas, falámos todos ao mesmo tempo. Descobrimos que os cinco tínhamos visto exatamente a mesma coisa… Teria sido uma psicose coletiva? Mas não sabíamos por que razão estávamos junto da rocha, nem poderíamos imaginar o que veríamos ali. Lembrei-me da observação da Vanga: «Devem observar os primeiros raios do Sol e da Lua.»

Uma vez que eu era parente da Vanga, alguém poderia pensar que estava mentalmente preparado para algum acontecimento, mesmo sem saber o quê. Mas e os outros? Éramos de idades, formações e convicções diferentes. E eu nem sequer me lembrava das "visões" da Vanga ligadas à instalação de duas esculturas por alguns extraterrestres. Nem hoje teria pensado nisso se não tivesse encontrado as minhas notas guardadas na biblioteca desde 1979.

Portanto, sugestão não pode ter sido. Então o que foi aquilo? E por que razão a Vanga nos enviou precisamente para aquele lugar?

No dia seguinte, fui ter com a Vanga e contei-lhe tudo em detalhe. Ela achou tudo muito interessante, mas absteve-se de comentar.

O que vimos ainda hoje nos persegue. Fomos lá mais algumas vezes, de manhã e à noite, mas nunca mais vimos nada. Decidimos não contar a ninguém este caso extraordinário, quase fantástico. Lembro-me das palavras da Vanga: «O tempo dos milagres chegará, a ciência fará grandes descobertas no campo do imaterial. Em 1990, testemunharemos descobertas arqueológicas surpreendentes que mudarão radicalmente a nossa compreensão dos mundos antigos. Todo o ouro escondido virá à superfície da terra, mas a água esconder-se-á. Assim está ordenado.»

Acredito profundamente no que a Vanga disse sobre as futuras descobertas da ciência moderna. E espero também que um dia ela me dê — a mim e aos meus amigos — a chave para esse estranho mistério que marcou as nossas vidas com um toque do sobrenatural e mudou por completo o nosso entendimento do mundo real. O que é real neste mundo, e o que é irreal? E onde fica a fronteira entre um e outro — se é que existe? Não sei se algum dia encontrarei resposta para estas perguntas. Não sei se alguma vez conseguirei compreender o que é, de facto, o fenómeno Vanga.

Mas, sem pressa de espreitar o futuro, voltemos ao presente e escutemos o que mais esta minha sábia Vanga podia dizer-nos sobre a nossa terra, sobre o nosso tempo. A minha mãe recorda:

"Foi em 1948. Vanga disse-me: 'Presta atenção às minhas palavras: há agitação nos Balcãs neste momento, mas chegará o dia em que todas as capitais balcânicas darão as mãos — uma mão de ajuda e de amizade. Grandes líderes de Sófia, Bucareste, Atenas e Ancara sentar-se-ão juntos, e conversarão com calma e dignidade para encontrar um caminho para o entendimento mútuo.'"

A previsão feita pela Vanga há 40 anos é, na minha opinião, muito interessante. Afinal, está a começar a concretizar-se. Quando me sentei para escrever estas páginas, estava a decorrer em Belgrado uma reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros dos países balcânicos. Debatia-se a forma de alcançar boas relações de vizinhança e uma paz duradoura.

Vanga repete sempre:
“Não é preciso lutar pela paz de arma na mão. Se insuflarmos bons pensamentos nas pessoas, daremos um passo sério para alcançar a paz. Muitos líderes de vários países já dirigiram os seus esforços nesse sentido. Não há outra saída. É preciso tratar-nos uns aos outros com bondade e amor para podermos salvar-nos. Todos salvam a si próprios. Juntos. Se não entendermos esta verdade simples com a mente, seremos forçados a entendê-la pelas inflexíveis leis do cosmos. Mas então será demasiado tarde, e essa revelação custar-nos-á muito caro.”

Guardo também uma anotação de 1987, que registei das palavras da Vanga:
“As pessoas inventam novas leis — costuram roupas de um novo corte. Mas ainda demorará muito até criarmos um tecido forte. Não precisamos de roupa artificial, mas de roupa natural que irradie calor. Sim, passarão anos até que chegue um homem alto, um estrangeiro, que será um bom alfaiate e um bom costureiro...”

E outra entrada, datada de Janeiro de 1988:
“Estamos a ser testemunhas de acontecimentos decisivos. Dois dos maiores líderes do mundo apertaram as mãos para provar que é possível e necessário dar o primeiro passo em direção à paz universal. Mas ainda levará muito tempo, muita água correrá, até que venha o Oitavo — ele assinará a paz definitiva no planeta.”

Se pusermos de parte, por agora, aquelas frases cujo sentido não nos é totalmente claro (“o Oitavo virá” — quem será ele, de que país ou de que planeta?), só podemos admirar a capacidade da Vanga de se exprimir numa linguagem tão bela, quase poética.

Imaginem por um instante quão maravilhosa — e em que forma requintada — ela poderia ter partilhado tudo isto connosco, se tivesse tido a educação atempada e digna da sua alma sensível e do seu coração generoso. Mas tudo acontece como tem de acontecer.

... Percorri um longo caminho até chegar a estas páginas. Guiada por um amor puro e sincero, procurei olhar convosco para este mundo misterioso cujo nome é Vanga; mostrar a Vanga tal como ela é de verdade; contar-vos a vastidão dos seus interesses, a sua moral firme, a sua alta dignidade humana, assim como a sua missão difícil — mostrar-nos o caminho do bem, do amor e da fraternidade.

Cito de novo as suas palavras: "Estou aqui colocada e meço rigorosamente um tempo certo de permanência na Terra. Dou a mão aos desesperados e mostro-lhes para onde devem ir."

E pergunto: não será este o único caminho que nos pode levar a um futuro mais luminoso? Não será este o nosso destino terreno — dar a mão aos desesperados? E novamente recordo: "Devemos ser bondosos e amar-nos uns aos outros para nos salvarmos! O futuro pertence às pessoas de bem, elas viverão num mundo belo, que agora nem sequer conseguimos imaginar."

Quanta esperança e confiança Vanga nos dá! Nestes dias conturbados, é especialmente reconfortante ouvir que a vida na Terra não perecerá, porque "chegará o tempo de um trabalho inspirado, do amor e da fraternidade entre todos os povos do planeta." Esta vida, bela e única, foi servida pela Vanga ao longo de meio século. Podemos confiar nela, porque todos os dias ela nos convence da exatidão das suas previsões. Guiada pelo seu dom incrível, Vanga ultrapassa todos os nossos ceticismos, desconfianças e rejeições da forma mais categórica. Seríamos mais pobres sem Vanga — este é o dom de que precisamos, apesar da nossa incompreensão. Afinal, é preciso que exista alguém a quem possamos contar os nossos segredos mais profundos; alguém de quem saibamos que nos escutará e entenderá; alguém em quem possamos acreditar, que nos ama de coração apenas por estarmos neste mundo, e que partilha a nossa dor; alguém que nos garante que a eterna e sábia Mãe Natureza nos envia, através da sacerdotisa cega Vanga, a sua mensagem mais importante: a vida na Terra não morrerá — ela é necessária ao futuro!

## Memórias de Testemunhas

Palavras de Sergey Mikhalkov

Encontros Inesquecíveis

No dia 22 de Agosto de 1979, anotei:
"Há já vários dias que vivo sob o impato da minha visita à Vanga, a vidente da cidade de Petrich. O seu nome é conhecido em toda a Bulgária e muito além das suas fronteiras. A sua impressionante e difícil de explicar capacidade de olhar para o passado de uma pessoa, de ver o seu presente e o seu futuro — um fenómeno único!

Esse dom manifestou-se em Vanga em 1941, quando, certa vez, durante uma trovoada, foi erguida do chão por um redemoinho e ficou cega por um relâmpago. Atualmente, Vanga recebe apoio do Estado e aufere o salário de uma investigadora. As consultas a que se dedica são organizadas e mantidas sob um controlo especial. As autoridades recorrem muitas vezes à sua ajuda, pois ela não só consegue indicar o paradeiro de uma pessoa como, por vezes, prevê com exatidão o dia, a hora e o local onde ocorrerá uma passagem de fronteira clandestina.

Diversos escritores de renome internacional — os americanos John Cheever, William Saroyan, o italiano Alberti e o nosso clássico russo Leonid Leonov — foram recebidos por Vanga. Todos ficaram profundamente impressionados com o seu dom de previsão.

Depois de uma conversa com Todor Zhivkov e o escritor búlgaro Lyubomir Levchev, estabeleci como meta visitar Vanga, fosse como fosse. Antes disso, tinha recomendado ao meu filho Andrey que a fosse ver — o que ele fez a caminho de Moscovo para Paris. O meu filho contou-me resumidamente esse encontro. Era muito pouco provável que Vanga soubesse algo da vida pessoal do meu filho, ou dos seus planos e intenções.
No entanto, ela disse-lhe que ele iria para a América, que poderia tornar-se uma 'estrela' se se dedicasse à arte, mas nunca à política. Falou de mim e da minha esposa, dizendo que o Andrey tinha bons pais."

Até hoje, tudo o que ela previu se concretizou. O Andrey foi para a América, realizou várias longas-metragens de grande interesse e tornou-se um cineasta de renome mundial. Dedica-se à arte e não se mete em política.

Cheguei à pequena cidade de Petrich, na fronteira com a Jugoslávia, por volta das 11 da manhã, acompanhado por uma intérprete, a Maria. Vanga fora

avisada da minha chegada e esperava-me numa pequena sala de receção, sentada num divã coberto com um tapete. A casa onde vive está rodeada de flores, que Vanga tanto ama, tal como brinquedos de criança e sabonetes perfumados. A sua sobrinha também nos acompanhou. A mãe da sobrinha — irmã de sangue de Vanga — está sempre presente durante os atendimentos. É preciso lembrar: Vanga é completamente cega. E, no entanto, vê aquilo que escapa à visão humana.

"Ah, este russo vai viver muito tempo!", exclamou Vanga, mal eu cruzei o limiar da sala. Só esta exclamação bastou para me aliviar a tensão que trazia no caminho para um encontro tão insólito.

Vanga fala em blocos curtos, por vezes erguendo bruscamente a voz.
Ouvi dizer que, ao receber visitantes e entrar em transe, Vanga vê com a sua visão interior as almas das pessoas queridas que surgem junto do interlocutor.

"Vejo a tua mãe", disse Vanga. "Ela está atrás de ti, zangada porque deixaste de festejar o teu aniversário. Deves celebrar sempre o teu aniversário — é o teu número da sorte." (De facto, eu não tinha celebrado o meu aniversário nos dois últimos anos.)

"Tens um filho, o Andrey — falei com ele", continuou Vanga. "Ele quer deixar a Rússia e ir para a América. Diz-lhe que não se meta em política."

"Ele não quer sair da Rússia", disse eu.

"Agora há gente mais forte do que ele a querer isso", retorquiu Vanga.

"Quem?", perguntei.

"A mulher do Andrey", respondeu Vanga, sem hesitar.
"Vejo aqui o Peter", continuou. "Alto, bonito, com olhos grandes. Morreu há muito tempo. Quem achas que é?"

"Deve ser o meu tio..."

"Conheceste o teu avô?", perguntou Vanga. "Ele também está aqui. Era militar. Tenente-coronel... meio louco, mas saudável e faz-te continência." (O meu avô, pai do meu pai, era capitão de estado-maior reformado. Morreu em 1916,

mentalmente perturbado, mergulhado numa negra melancolia após a morte da esposa que tanto amava.)

“Tens dois irmãos e uma irmã”, continuou Vanga. “Um irmão sofreu muito, teve quatro operações. E a tua irmã está aqui agora...”

“Eu não tenho irmã...”

“Mas eu vejo-a”, insistiu Vanga.

“Então quem é esta menina?”, exclamou Vanga, impaciente. “É a tua irmã!”

E eu lembrei-me de que, de facto, tive uma irmã que morreu aos cinco anos.
“E vejo outro Peter, com o irmão ao lado. Quem são eles para ti?”

Não fazia ideia, naquele momento, que se referia a dois irmãos: Pyotr Petrovich e Maxim Petrovich Konchalovsky...

“Ele também veio aqui”, disse Vanga.

“Mas eu não tinha um amigo assim...”

“Mas eu vejo-o também”, repetiu Vanga. E recordei-me de um grande amigo de infância, o Bayan.

“Como distingues os vivos dos mortos?”, perguntei.

“Os vivos estão de pé, sobre a terra, e os mortos são transparentes... e balançam-se no ar”, explicou Vanga.
“Estiveste na América recentemente”, prosseguiu, “em Nova Iorque e noutras cidades. Vives com razão, não tens nada a temer. Não gostas de dinheiro, vives limpo. Continua a viver assim, não mudes nada de importante, tudo seguirá o seu curso... Falaste com o Brezhnev, volta a falar com ele.”

“É difícil”, disse eu.

“Não importa. Ele falará contigo, se quiseres. Fala com ele... O teu pai morreu cedo. Alguma vez negociou?” (Na verdade, durante a Revolução, o meu pai envolveu-se por um tempo em negócios.)

"A nossa Terra é visitada por seres de outros planetas", mudou de assunto Vanga, "da planeta Vamfim. O equipamento instalado nas naves será o primeiro a captar os sinais deles. Mas levará duzentos anos até estabelecerem contato direto com os humanos. Honra a memória do Gagarin. Ele está lá, orienta os vossos cosmonautas no espaço. E tu, vive com razão e faz o bem às pessoas..."

Vanga falou-me de forma franca, sem rodeios, abordando até aspetos pessoais e íntimos da minha vida. E tudo o que disse era verdade. É espantoso como esta mulher búlgara cega conseguia penetrar com tanta exatidão na vida de outra pessoa...

Mais tarde, encontrei Vanga mais três vezes. Recebeu-me de boa vontade, deu-me conselhos para a vida. Fiquei a saber depois que raramente falava durante tanto tempo com alguém... Tudo o que ela me previu cumpriu-se ou está a cumprir-se...

O nosso clássico russo, Leonid Maksimovich Leonov, que também visitou Vanga, recordava-a muitas vezes nas nossas conversas. E Vanga, por sua vez, perguntava sempre por ele. Como o próprio Leonov me contou, ela falava-lhe do seu romance, em que trabalhava há quarenta anos.

"Vais viver enquanto escreveres e não acabares o teu livro", previu Vanga. Talvez seja por isso que Leonid Maksimovich dizia constantemente que o trabalho na "Pirâmide" ainda não estava concluído e, por isso, não o dava à imprensa. No fim, acabou por ser convencido… a Pirâmide foi impressa. Passou-se pouquíssimo tempo — e Leonov partiu…
E já não havia a Vanga da cidade de Petrich. Em sua memória foi inaugurada uma igreja. As pessoas recordam-se desta vidente cega com gratidão…

Andrey Sergeyevich Konchalovsky (Miltchalkov) — filho de Sergey Miltchalkov, conhecido no mundo como Andrey Konchalovsky. Em 1980, foi para os Estados Unidos, para Hollywood. Fez vários filmes lá, entre os quais se destaca o êxito de bilheteira *Tango & Cash* (1989), com Sylvester Stallone e Kurt Russell nos papéis principais. O seu último filme, em 2020, *Queridos Camaradas*, foi nomeado pela Rússia para o Óscar de Melhor Filme Internacional.

Sergey Mikhalkov — escritor, poeta, dramaturgo e publicista russo, correspondente de guerra, argumentista, fabulista, figura pública.

Kirsan Ilyumzhinov
Previsões para o jovem presidente
O jovem presidente da Calmúquia (Kirsan Ilyumzhinov) fazia parte de um restrito círculo de pessoas que tinham a feliz oportunidade de visitar constantemente a célebre vidente. Eis o seu relato:

"A Vanga tinha mesmo o pressentimento da sua morte iminente. Mas eu tentava sempre transformar essas conversas em brincadeira. Quando homens em pleno vigor vinham à consulta, ela também arranjava maneira de se divertir à custa deles. Um dia fui com um amigo e a mulher dele. De repente, a meio da conversa, a avó mudou de assunto abruptamente e começou a enumerar as amantes do meu amigo, com nomes e episódios da vida: encontraram-se com a Valya no hotel, foram às Canárias com a Maria, e a ligação com a Tânia foi curta... O meu amigo quase teve um ataque cardíaco. Começou a empurrar-me ativamente debaixo da mesa com o pé. A Vanga percebeu logo o estado dele e arranjou forma de virar tudo em piada, de modo a que ele continuasse fiel aos olhos da mulher.

A casa da avó (Vanga) em Petrich ficava entre montanhas com nascentes termais curativas. As pessoas, enquanto esperavam pela sua vez para a consulta, tratavam as suas maleitas nessas nascentes naturais. Havia flores por todo o lado na propriedade, e muitas estavam em vasos na varanda (o alpendre das casas rurais, frequentemente anexado à casa), onde ela recebia as pessoas. Às vezes, a avó passeava pelo terreno e falava com cada flor. E também conseguia falar com os animais. O cão ficava ali, a olhá-la com olhos fiéis, a escutá-la atentamente.

A Vanga gostava de comer ao ar livre. Ao jantar, gostava de saborear um copo de uísque, uns 150 gramas. Bebia até ao fim, mas seguia rigorosamente a dose. Aliás, o presente de que mais gostava era precisamente uma garrafa de uísque. Por isso, eu levava sempre as melhores variedades que conseguia arranjar.

O dia de trabalho da minha avó começava todos os dias às oito da manhã, independentemente de tudo, até da sua saúde. A certa altura perguntei: "Talvez devas descansar, tirar um dia de folga?". "Não posso", disse a Vanga. "As pessoas vieram de tão longe para me ver." Durante o dia, das duas às quatro da tarde, fazia sempre uma pausa para dormir, e depois voltava a receber visitantes até ao anoitecer.

Com a minha avó comunicávamos de forma peculiar. Ela não falava russo. Mas assim que eu abria a boca para fazer uma pergunta, ela já estava a responder. Eu só precisava da tradução das palavras dela para mim. Lembro-me de ter estado na consulta de um rico xeque árabe. O visitante contou a doença da esposa, o tradutor traduziu a primeira frase, e a Vanga já começava a explicar em pormenor a natureza da doença e porque tinha aparecido… Para ela não havia barreira linguística.

A Vanga nunca veio à Calmúquia. E certamente nunca leu livros sobre a história dos calmucos. E um dia disse: "O teu povo passou por muitas provações, três migrações, mas o tempo de prosperidade ainda virá para os calmucos"… Em 94, pelos serviços especiais prestados à república, Vanga foi distinguida com o título de cidadã honorária da Calmúquia. Nunca se enganava nas previsões. Por exemplo, indicou com precisão um campo de petróleo no distrito de Chernozemelsky, que fica perto do Mar Cáspio. Agora vamos construir lá uma grande refinaria de petróleo.

A propósito, Vanga tem este único título honorário, apesar de ter recebido muitos presidentes das antigas repúblicas da URSS e de outros Estados. Lembro-me de lhe ter levado uma faixa especial e um traje tradicional calmuco. Ela vestiu-o, foi ao espelho, compôs-se e disse: "Agora podemos ir dançar." E ali ficou, a dançar.

Posso contar ainda outra previsão da avó. No Verão passado, disse-me: "Vejo dois presidentes de Kirsanov." Fiquei terrivelmente surpreendido. Tudo se esclareceu em Novembro, quando fui eleito presidente da Federação Internacional de Xadrez. Pouco depois fui a Petrich. E ela ria-se: "Eu não te disse?"… Às vezes ficava sentado, sem saber o que decidir sobre alguma questão muito importante. E de repente recebia uma chamada — um parente da minha avó ligava: "A Vanga mandou dizer para fazeres isto e ires ali."

Aliás, aqui está outra lenda que já apareceu na nossa imprensa. Supostamente, a avó Vanga esteve em coma nos últimos dois meses e só se movia com ajuda de assistentes. Não é verdade, ela nunca mostrou fraqueza, tentava não deixar ninguém notar. Nunca aceitou dinheiro, exceto sob forma de donativos, que destinava à construção da igreja de Santa Vanga.

Surpreendentemente, a minha avó supervisionou pessoalmente a construção da igreja. Eu próprio testemunhei quando ela ralhou com o mestre de obras por

causa de uma viga mal colocada. E o desenho da igreja foi inteiramente idealizado por ela...

Para dar ao leitor uma ideia da maneira de comunicar da Vanga, vou descrever quase palavra por palavra a nossa primeira conversa:
"Estás rijo como um pilriteiro... Como um lobo", começou a vidente, "Para que vieste ter comigo?"
Expliquei que gostaria de fazer algumas perguntas sobre a minha família.
"Deves cuidar da tua mãe", continuou. "Sim, ela morreu", disse eu.
"Não pensas no teu pai..."

"Eu sei que morreu. Agora vejo-o ao teu lado, pensa em ti", e a Vanga apontou para o lugar onde, segundo ela, estava a alma do meu pai naquele momento (o famoso poeta búlgaro Lubomir Levchev contou-me que uma vez perguntou à Vanga como conseguia distinguir tão exatamente os nomes dos vivos dos mortos; ela respondeu: "Vejo os mortos a flutuar sobre o chão"). Depois de nomear com bastante precisão a profissão do meu falecido pai, continuou:

"Porque é que vais ter com ele sem velas nem flores?"
Encolhi os ombros, sem perceber o que queria dizer. E alguns dias depois lembrei-me de que, quando estive de férias em Moscovo, cheguei tarde ao cemitério, e de facto não tive tempo de comprar flores, e nunca levei velas para o túmulo.

"O nome da tua mãe é Maria?"
"Não, Larisa."
"Estranho", disse a Vanga. Quando voltei para Sófia, liguei para Moscovo e contei à minha mãe sobre a viagem a Petrich, mencionando a confusão com o nome dela. A minha mãe não disse nada, mas alguns dias depois ligou-me a dizer que tinha falado com a minha avó e descobriu que, na maternidade, a minha mãe se chamou primeiro Maria, e só dois meses depois mudaram o nome para Larisa.

E a Vanga continuou sobre a minha mãe: "Ela tem de ser operada antes do fim do ano, vai correr tudo bem"... E assim foi: a operação correu bem, no prazo indicado pela Vanga. Diagnosticou o meu avô com precisão, disse-lhe quanto tempo lhe restava de vida e em que circunstâncias morreria. Depois, ao perguntar sobre o meu filho, disse: "Vejo que vais ter outro filho. Se for uma

filha, deves chamá-la Anya ou Elenushka. Mas aqui" (apontou para a mesa) "está escrito 'Anya'."

Onze anos depois, depois de conseguir divorciar-me e refazer a vida, tive mesmo uma filha. Chamou-se, como a Vanga queria, Anya. Mas o mais curioso é que, quando fui ao registo para passar a certidão de nascimento, havia um *Sviátsy* (para crentes ortodoxos: lista de santos e festas por ordem do calendário) em cima da mesa, como se fosse de propósito para mim. Decidi verificar que nome deveríamos dar à nossa filha de acordo com este livro sagrado. E calhou ser Anya!

No final da conversa, chegou a minha vez. Perguntei quanto tempo mais iria trabalhar na Bulgária.
"Vais viver aqui mais cinco anos. Mas podes partir ainda este ano, se for preciso. Vejo que, aos 38 anos, vais estar a estudar. E não ponhas um cigarro na boca..."
Para dizer a verdade, fui cético. Primeiro, porque naquela altura já vivia em Sófia há dois anos e meio, e não podia ficar mais cinco anos, devido aos termos da minha missão oficial. Em segundo lugar, pensei que muita gente podia prever como a Vanga: "ou ficas mais cinco anos, ou vais-te embora ainda este ano". E, por fim, o aviso sobre o cigarro pareceu-me ridículo: nunca tinha fumado na vida e não tinha qualquer intenção de fumar.

No entanto, a vida fez-me acreditar na Vanga... Trabalhei na Bulgária durante sete anos — mais tempo do que qualquer um dos meus colegas... Quando fiz 38 anos, ofereceram-me a oportunidade de continuar os estudos na Academia de Ciências Sociais. E, passado algum tempo, a vida obrigou-me a fumar..."
Registado por Albert Minnullin e Andrey Smirnov

Kirsan Nikolaevich Ilyumzhinov (calmuco: Kirsan Ulmain; nascido a 5 de Abril de 1962, em Elista, República Autónoma Socialista Soviética da Calmúquia, RSFSR, URSS) é um estadista e político russo, empresário. Presidente da República da Calmúquia de 23 de Abril de 1993 a 24 de Outubro de 2005. Chefe da República da Calmúquia de 24 de Outubro de 2005 a 24 de Outubro de 2010. Presidente da Federação Internacional de Xadrez (1995–2018).

## A IRMÃ DE VANGA CONTINUA A HISTÓRIA

"A Vanga e eu somos irmãs de sangue — filhas do mesmo pai e de duas mães. A Vanga ficou órfã, tal como eu, quando tinha dois anos. A mãe dela, Paraskeva,

morreu em terríveis dores ao dar à luz o segundo filho e está sepultada com ele. A minha mãe também morreu ao dar à luz o meu segundo irmão, que nasceria depois de mim. No entanto, nós as duas sobrevivemos e, graças a Deus, vivemos até à velhice. Estivemos sempre juntas, na alegria e na tristeza.

Desde pequena, lembro-me de espreitar a minha irmã Vanga em segredo. Quando ela chorava, grossas lágrimas escorriam dos seus olhos para sempre apagados. Não dizia nada, apenas chorava, mas apesar de tudo acreditávamos que a nossa vida de pobreza acabaria um dia.

Não me esquecerei de um momento infeliz. A Vanga andava pelo quintal e, sem querer, deu com uma grande caldeira. De uma forte pancada na perna, fez-se uma ferida profunda. Passou mais de uma semana e a ferida não sarava. A Vanga não fez nada — nem medicamentos, nem pensos. Os vizinhos olhavam e tinham pena dela, mas ninguém se ofereceu para ajudar no tratamento. Uma manhã, acordou-me muito cedo — aparentemente, não pregara olho toda a noite por causa da dor. Disse: 'Vai ter com a vizinha Maria e pede-lhe um pouco de sulfacto de cobre.' Lá fui eu. Ao ouvir o que eu queria, a vizinha pensou que a Vanga se queria envenenar e veio pessoalmente connosco.

A Vanga disse: 'Sai para as escadas, tritura o sulfacto de cobre até ficar em pó, apanha-o num papelinho e traz! Depois polvilha a ferida.' A tia Maria ficou assustada e disse que era perigoso, que o sulfacto de cobre era venenoso, mas a Vanga insistiu. Depois de eu ter polvilhado a ferida, ela pegou nas agulhas de tricô e começou a tricotar. Tricotava muito depressa, aparentemente queria abafar a dor. Devia ter dores terríveis, mas não disse uma palavra. Só se ouviam as agulhas a bater cada vez mais rápido.

A certa altura, a ferida começou a ferver. Ferveu durante algum tempo, depois saiu líquido, e então tudo parou. A Vanga perguntou-me o que via, e eu disse que já não saía nada, mas que a ferida estava branca. A Vanga pareceu sossegar. Na manhã seguinte, a vizinha veio a correr, mal o dia clareou, para saber como estava a Vanga. Tinha medo que algo acontecesse, mas a minha irmã disse que dormira como uma pedra aquela noite. Em poucos dias, a ferida sarou e a Vanga recuperou rapidamente. Ficámos muito felizes, porque tínhamos vivido juntas tantos anos e não conseguíamos imaginar como seria a vida uma sem a outra.

De forma igualmente estranha, ela tratou o nosso pai. Os turcos espancaram-no terrivelmente na prisão de Yedikule e o corpo dele ficou cheio de cicatrizes. Mesmo com uma simples nódoa negra, a pele inflamava e começava a infecionar. Uma vez magoou-se e a ferida não sarava durante muito tempo. Então, a Vanga fez-lhe uma pomada com cânhamo moído e banha derretida. Nenhum vizinho tinha ouvido falar de tal pomada, mas ajudou — vinte dias depois, o pai estava completamente recuperado.

Éramos muito pobres e não tínhamos praticamente nada — nem roupas, nem sapatos, por isso davam à Vanga roupas de mulheres mortas. Lembro-me da vizinha Veselina — morreu de tuberculose, e as roupas foram dadas à minha irmã. As pessoas tinham medo de vir ter connosco, sabendo que a doença era contagiosa. Mas nós não pensávamos nisso — como se costuma dizer, infeção não pega em infeção.

Quando chegámos à Bulgária, as coisas não ficaram mais fáceis. O meu genro, marido da Vanga, foi novamente chamado para treino militar em Belomorie. As autoridades oficiais em Petrich viam a Vanga como uma feiticeira e charlatã. O Conselho obrigava-a a cumprir serviço comunitário, a trabalhar quinze dias por mês. E se não pudesse, já se sabia — pagava uma multa. O dinheiro que as pessoas davam à Vanga era trocado miúdo. Todos os dias eu levava-o ao serviço de impostos. Lá, os funcionários praguejavam, dizendo que não trocavam por notas e que não queriam passar o dia inteiro a contar aquela ninharia.

Pagava-se muitos impostos com a Vanga. Registávamos quantas pessoas a visitavam e quanto pagavam, por isso os impostos variavam de dia para dia. Depois de regressar do treino, o genro começou lentamente a construir uma nova casa em Petrich, mas morreu muito jovem — tinha apenas 42 anos. A Vanga terminou a casa e deixou-a no estado em que está hoje. Mas depois abandonou-a e foi viver para os pântanos em Rupite. Porque o fez, ainda hoje não compreendo.

A Vanga era visitada por muitas personalidades importantes. Era obrigada a recebê-las a qualquer hora. Ninguém se preocupava em saber se estava cansada, a dormir ou a almoçar — isso não importava. O "grande" não podia, nem devia, esperar. Precisavam de tudo de imediato. E mais um detalhe: muitos dos "majestosos" locais tinham proveito direto dos serviços da Vanga.

Se alguém tinha problemas — para conseguir um produto escasso ou materiais de construção, ou para que o filho entrasse no instituto — descobriam quem podia ajudar e levavam essa pessoa até à Vanga, que a recebia fora de ordem, adivinhava e previa o seu futuro. Depois, claro, a pessoa agradecia de forma apropriada a quem organizara o encontro. Contudo, o mesmo acontece hoje, apesar da fraca saúde da minha irmã. Alguns dos poderosos, se se interessavam pela saúde dela ou pelos seus problemas, era apenas enquanto estavam com ela. Depois as promessas eram esquecidas.

As únicas pessoas que realmente sentiram pena dela e se chegaram à frente foram o Dr. Georgy Lozanov e, depois, Venko Markovsky e Ivan Argentinsky (que a terra lhes seja leve). Até a Vanga se tornar "funcionária pública", as autoridades locais não a largavam, incomodavam-na com todo o tipo de denúncias. Tornou-se alvo de assédio. Um dia enviaram um polícia para a prender e levar à esquadra. A Vanga estava sozinha em casa e pediu para esperar até o marido voltar do mercado para a acompanhar. Mas o polícia respondeu: 'Não posso esperar! Ouve os meus passos e não te perdes.' A Vanga chorou muito depois deste episódio.

A Vanga é um centro de atração para muita gente. Visitam-na por várias razões. E, apesar das inúmeras amizades, a minha irmã repetia há muito tempo: 'Estou sozinha, sozinha, e um dia vou ficar sozinha no planeta.' Ela sabe bem que quase todos os que se dizem seus amigos ou próximos vêm ter com ela por interesse próprio, não por amor a ela.

Agora está deitada, doente, numa pequena casa em Rupite, quase não fala e, provavelmente, folheia constantemente as páginas da sua vida trágica. Às vezes, sentada junto dela à cama, lembro-lhe em voz alta vários episódios da nossa infância distante. Às vezes, ainda nos rimos, mas na maioria das vezes — é triste. Mas tento recordar ou contar-lhe momentos mais divertidos, para lhe distrair os pensamentos. Ela reanima-se com as memórias e pede-me sempre para contar mais algo que tenhamos vivido juntas. Contudo, as nossas lembranças são mais amargas.

Lembro-me do tempo em que o poder sérvio chegou a Strumica. Os velhos não percebiam a língua deles. O meu professor era de algures na velha Sérvia. Todos os dias, depois das aulas, repetia: Um dia o meu pai esfarelou algum tabaco seco e saiu para a rua — era fumador inveterado, mas não tinha dinheiro para comprar cigarros. Na rua, foi abordado por funcionários da alfândega, que lhe

perguntaram em sérvio que cigarros fumava. O meu pai não entendeu nada, ficou parado, sem dizer palavra. Então revistaram-lhe os bolsos e encontraram tabaco esfarelado e pedaços de jornal cortados para enrolar cigarros.

O meu pai não lia jornais, porque não sabia a língua; serviam-lhe apenas de papel para os cigarros. Enquanto estavam ali, os funcionários encontraram mais qualquer coisa embrulhada num lenço e disseram-lhe que tinha de ir à câmara municipal pagar uma multa, já que fumar tabaco não processado era proibido. O meu pai, claro, não tinha dinheiro e, por este 'crime terrível', foi preso e passou quinze dias a partir pedras na estrada até à aldeia de Dobilya. Não lhes davam uma migalha de manhã, mas não sei como aguentou. Talvez fossem os trabalhadores da obra que os alimentassem.

Os nossos irmãos também andavam todos esfarrapados, com roupas remendadas, de tal forma que era difícil perceber onde estava o remendo e onde estava o tecido original. Mas eram rapazes muito bonitos, corados, como se vivessem uma vida como a das outras pessoas.

O sábado era dia de mercado em Strumica. Os nossos vizinhos iam regularmente ao mercado, nós íamos raramente. De vez em quando, a minha irmã mandava-me comprar um pouco de sal, que já tinha sido usado para salgar carne. Quando a carne era salgada, as donas de casa sacudiam o excesso de sal, recolhiam-no e vendiam-no, sobretudo a pobres como nós, mas pelo dobro do preço, já que o sal tinha absorvido o cheiro da carne. E, quando se cozinhavam feijões, deitava-se este sal, para que a água ao menos cheirasse a carne.

Um homem passava pela nossa rua com uma bilha de barro ao ombro e uma concha. Vendia leite meio diluído com água. Por dois dinares, servia uma concha. Em casa, ainda diluíamos mais o leite com água, esfarelávamos pão de milho seco em malgas e deitávamos o leite — a comida cheirava tão bem…"

Tínhamos uma galinha e um galo. A galinha punha todos os dias, e por uns quantos ovos, às vezes comprávamos pimenta e, se houvesse mais ovos, comprávamos um pouco de açúcar — mas isto era muito raro. Quando a Vanga começou a adivinhar usando açúcar, eu fiquei muito contente, porque adorava doces. Embora a Vanga não aprovasse as minhas ideias, eu ainda conseguia fazer algo parecido com uma sobremesa. Mas, em 1942, a Vanga casou-se em Petrich, e aí terminou a nossa "idílica culinária".

O irmão Vasil foi como soldado para Dupnitsa, foi alistado na 7.ª brigada de intendência. O irmão mais novo, Tom, foi para a Alemanha, ou melhor, foi levado à força juntamente com muitos outros rapazes. Tinha apenas 17 anos. Quando voltou, dois anos depois, estava irreconhecível. Tinha emagrecido tanto que a roupa mal se segurava nele. Mas ficámos felizes por o ter de volta vivo. Depois foi soldado em Sukhodol, perto de Sófia. Depois de regressar do exército a Strumica, casou-se e viveu com a família na Sérvia. Morreu em 1981.

Em 1947, eu também me casei. Todos os meus três filhos eram muito apegados à tia Vanga, porque cresceram ao pé dela. E esse carinho dura até hoje. Mas, nos últimos anos, começaram a infiltrar-se na nossa família pessoas estranhas, moralmente pouco limpas, que tentam criar discórdia entre mim e a Vanga. Pode-se dizer que nos tornámos vítimas de intrigas e calúnias. Os meus filhos ficam muito preocupados com esta situação tão anormal. Será possível riscar tantos anos vividos em conjunto com a Vanga? E porquê? Fico muito triste, mas os filhos repreendem-me e não permitem a menor crítica à Vanga. E é natural: afinal, as melhores memórias deles — em crianças — estão ligadas à Vanga.

"Ainda hás de ver o que vai acontecer em breve", diz a Vanga. Provavelmente será assim, tudo se há de pôr no lugar e ficará claro qual o papel de cada um dos que a rodeiam na vida dela.

Escrevem-se livros sobre ela, mas poucos tentam chegar ao seu verdadeiro âmago. Na maioria das vezes, o autor tenta mostrar o quão inteligente é, o quanto entende de tudo e quão próximo é da Vanga. Mas, na realidade, ninguém a conhece — nem o seu mundo interior, nem a sua vida real. Quanto tempo viverá, só Deus sabe, mas o seu mistério permanecerá.

Alguns tentam encontrar um caminho até ao talento dela, folheiam os livros da sua vida, mas só encontram páginas em branco. Cientistas e pseudo-cientistas, médiuns, adivinhos vêm e voltam a vir, mas nada entendem do que a Vanga diz. Ela fica zangada: "Se soubessem o que estão a pisar com os vossos pés e o que não conseguem ouvir com os vossos ouvidos, não ficariam aqui nem mais um minuto." Um cientista veio vê-la e trouxe um gravador. Fez perguntas à Vanga, tomou notas. Queria que ela lhe abrisse o céu para ele olhar lá para dentro e descrever tudo num livro. E bem, o livro saiu, mas não tem nada de significativo.

Muitas vezes, aparecia uma mulher convencida de que com a Vanga tudo lhe era claro e que conseguiria explicar tudo. Mas a Vanga disse-lhe que nem todos

têm o direito de conhecer os segredos do céu, e que quem não recebeu esse dom lá de cima, por mais que faça, por mais que ouça e escreva, continuará cá em baixo, onde sempre esteve.

No entanto, esses sensacionalistas e pseudo-cientistas continuam a vir, mas a Vanga já não pode, não consegue, nem quer recebê-los. O estado de saúde dela obriga-a a ficar deitada, mergulhada em si mesma, silenciosa e a perder-se nos pensamentos, para bem longe de nós.

A Vanga já esteve gravemente doente antes. Algum tempo depois de se mudar para Petrich, ficou seriamente doente (uma complicação nas pernas). Não conseguia dar um passo. Fomos aos banhos termais de Marikostinovo. Mas os tratamentos não ajudaram. A Vanga piorou ainda mais. Então pediu-me para a levar a um apiário, perto das abelhas. Sentou-se junto da colmeia e as abelhas colaram-se-lhe às pernas. Começaram a picá-la. Imagino a dor que sentia, mas nem um gemido deu. Ou foi dessa terapia, ou era chegada a hora, mas depois de uma semana, as pernas recuperaram.

Em Strumica, teve outra doença. As pessoas chamam-lhe "rubéola", mas o médico disse que era herpes. Mais ou menos de quinze em quinze dias, o rosto dela inchava e ardia, e a Vanga ficava irreconhecível. Havia um curandeiro em Strumica, e a Vanga recorreu a ele. Começou a tratá-la, cortando-lhe a cara com uma navalha, depois polvilhava algo por cima e cobria com papel de seda fino. Este procedimento repetia-se duas vezes por mês. Quando partiram para Petrich, o herpes desapareceu e não voltou mais.

A Vanga tem realmente um contato muito íntimo com a natureza. No início da primavera, quando as *gugutkas* (rolas bravias) começam a aparecer, já estávamos no quintal. A Vanga escutava-as e dizia: "Vem aí frio outra vez." Eu perguntava-lhe como sabia, e ela dizia que fora a *gugutka* que lhe contara. E, de facto, em poucas horas, o tempo mudava.

Havia três cães em Rulit. Cada um desempenhava um papel diferente. Um dos cães ia ao longe esperar pelo carro em que a Vanga vinha de Petrich. Todos os dias esperava num certo ponto, longe de casa, e assim que via o carro, corria à frente até o carro parar no pátio. Ali esperava que a dona saísse do carro e, assim que ela entrava em casa, voltava para o descampado. À noite, quando partíamos de volta para Petrich, o cão corria de novo à frente do carro e acompanhava-nos até ao local onde se tinha encontrado connosco de manhã.

Uma vez, o cão acompanhou-nos até à estrada principal, mas não voltou para Rulit como sempre, continuou a ladrar e a correr atrás de nós. Pedi ao motorista para parar, porque o cão claramente queria algo. Abriram a porta para ver o que se passava, e nesse momento o cão saltou para o colo da Vanga. Voltou a ladrar e não quis sair. Saltou do carro, mas não voltou para casa, ficou deitado à beira da estrada. Descobriu-se que a Vanga tinha deixado as chaves de casa em Petrich, em Rulit. Saímos do carro e o motorista voltou sozinho para ir buscar as chaves. Ao ver o carro regressar, o cão voltou para Rulit e ficou lá a guardar a casa.

Agora andam por perto todo o tipo de impostores, que se intitulam de "filhos" e "filhas" dela. É muito desonesto. Os filhos verdadeiros dela são os meus filhos, porque foi ela quem os criou. Eu e os meus irmãos éramos os filhos verdadeiros, porque quando estávamos doentes, ela velava por nós à noite, aliviava a nossa dor e sofrimento com o grande amor que só uma mãe pode dar. Depois ajudou-me quando os meus filhos estiveram doentes. O meu filho esteve gravemente doente com bronquite quando era pequeno. Estava sempre enrolado em cobertores, tomava medicamentos, xaropes, mas a doença não passava.

Um dia, eu e os meus filhos fomos visitar a minha irmã em Petrich (nessa altura morávamos em Sandanski). Lembro-me de ter vindo uma companhia de teatro à cidade, em digressão. Apresentavam *A Lâmpada de Ferro*. O meu cunhado comprou bilhetes para mim e para a minha irmã. Mas o menino teve uma crise, e eu não me atrevia a deixá-lo sozinho, sem vigilância. A Vanga disse: "Lubka, dá-lhe uma colher de mostarda misturada com mel." Dei ao menino o que a Vanga me disse, pus os miúdos na cama e fomos ao teatro. Quando voltámos e abrimos a porta, a Vanga começou a ouvir algo.

Ela tinha um ouvido extraordinariamente apurado. Perguntou: "Ouves algo a bater?" Eu disse que não ouvia nada, mas quando entrámos no quarto onde as crianças dormiam, fiquei assustada. O menino dormia, mas o coração dele batia tão forte que se ouvia ao longe. Quase enlouqueci. E a minha irmã disse: "Não tenhas medo, não é nada. Dissolve uma colher de açúcar num copo de água e dá-lhe a beber." Em pouco tempo, as pulsações voltaram ao normal e o menino adormeceu tranquilo. Graças a Deus, a bronquite nunca mais voltou.

A filha mais velha tinha dois anos quando agarrou numa frigideira a escaldar com a mãozinha. A mão inchou. Fiquei apavorada e corri imediatamente aos

correios para avisar a Vanga. Ao lado da casa dela, em Petrich, trabalhava um funcionário dos correios que tinha telefone. Se fosse preciso, eu ligava para ele, e ele chamava a minha irmã ao telefone. Quando lhe expliquei, atrapalhada, o que se passava, ela disse-me para bater bem uma gema de ovo fresca com uma colher de manteiga até fazer uma espécie de creme, depois embebedar uma gaze limpa com esse creme e fazer um penso na mão. Assim que pus o penso, a criança parou de chorar, acalmou-se e adormeceu.

De manhã, desatei o penso e fiquei surpreendida: não havia bolhas, nem queimadura, e a mãozinha estava branca e sã.

Não há mãe que não pudesse contar uma centena de histórias sobre as doenças dos filhos, e eu não sou exceção, mas agora conto-as porque estão ligadas à atividade terapêutica da Vanga. A minha filha tinha apenas 20 dias quando apareceu um abscesso do tamanho de uma ameixa no lado esquerdo do peito. Nessa altura estávamos em casa da minha irmã, em Petrich, porque não havia água em Sandanski devido a um grande acidente na canalização. Acordámos de manhã, e a bebé chorava. A enfermeira disse que devíamos ir à clínica. Quando mostrámos a criança à pediatra, ela disse que era necessária uma operação urgente e pediu para levarmos a menina no dia seguinte, quando o cirurgião lá estaria. A Vanga indignou-se: "Então é só isso — operar logo?"

A médica disse que a única forma eficaz de eliminar o abscesso era a cirurgia. A Vanga fez sinal para irmos embora e, em casa, disse: "Pega numa tigela funda e espalha um pouco de farinha de centeio. Junta leite fresco, manteiga e faz uma papa. Aplica-a num pano limpo ou gaze e faz um penso para a criança, de forma a cobrir todo o abscesso." Fiz tudo com muito cuidado, jantámos e fomos para a cama.

Por volta da meia-noite, a bebé começou a chorar alto. Nós as duas levantámo-nos de um salto, desembrulhámos a menina e fiquei pasmada. Do peito até à barriga, tudo estava sujo de sangue e pus. Limpei a bebé, e a Vanga mandou voltar a enrolá-la nas faixas. Fiquei angustiada porque havia um buraco no local do abscesso, mas a Vanga insistiu. Depois de repetir o procedimento, voltámos a deitar-nos. De manhã, a menina dormiu até tarde. Perto do almoço, desembrulhámo-la e vimos que não havia sinal do buraco.

As receitas da Vanga são infalíveis, mas, mesmo assim, um dia o Professor Atanas Maleev veio ter connosco e proibiu a Vanga de praticar curas sob

ameaça de processo. Na Bulgária, dizia ele, há médicos e especialistas suficientes, que estudaram tanto que podem curar qualquer doença.

Pois sim, mas nem sempre é assim. Há um ano, o meu filho de cinco anos teve varicela, e de repente apareceu-lhe algo parecido com um terçolho no canto do olho esquerdo. O médico não conseguiu fazer um diagnóstico e aconselhou levar a criança ao hospital distrital de Blagoevgrad, onde trabalhavam especialistas mais experientes. Liguei para a Vanga, em Petrich, e ela disse: "Está bem, vamos amanhã, mas vem buscar-me hoje. Passo a noite convosco e de manhã vamos a Blagoevgrad." À noite, disse-me: "Derrete um pouco de cera, faz um bolinho com ela e, quando arrefecer, põe no sítio inflamado. Prende com um penso rápido." De manhã levantámo-nos muito cedo, o comboio para Blagoevgrad partia às seis horas.

Quando acordei o menino, tirei o penso e vi o terçolho colado à cera, com uma raiz do tamanho de metade de um fósforo. E no local inflamado ficou apenas um buraquinho minúsculo. A Vanga disse que não era preciso ir ao médico, porque a criança estava curada. Ficámos muito felizes, preparei uma refeição improvisada — o que Deus mandou — e celebrámos a recuperação do menino. O meu sogro disse: "Isto é tratamento — ajuda imediatamente e é certo." Quando o meu sogro, já idoso, caiu doente, a Vanga veio visitá-lo. Contei-lhe uma história engraçada, e ele animou-se.

Quando saímos do quarto, a Vanga voltou-se para a minha sogra: "Tia Mara, prepara-te! Todos os entes queridos dele que já partiram estão à volta dele, à espera. Já não há tempo." A sogra, embora fosse crente, ficou assustada e começou a chorar, e o sogro, de facto, morreu três dias depois.

A Vanga teve realmente o dom de contemplar e ver o futuro. Nunca se cansava de dizer: "Se as pessoas soubessem o que aí vem, não queriam ficar na terra nem mais um minuto." Pergunto-me o que querem dizer estas palavras, mas ela diz que ainda não chegou a altura de as decifrar e que, quando chegar, cada um compreenderá tudo por si mesmo. Não sei porquê, mas algumas pessoas tentam mudar o dia de nascimento da Vanga — em vez de 31 de Janeiro, 3 de Outubro. Eu não estava presente no nascimento dela, porque é 15 anos mais velha, mas quem saberá melhor do que eu quando a Vanga nasceu? 3 de Outubro de 1967 é o dia em que foi declarada funcionária pública e integrada nos quadros do Instituto de Sugestologia. Se houver outra data de nascimento, só podemos falar de "nascimento" em sentido figurado; o verdadeiro aniversário da Vanga é 31 de Janeiro de 1911.

Lembro-me muito bem de 1967. A Vanga já era um fenómeno oficialmente reconhecido. As pessoas começaram a vir ter com ela de toda a parte. Os hotéis estavam cheios, e alguns visitantes passavam a noite no mercado. Então, veio visitá-la o Professor Yankov (já falecido). Falou sozinho com a Vanga. Lá fora, a multidão crescia, o tempo passava, e eles conversavam sem parar. O professor saiu e, para meu espanto, dirigiu-se às pessoas. Disse que a Vanga era realmente um milagre e que o dom dela era uma graça enviada pela natureza para aquela casa. Era ali, naquela casa modesta, para gente simples, e não para o palácio dos reis. E o mais espantoso é que uma mulher cega dá conselhos e visões às pessoas, embora nunca tenha aprendido isso em lado nenhum. O professor disse que tal dom só podia ser dado lá de cima, e levantou o dedo para o céu. Não hesitou em fazer tal gesto, mesmo sendo cientista.

Lembro-me de outro caso desses anos. Uns parentes nossos de Pervomay, na região de Petrich, de quem a Vanga era madrinha, convidaram-nos a ir lá e mandaram um carro buscar-nos. Chegámos e havia lá muita gente. Nesse mesmo dia, na biblioteca de Petrich, houve um concerto da Stefka Berova e do Jordan Marinkov. Fomos convidados com muita simpatia e aceitámos com prazer. Depois do concerto, a Stefka e o Dancho deram-nos um disco com as suas canções, e a Vanga convidou-os a irem connosco para Pervomay. Todos ficaram muito contentes.

A Vanga gosta muito de música. Antigamente, quando éramos mais novas, cantávamos, tanto a solo como em dueto. A canção preferida da Vanga é "Escurece, bosque, escurece, irmã". Entre os cantores estava a irmã da Julieta Shishmanova, a Veska. Ela era actriz. Estávamos sentados à mesa, começou a tocar música. As pessoas levantaram-se para dançar. Entretanto, a enfermeira perguntou: "Quem está sentado ao meu lado?" Eu disse: "A Veska." A Vanga disse-lhe: "Anda, Veska, também tu..." E ela, pobrezinha (que a terra lhe seja leve), ficou ali cabisbaixa e com a voz trémula perguntou: "Tia Vanga, diz-me só sim ou não? Eu acredito muito em ti e entenderei tudo."

A Vanga disse bem alto: "Sim." Todos ouvimos a palavra, mas ninguém percebeu do que se tratava. A Vanga não explicou nada, e fez muito bem. A Veska perguntou sobre algo muito íntimo, e a irmã não revela segredos de outros. Só muitos anos mais tarde soube pela própria Vanga que a Veska queria saber se a irmã ainda estava viva. Falamos da Julieta Shishmanova. Toda a gente sabia do acidente de avião em 1978, quando a selecção nacional de ginástica rítmica, liderada pela treinadora, morreu a caminho da Polónia. A Veska não

acreditava que a irmã estivesse morta, porque havia rumores de um grande crime, de uma fraude qualquer, e que as ginastas estariam vivas e escondidas algures. Esses rumores atormentaram-na para o resto da vida, e ela procurava sempre saber a verdade. Na verdade, só Deus sabe o que aconteceu. Nunca percebi o que significou aquele "Sim" da Vanga. A Veska levou a resposta com ela, e a Vanga nunca mais disse nada sobre isso.

Quando éramos mais novas e mais fortes, íamos passear ao restaurante "Plátano Branco" em Petrich. Os nossos velhos amigos, Yorda, Vera e Marika, já nos esperavam no banco. Vimo-nos muitas vezes até a minha irmã se mudar para Rupite. Falávamos de tudo. A Vanga descansava mesmo, porque ninguém a importunava com pedidos.

Desde pequena, sempre tive o hábito de me levantar de manhã ao romper do dia. A minha irmã não me deixava encontrar o sol na cama. Dizia sempre: "Assim que o sol nascer, começa a trabalhar. O dia é para o trabalho, a noite para dormir e descansar." Também dizia que não se podia ir para a cama sem sacudir os cobertores. "Não queres deixar os pesadelos presos nas cobertas por sacudir", dizia ela.

Depois de regressar de Rupite à noite, a Vanga ia imediatamente para a casa de banho, tomava banho e lavava tudo até brilhar. Só então subia para o quarto. Não importava a hora a que voltássemos, nunca alterava a sua rotina. Tinha uma ordem exemplar tanto a cozinhar como a comer. Fosse o que fosse que estivesse a fazer, às 12 em ponto, a comida estava pronta na mesa — pratos diferentes todos os dias. Tinha pena dos homens modernos, porque as mulheres deles não cozinham por medo de engordar, e os seus maridos tomam pequeno-almoço com pães frios, almoçam sandes com café e, à noite, mais do mesmo.

E como nos preparávamos para as festas... Antes da Páscoa, na Quinta-Feira Santa, levantávamo-nos antes do nascer do sol, pintávamos ovos, cozíamos pão com farinha de ervilha turca moída para a Assunção da Virgem, e baklava para o Natal. A Veneta, que a Vanga criou como filha, inventava brinquedos diferentes para decorar a casa, e tudo ficava muito divertido e festivo.

Os habitantes de Petrich celebram o dia de São Jorge como o dia do seu padroeiro. Na véspera da festa, amassam a massa e cozem roscas saborosas e outras iguarias, preparando vários pratos. No dia seguinte, sobem bem alto na montanha Belasitsa, estendem toalhas limpas e põem a comida. A Vanga

contava às crianças inúmeras histórias, nunca perdendo uma oportunidade para lhes dar uma lição, dando exemplos de como se recebe retribuição tanto pelas boas como pelas más ações. Durante os nossos passeios pela montanha, juntou-se a nós uma jornalista conhecida de Belgrado. Ela perguntou sobre os problemas do seu país e a possibilidade de os resolver. E a Vanga disse-lhe que a falta de fé dos sérvios já tinha levado e levaria ainda a problemas mais graves. O encontro aconteceu antes da guerra na antiga Jugoslávia. "Fazes ideia porque é que isto vai acontecer?", perguntou a Vanga à repórter. "Porque em vez de 'bom dia' ou 'boa tarde' vocês praguejam em cada palavra e até inventaram palavrões para Deus. Que misericórdia, que bem podem esperar Dele? Cada pessoa faz a sua escolha, e depois é responsável por tudo."

Quando o nosso pai ainda era vivo e vivíamos em Strumica, ele levou-nos às duas à aldeia de Pogolevo. Lá havia a Igreja da Santíssima Mãe de Deus, construída num campo aberto, bastante longe da casa da avó Velika — uma mulher que era a guardiã do templo. Ela recebeu esse privilégio depois de encontrar uma pequena pedra branca em forma da Santíssima Mãe de Deus com o Menino, a grande profundidade no solo, no mesmo lugar. Essa pedra estava exposta num local de destaque na igreja, numa taça de prata. O pai levou-nos lá: — A pedra da Mãe de Deus era considerada milagrosa.

O maior sonho do meu pai era que a Vanga voltasse a ver a luz. Assim, decidimos ficar na igreja durante a noite e rezar juntos pela cura dela. Quando escureceu, a avó Velika trancou-nos lá dentro e foi para casa. Eu e a Vanga deitámo-nos em cima das esteiras, encostadas uma à outra. Devemos ter adormecido rapidamente, mas à meia-noite as duas fomos acordadas por um ruído vago. Olhei em volta — tinha medo daquela situação estranha. Não vi ninguém, mas um ponto luminoso brilhava sobre as nossas cabeças, a girar, durante uns vinte minutos, como uma pequena brasa.

A luz tremeluzia pelas paredes e depois desapareceu. Eu e a Vanga não pregámos olho até de manhã. Quando a avó Velika chegou e abriu a porta, já estávamos de pé. A Vanga sussurrou-me que aquela luz não era outra senão a Virgem Maria. A avó Velika também me surpreendeu: ao abrir a porta, disse: "Vês? A Mãe de Deus visitou-vos esta noite. Deviam estar muito felizes." Claro que ficámos emocionadas e esperámos que a Vanga recuperasse a vista. E ela recuperou, não para ver o nosso mundo pecador, mas para ver as vastas moradas de Deus.

Enquanto vivíamos em Petrich, a Vanga recebia cartas de todo o mundo. No entanto, respondíamos raramente. Eu sentia o que estava escrito nas cartas, o sofrimento daquelas pessoas como meu, lia as cartas em voz alta, mas a Vanga respondia raramente. Não sei porquê. Talvez o contato pessoal fosse mais importante para ela.

Uma manhã, dois estrangeiros bateram à porta — uma família da Checoslováquia. O filho deles, de oito anos, de repente deixara de falar. Escreveram várias vezes à Vanga, mas não obtiveram resposta e decidiram vir. A mãe contou à Vanga que um rapaz tinha dado uma bofetada no filho deles na escola e, provavelmente por causa do susto, ele deixou de falar. Se queria alguma coisa, escrevia num papel. A Vanga disse-lhes que a criança voltaria a falar de forma inesperada. Enquanto falávamos com os pais, o rapazinho estava no quintal. Cerca de 200 pessoas reuniram-se perto da sala de receção. Todos queriam ser os primeiros. As pessoas empurravam-se para avançar. Alguém, tentando conter a pressão da multidão e restabelecer alguma ordem, prendeu inadvertidamente a mão do rapaz no portão.

Quando ouvimos o grito, corremos para a rua, juntamente com os checos. Incrivelmente, era o filho deles que gritava. Corri, agarrei-lhe a mão e pus o dedo entalado debaixo do jorro de água que corria da torneira do jardim. Os pais chegaram a correr, e o rapaz esqueceu-se facilmente da sua mudez e começou a contar como tinha acontecido. Aconteceu um milagre, ali mesmo, naquele lugar. Por isso os checos precisavam de vir até ali, e não esperar por cartas. É difícil descrever a alegria deles ao ouvirem de novo a voz do filho.

Em todas as festas em Petrich, eu e a Vanga íamos à igreja, e às sextas-feiras, fosse qual fosse o tempo, visitávamos o pequeno mosteiro de Sveta Petka, fora da cidade. A minha irmã era muito forte e resistente fisicamente. Andava tão depressa pela estrada que eu mal conseguia acompanhá-la, levando-a pela mão. Em 1967, o Conselho nomeou um guarda para a Vanga, que nos acompanhava para todo o lado. Chamava-se Atanas, era reformado, ex-polícia. Parecia ser um homem treinado, mas tinha dificuldade em acompanhá-la. A Vanga não fazia de propósito. Era simplesmente muito enérgica e andava sempre depressa. Aquele mosteiro era bom, onde, depois de rezar, descansávamos maravilhosamente em paz e sossego. Mas depois os responsáveis pela igreja desentenderam-se, o mosteiro foi atingido por um raio e deixámos de ir lá.

Quando decidimos mudar-nos para Rupite, começámos a perguntar-nos onde podíamos arranjar água fria. O facto é que nesses sítios há nascentes termais de água quente. Nem toda a gente pode beber aquela água, e não é própria para cozinhar. A comida ficava com um sabor muito diferente, nada agradável. Um dia, a Vanga disse: "Dá-me a mão, vou mostrar-te um sítio onde há água potável fria." Caminhámos um bocado, a Vanga parou e, batendo o pé no chão, disse: "Há água fria aqui debaixo." E assim foi. Furámos um poço e encontrámos água a seis metros de profundidade.

Nos últimos anos, foi publicado muito material sobre o Nostradamus. Um dia fui ver a Vanga e li-lhe um artigo de jornal sobre as profecias dele. A Vanga ouviu tudo com muita atenção e depois disse, muito sucinta: "É mesmo interessante, mas nem tudo o que o Nostradamus escreveu é verdade." Talvez tenha razão. Já lá vão quinhentos anos desde que ele escreveu as suas centúrias. Há dois anos, a minha filha mais nova e o marido foram de férias para a ilha grega de Samotrácia. Quando voltou, foi a Sandanski ver-me, e nessa noite foi visitar a Vanga.

Com grande entusiasmo, a filha contou a beleza incrível da ilha e a atmosfera especial que captura cada visitante. Sentia constantemente a presença de alguém por perto, e à noite tinha sonhos fantásticos, extraordinários. O marido e os amigos sentiam o mesmo. A Vanga disse: "De facto, é uma ilha fantástica, habitada por almas que viveram neste lugar lindo há milhares de anos e que criam uma atmosfera especial. Mas as pessoas modernas ainda não sabem muito sobre isso. Perto das costas da ilha, a grande profundidade, há surpresas para os arqueólogos. Vejo restos de colunas de mármore, trabalhadas com grande mestria. Fazem parte dos antigos templos e palácios. Ainda não foram descobertos, mas chegará o dia em que serão retirados do mar e causarão grande sensação. Daqui a muitos anos, a ilha passará da Grécia para Itália. Infelizmente, esta ilha não escapou aos efeitos negativos das paixões e vícios modernos. Às vezes vejo tal cena — não escapará à Bulgária — as pessoas tornar-se-ão tão depravadas que começarão a fazer amor na rua. Ah, se soubessem o preço que terão de pagar pelos seus instintos baixos, nunca cometeriam adultério. Mas lembra-te: ninguém escapará à retribuição."

Um dia, a minha irmã disse-me: "As pessoas não entendem o significado das palavras, por isso declaram-me nos jornais como 'santa viva, profetisa e Deus sabe o que mais'. Há santos mortos? Eu acho que sou uma mártir, mas este

mundo não é fácil para ninguém — apenas sigo o destino que Deus me deu. Só Ele pode determinar quem é quem."

Um mês antes de morrer, a Vanga anunciou a data exata da sua morte. Claro que isso atraiu os jornalistas. Na maior parte do tempo, a Vanga foi acompanhada por cineastas a fazer um documentário sobre os seus últimos dias. Mas desde 3 de Agosto, quando a vidente foi transferida para um antigo hospital do governo, os jornalistas deixaram de ter acesso a ela. Embora os relatórios sobre o seu estado de saúde chegassem regularmente aos jornais e à televisão...

A Vanga podia ter morrido quatro anos antes, mas foi tratada pelos médicos. Tinha cancro do estômago, e ela sabia disso. Na primavera de 1996, teve uma intoxicação grave. Em Agosto, voltou a envenenar-se e foi levada para o hospital do governo. Disse logo que não voltaria mais à sua cidade... Mas depois acrescentou: "Vou só deitar-me um bocadinho e volto para casa." A Vanga recusou a operação. Não queria ser mexida. Era algo muito pessoal. A Vanga teve uma visão. A magnífica casa branca. A família toda à sua volta. Sentia-se bem. Foi então que a Vanga disse: "Não volto a Rupite. Vou morrer amanhã às 10h10."

A Vanga aceitou a sua morte com um sorriso. Exatamente à meia-noite do dia 10 de Agosto, os médicos registaram uma melhoria acentuada. O pulso estabilizou-se e a respiração tornou-se livre. Segundo a sua sobrinha Anya, a avó pediu um copo de água e pão. Depois, a Vanga pediu para ser lavada. Quando o processo terminou, e o corpo da vidente foi untado e perfumado, a Vanga disse algo como: "Agora estou bem."

Por volta das 9 horas da manhã, a Vanga disse que os espíritos dos seus familiares falecidos tinham vindo buscá-la. A vidente falava com eles, fazia gestos como se acariciasse a cabeça de alguém. Às 10h10 do dia 11 de Agosto, morreu... Ninguém sabe se a profetisa deixou algum herdeiro. Há algum tempo, a Vanga disse que vive em França uma menina a quem ela transmitiria as suas capacidades. Quando a avó morresse, essa menina, que nessa altura deveria ter 10 anos, ficaria cega. No entanto, antes de morrer, a Vanga disse: "Foi Deus quem me deu estas capacidades, e será Deus quem decidirá a quem as dar. Nada depende de mim."

Em tempos, ensinaram-nos que o homem é o artífice da sua própria felicidade. E é verdade. Não há maior dom na Terra para o homem do que a sua vontade, e não há poder maior do que ela para o fazer ir contra si mesmo. A liberdade de escolha e a consciência da nossa própria responsabilidade são o caminho pelo qual cada um de nós se liga ao fluxo da vida eterna, aspirando à perfeição universal. É difícil compreender este maior mistério, mas entende-se que não se pode deixar de participar nele.

Compreende-se instintivamente, enquanto se percorre o caminho terreno, enquanto se participa na criação do bem ou do mal, enquanto se vagueia por diferentes direções e se superam milhares de obstáculos encontrados neste mundo material limitado, até que um dia se "veja" e se perceba que se menosprezou o seu próprio papel como criador da eternidade. Nem todos chegam a esta epifania: um véu denso de vícios humanos, paixões e grandes crimes obscurece os olhos. É aqui que vejo o enorme papel do dom fenomenal da Vanga, que dizia: "Sou a representante! Ajudo as pessoas a encontrar o caminho certo!"

Levará anos. Grande parte da história de vida da Vanga será esquecida como sem importância. As disputas e paixões acalmar-se-ão, virão novos "tempos", novas pessoas com novas exigências, mas as mensagens da Vanga continuarão a agitar a consciência humana, porque ela serve uma vida que é indestrutível.

A história da Vanga interessou-me há cerca de 15 anos. Mas nessa altura fazia outras coisas. E em 2020, durante o período de confinamento em todo o mundo, voltei a interessar-me por este tema.

O facto é que, desde a morte da Vanga, apareceram muitos programas e emissões na televisão russa, onde a Vanga era frequentemente mencionada. Nestes programas, falava-se muitas vezes do fim do mundo — o Apocalipse bíblico —, elogiavam-se vários políticos, dizia-se que a Rússia se tornaria como os países europeus desenvolvidos ou os Estados Unidos, e ao mesmo tempo invocava-se o nome da Vanga, de Nostradamus, de Edgar Cayce ou de outros profetas da humanidade. Então decidi aprofundar isto. Precisava de saber se havia alguma verdade em tudo isso.

Sobre Edgar Cayce há informação suficiente na Internet, porque muito do que ele fez ficou documentado. Sobre Nostradamus, não há informação suficiente; as suas Centúrias continuarão a ser, em muitos aspetos, um mistério para nós.

Por isso, os criadores de vários programas de televisão podem usar livremente as suas previsões, que já muito poucos entendem. Com a Vanga, é uma história completamente diferente. O seu nome é frequentemente mencionado quando se fala de previsões políticas. E quando encontrei a fonte original, que fala da vida e da obra da Vanga, percebi que ela não gostava nada de falar de política. Se dissesse algo a alguém, era muito pouco, e tentava sempre evitar falar disso. Por isso, um grande pedido a todos os políticos, patriotas e fazedores de espetáculo: NÃO MINTAM!

Quando procurei a fonte original sobre a Vanga em inglês, não a encontrei. Por isso quis traduzir do russo o texto original que descreve a vida e a actividade da Vanga, na apresentação da sua sobrinha — Krasimira Stoyanova.

Obrigado, Krasimira Stoyanova, por este livro. Com ele, começa-se a compreender muito sobre a vida, aprende-se muito sobre a Vanga e o seu dom, comparável ao dom de Edgar Cayce. Traduzi esta história original sobre a Vanga para que o mundo inteiro conheça a sua mensagem. E aqui estão as palavras da própria Vanga: "As pessoas não entendem o significado das palavras, por isso declaram-me nos jornais como 'santa viva', profetisa e Deus sabe o que mais. Há santos mortos? Eu acho que sou uma mártir, mas este mundo não é fácil para ninguém — apenas sigo o destino que Deus me deu. Só Ele pode determinar quem é quem."

Infelizmente, não encontrei contatos da Krasimira Stoyanova em lado nenhum para obter permissão para a tradução.

## ATIVIDADES TERAPÊUTICAS

*"... Bem-aventurados os que não viram e creram."*
*(Evangelho de João, capítulo 20, versículo 29)*

A saúde humana, o diagnóstico e o tratamento de doenças sempre ocuparam Vanga de forma muito séria. Ela acreditava que quase todas as doenças podem ser curadas com ervas. Dizia que a Bulgária é um país abençoado nesse sentido, pois possui uma grande variedade de ervas medicinais verdadeiramente preciosas.

Vanga estava convencida de que o dia está próximo em que a humanidade se livrará da terrível doença que é o câncer — acreditava que será descoberta uma

cura para o câncer. Costumava dizer: *"O dia chegará em que o câncer será acorrentado em grilhões de ferro."*
Quando lhe pediam para explicar essa previsão, que soava estranha, Vanga dizia que o medicamento contra o câncer deveria conter muito ferro, já que atualmente há carência de ferro nos alimentos e na água que bebemos. Ela também acreditava que, num futuro próximo, os cientistas descobrirão outro remédio essencial para restaurar a força e a saúde humana — um remédio que conterá principalmente hormônios de cavalo, de cachorro e de tartaruga. Quando perguntavam por que justamente esses animais, Vanga respondia: *"O cavalo é forte, o cachorro é resistente e a tartaruga vive muito."*

Segundo Vanga, as ervas medicinais funcionam especialmente bem se a pessoa se banhar com infusões feitas com elas, pois as substâncias ativas são totalmente absorvidas pela pele.

Vanga nunca se colocava em conflito com a medicina oficial — reconhecia seus avanços em muitas áreas. O tratamento que ela indicava não rejeitava os métodos médicos tradicionais, mas os complementava. No entanto, Vanga acreditava que o uso excessivo de medicamentos é perigoso, pois fecha a "porta" pela qual a natureza, através das ervas, poderia restabelecer o equilíbrio do organismo perturbado pela doença.

Deve-se reconhecer que Vanga tinha grande interesse por todas as novas descobertas no campo da medicina. Considerava correto, por exemplo, o retorno do tratamento por acupuntura. Mas veja o que ela disse a um médico que a visitou, especialista em acupuntura:

*"O tratamento com agulhas é um remédio poderoso, mas para ter sucesso completo é preciso usar agulhas não de metal, mas de barro, como se fazia antigamente. Elas devem ser aquecidas em fogo vivo, não com eletricidade, porque o corpo humano já tem eletricidade suficiente — e assim você só aumenta sua influência. Pensando que ajuda, na verdade atrapalha o efeito correto das agulhas sobre o corpo."*

O médico retrucou que isso seria um retrocesso, mas Vanga não concordou: *"Sim, tudo volta ao seu lugar. Observe bem ao seu redor e verá que é verdade."*

**É possível extrair algumas recomendações gerais, aceitáveis para todos, de toda essa prática terapêutica?**

Sim, é possível, embora seja importante ressaltar que, para Vanga, cada pessoa é única — por isso, cada erva e cada orientação podem variar mesmo para pessoas com a mesma doença. Ela tinha plena consciência de que todo ser humano é absolutamente individual e precisa de tratamento individualizado.

A seguir, alguns exemplos, confirmados pelos próprios pacientes, de conselhos que, segundo eles, ajudaram a melhorar sua saúde geral — muitos se curaram completamente:

- A um paciente com leucemia, Vanga aconselhou beber suco das raízes de malva; a uma criança com a mesma doença, recomendou o suco das flores da malva.
- Para cirrose hepática, sugeriu misturar leite com farinha de trigo branca e beber.
- Para um bebê que havia machucado gravemente a cabeça e dormia mal, Vanga indicou um remédio simples: banhar a criança com o orvalho da manhã, abundante na grama ao amanhecer do verão, e depois envolvê-la em uma fralda úmida. O pai voltou para dizer que o bebê estava melhorando rapidamente.
- Para uma febre alta que durava três meses, prescreveu um banho com infusão de uvas verdes. A febre baixou e a criança dormiu tranquila.
- Para eczema, recomendou um buquê de flores silvestres e passar uma infusão quente nas áreas afetadas.
- Para sarna, um banho com decocção de cinco copos de cevada.
- Para dor nos rins, chá de sementes de abóbora.
- Para intoxicação por gases tóxicos no trabalho, recomendou aquecer os pés em água morna todas as noites por um mês.
- Para pernas inchadas, um emplastro de cera, azeite e água.
- Para epilepsia infantil, banhos com infusão de ervas da floresta — um calmante excelente, dizia ela.
- Para dores no peito de longa data, recomendava cataplasmas quentes de massa de pão misturada com fermento caseiro, vinagre, azeite e vinho azedo.
- Para tosse persistente, chá de sementes de linho — e nunca beber água fria.
- Para prevenir doenças cardíacas, beber infusão de flores de espinheiro quatro vezes por ano, durante quatro dias. Para erupções na pele, banhar-se em infusão de casca de carvalho.

- Para asma, infusão regular de flores de tussilagem (pé-de-galo).
- Para cólicas intestinais em crianças, dieta restrita, com baixo teor de gordura.
- Em estado pré-infarto, chá de endro-espinheiro (ameixa-brava) por quatro dias, em jejum.
- Para enxaqueca causada por exaustão nervosa, uma colher de sopa de água com açúcar antes de dormir. Para esgotamento nervoso severo, raspar meio quilo de limões, misturar com mel, tomar uma colher de sopa de manhã e à noite.
- No estágio inicial do diabetes, chá de amoras — acreditava que poderia conter o avanço da doença.

Para Vanga:

- Úlceras estomacais vêm, na maioria das vezes, de alimentos de má qualidade — comer comida muito quente é prejudicial.
- Asma surge de beber líquidos frios, especialmente se a pessoa estiver cansada.
- Doenças nos rins aparecem, na maior parte, após resfriados.
- Tumores, dizia, geralmente se desenvolvem depois de quedas ou lesões, podendo aparecer muito tempo depois.
- Infertilidade em mulheres resulta de atividade sexual precoce, medo de gravidez indesejada, resfriados frequentes ou roupas desconfortáveis. O mesmo se aplica aos homens.

Vanga dizia: *"Muita gente me escreve depois de ler o primeiro livro, pedindo mais receitas, porque o interesse é muito grande. Por isso amplio este capítulo, mas peço que prestem atenção: estas não são prescrições, mas recomendações feitas para pessoas específicas. Não sei se podem servir para todos."*

## Receitas de Vanga para Problemas Comuns

### Acne (espinhas de adolescência)

Antes de dormir, aplicar uma compressa no rosto com um pano de algodão embebido em decocção de erva-cidreira, sabão-de-bola e sabugueiro-preto.

**Alergia**

Ferver 1 colher de sopa de losna em meio litro de água até reduzir pela metade. Tomar 1 colher de chá, 2 a 3 vezes ao dia, após as refeições.

**Amenorreia (menstruação ausente ou escassa)**

Cozinhar a casca de 2 kg de cebolas em 3 litros de água até ficar vermelho-escuro. Beber 1 xícara de café do decocto em jejum de manhã ou à noite.

**Ambalac (doença infantil em que a criança só bebe água, barriga inchada, glândulas inchadas)**

Misturar partes iguais de alcatrão, banha de porco e um pouco de cinza de madeira. Passar essa mistura na barriga do bebê, cobrir bem e deixar dormir. Depois, banhar em água onde se cozinharam maçãs azedas, peras bravas e 1 colher de sopa de anis. Depois do banho, passar rakia de uva na pele.

**Anemia (em crianças)**

Na primavera, quando as folhas de nogueira brotarem, ferver por 30 min, coar e banhar a criança algumas vezes.

**Dores artríticas, reumáticas em tempo ruim**

Fazer cataplasma quente de folhas de cereja cozidas e aplicar nos joelhos.

**Asma (em crianças)**

- Secar 40 folhas de tussilagem (pé-de-galo) e guardar em 0,5 litro de rakia forte. À noite, colocar 1 folha no peito da criança, na outra noite nas costas, alternando até acabarem. Fazer isso só no final do outono.
- Outra versão: fazer creme com aspirina triturada e banha de porco, aplicar no peito por 10 dias.
- Ou ainda: secar as flores de tussilagem, ferver, dar banho na criança com o decocto, passar mel e friccionar com vodka depois.

**Asma (em adultos)**

Beber chá das flores de tussilagem, cuidando bem do nariz e garganta.
Outra receita: ferver 40 cebolinhas em água fervente até amolecer, cozinhar em meio litro de azeite, amassar em purê. Tomar 1 colher de sopa de manhã e à noite.

**Infertilidade (mulheres)**

Recolher um punhado de terra cavada por uma toupeira na primavera. Ferver água e despejar sobre a terra. Ficar agachada sobre o vapor por 15-20 minutos. Repetir algumas vezes.

**Insônia (em crianças)**

- Embrulhar a criança em um lençol que tenha absorvido orvalho da manhã (espalhar o lençol na grama cedo).
- Outra forma: ferver 1 kg de areia de rio em bastante água, deixar esfriar e despejar na criança.
- Usar flores de lúpulo secas.
- Dormir em travesseiro recheado de feno da floresta.
- Tomar 1 colher de sopa de mel antes de dormir.
- Ou 1 colher de sopa de açúcar com água antes de deitar.

**Dores de estômago (por alimentos mal lavados)**

Chá de manjericão, camomila ou hortelã: ferver 1 colher de sopa em 600 ml de água por 3 min. Tomar 1 xícara de café 3x ao dia após refeições. Para crianças, 1 colher de sopa.

**Dores de estômago**

Mastigar 1 folha de trevo-vermelho por dia, engolindo só o suco.

**Dores nas pernas**

Lavar os pés em água fria, passar banha de porco, calçar meias de algodão quentes e dormir com elas.
Ou ferver um maço de trevo, coar, adicionar 1 colher de sopa de querosene e fazer escalda-pés 4-5 noites seguidas.

**Dores nas mãos (artrite)**

Fazer banhos em água morna com samambaia fervida, por 10 noites.

**Bronquite (em crianças)**

- Fritar 2 ovos em banha derretida e sal, deixar esfriar e aplicar no peito da criança à noite.
- Retirar o miolo de uma cebola roxa, colocar 1 colher de chá de açúcar cristal e dar para comer 1 por dia.
- Dar 1 colher de café de óleo de rícino por dia.
- Ferver 2-3 folhas de tussilagem em 0,5 litro de leite, adicionar banha derretida na ponta da faca e tomar 1 xícara de café à noite.

**Rins doentes**

- Chá de sementes de abóbora.
- Moer 2 pacotes de linhaça, misturar com água, aquecer e fazer cataplasma quente sobre os rins.
- Uma vez por semana, comer só trigo cozido e beber água.
- Ferver uma raiz grande de amora em 5 litros de água até reduzir pela metade, beber 100 ml 3x ao dia.
- Fazer cataplasma de argila misturada com vinagre de maçã, aplicar nos rins à noite.

**Vesícula inflamada**

- Comer 2 peras em jejum, tomar compota de peras bravas sem açúcar.
- Para dor após comida gordurosa: suco de meio limão com ½ colher de chá de bicarbonato.

**Dor de cabeça (em crianças)**

Fazer um travesseiro de linho com flores de perpétua (sempre-viva). Após dormir, derramar decocção de perpétua na cabeça da criança.

**Dor de cabeça (crônica)**

À noite, mergulhar a cabeça em água e derramar água com tomilho fervido no corpo.

**Dor de cabeça**

Lavar o cabelo com chá de salsa.

**Dor de cabeça e sono agitado**

Ferver 1-2 folhas de agave em 2-3 litros de água e derramar na cabeça e corpo à noite.

**Dores no peito, costelas, úlceras**

Misturar 0,5 kg de farinha de centeio com 100 g de manteiga e um copo de leite. Fazer uma massa, colocar sobre um pano e aplicar na área dolorida por **3 noites seguidas**.

**Dores no corpo**

Aplicar várias vezes no local uma mistura de cera, losna moída (artemísia) e vodka.

**Dores nas costas**

1 Espalhar 1 metro de pano branco com 100 g de óleo de arma (graxa de arma de fogo) e fazer um emplastro para aplicar na área dolorida 3 noites seguidas.
2 Espalhar mel nas costas e esfregar bem.
3 Para dor no peito e ombro direito (por queda antiga): tirar a pele de um coelho, polvilhar com pimenta vermelha, untar com óleo de girassol e aplicar nas costas à noite.
4 Para dor lombar (antiga): triturar telhas velhas, peneirar, misturar com 3 claras batidas, 1 pacote de incenso branco moído e 1 copo de vodka de uva. Espalhar num pano de linho e amarrar na lombar à noite.
5 Outra receita: bater bem 2 claras, 1 colher de sopa de sabão caseiro e 1 pacote de incenso branco moído. Espalhar numa flanela de lã e aplicar na lombar de 1 a 2 dias até cair sozinho.

**Gengivas inflamadas**

Bochechar com decocção de tomilho selvagem + uma pitada de alúmen.

**Eczema aquoso (em crianças)**

Assar 3 nozes com casca até escurecer bem. Moer e misturar com ½ colher de chá de óleo de fígado de bacalhau. Passar na pele limpa várias vezes.

**Pressão alta (hipertensão)**

1 Ferver 1 colher de sopa de folhas secas de ameixa brava (blackthorn) em 500 ml de água. Tomar em duas doses, só pela manhã em jejum.
2 Outra opção: deixar 1 colher de sopa de visco branco em 1 copo de água fria durante a noite. Beber em jejum de manhã.

**Febre alta (em crianças)**

Ferver ameixas azedas, maçãs e peras selvagens em bastante água com 1 pacote de anis. Deixar esfriar, colocar a criança em banho com essa água por 20 min. Depois enxaguar, passar um pouco de vodka na pele, vestir roupas limpas e secas.

**Dor de garganta**

Chá de erva de Nossa Senhora, camomila e cereja.

**Tendões inflamados nas mãos**

Deixar um broto de genciana de molho em 500 ml de água fria de um dia para o outro. Fazer compressas.

**Pele inflamada**

Ferver 1,5 colheres de sopa de erva-cidreira seca em 500 ml de água até reduzir pela metade. Fazer compressas.

**Bronquite (inflamação)**

Ferver 1 folha de louro em 100 ml de água até reduzir pela metade. Beber 1 colher de sopa, 3x por dia.

**Inflamação de ouvido**

Chá de tussilagem; tomar banho com o chá e depois esfregar o corpo com banha derretida misturada com vodka.

**Cordas vocais inflamadas (rouquidão)**

Fazer compressa no pescoço com losna moída, tussilagem e genciana.

**Feridas inflamadas no rosto**

Aplicar musgo de pedra que esteja molhado por água corrente.

**Inflamação das amígdalas**

Moer raízes secas de heléboro. Polvilhar sobre uma fita de massa, fazer compressa firme no pescoço. 2-3 vezes por 30 min (crianças); adultos, à noite.

**Fungo nas unhas das mãos**

Banho com café forte, sem coar o pó.

**Fungo entre os dedos dos pés**

1 Banho com vinagre de vinho forte, dormir com meias embebidas em vinagre.
2 Banho com água fria + 1 colher de sopa de bicarbonato + 1 colher de sopa de sal.
3 Misturar hortelã moída com sal e passar entre os dedos.

**Fungo nos pés (mau cheiro)**

Banho de pés com decocção de centáurea.

**Gases no estômago**

Beber chá de tussilagem.

**Náusea**

Chá de sementes de mostarda.

**Convulsões (em crianças)**

Dormir em travesseiro recheado com feno da floresta.

**Gastrite (aguda)**

Ferver 200 g de folhas de tanchagem em 500 ml de rakia forte de uva. Coar e beber 1 colher de sopa em jejum, 1 hora antes de levantar. **Não fumar durante o tratamento!**

**Diabetes (forma inicial)**

- Crianças: tomar banho com flores de amora branca.
- Adultos: beber chá das pontas jovens da amoreira-preta.
- Crianças: ferver 10 maçãs azedas em 5 litros de água e dar banho na criança com essa água.

**Hérnia**

Triturar telhas velhas, misturar com 2 claras batidas, 1 colher de incenso moído e 1 copo de rakia de uva. Passar numa flanela de lã. Manter na lombar até cair sozinho.

**Para fortalecer o cabelo**

Depois de lavar, enxaguar com decocção de folhas de nogueira e tanchagem.

**Para estimular o metabolismo**

Ferver 1 colher de sopa de líquen da Islândia em 600 ml de água até reduzir à metade. Beber 1 xícara de café 3x ao dia após as refeições.

**Assaduras (em crianças e adultos)**

Triturar um pedaço de carvalho comido por cupins até virar pó. Após lavar, polvilhar a área.

**Constipação (prisão de ventre)**

1 Assar uma maçã, regar com xarope de açúcar e comer.
2 Tomar 2-3 vezes ao dia 1 colher de sopa de marmelada de sabugueiro-preto cozido sem açúcar, substituindo por 1 colher de mel.

**Caxumba**

Furar bem um papel azul com agulha, untar com mel, vodka e incenso em pó. Colar atrás das orelhas. A doença desaparece em **3 dias**.

**Falta de ar / proteção imunológica**

Misturar **200g de mel, azeite de oliva e rakia (vodka de uva)**. Tomar **1 copo, 3x ao dia**.
**1x ao mês:** banho com água de decocção de erva de Nossa Senhora (Bogorodskaya).

**Queimadura grave**

Misturar **6 gemas + 6 colheres de manteiga**, bater até virar maionese. Passar na gaze e enfaixar.

**Hemorragia forte (mulheres)**

Bater **6 claras**, misturar com **½ colher chá de ácido cítrico**, beber.

**Tosse**

- Chá de tussilagem (folhas).
- **Tosse crônica de fumante:** raízes de malva cozidas no leite.
- **Tosse forte:** 4 nozes + 1 colh. flores de sabugueiro + 1 colh. mel → ferver em 500 ml de água. Beber 1 colh. sopa 3x ao dia.
- **Tosse em criança:** 100g mel + 100g manteiga + 1 pacote de baunilha. Tomar 1 colh. chá 3x/dia.
- **Tosse em adultos:** goma de cereja branca + noz cozida em 1L de água, coar, misturar 200g mel + 3 cravos. 1 colh. sopa manhã e noite, em jejum.

**Conjuntivite**

Folhas frescas de malva amassadas → compressa por 3 noites.

**Queda de cabelo (criança)**

Ralar **3 raízes de trevo**, misturar com 10g de álcool ou rakia forte. Deixar **3 dias**, passar algodão na infusão nas áreas carecas **1-3x/dia**.

**Cãibras**

Tomar **2x/dia** soro do queijo. Evitar alimentos gordurosos.

**Esporão no calcanhar**

Cauterizar com mercúrio quente. Tomar banho quente em seguida.

**Sangramento gengival**

Folhas verdes de azeda picadas, aplicar tampão.

**Hemorróidas com sangramento**

Frutos de ameixa-brava em azeite por **7 dias no sol**. Tomar 1 colh. sopa em jejum, depois 1 copo de frutas após as refeições.

**Leucemia**

- Crianças: pó de vagem de malva + coalho de cordeiro seco. Tomar 1 colh. chá com água, 2x/dia.
- Adultos: beber suco das raízes de malva.

**Mastite**

Farinha de centeio + manteiga + leite fresco → fazer massa mole, aplicar à noite. Repetir.

**Malária**

Colocar ovo cru em vinagre de vinho até dissolver casca, bater bem, beber em jejum.

**Mioma uterino**

Chá de sementes de cânhamo: 1 xícara 3x/dia por 15 dias.

**Enurese infantil**

Mistura: sabão caseiro ralado + 2 claras + resina moída + incenso branco + 1 copo de rakia. Fazer emplastro no lombo 1ª noite, na parte inferior da barriga na 2ª.

**Calcanhar rachado (com dor intensa)**

Beber chá de grãos de centeio, em vez de água.

**Distúrbio metabólico**

De manhã, chá de hipericão (erva-de-são-joão): 1 colher chá em 1 copo de água fervente.

**Nevralgia (dor facial e cabeça)**

Chá de anis, 3x/dia antes das refeições (3 colh. chá em 600 ml, ferver 5 min).

**Esgotamento nervoso**

- Chá de gerânio (1 folha em 200 ml de água), 2x/dia.
- Crianças: banho com infusão de feno da floresta.
- Chá de orégano, ou brotos jovens de urtiga, ou melissa.
- Misturar 500g de açúcar + 500g de mel, tomar 1 colh. sopa 2x/dia.

**Estômago nervoso**

De manhã, beber 1 copo de água + 1 colh. de mastika (vodka de anis). Após 10 min, engolir 1 colh. sopa de manteiga.

**Contusão**

Fatiar batata crua, aplicar.

**Erupções na pele**

- Chá de sementes de amora-preta.
- Em criança: banho com vinagre de vinho + óleo de girassol.
- Banhar corpo com decocção de centáurea.

**Perda de peso (aceleração do metabolismo)**

Beber "café" de casca de carvalho queimada 3x/dia, 1 copo de café antes das refeições.

**Inchaço tornozelos**

Ferver 1 colh. sopa de sementes de mostarda em 600 ml por 5 min. Beber 1 copo de café 3x/dia antes das refeições.

**Ferida por corte**

Passar azeite infusionado por 20 dias com flores de hipericão. Serve também para úlceras sangrantes (1 colh. sopa em jejum).

**Cicatriz de ferida**

Passar suco de açafrão (crocus).

**Nervo comprimido**

Emplastro com azeite + cera derretida + cera de abelha, aplicar na coluna do pescoço ao cóccix.

**Garganta resfriada**

Passar banha com losna moída + 1 colh. chá de bicarbonato nos pés. Meias de algodão e dormir.

**Resfriado forte**

Esmigalhar 10 folhas de tabaco seco + mel + rakia. Emplastro quente na lombar por 1 noite.

**Pneumonia**

- Beber chá de linhaça por 1 semana. Evitar água fria.
- Outras: paciente nu, enrolado em lençol, deitado na areia quente.

**Abscesso na unha**

Pimentão: cortar talo e tirar sementes, preencher com vodka forte, enfiar o dedo, amarrar à noite.

**Pielonefrite (em criança)**

Dieta leve, comer pão de milho, beber água de milho cozido.

**Plexite**

Compressa de flanela com incenso em pó + vinagre de maçã. Repetir até melhorar.

Com neuralgia: — beber chá de lúcia-lima com gerânio.

**Constipação (grave)** — fazer um emplastro com 10 folhas de tabaco seco esmigalhado, mel e aguardente forte. Aplicar o emplastro na zona lombar durante a noite. Repetir se necessário.

**Prostatite** — moer o carvão da cal queimada. Beber uma chávena em vez de café durante sete dias seguidos.

**Cansaço extremo** — aplicar um emplastro de cera, azeite e água na zona lombar.

**Caspa** — ferver uma panela de água com uma colher de sopa de alúmen. Depois de lavar a cabeça, enxaguar com esta decocção.

**Distensão muscular no braço** — submergir o braço até ao ombro em água onde se cozeu sabugueiro verde, com uma colher de sopa de bicarbonato de sódio.

**Veias varicosas** — colocar nozes verdes num frasco de vidro, encher até cima com azeite e deixar ao sol durante 40 dias. O paciente deve untar os pés até a mistura acabar.

**Veias varicosas (alternativa)** — pulmões de porco cortados em pedaços, "temperar" com enxofre e colocar no local afetado.

**Músculos enfraquecidos (numa criança)** — misturar 200 g de mel com 20 g de enxofre e, com esta mistura, fazer uma boa massagem — de preferência por um massagista experiente — até a criança suar três vezes.

**Feridas pequenas na pele (arranhões)** — untar com uma pomada de 1 colher de chá de banha, 1 colher de chá de mel e 1 colher de chá de bicarbonato de sódio.

**Indigestão** — beber chá de hortelã.

**Infeção nos seios nasais** — alternar todas as noites, pondo numa narina um pedaço de manteiga fresca do tamanho de um grão de milho.

**Sarcoma (com inchaço)** — aplicar carne de caça polvilhada com amoníaco seco nas zonas inchadas.

**Tosse forte** — o paciente deve beber chá de linhaça durante uma semana. Não beber água fria.

**Dor de cabeça forte (após stress)** — o paciente deve beber um copo de água fria à noite antes de se deitar, depois de colocar uma colher de sopa de açúcar na boca.

**Palpitações (de origem nervosa)** — ralar meio quilo de limões com casca, juntar 200 g de mel e 40 g de caroços de damasco moídos. Tomar esta mistura de manhã e à noite, uma colher de sopa.

**Comichão no corpo** — o paciente é banhado com água de cevada fervida.

**Comichão no corpo (alternativa)** — misturar 50 g de álcool combustível com 50 g de aspirina. De manhã e à noite, untar os locais inflamados.

**Febre alta (em criança)** — dar um banho com decocção de uvas verdes.

**Febre alta (em criança, alternativa)** — recolher feno silvestre numa clareira de montanha, cozer em água e banhar a criança nessa água.

**Tromboflebite** — pulmões de porco "temperados" com enxofre e atar ao local afetado durante três noites seguidas.

**Nódoa negra** — cozer bem meio quilo de feijão branco, esmagar até fazer uma papa e aplicar 1–2 vezes no local da nódoa.

**Erupção frequente no corpo** — o paciente deve beber uma decocção coada de centeio.

**Banhos fortalecedores e purificantes** — alternar banhos com decocções de artemísia, camomila, anis e cereja.

**Hemorróidas (externas)** — uma decocção de Dubrovnik branco, recomendando-se banhos de assento numa bacia apropriada.

**Cirrose** — usa-se leite materno misturado com farinha branca.

**Furúnculo** — fazer uma pequena massa com farinha de centeio, leite e manteiga fresca. Atar ao local inflamado durante a noite.

**Depósito de sais (esporões)** — cortar uma cebola ao meio, pôr uma gota de alcatrão em cada metade e aplicar no local dorido, atando durante a noite.

**Depósito de sais (zona lombar)** — aplicar incenso na zona lombar. Um pedaço de pano de lã embebido em vinagre de maçã e polvilhado com pó...

**Depósito de sais (na mão)** — recomenda-se o mesmo tratamento.

**Depósito de sais (no calcanhar)** — aquece-se uma bacia de cobre, coloca-se um pedaço de pano de lã no fundo, o paciente fica em pé em cima e permanece até a bacia arrefecer.

**Úlcera (hemorrágica, úlcera duodenal)** — faz-se um creme com uma clara de ovo, uma colher de chá de açúcar em pó e uma colher de sopa de azeite. Tomar uma colher de sopa do creme em jejum todas as manhãs durante 10 dias.

E assim por diante. Casos bastante curiosos descreve o meu irmão Dimitar Gaigurov. Aqui deixo algumas das suas notas:

"Estando todos os dias perto da minha tia, tive oportunidade de a observar de perto e, claro, estive presente em muitas das suas sessões. Não posso deixar de recordar o choque que tive no início de Maio de 1988. Três dias antes, a minha tia estava muito calada, absorta em si mesma, não queria falar com ninguém e pedia para não ser incomodada. No quarto dia chamou-me e disse para me sentar ao pé dela. Depois falou-me com uma voz estranha que me fez arrepiar até aos ossos. Disse literalmente o seguinte:

'Sou a alma de Joana d'Arc. Vim de longe e vou para Angola. Lá o sangue corre livremente agora, e eu devo ajudar a estabelecer a paz.'

Após uma breve pausa, Vanga continuou na mesma voz:
'Não culpem esta alma de nada. Não é vossa. É um sorteio. Isto é testemunhado pela vossa mãe (a nossa mãe — Lubka), que a transportou no ventre quando estava no leito de morte. Então, num instante, a sua alma voou, e outra alma tomou posse do seu corpo. A vossa mãe recuperou para continuar a sua vida terrena. Mas agora a sua alma não está ligada a vós, filhos, e não vos pode reconhecer.'

Outra breve pausa, e Vanga prossegue:
'A vossa mãe devia visitar Notre-Dame de Paris, onde deveria passar a noite em vigília de oração — assim descobrirão grandes segredos sobre o mundo à vossa volta.'
Vanga não pôde ir a Paris e agora, quanto ao seu desejo antigo, diz: 'Quando quis, não me deixaram visitar Notre-Dame e estas palavras ficaram em segredo.'

Quando a francesa perguntou se era Joana d'Arc, Vanga respondeu: 'Não, ela é a Jeanne d'Arc do seu tempo, e eu sou a Vanga do meu tempo.'
Seguiu-se um longo silêncio. Vanga voltou lentamente a si, o terrível palor desapareceu e o seu rosto ganhou um leve rubor. Mas durante muito tempo a minha tia permaneceu apática, quase sonolenta. Não consigo explicar que tipo de milagre aconteceu diante dos meus olhos."

Também me lembro de outros casos estranhos relacionados, antes de mais, com os seus métodos de tratamento:

Uma noite, muito tarde, o meu amigo B.P. veio da aldeia de Kolarovo. O meu amigo enlouqueceu de repente. Agarrou num machado e começou a atacar os seus entes queridos. E tão furioso estava que os irmãos foram obrigados a amarrá-lo. O amigo estava irreconhecível. Acordei a minha tia e perguntei-lhe o que fazer. Ela disse de imediato:

"Compra um cântaro novo de barro, enche-o com água do rio mais próximo e despeja-a sobre o doente três vezes. Depois atira o cântaro contra as pedras para se partir em pedaços pequenos. Não te vires ao som do cântaro partido."

Embora fosse muito incómodo, acordámos o oleiro que vivia ao nosso lado. Ele ficou intrigado com a visita noturna, mas deu-nos um cântaro de barro. O rio em Petrich passa pelo centro da cidade, e a nossa casa fica na sua margem alta. Descemos até ao rio e fizemos tudo como a minha tia disse. Agradeço à

escuridão e à hora tardia, pois o nosso "rito" junto ao rio teria parecido muito suspeito a qualquer um. Mas o mais espantoso é que o meu amigo recobrou o juízo, dormiu tranquilamente toda a noite e acordou no dia seguinte como uma pessoa normal. Não se lembrava de nada dos seus ataques violentos.

Outro caso semelhante. Um jovem, operador de escavadora, foi ter com a Vanga. Enquanto trabalhava a drenar o pântano, na lama e lodo fétido, arranhou o joelho. A ferida infecionou, a perna inchou e ficou negra, e os médicos disseram que teria de ser amputada. Mas Vanga aconselhou outra coisa: apanhar um sapo, de preferência exatamente no local onde o jovem feriu a perna, tirar-lhe a pele e aplicar a pele do sapo no local ferido. Os pais do rapaz fizeram como a minha tia lhes disse. A dor desapareceu imediatamente, o rapaz adormeceu e dormiu profundamente durante dois dias (durante a doença, tinha de tomar doses fortes de comprimidos para dormir). Quando acordou e retirou a ligadura, havia uma haste de abcesso purulento sobre ela. Uma semana depois, a ferida estava completamente sarada e a perna foi salva.

O tratamento sugerido pela Vanga naquela altura surpreendeu-me muito, mas mais tarde li que há substâncias na pele dos sapos que neutralizam até veneno de cobra. Portanto, talvez não haja nada de errado com esta "receita", apenas não é conhecida pela medicina oficial.

E foi assim que Vanga me tratou. Sofria há muito tempo de dores no ombro esquerdo. O médico diagnosticou depósito de sais. O tratamento era doloroso e muito demorado. Sabendo como a minha tia estava cansada das visitas diárias dos doentes, não me atrevi a ir ter com ela durante muito tempo. Finalmente, quando a dor se tornou insuportável, pedi-lhe que me aconselhasse um tratamento. Vanga mandou comprar dois pacotes de incenso, moer em pó e misturar com cinquenta gramas de vinagre de maçã. Espalhar a mistura num penso apertado e aplicar no local dorido durante três noites seguidas. Nem preciso dizer que fiz logo como ela disse. A dor desapareceu e nunca mais me lembrei dela.

Um amigo meu de Petrich sofria da mesma doença, mas Vanga aconselhou-lhe um remédio completamente diferente. Mandou embebedar um pano de lã em gasolina, colocar no local dorido e pressionar por cima com uma chapa de cobre bem quente. Fazer três sessões. E a dor passou.

A nossa amiga M.T., de Petrich, tinha uma verruga na mão que lhe incomodava muito. Um dia arrancou-a. E então, cerca de uma semana depois, ficou com verrugas por todo o corpo. Vanga aconselhou a mulher a apanhar um esporão (uma erva), secá-lo, moê-lo em pó e polvilhar cada verruga. A mulher fez isso — todas as verrugas desapareceram.

K.S., de Ruse, tinha um filho com asma, e os médicos aconselharam a família a ir viver para Sandanski, o que lhes era muito incómodo. Quando perguntaram à Vanga se a criança podia ser curada, ela mandou trazer 40 folhas secas de Tussilago (erva conhecida como "mãe-e-madrasta") e meio litro de aguardente. Vanga segurou ambos nas mãos durante algum tempo e depois disse ao pai da criança para molhar as folhas na aguardente e colocá-las no peito do bebé. Após várias sessões, os ataques cessaram e não voltaram.

K.B. sofreu durante muitos anos de hemorragias intestinais internas e não conseguia curar-se. Vanga disse-lhe para encontrar um visco branco (planta parasita) que cresce em pinhal, esmagar os botões da planta, deixar de molho numa chávena de água e beber essa infusão de manhã. O tratamento foi muito eficaz.

A.I., de Sandanski, recuperou da forma inicial de diabetes fazendo o que Vanga lhe aconselhou. Trouxe à curandeira cerca de três quilos de feijão maduro, ela segurou-os nas mãos por um tempo e depois disse-lhe para ferver as vagens e beber a decocção; uma chávena todas as manhãs em jejum. O sofrimento cessou e não voltou.

A minha mãe reuniu uma autêntica enciclopédia: casos de cura de várias doenças pela Vanga, bem como os seus conselhos. Aqui estão alguns deles: No verão, andar descalço o máximo possível, aconselha Vanga, para que a ligação com a terra não se interrompa. Que as crianças andem nuas e descalças, que se sujem e brinquem na terra — isto vai protegê-las das doenças que as espreitam no inverno. A alimentação das crianças deve ser líquida. Não se pode deixá-las comer seco.

Além de nadar no rio, no lago ou no tanque, é necessário lavar os pés à noite com água "natural" (do rio ou lago).

Às vezes, Vanga dava-nos verdadeiras lições de botânica. Eu guiava-a pelas clareiras em Rulit e ela, como uma professora, explicava-me pacientemente como se chamava esta ou aquela planta e o que podia dar à pessoa.

Não sei como ou o que ela "vê", mas por vezes até aponta o dedo para onde se deve procurar. "Sabes que erva cresce onde estás parado?" — Trança-de-nó (Polygonum). "Sim", continuava Vanga, "é uma trança-de-nó. É útil dá-la a crianças que sofram de anemia. E ali vês — um trevo. Esta planta não permite que quem a cultiva em casa durma tranquilamente, as pessoas pobres são atormentadas por pesadelos. O trevo é especialmente venenoso na altura da floração. Sim, não as vejo, mas ouço-as falar comigo. Aquela planta ali, com flores parecidas com campainhas, veio de um país que está muito inquieto agora, onde há tumultos.

Sinto o cheiro de aipo, um excelente remédio para o reumatismo. Colhe bastante e faz uma salada para o pequeno-almoço. Estás quase a pisar uma planta que é boa para feridas de difícil cicatrização. As flores e as ervas contam tantas coisas, mas são tantas que não tenho tempo de as memorizar. Lembro-me bem que a Vanga curou um médico que sofria de furúnculos dizendo-lhe para beber uma decocção de sementes de ervilhaca durante vinte dias."

Ela acredita que para doenças de estômago existe um remédio muito simples que cura completamente em três dias. Assim que a doença se manifesta, é necessário beber o sumo de um limão com uma colher de bicarbonato de sódio durante três dias, de manhã, em jejum.

Vanga aconselhou um jovem com leucemia a beber uma decocção de trigo, milho, aveia, centeio e milho-miúdo. Passado algum tempo, o jovem comunicou que se sentia bem e até tinha engordado cinco quilos.

Outro jovem com convulsões, que se julgava ser epilepsia, Vanga disse que provavelmente tinha um nervo comprimido como resultado de uma queda. Aconselhou a pegar num pedaço de linho, embebê-lo numa mistura de azeite, cera derretida e aplicar um emplastro ao longo de toda a coluna — de cima a baixo. As convulsões pararam.

Outra pessoa, que tinha feito uma operação mal sucedida aos gânglios linfáticos inflamados devido a uma infeção, Vanga disse que não precisava de

um cirurgião, mas de um dentista, porque, na sua opinião, a infeção era causada pelo incómodo da prótese dentária.

A uma mulher com edema nas pernas foi proposto o seguinte tratamento: num balde de água fria, dissolver um pacote de sal grosso. Depois pegar num lenço, molhá-lo nessa água e colocá-lo na zona lombar. Assim que o lenço aquecesse, voltar a molhá-lo na água. Depois destas compressas, o inchaço já não voltou a aparecer.

Quando éramos pequenos, diz a minha mãe, tínhamos muitas vezes malária. Vanga tratava-nos assim: numa tigela de esmalte limpa, colocava um ovo fresco de galinha e deitava 200 gramas de vinagre de vinho, deixando a tigela no quintal, ao sol. No dia seguinte, a casca do ovo dissolvia-se. Depois Vanga mexia tudo muito bem e dava-nos a beber em jejum. A doença desaparecia.

Em caso de intoxicação por peixe, Vanga aconselha a beber uma colher de sopa de mastique (aguardente de anis) misturada numa chávena de água o mais rápido possível. Uma vez, eu própria estive muito intoxicada. Senti-me tão mal que pensei que ia morrer. Vomitei toda a noite e de manhã estava inconsciente. Quando soube do que tinha acontecido, Vanga disse-me para beber mastique com água. Passados cinco minutos, senti-me melhor e recuperei completamente.

Não sei como as ervas medicinais atuam nas pessoas e não pratico homeopatia, por isso encerro aqui o meu relato sobre o tratamento com ervas que a Vanga pratica. E seria possível citar milhares de casos que confirmam as capacidades incríveis da Vanga. Descrevê-los é tarefa de especialistas — descrevê-los e descobrir o grão de verdade na sua prática médica.

Vanga diz: "Não reconheço o tratamento em que é preciso beber 20–30 ervas de uma vez. Às vezes as pessoas bebem um saco inteiro de plantas diferentes e o efeito é mínimo. Recomendo apenas uma erva ou um remédio para uma determinada doença, para que a pessoa saiba o que a cura e o que a pode prejudicar. É importante determinar exatamente que erva ajuda em que doença. Não afirmo ser uma grande conhecedora de ervas, pois são as próprias ervas que me dizem. Muitas vezes o nome que pronuncio é-me desconhecido."

No entanto, tenho uma impressão diferente sobre o tratamento dela. Não sei porque é que isto acontece. Mas mesmo que as ervas e outros remédios

recomendados pela Vanga não tenham propriedades curativas, adquirem poder de cura depois de ela as segurar nas mãos. É como se, com este toque, várias ervas adquirissem não só uma força de cura poderosa, mas também uma carga sugestiva.

Acontece que ela recomenda outros métodos de tratamento. São estranhos, ilógicos e inexplicáveis. Foram eles que provocaram a negação feroz do dom da Vanga por parte da ciência médica oficial, que a rotulou de feiticeira e astuta especuladora. Fico magoado com tais qualificações, porque, fosse qual fosse o conselho da Vanga durante quase cinquenta anos de prática, nunca prejudicou uma única pessoa. Como ilustração do que foi dito, dou alguns exemplos.

A mulheres que davam à luz crianças mortas, ela recomenda que, na próxima gravidez, lhe tragam uma boneca nova, fraldas e uma bacia. Ela segura-os nas mãos durante um ou dois minutos e depois diz-lhes para fazerem o seguinte: na primeira noite, a mulher deve atar uma fralda à cintura e, na noite seguinte, envolver a boneca nela. Alternar isto três vezes. Depois do nascimento da criança, dar-lhe banho apenas nessa bacia. Normalmente, depois destes procedimentos, as mulheres têm filhos vivos que se desenvolvem normalmente.

Um visitante adulto que sofria de incontinência urinária noturna foi instruído pela Vanga a trazer um rim de porco. Depois de o segurar nas mãos por algum tempo, sugeriu que fizesse o seguinte: atar o rim ao cinto, pegar em duas garrafas vazias de casa, enchê-las com água do poço do quintal. Depois, despejar essa água no jardim, longe do poço, então desatar o rim e enterrá-lo bem longe, num prado. O homem recuperou de imediato.

A uma criança com a mesma doença foi oferecido um tratamento semelhante, mas num cenário ligeiramente diferente: a criança tinha de ser levada à floresta, urinar sobre um rim de porco e depois enterrá-lo na terra.

Uma mulher com esgotamento nervoso foi instruída a trazer uma almofada cheia de feno silvestre seco e um litro de água de casa. Depois, a Vanga aconselhou a lavar apenas os olhos com essa água e dividir o feno em três partes, cozer uma das partes em bastante água durante três noites seguidas e derramar essa água desde os ombros até aos pés.

Para uma criança que estava a perder progressivamente a visão, exigiu trazer e segurou nas mãos as seguintes coisas: duas tortilhas do tamanho dos olhos,

feitas de massa e assadas, e um frasco de litro cheio de água da casa deles. Depois aconselhou: esses "olhos" de massa deviam ser mantidos durante uma noite dentro da mesma água, depois pendurados num ramo de uma árvore que não dê fruto — choupo, salgueiro, etc. — e molhar os olhos da criança com essa água. A perda progressiva da visão parou.

Um visitante que não conseguia casar foi ajudado da seguinte forma: pediu-lhe que recolhesse a água da primeira chuva da primavera num recipiente e lha trouxesse. Depois deveria ir a um local limpo — uma montanha, um campo — despejar essa água sobre si próprio e ir-se embora sem olhar para trás.

Um estudante de uma escola técnica de eletrónica, assustado com as exigências elevadas da escola e sem grande gosto por essa especialidade, entrou em forte depressão e teve uma crise nervosa. A Vanga disse aos pais para lhe trazerem terra recolhida do curral das ovelhas e um pequeno espelho novo. Não sei o que os pais fizeram com essas coisas depois, mas o rapaz, que frequentemente se tornava agressivo, acalmou-se e recuperou depois de visitar a Vanga.

Aqui está outra conversa sobre este tema, que registei literalmente:

**Vanga:** Esta jovem que está à minha frente é casada, não é?

**Visitante mais velha:** Sim.

**Vanga:** Vieram ter comigo porque não têm filhos?

**Visitante:** Sim.

**Vanga:** Pegaste num balde cheio de água quando estavas grávida e o feto ainda não estava fixo. No terceiro mês, tiveste um aborto espontâneo.

**Visitante:** Sim.

**Vanga:** Vais ser mãe. Mas, para isso, precisas de coser um trabalho infantil, de um lado seda rosa com renda, do outro branco. Vais enchê-lo com algodão e oferecê-lo à Igreja de S. Cosme e Damião. Vais ser mãe. Quando voltares a engravidar, não levantes nada pesado. — E para a mulher mais velha: Esta rapariga é muito bonita, olha para os dentes brancos dela. Diz-me, alguma vez o olho esquerdo dela doeu?

**Mãe:** Sim.

**Vanga (para mim):** Devias saber o que eu vejo! Vejo tudo o que está numa pessoa. Por fora e por dentro!

Outra mãe, cujo filho tinha incontinência urinária, a Vanga mandou apanhar uma abelha, matá-la, esmagá-la num pedaço de pão e dar à criança para engolir.

A uma mulher com psoríase, Vanga aconselhou:
"Leva cera e mostarda. Leva a cera à igreja e põe a mostarda na tua almofada."
Enquanto levava a cera à igreja, a mulher sentiu-se aliviada. Curada.

Vanga também recebeu pais de Burgas, cujo filho de dez anos estava doente, mas os médicos não conseguiam fazer um diagnóstico. Vanga ficou em silêncio por um tempo e depois perguntou: "O que querem deste rapaz?" Pensou, rodou um pedaço de açúcar nas mãos e disse: "Percebo finalmente o que querem. No aniversário do rapaz, tragam o primeiro fruto que amadurecer no vosso quintal." Os pais trouxeram uma maçã. Vanga pediu ao rapaz para dar uma dentada na maçã e disse-lhe para dar o resto a uma ovelha ou outro animal herbívoro para comer.

Passado pouco tempo, os pais, com o filho calmo e recuperado, vieram ter com a Vanga para lhe agradecer. A.N., da aldeia de Levunovo, região de Petrich, também tinha um filho doente, sem diagnóstico definido. Vanga mandou trazerem-lhe um prego de casa e um pão cozido pela mulher. Segurou esses objetos nas mãos por um momento e depois pediu para partirem o pão sobre a cabeça da criança, dar-lhe um pedaço para comer e o resto aos animais da casa. A criança recuperou.

Sobre maldições, Vanga afirma: "Os pais não se arrependem, por isso a maldição enviada pelo pai ao filho culpado persegue até à sétima geração. Portanto, pais, tenham cuidado!"

Depois de uma desgraça, um rapaz de onze anos ficou com distúrbios mentais e foi tratado duas vezes em psiquiatria. Vanga disse que o rapaz estava inquieto porque não era batizado e "não tem anjo da guarda". Os pais concordaram em batizar o filho, desde que a Vanga fosse madrinha. Ela aceitou, e algum tempo depois o rapaz voltou a si, acalmou-se e tornou-se estudante.

V.N., de Smolyan, não tinha filhos há mais de sete anos e veio ter com Vanga para perguntar se teria um filho. Vanga mandou trazer um litro de água, uma pulseira e um vestido novo. Depois de os segurar um pouco nas mãos, disse: "Lava-te com esta água, usa a pulseira sempre e, quando lavares o vestido, lava-o separado das outras roupas." Menos de um ano depois, Vanga recebeu a notícia de que a mulher tinha dado à luz um rapaz.

P.B., de Chirpan, estava a trabalhar no campo quando uma tempestade terrível rebentou e, à noite, o homem ficou paralisado do braço e da perna direitos. Os familiares trouxeram-no à Vanga literalmente ao colo. Vanga disse: "No mesmo dia da semana em que a tempestade te apanhou, vais ao mesmo sítio e tiras uma taça de terra. Em vez da terra, vais deixar a mesma quantidade de açúcar. Traz-me a terra." Segurando-a nas mãos, disse ao homem para despejar a terra no rio. O homem recuperou.

Registei muitos casos assim. Aqui estão mais algumas "receitas" estranhas: os pais da criança, cujos olhos doíam, pediram para fazer dois olhos de cera e levá-los até ela.

O remédio para outra criança, que era muito inquieta e chorava incessantemente, foi a camisa lavada da criança e duzentos gramas da água onde tinha sido banhada. Depois de segurar ambos nas mãos durante algum tempo, Vanga ordenou vestir a criança com a camisa e deitar a água sobre as pernas.

Uma mulher no sexto mês de gravidez, que estava constantemente enjoada, Vanga curou da seguinte forma: pediu à paciente que lavasse os pratos e utensílios depois do jantar, enxaguasse tudo novamente com água limpa e trouxesse essa água à Vanga. Depois disse à mulher para beber um pouco dessa água, e ela deixou de vomitar.

Um rapaz de onze anos parou de crescer. Vanga ajudou-o com o seguinte conselho: pediu ao pai que fizesse uma pequena escada de tábuas de madeira com um número de degraus igual à idade do filho e desse essa escada ao Mosteiro de Bachkovo.

Uma mulher ficou muito assustada e adoeceu porque, enquanto trabalhava no campo, viu um lobo. Vanga pediu-lhe que trouxesse uma saia nova e disse-lhe para a enrolar num pedaço de madeira que tivesse sido queimado por um raio.

Depois de a ter com ela durante um dia, disse à mulher para vestir a saia e usá-la durante três dias, colocando o pedaço de madeira debaixo da cama.

A criança era viciada em comer terra na rua e em qualquer lugar. Os pais preocupados recorreram à Vanga, que o curou dizendo: pese um torrão de terra na balança e depois ofereça à criança para comer dessa terra. Ele lambeu os lábios uma ou duas vezes e nunca mais comeu terra.

E mais uma vez sobre a balança, mas desta vez em relação a outra criança que tinha cleptomania. Vanga aconselhou a pesar um objeto roubado pela criança numa balança nova e trazê-lo até ela. Colocado depois entre os pertences da criança, esse objeto desmotivou-a completamente de voltar a roubar coisas dos outros.

Outro exemplo de uma criança cleptomaníaca, que roubava dinheiro: Vanga ordenou-lhe que pegasse na moeda roubada e a trouxesse até ela. Depois disso, a moeda foi novamente colocada no bolso da criança, que de repente perdeu o desejo de roubar.

De alguma forma, preocupamo-nos mais com os problemas das crianças. Outra criança com perturbações mentais foi curada depois de, a pedido da Vanga, lhe trazerem uma saia vermelha nova para a rapariga e uma garrafa de água tirada de um poço junto à velha igreja da aldeia. A criança foi lavada com essa água, vestiu a saia e foi instruída a usá-la durante vários dias.

Para a criança que mal conseguia mexer-se, a cura foi um par de sapatos comprados para o seu aniversário, que depois foram oferecidos à igreja. E aqui está um caso bastante invulgar: os pais de uma criança que tinha colite grave foram mandados trazer três ramos de salgueiro. Depois de segurar os ramos nas mãos, Vanga aconselhou a enterrá-los na terra fora da aldeia.

Uma vez perguntei à Vanga o que uma pessoa deveria fazer para preservar um dom tão precioso como a saúde, se havia alguma receita universal para isso.

"Como é?", pergunta ela. "É muito simples! Não tenho nenhum conselho especial ou segredo. Toda a gente sabe o que não deve fazer. Embora não vá revelar nada de novo, vou repetir as regras de manual. Antes de mais, não se deve comer em excesso. Os produtos hoje em dia estão tão estragados com todo o tipo de químicos que podem envenenar. Além disso, a comida em

excesso é um peso para todos os órgãos humanos. Talvez o Todo-Poderoso nos tivesse dado dois estômagos se pudesse imaginar que iríamos comer tanto. Se me perguntassem o que semear nos campos, eu diria: tanto centeio quanto possível. As pessoas deviam comer mais pão de centeio para se manterem saudáveis. Hoje, mais do que nunca, a importância do centeio na alimentação é enorme.

Deve-se beber chá de ervas com mais frequência. Reduzir o teor de gordura na alimentação. Aqueles que estão saudáveis devem, gradualmente, diminuir a proporção de pratos de carne, e é melhor abandonar a carne de todo. Pelo menos uma vez por semana, deve-se comer centeio cozido e beber água pura. É isso que dará força à pessoa para lidar com várias doenças.

Não fumem. O tabaco é um assassino lento e voluptuoso. Atua com certeza e mata a sangue frio.

Deitem-se cedo, às 22 horas, e levantem-se cedo — às 5 ou 6 horas. É nestas horas que o corpo e o cérebro descansam melhor, os nervos acalmam-se e a tensão muscular diminui.

Elevem a pureza ao culto. Não se lavem com água muito quente, usem de preferência sabão caseiro.

Tenham cuidado! Em breve aparecerão doenças desconhecidas (registo de 1981). As pessoas cairão na rua, ficarão gravemente doentes sem motivo aparente. Até aquelas que nunca adoeceram ficarão gravemente doentes. Mas a catástrofe geral pode ser evitada, tudo está nas vossas mãos.

É impossível abusar de fertilizantes e químicos. A natureza já está a sufocar. Chegará o dia em que várias plantas e animais, tanto selvagens como cultivados, desaparecerão da face da Terra. Cebolas, alhos e pimentos serão os primeiros a desaparecer dos nossos quintais para sempre. Os apiários ficarão sem abelhas, o leite tornar-se-á amargo.

## APÊNDICE

## EXCERTOS DE TESTEMUNHOS

**Spaska Vangelova sobre Baba Vanga**
**A Spaska Vangelova tem cuidado das flores da Baba Vanga. Lembro-me da Baba Vanga desde que era criança. Quando ela e o marido chegaram a Petrich, tornou-se popular em poucos meses. Eu devia ter uns cinco ou seis anos, mas ainda me lembro de ver centenas de pessoas alinhadas todos os dias em frente à casa dela. Eu e as outras crianças do bairro costumávamos brincar perto da casa dela, porque ela saía muitas vezes para nos dar rebuçados e chocolate. De certa forma, a Baba Vanga era uma parente minha. Fiquei órfã com um ano de idade.**

**O homem que me adotou foi o padrinho de casamento da Baba Vanga. Por isso, muitas vezes chamava-lhe madrinha. Quando tinha catorze anos, a Baba Vanga aconselhou-me a candidatar-me a um trabalho na mercearia mesmo em frente à casa dela. Disse-me que assim ganharia algum dinheiro e estaria por perto para a ajudar quando fosse preciso. E assim foi – arranjei o trabalho na mercearia e visitava-a quase todos os dias. Varri o quintal, regava as flores, lavava os caminhos, etc. Como tinha estudado jardinagem, a Baba Vanga só me permitia a mim cuidar do jardim dela – tanto em Rupite como em Petrich. Ainda me lembro bem das últimas palavras dela antes de falecer: "Spaska, por favor não abandones o meu jardim quando eu morrer."**

**Baba Vanga sobre a Limpeza**
**Era 1955 – eu tinha 14 anos na altura. Fui ver a Baba Vanga e ela pediu-me para varrer o quintal. Peguei na vassoura e estive pelo menos uma hora a limpar bem a zona. No caminho de casa, a Baba Vanga disse-me: "Varres bem, minha querida, mas quando fores para casa da tua sogra, é assim que vais varrer o quintal dela?" Aconteceu que, de alguma forma, a Baba Vanga reparou numa casca de feijão atrás da porta do quintal que eu não tinha visto. Não sei como chamar a isto, mas o sentido de limpeza dela era inigualável. Lembro-me muito bem de um dia em que tivemos uma festa em casa da Baba Vanga. Os convidados trouxeram vinho, peru grelhado, baklava. Fizemos uma bela festa e, quando acabou, arregacei as mangas e fui para a cozinha ajudar a lavar a loiça. No último prato não vi uma mancha microscópica de tomate, que foi logo notada pela Baba Vanga. "É assim que lavas a loiça? Por que é que te despachaste neste último prato – como é que eu posso servir isto assim aos meus convidados?" – disse-me ela. Fiquei mesmo zangada e respondi: "Então não lavo mais a tua loiça**

**nem varro mais o teu quintal. O que posso fazer – não consigo 'ver' tão bem como tu." Ela gritou de volta: "Que vergonha – eu não tenho olhos mas vejo melhor do que tu! Da próxima vez concentra-te mais."**

**A Baba Vanga era uma excelente tricotadeira. Ela tricotava os coletes mais bonitos que já vi. Uma vez, sem lhe pedir licença, peguei no tricot dela e fiz umas carreiras. Ela ficou zangada porque não gostou nada do que eu fiz. Tinha razão, a parte que fiz estava muito diferente da dela. Não me lembro de conhecer alguém que conseguisse tricotar com tanta suavidade e regularidade como a Baba Vanga. Quando era mais nova, a Baba Vanga cozinhava todos os dias. Tudo o que fazia era incrivelmente delicioso. Não sei se lançava feitiços na comida, o que era, mas as refeições dela eram tão macias e doces como mel. Cozinhava tudo em lume brando. O ensopado de feijão dela era provavelmente o melhor que já provei. Cozinhava muitos pratos vegetarianos também. Tínhamos esta brincadeira em que eu provava algo e lhe pedia a receita, e ela não me dizia o que era, porque eu tinha olhos e devia ver e aprender sozinha.**

**Ela ensinou-me a fazer uma banitza (massa filo recheada com queijo feta) milagrosa e um tikvenik (massa filo recheada com abóbora). Gostava de convidar pessoas e de lhes servir as suas refeições. Não comia muito – apenas o suficiente para sobreviver. O que gostava mesmo era de anis. Costumava brincar: "Se eu não beber anis, como posso ler as pessoas? O anis ajuda-me a lembrar-me de mais coisas." Muitas vezes dava-me um copo de anis para lhe fazer companhia. De facto, o anis fazia-me sentir revigorada, sem ficar bêbeda. A Baba Vanga tinha sempre anis em casa e pedia frequentemente às pessoas que lhe trouxessem mais quando acabava o que tinha.**

**Como já disse, conhecia a Baba Vanga e o marido desde que chegaram a Petrich. O meu padrasto foi o padrinho deles no casamento. A irmã da minha madrasta estava noiva do Mitko. Os meus pais contaram-me a história de que, quando o Mitko tinha vinte anos, foi a Strumitza perguntar à Baba Vanga pelo irmão dele que desapareceu durante a guerra. A Baba Vanga disse-lhe diretamente que ele ia deixar a noiva e casar com ela, porque assim estava escrito no destino. O Mitko não acreditou nas palavras dela ao início, mas mais tarde foi exatamente isso que aconteceu.**

**No início viveram numa casa pequena e miserável que só tinha um quarto e um corredor. Mais tarde o Mitko construiu uma casa maior – era um homem muito habilidoso. Foi então que centenas de pessoas começaram a visitar a Baba Vanga todos os dias. Melhoraram a situação financeira e, passados alguns anos, o Mitko tornou-se alcoólico. Era um homem muito bom. O meu destino foi parecido – também tive um bêbado em casa. Lembro-me de perguntar à Baba Vanga como podia ajudar o meu marido e ela respondeu: "Se houvesse cura para essa doença, primeiro teria ajudado o meu marido e depois ajudava os outros. Se essa é a tua sorte, vais aguentá-la como é, até tu ou ele morrerem."**

**Uma vez perguntei à Baba Vanga porque não teve filhos. Ela respondeu: "Eu podia ter tido dez filhos se quisesse. Mas não é só importante dar à luz – é preciso criar uma criança, educá-la. Se eu pegar numa criança infeliz e a ajudar – não serei eu uma mãe?"**
**Antes de o marido se tornar alcoólico, tinham uma vida feliz e unida. A Baba Vanga recebia visitas com frequência e ela e o marido eram grandes anfitriões. Com o tempo, decidiram não ter filhos biológicos e resolveram adoptar um. A Veneta foi a primeira filha adotiva deles. Era da aldeia de Resilovo, na província de Dupnitza. Veio de uma família com três filhos que vivia na miséria.**

**A Baba Vanga e o Mitko perguntaram aos pais se podiam cuidar da filha deles e eles concordaram. Nunca a adoptaram oficialmente, levaram-na para casa com três anos. Mais tarde, quando a Baba Vanga ficou viúva, adotou o segundo filho – Dimitar Valtchev. Foi à aldeia de Kapatovo e perguntou ao pai do Dimitar – Krastyo – se podia criá-lo. Sem muita hesitação, o Krastyo concordou, pois tal como os pais da Veneta, a família era muito pobre e mal tinha como se sustentar. O Dimitar tinha cerca de doze ou treze anos. Acabou a escola com distinção e depois foi para Moscovo estudar Direito. Licenciou-se e tornou-se um procurador muito respeitado.**

**A Baba Vanga tinha um grande coração. Além da Veneta e do Dimitar, queria acolher outras crianças também. Estava sempre a tentar ajudar as pessoas, a retribuir. As crianças eram muito especiais para ela. Um dia, uma jovem de Haskovo foi pedir ajuda à Baba Vanga para a sua saúde. Era uma menina tão bonita. A Baba Vanga disse-lhe o nome do médico a quem**

**devia ir, assim como outros conselhos para tratar o problema dela. A rapariga tirou 20 leva (cerca de 15 dólares) do saco de plástico para dar à Baba Vanga. A profetisa sorriu e disse-lhe: "Se eu aceitar o teu dinheiro agora, como vais voltar para casa? Não tomaste pequeno-almoço nem jantaste. Guarda esse dinheiro e aqui tens mais para comprares comida." A Baba Vanga meteu a mão ao bolso, pegou em todo o dinheiro que tinha recebido de outros visitantes e deu-o à menina. Nem tentou contar nem pediu a alguém para o fazer. Depois deu-lhe uma toalha bordada e um pedaço de tecido. A rapariga agradeceu do fundo do coração e saiu com lágrimas de alegria.**

**Svetla Todorova: Análise das práticas de cura da Baba Vanga**
**Ervas. Outros Remédios. Rituais**
**Sem ser fitoterapeuta e sem qualquer formação formal em fitoterapia, a Baba Vanga conseguiu curar com ervas e outros procedimentos milhares, senão centenas de milhares, de pessoas. Caso contrário, não seria conhecida em todo o lado como profetisa e curandeira – diriam antes: "Há ali uma vigarista em Petrich." Em vez disso, as pessoas diziam: "Há ali uma santa em Petrich."**

**O caso da Baba Vanga merece reflexão. De facto, o conhecimento da cura com ervas foi passado de geração em geração. Mas quem é essa primeira geração que adquiriu esse saber? Quem foi a primeira pessoa com a capacidade de curar? Não existe essa primeira pessoa. Existe sim essa experiência humana milenar. As pessoas iam colhendo e usando ervas, raízes, ramos – uns recuperavam, outros envenenavam-se. Mas além do conhecimento empírico pela tentativa e erro, havia outro factor importante.**

**Aqueles que passavam para a eternidade partilhavam a sua experiência. E desde a Antiguidade existiam pessoas com perceções extrassensoriais. Médiuns fortes que captavam sinais: "esta erva é venenosa, cuidado" ou "esta erva pode curar isto ou aquilo". Os médiuns que começaram a curar com ervas transmitiam o seu saber aos descendentes, e assim a fitoterapia foi ficando cada vez mais popular ao longo dos séculos. A Baba Vanga não recebeu conhecimento transmitido de antecessores. Usou o mecanismo desde o início da Humanidade. Adquiriu esse conhecimento diretamente dos Seres Inteligentes sem Corpo.**

**A Baba Vanga curava não só com ervas, mas também com outros produtos, como cebola, batata ralada, milho, folhas de nogueira, clara de ovo, óleo de girassol, vinagre, cera de abelha e outros. Até mesmo com pele de rã! A informação sobre o que exatamente recomendar a cada visitante chegava-lhe da mesma forma que ela "via" a erva certa. No livro de Krassimira Stoyanova, *A Verdade sobre a Baba Vanga*, existe uma lista detalhada das várias doenças tratadas com as receitas de cura da Baba Vanga. Os casos de cura descritos abaixo foram retirados do mesmo livro.**

**(1) Quando o professor Atanas Maleev proibiu pessoalmente a Baba Vanga de curar, porque, segundo ele, havia médicos que podiam tratar qualquer doença (?!), ela respeitou a ordem, mas uma vez aconteceu algo com o seu sobrinho de cinco anos, Dimitar. Depois de ter tido varicela, apareceu-lhe uma espécie de grão no canto do olho esquerdo. O médico recomendou que levassem o menino ao hospital regional de Blagoevgrad. A Baba Vanga decidiu ir com a irmã e a criança. Na noite anterior à viagem, porém, disse à Lyubka para derreter um pouco de cera de abelha, moldá-la em forma de massa, deixá-la arrefecer e colocá-la sobre o grão com um adesivo. Na manhã seguinte, quando removeram o adesivo, o grão estava colado a ele, juntamente com uma raiz do comprimento de meio fósforo (!!!).**

**(2) E agora aqui fica um exemplo de como a Baba Vanga salvou um jovem da amputação da perna. Foi neste caso que a pele de rã ajudou! Um operador de escavadora arranhou o joelho enquanto esvaziavam um pântano. A perna começou a inchar e a acumular pus. Os médicos disseram que era preciso amputar a perna. A Baba Vanga recomendou o seguinte: encontrar uma rã, de preferência do local onde o acidente aconteceu, esfolá-la e colocar a pele sobre a ferida. O homem fez o que ela disse, dormiu dois dias e duas noites seguidos sem acordar e, quando acordou, o penso tinha caído e, sobre ele, estava algo parecido com um ferrão branco de dez centímetros. Em uma semana a ferida estava completamente curada. Pois bem, como não dizer que a Baba Vanga era uma santa, apesar dos cérebros amputados e do dogmatismo religioso!**

**(3) M.T. de Petrich tinha uma verruga na mão que lhe dificultava o trabalho. Um dia, sem querer, arranhou-a. Depois de uma semana, verrugas semelhantes começaram a aparecer por todo o corpo. A Baba Vanga disse-lhe para encontrar a erva esporão-do-diabo, secá-la, reduzi-la**

**a pó e aplicá-la sobre a primeira verruga. Depois disso, todas as outras desapareceram.**

**(4) K.B. sofria de hemorróidas internas há muitos anos. A Baba Vanga disse-lhe para encontrar visco comum (viscum album), que cresce em pinheiros (uma planta parasita cujas sementes se fixam na casca de árvores e só se desenvolvem aí), esmagar alguns galhos secos da planta, colocá-los num copo de água e beber essa água todas as manhãs. As hemorróidas desapareceram.**

**(5) A Baba Vanga recomendou a um jovem com leucemia que bebesse a água de grãos de trigo, milho, aveia, centeio e painço fervidos. Passado algum tempo, o homem ligou-lhe a dizer que se sentia muito bem e que tinha engordado cinco quilos.**

**(6) A Baba Vanga ajudou um jovem médico a livrar-se de umas erupções persistentes dizendo-lhe para beber uma decocção de sementes de ervilhaca.**

**(7) A.P. de Sandanski foi curado de uma forma inicial de diabetes da seguinte forma: levou à Baba Vanga cerca de três quilos de vagens de feijão maduro. A Baba Vanga segurou-as nas mãos durante algum tempo e depois disse-lhe para as ferver e beber um copo da decocção todas as manhãs em jejum.**

**Este último caso, em que a Baba Vanga segurou as vagens de feijão nas mãos, abre caminho para outra das suas práticas de cura, sobre a qual, os que têm uma opinião positiva da profetisa falam muito pouco. Em capítulos posteriores, foi feita uma classificação dos fenómenos não-tradicionais em três categorias principais. A segunda categoria foi chamada de indução extraordinária. Inclui fenómenos como: transmissão intencional de pensamentos, bioterapia, cirurgia tibetana, psicocinese, levitação, materialização e desmaterialização, teletransporte e magia. De forma geral, são fenómenos em que, através de concentração mental, se cria uma forma-pensamento ou se modula a energia informacional do próprio campo astral ou do campo astral de outra pessoa. Por sua vez, o campo astral tem um efeito organizador sobre a matéria física.**

**Mesmo as mentes mais abertas ao não-tradicional, que aceitam quase todos os "milagres", incluindo profecias, levitação e teletransporte, são bastante reservadas quanto a aceitar a magia. E isso é compreensível. Infelizmente, a própria palavra "magia" já está corrompida. Isto entende-se, tendo em conta o contexto histórico e o uso monstruoso da magia negra, que ainda hoje se vê. Mas a magia também tem um aspeto muito positivo. Nestes casos chama-se magia branca e pode, por vezes, salvar vidas.**

**Para dar alguns factos, menciono muito brevemente duas tribos que vivem nas montanhas Azuis (Nilgiri), no sul da Índia, que Helena Blavatsky estudou em 1883: os Todds (altos, bem constituídos, nobres) e os Moulou Kouroumbs (baixinhos, de aparência anã, maldosos) (a palavra "kouroumban" é de origem tâmil e significa anão). Se um Molou Kouroumb fosse ofendido ou prejudicado, ficava a olhar fixamente para a pessoa que queria atingir. A pobre pessoa morreria em duas semanas devido a uma falha hepática. Um exemplo típico de magia negra! Esta magia só podia ser neutralizada pelos Todds, se a pessoa procurasse a sua ajuda a tempo. Isso é o ato salvador!**

**Podemos definir, de forma grosseira, a magia como a criação, por parte do executor, de uma impressão informacional sustentável no plano mental – resultado de visualização, invocação de Seres Inteligentes sem Corpo (SIC) e ações simbólicas e rituais. A impressão informacional pode estabelecer uma ligação com a psique da pessoa a quem a magia se destina, podendo assim afetar o corpo mental e astral dessa pessoa. Como resultado, pode também afetar o corpo físico. Assim, não é surpreendente que a magia possa causar alterações psicossomáticas ou simplesmente influenciar a psique.**

**O impato na psique e no corpo físico pode ser construtivo e estimulante (como na magia branca) ou suprimir as funções do corpo e agir de forma destrutiva (como na magia negra). Em muitos casos, porém, a magia não é mais do que sugestão mental (positiva ou negativa). Por exemplo, para um efeito terapêutico positivo, um bom mago pode, a seu critério, se a situação o permitir e se o paciente for suscetível a influências, prescrever algo como um "placebo". Este é um exemplo típico de como a mente pode**

**afetar o corpo apenas através da forte crença no efeito positivo do tratamento.**

**No caso em que a Baba Vanga segurou as vagens de feijão, se pretendia curar por sugestão, só poderia ser confirmado por observação no momento por um especialista teosofista com sensações não-físicas bem desenvolvidas, ou por avaliação instrumental de uma possível emissão proveniente das mãos da Baba Vanga. Está cientificamente provado que fotões ultravioletas são emitidos pelas palmas e dedos de pessoas com capacidades extrassensoriais quando estão a trabalhar. Estes fotões têm um efeito altamente estimulante no metabolismo do sujeito e na estruturação da água nos tecidos, o que tem um enorme impato nos processos biológicos. É por isso que, quando uma pessoa com capacidades extrassensoriais segura água ou comida nas mãos, isso pode ter poder de cura.**

**Mas a Baba Vanga não se limitava a influenciar produtos. Ela podia realizar ações mágicas no verdadeiro sentido da palavra. Vamos chamá-las aqui de rituais, para evitar a carga semântica controversa da palavra "magia". Aliás, a própria Baba Vanga dizia muitas vezes: "Eu não faço magia, não pratico essas coisas." Eis as palavras da sobrinha dela (Stoyanova, 1996: 132): "Contudo, às vezes ela recomendava outras formas de cura. Eram estranhas, ilógicas e inexplicáveis. Foi exatamente por causa destas coisas que as capacidades da Baba Vanga foram ferozmente negadas pela medicina oficial, que afirmava que ela era uma bruxa e uma charlatã habilidosa. Tais definições ofendem-me, porque, fossem quais fossem os métodos da Baba Vanga, em quase 50 anos de prática nunca fizeram mal a ninguém."**

**(8) Krassimira Stoyanova dá alguns exemplos a este respeito. Aqui está um deles. A mulheres que tinham tido filhos mortos à nascença, a Baba Vanga recomendava que, na gravidez seguinte, lhe levassem uma boneca nova, uma manta de bebé e uma banheira de bebé. Ela segurava-os nas mãos durante um ou dois minutos e depois dizia-lhes para fazerem o seguinte procedimento: na primeira noite, a mulher deveria enrolar a manta de bebé à volta da cintura, na noite seguinte enrolava a manta à volta da boneca. Isto deveria ser repetido três vezes.**

**Depois de o bebé nascer, deveria ser lavado apenas nessa banheira. Normalmente, depois destes procedimentos, as mulheres davam à luz crianças saudáveis, que cresciam bem. O mesmo procedimento, desta vez feito pela própria Baba Vanga, é descrito por Velitchka Yaneva de Kardzhali a Zheni Kostadinova (Kostadinova 2009a: 380): "A minha irmã mais nova não conseguia ter filhos – ao quarto mês de gravidez, o corpo dela rejeitava o feto.**

**Quando fomos à Baba Vanga, ela pediu à minha irmã que, quando engravidasse de novo, fosse ter com ela ao quarto mês e levasse uma boneca e uma manta de bebé. Lembro-me perfeitamente desta cena – ajoelhada, a Baba Vanga enrolou e desenrolou a manta à volta da boneca, falando para si própria, com o suor a escorrer-lhe. Depois levantou-se e disse: 'Agora está ligado! O bebé vai nascer bem; quando tiver quatro meses, tragam-no cá para eu o batizar.' No dia 9 de Dezembro de 1970, a minha irmã deu à luz um menino..."**

**(9) E aqui fica mais um exemplo de "ritual", descrito por Stoyanova (1996: 132): a um visitante que se molhava durante a noite, apesar de já ser adulto, a Baba Vanga recomendou que lhe levasse um rim de porco. Depois de o segurar nas mãos durante algum tempo, pediu-lhe que fizesse o seguinte procedimento: devia atar esse rim à cintura, ir buscar duas garrafas vazias de casa e enchê-las com água da torneira do jardim. Depois tinha de beber essa água, afastado da torneira, tirar o rim e enterrá-lo longe, num prado qualquer. O homem ficou imediatamente curado.**

**A interpretação que eu faria do caso (8) é a seguinte. Começaria de forma mais abrangente, referindo alguns factos sobre bioterapia. Esta pode ser realizada através de dois mecanismos. 1) Pela concentração de pensamento, o terapeuta modula, a nível informacional, o seu corpo astral, que por sua vez afeta estruturalmente os planos físicos do organismo. O resultado é uma irradiação deliberada (nos espectros ultravioleta, ótico e infravermelho) a partir dos dedos e das palmas do bio-terapeuta. Para além disso, o bio-terapeuta pode usar os campos magnéticos, elétricos e acústicos para fins terapêuticos. Mas também pode influenciar diretamente o corpo astral do paciente, através do seu próprio corpo astral ativo. O efeito é uma ativação localizada do metabolismo do paciente, um aumento do seu equilíbrio energético e uma estimulação do sistema nervoso central,**

**com todos os efeitos subsequentes. 2) Quando atua à distância (ou também de perto) através da concentração de pensamento, o terapeuta pode enviar uma forma-pensamento, representando uma onda mental alterada a nível informacional (em termos de psicotrónica – uma psy-onda). Desta forma, modula o campo mental do paciente a nível informacional, e a partir daí o campo astral, restabelecendo o fluxo correto de energia através dos chakras e dos principais canais bioenergéticos do paciente. Como resultado, o corpo físico do paciente é igualmente afetado de forma positiva.**

**É claro que, através dos mesmos mecanismos, se no lugar do bio-terapeuta estivesse um mago negro, as alterações na psique e no corpo da pessoa afetada poderiam ser negativas. Mas os magos negros não influenciam desta forma, pois são seres de baixa espiritualidade e não têm a capacidade de atuar a nível mental. Em vez disso, costumam usar outros métodos inaceitáveis, como a invocação de Seres Inteligentes sem Corpo (SIC) que habitam os níveis mais baixos do plano astral. São "seres" que aceitam de bom grado fazer o "trabalho sujo", pois foram criminosos na sua vida terrena.**

**Como já explicámos, as pessoas nobres, honestas e de carácter íntegro estão sempre rodeadas por um círculo de Seres Inteligentes sem Corpo dos planos superiores do mundo astral e, de acordo com o nível espiritual da pessoa, também por SIC dos mundos mental e superiores, que atuam como um escudo contra os SIC malignos.**

**Mas como funciona a magia branca? Os SIC comuns, ao que parece, não podem ter impato direto sobre os humanos, porque a sua energia astral é insuficiente e a sua "essência" astral não é tão densa como a dos seres de nível mais baixo. Assim, o mago branco não invoca SIC, porque é uma pessoa com um campo bio-psíquico muito forte e é, muito provavelmente, capaz de atuar de forma semelhante aos bio-terapeutas. Mas se uma pessoa bondosa e nobre (como a Baba Vanga), que não tem as capacidades de um mago, quiser realizar uma ação mágica, precisa de usar uma oração forte, que possa atrair SIC de um nível superior, que tenham energia consideravelmente mais forte. Muito provavelmente foi isto que a Baba Vanga fazia. Ela não tinha as capacidades específicas que a Juna tinha para**

**influenciar diretamente e podia recorrer a duas opções: magia através da oração ou magia através da sugestão.**

**No caso das mulheres com filhos natimortos, o facto de a Baba Vanga segurar os objetos rituais nas mãos destinava-se a atuar através da sugestão (porque não eram produtos biológicos). Ao mesmo tempo, no entanto, ela provavelmente dirigia uma forma-pensamento muito forte a Deus (que era captada pelas "forças" com as quais ela estava em contato). Assim, os Seres Inteligentes sem Corpo Superiores (SICS) que captaram a impressão informacional poderiam vir ajudar. Quando a mulher enrolava a manta de bebé à volta da cintura, isto poderia provavelmente causar alterações no nível astral e biofísico do seu organismo, desde que o problema fosse de origem funcional. A manta em si não era milagrosa, mas servia como um "ponto focal" para os seres superiores concentrarem a sua energia informacional modulada. O ato de enrolar a boneca na manta era uma espécie de ação simbólica de conceber e dar à luz uma criança saudável. Este símbolo poderia amplificar, por ressonância, as ações dos SICS.**

**Especialmente no caso recordado por Velitchka Yaneva, quando a Baba Vanga enrolava e desenrolava a manta à volta da boneca, ela provavelmente fazia uma oração muito forte; e o facto de suar profusamente poderia dever-se ao uso extremo de energia mental necessária para a visualização. No final do ritual, quando a Baba Vanga disse "Ficou ligado", ela provavelmente recebeu uma resposta dos SICS de que o seu pedido seria atendido.**

**Estes rituais, no entanto, também podem ser interpretados como atuando ao nível da sugestão pura. Se uma mulher já teve um filho natimorto, na gravidez seguinte provavelmente estaria muito nervosa. A sua apreensão a nível psicológico levaria a um desequilíbrio no funcionamento do sistema nervoso, a uma perturbação do metabolismo. O que, por sua vez, teria um efeito negativo no feto. Encorajada pela "magia" da Baba Vanga, a mulher aceitaria a nova gravidez com calma e confiança, e isso seria determinante para o desenvolvimento normal da gestação e para o parto.**

**Na minha opinião, no caso (9) o mecanismo é de pura sugestão e isso é apoiado pelo facto de "o homem ter ficado curado instantaneamente". Provavelmente, este homem estava preocupado. Se o incidente aconteceu**

uma vez, começou a preocupar-se que pudesse acontecer sempre, e começou realmente a acontecer devido à sua autossugestão negativa. A Baba Vanga conseguiu quebrar esse círculo vicioso distraindo a atenção do homem com as ações rituais que lhe pediu para fazer e, sobretudo, tranquilizando-o de que isso o ajudaria.

Sim, a Baba Vanga era, de facto, uma boa psicóloga, como muitos dos que a conheceram bem diriam!

Sobre Svetla Todorova

A Svetla Todorova terminou com distinção a Universidade Estatal de Sófia, licenciando-se em física atómica. Trabalha como investigadora sénior na Academia de Ciências da Bulgária. Tem contribuições originais nos campos da modelação matemática e dos processos biológicos. É autora e co-autora de muitos livros e publicações científicas que foram editados em algumas das revistas mais prestigiadas do mundo.

## Peter Kostadinov sobre a Baba Vanga

Aposentei-me em Abril de 1988, quando me tornei um dos guardas da Baba Vanga. Estava a cuidar da minha mulher, que era deficiente. Íamos às termas que há em Rupite, para que a minha mulher pudesse fazer banhos regulares. Uma manhã, um dos guardas da Baba Vanga veio ter comigo para me perguntar se eu estaria interessado em trabalhar como guarda da profetisa. O segundo guarda dela tinha conduzido bêbado enquanto levava a Baba Vanga a casa e quase tiveram um acidente de carro. Desde esse incidente, a Baba Vanga começou a procurar um substituto.

Aceitei, mesmo sabendo que a minha mulher precisava muito de mim. Não podia dizer "não" à Baba Vanga. Ela respeitava-me e confiava em mim, por isso não podia falhar com ela.

Servi a Baba Vanga durante sete anos inteiros e fui sempre muito leal. Tive muitas conversas privadas com ela, nas quais me contava muito sobre a sua vida. Muitas vezes, quando terminava de receber as pessoas do dia, sentávamo-nos os dois no banco em frente à casa e ela dizia: "Peter, se soubesses o que eu passei... Quando tinha três anos perdi a minha mãe,

**quando tinha doze perdi a vista... quanta dor, miséria e sofrimento eu tive..."**

**A Baba Vanga adorava quando as pessoas lhe ofereciam lenços e chinelos como presentes. Um dos seus lenços preferidos foi-lhe oferecido por Indira Ghandi – era tricotado à mão. Também tinha outro de que gostava muito – oferecido por Luydmila Kim, que era uma famosa curandeira russa. Às vezes a Baba Vanga expressava publicamente a sua opinião sobre estética. Um dia, Blaga Dimitrova (famosa poetisa búlgara e antiga vice-presidente da Bulgária) visitou a Baba Vanga. Ela trazia um vestido branco, justo ao corpo. Antes de entrar na sala, a Baba Vanga recebeu-a com as palavras: "Blaga, devias tirar esse vestido – já não é para ti. Nesta idade tens de vestir outra coisa – esse vestido já é história!" A Blaga ficou embaraçada e saiu da sala sem dizer uma palavra.**

**A Baba Vanga gostava de ter banitsa (massa filo recheada com queijo feta e assada), bolo e bolachas ao pequeno-almoço. Outra das suas refeições preferidas ao pequeno-almoço era massa assada misturada com ovos e leite fresco. Ao almoço, costumava comer sopa de feijão, arroz ou ervilhas. Comia muito pouco e, na maioria das vezes, evitava comer carne. Já a ouvi dizer que é muito saudável comer de tudo, desde que seja em quantidades moderadas e na altura certa. De vez em quando bebia um gole de anis – uma das suas bebidas preferidas. Também gostava de boza (uma bebida espessa, fermentada, com até 4% de álcool), de sabor agridoce. A boza é feita com vários tipos de farinha – cevada, aveia, milho, trigo –, mas a de melhor qualidade e sabor é feita com farinha de painço. Raramente, quando a Baba Vanga estava de muito bom humor, bebia também uns 50 ml de whisky.**

**Quando estava entre os amigos mais próximos e pessoas da sua confiança, falava muito sobre a sua vida e contava histórias interessantes. Um dia estávamos a jantar e ela começou a falar sobre a vida dela em Strumitza. Com muita emoção, contava como andava descalça na neve para ir à igreja pedir esmola para comprar pão. Também falava muitas vezes sobre a tempestade que a levantou do chão e como ficou cega por causa disso. Depois contava como conheceu o marido e como foi a vida com ele no início – momentos que a comoviam muito.**

**Quando a Baba Vanga chegou a Petrich juntamente com o marido, Mitko, primeiro compraram uma pequena casa e foram-se estabelecendo aos poucos. Alguns anos depois, o Mitko construiu uma casa maior – foi nessa altura que a popularidade da Baba Vanga aumentou significativamente. Infelizmente, o Mitko tornou-se alcoólico. A Baba Vanga ficou muito triste, pois não conseguia ajudá-lo de forma alguma. Mesmo assim, nunca se queixou e viveu com ele até ao fim da vida dele.**

**Bem no fundo da sua alma, a Baba Vanga tinha uma "cicatriz" especial. Insistia muito para que os seus dois filhos adotivos – a Veneta e o Mitko – tivessem uma boa educação. O Mitko licenciou-se em Direito e mais tarde tornou-se procurador – muito respeitado por muitas pessoas, mas a pessoa mais feliz era certamente a Baba Vanga. A história foi diferente com a Veneta. Quando tinha dezassete anos, a Baba Vanga disse-lhe que podia proporcionar-lhe educação e apoiá-la, independentemente do que escolhesse estudar. A Veneta estava apaixonada pelo namorado e não queria estudar nada naquela altura. Uma vez, a Veneta disse à Baba Vanga algo que ela recordaria toda a vida: "Tu não és minha mãe para me dizeres o que fazer, ou obrigares-me a ir para a escola. Mãe? Tanto como a vizinha é minha mãe, assim és tu minha mãe."**

**A Baba Vanga contava esta história com lágrimas nos olhos. Nunca contou à Veneta o quanto aquelas palavras a magoaram. Teve de aguentar muitos insultos na vida, e o mais triste é que a maioria desses insultos veio das pessoas mais próximas.**

**Sobre a autora**

**Zheni Kostadinova licenciou-se em Filosofia na Universidade de Sófia "St. Kliment Ohridski". Trabalhou como editora no programa estudantil de televisão "Ku-Ku" e como repórter na Rádio Nacional "Horizon". Há mais de 15 anos é cronista no jornal "Weekly Trud", escrevendo sobre esoterismo e psicologia. No mesmo jornal mantém uma página dedicada à literatura.**

## Stoyu Stoev sobre a Baba Vanga

**Stoyu Stoev – filósofo – era amigo próximo de Stoil Bozhilov, que foi presidente da câmara de Petrich. Nos anos 70, eles iam muitas vezes visitar**

**a Baba Vanga.**
**Lembro-me que a Baba Vanga adorava cozinhar. Usava sempre uma colher de pau (muito antiga e gasta) para mexer as refeições. Movia-se pelo quarto muito depressa e à vontade, apesar de ser cega. Escolhia os temperos nos armários da cozinha com toda a precisão e depois voltava a colocá-los no mesmo sítio.**

**As nossas conversas, por vezes, tinham um tom de discussão ou eram bastante bem-humoradas – lembro-me de uma vez ela dizer: "Então, quantas pessoas trouxeste-me hoje sem marcação, que tiveram de passar à frente de outras que tinham? Se tens amigos chegados e amantes – lê-lhes tu, porque é que os mandas para mim?"**
**Outras vezes, queixava-se da velhice, do cansaço, do pesado fardo que tinha de carregar, do destino que a deixou sem marido tão cedo, e assim por diante.**
**Nesses momentos pessoais de partilha, víamos o rosto humano da Baba Vanga – tão terra-a-terra, igual a qualquer um de nós.**

**Tal como qualquer pessoa, a Baba Vanga tinha as suas próprias fraquezas. Era bastante nervosa, de temperamento curto, sobretudo quando alguém a irritava. Vi-a muitas vezes sair de casa ainda sem ter acabado a discussão com alguém, ir para o quintal e começar a regar as flores ou a tratar do jardim. O tempo passava e todas aquelas centenas de pessoas que esperavam à porta perguntavam aos guardas quando é que ela voltaria a receber as pessoas. Eles nunca tinham resposta, porque ninguém podia obrigar a Baba Vanga a começar as suas leituras se ela não quisesse. Era mesmo imprevisível, tanto na reação como na ação.**

**Cenka Georgieva sobre a Baba Vanga – amiga íntima da Baba Vanga**

**A Baba Vanga pediu-me para ir viver para os Rupite para a confortar e animar, para ter alguém com quem rir. Sou da aldeia de Tchumakovtzi, na província de Vratza, e em 1977 fui visitar a Baba Vanga para saber se devia fazer a operação à vesícula biliar – algo que os médicos me tinham sugerido. A Baba Vanga gritou: "Ah, esses médicos, que vergonha. Só querem cortar as pessoas – verdadeiros carniceiros. Não tens pedras nem areia na vesícula. Não faças essa operação. Vem para os Rupite, aqui há nascentes termais muito poderosas. Vais fazer banhos regulares, beber a água e vais recuperar totalmente."**

**Disse-lhe que vinha de longe e que tinha sido enviada pelo Dr. Boneva, para saber se devia ou não operar.**

**"Não, não vais fazer cirurgia nenhuma. Amanhã vais começar a construir um bangalô onde vais viver. Eu e tu vamos ser muito boas amigas e vamos ver-nos muitas vezes – partilhamos o mesmo destino."**

**Vim para Petrich só com 15 leva (cerca de 10 dólares). No dia seguinte pedi ajuda às minhas irmãs e elas enviaram-me um total de 500 leva. Juntei o dinheiro e construí o bangalô. A Baba Vanga mandou-me um homem que me ajudou a encontrar os materiais. Era uma zona selvagem onde havia outros bangalôs de outras pessoas que, tal como eu, foram convidadas pela Baba Vanga a viver ali. Não havia estrada pavimentada para a casa da Baba Vanga, mas mais tarde a Ludmila Zhivkova organizou a construção. Comecei a viver ao lado da Baba Vanga como se fosse uma brincadeira e, sem dar por isso, passaram 18 anos.**

**Todas as manhãs, quando a Baba Vanga ia de Petrich para os Rupite, parava para me ver. Enquanto a Vitka arrumava o quarto dela, eu e a Baba Vanga ficávamos a conversar e a contar piadas. Muitas vezes dávamos um gole de ouzo – era a bebida preferida da Baba Vanga. Ela tinha um grande sentido de humor. Adorava quando eu lhe lia anedotas do jornal mais recente. Quando era mais nova, tinha muito mais energia e resistência. Já a ouvi cantar muitas vezes – tinha mesmo uma boa voz, forte. A maioria das canções era triste, cheia de drama e dor. Logo de manhã, entrava sempre no jardim para ver as flores – tocava-lhes, falava-lhes e cantava-lhes.**

**A Baba Vanga adorava tricotar, e muitas das roupas dela eram feitas por ela própria. Ao domingo, geralmente não recebia pessoas, e costumava convidar-me para a visitar. No verão, sentávamo-nos debaixo do grande choupo dela e, como sempre, contávamos piadas e histórias enquanto tricotávamos. Uma vez decidi desafiá-la, só por brincadeira, a ver quem tricotava mais depressa um novelo de algodão. Propus-lhe tricotar com duas agulhas e eu faria crochet. Fiz isso porque sabia que a Baba Vanga usava duas agulhas quase sempre. Ela quase ficou ofendida e disse-me que também era muito boa a fazer crochet – por isso quis trocar de papel.**

**Ela deixou-me maravilhada – era tão rápida e a qualidade era tão boa, que não tive hipótese de a vencer. Mais tarde contou-me que aprendeu a**

**tricotar no Centro de Cegos da cidade de Zemun, na Macedónia. Desde então nunca mais a desafiei a tricotar – era sem dúvida melhor do que eu.**

**Até ficar acamada, sempre que eu a visitava, começava a conversa a perguntar-me o que tinha cozinhado de manhã. Muitas vezes mandava-me voltar para trás para lhe trazer um pouco do meu prato para provar. Em troca, dava-me frequentemente uma caixa de bombons, mas às vezes eu tinha de recusar, pois tinha problemas na vesícula biliar e comer doces só piorava o problema. Uma vez disse-me: "Cenka, não comes bombons por causa da tua vesícula – não é? Essa alma que carregas – pede-lhe licença. Enquanto cá estiveres na Terra, deves experimentar muitas coisas. Quando fores para lá para cima – já não poderás."**

**Um dia – era Dia do Arcanjo e a Ivanka Yaneva – grande amiga da Baba Vanga – veio visitá-la. Trouxe almôndegas, bifes, salame, saladas – a mesa ficou cheia de comida. A Baba Vanga já estava doente nessa altura e não se mexia muito. Entrei no quarto dela e ela recebeu-me com o habitual: "Cenka, o que é que fizeste para comer esta manhã?" Disse-lhe que tinha feito sopa de lentilhas. "Vai trazer-me uma tigela – quero provar."
Dei-lhe uma tigela cheia, mas só provou duas ou três colheres e ficou por aí. Nem tocou nas carnes.**

**A Baba Vanga não era vegetariana, mas não comia carne com frequência. Um dos pratos preferidos dela era couve fresca com tomate e pimentos recheados com queijo fresco. Mas, como cresceu na mais profunda miséria e como pessoa que sabia muito bem o que era não ter dinheiro para comida, batatas cozidas em água salgada eram também dos seus alimentos favoritos.**

**Sobre a Autora**

**Zheni Kostadinova licenciou-se em Filosofia na Universidade de Sófia "St. Kliment Ohridski". Trabalhou como editora no programa de televisão estudantil "Ku-Ku" e como repórter na Rádio Nacional "Horizon". Há mais de 15 anos é cronista no jornal "Weekly Trud", escrevendo sobre esoterismo e psicologia. No mesmo jornal mantém também uma página dedicada à literatura. Zheni Kostadinova é autora de alguns dos livros mais populares escritos sobre a Baba Vanga, incluindo *"Baba Vanga A Profetisa"*, *"Previsões da Baba Vanga"*, *"O Segredo da Baba Vanga"*. O seu**

**primeiro livro foi traduzido para russo, polaco, letão, sérvio e albanês. Zheni é membro da União de Escritores Búlgaros. Publicou três livros de poesia: *"Varas de Fogo"* (2002), *"17 cores de amor"* (2007) e *"Doce de Figo"* (2008). Em 2012, Zheni fundou a casa de arte "Kuklite".**

**Natasha Velova sobre a Baba Vanga**

**No início dos anos 70 comecei a visitar a Baba Vanga mais frequentemente, através da minha mãe. Lembro-me de uma das primeiras coisas que me disse: que eu iria casar com um homem chamado Mitko. Na altura não tinha namorado com esse nome, por isso esqueci rapidamente as suas palavras. Passaram dez anos e, acredita ou não, conheci um homem chamado Dimitar, que se tornou meu marido pouco depois. Ele era até parente distante da Baba Vanga – do lado do marido dela. Tanto o meu marido como o da Baba Vanga eram da mesma aldeia.**

**No verão de 1978, a Baba Vanga foi nossa madrinha de casamento. Lembro-me que o meu marido se esqueceu da aliança de casamento, então a Baba Vanga tirou a dela e deu-lha, para não estragar o ritual. Quando me colocou a aliança no dedo disse-me em voz baixa: "Natasha, agora é um grande momento para ti, mas prepara-te porque mais tarde vem a parte pesada da vida."**

**Só entendi o significado dessas palavras quando o meu marido faleceu. Tal como o marido da Baba Vanga (que também se chamava Dimitar), o meu morreu com a mesma idade – apenas 45 anos. Deixou-me com dois filhos para cuidar sozinha.**

**Muita gente me perguntou, já que era tão próxima da Baba Vanga, porque não lhe perguntei se o meu marido iria morrer tão jovem. Pois bem, a verdade é que ela nunca me disse isso diretamente – geralmente não contava más notícias à maioria das pessoas. Tentou dar-me uma pista no meu casamento. Poucos meses antes de o meu marido morrer, eu, ele e a Baba Vanga estávamos sentados debaixo de um grande choupo nos Rupite. Ele perguntou-lhe: "Baba Vanga, tenho uma dor na perna e não percebo o motivo." Ela respondeu: "Mitko, agora não vamos falar da perna, mas quero que me digas quantos cigarros fumas por dia."**

**"Cerca de três maços por dia, porquê?" A Baba Vanga gritou-lhe: "Atira-os já para o rio, porque mais tarde será tarde demais, ouviste?"**
**O meu marido morreu de ataque cardíaco. Uma manhã simplesmente não acordou. Tossiu a noite inteira, sufocava-se e depois adormeceu... para sempre. A Baba Vanga avisou-o, mas quem é que a ouvia? Além disso, isto estava escrito em pedra para o meu marido – palavras que a Baba Vanga costumava dizer.**

**A Baba Vanga adorava piadas de todos os tipos. A minha irmã Stefka é muito espirituosa, mas às vezes torna-se um pouco vulgar e cínica. A Baba Vanga gostava do sentido de humor dela e costumava dizer: "Está bem a Stefka falar assim. Ela pode dizer o que quiser, mas é uma esposa muito boa e não é uma galdéria como tantas outras mulheres."**
**Em relação à higiene, havia algo extraordinário na Baba Vanga. Nos últimos dois anos de vida, só me permitia a mim ajudá-la a lavar-se. Nem sequer deixava a minha mãe entrar na casa de banho. Sempre que a ajudava, perguntava-me como era possível estar tão limpa, de onde vinha aquela energia? Independentemente da idade e da doença, até ao fim da vida, a Baba Vanga estava sempre indescritivelmente limpa.**

**A Baba Vanga ficava muitas vezes à nossa frente com um sorriso, em pé – tinha uma postura muito direita. Perguntava-nos como estava, qual vestido devia vestir. Gostava de roupas em tons castanhos, bege ou azul. Uma vez, ofereci-lhe um colete em tons castanho-bege, que tricotei eu mesma, como presente de aniversário. A Baba Vanga adorou tanto que o usou durante anos, até falecer. Normalmente, quando alguém lhe levava um presente, ela primeiro tinha de o tocar devagar e depois dizia que era muito bonito. Mas, quando a pessoa saía, às vezes deitava o presente fora, pois sentia quando as pessoas eram hipócritas e não ofereciam o presente de coração.**

**A Baba Vanga gostava de ter pelo menos dois ou três pratos diferentes na mesa. Não comia muito, mas insistia em ter variedade à mesa. Era fácil cozinhar para ela, porque dizia exatamente que ingredientes usar e quanto tempo ferver ou assar. Eu, pessoalmente, aprendi imenso com ela. Ela tinha sempre em conta a saúde da pessoa e a estação do ano ao escolher a comida para alguém. A mim, por exemplo, recomendava-me beber muita**

**água e comer regularmente requeijão, leite e queijo feta, pois tinha a tensão baixa. Ela tinha recomendações alimentares para toda a gente.**

**Raramente ouvi a Baba Vanga falar do marido Mitko, mas de certa forma consigo imaginar a vida dela com ele. Dizia-lhe muitas vezes para parar de beber, pois isso iria matá-lo – e foi isso que acabou por acontecer. Ele era da mesma aldeia que o meu marido e, infelizmente, a maioria das pessoas de lá era simples, limitada, com modos bastante primitivos. Por isso penso que não deve ter sido fácil para a Baba Vanga comunicar com uma pessoa tão diferente dela, tendo em conta o seu elevado intelecto e valores morais. Mas, ao mesmo tempo, aceitava o Mitko como o seu destino e amava-o à sua maneira.**
**Mesmo sendo muito próxima da Baba Vanga, sempre tive um enorme respeito por ela. Quando estava a "trabalhar" era muito focada e rigorosa. Fora dessas horas, quando estava rodeada dos seus amigos mais próximos, tornava-se uma mulher completamente diferente. Ria-se, contava piadas, ouvia rádio, passeava, juntava-se com amigos, etc. Estava constantemente rodeada de pessoas, mas sentia falta daquelas que lhe eram próximas à alma, que a ajudassem a livrar-se da solidão.**

**Nikolay Stoyanov, que é parente da Baba Vanga, escreveu um livro sobre a profetisa. No livro partilha momentos muito interessantes da vida do fenómeno, histórias de que foi testemunha, encontros com pessoas famosas e muito mais.**

**Nikolay Stoyanov nasceu em 1948. Estudou Estudos Orientais e licenciou-se em Filologia Búlgara, tendo-se depois especializado em França. Trabalhou em rádios nacionais, em estúdios de cinema, na redação da revista "Flame", foi editor-chefe da edição búlgara do famoso tablóide francês "Le Monde Diplomatique". É autor de 15 livros de prosa, 4 guiões para filmes de televisão e numerosas peças de rádio. Traduziu do francês para búlgaro muitos contos e romances de vários autores. Os seus livros foram publicados em vários países europeus.**

**É fundador e presidente da fundação internacional "Balkanika". Foi distinguido com o prémio Vasov, o prémio europeu de prosa poética e o prémio "Paris-Europe", atribuído em 2005 pela Câmara de Paris e pela UE, pelo seu contributo para a cultura da Europa Unida.**
**– Sr. Stoyanov, lembra-se do seu primeiro encontro com a Baba Vanga?**

**Sim, lembro-me quando fui com o meu pai, a minha tia e eu ao casamento da Baba Vanga com o Dimitar. Conheço-a desde os meus quatro anos. Por circunstâncias da vida, a minha família acabou por viver em Petrich. A minha primeira impressão da Baba Vanga foi o rosto extraordinariamente branco e as pálpebras fechadas. Um ano e meio depois, devido a uma história trivial, percebi que ela não era como as outras pessoas. Um parente nosso tinha dado açúcar à minha avó para ela levar à Baba Vanga.**

**Naqueles tempos, apanhar o comboio para Petrich era uma longa viagem. A minha avó não conseguiu levar o açúcar nessa noite, por isso foi visitá-la no dia seguinte. Então, entrámos na sala e à porta a Baba Vanga disse: "Maria, esse açúcar que me trazes não é para a mulher que to deu. Dá-me informações sobre ti. Esses rebuçados que o meu padrinho enviou são muito saborosos." Fiquei petrificado com o facto de ela saber tanto. Foi a primeira vez que me expliquei a mim mesmo que havia algum tipo de mistério à volta da Baba Vanga.**

**Quando se vive perto da Baba Vanga, desenvolve-se outra sensibilidade, e desde cedo se entende que, além do nosso mundo, há outros mundos possíveis, e que em tudo há convenções. Também aprendi que alguém observa cada passo que damos, e quanto mais velho fico, mais penso nos milagres que acontecem.**

**– A Baba Vanga ajudava os seus familiares?**
**A primeira vez que a minha família pediu ajuda à Baba Vanga foi por causa de um parente nosso – ele era filho de um dos revolucionários mais conhecidos na altura. Chamava-se Metodi e, quando tinha cerca de 16 anos, atravessou a fronteira. Foi para a Grécia, mas foi apanhado e colocado num campo. Conseguiu fugir do campo e regressou a Sófia, onde foi preso em Kazichene, no reformatório juvenil. Mais uma vez conseguiu escapar e foi para Petrich, pois estava apaixonado pela filha do primeiro secretário do partido comunista na cidade. Acabou por chegar à União Africana, onde se casou com a filha de um grande magnata que era dono de uma das maiores minas de diamantes.**

**A certa altura, perdeu-se o contato entre a minha família e o Metodi. Um dia, a Baba Vanga disse: "Ai, ai, vejo más notícias. O Metodi foi morto, vejo um túmulo." Passado algum tempo, recebemos uma carta da Cruz Vermelha com o testemunho de um pastor que esteve na mesma cela que**

**o Metodi. Ele tinha começado a ajudar os negros fornecendo-lhes armas, foi julgado e preso. Tentou fugir e foi abatido a tiro. O testemunho do pastor coincidia palavra por palavra com o que a Baba Vanga tinha dito.**

**Uma segunda vez pedimos ajuda à Baba Vanga por causa de uma prima minha. Ela era casada com um russo e viviam na Checoslováquia. Uma noite, revolucionários exaltados entraram em casa deles e atiraram-na da varanda – uma das muitas vítimas inocentes da Primavera de Praga. A Baba Vanga descreveu minuciosamente a cena, que mais uma vez bateu certo com o testemunho das testemunhas.**

**– Disse que o seu pai foi padrinho no casamento da Baba Vanga com o Dimitar...**
**Ao contrário do que a maioria das pessoas escreve, a Baba Vanga veio pela primeira vez para a Bulgária em 1941, quando a fronteira foi aberta. A minha tia, que soube que a sua prima estava numa situação muito má, levou-a para Petrich. De forma nada habitual para a região, caiu um inverno rigoroso e, por causa da neve, a Baba Vanga ficou em Petrich durante seis meses. Foi aí que conheceu o Dimitar. Ele foi perguntar-lhe pelo irmão, que tinha sido morto no campo com uma pedra, quando enterrava um tesouro.**

**A Baba Vanga disse-lhe: "Eu digo-te o que aconteceu ao teu irmão, mas tens de casar comigo." Há um pequeno detalhe nesta história. Na altura, o Dimitar era casado com uma mulher muito bonita de Petrich. Não sei como teve coragem, mas desfez o casamento e casou com a Baba Vanga, que era dez anos mais velha do que ele. Era um homem trabalhador, mas de modo algum espiritual, para se impressionar com as capacidades fenomenais da Baba Vanga. Ele teve certamente uma vida difícil – centenas de pessoas ficavam todos os dias em frente à sua casa à procura de respostas para as suas tragédias. Além disso, devia ser opressor viver com uma mulher que conseguia ler a tua mente e cada passo teu no futuro. Acabou por começar a beber e morreu relativamente jovem, de cirrose.**

**– Foi testemunha de algumas das previsões da Baba Vanga?**
**Quando fazia previsões importantes para toda a humanidade, ela descrevia-as de forma muito convencional. Por exemplo: "Protejam Kursk, lembrem-se de Praga", etc. Pessoalmente, fui testemunha de histórias mais humildes. Uma vez lembro-me de o Dzhagarov me ter pedido para levar a**

**Baba Vanga a Sófia para "ler" um famoso escritor soviético. Ela não gostava de dormir noutras camas, mas foi. Estávamos quatro pessoas na sala com a Baba Vanga – o Dzhagarov, o escritor, o secretário de Assuntos Internacionais da União de Escritores e eu. A certa altura, a Baba Vanga disse: "Tu és um grande escritor.**

**Esse nome que tens não é teu. O teu pai foi morto na guerra quando nasceste. A tua mãe casou-se com um homem bom, que te deu o nome." O escritor ficou pálido e trémulo: "Esse segredo é só entre a minha mãe e eu." Ele deu-lhe um copo dourado como presente. Ao Dzhagarov, a Baba Vanga disse que tinha de parar de beber, caso contrário morreria de falência renal. E foi exatamente o que aconteceu. Ao secretário, a Baba Vanga não disse uma palavra, pois ele era um homem mau.**

**A Baba Vanga não tinha misericórdia para com as mulheres. O que perdoava aos homens, não perdoava às mulheres. Lembro-me de uma manhã em que expulsou uma jovem muito bonita, que estava em primeiro lugar na fila. "Queres divorciar-te e vens perguntar-me. Sai daqui! Há uma mulher de Razgrad a seguir. O filho dela está doente – ela tem um problema real, tu não."**

**– A Baba Vanga alguma vez a ajudou?**
**Nunca lhe perguntei nada sobre mim porque tinha medo. Ela dizia-me coisas que eram mais humorísticas. A minha primeira sogra era nora de um ministro. Fez muita questão de convidar a Baba Vanga para o meu casamento. A festa foi no Clube dos Jornalistas e, por um momento, senti-me aliviada porque toda a atenção estaria na Baba Vanga. Decidi apresentá-la ao meu cunhado. Ela apenas acenou com a cabeça e disse: "Também terás outros cunhados..."**

**Nessa mesma noite, a Baba Vanga tinha de ir ao hospital do Governo e começámos a procurar o nosso motorista. Ela disse: "Parem de o procurar, porque ele está muito bêbado agora." Ela disse até a morada exata do motorista. O dramaturgo Pancho Panchev, que não bebia álcool e era vegetariano, levou-nos no seu carro. Fomos à morada que a Baba Vanga indicou e, sem surpresa, lá estava o motorista – completamente embriagado.**

**Um dia estava em Petrich e a Baba Vanga disse-me: "Vais viajar para o estrangeiro de comboio – tem cuidado com o que dizes no compartimento." Apanhei o comboio para Budapeste e, um minuto antes de partir, entrou no meu compartimento um homem de casaco e mala pequena. Lembrei-me do que a Baba Vanga tinha dito, por isso fiquei calada – só disse que ia para Budapeste, nada mais. Quando estava a sair do comboio, ele apresentou-se – afinal trabalhava para a polícia.**

**– No seu livro escreve sobre pessoas e acontecimentos ligados indiretamente à Baba Vanga. Qual era a atitude do Governo em relação a ela?**

**A Baba Vanga teve muitos problemas com as autoridades antes e depois de 9 de Setembro de 1944. Ao Czar Boris disse: "Estendeste-te por todo o país, mas o teu poder vai encolher até caber numa casca de noz. O mundo vai ficar vermelho." Depois disse-lhe para se lembrar da data – 26 de Agosto. Ele ficou imóvel e saiu de casa da Baba Vanga muito confuso. Previsões muito semelhantes foram dadas ao Czar Boris por outro vidente – Lulchev. A 26 de Agosto, o Czar Boris morreu.**

**Naquela altura já havia informadores, por isso prenderam a Baba Vanga na prisão de Petrich, porque disse que o mundo ficaria vermelho. O meu pai, que estudava Direito na altura, foi falar com o chefe da polícia local e disse-lhe: "Estás doido para acreditares nas palavras de uma mulher cega? O mundo inteiro vai rir-se de ti." Depois desta conversa, libertaram a minha tia. Depois de 9 de Setembro, as autoridades ainda foram piores e mais cruéis com ela.**

**– A Baba Vanga era vigiada?**
**Sim, e ela sabia muito bem que era gravada. A casa dela estava cheia de microfones escondidos. Quando queria dizer algo mais especial a alguém, pedia-lhe para dar um passeio no jardim. Como fazia leituras fenomenais que não podiam ser explicadas pela ciência, a certa altura as autoridades decidiram "legalizar" o trabalho dela, atribuindo-lhe guardas e organizando marcações. Deram-lhe até um salário de 136 leva (cerca de 110 dólares) e ela passou a ser funcionária do município. Permitiram também que cientistas como o Dr. George Lozanov e o Dr. Shipkovenski a estudassem.**

**– Num dos filmes sobre a Baba Vanga, foi dito que ela se encontrou com Hitler...**
**Num dos últimos filmes sobre ela, mostraram um encontro fictício com Hitler. Isso é um completo disparate. Segundo o realizador do filme, a Baba Vanga teria encontrado Hitler nos Rupite. Ela só foi viver para aquela zona em 1983-1984. O Hitler já tinha morrido há muito tempo. O verdadeiro encontro dela com o Czar Boris também foi mostrado, mas de forma muito profana. No geral, esse filme era muito fraco.**

**Uma outra história interessante, mas pouco conhecida, é o encontro entre a Baba Vanga e Leonid Brejnev. Foi em 1958 e o Brejnev era apenas secretário do Comité Central. Ouvi esta história do Sasho Abadzhiev, que era jornalista e intérprete no gabinete do Vulko Chervenkov – o primeiro-ministro búlgaro na altura. Pela primeira vez, o Brejnev veio à Bulgária para o funeral de um político importante e o Sasho Abadzhiev acompanhou-o para todo o lado. Quando entraram no carro e saíram de Sófia, ouviu-se uma explosão. O Sasho Abadzhiev lançou-se à frente do Brejnev para o proteger com o corpo. O Brejnev ficou tão impressionado que pediu para ter o Sasho Abadzhiev como intérprete em todas as suas visitas à Bulgária ou quando uma delegação búlgara visitava Moscovo. Assim, nesse mesmo ano de 1958, o Brejnev foi visitar a Baba Vanga. Saiu de lá muito exaltado e feliz. Três anos depois confessou ao Abadzhiev que a Baba Vanga lhe tinha dito que ele se tornaria o homem mais poderoso da Rússia.**

**– A Baba Vanga era próxima de Lyudmila Zhivkova...**
**Sim, elas comunicavam uma com a outra a nível oculto. Depois da morte da Lyudmila, a Baba Vanga dizia: "Não me perdoo por não ter conseguido ver esta morte, não estava escrito." A Baba Vanga dizia que o nosso destino está programado e depende do outro mundo, e que a nossa capacidade de o mudar é tão pequena como um grão de mostarda.**

**O Todor Zhivkov mantinha uma distância respeitosa da Baba Vanga, mas nunca impediu a filha de a contactar. A Baba Vanga encontrou-se com ele duas vezes. Na primeira vez disse-lhe algo sobre os seus anos de guerrilha. Na segunda vez pediu-lhe um favor – queria um passaporte para poder ir a França. Em sonho, tinha tido contato com a Mãe Maria, que lhe dissera que a sua mãe de uma das vidas passadas queria vê-la na Notre-Dame de Paris.**

**Havia uma espécie de reflexo numa das paredes da catedral. O Zhivkov disse-lhe que podia ir, mas não com o nome dela. Ela simplesmente virou-se e saiu da sala.**

**Quando vivi em França, visitei muitas vezes essa catedral católica, mas nunca vi reflexo nenhum em nenhuma parede lá dentro. No entanto, há três anos, quando voltei lá, reparei em algumas imagens atrás do altar, mas não consegui passar para mais perto. Na vez seguinte fui com o Nikolay Yakimov, que levou câmaras potentes, e fizemos uma sessão fotográfica. Encontrámos algo muito interessante, que descrevi no meu livro. Foi então que percebi que não devemos saber tudo o que nos é dado.**

**– Existem muitas publicações de várias partes do mundo que listam previsões supostamente feitas pela Baba Vanga, sobre desastres naturais destrutivos, o fim do mundo, etc. Ela previu mesmo isso?**

**Tal como se atribuía todas as anedotas e epigramas em Sófia ao Radoy Ralin, da mesma forma se atribuem todos esses desastres naturais à Baba Vanga. Por exemplo, ela nunca previu terramotos na Rússia. Também nunca previu que uma terceira guerra mundial começaria na Síria. Tudo o que sei é que a Baba Vanga tornou a Bulgária conhecida e manteve-se firme nas boas virtudes. Ajudou milhares de pessoas.**

**– Porque é que a igreja era tão rígida com ela?**
**Enquanto instituição, a igreja nunca deu uma resposta oficial. Havia padres isolados que eram contra a Baba Vanga. Esses milagres que ela fazia, de certa forma, retiravam-lhes função. Ela fazia milagres todos os dias. Um dos últimos milagres aconteceu 40 dias depois da morte da Baba Vanga. De repente, as pessoas que estavam a visitar os Rupite na altura viram uma tensão aumentada e clarões na vedação da casa da Baba Vanga. Mesmo por cima do pinheiro que fica perto da casa, viram a Baba Vanga a aparecer. Estava com o seu habitual lenço e casaco azul, ficou uns segundos e desapareceu de novo.**

**Katya Chapkanova sobre a Baba Vanga**
**A minha família era próxima da Baba Vanga desde 1943. As nossas casas eram uma ao lado da outra. O meu pai era advogado e visitava muitas vezes a Baba Vanga. A minha mãe, quando estava grávida da minha irmã, não se sentia muito bem e isso fazia com que fosse mais vezes visitar a**

**profetisa. A Baba Vanga aconselhava-a sobre o que fazer, e ao longo dos anos as nossas famílias ficaram muito próximas. A Baba Vanga acabou por se tornar a minha mãe espiritual e foi madrinha da minha primeira filha.**

**Tive muitas dificuldades na vida, e a Baba Vanga estava sempre lá para me confortar. Licenciei-me em Defectologia – trabalhei toda a minha vida com crianças com problemas de fala. Mais tarde tornei-me diretora de uma escola específica para crianças com problemas de fala. Fiz tudo o que pude para ajudar essas almas sofridas. Infelizmente, eu e o meu marido divorciámo-nos e fiquei sozinha para cuidar dos meus filhos.**
**Ao longo dos anos, a Baba Vanga partilhou comigo muitas histórias pessoais e públicas.**

**Quando construiu a Igreja de Santa Petka em 1994, chamou-me para a cerimónia e pediu-me para ser uma das guardiãs: "Katya, tu vais vender as velas, contar o dinheiro, vais fechar e abrir tudo na igreja." No início fiquei assustada porque não sou uma pessoa espiritual – ou seja, não era padre para assumir tal responsabilidade e papel. A Baba Vanga insistiu, dizendo-me que sabia que eu seria a escolhida desde o momento em que me viu pela primeira vez, em 1943, quando eu era muito pequenina.**

**Palavras assim fazem-nos sentir obrigados a aceitar. Voltei para Petrich – regressei de Varna, onde vivia com as minhas filhas. Desde que a igreja abriu portas, todas as manhãs eu tinha de ir aos Rupite para abrir o complexo. Sou grata ao meu destino por ter tido a oportunidade de estar tão próxima da Baba Vanga nos últimos dois anos da sua vida.**
**A Baba Vanga era muito meticulosa no que dizia respeito à limpeza e ordem. Quando era mais nova, fazia tudo sozinha – cozinhava, lavava, limpava. Apesar de cega, fazia tudo na perfeição. Quando ficou mais velha e a sua energia diminuiu, arranjou pessoas para tratar das tarefas domésticas. Por isso é que a Vitka ajudou a Baba Vanga durante tantos anos. Mas havia outras pessoas próximas dela que a ajudavam sempre – uma ia às compras, outra varria o quintal, outra lavava a loiça.**

**Uma tarde, em 1995, pediu-me para pendurar uns cortinados gregos novos que alguém lhe tinha dado de presente. Pus todos, e a caminho de casa a Baba Vanga disse-me que eu me tinha esquecido de prender o último aro do último cortinado no varão. Isso deixou-me mesmo surpreendida, pois ela era cega, não podia subir lá para sentir se todos os aros estavam**

**presos... Na verdade, a Baba Vanga via tudo e não se podia esconder nada dela. Outra coisa é se ela dizia tudo em voz alta. Às vezes as grandes verdades que via guardava para si. Outras vezes, por coisas simples, como o caso dos cortinados, gritava contigo!**

**Vitka Petrevska sobre a Baba Vanga**
**Como conheci a Baba Vanga**

**Vivia na aldeia de Parvomay, perto de Petrich. O meu primeiro encontro com a Baba Vanga foi em 1965. Uma noite, inesperadamente, a Baba Vanga e mais duas pessoas vieram visitar a minha casa. Fiquei preocupada por não ter comida suficiente para receber convidados tão importantes, pois a mercearia local estava fechada. Tinha uma refeição que tinha feito de tarde, mas não era suficiente para todos. Fui aos vizinhos, que me deram mozzarella, queijo feta, azeitonas e vinho de absinto. A Baba Vanga insistiu em provar a minha comida caseira – beringela com arroz. Dei uma colher a cada um e a Baba Vanga gostou tanto que muitas vezes me pedia para lha fazer.**

**Quando despedi os convidados, à porta a Baba Vanga disse-me que eu iria trabalhar na casa dela e que morreria lá. Vinte anos depois fui viver com a Baba Vanga nos Rupite. Uma vez disse-me: "Calcei sapatos de aço para percorrer o mundo até finalmente te encontrar. Não fui eu que te escolhi – foram as forças superiores que me guiam – foram elas."**
**A Baba Vanga tornou-se mais do que uma mãe para mim. Cuidei dela dia e noite durante mais de 12 anos, até ela falecer. Ela adorava as minhas filhas – Natasha e Stefka – como se fossem dela. A casa dela estava sempre aberta para elas. A certa altura, a Baba Vanga ajudou-nos a construir uma casinha perto da dela, para as minhas filhas ficarem quando a visitavam. Depois de ela falecer, a fundação criada em nome da Baba Vanga mandou demolir a casa, pois estava construída ilegalmente.**

**Baba Vanga sobre Limpeza**

**Lembro-me de uma vez em que tínhamos bastantes convidados e eu estava a ajudar a lavar a loiça e a arrumar a cozinha. Numa panela, devo ter deixado uma pequena mancha no fundo. De alguma forma, a Baba Vanga encontrou essa mancha e gritou comigo para a ir lavar imediatamente. Nunca me vou esquecer – a cara dela parecia zangada e séria comigo. Às**

**vezes podia ser rude, mas nunca fazia isso por maldade para com alguém – era porque tinha o seu próprio conjunto de regras sobre limpeza e ordem. Podias mesmo vê-la furiosa se algo não estivesse limpo ou arrumado como ela queria.**

### Baba Vanga sobre Comida

**A Baba Vanga não era vegetariana, mas raramente comia carne. Adorava quando eu lhe fazia sopa de feijão, arroz ou legumes. Ela estava sempre a dizer-me que produtos pôr, em que quantidades, em que sequência misturar tudo e quanto tempo cozer. Preferia guisados a pratos assados ou fritos. Não usava muitas especiarias, mas em quase todas as refeições punha pimenta preta ou chá de jardim. E se eu ou outra pessoa cozinhássemos para ela, a receita tinha de ser feita exatamente como ela queria.**

**Uma vez fiz um guisado de legumes à minha maneira. A Baba Vanga não estava em casa na altura, por isso preparei a refeição para ela ter para o almoço. Quando lhe servi, ela nem tocou, dizendo: "Vitka, porque é que não me perguntaste – agora vais comer o teu guisado sozinha." Ela era mesmo muito séria quanto à comida. Como vivi com ela durante 12 anos, todas as manhãs ela dizia-me: "Vitka, hoje vais cozinhar isto e isto. Vais pôr este e este ingrediente, vais cozer durante este e este tempo."**

**A comida era algo especial para a Baba Vanga – como um ritual. Insistia estritamente em cozinhar num pote de barro e em mexer a comida com uma colher de pau.**

### Baba Vanga sobre o Divórcio

**Quando conheci a Baba Vanga, o marido dela, Mitko, já tinha falecido. Só dizia coisas boas sobre ele. Muitas vezes dizia que teve marido durante 20 anos. Mencionava isso especialmente quando raparigas jovens, que queriam divorciar-se, a vinham visitar para pedir conselho. Era absolutamente contra os divórcios e dizia muitas vezes às suas visitantes que, mesmo que um homem se case cem vezes, vai sempre encontrar defeitos na parceira e nunca será feliz ou satisfeito com o casamento. Por isso dizia que, seja quem for o teu cônjuge, tens de "caminhar" com ele até ao fim, pois esse é o teu destino e a tua sorte.**

**A Baba Vanga sabia o dia e a hora em que ia morrer. Nos últimos meses de vida dizia: "Sou uma viajante para o outro mundo, Vitka, sou uma viajante..." Eu começava a chorar e dizia-lhe: "A quem é que me deixas? Trouxeste-me para aqui há 12 anos, o que vou fazer sem ti?" Ela dizia-me: "Bem, tens as tuas filhas, elas vão cuidar de ti."**

**A Baba Vanga tinha pena de não ter tido filhos seus, apesar de dizer aos seus visitantes que criar um filho e educá-lo é muito mais importante do que simplesmente dar à luz.**

### Baba Vanga sobre Crianças

**A Baba Vanga tinha uma grande compaixão pelas mulheres que queriam ter filhos mas não conseguiam engravidar. Sabia muito bem o que elas sentiam e, na maioria dos casos, tinha curas para elas. Para engravidarem, fazia um ritual antigo com uma boneca. Pedia-lhes para trazerem uma boneca, uma fralda e uma bacia. Vi-a muitas vezes pegar na boneca e começar a falar com ela – algo que só ela sabia o que era. Depois mergulhava a boneca em água, lavava-a como se fosse um bebé e depois embrulhava-a na fralda. Dava então a boneca à mulher e dizia-lhe para a guardar no quarto – até engravidar.**

**Passados 9 meses, essas mulheres voltavam para lhe beijar a mão em sinal de gratidão – quase todas engravidavam. A Baba Vanga chorava de alegria e ficava muito emocionada. Muitas vezes essas famílias convidavam-na para ser madrinha dos recém-nascidos. Primeiro perguntava quais eram os nomes dos avós. Se a família não quisesse que os filhos tivessem nomes de parentes, a Baba Vanga escolhia outro nome. Se o dia de nascimento fosse num dia de festa, a Baba Vanga usava o nome do Santo desse feriado.**

**A Baba Vanga ficava muito feliz quando as pessoas vinham cumprimentá-la e beijar-lhe a mão. A alma dela ficava em grande emoção. Normalmente isso acontecia ao domingo, quando havia um feriado religioso. Ela saía para o quintal e sentava-se numa cadeira. Era aí que centenas de pessoas vinham visitá-la. As épocas mais movimentadas eram nos maiores feriados como Páscoa, Natal, Dia de São Jordão, Santa Petka, Anunciação, entre outros. A Baba Vanga ficava feliz como uma criança. Compreendia que todas essas pessoas vinham por bem e apenas por bem, para lhe expressar**

**gratidão. Acho que eram nesses momentos que se esquecia da grande dor e miséria que teve e continuava a ter.**

**Sobre a Autora**

**Zheni Kostadinova licenciou-se em Filosofia na Universidade de Sófia "St. Kliment Ohridski". Trabalhou como editora no programa de televisão estudantil "Ku-Ku" e como repórter na Rádio Nacional "Horizon". Há mais de 15 anos é cronista no jornal "Weekly Trud", escrevendo sobre esoterismo e psicologia. No mesmo jornal mantém também uma página dedicada à literatura. Zheni Kostadinova é autora de alguns dos livros mais populares sobre a Baba Vanga, incluindo *"Baba Vanga A Profetisa"*, *"Previsões da Baba Vanga"*, *"O Segredo da Baba Vanga"*. O seu primeiro livro foi traduzido para russo, polaco, letão, sérvio e albanês. Zheni é membro da União de Escritores Búlgaros.**

**Veneta Gushterova – Baba Vanga Foi Uma Boa Mãe**

**Tinha 14 anos quando percebi que a Baba Vanga e o Dimitar me tinham adotado. Um dia chamaram-me e disseram-me pessoalmente que me tinham levado quando eu tinha dois anos e meio. Não me disseram de quem me tinham levado, nem eu quis saber. Comecei a chorar – sabia que podia ir embora se quisesse, mas para onde iria? Eles eram tudo o que eu tinha, eram os meus pais. Passámos juntos por bons e maus momentos.**

**A minha mãe sempre me ensinou a ser uma boa pessoa e a fazer boas ações. Gostava de dizer: "Ninguém deve sair da tua casa com fome. Se tens um parente ou amigo doente, não o deixes sozinho sem ser visitado." Todas as manhãs levantava-se muito cedo, cozinhava para o dia, lavava a roupa. Depois começava o "trabalho" – havia centenas de pessoas em frente à nossa casa todos os dias. Eu estava habituada a ver essas filas enormes e, a certa altura, isso deixou de me incomodar.**

**Não era fácil viver com o seu fenómeno. A vida dela com o Dimitar foi difícil. Apesar de a Baba Vanga parecer uma mulher comum, havia coisas que só eu e o Dimitar sabíamos. Por exemplo, ela não dormia bem à noite, falava com os mortos, o Dimitar tinha de se levantar cedo de manhã para trancar as portas, pois às vezes a Baba Vanga andava a sonâmbula. As**

**forças superiores não lhe davam paz e não a deixavam ter vida íntima. Não foi nada fácil para o Dimitar, mas não podia mudar o seu destino.**

**A Baba Vanga era uma mãe muito rigorosa, mas muito carinhosa e amorosa. Era como qualquer outra mãe – ensinava-me, cantava-me, acariciava-me e abraçava-me. Tinha sempre pequeno-almoço de manhã e a roupa lavada e engomada.**
**Lembro-me de quando lhe menti uma vez sobre 5 leva (3 dólares) e disse que os tinha perdido algures. Ela sorriu e disse: "Então perdeste-os na cafetaria com os teus amigos e compraste doces para todos, não foi?" Foi exatamente isso que aconteceu – era impossível mentir-lhe, por isso nunca mais tentei.**

**Hoje fico triste por ouvir como algumas pessoas que não eram próximas dela, ou nem sequer gostavam dela, andam a partilhar memórias com o público e às vezes até com os media. É o caso de alguns vizinhos. Fazem de conta que eram próximos dela, quando na verdade, quando a polícia vinha revistar a nossa casa, esses mesmos vizinhos espalhavam calúnias e rumores pela cidade, gozando com os dons fenomenais dela.**
**A Baba Vanga deixou este mundo com muita tristeza, principalmente por causa de pessoas assim.**

**Sobre a Autora**

**Zheni Kostadinova licenciou-se em Filosofia na Universidade de Sófia "St. Kliment Ohridski". Trabalhou como editora no programa de televisão estudantil "Ku-Ku" e como repórter na Rádio Nacional "Horizon". Há mais de 15 anos é cronista no jornal "Weekly Trud", escrevendo sobre esoterismo e psicologia. No mesmo jornal mantém também uma página dedicada à literatura. Zheni Kostadinova é autora de alguns dos livros mais populares sobre a Baba Vanga, incluindo *"Baba Vanga A Profetisa"*, *"Previsões da Baba Vanga"*, *"O Segredo da Baba Vanga"*. O seu primeiro livro foi traduzido para russo, polaco, letão, sérvio e albanês. Zheni é membro da União de Escritores Búlgaros.**

## Roza Dimitrova sobre a Baba Vanga

**A Baba Vanga ficava muito feliz quando as pessoas vinham visitá-la por ela – para lhe perguntar como estava, que problemas tinha, etc. Centenas de**

**pessoas vinham todos os dias, apenas para perguntar sobre os seus problemas pessoais e questões de saúde. Para além das suas capacidades extraordinárias, a Baba Vanga era uma pessoa comum como todos nós, que ficava feliz quando havia atenção à sua volta. Durante tantos anos, deu tanto a milhares de pessoas, mas eram muito poucos os que vinham ajudar pessoalmente, ouvir o que ela precisava ou que dificuldades enfrentava. Ela precisava muito dessa presença humana à sua volta, no seu mundo, de resto, tão solitário.**

**Fora do seu lado fenomenal, a Baba Vanga levava uma vida muito simples. Adorava reunir-se com os amigos, conviver, ser uma boa dona de casa – muito rigorosa com a limpeza e a ordem – e ser uma mãe dedicada dos seus dois filhos adotivos. É errado pensar, como alguns dizem, que a Baba Vanga era asceta. Pelo contrário, ela adorava viver – gostava de se vestir bem, de comer alimentos variados, de beber um copo de anis ou whisky, e era uma boa cantora e dançarina.**

**A Baba Vanga era proverbial pela sua limpeza. Não deixava ninguém entrar em casa de sapatos calçados. Se alguém o fizesse, ela sentia logo e gritava que tinha de sair imediatamente.**

**A limpeza e a bondade nas pessoas ocupavam um lugar especial no coração da Baba Vanga. Víamos mesmo a sua fúria quando aparecia alguém mau, invejoso, ganancioso ou mesquinho para uma consulta. Muitas vezes dizia-lhes diretamente que não eram boas pessoas e pedia-lhes para sair de sua casa. No fundo, reagia mais a qualidades espirituais más do que a questões físicas.**

**A Baba Vanga não comia tudo o que as pessoas lhe ofereciam. Se fosse algo caseiro, tinha de ser preparado por alguém com pensamentos positivos e mãos limpas. Se fosse trazido por obrigação ou com pensamentos negativos, ela deitava a comida fora. Talvez a Baba Vanga sentisse se a comida era preparada com energia positiva ou negativa.**

**Quanto ao marido da Baba Vanga, Dimitar Gushterov, só posso dizer que me lembro dele como um homem bom. Era muito dócil, calmo e humilde. Sim, tornou-se alcoólico, mas nunca foi agressivo. Corria em Petrich o rumor de que ele se tinha tornado alcoólico por causa das capacidades fenomenais da Baba Vanga. Ele chegou a dizer a alguns amigos que não**

**tinha mulher – tinha uma profetisa em casa. A Baba Vanga era muito rigorosa com o Dimitar – tudo o que dizia, era isso que acontecia. Era bastante autoritária, devo dizer. A única coisa que não conseguiu foi que ele parasse de beber. Pelos vistos, sabia que ele morreria de cirrose e tentava evitar isso. Mas, como ela dizia muitas vezes aos seus visitantes, cada um tem o seu destino escrito, que se cumpre até ao fim da vida. O destino não perdoa ninguém.**

**Sempre que eu passava para ver a Baba Vanga, ela começava a conversa a perguntar pelos meus filhos. Era madrinha da minha filha e da minha neta e gostava muito delas. Na verdade, gostava de todas as crianças. Havia algo muito comovente no modo como se comportava quando as pessoas lhe davam os filhos ao colo por um instante. Era mesmo difícil de explicar – o rosto dela iluminava-se, com um grande sorriso que parecia irradiar luz. A Baba Vanga tinha uma espécie de "aura" quando havia crianças à sua volta.**

**A Baba Vanga era uma pessoa muito sincera e de coração aberto. Era muito honesta com as pessoas e raramente guardava algo que sentia que tinha de dizer sobre alguém – mesmo as suas fraquezas. Só quem não a conhecia bem é que podia achar que ela era rude. Às vezes usava a voz alta como ferramenta para afastar uma pessoa má ou alguém que estava a perder-lhe o tempo.**

**Com os amigos mais próximos, que eram uns 20 de Petrich, era muito amável e delicada. Mesmo quando se zangava connosco, sabíamos que era para o nosso bem e nunca ficávamos ofendidos ou zangados com ela. Sentíamo-nos tão à vontade junto dela, que, sempre que tínhamos uma dificuldade, mesmo que fosse pequena, íamos ter com a Baba Vanga para partilhar o problema e pedir conselho e orientação. Ela estava sempre pronta para nos receber – éramos o "escape" dela. Nunca me mandou embora quando fui vê-la – tinha sempre tempo para mim. Às vezes, quando tinha de esperar à porta de casa para a ver, ela própria vinha chamar-me para entrar.**

**Todas as pessoas que vinham para consultas e conselhos deixavam a Baba Vanga muito exausta. Ela precisava mesmo de descansar, mas o seu dom fenomenal não lhe dava muitas oportunidades para isso. Mesmo quando todos nós nos reuníamos para uma celebração e a Baba Vanga era uma**

**mulher igual a nós, eu sentia sempre um grande respeito pela sua presença. Visitava-a como se fosse uma Santa e era muito submissa na sua frente. Por mais à vontade que ela nos deixasse, todos os seus amigos, eu incluída, sentíamos algo diferente quando comunicávamos com a Baba Vanga.**

**Ivanka Yaneva, uma das amigas mais próximas da Baba Vanga**

**Fui amiga da Baba Vanga durante mais de 43 anos. O meu marido era agente sanitário no campo de concentração de Valkovo – era lá que eu era professora. Quando o nosso filho tinha 3 anos, adoeceu gravemente e nem médicos nem sanatórios conseguiram ajudá-lo. Então o meu marido insistiu para levarmos o nosso filho à Baba Vanga. Eu era uma comunista fervorosa na altura e disse-lhe que não acreditava em videntes nem em adivinhos. Ele não desistiu e, em Agosto de 1943, fomos visitar a Baba Vanga.**

**Havia muitas pessoas à espera em frente à casa dela – nesse ano o rei búlgaro também visitou a profetisa. Sentámo-nos no quintal à espera da nossa vez, quando de repente ouvimos alguém a dizer em voz alta: "A Baba Vanga está à procura da professora de Valkovo." Entrei e a Baba Vanga começou: "O teu nome é Ivanka, o nome do teu pai é Ivan, o da tua avó é Ivana, o pai dela chamava-se Ivan e a mulher dele chamava-se Iova. Tu e o teu marido vão ter outra filha e o nome dela será Ivanka."**

**Fiquei sem palavras e não disse uma única palavra. Depois a Baba Vanga disse: "Então não acreditas em videntes nem adivinhos, não é? Agora vieste perguntar pelo teu filho. Ele tem problemas nos rins. Vais voltar e dizer ao médico que eu disse que é um problema nos rins, e ele vai dar-te o medicamento certo. O teu filho vai urinar urina vermelha, mas não te preocupes, não será sangue. O teu filho vai crescer, tornar-se um bom homem e viajar pelo mundo."**

**No início não acreditei em nada do que a Baba Vanga disse. Ao sair, ela disse: "Tu e eu somos muito parecidas e vamos tornar-nos amigas para a vida toda." Pensei para comigo que era disparate – não tínhamos nada em comum. O tempo passou e tudo o que ela disse aconteceu com uma precisão impressionante. Tornámo-nos muito boas amigas e, sempre que**

**podia, ia visitá-la. Lembro-me de o marido dela, o Mitko, dizer: "Ivanka, se fosses irmã da Baba Vanga, ela provavelmente não te teria amado tanto."**

**O Mitko, infelizmente, era alcoólico, mas mesmo assim a Baba Vanga amava-o verdadeiramente. Nunca teve nem alguma vez pensou em ter outro marido depois da morte dele. Sofria muito por não poder ter uma vida normal com ele. Lembro-me de uma vez me ter dito que também não era fácil para o Mitko viver com ela, por causa das suas capacidades fenomenais. Amavam-se muito, mas partilhavam ambos um destino muito pesado. Ela até sabia exatamente quando o Mitko iria morrer. Era uma tarde de sexta-feira e estávamos juntas. De repente, ela disse: "Ivanka, o Mitko vai morrer amanhã. Vai ajudar os meus amigos a preparar e limpar a casa."**

**E assim foi. No dia seguinte eu estava na escola e chamaram-me ao hospital. Quando lá cheguei, vi a Baba Vanga junto ao Mitko, a chorar copiosamente. O Mitko pediu-me para me aproximar e sussurrou-me: "Ivanka – não tenho pena de morrer jovem, mas tenho muita pena de deixar a Baba Vanga sozinha neste mundo. Ela não tem filho, não tem ninguém. Mas tu és saudável e forte, promete-me que vais ajudá-la."**

**O Mitko faleceu às 17h – exatamente como a Baba Vanga disse. Eu e o meu marido fomos a casa dela em Petrich e preparámos tudo para o funeral. Debaixo da cama do Mitko, encontrámos e deitámos fora centenas de garrafas de álcool... A Baba Vanga ficou muito triste e chorou muito. Não pude estar presente no funeral porque tinha um trabalho muito importante em Sófia que não pude cancelar. Quando voltei, a Baba Vanga disse-me: "Ivanka, dormi um dia e uma noite inteiros sem acordar. Estava tão cansada que não quis ouvir o que as pessoas disseram na cerimónia. Quando adormeci, o espírito do Mitko sentou-se ao meu lado – como um pintainho debaixo da asa da mãe."**

**Aparentemente entrou num transe profundo.**
**No verão de 1964, fui com a Baba Vanga a Varna. Ela disse que íamos visitar o meu filho Nikola. Ele era estudante na academia naval de Varna e fiquei logo preocupada se algo lhe teria acontecido. A Baba Vanga tranquilizou-me, dizendo que ele estava absolutamente bem, que estava a estudar para os exames e que lhe daríamos coragem quando o fôssemos visitar.**

**Ficámos em Varna durante 14 dias. A Baba Vanga nunca tinha estado junto ao mar e estava feliz como uma criança ao pé dele. No entanto, nunca tirou a roupa para vestir um facto de banho. Nem sequer tentei convencê-la. Explicou: "O meu corpo não deve estar exposto – os poderes não me permitem." Eu tinha-lhe comprado um facto de banho – ela vestiu-o, ficou a pensar um instante e voltou a insistir que não devia ficar despida, e tirou-o. Ficou o dia inteiro com a camisa vestida. No fim de contas, passámos momentos maravilhosos com ela, tirando este pequeno detalhe na praia.**

**Depois voltámos para Sófia e a Baba Vanga disse-me que teríamos de ficar ali uma noite. Afinal, ela tinha um encontro com Todor Zhivkov – o líder da Bulgária comunista. De manhã, os homens do Zhivkov vieram buscar-nos com um carro preto. Levaram-nos a uma grande sala, abriram uma porta e vimos o Todor Zhivkov sentado num sofá luxuoso. Fiquei mesmo preocupada, pois pensei que, se a Baba Vanga entrasse em transe profundo e começasse a falar de coisas que aqueles comunistas não deviam ouvir, podíamos meter-nos em grandes sarilhos. Enquanto eu tremia, entraram na sala dois generais e perguntaram à Baba Vanga se podia dizer-lhes quem tinha roubado o precioso ícone de Santa Petka em Sófia. A Baba Vanga respondeu-lhes: "Têm suspeitas de quem o tem? Têm esses homens de quem desconfiam? Tragam-nos até mim."**

**Trouxeram três padres. A um deles, que tinha os braços cruzados ao peito, a Baba Vanga gritou: "Tira essas mãos sujas do peito. Foste tu que levaste o ícone e o deste a este homem à tua direita, que o deu a este à tua esquerda, e depois esconderam-no. Agora vou dizer-lhes onde o encontrar."**

**Depois virou-se para os generais e começou: "Daqui sigam na direção da Ponte da Águia. Subam pela Avenida do Rei e, depois de três cruzamentos, verão uma casa com telhado parecido ao de uma vivenda. Virem à esquerda, passem essa casa, atravessem um pequeno canal de água e, no fim da rua, verão uma casinha – é aí que esconderam o ícone."**

**Em menos de 30 minutos, os polícias trouxeram de volta o ícone roubado – estava exatamente no sítio que a Baba Vanga descreveu.**

**Sobre a Autora**

**Zheni Kostadinova licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Sófia "St. Kliment Ohridski". Trabalhou como editora no programa de televisão estudantil "Ku-Ku" e como repórter na Rádio Nacional "Horizon". Há mais de 15 anos é cronista no jornal *Weekly Trud*, onde escreve sobre esoterismo e psicologia. No mesmo jornal mantém também uma página dedicada à literatura.**

## Zheni Kostadinova – A Baba Vanga Não Previu a Terceira Guerra Mundial

**– Como é que as palavras da "Nostradamus búlgara" começaram a ganhar vida própria? A profetisa nunca disse que Roma se tornaria capital do califado.**

**A Baba Vanga nunca previu o início de uma terceira guerra mundial, nem alguma vez mencionou que Roma se tornaria a capital do califado. Na Bulgária, o interesse pela personalidade e pelas previsões da Baba Vanga nunca cessou. É muito popular na Sérvia, Macedónia e na Rússia – há dois anos fizeram um filme sobre ela. Mas, de repente, no início de Dezembro de 2015, a profetisa falecida tornou-se notícia mundial depois de um dos maiores tabloides – o *New York Post* – ter publicado um artigo intitulado "Devíamos ter ouvido esta profetisa búlgara cega sobre o ISIS". Parte do artigo dizia: "Mística cega que previu os ataques terroristas de 11 de Setembro, o tsunami de 26 de Dezembro de 2004, o desastre nuclear de Fukushima e o surgimento do ISIS, fez também previsões sombrias para 2016 e além." A mesma história foi publicada por outros tabloides britânicos como o *Independent* e o *Mirror*.**

**A Baba Vanga nunca fez previsões por anos consecutivos. Essas "previsões" dela, que começam no ano 2000 e seguem até ao ano 5000, começaram num site da Ria Novosti há cerca de 6-7 anos. Recentemente, um blogue turco alterou-as e inventou novas previsões, e na era da internet toda a gente partilha e espalha disparates sem qualquer documentação ou provas. Aconselho as pessoas a terem muito cuidado ao ler estas "notícias". A Baba Vanga é facilmente usada como instrumento para convencer as pessoas de todo o tipo de mensagens, mas quem procura a verdade normalmente**

**desconfia.**
**As previsões mais comuns atribuídas à Baba Vanga que circulam pela internet e até são citadas por tabloides mundialmente conhecidos são escritas por anos. Eis alguns exemplos do que foi publicado:**

**2016 – Os muçulmanos conquistarão a Europa**
**2023 – A órbita da Terra mudará (seja lá o que isso signifique)**
**2025 – A população da Europa chegará a "zero"**
**2033 – Os níveis da água subirão devido ao derretimento do gelo**
**2043, 2066…**
**2076 – O comunismo voltará à Europa**
**2084, 2100, 2130, 2170, 2187, 2201, 2262 e por aí fora até ao ano 3797, quando supostamente deixará de haver vida na Terra.**

**É realmente muito triste que existam tantas publicações a citar incorretamente as previsões da Baba Vanga. Cada um inventa as suas próprias previsões bizarras, ou mistura as palavras reais dela com histórias fictícias, o que só distorce de forma muito negativa a imagem real da nossa profetisa, bem como os seus dons e sabedoria fenomenais. Mas isto não é invulgar com as grandes personalidades – os seus mitos costumam sobreviver à própria pessoa e ao que ela deixou neste mundo.**

**Em mais de 20 anos de investigação sobre a vida e obra da Baba Vanga, nunca encontrei uma única pessoa que me falasse de alguma destas previsões. De onde as tiraram? Quais são as fontes? Sempre que falo de uma previsão dada pela Baba Vanga, cito a pessoa a quem ela a disse e quando o fez. A Baba Vanga era extremamente cuidadosa com quem partilhava as suas previsões, pois sabia muito bem que muitos iriam abusar delas. Já havia pessoas a espalhar informações enganosas em nome da profetisa quando ela ainda era viva. Hoje, infelizmente, quando a Baba Vanga já não está presente no mundo físico, não pode defender-se de afirmações absurdas que visam espalhar o medo entre as pessoas. É por isso que a Baba Vanga se recusava a fazer muitas previsões globais. Quando o fazia, insistia que fossem mantidas em segredo. Há coisas que foram feitas para permanecer escondidas.**

**– E a previsão popular de que a Baba Vanga teria dito que um conflito mundial começaria por causa de um vírus que escaparia acidentalmente de um laboratório?**

**Isto é um completo disparate! Outra história populista inventada para chamar atenção à custa da Baba Vanga. Hoje há até pessoas que escreveram romances sobre a Baba Vanga onde citam as suas próprias invenções em nome da profetisa. Isto é uma forma pura de blasfémia. Mas cada um paga pelos seus atos e é responsável pelo que faz.**

**– A Baba Vanga previu que a Bulgária, a Turquia e a Grécia estariam juntas? Sim, uma das suas previsões mais antigas, mas que ainda não se concretizou, é a união das nações balcânicas. Ela disse isto em 1948: "Um dia, os Balcãs vão unir-se. Sófia, Bucareste, Belgrado, Atenas e Ancara começarão negociações e darão as mãos umas às outras." Numa conversa com Yanka Takeva, a Baba Vanga deu a entender que não via grande perigo nos Balcãs, mas se o tema da Grande Albânia fosse levantado, isso seria alarmante. Como interpretar estas palavras? Sobre a união balcânica, não é impossível que a UE se desfaça e as nações balcânicas procurem formas de cooperar entre si. Quanto à questão da Grande Albânia – esperemos não ter tal cenário (o que não está excluído), ainda para mais considerando os tempos turbulentos em que vivemos.**

**– A Baba Vanga disse que os sérvios sofreriam porque "blasfemam contra Deus", mas os búlgaros também blasfemam. Quanto tempo teremos de sofrer por isso?**
**Não é exatamente assim. Ela disse: "A Jugoslávia vai partir-se em pedaços porque os sérvios blasfemam contra Deus." De facto, existe um palavrão muito ofensivo na língua sérvia que envolve Deus... Os búlgaros não têm um palavrão desses. Provavelmente as palavras têm um poder muito grande, e a Baba Vanga sugere que, uma vez que essas palavras vibram na fala do dia-a-dia, criam um sentido pelo qual se paga um preço.**

**As palavras são uma espécie de magia... Para nós, búlgaros, ela disse que sofreríamos por sermos infiéis. Neshka Robeva e o Dr. Dimitar Philipov são testemunhas desta afirmação. A Baba Vanga era uma grande defensora da ideia de que as escolas deveriam ter aulas de religião para ensinar bons valores e virtudes às crianças. Não separava religiões – pelo contrário, respeitava todas, porque para ela Deus é um só, apesar de ser ortodoxa. Diante de Yanka Takeva, a Baba Vanga disse que o político que incluísse aulas de religião nas escolas governaria por muito tempo. Se as palavras**

**dela forem citadas corretamente, talvez os nossos políticos atuais possam refletir sobre isso.**

**Histórias dos Melhores Amigos da Baba Vanga**

**Quem é a Baba Vanga? O espírito reencarnado de uma nobre figura do passado? Uma profetisa búlgara chamada a manter aberta a porta do conhecimento do outro mundo? Uma santa, uma mártir ou uma estranha que veio de outra dimensão para a nossa Terra pecadora? Terrestre ou não, a Baba Vanga é a mulher "tocada" pelo Grande e Inexplicável poder que marcou o seu destino aos 12 anos de idade.**

**Todos os que conheceram de perto a Baba Vanga não contestam que ela foi um grande fenómeno. Mas essas mesmas pessoas insistem em descrever o outro lado – o de um ser humano comum. Porque, juntamente com as suas capacidades extraordinárias, a Baba Vanga era também uma pessoa normal, com fraquezas, imperfeições e caprichos. Conhecer a Baba Vanga apenas como uma pessoa excecional é mitificar propositadamente a sua imagem e mascarar a realidade. Um dos principais propósitos deste trabalho é não transformar o nome da Baba Vanga numa lenda inventada, mas contar objetivamente a história da sua vida através dos olhos de muitas pessoas que a conheceram ou se encontraram com ela.**

**A convivência do quotidiano comum com o extraordinário na vida da Baba Vanga é marcante. Por um lado, é um fenómeno sem igual que a ciência não consegue explicar; por outro, é uma mulher normal com as suas fraquezas típicas. A parte da sua vida em que não está a receber pessoas para consultas, não está a profetizar, não está a comunicar com os mortos, ou seja, não está "a trabalhar", é pouco conhecida do público.**
**Ali, entre o mundo físico e o não físico onde a alma da Baba Vanga pairava, existe este rosto simples da Baba Vanga, que pode ser magoado pelos outros.**

**Alguns dos melhores amigos da Baba Vanga tentam descrever precisamente esse "rosto simples" da profetisa tal como o viram de perto, graças à oportunidade de estarem com ela durante muitos anos. Esses amigos amaram-na como se ama alguém muito próximo. Foram-lhe leais dia e noite, nas celebrações e sempre que ela precisou. Alguns ficaram com**

**ela e ajudaram-na até ao último dia da sua vida. As histórias deles são provavelmente das informações mais autênticas sobre a vida da profetisa.**

**Entrevista feita por Krasina Krasteva, do Trud**

**– Há anos, a Baba Vanga ligou para o Prof. Bozhidar Dimitrov e disse-lhe: "Vais restaurar três igrejas. Numa delas há um poço sagrado. Se a água brotar do poço, a Bulgária começará a melhorar." Dimitrov contou esta história quando, de facto, a água começou a brotar do poço que estava localizado na Grande Basílica de Pliska. Sra. Kostadinova, por que continuamos a referir-nos à Baba Vanga quando queremos chamar a atenção para algo?**

**– Porque o seu fenómeno é indiscutível. A maioria das previsões que fez acaba por acontecer a certa altura. Ela tentou contactar o Prof. Dimitrov, mas ele é um homem da ciência e não acreditava nela. Na primavera, eu e o Bozhidar participámos num programa de televisão, e ele contou a história do seu encontro com a Baba Vanga. Ela ligou-lhe várias vezes, mas ele não encontrava tempo para a visitar. Depois de algum tempo, o Bozhidar teve de ir a Strumitza (Macedónia) e viajava com um homem próximo da Baba Vanga. A profetisa disse-lhe: "Diz ao Bozhidar para vir ver-me, tenho algo importante para lhe dizer." O Bozhidar acabou por decidir visitar a Baba Vanga e, diretamente de Strumitza (a 30 km de Petrich), foi até Petrich.**

**Primeiro não a encontrou em casa, então foi até Rupite, onde a encontrou. A Baba Vanga convidou-o, apesar de já estar deitada, e disse-lhe: "Foste escolhido para restaurar três igrejas na Bulgária. A primeira é a dos 40 Mártires em Veliko Tarnovo, depois a de Santa Sofia em Sófia, e a Grande Basílica em Pliska. Quando as três estiverem restauradas, a Bulgária tirará esta pesada cruz dos ombros e um novo caminho abrir-se-á para o nosso país." Esta história aconteceu nos anos 80. A Baba Vanga dizia muitas vezes que a nação búlgara sofre porque somos infiéis e matámos os Bogomilos. Talvez por isso estas três igrejas sejam tão importantes como centros espirituais do país. Costumava dizer que a Bulgária sofre com a falta de bons líderes, porque, por algumas vezes no passado, matámos alguns dos nossos mais inteligentes.**

**– Como decidiu dedicar tanto tempo a documentar a vida da Baba Vanga? Já publicou três livros pela Trud – *O Segredo da Baba Vanga*, *Previsões da Baba Vanga*, *Previsões da Baba Vanga para os Destinos Humanos*, e outro chamado *Baba Vanga, a Profetisa*.**

**– Tenho também um livro traduzido em russo, *Baba Vanga e a Rússia*, e outro chamado *Baba Vanga e o Templo*, traduzido em inglês. Sou licenciada em Filosofia e o meu interesse específico pela Baba Vanga vem do facto de sempre me interessar pelo mundo oculto, pelos mistérios, pelo inexplicável. A Baba Vanga foi a profetisa búlgara mais conhecida, e o mundo de um profeta não pode ser ignorado por alguém como eu, que quer aprender mais sobre o mundo invisível.**

**– Quando começou a escrever sobre a Baba Vanga?**

**Comecei quando a Baba Vanga faleceu em 1996. Nikola Kitzevski – o director da Trud Publishing House – ofereceu-me a oportunidade de escrever um livro sobre ela, sabendo da minha afinidade com o esoterismo. Sendo jovem e ambiciosa na altura, aceitei. Reunimos uma equipa e fomos para Rupite durante duas semanas. Fico muito feliz por termos conseguido recolher muitos materiais sobre a Baba Vanga junto dos seus amigos. Tirámos fotografias e gravámos as memórias frescas de muitas pessoas sobre a nossa grande profetisa. O meu primeiro livro, *Previsões da Baba Vanga*, saiu em 1997. Depois, em 1999, publiquei o meu segundo livro, *Previsões da Baba Vanga para os Destinos Humanos*, e em 2006 uma edição adicional das *Previsões da Baba Vanga*. Nessa última edição publiquei histórias contadas por pessoas da terra natal da Baba Vanga – Strumitza. Fui a primeira jornalista a encontrar o local onde a Baba Vanga perdeu a visão. É a chamada Fonte Anska, perto da aldeia de Novo Selo. Quando lá estive, acendi uma vela.**

**A Baba Vanga dizia: "Quando fores à Fonte Anska, tem cuidado para não pisares os meus olhos. Foi aqui que perdi os meus olhos." Como qualquer pessoa, a Baba Vanga sofreu muito quando ficou cega. Tinha apenas 13 anos. Depois aconteceu outra história cruel: quando o pai a levou a Belgrado para ver um médico, ele pediu muito dinheiro para fazer a cirurgia. O pai conseguiu arranjar algum dinheiro e a operação foi feita. Infelizmente, a Baba Vanga continuou sem ver – via apenas alguns contornos desfocados quando olhava para baixo. Então o médico disse**

**cinicamente: "Para uma rapariga pobre como tu – é o melhor que podes ter."**

**– De onde é que a Baba Vanga recebia esta iluminação divina?**
**Ela própria dizia que o dom lhe foi dado por Deus, que lhe tirou a visão física para lhe dar olhos divinos. Sabes em que pensei recentemente, quando olhava para os retratos escultóricos dos grandes filósofos gregos Platão, Aristóteles, Sócrates? São representados como cegos. Porque não têm olhos? Porque também eram profetas. Os olhos foram-lhes tirados para não se distraírem com a vaidade do mundo e poderem ver mais fundo e mais longe. A Baba Vanga sublinhou muitas vezes que, se alguém disser que viu Deus, não devemos acreditar, porque ninguém pode ver Deus. Ele é uma grande bola de fogo na qual não se vê nada. Ela dá-nos a pista de que Deus é energia. Apesar disso, mesmo nesses anos de ateísmo, houve bastantes pessoas que lhe perguntaram se ela tinha visto Deus.**

**– A Baba Vanga recusava-se a fazer previsões sobre política, mas os políticos estavam sempre a arrastá-la para o seu mundo.**

**Sim, isso é verdade. Um exemplo típico seriam as eleições de 1994. O jornal *Democracia* publicou um artigo onde um amigo anónimo da Baba Vanga contou as suas palavras: "A Bulgária começará a melhorar, mas não será com o boletim vermelho." Dias depois das eleições, o jornal *Duma* publicou outro artigo populista: "Baba Vanga: Os assuntos búlgaros estão agora em ordem." Então a própria Baba Vanga quis refutar essas publicações. Através da jornalista desportiva Vera Marinova, a Baba Vanga disse: "O meu boletim é o de Deus. Há um só Deus e é esse que eu respeito."**

**Ela sofreu imenso, pois muitas pessoas tentaram atribuir-lhe palavras que nunca disse. Para a Baba Vanga, a política era um jogo sujo e por isso aconselhava as mulheres a não se meterem nela. No entanto, a Baba Vanga era visitada por muitos políticos de topo e líderes empresariais, antes e depois do regime comunista na Bulgária.**

**– É sabido que a Baba Vanga era próxima de Lyudmila Zhivkova.**

**Sim, eram muito próximas. Pessoalmente, acho que a Baba Vanga sabia do destino trágico de Lyudmila, mas não o revelou. Normalmente, evitava**

**dizer más notícias aos visitantes. Em alguns casos, ficava muito nervosa e até rude com pessoas sobre quem sabia que algo de mau iria acontecer. Algumas pessoas até se queixaram dizendo: "A Baba Vanga simplesmente mandou-me embora e não me disse nada."**

**Aqui, a Baba Vanga mal conseguia conter "a voz" de dizer toda a verdade sobre o futuro de uma pessoa. A Baba Vanga tentava manter-se afastada dos políticos, porque, em primeiro lugar, eles não transmitiam corretamente as suas palavras, e, em segundo, porque o que normalmente tinha para lhes dizer não era do interesse deles. A profetisa dizia muitas vezes de forma generalizada: "Quando todos vocês se unirem – azuis, vermelhos, verdes – é quando a Bulgária começará a florescer. E também têm de eleger um líder honesto e inteligente!"**

**Ela aconselha as mulheres a manterem-se afastadas da política, mas também se diz que previu que uma mulher loura um dia seria uma líder de sucesso na Bulgária.**
**Sim, isso tem sido atribuído à Baba Vanga, mas não tenho qualquer confirmação de que estas palavras tenham realmente sido ditas por ela.**

**– Há previsões políticas da Baba Vanga que se concretizaram, como a separação pacífica da Checoslováquia e a separação sangrenta da Jugoslávia.**
**Sim, ela disse que "a Jugoslávia se partirá em pedaços, porque os sérvios blasfemam contra Deus." Ela também dizia que búlgaros, sérvios e macedónios são infiéis e que a nossa fé em Deus não é profunda. A Baba Vanga mencionou que as coisas se tornariam muito perigosas para a Bulgária quando o tema da Grande Albânia fosse levantado.**

**– E esse tema já foi aberto.**
**As más notícias estavam sempre camufladas nas previsões da Baba Vanga. Ela via que iriam acontecer, mas não queria assustar-nos. No meu terceiro livro, *O Segredo da Baba Vanga*, o médico Jordan Georgiev explica que o futuro é algo que existe em paralelo e que nós chegamos até ele. Uma analogia seria dizer que o futuro é como um comboio que não fica parado numa estação.**

**– A Baba Vanga pensava que a Bulgária e a Macedónia são um só país, e talvez fosse da Macedónia que falava quando se referia à Grande Albânia?**

**Não posso afirmar com certeza. A Baba Vanga dizia que haveria um conflito militar que surgiria devido à religião. Mas nunca mencionou uma terceira guerra mundial.**

**– Alguma vez falou sobre os conflitos na Ucrânia?**
**Não, que eu saiba. Nunca li ou ouvi nada sobre a Ucrânia. Ela previa que politicamente a Bulgária se afastaria da Rússia, mas sempre disse que devíamos manter relações económicas e políticas estreitas com a Rússia. Isto foi dito à frente de muitas pessoas, incluindo Ventzislav Medarski e o Dr. Dimitar Philipov. No início dos anos 90, a Baba Vanga foi visitada por Marianna Konova – uma empresária que tinha sido batizada por ela. A profetisa disse-lhe: "Perguntas-me quando é que a Bulgária prosperará – o gasoduto tem de passar pela Bulgária. O gás tem de fluir." Tive uma entrevista com a Sra. Konova e vi outra entrevista onde ela contou a mesma história. Na altura, Konova tinha a intenção de abrir um negócio de postos de combustível, por isso foi pedir conselho à Baba Vanga. A Baba Vanga era muito cuidadosa ao escolher as pessoas a quem dizia algo importante.**

**Por volta de 1975, a Baba Vanga também disse: "Um dia o ensinamento mais antigo aparecerá novamente. Começará na Rússia e em breve será reconhecido em todo o mundo, até na América." "Perguntam-me se será em breve? Não, não será em breve – a Síria ainda não caiu", dizia a Baba Vanga.**

**– No entanto, o ensinamento mais antigo é a doutrina védica. Vem da Índia, não da Rússia.**
**A Baba Vanga não especificou qual era exatamente o ensinamento mais antigo. O famoso profeta americano Edgar Cayce, que estava ao mesmo nível que a Baba Vanga, disse que a China se tornará o berço do Cristianismo.**

**– A Baba Vanga disse alguma coisa sobre a União Europeia e a adesão da Bulgária?**
**Ela dizia que haveria uma federação dos Balcãs e que algumas nações balcânicas se uniriam. Via a Turquia, a Grécia e a Bulgária juntas.**

**– O que faz agora?**
**Neste momento estou ocupada com a minha "Casa das Bonecas", que**

**fundei há três anos. Pelo quarto ano consecutivo organizamos o festival internacional infantil chamado "A Magia das Bonecas". Foi oficialmente inaugurado a 7 de Agosto, pela vice-presidente Margarita Popova. Tivemos 240 crianças de seis países, e todas fizeram bonecas lindíssimas!**

## Como a alma entra no corpo

**"Como é que a alma entra no corpo? A alma desce através de um raio de sol do céu e implanta-se no corpo. Depois, o corpo começa a viver por si, mesmo dentro do ventre da mãe, mesmo com o cordão umbilical ainda ligado. A faísca da vida acende-se cerca de 21 dias antes do nascimento. O processo de descida da alma é muito complexo e, se não chegar ao corpo, o bebé nasce morto."**

**Platão dizia que a alma chega ao corpo físico vinda de uma dimensão superior, divina, onde não existe matéria nem livre-arbítrio. Como é que isto acontece? A Baba Vanga diz que é através de um raio de sol do céu.**

**Pessoas que estiveram em morte clínica dizem que se separaram do corpo. Descrevem que veem um "fio prateado" ou "raio de luz" que liga o corpo à alma quando esta se afasta (como resultado de um choque físico forte, meditação ou coma) e voa feliz e livre para outra dimensão. Essas pessoas assumem que, se esse "fio" for cortado, ocorre a morte física imediata. Ao perceberem a ligação entre a alma e o corpo, a pessoa em coma desce por esse fio e implanta-se de novo no corpo, acordando viva.**

**Talvez esse "fio prateado" ou "raio de luz" seja o que a Baba Vanga se referia como o raio de sol através do qual a alma desce ao corpo. É interessante como ela descreve os bebés mortos – "a alma não chegou ao corpo."**

**Muito provavelmente, um dia a medicina e a ciência descobrirão toda a verdade sobre a relação entre o corpo e a alma. Há bases sólidas para tal afirmação, já que já existem factos chocantes sobre fenómenos naturais cada vez mais estudados.**

**Alguns patobiologistas descobriram que, logo após a morte, o corpo humano pesa cerca de 7 gramas a menos (outros dizem 21 gramas). Esses 7 gramas são o que os investigadores chamam de peso da alma. Do que é**

**feita, onde se encontra e como se parece – continuam a ser muitas das incógnitas que ainda não têm resposta. A Baba Vanga dizia: "O tempo dos milagres virá, e a ciência fará grandes descobertas na área do mundo não material."**

## O mistério da concepção

**A ciência oficial ainda não tem resposta para a pergunta sobre o que dá vida ao corpo – o que espiritualiza a nossa carne e ossos. Nos manuais de biologia continua-se a apresentar o conceito de Darwin de que o homem evoluiu do macaco, apesar de muitos cientistas considerarem este conceito ultrapassado para os tempos atuais.**

**A ciência explica a conceção como um processo material e exclui a existência da alma humana simplesmente porque ainda não a consegue provar com as ferramentas atuais. A explicação das enciclopédias de que a conceção é um ato puramente biológico não satisfaz aqueles que querem descobrir a essência deste fenómeno natural.**

**Não é por acaso que os mais velhos dizem: "A conceção é obra de Deus." É pouco provável que o digam apenas por superstição.**

**Uma coisa é certa – crentes ou descrentes, idealistas ou materialistas, todos concordam com uma coisa: não há maior felicidade do que ter um filho. Também é verdade que a infertilidade é um dos maiores dramas humanos (estatísticas recentes na Bulgária dizem que há cerca de 270.000 casais que não conseguem ter filhos).**

**Para a medicina moderna, a infertilidade é causada por problemas físico-biológicos do organismo – em alguns casos trata-se, noutros não.**

**Não há uma estatística oficial, mas pelos testemunhos que se conhecem, a Baba Vanga ajudou milhares de mulheres a engravidar. A Baba Vanga tinha uma atitude especial, cheia de amor e compaixão por cada mulher que a procurava para saber se seria mãe. Para além de cumprir a sua missão como profetisa, curandeira e sensitiva, a Baba Vanga mostrava uma compaixão puramente feminina – afinal, ela própria não teve filhos. Usava tudo o que estava ao seu alcance, desde que fosse "permitido" pelas forças superiores, para se envolver em cada caso.**

**Esses casos eram, normalmente, de famílias que há anos esperavam ter um filho. Tinham visitado muitos especialistas, tentado todos os tratamentos, procedimentos e medicamentos, sem sucesso. No fim, no limite do desespero e sem esperança, muitos desses casais viam na Baba Vanga a sua última esperança de salvação. E, na maioria dos casos, ela não os desiludia.**

**Normalmente, a Baba Vanga utilizava três métodos para ajudar as mulheres que a procuravam por não conseguirem engravidar: enviava a mulher a um médico específico; realizava um ritual muito estranho que envolvia uma boneca e uma fralda; ou então dava uma receita única a cada mulher, que geralmente incluía ervas búlgaras.**

**Sempre que a Baba Vanga "via" (ou lhe era dito lá de cima) que os médicos podiam resolver o problema de infertilidade, ela mandava as suas visitantes recorrerem à medicina moderna. A Baba Vanga usava os seus métodos de cura apenas quando percebia que os médicos não podiam fazer nada, porque o problema não era de origem fisiológica ou biológica.**

**De um modo geral, a medicina convencional não está orientada para a individualidade de cada caso, nem examina as causas iniciais das doenças. É uma medicina baseada em métodos estereotipados, iguais para todos os pacientes, e que trata principalmente o corpo, ignorando quase totalmente os aspetos psicológicos.**

**Segundo os especialistas que praticam métodos de cura alternativos como o ioga, a ayurveda, a acupunctura, etc., é na alma, no subconsciente, que está muitas vezes a chave para resolver os problemas de saúde de muitas pessoas.**

**Outra medicina que tem ganho cada vez mais força é a homeopatia. Os seus princípios baseiam-se na ideia de que as doenças são provocadas por diversos factores, sendo que o sofrimento mental — como o stress, a ansiedade, a pressão e o ritmo de vida — desempenha um papel fundamental. Por isso, a par do corpo, também a alma tem de ser tratada.**

**É precisamente isso que a Baba Vanga fazia — através das suas avançadas capacidades telepáticas, conseguia encontrar as causas ocultas de uma determinada doença, algo que mais ninguém conseguia ver. O conjunto de**

**todos os aspetos da informação que recebia ajudava a Baba Vanga a fazer diagnósticos precisos e a encontrar as "portas" para a cura.**

**Afinal, em alguns casos bastava a uma mulher ouvir as palavras encorajadoras da Baba Vanga a dizer que ela seria mãe, para que isso acendesse uma chama de esperança — e isso, muitas vezes, fazia milagres.**

## Fundação Baba Vanga

**A fundação foi criada para preservar o templo e as obras de caridade da profetisa. Foi fundada a 4 de Dezembro de 1994 e o comité elegeu a Baba Vanga como presidente. Após a sua morte, a 11 de Agosto de 1996, Dimitar Vultchev foi eleito como novo presidente.**

**Entre os fundadores da fundação estão artistas, juristas, escritores: o académico Svetlin Rusev, o Dr. Toncho Zhechev, Jordan Radichkov, Nevena Kokanova, Neshka Robeva, Ivan Tatarchev, Alexander Arabadzhiev, entre outros.**

**Actualmente, Ivan Dramov é o presidente da fundação. As pessoas que foram designadas pela profetisa para preservar e continuar a sua obra não foram escolhidas por acaso. O facto de o complexo de Rupite estar muito bem cuidado e florescer, atraindo cada vez mais pessoas todos os anos, fala por si.**

**O principal objetivo da fundação é preservar o património material e espiritual deixado pela Baba Vanga, divulgar a sua vida e obra e preservar a beleza natural da região de Rupite. Sendo apenas um vale vazio, passados 15 anos o complexo de Rupite transformou-se numa zona bonita e cuidada. Há um parque de estacionamento em frente ao complexo.**

**Um longo caminho ladeado de túias e árvores conduz ao templo. Tudo está imerso em vegetação, com cantos paisagísticos floridos, pedras e bancos. Há uma fonte de água mineral perto do templo. Atrás dela, existe uma pequena loja onde se podem comprar lembranças e velas. A relva está sempre aparada e a limpeza é mantida em todo o lado. São 18 as pessoas que cuidam do complexo. Há um pequeno café na extremidade oposta do templo — o único restaurante do complexo.**

## História da Igreja de Santa Petka em Rupite

**Em 1984, a Baba Vanga doou todas as suas propriedades e bens ao Governo da Bulgária. A casa da Baba Vanga em Petrich pertence ao Estado e foi aberta como museu em 2009.**

**Em 1991, a Baba Vanga decide investir todos os fundos arrecadados ao longo dos anos na construção do templo. Partilha o seu desejo com o seu filho espiritual, Dimitar Valchev, e com o artista Svetlin Rusev: "Quero erguer uma igreja branca em Rupite para ser uma casa para todos os crentes. Para ser um lugar onde as pessoas venham rezar e purificar-se. Quero usar todo este dinheiro que pessoas de todas as religiões e nacionalidades pagaram para me visitar, para construir um templo de Deus, para salvação das pessoas."**

**Em 1992, começa a construção do templo sob a supervisão da Baba Vanga. O local escolhido fica a poucos metros da sua casa. Depois de aprovado o projeto pelo Metropolita Pimen, a 31 de Maio de 1992 fez-se a primeira cerimónia de abertura de obras, na sua presença. A Baba Vanga insistiu para que o projeto fosse preparado pelos arquitectos Bogdan Tomalevski e Lozan Lozanov.**

**O projeto foi recebido com grande entusiasmo e confiança pelos seguidores da profetisa — todos doaram conforme as suas possibilidades. Com a ajuda das pessoas, a Igreja de Santa Petka foi construída em dois anos. Esta foi uma das primeiras igrejas construídas na Bulgária depois da queda do regime comunista em 1989. O início dos anos 90 foi marcado por muita confusão, pobreza e instabilidade. O Governo seguiu um novo rumo, reestruturando inúmeras instituições, criando caos e altas taxas de desemprego. As pessoas passavam fome, mas mesmo assim muitas famílias pobres doaram pequenas quantias, só para poderem colocar o seu "tijolo" na construção do templo da Baba Vanga.**

**Mais de 2000 pessoas doaram para a causa. Era a forma de prestar respeito e gratidão à profetisa. O montante total arrecadado ultrapassou 10 milhões de leva (cerca de 6,5 milhões de dólares), dos quais 7 milhões foram usados na construção. Os arquitetos Tomalevski e Lozanov doaram o seu trabalho profissional para criar o projeto.**

**A Baba Vanga pediu que os frescos da igreja fossem pintados por Svetlin Rusev, que também se voluntariou. As imagens são muito reais, tiradas da**

**vida real e da vida da própria Baba Vanga — foi o que ela pediu. São pessoas comuns, doentes, ansiosas, a sofrer, desesperadas. Filhos de Deus à procura do seu caminho e salvação.**

**Este novo estilo moderno, usado por Svetlin Rusev, não correspondia totalmente aos cânones da Igreja Ortodoxa Búlgara. No início, os padres recusaram-se a consagrar a igreja. O conflito foi resolvido, mas a Baba Vanga ficou profundamente magoada.**

**A 14 de Outubro de 1994, a Igreja de Santa Petka foi solenemente consagrada pelo Bispo Natanail, em concelebração com outros bispos e padres. Foi um dia claro e ensolarado. A Baba Vanga engoliu todas as ofensas e, apesar de estar muito doente e cansada, parecia feliz por ver o seu grande sonho concretizar-se. Milhares de pessoas vieram para a cerimónia de consagração — pessoas de toda a Bulgária, políticos e intelectuais vieram prestar homenagem à profetisa. O primeiro-ministro da altura, Lyuben Berov, enviou uma carta de felicitações.**

**A partir desse dia, a igreja branca da Baba Vanga começou a brilhar como uma andorinha branca pousada aos pés de três montanhas — Ograzhden, Belasitza e Kozhuh. Dois anos depois, a Baba Vanga faleceu, mas a sua andorinha branca continuou a "pairar" sobre o desespero e a dor das pessoas, trazendo paz e esperança a todos.**

**Acad. Svetlin Rusev**

**"Na cerimónia de consagração, a Baba Vanga disse: 'A Baba Vanga é o templo, e o templo é a Baba Vanga!' Para mim, estas foram palavras proféticas. O templo faz parte da missão com que a Baba Vanga veio a este mundo. Ela decidiu e pediu-nos para construirmos este templo quando o fim da sua vida se aproximava. Este templo tinha de materializar aquilo que a Baba Vanga queria deixar atrás de si — a sua presença e energia. Ela queria permanecer neste lugar para continuar a ajudar as pessoas. Este é um templo de salvação. A Baba Vanga carregava a fé, era uma mensageira da fé, foi um dom do destino para a Bulgária."**

**A poucos metros do templo fica a pequena casa da Baba Vanga, onde ela viveu os últimos anos da sua vida. A casa manteve-se intacta depois da sua morte e a sua atmosfera autêntica permanece preservada. Em 2011, a casa**

**foi oficialmente aberta ao público, com a cooperação da autarquia de Petrich. No jardim da frente há muitas flores que foram plantadas pela Baba Vanga. Existem muitos vasos trazidos pelos visitantes da profetisa.**

**A casa e o templo são também o lar de centenas de andorinhas que tecem os seus ninhos na área, e de duas famílias de cegonhas que construíram dois grandes ninhos, desde o tempo em que a Baba Vanga ainda era viva.**

**O túmulo da Baba Vanga**
**Junto ao templo encontra-se o túmulo da Baba Vanga. Todos os dias há velas acesas deixadas pelos visitantes, bem como vasos de flores, ofertas e cartas de oração. As pessoas acreditam que o espírito da profetisa vive em Rupite e rezam à Baba Vanga para que os ajude do outro mundo.**

**O mosteiro em redor do templo**
**O mosteiro ficou concluído em 2009. Tem 12 quartos com 30 camas, uma sala de rituais para batismos e uma sala de exposições onde estão fotografias e pertences pessoais da Baba Vanga. Os quartos são muito simples: camas, roupeiros, casa de banho e lavatório. Não há telefones, televisões ou ligação à internet... O objetivo principal é que as pessoas tenham uma estadia tranquila no complexo, possam fazer banhos nas fontes termais medicinais e fiquem a sós consigo próprias, isoladas do mundo dinâmico da civilização moderna.**

**O parque do complexo**
**O complexo de Rupite ocupa 23 hectares de terreno. Ao longo dos anos, a Fundação criou um grande parque com muitos espaços disponíveis para meditação e descanso. Por ideia e iniciativa de Dimitar Valchev, a Fundação plantou mais de 2000 árvores de mais de 100 espécies diferentes. Há alpendres e bancos espalhados por todo o complexo. No Verão, o complexo torna-se muito verde, com um ar refrescante, criando a atmosfera perfeita para relaxamento e paz.**

**A cruz memorial**
**Em 2009, a Fundação mandou construir uma Cruz embutida na rocha, virada para o templo. Esta cruz é em memória de todas as pessoas que foram mortas quando o vulcão Kozhuh entrou em erupção há milhares de anos. O projeto da cruz foi doado pelo escultor Ivan Rusev. A cruz tem 40 metros de altura e 30 metros de largura, sendo claramente visível a partir**

**do templo da Baba Vanga. É feita de placas de mármore, colocadas de forma a que os visitantes possam subir. A ideia do escultor é que, ao subir a cruz, as pessoas simbolicamente repitam o caminho de Cristo até ao Calvário.**

**A verdadeira razão para a construção da cruz foi cumprir um antigo pedido da Baba Vanga. Ela pediu às pessoas mais próximas para construírem algo em memória dos que morreram quando o vulcão Kozhuh explodiu. A Baba Vanga disse: "A 14 de Outubro (Dia de Santa Petka), há milhares de anos, aqui na região de Rupite havia uma grande cidade chamada Petra, que tinha três templos muito grandes."**

**O vulcão tirou a vida a milhares de pessoas. A Baba Vanga descreveu-as como "pessoas altas e robustas, vestidas com roupas finas que brilhavam como papel de alumínio". Eram muito esclarecidos e espirituais. O rio que atravessava a cidade tinha ouro, e todos os recém-nascidos eram mergulhados nessa água. Os portões da cidade de Petra eram decorados com animais alados dourados.**

**"O abismo quente que engoliu esta cidade agora envia-nos vapores quentes, para nos tratarmos. Estes são os suspiros de todos os que morreram. Querem que nos lembremos e os honremos, e que saibamos que viviam nestas terras. Não se esqueçam que Deus e a Mãe Natureza são mais fortes do que os homens."**

**A Baba Vanga começou a visitar Rupite nos anos 50, mas fixou-se lá definitivamente nos anos 80. Dizia que os poderes superiores lhe tinham mostrado aquele lugar, para ela se recarregar energeticamente. "Eu e a Baba Vanga viemos a Rupite há 50 anos, quando isto era só mato — conta Peter Bakov, de Petrich. De repente, a Baba Vanga meteu a mão na mala, tirou algo que parecia um elástico e atirou-o. Afinal era uma víbora. Ela disse: 'Onde a cobra cair, é aí que montam a tenda.' Mais tarde, nesse mesmo local, foi construída a casa da Baba Vanga, e anos depois ergueu-se todo o complexo."**

### Um cientista russo sobre o fenómeno Baba Vanga

**O fenómeno da Baba Vanga — a maior profetisa búlgara — não foi desvendado em vida. Nove anos depois da sua morte, o jornal russo**

**“Zhisni” afirma que os cientistas têm uma hipótese sólida de como a Baba Vanga conseguia “ver” cenas do passado e do futuro. Além disso, os serviços secretos podem usar o seu método para prevenir ataques terroristas.**

**O jornal publicou alguns documentos que confirmam essa afirmação. Yuriy Negribetzkiy — académico na Academia Internacional de Ciências Energético-Informacionais, que estuda o fenómeno da clarividência — descobriu um método para não só prever acontecimentos desfavoráveis, mas também evitá-los.**

**A Baba Vanga era visitada por mais de 100.000 pessoas por ano. Muitos tentaram acusá-la de ser charlatã. Ela previu a data exata da morte de Estaline, o desastre de Chernobyl, a dissolução da União Soviética, a vitória de Ieltsin nas eleições presidenciais, a tragédia do Kursk, entre outros.**

**Segundo Yuriy Negribetzkiy, o fenómeno da Baba Vanga tinha uma natureza material. A profetisa conseguia ver e ouvir coisas que os outros não conseguiam. O seu cérebro estava programado para procurar informação, tal como um motor de busca consegue vasculhar toda a Internet.**

**A essência da clarividência é a capacidade de perceber a relação de causa e efeito, diz o Dr. Negribetzkiy. “O mundo está organizado de tal forma que não há acasos.” Negribetzkiy desenvolveu e patenteou um método que estabiliza o campo eletromagnético de uma pessoa ou de um objeto. Conseguiu isso depois de 20 anos de investigação aprofundada. Uma combinação especial de números, introduzida num computador juntamente com o nome do paciente, influencia o seu estado geral, levando à sua melhoria. Negribetzkiy apresentou os resultados ao Instituto de Saúde de Moscovo e realizou o mesmo estudo em objetos inanimados.**

**A experiência foi feita na Agência de Monitorização e Previsão de Situações Extraordinárias. Negribetzkiy tentou influenciar acontecimentos, inclinando-os para um desfecho favorável. Cooperou com a Rosaviocosmos — todos os lançamentos de foguetes foram bem sucedidos quando o Dr. Negribetzkiy usou o seu método.**

**"O futuro tem múltiplas opções. Eu não coloco proibições. É como no xadrez: calculo várias jogadas à frente. O futuro pode ser construído de forma a evitar certos obstáculos." A Baba Vanga tornou-se clarividente quando tinha 12 anos, quando foi levada por um tornado. "Eu também recebi o meu esclarecimento — tinha 19 anos. Estava como recruta na província de Komstromska. Andava pelo campo de treino e, de repente, à minha frente e no meu cérebro — um relâmpago branco. Pensei que tinha havido uma explosão, comecei a tocar-me e percebi que estava inteiro. Meses depois, o meu organismo ficou muito fraco. Passei um ano inteiro no hospital.**

**Este esclarecimento, ou intuição, existe em cada um de nós, em maior ou menor grau. A Baba Vanga tinha o seu 'sonar' no cérebro. Ao usar açúcar, amplificava o efeito das suas capacidades de clarividência. Obviamente, a informação sobre tudo está guardada algures no espaço — na noosfera, no vácuo. Só é preciso encontrá-la.**

**'Interferir no futuro assim de qualquer maneira está errado. A teoria dos campos de torção, desenvolvida por físicos, prova que tudo neste mundo está ligado por fios invisíveis. Alguns desses fios é melhor não puxar...'"**

**Krasimira Stoyanova – sobrinha da Baba Vanga**

**Krasimira Stoyanova nasceu em Sandanski, em 1949. É uma das sobrinhas da Baba Vanga. Formou-se em Filologia Turca na Universidade de Sófia, em 1972. Mais tarde, concluiu estudos de Egiptologia e Siriologia na New Bulgarian University. Durante alguns anos, foi editora-chefe do programa da manhã da Nova TV.**

**Como é sentir-se sobrinha da Baba Vanga?**

**Do ponto de vista pessoal, estamos habituados. Tanto eu como o meu irmão e a minha irmã. O sentimento de algo fenomenal é criado pelas pessoas que vinham visitar a minha tia. Quando nasces e cresces perto de um fenómeno tão grande, quase não o percebes nem o vês.**

**Isso ajudou ou prejudicou?**

**Por um lado, tens uma tia muito famosa, és conhecida por muitas pessoas, escrevem e contam histórias. Ao mesmo tempo, tens sempre esses limites**

**mentais. É uma marca tão forte em mim e na minha família que, ainda hoje, não ultrapassas a linha.**

**Aprende-se isso em criança, ou mais tarde?**

**Quando crescemos, claro. Em crianças, víamos a Baba Vanga como uma tia normal, com todas as suas habilidades e todas as pessoas que recebia e ajudava. Os nossos colegas ficavam muito mais impressionados do que eu e os meus irmãos. Anos depois comecei a perceber, gradualmente, o que ela era e porque é que todas aquelas pessoas vinham ter com ela. Tive longas conversas com a Baba Vanga sobre a Bíblia, Deus, sobre a essência do ser humano como criatura espiritual.**

**Sobre a capacidade deste ser humano de ler os sinais — algo que continuo a aprender. A Baba Vanga dizia muitas vezes: "Vocês estão sempre à espera que aconteça um milagre, algo que venha, ou alguém que venha fazer isso por vocês, porque não veem ou não conseguem ver e ler os sinais." Esse é um grande segredo. Ao dizer "ler os sinais", a Baba Vanga referia-se a indicadores, símbolos, que nem sequer estão no campo do visível.**

**— Foi isto que "herdou" da sua tia para o seu futuro?**

**Sim, foi aprender a ler os sinais. Para alguns deles tenho a concentração e atenção necessárias. Por exemplo, para os processos sociais na Bulgária — são pequenos fragmentos que, se conseguires identificar e acumular, encaixas as peças do puzzle para algo maior, que tem a ver com o tempo em que vives. São acontecimentos e coisas que simplesmente acontecem, mas que não reparaste nelas. Uma outra expressão muito usada pela Baba Vanga era: "Têm olhos para ver, mas não veem nada." Esta amálgama em que, por um lado tens a tua família e o trabalho, e por outro tudo o que está no campo do espiritual e do não-material, leva a uma bifurcação interior.**

**Contradições assim só se compreendem com grande concentração e uma luta interna pessoal. Para mim isso está intimamente ligado à infância, não posso simplesmente ignorá-lo — está dentro de mim. Muitas vezes pergunto-me se deveria ter sido tão rígida com as pessoas com quem trabalhei, ou se tivesse sido mais paciente, mais compreensiva, talvez tudo**

**tivesse sido diferente. Este fardo constante de dúvida não é fácil de carregar.**

**— É uma mulher de letras, tem quatro livros sobre a Baba Vanga e agora está a escrever o quinto. Há factos, situações ou segredos sobre a sua tia que ainda não revelou aos leitores?**

**E se sim, tem planos para contar a todos o que ainda está por dizer? Sim, tenho um grande segredo, mas não tenho a coragem necessária para começar a escrevê-lo, nem para contar às pessoas.**

**— É novamente por contradições pessoais e hesitação?**

**Não, simplesmente não tenho, neste momento, o conhecimento suficiente para entender esses segredos. Tenho medo de deturpar as próprias palavras da Baba Vanga. Não quero tornar-me uma pessoa tendenciosa. Tenho muitas notas sobre a minha tia que leio vezes sem conta, mas ainda sinto que não estou preparada para avançar. Sobre tudo aquilo que não se vê, mas que acontece. Por exemplo: o que é o ser humano na sua essência, o que é Deus, o que é a religião, o que é este mundo invisível, entre outros. A Baba Vanga sabia as respostas a essas perguntas.**

**— Os búlgaros estão preparados para um livro assim? O leitor búlgaro é suficientemente sábio e amadurecido para isso?**

**Essa é a grande questão. Não só o búlgaro — estará o ser humano do século XXI preparado para um livro assim? Outro grande tema são as previsões que a Baba Vanga fez para a Bulgária — para as grandes mudanças que esperam o país. Ela dizia muitas vezes que a Bulgária não vai melhorar se o búlgaro não começar a mudar de dentro para fora. Outra coisa, se as pessoas não perceberem por si mesmas que precisam de mudar, a Mãe Natureza, o cosmos, forçará os humanos a fazê-lo. A minha irmã vive na Grécia e conta como os gregos são muito egoístas, muito materialistas e odeiam os búlgaros. Então veio o grande terramoto de Atenas. Muitas dessas pessoas começaram a mudar a mentalidade em questão de horas. De repente, a grande dor e perda uniu-os. Alguns tornaram-se mais atenciosos e educados uns com os outros, mais compassivos, altruístas. Não há outro caminho senão este para toda a humanidade. A Baba Vanga dizia: "Se uma pessoa não compreender que,**

**se roubar, mentir, criar intrigas, e for a única a saber disso, mas ainda assim as pessoas respeitam o seu estatuto e personalidade, não há maneira de uma sociedade prosperar.”**

**— Acha que a Baba Vanga é uma emanação puramente búlgara? E vê simbolismo no facto de ter aparecido especificamente na Bulgária?**

**Sim, acho que sim. Nada é por acaso — ela amava mesmo estas terras, incluindo Strumitza, claro, a sua terra natal. A Baba Vanga dizia-nos que a Bulgária é um país abençoado, e não foi por acaso que nasceu aqui. Muitos líderes espirituais nasceram na Bulgária — basta lembrar Pedro Deunov, Cirilo e Metódio, entre outros.**

## Baba Vanga — Conversas com os mortos

**O dom da Baba Vanga de conseguir comunicar com as almas dos mortos supera até as mentes mais conservadoras. Cientistas e intelectuais da Bulgária e de todo o mundo ficavam sem palavras perante a forma como se manifestava este fenómeno. A Baba Vanga descrevia tantos detalhes da vida dos mortos na Terra que muitos visitantes, ao ouvirem-na, ficavam sem reação, testemunhando um verdadeiro milagre — não havia forma da Baba Vanga saber todos aqueles pormenores sobre pessoas que tinham morrido há 50 ou 60 anos, ou até mais. Era evidente que a Baba Vanga recebia toda essa informação telepaticamente, diretamente dos mortos.**

**Existem milhares de exemplos de tais contatos com o outro mundo que a Baba Vanga estabeleceu. As suas conversas extraordinárias com os mortos convenceram até os maiores ateus a repensarem a vida e a morte, a questionarem verdades que julgavam absolutas e a mudarem de perspetiva. A Baba Vanga é uma das maiores provas vivas do século XX da existência de vida depois da morte e da alma. É pena que este lado do seu fenómeno tenha sido ignorado pela ciência durante tantos anos. Mas o que poderiam fazer, tendo em conta o regime totalitário onde religião, ocultismo e espiritualidade eram palavras proibidas?**

**Há outro ponto importante. A Baba Vanga dizia muitas vezes que, quaisquer exames que lhe fizessem, qualquer equipamento que usassem, não encontrariam a verdade, porque o seu dom lhe foi dado por Deus: “—**

**Deus deu-me este dom. Tirou-me os olhos físicos para me dar outros olhos com os quais posso ver todo o mundo visível e invisível.”**

**Sobre a fonte das suas profecias, a Baba Vanga apontava frequentemente para as almas dos mortos. Eram elas que ditavam as mensagens a enviar aos visitantes, que lhe diziam os nomes de todos os parentes. Diante do famoso filósofo Stoyu Stoev, a Baba Vanga explicou: “— Digo aos visitantes o que vejo e o que oiço. A primeira coisa que os mortos me dizem é o nome... Diz-lhe que ele é Ivan, Pedro, Nicolau... Às vezes vejo o nome escrito, ou só a primeira letra... Por vezes os mortos gritam tão alto que sinto que a minha cabeça vai explodir.”**

**Ao poeta russo Valentin Sidorov, a Baba Vanga explicou: “— As almas dos mortos são transparentes e incolores, como água num copo. Mas irradiam luz. Parecem pessoas normais — caminham, sentam-se, riem, choram... Não me deixam em paz. Assim que adormeço, acordam-me e dizem: ‘Levanta-te, está na hora de trabalhar!’”**

**Nevena Tosheva recorda uma expressão curiosa da Baba Vanga: “— Assim que as pessoas saem do autocarro (os visitantes), os seus parentes mortos vêm com elas. Um dia entrei em casa e vi almas de mortos por todo o lado. Estavam sentadas, a conversar. Limitei-me a olhar para elas e fui dormir.”**

**No ocultismo, aceita-se que os médiuns apenas falam com almas de pessoas mortas, enquanto os contatadores fazem contato com outras entidades e captam as vibrações de diferentes energias. De todas as histórias e factos sobre a Baba Vanga, fica claro que ela conseguia comunicar com flores, almas de animais mortos, santos e até extraterrestres. Todos esses “informadores” são, provavelmente, diferentes tipos de energia inteligente que a Baba Vanga designava por nomes diferentes.**

**Segue-se um resumo de quem falava através da Baba Vanga quando fazia as suas profecias:**
**— “Uma voz fala comigo”**
**— “O céu disse-me”**
**— “O ícone da Mãe de Deus disse-me”**
**— “São João Crisóstomo disse-me”**
**— “As almas dos mortos dizem-me”**

— “Esses poderes não me deixam em paz”
— “Vieram extraterrestres falar comigo”
— “O açúcar está a dizer-me”
— “Assim que toquei o anel, toda a casa se abriu diante de mim e vi apenas duas crianças”
— “Qual é a alma que fala neste momento — não sei”

De todos estes exemplos, conclui-se que a informação enviada pode vir de praticamente tudo: objetos que refletem a energia do visitante (relógio, anel, ícone, fotografia), coisas pessoais do falecido (roupa, terra do túmulo, fotografia), ou o tradicional cubo de açúcar. A Baba Vanga não precisava necessariamente de um objeto para entrar nesse canal informativo — bastava o visitante ficar diante dela para, segundo explicava, os seus parentes mortos se sentarem à sua volta e começarem a fazer perguntas ou a ditar mensagens e conselhos. De facto, as almas dos mortos de cada visitante eram a principal fonte de informação para todos os factos e detalhes íntimos da vida de cada pessoa sentada em frente da Baba Vanga.

Importa sublinhar que, muitas vezes, ela recebia informação que não dizia respeito a pessoas específicas e não era claro de onde vinha (por exemplo, quando descrevia certos lugares, factos históricos e eventos). Através da telepatia, a Baba Vanga conseguia captar diferentes canais de energia, e nesse sentido, alguns físicos explicam que a informação nada mais é do que energia transformada.

Baba Vanga sobre o batismo dos nossos filhos

A Baba Vanga dizia muitas vezes às mulheres:

— Têm de batizar os vossos filhos para afastar as desgraças deles.

O nome faz parte do destino de cada pessoa. O nome é tão importante como a data e a hora de nascimento — fundamentais para o mapa astrológico de cada um. O poder secreto do nome reflete-se em toda a nossa existência. Cada som é considerado uma vibração energética, e cada vibração transporta um determinado significado, informação e poder. Por isso, se se altera até uma única letra do nome, toda a configuração de códigos e mensagens se altera, assim como o caminho pessoal e o destino.

**O nome tem o poder de influenciar o peso da nossa vida e mudar a sua direção. Pode trazer-nos sorte e sucesso ou fechar-nos as portas da felicidade.**

**É fascinante que o nome da Baba Vanga — Vangelia — não tenha sido escolhido por acaso. Na tradução direta do grego, significa "Boa Nova". Talvez o destino profético da Baba Vanga tenha ficado codificado no seu nome logo à nascença.**

**Algumas palavras da Baba Vanga reforçam estas afirmações sobre o poder do nome, como quando explica:**

**— Quando uma pessoa está à minha frente, vejo o seu nome dado por Deus. Ou escreve-o na neve à sua frente, ou está escrito no peito — com a sua própria caligrafia. Nem sempre consigo ler a caligrafia das pessoas, mas a primeira letra está sempre escrita de forma clara.**

**A Baba Vanga perguntava muitas vezes aos visitantes porque é que deram aquele nome ao filho — um nome que não era o "nome de Deus" dele. Segundo ela, cada pessoa tem o seu verdadeiro nome divino, e se houver discrepâncias, isso pode refletir-se no destino dessa pessoa.**

**— Porquê que não te chamas Elena? — perguntou uma vez a uma visitante. — É esse o nome que devias ter recebido. Nasceste para ser Elena.**

**O batismo e o casamento são parte dos sete sacramentos cristãos, símbolos da ligação entre o homem e Deus. A Baba Vanga era uma crente convicta e insistia para que as pessoas seguissem os costumes herdados da tradição da nossa fé. Não apenas em palavras — também nos atos.**
**Em tempos de descrença e apatia social, ergueu a igreja de Santa Petka em Rupite. O seu objetivo maior com este gesto nobre era manter viva a fé dos búlgaros. Com esta nova igreja, a Baba Vanga queria encorajar-nos a visitar mais vezes os templos, a ligarmo-nos ao espiritual, a batizarmos os nossos filhos, a pensarmos na eternidade. A igreja é um símbolo de Deus. Estimula bons pensamentos, amor pelos nossos próximos, paciência e humildade — as maiores lições neste planeta.**

**Ela aconselhava sempre os pais a batizarem os filhos e nunca recusava ser madrinha se fosse convidada. Aliás, em muitos casos, insistia em ser ela**

**própria a dar o nome. Extraoficialmente, a Baba Vanga terá sido madrinha de mais de 1000 crianças.**

**Uma história interessante contada por Totka Raycheva, de Sófia**

**"Andei durante muito tempo a ganhar coragem para visitar a Baba Vanga e lhe perguntar sobre a minha vida pessoal. Comecei a ter problemas familiares, e isso fez-me ir ter com ela em 1995.**
**Ela recebeu-me ao quinto dia. Entreguei-lhe o cubo de açúcar, cheia de medo e confusa. Perguntou-me:**
**— Qual é o teu nome?**
**— Totka — respondi.**
**— Totka, tu nasceste para seres mãe dos teus filhos, e os teus filhos nasceram para ter uma mãe. Não te vais divorciar do teu marido, mas tens de casar-te com ele na igreja. No dia 1 de Junho, o teu marido tem de festejar com amigos e família porque é o dia de Spasov e foi quando ele nasceu. Porquê que não o chamaram Spas, em vez de Christo?**

**Quando voltei para casa, perguntei à minha sogra sobre o nome do meu marido. Ela contou que algumas pessoas a aconselharam a dar-lhe o nome Spas, mas outros disseram que era melhor Christo — em homenagem a Jesus Cristo, porque ela já tinha perdido quatro filhos. Assim decidiu chamá-lo Christo.**

**Consegui convencer o meu marido a casar pela igreja. Em vez de uma grande festa a 1 de Junho, ele ofereceu aos nossos vizinhos um coelho assado, bem preparado.**
**Depois de fazermos estas duas coisas, a hipótese de divórcio desapareceu. Voltámos a ter uma vida normal. Ainda hoje não sei explicar o que fez exatamente a Baba Vanga para resolver o nosso problema familiar. Depois do encontro com ela, comecei a honrar todas as festas cristãs e a seguir os seus rituais. O meu marido também mudou muito."**

## Baba Vanga — a viver entre o mundo visível e o invisível

**"Se eu contasse às pessoas tudo o que vejo e sei, quereriam abandonar este mundo de imediato."**

## O evitável e o inevitável

Durante mais de meio século, a grande profetisa búlgara viveu com os destinos das pessoas, com os seus momentos de alegria ou tristeza, com as suas dores e preocupações.
Ver a vida de uma pessoa na sua totalidade — passado, presente e futuro — esse é o grande poder do fenómeno que é a Baba Vanga. A profetisa não se debruça tanto sobre o destino da humanidade no geral — os caminhos das nações, o rumo dos governos, ou o futuro desenvolvimento do mundo (essa não é a sua missão) — mas sim sobre os destinos individuais — a vida de pessoas comuns, que passam por grandes dificuldades, crises pessoais e provações.

A Baba Vanga abre o seu coração e a sua vontade ao homem simples. E cada pessoa é um vasto universo de emoções, pensamentos, intenções, ações... Só podemos imaginar o que se passa dentro da sua personalidade, marcada por habilidades extrassensoriais e uma supermemória, quando, no "ecrã" da sua visão interior, uma pessoa surge e ela precisa de listar os acontecimentos do seu destino. Na sua mente, a vida dos vivos funde-se muitas vezes com a presença dos mortos; de um lado recebe imagens e direções, do outro transmite conselhos, avisos para eventos futuros e alívio para dores atuais.

A missão da Baba Vanga na Terra é difícil. Quem sabe que karma estará a redimir com uma vida assim? É o seu destino carregar e sofrer a dor de dezenas de milhares de vidas humanas. Mas não é só isso. O seu dom coloca-a frequentemente numa posição delicada — num cruzamento entre a "boa" verdade que consegue antever (sobretudo para dar um impulso de energia positiva, para que as coisas sigam um rumo favorável) e a "má" verdade (aquela que muitas vezes evita dizer, porque se refere a algo mau, mas inevitável, impossível de mudar). É dever da Baba Vanga profetizar sem alterar o fluxo cármico dos acontecimentos, ajudar, mas ainda assim preservar o destino de cada um, tal como foi traçado por Deus.

A vida é um mistério sagrado. Não nos é dado saber o que nos espera no futuro, para não perdermos a grande oportunidade que nos é concedida: escolhermos o nosso próprio caminho de vida, tornando-o resultado da nossa vontade e intenção livres. Por outro lado, filósofos, místicos,

**videntes e até cientistas afirmam que a vida de uma pessoa é estritamente pré-definida e segue princípios e esquemas previamente traçados.**

**A própria Baba Vanga sublinhava:**

**"O que eu vejo e digo, por mais mau que seja, não pode ser mudado. O destino do homem está rigorosamente pré-definido e ninguém o consegue alterar."**

**O grande mestre Peter Deunov apontava:**

**"Os nossos caminhos individuais na vida estão desenhados de antemão, matematicamente definidos. Cada um está destinado a tornar-se na pessoa que precisa de ser na vida, com os acontecimentos e circunstâncias da sua vida já traçados. Esta é a lei das causas e efeitos constantes."**

**E assim — entre o que está escrito e o que não está, entre o possível e o impossível, entre o que é evitável e o que é inevitável na vida de uma pessoa — a Baba Vanga prossegue com as suas mensagens de boa vontade para aqueles que enfrentam problemas que não conseguem resolver ou encruzilhadas onde não conseguem decidir-se. Talvez a definição mais exata da sua missão seja dar consolo. Levar conforto às almas das pessoas nos momentos mais críticos, quando estão confusas, assustadas e desesperadas.**

**Não é por acaso que a maioria das pessoas que a procuram dizem que a primeira visita à Baba Vanga aconteceu num momento extremamente difícil, quando já não havia outra alternativa, quando ela era a última esperança. Essas pessoas sentem intuitivamente que ela, a Dadora de Consolo, pode trazer esperança de outra dimensão — invisível e negada, discutida e nunca comprovada — mas uma dimensão que, através dela, se tornou tão real e palpável.**

**O encontro com a Baba Vanga é um encontro com a esperança — a esperança de que existe uma resposta para todas aquelas perguntas que**

**atormentam a humanidade há séculos: podemos desafiar a morte? Existe vida depois da morte? A vida pode ser mais forte do que a morte?...**

**Ninguém pode dizer com certeza, mesmo que houvesse estatísticas rigorosas, quantos destinos pessoais o "terceiro olho" da Baba Vanga observou ao longo dos anos em que trabalhou. Porque a Baba Vanga não via apenas o destino da pessoa à sua frente, mas também recebia imagens da vida dos seus familiares, conhecidos, colegas e amigos... A pessoa diante dela era como um portador de informação de toda a sua rede social (incluindo os que já tinham falecido) e a Baba Vanga conseguia ler o código desta rede oculta de informação, extraindo de imediato, e de forma incompreensível para nós, dados sobre dezenas de destinos, captando imagens do passado e de ações futuras dessas pessoas. Algumas transmitia, outras não conseguia (porque o seu pensamento e as suas visões fluíam muito mais depressa do que se poderia expressar em palavras) e outras ainda não podia ou escolhia não dizer.**

**"Trazidos pela dor, não pela alegria"**

**As pessoas chegavam até à Baba Vanga não pela felicidade, mas pela dor. Chegavam desesperadas. Esgotada pelo sofrimento dos outros, que sentia dentro dela como se fosse seu, a Profetisa desabafava muitas vezes:**

**— A minha alma está cansada de tanta dor... Se soubessem o que vai na minha cabeça... Vocês são abençoados por não verem nem ouvirem nada...**

**Os milhares de destinos que o caminho da profetisa cruzou ao longo de mais de meio século estão cheios de "curvas apertadas": provações, catástrofes, doenças, mortes, roubos, homicídios, intrigas, mentiras... A sua alma testemunhou tudo.**
**Quantas vezes uma visão terrível trazia até ela uma mãe desesperada. E como dizer-lhe uma verdade que seria impossível de suportar, mesmo para a pessoa mais forte?**

**Porquê que Baba Vanga escolheu viver nos Rupite**

**Em 1974, a polícia invadiu a casa da Baba Vanga, revistou todos os seus pertences e emitiu uma ordem proibindo-a de profetizar. Foi um momento muito difícil para ela: a sua saúde piorou e teve de ser internada no**

**Hospital do Governo. Após a intervenção de Lyudmila Zhivkova e um encontro pessoal com Todor Zhivkov, a proibição foi cancelada e, a partir de 1975, ela pôde voltar a receber pessoas oficialmente. Foi nomeada funcionária pública da autarquia, foram fixadas taxas pelos seus serviços, atribuíram-lhe um guarda e mais tarde uma senhora para cuidar dela (a tia Vitka).**

**A partir dessa altura, a profetisa começou a ir mais frequentemente à região dos Rupite para receber as pessoas. Dizia aos seus familiares e aos mais próximos que os Rupite eram um lugar extraordinário, com uma história antiga e rica, uma zona de energia muito forte que a ajudava a recarregar e a relaxar do peso constante.**

**"Houve muitos momentos históricos, acontecimentos e factores importantes que fizeram a Baba Vanga escolher os Rupite como o seu lugar preferido para viver", conta Simeon Smilkov, seu conhecido de Petrich. "A montanha Kozhuh, que fica mesmo em frente da sua casinha, é um vulcão extinto; debaixo dos Rupite existia uma aldeia antiga — Petra — destruída pela lava na erupção. A Baba Vanga escolheu este lugar também pelas nascentes termais — pela energia delas."**

**Mas qual é o segredo dos Rupite? Porque é que a Baba Vanga escolheu precisamente este local para encontrar paz e ali viver durante décadas na sua casa modesta, rodeada de flores, entre os vapores das águas termais? Eis o que a própria profetisa dizia:**

**"Há milhares de anos, no dia 15 de Outubro, um vulcão entrou em erupção. Uma grande cidade e milhares de pessoas inocentes foram enterradas debaixo da lava ardente. Eram pessoas altas, fortes, vestidas com roupas finas e brilhantes como folha de estanho. Eram muito instruídas. O rio que atravessava a cidade tinha ouro, e cada recém-nascido era mergulhado nas suas águas. As portas da cidade eram adornadas com grandes animais alados, dourados. Nesse lugar havia três grandes templos — 'Santa Petka', 'Santa Maria' e 'São Pantaleão'. O abismo de fogo que devorou esta cidade agora envia-nos os seus vapores quentes para nos curar. São os suspiros das almas inocentes que aqui morreram. O meu pedido a todos é que continuem a comemorar este dia, a honrar a memória de todos aqueles que morreram há tanto tempo.**

**Houve aqui uma grande cidade, templos magníficos, uma natureza belíssima... Um dia esta cidade ressuscitará. Haverá mais igrejas aqui... E muitos monumentos também, sem 'cegos' para os destruírem... Este vale guarda muita força. É um lugar extraordinário — um grande local de aterragem para naves extraterrestres. Eles vêm aqui, mesmo à minha porta... Um dia, num sonho, apareceu-me Santa Petka e disse: 'Quero que venhas viver aqui... Constrói uma igreja, igual à que existia antes, e dedica-a a Santa Petka da Bulgária.'**

**A água termal dos Rupite tem um grande poder de cura. É mágica. Podem bebê-la ou banhar-se nela. Cura doenças do estômago, rins, fígado, atrofia muscular, dores nas costas... Cura tudo. Deixem as crianças andar descalças por aqui, tomem banho na água.**
**Mas não tentem fazer dinheiro com esta nascente! As pessoas vêm para aqui escavar, explorar... Saibam que esta nascente não pode ser transformada num negócio. Se começarem a vender esta água, ela desaparecerá e Deus sabe onde voltará a brotar. Cuidem desta água. Já vos disse: hão de chegar tempos em que trocarão as vossas jóias de ouro por água!"**

## Quem se incomoda com a glória de Baba Vanga?

**Por Zheni Kostadinova**

**Os grandes homens sempre atraíram o descontentamento dos pequenos. Grandes feitos sempre incomodaram aqueles que não conseguem deixar a mais pequena marca para trás. Tentados pela vaidade, mentes egocêntricas nunca conseguirão entender a glória dos imortais. Nós, búlgaros, somos peritos nisso — odiar, invejar, insultar, menosprezar e, acima de tudo, negar.**

**Será Baba Vanga um mito ou realidade? É ela a padroeira do povo búlgaro ou apenas uma vidente — uma mulher simples do povo, transformada em lenda por boatos, rumores e acaso? Esta pergunta parece incomodar certas figuras públicas. É normal. Mas quando alguém decide provar que Baba Vanga é apenas um mito barato, sem apoiar-se em factos, ou mesmo inventando-os só para chamar a atenção, isso já é grotesco.**

**Um artigo apareceu recentemente nos jornais, difamando a "mitologizada Baba Vanga", entoando o refrão: "Dizem que Baba Vanga é uma sábia, uma santa, uma padroeira do povo búlgaro. Quem me dera! Vamos todos acender uma vela por ela, à espera de salvação — seja na educação, na saúde, no emprego ou nos investimentos…"**

**Não é preciso lembrar que pessoas como Baba Vanga não são políticos para resolver os problemas do país. Embora tenha apontado o caminho a seguir… Pessoas como ela não são mercadores em frente ao templo a vender promessas; é uma das que rezava pelas almas dos pobres. Para resolver problemas de saúde, educação e desemprego há ministros — é o trabalho deles. Baba Vanga nunca quis ser salvadora, mágica ou heroína nacional. Mas amava o povo búlgaro e sentia a sua dor. Foi uma das raras búlgaras que viveu com um objetivo — com esperança em dias melhores para o seu país, com esperança numa sorte mais favorável para os que sofrem.**

**Ela não gostava de ser chamada de santa — foram as pessoas que assim a nomearam. Era uma alma atormentada, com um destino pesado e um caminho difícil, que não escolheu. Foi alguém que tentou unir-nos, manter a nossa consciência viva, dar-nos coragem e orgulho nacional. Apesar do seu drama pessoal, ajudava quem precisava, com tudo o que estava ao seu alcance (e o seu alcance era, de facto, diferente do nosso). Centenas de milhares bateram-lhe à porta. Incontáveis foram os que receberam ajuda, apoio, força para acreditar e seguir em frente.**

**Ainda hoje, passados mais de 15 anos desde a sua morte, há quem lhe acenda uma vela, por gratidão e respeito. Porque quando a doença, a perda, a dor e o sofrimento nos sufocam, não temos tempo de esperar por ajuda do Estado, do Ministério da Saúde ou de outra instituição qualquer. Há um ditado búlgaro para isso — "O Rei está longe, Deus está alto" — mas havia Baba Vanga. Ela encontrava um caminho, tinha o dom de ver a verdade e nomeá-la. De fazer milagres. Para aceitar isso, era preciso ter apenas um pouco de fé.**

**Entre os que acreditaram e procuraram ajuda da "Baba Vanga, a vidente" — que alguns indignados apelidam de "ignorantes" — estavam professores, presidentes, figuras conhecidas mundialmente. Mas, acima de**

**tudo, os maiores admiradores da profetisa foram sempre as pessoas simples.**

**Porque é que nos incomoda tanto a fé destas pessoas — "gente a quem a vida impôs grande sofrimento e desgraça"? O que mais pode fazer alguém quando perdeu o rumo? O que é mais valioso do que alguém te estender a mão e dar-te esperança num momento difícil? Salvar a alma de uma pessoa é mais valioso do que construir uma autoestrada. Porque o nosso corpo físico pode seguir caminho, mesmo sem estradas, mas a nossa alma não sobrevive sem fé e amor.**

**Como autora de três livros sobre a vida da Baba Vanga, e como alguém que acredita na preservação da memória coletiva búlgara, expresso aqui a minha sincera alegria por, 15 anos depois da sua partida, o povo búlgaro continuar a respeitá-la, a valorizar o que foi e a acender-lhe as maiores velas. Dou os parabéns a todos os que, de consciência limpa e por motivos honestos, conseguiram dedicar algum tempo para escrever as suas memórias — ou as dos outros — sobre esta mulher incrível. Que Deus perdoe aqueles que tentam usar o nome de Baba Vanga para benefício próprio, ou os que, na ânsia de atenção, procuram manchar a sua memória da forma mais feia...**

**Sou grata a todos os que contribuem para preservar a sua recordação. Porque tudo se apaga com o tempo — só os mitos permanecem. E apenas os verdadeiramente Grandes se tornam um dia um mito.**

**Quero saudar a fundação "Baba Vanga", que transformou Roupite de um deserto num oásis de tranquilidade – o primeiro local de turismo de peregrinação na Bulgária que pode ombrear com exemplos de referência no mundo. Em vez de nos unirmos em torno dos nossos heróis, nós, búlgaros, somos insuperáveis a difamá-los e negá-los. Somos reis da inveja, como a própria Baba Vanga também notou. Nunca perdoamos aos outros serem melhores do que nós. Desprezamo-los! Traímos Botev, difamámos Levski, chamámos Petar Danov de líder de seita; atirámos Burov e Maistora para o esquecimento e, quanto àquela "louca" Lyudmila Zhivkova, que morreu há 30 anos mas deixou para trás o Palácio Nacional da Cultura e a Galeria de Arte Estrangeira – não diremos uma única palavra boa nem daqui a outros 30 anos.**

**Porque não aprendemos com os nossos vizinhos, que conseguem transformar uma única pedra numa atração turística que rende milhões!? E porque é que os vienenses transformaram Mozart, Klimt e Hundertwasser num verdadeiro kitsch do ponto de vista do fetichismo turístico (há doces com os seus retratos, velas, calendários, canecas, pratos, colares, cartazes, guarda-chuvas e tudo o que se possa imaginar...), mas nenhum austríaco dirá que isso é mau gosto.**

**Os macedónios estão a construir um complexo turístico perto de Novo Selo, os búlgaros ficam indignados com as proporções que o mito de Baba Vanga está a tomar. E porque não haviam de construir!? Afinal, a Profetisa, a nossa profetisa, nasceu lá, em Strumitsa, e cegou perto de Novo Selo – deixou uma marca na terra da Macedónia. Assim, os nossos vizinhos não só erguerão um monumento, como em breve poderão declará-la sua santa perante o mundo! Padroeira do povo macedónio... Enquanto nós procuramos maneiras de a difamar, negar e transformar num mito patético.**

## Fenómeno Baba Vanga – Algumas Explicações Científicas

**A desconfiança em relação às capacidades de clarividência de Baba Vanga é um paradoxo da civilização moderna. Pode também ser chamado de "paradoxo do conservadorismo", "paradoxo informacional" ou "paradoxo civilizacional". Sem dúvida, esta desconfiança é sinal de uma situação anormal no esclarecimento de um fenómeno único na história mundial – Baba Vanga. O cientista americano Noam Chomsky formulou um termo chamado "o problema de Oruel": "como é que sabemos tão pouco quando temos tanta informação factual?"**

**Neste momento, a ciência é capaz de oferecer pelo menos uma explicação hipotética para a mudança que ocorreu em Baba Vanga e nas suas capacidades paranormais. Muito provavelmente, depois da tempestade que a levantou no ar, algumas partes do sistema nervoso recetivo e superior foram danificadas. Pode presumir-se que essa tempestade ativou certos centros cerebrais que existem em todos os humanos mas em estado latente, e que desgraças e catástrofes estimulam o seu funcionamento. Esses centros cerebrais ativos abrem possibilidades de estabelecer contatos invulgares com o ambiente terrestre e cósmico circundante.**

**A investigação relacionada com a criação de inteligência artificial trouxe conhecimento teórico sobre como os neurónios têm capacidades especiais de alterar a sua atividade anterior e direção – fenómeno descrito como "plasticidade". Se a entrada para receber informação de um neurónio é bloqueada, este reage frequentemente encontrando outra entrada que antes era insensível. Essa substituição é cientificamente explicada pelo neuropsicólogo americano K. Pribram.**

**Os seres humanos são obrigados a observar o mundo exterior através de janelas muito pequenas, e é por isso que recebemos apenas uma parte microscópica da variedade física da mãe natureza – mesmo quando estamos "armados" com as poderosas ferramentas e equipamentos da ciência moderna.**

**Atualmente, afirma-se que os videntes alargam significativamente o conceito tradicional das capacidades recetivas do ser humano. A ciência encontra cada vez mais factos que comprovam que as pessoas possuem capacidades muito poderosas, mas não utilizadas, da sua organização fisiológica e psicológica para perceber o mundo. As pessoas geniais são uma confirmação desses factos. A questão que muitos cientistas colocam é se este limite das nossas capacidades é um defeito da nossa evolução nos últimos 3 milhões de anos? Seremos capazes de superar este defeito no futuro ou os humanos foram gradualmente perdendo as capacidades inatas que poderiam ter tido no passado.**

**Os resultados mais recentes de pesquisas concluem que o cérebro está em constante evolução. A lei da conservação da energia é provavelmente a mesma que a lei da conservação da informação. Baba Vanga, de alguma forma, conseguiu receber toda essa realidade informacional sem as barreiras das diferentes dimensões.**

**Stoyu Stoev sobre Baba Vanga – Fenómeno Ainda por Estudar**
**Assoc. Prof. Stoyu Stoev, filósofo**

**O filósofo Stoyu Stoev teve vários encontros inesquecíveis com Baba Vanga. Um homem bondoso e atento (já falecido), em 1999 aceitou com grande entusiasmo a minha sugestão de expor as suas ideias sobre o fenómeno que a profetisa representava, até porque já a tinha conhecido nessa altura, movido por essas mesmas intenções. Para um filósofo como ele, Baba Vanga é indiscutivelmente um fenómeno interessante que levanta inúmeras questões.**

**A hipótese que o Professor Associado Stoyu Stoev desenvolve e que aqui exporei é semelhante à de Professora Obretzova – com um tom emocional, misturada com muitas impressões e revelações pessoais, o que a torna ainda mais acessível aos leitores.**
**Depois do meu trabalho sobre o Freudismo, o interesse pelos fenómenos psicológicos tornou-se cada vez mais interessante para mim na minha investigação filosófica e científica. Nessa altura, a popularidade de Baba Vanga já tinha ultrapassado as fronteiras nacionais.**

**Tendo crescido numa pequena aldeia, sabia desde criança que em cada cidade ou aldeia havia pessoas que podiam adivinhar e prever o destino das pessoas, conhecer as suas doenças e desgraças, casamentos e sucessos; havia outras que faziam rituais contra o mau-olhado e curavam com ervas. Alguns tinham popularidade regional. A minha própria avó costumava tirar maldições e quebrar feitiços.**

**Em 1972, durante uma viagem a Petrich, onde estava a dar palestras, passei pela casa de Baba Vanga. Havia uma fila de pessoas à porta para a ver. Na cerca havia uma placa que dizia "Associada Científica". Foi colocada lá pelo Dr. Georgi Lozanov, então diretor do Instituto de Sugestologia. Isto inspirou-me a procurar contato com esta mulher incrível e tentar encontrar alguma explicação para o fenómeno que ela representava.**

## Observações e factos

**Os factos das minhas reuniões e observações com Baba Vanga são bastante esmagadores. Refletem a multiplicidade de destinos das pessoas que a visitavam – as suas dores e problemas, independentemente da sua origem social e cultural. (Sempre se ouviam histórias semelhantes no comboio de e para Petrich). As impressões que as pessoas tinham dos encontros com a profetisa eram altamente contraditórias – desde opiniões de que ela podia**

**fazer milagres, até à negação completa das suas capacidades, desde "tudo o que ela me disse foi verdade" até "não acertou em nada". Circulavam rumores, até entre alguns dos meus colegas, de que ela tinha um arsenal de investigadores que a informavam sobre os detalhes das pessoas antes de as receber.**

**Acredito que isto é totalmente absurdo. Os que esperavam para a ver estavam normalmente entorpecidos e silenciosos com os seus problemas e dores. Por vezes perguntei às pessoas o que as tinha levado ali, apenas para depois ouvir Baba Vanga dizer-lhes coisas que nem elas próprias suspeitavam. Mas como os factos são muitos e já bem conhecidos, deixo apenas alguns exemplos para ilustrar o meu ponto.**

**Durante uma das minhas visitas, a primeira pessoa a ser recebida pela profetisa foi uma mulher idosa exausta, vestida de preto. Era de Vratsa. A mulher chorava enquanto falava: "O meu filho emigrou para Berlim Ocidental há dois anos e nunca mais tive notícias dele. Todos os meus outros familiares morreram. Diga-me, por favor – o meu filho está vivo, tenho alguma razão para continuar a viver?"**

**Baba Vanga concentrou-se e respondeu: "Vejo uma campa recente. Alguém foi enterrado há 15 dias."**

**"Essa é a campa do meu filho mais novo. Morreu há duas semanas", disse a mulher, "eu estou a perguntar pelo meu outro filho, o mais velho..."**

**"Vejo outra campa", continuou Baba Vanga. A mulher ficou pálida. "Mas é muito antiga" e apontou os anos exatos. "Essa é a campa do meu marido", disse a mulher, recuperando a compostura. "Diga-me do meu filho, o mais velho, ele..."**

**"Ah! Aqui está ele!" exclamou Baba Vanga. "Vejo-o, está vivo, está a caminhar num facto cinzento". A mulher atirou-se aos pés de Baba Vanga e começou a beijar-lhe as mãos, chorando de felicidade.**

**"Só que ele não está em Berlim Ocidental, mas noutra cidade – M... M... Munique. E não está sozinho, está com uma mulher e uma criança." A mulher chorava de felicidade aos seus pés.**

**Um militar de Dimitrovgrad entrou. Trazia um cubo de açúcar da mulher, que não estava bem. Baba Vanga pegou no açúcar e gritou: "A tua mulher não está doente, é teimosa e muito nervosa! Quem está doente és tu. Vai ao médico ver os rins, porque não estás bem. E a tua mulher precisa de férias."**

**Um jovem perguntou-lhe se devia ser operado, como o médico lhe aconselhara. "Sim", respondeu Baba Vanga, "mas o teu problema não é onde o teu médico pensa. Há anos caíste de uma mota, não caíste? Lesionaste uma vértebra da coluna. Sarou, mas a dor agora vem do mesmo sítio. Diz ao teu médico para prestar atenção à tua coluna."**

## Baba Vanga e a sua capacidade de ver

**Depois de Baba Vanga terminar de receber as pessoas, ficámos a sós para conversar. Contou-me sobre a sua infância difícil, sobre a juventude passada na miséria e na pobreza, sobre a tempestade de neve e o facto de ter ficado cega. À pergunta de quando começou a "ver" e a profetizar, respondeu:**

**"Em 1941, quando havia guerra, havia guerrilheiros e as pessoas começaram a desaparecer. Vinham perguntar-me por pessoas desaparecidas. A primeira vez foi num sonho. Sonhei que uma das minhas vizinhas andava inquieta por causa de um vestido desaparecido. E eu vi o vestido dentro da cómoda. De manhã, fui a casa dela e vi-a zangada. Perguntei-lhe o que se passava. 'Procuro um vestido, quem sabe onde o pus, não o encontro.'**

**'Já viste na cómoda?' Ela sobressaltou-se, abriu a cómoda e encontrou o vestido lá dentro. Disse-lhe que tinha visto isso no meu sonho. Isto aconteceu repetidamente, as pessoas começaram a falar e a vir ter comigo para pedir ajuda. Normalmente, por causa de pessoas desaparecidas. Gradualmente, comecei a ver coisas mesmo acordada. Quando alguém se aproximava de mim e me perguntava – de repente eu conseguia 'ver' – o**

**lugar, a pessoa, como estava vestida, se estava viva, o que estava a fazer – e simplesmente contava o que via.”**

**“E como é que vês essas coisas – como se fosse numa fotografia ou em movimento?”, perguntei.**

**“Vejo-as em movimento. Quando uma pessoa entra na minha casa e eu pego no cubo de açúcar que ela deveria ter posto debaixo da almofada, dormido com ele e trazido para mim – começo a ver imagens – movem-se da esquerda para a direita. São imagens vivas de lugares, pessoas, acontecimentos inteiros, acidentes. Às vezes são tantas e movem-se tão depressa que mal consigo contar o que estou a ver, e não as consigo parar. Passam e depois desaparecem. É por isso que pergunto às pessoas ao que vêm ter comigo – se é para pedir conselho sobre uma doença, algo perdido, arranjar emprego, ter filhos – assim posso dizer-lhes o que lhes interessa.**

**Caso contrário, posso deixar escapar algo importante. E depois culpam-me por fazer perguntas. Eu só conto o que vejo. Não invento nada. Às vezes vem alguém ter comigo, mas não vejo nada e mando-o embora. Digo que não posso ajudar. E eles zangam-se, dizem que esperaram meses a fio, pagaram para me ver. Mas não posso fazer nada – quando não vejo nada, não posso mentir, pois não!”**

**“E os nomes dos mortos e dos vivos, como é que os sabes?”**
**“Os mortos dizem-me os seus nomes. Dizem: diz-lhe que o Pedro, o Nikola, a Stoyanka, estão a pedir isto ou aquilo, querem isto ou aquilo... Às vezes só consigo ver a primeira letra do nome.”**
**“Está bem, e quanto às vozes – consegues ouvir palavras, conversas, perguntas, respostas?”**

**“Ouço vozes dentro da minha cabeça. Às vezes são tão altas que a minha cabeça dói, como se fosse rebentar. Especialmente quando é algo mau – sobre uma doença, morte, acidente. Sei que não devo dizer isso à pessoa, mas a voz martela-me na cabeça: ‘Diz-lhe, diz-lhe!’ Nesses momentos, viro-me para o lado e digo a coisa muito baixinho, para a pessoa não ouvir, mas para poder libertar aquilo de dentro de mim. Caso contrário rebentaria.”**
**“Deve ser muito cansativo para ti.”**

**"É! Consegues imaginar quanta dor e sofrimento passa pela minha cabeça num dia – os destinos de 40-50 pessoas."**
**"Não decidiste receber no máximo 25 pessoas por dia?"**
**"Decidi, mas ninguém cumpre isso! Além dessas 25 pessoas, outras 25 aparecem com recomendação de alguém! E eu mal consigo aguentar. Se puderes, vê se consegues ajudar a reduzir este número de pessoas."**

**"Baba Vanga, vêm ter contigo estrangeiros também – americanos, gregos, russos, alemães – tu não falas a língua deles, como é que sabes o que os familiares deles te dizem?"**
**"Eles falam na sua língua e, de alguma forma, eu sei o que me estão a dizer – não as palavras, mas o sentido, e depois conto tudo na minha língua, e eles traduzem."**
**"As imagens das pessoas mortas são transparentes?"**

**"Por que haveriam de ser transparentes? Vejo-as como eram – altura, roupa, cor dos olhos e do cabelo, a andar, vejo as feridas ou cicatrizes..."**
**"E como vês o futuro, algo que ainda não aconteceu?"**
**"Vejo uma imagem – de uma doença, de morte, de um acidente, de um casamento, crianças, um novo trabalho... Não importa se é passado, presente ou futuro. Para mim tudo é igualmente vivo e, seja o que for que eu veja, digo-te, apenas tento ter cuidado para não te assustar."**

**"Invocas essas imagens e visões ou elas aparecem sozinhas?"**
**"Eu não invoco nada, aparecem sozinhas. Quando alguém entra na sala, aparecem as imagens dos seus familiares. Já aconteceu eu estar a dormir e uma voz acordar-me. 'Vai dizer ao homem que está à porta algo sobre o filho dele.' Eu quero dormir, são duas da manhã. Mas a voz insiste para eu ir! Levanto-me, abro a porta e, de facto, está lá um homem à espera. Digo-lhe o que se passa com o filho dele e ele vai-se embora. Só então consigo voltar a dormir. Às vezes há uma festa – com música, canções, celebrações.**

**Gostava de sair, estar entre as pessoas, ouvir a música. Mas passa alguém por mim e as imagens começam a mover-se à minha frente, e as almas gritam: 'Diz-lhe isto, diz-lhe aquilo'. Nunca tenho paz, quero correr para casa e esconder-me lá dentro. Tudo isto é muito cansativo para mim. Só nos Roupite é que consigo recuperar."**

**Baba Vanga não gostava de toda a agitação à volta do seu nome, por isso evitava entrevistas, imprensa, televisão. Depois de o prof. Nikola Shipkovensky, juntamente com Nevena Tosheva, terem feito o documentário, Baba Vanga queixou-se-me:**
**"Puseram-me uns fios na cabeça, acenderam luzes, as máquinas zumbiam, algo começou a martelar-me na cabeça, como se fosse rebentar. Não, mais experiências não, mais sessões fotográficas não!**

**Duas semanas depois disso ainda não me tinha recuperado."**
**Mas ela tinha consciência da sua própria singularidade e tinha uma autoestima que lhe permitia lidar com qualquer pessoa, independentemente da sua posição ou estatuto social. Sentia que era representante de algo maior, algo que estava acima de todas as questões terrenas. E, no entanto, era muito modesta. Nunca a ouvi gabar-se das suas capacidades, como muitos dos que hoje se dizem seus seguidores fazem. Nunca a ouvi dizer palavras de inveja ou maldade quando alguém lhe contava sobre as realizações de outros que se diziam seus sucessores. Ela dizia: "Bom, bom, que haja outros também que possam trabalhar e ajudar."**

**Às vezes, para se promoverem, alguns declaravam-se seus sucessores – como se tivessem sido indicados pela própria Baba Vanga. Eu perguntava-lhe se era verdade, e ela respondia, surpreendida: "Como é que eu poderia dizer? Isso é tudo vontade de Deus." Ainda assim, conheci pelo menos uma dúzia desses "sucessores".**

**Baba Vanga era sempre muito respeitadora das crenças das pessoas. Vinham ter com ela pessoas de diferentes nacionalidades, com diferentes crenças políticas e religiosas. Nunca as julgava. Um colega da secção "Ateísmo" visitou-a uma vez. Ela convidou-o educadamente: "Sei que és meu inimigo, mas senta-te aqui e ouve!" Depois contou-lhe tudo sobre a família dele e a sua situação profissional, sem o censurar ou se defender.**

**Aos crentes recomendava ir à igreja, fazer uma promessa, rezar, fazer um sacrifício ritual.**
**Baba Vanga era uma grande patriota. Nunca negou a sua origem macedónia, mas considerava-a parte da Bulgária e do povo búlgaro. Se alguém a procurava para pedir conselho sobre emigrar, ela repreendia-o e**

**expunha-o diante de todos. Não poupou nem a mãe de Vratsa, aquela cujo filho emigrara para a Alemanha. "Não o educaste bem", acusou-a.**

## O Fenómeno Baba Vanga

**Qual é a atitude da ciência em relação ao fenómeno que Baba Vanga e outros como ela representam? Em suma – negativa. E isto não se aplica apenas à Bulgária (até há pouco tempo devido a preconceitos ideológicos), mas também a nível global. A razão – a discrepância entre os métodos e meios estabelecidos para investigação na ciência racional e a natureza específica e única das capacidades fenomenais que vemos em Baba Vanga e noutros indivíduos. Incapaz de oferecer qualquer explicação para estes fenómenos, é mais fácil para a ciência negar a sua realidade, declará-los como misticismo, superstição e ignorá-los.**

**Não foi sempre assim. Os sábios da Antiguidade que estudavam ciência eram ao mesmo tempo sacerdotes, cientistas, astrónomos e astrólogos, médicos e curandeiros, matemáticos e filósofos... Muitos deles tinham capacidades extrassensoriais e utilizavam-nas nos seus estudos.**

**Foi apenas depois do Renascimento que a abordagem racional na ciência ganhou prioridade. Tendo demonstrado sucessos extraordinários nas ciências naturais e técnicas, acabou por ofuscar completamente os outros tipos de conhecimento, de natureza espiritual – arte, esoterismo. Mas o conhecimento racional é limitado e unilateral. Procura descobrir o que é comum, o imutável, o padrão repetitivo em diferentes entidades e classificá-lo em conceitos, categorias e leis. Ao mesmo tempo, esta abordagem não consegue proporcionar uma compreensão do que é único, emocional, irracional. Hoje em dia, as consequências devastadoras desta abordagem unilateral tornam-se cada vez mais evidentes.**

**As capacidades fenomenais de Baba Vanga são de natureza diferente e têm características únicas. Estão mais próximas da poesia, da música, das belas-artes e de todas as formas de criatividade. Têm um carácter espontâneo e dinâmico – não são repetitivas, são difíceis de estudar, observar e analisar. Não é por acaso que na Antiguidade estas capacidades eram atribuídas aos Deuses e Musas; a própria Baba Vanga chamava-lhes "obra de Deus". Naturalmente, a ciência, tal como existe agora, com o instrumental de métodos científicos de que dispõe, não é capaz de estudar a fundo nem de**

**explicar a essência das capacidades e fenómenos extrassensoriais. A experiência do prof. Shipkovensky também o provou.**

**O equipamento técnico que utilizou para fazer um encefalograma de Baba Vanga era tão grosseiro e inadequado que perturbou completamente a sua emotividade durante duas semanas – como trabalhar num aparelho eletrónico com tenazes de ferreiro.**
**Mas hoje, com o desenvolvimento da microeletrónica e da biologia molecular, os cientistas tentam cada vez mais compreender este tipo de fenómenos através de métodos mais modernos. Especialmente tendo em conta o conceito já estabelecido do carácter corpuscular-campo e da interação energia-informacional dos objetos no Universo.**

**O velho conceito do éter é substituído pelo conceito de vácuo na ciência contemporânea, mas não no sentido comum de "vazio", mas no sentido de espaço preenchido por energia poderosa, onde micro-objetos aparecem e se desintegram espontaneamente. A hipótese de A. Ahatrin e Yu. Tatour do micro-gás leptónico (também de natureza corpuscular e de campo), que se move a uma velocidade superior à da luz e ultrapassa qualquer barreira e distância, oferece métodos para explicar a transmissão de informação entre pessoas com capacidades fenomenais.**

**Os experimentos do cientista americano Bird com plantas (realizados na Rússia) tornaram-se amplamente conhecidos. Usando um conjunto de sensores finos ligados às folhas, o cientista conseguiu provar a sua capacidade de transmitir e receber informação e, subsequentemente, de reagir à presença e ações de pessoas e outros seres vivos.**
**Gostaria também de mencionar as experiências de V. Kazantcheev com células vivas, que provaram a transmissão de informação a nível celular. Todos os seres vivos são constituídos por células e, portanto, podem transmitir informação a esse nível.**

**Os seres humanos também fazem parte deste mundo e, como seres vivos, somos constituídos por dezenas de biliões de células vivas. Porque haveríamos então de limitar a informação apenas àquela que é percebida através dos órgãos dos sentidos? Estes últimos são revestidos de palavras e chegam à mente. É de facto claro e preciso, o conhecimento racional consegue trabalhar com isso. E o resto da informação, recebida pelas células e armazenada no organismo, é imensamente vasta tanto em**

**volume como em diversidade. Não pode ser conscientemente compreendida, mas os seus dados também são utilizados e manifestados (através da intuição e do sexto sentido) e desempenham um papel vital na vida quotidiana, especialmente em situações críticas e processos criativos.**

**A capacidade de receber e utilizar informação extrassensorial é inata em todos os seres humanos, mas a diferença está no grau em que isto é possível, e tudo depende do indivíduo – alguns são mais sensíveis, outros menos. Na Antiguidade, quando o homem vivia mais próximo da natureza, esta informação tinha um papel vital na sua vida. As pessoas com maior sensibilidade eram escolhidas em crianças para uma educação especial e tornavam-se sacerdotes e xamãs.**

**Ainda hoje, estas capacidades são mais comuns em pessoas que vivem mais próximas da natureza – pastores, marinheiros. Os outros, fechados nos seus edifícios de betão, dependem sobretudo da perceção sensorial. E não é de surpreender que as capacidades extrassensoriais muitas vezes surjam ou despertem após um acontecimento chocante (como a tempestade de neve no caso de Baba Vanga) e mais frequentemente em pessoas menos instruídas e, portanto, menos propensas a usar uma lógica forte.**

**O que é específico e muito favorável no caso de Baba Vanga é que ela tem uma elevada adaptabilidade. Isto permite-lhe ajustar-se à transmissão de cada pessoa e receber informações sobre os problemas que lhes interessam assim que entram na sua casa.**
**Outro aspeto característico de Baba Vanga é o uso dos cubos de açúcar. A ciência confirma que a informação pode ser transmitida e preservada não apenas por entidades vivas mas também por objetos inorgânicos, especialmente aqueles com estrutura cristalina, como o açúcar, metais preciosos, ornamentos e outros com os quais a pessoa esteve em contato. É por isso que Baba Vanga dizia – quando a pessoa chega ou quando pego nos cubos de açúcar, começam a aparecer imagens.**

**Sobre os mortos, ela dizia que não desaparecem, mas continuam a existir; aparecem-lhe à frente e ela pode falar com eles. A preservação da alma após a morte é um conceito apoiado não só pela religião e pela tradição esotérica, mas também por muitos representantes da ciência. Hoje em dia, acredita-se que a psique não é apenas uma imagem espiritual, mas uma estrutura de campo energia-informacional relativamente autónoma,**

**estável e que não se desintegra após a morte do corpo. Teilhard de Chardin e o académico V. Vernadsky cunharam o termo "noosfera" para designar o espaço onde estas estruturas se preservam e com o qual se pode estabelecer contato através da sua transmissão ondulatória.**

**Quanto ao futuro, em relação a coisas que ainda não aconteceram, ou ao passado, Baba Vanga costumava dizer: "Não há passado, não há futuro, tudo é um. Eu vejo como se estivesse a acontecer agora." Não se assemelha isto à convicção de Immanuel Kant, há vários séculos, de que os conceitos de tempo e espaço são criados pela mente humana para fins práticos na vida quotidiana? No Universo, não têm valor real – tudo lá está em constante fusão e transição.**

**Segundo a Teoria da Relatividade de Einstein, tempo e espaço são também valores relativos que dependem da massa, energia, velocidade do objeto e posição do observador. Num aspeto universal, estes conceitos relacionam-se com a vida assim como as leis da física quântica se relacionam com as da física newtoniana.**

**Existem múltiplos factos, teorias, hipóteses e observações científicas que justificam a construção de uma nova imagem do mundo, na qual as capacidades aparentemente sobrenaturais de algumas pessoas (como a adivinhação, a prognose, a telepatia, a biodiagnose, etc.) perdem cada vez mais o véu de misticismo e ocupam o seu merecido lugar entre os fenómenos naturais. Baba Vanga pode ser vista como uma santa pelas pessoas, mas para a ciência ela é um fenómeno verdadeiramente único mas inteiramente natural, que ainda está por ser estudado e explicado.**

**Há anos, Lyudmila Zhivkova promoveu a ideia de criar um instituto especial na Academia de Ciências da Bulgária que estudasse especificamente tais fenómenos. Foram feitos preparativos, mas após a sua morte em 1980 a ideia foi abandonada. Quero sublinhar mais uma vez que isto só pode acontecer com o apoio de uma ciência nova e renovada que transforme o seu instrumental científico – métodos, meios, equipamentos – para que sejam mais adequados às especificidades destes fenómenos.**

**Estamos no limiar de uma nova síntese entre o científico e o esotérico, que enriquecerá e complementará ambos, conduzindo a uma compreensão mais plena da diversidade e riqueza da nossa realidade.**

**O fenómeno que Baba Vanga representa permanece um desafio para a ciência, que ainda terá de passar por uma mudança revolucionária na forma de conhecer e explicar o mundo.**

## Lyudmila Kim: Baba Vanga é a Minha Mãe Espiritual

**Lyudmila Kim é uma conhecida curandeira e médium russa.**

**– Lyudmila, é uma curandeira bastante conhecida na Rússia, mas foi também muito próxima de Baba Vanga (Baba Vanga foi uma profetisa búlgara cega muito famosa, uma visionária e curandeira, que conseguia falar com pessoas mortas). Fale-nos da vossa amizade.**

**– Tivemos uma amizade de longa data. Éramos muito próximas, mas poucas pessoas sabiam disso. Hoje, a maioria das pessoas que estiveram perto dela exibem-se, gabam-se e até se atrevem a inventar previsões em seu nome. Eu não sou assim. Eu amava-a. Tivemos realmente uma amizade maravilhosa e longa. Na verdade, há anos, quando Baba Vanga recebia pacientes na sua pequena casa na cidade de Petrich, escrevi-lhe uma carta a contar o meu problema. Fiquei surpreendida por receber resposta. Ela convidou-me a visitá-la. Assim fiz. Um amigo ajudou-me, pois era muito difícil ir ter com Baba Vanga na altura do regime socialista. Além disso, como Petrich fica perto da fronteira grega, só se podia ir lá com permissão da polícia.**

**Gostámos imediatamente uma da outra. Ela era muito especial. Baba Vanga conseguia sentir a aura e ler pensamentos negativos. Sabia tudo! Sentiu o quão grande era o meu problema. Tenho um filho muito doente. Baba Vanga é a minha mãe espiritual!**

**Sinceramente, no início eu tinha um pouco de medo dela. Era tão famosa, respeitada por todos os búlgaros e russos. E irradiava uma energia incrível. Talvez nem todas as pessoas consigam sentir isso, mas eu sentia-o com o corpo e a alma – uma força que me preenchia. Senti respeito, amor, humildade e medo; senti a sua força e poder. Tinha uma grande esperança de que ela conseguisse ajudar-me. Foi a única que me disse o que se passava com o meu filho e qual era a razão disso. Baba Vanga tentou curá-lo mas não conseguiu terminar o seu trabalho. Foi a minha amiga mais próxima.**

**– Porque é que tem fotografias de Baba Vanga por todo o seu gabinete?**
**– Porque ela me carrega de energia positiva do espaço e protege-me. Também carrega e protege os meus pacientes. Ela está aqui. Sinto a sua presença. Vem muitas vezes aos meus sonhos e aconselha-me. A nossa ligação espiritual sempre foi muito forte, especialmente ultimamente.**

**Quando não sei como curar uma doença, ela diz-me do além. Tenho visões com ela. Depois de fazer o que ela me diz, consigo tratar uma doença que antes não conseguia. Baba Vanga é o meu guia, a minha luz, a minha mãe espiritual.**
**– Como é que a vê – como visionária ou como curandeira?**

**– Baba Vanga é um fenómeno. Para mim é uma mártir que viveu na Terra. É uma santa! Não me interessa o que as pessoas dizem ou escrevem sobre ela. Eu estive perto dela e, para mim, ela é uma santa. Agora, no além, noutra dimensão, é amiga de Santa Petka da Bulgária e de Santa Matrona de Moscovo. Estão juntas. Baba Vanga protege todos. Tenho a certeza absoluta de que as três santas estão juntas. A alma de Baba Vanga foi levada por São Jorge, o Vitorioso da Bulgária. Veio no seu cavalo branco, com um manto vermelho, e levou a sua alma. Eu vejo estas coisas. Veja! O ícone de Santa Petka está a brilhar! (Virei-me para o ícone no gabinete de Lyudmila e vi uma luz incomum).**

**– As previsões de Baba Vanga realizam-se?**
**– Absolutamente todas! Para aquelas que ainda não se concretizaram, o tempo ainda não chegou, mas chegará. Há muitas previsões que as pessoas não compreenderam corretamente ou não interpretaram bem. Elas realizaram-se, mas as pessoas não perceberam, na sua ignorância e falta de fé. As pessoas não veem ou não querem ver e entender.**

**– É verdade que Baba Vanga fez uma previsão sobre a Síria?**
**– Sim, fez. Mas não dizia as previsões diretamente, mas sim de forma alegórica. É preciso ter muito intelecto e compreensão para interpretar corretamente as suas visões. Baba Vanga falava sempre da Rússia com muito amor. Dizia a todos os búlgaros: "Apeguem-se à Rússia!" Sobre a Síria, falava com compaixão e tristeza. Não me lembro exatamente como soava a sua previsão. Penso que disse: "Pobre Síria... pedra sobre pedra não ficará!"**
**– O que fez Baba Vanga exatamente por si?**

**– Cuido de uma criança muito doente toda a minha vida. O meu filho Alek é muito doente. Baba Vanga ajudou-me e disse-me porque nasceu assim. Alek é autista. A razão para a deficiência do meu filho é o bisavô do meu marido que lutou na Indonésia do lado dos holandeses. Matou uma criança por acaso e a mãe da criança amaldiçoou toda a família dele. O autismo pode ser curado. Há orações para isso. Eu acredito em orações. Elas dependem da vontade e da energia da pessoa. Até os gatos gostam de palavras boas. Uma vez, quando estava em casa de Baba Vanga, apareceu uma rapariga jovem. Não conseguia andar. Recebeu uma injeção, mal administrada, e ficou com as pernas paralisadas. Baba Vanga disse-lhe que se iria recuperar e voltar a andar. Da primeira vez que vi a rapariga, ela rastejava. Da segunda vez que a vi, já andava. Tinha vindo agradecer à profetisa. Andava, estava curada!**

**– Quem dos russos mais conhecidos visitou Baba Vanga?**
**– Penso que, naquela altura, não havia político ou artista que não a tivesse visitado. A famosa cantora russa Alla Pugachova, o conhecido ator Viacheslav Tihonov e o escritor Leonid Leonov visitaram-na. Ela chamava Leonov carinhosamente de "meu Lionia". O líder soviético Leonid Brejnev visitava-a frequentemente. Ela disse que morreria dois anos depois dele. E tinha razão. Ele morreu a 8 de Agosto de 1994 e ela morreu a 11 de Agosto de 1996. Baba Vanga sabia exatamente quando tudo iria acontecer. Sabia quando as pessoas iriam morrer mas nunca lhes dizia diretamente. Uma vez disse a Brejnev para se ir embora. Ele veio e disse arrogantemente: "Sabe quem eu sou?" – "Sim, sei. É um grande chefe mas prepare-se. Em breve será tão pequeno como uma noz."**

**Baba Vanga – A Oportunidade Perdida para a Ciência**
**Artigo escrito pela Prof. Vrabka Orbetzova, bioquímica**
**A Prof. Vrabka Orbetzova é bioquímica, antiga deputada da Assembleia Nacional da Bulgária, Presidente da União de Psíquicos da Bulgária.**

**Uma tentativa de explicar o fenómeno de Baba Vanga**

**Sinto que o meu relato se tornou mais pessoal do que científico. Mas não poderia ser de outra forma. Lamento muito todo o tempo que desperdiçámos – tanto eu como a ciência búlgara no seu todo. Que Baba Vanga é um fenómeno, não há dúvida. Um verdadeiro milagre na vida da**

**sociedade búlgara. É e continuará a ser um enigma por resolver para a medicina, filosofia, religião e sociologia.**

**"A visão" da cega Baba Vanga é um grande desafio para a ciência, especialmente tendo em conta que ela conseguia ver coisas que pessoas normais com visão perfeita não conseguiam. Uma abordagem científica séria ao seu dom poderia ter-nos dado a oportunidade de descobrir a verdade e lançar luz sobre inúmeras zonas obscuras na teoria do conhecimento. Infelizmente, essa oportunidade foi desperdiçada de forma leviana.**

**Já na Antiguidade, diferentes doutrinas tentaram descobrir a chave da visão interior dos profetas. Hoje em dia, estamos a redescobrir autores e literatura que estudam o mecanismo deste dom interior do homem de ver para além do visível e do compreensível, de ultrapassar a barreira do tempo usando o poder do pensamento e dos sentidos ocultos. Tanto a literatura ocultista antiga como as investigações mais recentes admitem que é possível adquirir informação não só através dos 5 sentidos, mas também por meio de outros recetores alternativos.**

**Não é por acaso que as pessoas falam muitas vezes do "6.º sentido". Considera-se que um desses pontos de entrada para informação é o topo da coroa da cabeça – o chamado "Qiang-din" ou ponto T 20, localizado no meio da fontanela. Era também chamado o sétimo chakra. A energia informacional que flui através dele (tanto ondulatória como corpuscular) é provavelmente esse canal direto que fornece uma ligação entre o homem e a sua bioenergia com o sistema global, cósmico, informacional e de poder. É por isso que os investigadores da psique o chamavam de "ponto de entrada para a energia cósmica", representado na antiga literatura oriental como uma flor de lótus de mil pétalas.**

**Tem-se discutido frequentemente que a fontanela de Baba Vanga nunca se fechou, o que, segundo alguns, explicaria a sua capacidade quase permanente e inesgotável de estabelecer contato e profetizar. Ao passar por esse ponto, não como um feixe mas como um feixe de luz, a energia agita as estruturas sensíveis localizadas no seu caminho – a fissura de Rolando, o tálamo, o hipocampo.**

**Os investigadores da psique consideram o hemisfério cerebral direito como o dominante na realização de capacidades extrassensoriais, durante as quais o hemisfério esquerdo é geralmente suprimido – ou seja, a capacidade motora e verbal é bloqueada. O profeta entra numa espécie de transe, com as pálpebras fechadas ou os olhos a olhar para o vazio, com uma fala confusa e pouco inteligível. As visões são normalmente descritas como imagens num caleidoscópio ou num ecrã.**

**Como já mencionei, em certos momentos – especialmente quando Baba Vanga recebia a maior parte das suas visões – o seu discurso tornava-se realmente apressado, fragmentado e até ininteligível. Recordo que ela apontou várias vezes para o lado direito da cabeça, afirmando que era ali (!) que residia a sua capacidade psíquica.**

## Estudo aprofundado do cérebro humano

**O estudo aprofundado do cérebro humano mostrou que este possui uma estrutura extremamente complexa, sendo as suas atividades ainda mais complexas e não totalmente explicadas. A maioria das partes estruturais da anatomia cerebral surge em pares, ou seja, são duplicadas, e apenas algumas são singulares. Estas últimas têm geralmente um papel de ligação, sincronização e organização entre os dois hemisférios. De particular importância entre elas está o hipocampo – o sincronizador dos sinais sensoriais de e para o córtex cerebral. Supõe-se que existam microcristais de silício nas células basais do hipocampo, chamados por alguns de piramidais. Estes microcristais desempenhariam o papel de amplificadores e ressoadores da energia informacional que flui através do ponto T20.**

**A onda interna de energia gerada pelos microcristais, quando excitados, é muito intensa e, se não for canalizada com sucesso para fora da caixa craniana, pode não só perturbar as funções normais do cérebro, como também causar sérios danos estruturais e desgaste de centros cerebrais importantes, ao ponto da destruição.**

**Provavelmente é isso que acontece nas doenças mentais mais graves. O caminho pelo qual a onda de energia passa para sair do crânio (supostamente, através do chamado "terceiro olho", ou chakra Manas) no ponto entre as sobrancelhas, passa acima dos tratos óticos e do quiasma ótico (o local onde os nervos óticos se cruzam parcialmente). Isto explica a**

**capacidade de evocar sensações óticas de forma inversa – do cérebro para os olhos. Este é o local onde se formariam tanto as visões psíquicas como as alucinações óticas.**

**O registo do sinal emitido pela onda de energia na "fita magnética" da memória ocorre quando uma onda refletida recíproca é gerada no mesmo plano mas na direção oposta – em direção ao lobo occipital do cérebro e à glândula pineal (epífise), considerada muito importante em relação à memória. Assim, o fluxo de energia informacional é direccionado principalmente para o "terceiro olho", protegendo assim o cérebro contra sobrecarga excessiva, mas uma pequena parte deixa uma marca informacional na epífise, permitindo a posterior reprodução da informação recebida no passado.**

**Pesquisadores da psique pensam que, devido a este posicionamento espacial particular num mesmo plano da epífise e do "terceiro olho", a informação registada e acumulada durante o dia, como resultado da atividade humana e da interação com o ambiente envolvente, poderia, durante o sono e a meditação, ser projetada de volta para o espaço. É assim que se realiza a ligação extrassensorial alternativa, bidirecional, entre o Homem e o Cosmos. Esta ligação direta poderia explicar logicamente muitos fenómenos na atividade extrassensorial do homem – a adivinhação, a capacidade de profetizar, os repentinos lampejos de génio (que muitas vezes acontecem durante o sono), bem como o acúmulo de informação individual, ou seja, relacionada ao indivíduo específico, no reservatório informacional cósmico.**

**Como já referi, segundo os investigadores da psique, a passagem da onda energia-informacional do hipocampo para o "terceiro olho" liga e desliga o aparelho de análise ótica (ver Spas Mavrov, "O terceiro olho") ao passar pelo cruzamento dos nervos óticos. Durante este processo, os olhos direcionam involuntariamente a imagem visual gerada no cérebro para o espaço exterior.**

**Não só eu, mas outros também observaram que, com Baba Vanga, há movimento dos músculos orbitais, embora ela tivesse quase completa abulbia (ausência de globos oculares). Lembro-me de ter ficado surpreendida quando vi o fechar das fendas dos olhos dela (não tinha reparado na sua abertura).**

**O Homem é uma criação genial da Natureza, mas os segredos da sua criação e da sua interação com o Universo nunca foram totalmente decifrados. Obviamente, receber informação sobre a essência humana, especialmente a parte relacionada com o futuro do homem, está reservado apenas a certos indivíduos, e através de regras e meios particulares. Não é por acaso que, nas lendas de muitos povos, os profetas e adivinhos escrevem símbolos, desenham cenas sobrenaturais, entram em estado de escrita automática, entre outros.**

**Com Baba Vanga, a visão interior tinha um carácter verdadeiramente único e uma amplitude excecional. Se pudéssemos imaginar quantas pessoas, quantos destinos passaram por ela. De onde e como conseguia ela receber esta quantidade enorme, esmagadora, de informação? Das próprias pessoas, ressoando com a onda de energia emanada do seu cérebro e da sua atividade mental? Provavelmente sim. Tal troca de energia e informação é perfeitamente possível e comprovada em muitos aspetos. E quanto às profecias que previam não apenas o futuro de pessoas individuais, mas também acontecimentos de importância global?! Devido à sua deficiência, ela não conseguia ler. Não tenho certeza de quanto poderia usar o sistema Braille. Na época em que previu o desfecho da Segunda Guerra Mundial, mesmo que ouvisse rádio, não poderia ter formado facilmente a sua própria previsão com base nisso. A informação deve ter vindo de outro lugar. Mas de onde?**

**A lógica leva-nos a supor a existência de um reservatório informacional que armazena dados sobre o indivíduo, o seu programa de vida e destino, assim como sobre diferentes países, nações e a humanidade como um todo. O sistema de receção e transmissão de informação através de uma relação cósmica estava excecionalmente desenvolvido em Baba Vanga. É uma pena que nunca tenha sido procurada a cooperação de instituições internacionais de investigação do cérebro para estudar, na medida do possível pela ciência moderna, esse sistema! Só posso imaginar as descobertas relacionadas com as capacidades neuro-psíquicas do homem que tal estudo poderia trazer...**

**E quanto à comunicação de Baba Vanga com o mundo invisível? Este lado do seu dom fenomenal surpreendeu até as pessoas mais céticas em relação às suas capacidades, embora muitos não o admitam. Será que este mundo**

**invisível existe mesmo? Há pouco tempo, encontrei-me com uma professora búlgara de Física da Universidade de Columbia. Ela afirmava com toda a certeza que mundos paralelos existem e explicou algumas investigações extremamente interessantes sobre partículas elementares como portadoras de informação cósmica, facilitando a troca informacional e energética entre os diferentes planos do espaço.**

**Imaginem quantas questões científicas o fenómeno Baba Vanga levantou. E quantas respostas se perderam com a profetisa... Este é um facto que nunca devemos negligenciar ou esquecer. A verdade é que Baba Vanga foi despedida com respeito, como uma grande búlgara deveria ser, pois usou o seu dom, concedido por Deus, apenas para servir as pessoas e fazer o bem, assumindo para si o fardo de tanta dor e sofrimento. Mas se continuarmos a ignorar as questões que tanto Baba Vanga, como outros como ela, colocaram à ciência e à sociedade, isso será imperdoável.**

**Baba Vanga foi um verdadeiro fenómeno, e os fenómenos são enviados a este mundo para manter a mente, o pensamento e a consciência humana despertos.**

**Dr. Lozanov: Baba Vanga – o Fenómeno por Resolver**
**– Dr. Lozanov, porque foi detido no aeroporto em 1980?**
**Ainda hoje, não faço ideia. Nunca me deram qualquer explicação. Na altura, amigos informaram-me de que havia um processo contra mim, instaurado no Supremo Tribunal – sabe-se que tipo de sentenças eram dadas ali – as mais severas. Mas esse processo nunca avançou. Alguém, algures, o parou.**

**– Ouvimos rumores de que, no aeroporto, o procuraram por documentos sobre Vanga, a quem tinha estudado como fenómeno durante muitos anos.**

**Não encontraram nada disso! Depois de confiscarem a minha bagagem, mantiveram-na durante 20 dias. Depois, devolveram-na com um protocolo a dizer que continha filmes de música clássica e outros materiais que "podiam ser levados para o estrangeiro". Conservei este documento. Provavelmente, procuravam o documentário sobre Vanga, que filmámos juntamente com Nikola Toshev, e achavam que continha informações de**

**natureza política. Se tivessem encontrado tal filme, poderiam ter-me acusado de espionagem. Mas não encontraram nada.**

**– Estudou Baba Vanga durante quase 10 anos. Como começou essa experiência?**
**Visitei-a em 1962, numa altura crucial para ela. Nessa altura, preparavam-se para a internar. As autoridades estavam alertadas, porque havia muitos relatórios contra ela. Fui a Petrich com um amigo meu e a esposa dele. Vanga adivinhou tudo corretamente – o meu nome, profissão, de onde vinha. Disse: "Georghi, és médico e curas as pessoas com palavras. Concordo que me estudes." Decidi defendê-la, porque era um verdadeiro fenómeno que devia ser estudado. Toda a gente na altura sabia que, graças à minha influência, Vanga foi deixada em paz e pôde continuar o seu trabalho. Ludmila Zhivkova interessou-se por Vanga mais tarde.**

**– Como conseguiu defender Baba Vanga, quando a ideologia comunista negava tais fenómenos?**

**Tinha autoridade como cientista, até mesmo perante o Comité Central do Partido Comunista Búlgaro. Permitiram-me fundar o Instituto de Sugestologia. No entanto, insisti que o Instituto tivesse também um laboratório de parapsicologia, para poder estudar Vanga e outros fenómenos como ela. Graças a Deus, permitiram isso.**

**Então nomeou Baba Vanga como colaboradora?**

**Não, na verdade nomeei a irmã de Vanga, Lyubka, como assistente técnica dela, para que tivesse sempre alguém ao seu lado para a ajudar. Depois usei a minha influência para conseguir que Vanga tivesse uma remuneração, como colaboradora – ela não tinha a educação necessária e não podia ser nomeada como trabalhadora científica. Na porta dela, coloquei uma placa a dizer "Objecto de Investigação Científica" – e ainda a guardo. Vanga ficou aliviada e disse-me: "Obrigada, doutor! Agora já não preciso de receber dinheiro das pessoas!"**

**A câmara municipal de Petrich designou dois polícias para a casa dela, para manter a ordem. Faziam marcações para as pessoas que procuravam a ajuda de Vanga e cobravam taxas – 10 leva para búlgaros e 20 leva para estrangeiros. O dinheiro era transferido para a conta bancária da câmara**

**municipal de Petrich. Não imagina a quantia de dinheiro que entrava ali por causa de Vanga. Havia milhares de pessoas à espera para a visitar. Comecei a distribuir-lhes questionários, necessários para a minha investigação. Preenchiam o nome, morada, telefone e a pergunta ou problema que os tinha levado a Vanga. Passado algum tempo, enviava-lhes outro questionário, onde tinham de responder se a profecia de Vanga se tinha ou não concretizado.**

**E a que conclusão chegou sobre o fenómeno que ela era?**
**Ela acertava firmemente em 60-70 por cento. A cada terceira pessoa dizia coisas extraordinárias! Estava no auge de manhã. Quando se cansava, cometia erros, mas não queria mandar as pessoas embora. Durante sete anos, recolhi centenas de questionários. Alguns consegui processar estatisticamente, e com base nesses dados, fiz um relatório que apresentei ao Politburo ("Bureau Político" – o comité executivo do Partido Comunista). Escrevi que ela não adivinhava a 100 %, mas o suficiente para justificar uma investigação aprofundada, porque era um verdadeiro fenómeno.**

**Encontrou alguém semelhante a ela?**

**Estudei muitas pessoas com capacidades extraordinárias, não só na Bulgária, mas também no estrangeiro. A parapsicologia é o meu primeiro amor. Antes de fundar o Instituto, andava de mota por toda a Bulgária à procura de fenómenos parapsicológicos. Registei cerca de 45 pessoas. Para não ser preso, alguns amigos da Academia Búlgara de Ciências deram-me um certificado de que estava a examinar essas pessoas para fins científicos.**

**Naqueles anos não se podia falar abertamente de fenómenos extrassensoriais e médiuns – enviavam-nos para a prisão por essas coisas. Mesmo ao estudar Vanga tive problemas com as autoridades. Chamavam-me constantemente ao Comité Central do Partido. Barumov, já falecido, do Departamento de Propaganda, disse-me um dia: "D-r Lozanov, por sua culpa os jovens começaram a usar crucifixos. Diz que a Vanga consegue profetizar mais do que qualquer um, e eles começaram a acreditar em Deus, porque ela afirma que está em contato com Deus." De todos os 45 fenómenos que registei, Vanga foi o maior de todos. Um fenómeno notável, extraordinário.**

**Havia cientistas estrangeiros interessados no dom dela?**
**Cientistas de todo o mundo vinham, famosos. Todos iam ter com ela, mas oficialmente todos se mantinham reservados.**

**Acha que ela era vigiada ou escutada pelos serviços secretos?**
**O meu próprio telefone era escutado, quanto mais o de Baba Vanga. Uma vez tive uma chamada com alguém do estrangeiro e a conversa durou muito tempo. A certo ponto ouvi uma voz no auscultador dizer: "Ó doutor, espere um bocado para mudarmos a fita." A Segurança do Estado fazia o seu trabalho. Tinham medo da Vanga, por isso escutavam-na, vigiavam-na. Quando me revistaram no aeroporto, perguntaram se levava materiais sobre Vanga. Pensavam que tinha alguma informação secreta dela que levaria para o estrangeiro, quando não tinha uma única folha de papel.**

**Falava com ela sobre temas semelhantes – sobre o poder das autoridades, o sistema político e por aí fora?**
**Nunca. Só me interessava a ciência. Depois da minha primeira visita, nunca mais lhe pedi que profetizasse para mim a nível pessoal. Vanga era uma pessoa inteligente – não arriscava falar de coisas que a pudessem meter em sarilhos com as autoridades. Pessoalmente, nunca a ouvi fazer previsões de carácter mais global – pelo menos naquela altura. Mas usaram o nome dela para vários fins. Era uma pessoa bondosa e tolerante, profundamente religiosa.**

**Qual foi o destino do documentário que filmou juntamente com o operador de câmara Nikola Toshev?**
**Quando fui expulso do Instituto, entreguei todo o meu arquivo ao novo director – drª Noncheva. Não me deixaram levar nada! Todo o arquivo sobre Vanga – eram caixas com questionários e outros materiais, incluindo o filme documentário – ficou lá em Dezembro de 1984. Ainda guardo o protocolo assinado por Noncheva, onde consta que entreguei tudo a ela. Na lista estão 30 filmes, entre os quais o da Vanga. A partir daí, ela ficou responsável pela documentação, e o Instituto foi encerrado em 1988.**

**Tentou recuperar este arquivo? Afinal, são todos materiais da sua investigação.**
**Em 1993 fiz um requerimento ao Ministro da Educação, onde insisti para que toda a minha investigação científica, incluindo o documentário sobre a Vanga, fosse entregue ao Arquivo de Estado. A resposta foi que fariam o**

necessário para que isso acontecesse. Até hoje, não há resultado. Para onde foram todos os materiais, por cujas mãos passaram, não faço ideia. Mas pelo menos ninguém os pode usar, porque encriptei a informação! Tinha suspeitas de que um dia isto poderia acontecer.

Qual era o conteúdo do documentário sobre Baba Vanga?
É um documentário a preto e branco, em duas partes. Toshev não conseguiu filmar os melhores momentos, mas sim aqueles em que Vanga tentava obter informação dos visitantes. Houve casos em que ela disse coisas muito precisas, extraordinárias, mas que ficaram fora do filme.

Existe alguma cópia desse filme?
A única coisa que tenho são algumas notas que tomei enquanto fazia o relatório sobre Vanga.
Os nossos cientistas nunca conseguiram chegar a uma conclusão autorizada sobre ela, sendo que foi a maior profetisa do século XX na Bulgária.

Era exatamente isso que eu queria fazer. Mas, como já não tenho os meus materiais de investigação, como poderia fazê-lo? A drª Noncheva devia ter dito onde está o arquivo! Se o perdeu, a culpa é dela. Se o levou, deveria devolvê-lo, porque não é investigação dela. Vou preparar uma publicação científica onde darei uma conclusão positiva sobre o fenómeno de Vanga. Mas isso não chega. Na realidade, nunca consegui finalizar a minha investigação – consegui processar apenas um terço de todos os materiais recolhidos. As minhas conclusões sobre Vanga teriam provavelmente sido diferentes se tivesse conseguido levar tudo até ao fim.

## Dra. Tinka Miteva sobre Baba Vanga

Estudei Psicologia na Universidade de Sofia e, mais tarde, Psicoterapia na Academia Suíça do professor Waldo Bernasconi. Em 1967 fui nomeada assistente no Instituto de Sugestologia, fundado pelo prof. Georgi Lozanov. Tinha acabado de me formar quando parti para Petrich, onde, juntamente com outros colegas, estudámos o "fenómeno Baba Vanga". O meu trabalho consistia em gravar todas as conversas dos visitantes com a profetisa, depois falar com eles para saber se o que ela disse era verdade, se conseguia adivinhar as suas circunstâncias e em que medida.

**À noite, comparava os registos das gravações com as minhas notas sobre o que as pessoas diziam depois do encontro com a profetisa.**
**Fiz o meu trabalho com grande interesse e amor. As recordações desta fase da minha vida são inesquecíveis. Impressionava-me muito a autoridade que Baba Vanga tinha perante os seus visitantes. Aproximavam-se dela como se fosse Deus, com respeito e reverência absolutos, com emoção genuína, receosos do que estavam prestes a ouvir, mas esperançosos de encontrar uma solução para o seu problema. Acreditavam muito nela. Constatou-se que 90 por cento do que dizia era verdade.**

**Em algumas questões triviais, como "Tens dois filhos, não tens?" ou "A tua mãe chama-se Maria?", Baba Vanga muitas vezes errava. Não se aprofundava em coisas que não fossem importantes ou preocupantes. Mandava para casa mulheres que vinham perguntar sobre histórias de amor, porque queria ajudar as pessoas que sentiam dor de verdade e precisavam de ajuda. Todos os dias apareciam cerca de 30 a 40 visitantes, o que era impossível de aguentar para uma psique normal.**

**Baba Vanga às vezes desmaiava de exaustão extrema. Admirava-me como conseguia lidar com um stress emocional tão grande. Mas era boa a aliviar essa pressão. Todos os sábados, por exemplo, ia à igreja de Santa Petka, em Petrich, onde a liturgia durava várias horas. Para Baba Vanga, isto era um ritual de particular importância. Era cristã e nunca escondeu a sua fé. Também ia a casamentos, batizados, respondia sempre a esses convites nos seus primeiros anos.**

**Não sei de onde ela tirava a sua informação, mas conhecia muito bem todos os bons médicos do país. A maioria conhecia-os só de nome – não pessoalmente. Lembro-me de que enviava frequentemente mulheres que não conseguiam ter filhos a um certo dr. Shtrakalev.**
**Mesmo que fosse o maior dos céticos, se passasse tempo suficiente com Baba Vanga, acabaria por admitir que era um grande fenómeno. Porque realmente havia situações estranhas, para as quais ela não poderia saber a verdade por nenhum outro meio, a não ser "lá de cima".**

**Lembro-me de um caso assim. Era início da tarde, já um pouco cansada, a profetisa pediu à irmã Luba que abrisse as janelas para "as almas dos mortos saírem" e disse-me para chamar duas mulheres com lenços pretos na cabeça, "que estavam sentadas à porta". As visitantes entraram, e**

**percebeu-se que vinham da Macedónia – uma sogra e uma nora. A mais velha contou a tragédia que lhes tinha acontecido – o filho e o neto tinham-se afogado enquanto pescavam. Mas, durante semanas, os mergulhadores não conseguiram encontrar o corpo da criança. As duas mulheres não conseguiam dormir – viviam na esperança de que o rapaz, por algum milagre, tivesse sobrevivido. Baba Vanga, no entanto, disse-lhes a verdade: "O rapaz está morto. Vão até à tasca, há uns salgueiros à esquerda, cujos ramos caem sobre o rio. Ali, debaixo das árvores, vão encontrar a criança – o corpo ficou preso nas raízes."**

**Dois dias depois chegou um telegrama a Petrich: "Tia Baba Vanga, encontrámos a criança onde disse que estaria."**
**Este caso, para mim, foi uma prova definitiva dos incríveis poderes de Baba Vanga. E tive muitas outras oportunidades de me convencer de que os seus poderes eram reais. Mas nunca me permiti perguntar-lhe nada sobre mim. Adorava-a e achava que a iria desiludir muito se começasse a perguntar sobre a minha vida.**

**Ainda hoje nunca consegui encontrar uma resposta para a pergunta: de onde vinha a informação de Baba Vanga? Se pudéssemos imaginar a mente humana como uma antena, a dela teria de ser uma extrassensível, a captar sinais para a pessoa certa, as decisões para o problema exato que a preocupava. A própria Baba Vanga não conseguia entender o que se passava com ela, mas ficava feliz por poder ajudar e fazer algo de útil.**

**Também era caprichosa, vaidosa, gostava de elogios, de que lhe dissessem como era importante. Ela e o professor Lozanov tinham uma relação especial de confiança mútua. Nunca me esquecerei da alegria dela com pequenas coisas que as pessoas lhe ofereciam – uma flor, um brinquedo, um sabonete perfumado. Havia nela algo de infantil – era como uma criança presa na imagem de uma mulher idosa. O dinheiro, para ela, não passava de papéis sem importância.**

**Impressionava-me particularmente a limpeza e o sentido de estética que esta mulher cega tinha. Baba Vanga não deixava ninguém entrar no seu quarto em Petrich, mas eu estive lá e fiquei admirada com a cama impecavelmente feita, a ordem, o ambiente modesto mas muito acolhedor. Na cama tinha uma grande boneca russa, com um vestido rosa volumoso – foi um presente de Lili Ivanova. Todas as manhãs, Baba Vanga falava com**

**as suas flores, dizia algo diferente a cada uma, e o seu jardim era tão rico e organizado.**

**Naqueles anos, no instituto do prof. Lozanov estudávamos diferentes fenómenos paranormais. Todos nós que ali trabalhávamos éramos jovens, entusiastas, acreditávamos que as experiências eram importantes para o desenvolvimento da ciência. Fazíamos experiências estranhas. Por exemplo, plantávamos sementes de milho em dois vasos. Uma planta chamávamos de "positiva" e a outra de "negativa". A primeira rodeávamos de bons sentimentos desde o momento em que era plantada; falávamos às sementes para crescerem, ficarem fortes, saudáveis, para darem as melhores espigas.**

**E em relação à outra planta comportávamo-nos deliberadamente mal. Dizíamos: "De ti não vai sair nada, olha como és fraca..." A planta de milho rodeada de amor crescia muito mais depressa, as folhas eram mais verdes, enquanto a outra definhava. Isto levou-nos à conclusão de que os sentimentos são uma força enorme. Orientam a mente, contaminam os factos. Uma árvore pode ser verde, mas os sentimentos de uma pessoa podem levá-la a vê-la vermelha, castanha, e por aí fora. Para mim, o maior desafio é decifrar o imenso potencial das emoções, o poder do subconsciente, o julgamento subjectivo – o que é isto que nos faz gostar de uma pessoa e não de outra, confiar numa como se fosse Deus e fugir de outra como se fosse o diabo.**

**Neshka Robeva – Baba Vanga Disse-me para Ler Deunov**
**Entrevista de Svetla Jordanova**

**– É verdade que Baba Vanga, com quem foi muito próxima, lhe aconselhou a entrar na política?**
**Sim, é verdade, mas ela disse algo mais que não vou revelar... o tempo mostrará. Até agora, as suas previsões sobre mim estão a cumprir-se.**

**– Hoje em dia já fechou completamente o capítulo da política e está desiludida?**
**Sim, fechei essa página. Não estou desiludida, mas sinto-me antes profanada.**
**– Desde que brotou água do poço na Grande Basílica de Pliska, e Baba Vanga disse que a Bulgária gradualmente iria melhorar – acredita nas**

**palavras dela?**
**Acredito, se é claro que ela disse isso. Pessoalmente nunca ouvi isso. Na minha opinião, a Bulgária começará a melhorar, pois já chegámos ao fundo, e não consigo imaginar que ainda possamos descer mais.**

**– Baba Vanga revelou-lhe algo sobre o futuro da Bulgária ou do mundo?**
**Disse-me muitas coisas. Algumas partilhei publicamente, mas outras guardei para mim. Lembro-me de ela ter mencionado uma vez que os Balcãs iriam melhorar o nível de vida quando três presidentes de câmaras de cidades balcânicas começadas por "S" se sentassem à mesa para negociar. As previsões dela para o mundo não eram muito optimistas. Dizia: "Neshka, vamos rezar a Deus para salvar o mundo. A ganância humana vai destruí-lo." A Bulgária faz parte disso. Não foi o interesse ganancioso de alguns empresários que arruinou o nosso país – veja-se as construções ilegais na costa, nas montanhas, em Pamporovo, Bansko, Borovetz. A ganância e esta doença de querer ter sempre mais levaram algumas pessoas à loucura, sem perceberem que são mortais. Alguns já cá não estão, outros foram mortos. Então pergunto – o que é que levaram com eles? Vão carregar sempre esse pecado – destruíram a natureza. São infiéis. Essas pessoas acreditam erradamente que, ao terem uma riqueza enorme, se tornam imortais.**

**– É essa a razão de a Bulgária sofrer – porque os búlgaros são infiéis, como Baba Vanga dizia? Acha que as escolas na Bulgária deviam incluir religião no currículo obrigatório?**
**Baba Vanga dizia: "A Bulgária vai sofrer porque os búlgaros são infiéis." Acho que, mesmo que a fé seja algo que se recebe e não se ensina, seria muito útil para as crianças conhecerem a filosofia do Cristianismo.**

**– Baba Vanga aconselhou-a a ler a Bíblia quando passa por momentos difíceis. Tem passagens favoritas?**
**Sim, tenho. A Bíblia dá conhecimento, consolação, esperança. Leio-a, mas não de forma sistemática. Gosto de ler o Eclesiastes, as parábolas do Evangelho e as Epístolas do Apóstolo Paulo. Quando os padres pegam no tema "Baba Vanga" e começam a anatematizá-la, encontro sempre uma refutação das suas palavras na Bíblia, especialmente no Evangelho.**

**– Lê os livros de Peter Deunov?**
**Podem ser sempre lidos. Baba Vanga dizia frequentemente: "Leiam**

**Deunov, ele diz a verdade"... Ele é um dos mestres espirituais mundialmente reconhecidos da humanidade, ou devo dizer reconhecido por aqueles que têm sensibilidade e acreditam que o mundo é algo muito mais complexo em matéria e organização do que o intelecto humano pode alcançar ou perceber. Peter Deunov, Baba Vanga, Edgar Cayce e outros como eles são mensageiros, e o seu conhecimento e conselhos podem ser usados por pessoas que se libertaram do complexo de São Tomé.**

**– Que conselho ou palavras de Baba Vanga recorda mais?**
**Cada encontro com Baba Vanga era uma lição da ciência chamada "vida". A forma como ela vivia, a facilidade com que recusava aceitar oportunidades para ter uma vida mais confortável. A sua modéstia, humildade, capacidade de perdoar, eram difíceis de descrever. Tudo, cada segundo com esta mulher, era único, cheio de tanto conteúdo. Muitas vezes lembro-me de algumas das suas palavras: "Não te queixes, luta com força na vida, primeiro dá, depois recebe..."**

**História de Nikola Delev sobre Baba Vanga**
**Nikola Delev é um dos mais respeitados mestres ourives da cidade de Strumitza. Foi um grande amigo de Baba Vanga durante mais de 17 anos. Foi ela quem lhe pediu que construísse uma igreja ortodoxa em Strumitza, dedicada à Virgem Maria, pois é a protectora da cidade.**

**Nikola deu a sua palavra a Baba Vanga de que iriam construir a igreja. Em 2006 começou a construção, e o projeto da igreja foi aprovado pessoalmente por Baba Vanga.**
**Baba Vanga era uma mulher muito sábia: à primeira vista, as suas palavras podiam soar simples, mas na maioria das vezes carregavam um conhecimento sagrado. Não usava palavras complicadas, mas as suas palavras continham grandes verdades, muitas das quais não eram compreendidas pela maioria das pessoas. Aqueles que estavam espiritualmente despertos conseguiam captar o contexto do que a profetisa queria dizer. Ela também era uma filósofa – e ao mesmo tempo uma alma tão boa. Alguns dizem que era bastante severa. Bem, para aqueles que faziam coisas más, o que esperavam dela? E tinha de lidar constantemente com os dois extremos – pessoas boas e más. Quando via o bem nas pessoas, ficava feliz como uma criança.**

**Sempre que a encontrava, ela repreendia-me como se fosse minha mãe. Dizia-me para nunca me tornar demasiado orgulhoso de mim mesmo ou para não motivar todas as minhas ações por dinheiro e mulheres. "Eh Nikola, estás a ficar muito materialista ultimamente, tem cuidado com isso." Eu era bastante novo na altura, e de facto tinha algumas coisas na cabeça que queria mais do que tudo – dinheiro, carros, mulheres, glória... Agora sugiro que todos devemos ter muito cuidado com estas coisas, pois pagamos um preço alto ao longo dos anos – eu próprio paguei um preço elevado. Baba Vanga ensinava as pessoas a viver uma vida humilde e feliz – na altura eu não entendia bem, mas quando envelheci, todas as suas mensagens começaram a fazer muito sentido.**

**Lembro-me de uma vez termos falado sobre os dois géneros – homens e mulheres. Perguntei-lhe porque não dizia que não tinha visto homens serem devassos e que cada segunda mulher tinha comportamentos depravados. Ela disse: "O problema não está nos homens – está nas mulheres. As mulheres criam a tentação – levantam as suas 'caudas' e provocam os homens. E se ele é homem, está na sua natureza seguir os seus instintos e ir atrás da fêmea que lhe deu 'luz verde'. As mulheres, por outro lado, abusam das fraquezas dos homens – quando veem que alguém as ama, tornam-se muito presunçosas. Ultrapassam o limite e começam a querer mais, a mandar e a controlar os parceiros, e acabam por os trair..."**

**Se eu tivesse compreendido apenas uma parte do que Baba Vanga tentou ensinar-me, não teria tido tantos problemas com mulheres. Mas aparentemente isso fazia parte do meu destino, e a profetisa dizia que ninguém pode escapar do caminho do seu destino. Agora, quando analiso a minha vida – todo o ouro e dinheiro que tive ao longo dos anos, não me podem dar nada comparado ao que recebi da minha amizade com Baba Vanga.**
**Sendo ourives, ofereci-lhe muitas jóias de ouro feitas por mim. Ela usava constantemente um anel e uma pulseira fina que lhe dei. Tirava as outras jóias quando recebia visitas, pois não queria criar a perceção errada nas pessoas de que era materialista e gostava de ostentar ouro – que todos sabemos que é caro.**

**Três vezes Baba Vanga enviou mulheres à minha loja de jóias, para que eu lhes fizesse anéis, para quando os usassem conseguirem engravidar. E**

**todas as três acabaram por engravidar depois de eu ter feito os anéis. Uma vez perguntei a Baba Vanga porque tinha de ser eu a fazer esses anéis – e ela disse-me que era porque eu estava abençoado pelos meus antepassados.**

**A minha mãe contou-me uma história de que, quando eu tinha três dias de vida, o meu avô Nikola (de quem herdei o nome) veio ver-me e destinou-me, com as suas palavras, a tornar-me um bom ourives. O meu avô era muito espiritual e um crente forte, e aparentemente Deus ouviu a sua oração, e a bênção concretizou-se. Baba Vanga dizia que cada pessoa tem algum tipo de habilidade e talento, e se o encontrar e desenvolver – significa que está a seguir o caminho certo, ou o caminho que Deus escreveu para ele.**
**Uma vez ela disse-me que, se deixasse o ouro comandar-me – ele destruir-me-ia. Tive tanto ouro a passar pelas minhas mãos – graças a Deus resisti à tentação e não permiti que me "controlasse". É o mesmo princípio com o dinheiro – se o comandas, há efeito. Se ele te comanda, então mais vale não o teres.**

**Desde que Baba Vanga faleceu, não deixo de pensar no pedido que ela teve para nós: construir uma igreja ortodoxa em Strumitza. Em 1990 ela começou a falar sobre isso: "Vejo-a Nikola, uma igreja grande e bonita – uma das maiores dos Balcãs." Então a câmara municipal de Strumitza lançou um concurso público e 12 candidatos apresentaram projetos. Fotocopiei os projetos e levei-os a Baba Vanga para lhe perguntar qual gostava mais. De facto, o projeto que ela apontou foi o que ganhou o concurso – preparado pelo dr. Yanko Konstantinov.**

**Numa das minhas visitas nos anos 80, lembro-me de ela ter mencionado que estava a chegar o tempo para a ortodoxia se unir. Disse-me: "Nikola, lembra-te que o pai da ortodoxia é a Rússia. Só a Rússia é capaz de a salvar e unir." Baba Vanga previa que, uma vez unida a ortodoxia, uma nova civilização se desenvolveria na Terra. A missão desta nova civilização seria construir um novo planeta.**
**Compreendi muitas das palavras de Baba Vanga só agora, quando tantos anos já passaram. Com poucas frases cheias de grandes mensagens, ela conseguia escrever "romances".**

**Penso muitas vezes nas muitas coisas que a profetisa me disse. Não esquecerei quando disse que grandes desafios aguardam a humanidade, e que isso servirá como gatilho para a humanidade se unir: "Nikola, chegará o dia em que a água será mais cara do que o ouro." Quis enfatizar que uma eco-catástrofe nos espera. Aparentemente há muito castigo reservado para nós no futuro, e se os nossos líderes forem inteligentes, talvez todos não paguemos um preço tão alto.**

**Baba Vanga dizia sempre uma boa palavra mesmo a uma pessoa má – estimulando o bem nela. À semelhança de Jesus Cristo, para todas as ofensas, calúnias e mentiras, ela respondia com amor e bondade. Era uma verdadeira personificação do princípio de Jesus: "Se vieres até mim com uma pedra, eu irei até ti com um pão."**

**Numa das minhas conversas com Baba Vanga, o tema principal foi porque se tinha estabelecido na região de Rupite. Ela disse-me: "Este lugar é antigo e sagrado. Vejo os primeiros povos que viveram aqui, há muitos séculos. Eram altos, bonitos, bem constituídos, e carregavam baldes de água de longe. Com o tempo, um vulcão entrou em erupção e destruiu a aldeia deles. Além disso, este é um lugar onde alguns extraterrestres vêm."**

**Perguntou-me se eu já tinha lido algo sobre o assunto, e eu disse que não. Então explicou que extraterrestres a visitavam – usavam roupas que pareciam escamas de peixe, e eram como galinhas com plumagem. "Eles são bons, vêm ajudar os humanos", explicou.**
**Baba Vanga gostava de falar sobre os falecidos, mas admitia que eles a atormentavam com as suas constantes perguntas.**

**Baba Vanga sabia muitos segredos, verdades e receitas – tenho muita pena de não ter escrito a maioria delas. Uma das suas previsões mais marcantes que me lembro foi que as pessoas vão descobrir a cura para a SIDA e o cancro, mas que muitas outras doenças graves surgirão.**

**Reconheço que sou um dos poucos sortudos neste planeta que teve o privilégio de estar tão próximo deste fenómeno extraordinário. Estar perto dela mudou-me completamente – abriu-me os olhos para as grandes verdades.**

**Padre Stefan e Padre Zhivko sobre Baba Vanga**

**Conheci Baba Vanga nos anos 70, por causa da doença do meu irmão. Ele tinha uma discopatia grave. Os médicos propuseram-lhe uma cirurgia, mas ele recusou. Um dia, a minha mãe veio a minha casa e disse-me que o estado dele piorara – estava de cama há alguns dias e não conseguia levantar-se. A minha primeira reação foi ir a Petrich e pedir a um amigo meu que me marcasse uma consulta não oficial com Baba Vanga. Ele disse-me que ela provavelmente me aceitaria, pois respeitava muito as pessoas espirituais. Levei o meu irmão e fomos visitá-la.**

**À nossa frente estava um coronel que saiu muito rapidamente – Baba Vanga gritou-lhe qualquer coisa. Quando entrámos, Baba Vanga, chamando diretamente o nome do meu irmão, disse: "Oh Borka, ainda bem que não deixaste esses carniceiros (referindo-se aos cirurgiões) tirarem-te a saúde. A tua cura para as costas está em Asenovgrad. Lá vais encontrar Dimitar Tochev – ele vai ajudar-te."**

**Seguimos o conselho dela e fomos a Asenovgrad. Este homem era um quiroprático famoso – até altos funcionários do Governo o chamavam para tratamentos. Na altura ele não estava a aceitar pacientes, pois era-lhe proibido praticar. Ainda me lembro de como Baba Vanga descreveu a morada da casa dele: "Na primeira paragem de autocarro depois da bomba de gasolina, vira à direita – a casa dele é a terceira." Era exatamente como ela disse. Havia um aviso na porta a dizer que não estava a aceitar pacientes. Pedimos ajuda a uns parentes nossos em Asenovgrad e, com a ajuda deles, encontrámos o homem. Tornámo-nos "amigos" dele e foi assim que entrámos na casa. Com apenas alguns movimentos aqui e ali, o meu irmão melhorou significativamente. O homem disse que tudo iria ficar bem e nem sequer pediu dinheiro.**

**Desde então, eu e Baba Vanga tornámo-nos próximos. Muitas vezes estávamos juntos a batizar bebés – eu como padre e ela como madrinha. Uma vez disse-lhe que estava com problemas de saúde, e antes sequer de ouvir o resto da história, ela disse: "Esse rim está a dar-te trabalho, não é? Abastece-te de água da região de Rupite, bebe bastante, e juntamente com isso come muitas sementes de abóbora fresca." De facto, a receita dela ajudou-me a controlar os sintomas para um nível tolerável. Ela chamou-me**

**para servir na igreja dela em Rupite. Não sou daquelas pessoas espirituais que dizem que conversar com os mortos é um ato de Satanás.**

**Se a Igreja prega que existe vida após a morte, então isso significa que existe. Penso que devíamos ignorar esse cânone tão antigo a que o Padre Natanail se referiu quando estavam a consagrar a Igreja de Santa Petka em Rupite.**

**Para mim, Baba Vanga era uma pessoa muito boa e não excluo a possibilidade de que um dia a igreja búlgara a canonize. Deve notar-se que a canonização é um ritual complexo. A pessoa a ser canonizada tem de cumprir certos critérios, sem excepção, como: ter vivido muito tempo, ser eremita, ser profeta, curar outras pessoas com os seus remédios, o seu corpo ser incorruptível e realizar milagres depois da morte. Na realidade, Baba Vanga cumpre a maioria dos critérios, mas mesmo que não cumpra um deles, não pode ser reconhecida como santa. Acredito que, se fosse o povo búlgaro a escolher, tê-la-iam reconhecido. Este reconhecimento é incondicional – ela é conhecida não só na Bulgária, mas em todo o mundo.**

**Padre Zhivko**

**Tenho servido em Rupite há mais de 11 anos. Baba Vanga adorava batizar crianças, estar em casamentos e desfrutar da vida entre boa companhia. Estava sempre à frente na dança horo (famosa dança folclórica búlgara) e ficava verdadeiramente feliz quando havia pessoas à sua volta para celebrar.**

**Algumas pessoas não aprovam o iconóstase da Igreja de Santa Petka e não conseguem entender os seus frescos. Muitas ícones foram doadas à igreja e, pelo que sei, estão guardadas na fundação, e será esta a decidir o que fazer com elas. Por causa de Baba Vanga, a região de Rupite está viva – há sempre pessoas a vir cá. Passados todos estes anos, não a esqueceram e ela continua viva na mente e no coração das pessoas. No aniversário da sua morte, em Agosto, este lugar fica muito movimentado. Vêm pessoas de toda a Bulgária, bem como muitos russos e macedónios.**

**Baba Vanga ensinou-nos que devemos respeitar as nossas festas nacionais e costumes, especialmente os dias de nome. Ela batizava frequentemente crianças dando-lhes nomes de santos. Muito frequentemente fazíamos**

**kurbans (celebração pela saúde – por vezes sacrifica-se um animal). Em cada grande festa – Tzetza e Lili, grandes amigas de Baba Vanga, vinham e davam kurban. São excelentes cozinheiras, tal como Baba Vanga – não é por acaso que eram boas amigas. A 24 de Maio, Baba Vanga dava um kurban pela paz e saúde de todo o mundo.**

## História de Vlado Dairedzhiev com Baba Vanga

**Vlado Dairedzhiev – poeta, cantor e professor de geografia em Petrich – foi amigo próximo de Baba Vanga durante muito tempo. É também amigo próximo de Dimitar Valchev – filho adoptivo de Baba Vanga. Em 2000, Vlado publicou um livro de poesia dedicado a Baba Vanga, com 12 poemas. Alguns desses poemas foram transformados em canções. Em 2015, Vlado planeia publicar um livro chamado "Isto Foi o Que Vi e Ouvi de Baba Vanga", onde descreve em detalhe algumas das histórias mais marcantes que testemunhou durante os seus encontros com Baba Vanga.**

**Baba Vanga tinha um carácter muito forte. Amava a vida, mas vivia-a de forma muito simples, modesta, natural. Não era hipócrita, embora tivesse uma incrível habilidade diplomática. Não permitia que as pessoas à sua volta se desentendessem e tinha a capacidade de unir as pessoas. Era completamente indiferente se as pessoas eram búlgaros, estrangeiros, ciganos, comunistas, etc. – o que lhe importava era se alguém era bom e, se não fosse, como poderia ajudá-lo a abrir a mente para se tornar melhor. Havia muita filosofia escondida nas palavras de Baba Vanga e muitas vezes tive de passar muito tempo a tentar perceber o que ela realmente queria dizer.**

**Baba Vanga era uma alma sofrida. Normalmente carregava a sua própria dor e sofrimento em silêncio, sem tentar transferir este fardo insuportável para mais ninguém.**
**Baba Vanga dizia-me que ficou cega por completar um karma familiar – sabia exatamente as razões, contou-me a história, mas insistiu para que eu guardasse essa informação em segredo – era demasiado pessoal.**

**Baba Vanga não gostava de falar sobre a sua vida em Strumitza (actual Macedónia). Dizia apenas: "Quando fores a Novo Selo e passares pela Hainska Cheshma (o lugar onde a tempestade a ergueu e a deixou cega), tem cuidado para não pisares os meus olhos!"**

**Antes de se mudar para a região de Rupite, Baba Vanga ia frequentemente a Melnik – para ela era uma terra sagrada. Esta cidade teve 77 igrejas. "É um lugar onde as pessoas podem falar com Deus" – gostava de dizer.**

**Há algum tempo, ouvi de um antigo presidente da câmara de Melnik que perto da igreja de São Dimitar – da qual apenas restam as fundações – havia uma nascente sagrada com água de fortes propriedades curativas. Esta água era especialmente eficaz no tratamento de doenças relacionadas com os olhos e era bastante conhecida em toda a Europa.**
**Hoje, essa igreja ainda não foi restaurada. Fica perto da casa Pashova. O riacho ainda corre, mas não há quem reavive a memória das suas propriedades curativas. Espero que um dia as pessoas reconstruam a igreja e tragam de volta o espírito do santo. Talvez seja uma das razões pelas quais a cidade de Melnik não floresce realmente – como se houvesse uma espécie de maldição.**

**É notável referir que Baba Vanga voltou a viver perto de água. A sua casa em Rupite ficava muito perto de uma nascente termal mineral.**
**Um ano, Doncho Papazov e Katya Paskaleva vieram visitar Rupite. Queriam filmar um documentário porque ouviram dizer que este lugar é sagrado e esconde muitos segredos. Numa das suas viagens pelo mundo, Doncho conheceu uma bela mulher dos Andes que era médica. Quando ele se apresentou como sendo da Bulgária, ela perguntou-lhe se já tinha visitado a região de Rupite. Ficou surpreendido por ela saber deste lugar. A mulher disse-lhe que os seus antepassados afirmavam que o mundo tem três centros espirituais – as montanhas dos Andes, os Himalaias e Rupite, que fica perto das montanhas Rila. Inspirado por estas palavras, Doncho, com a sua colega Katya, decidiu fazer o documentário.**

**Estranhamente, tanto Doncho como Katya morreram antes de poderem terminar o filme.**
**Antes de Baba Vanga, a Bulgária teve outra figura lendária – Stoyna, também chamada de Reverenda Stoyna. Ela também vivia perto de uma nascente mineral, num lugar com solo muito fértil. Ambas as profetisas decidiram viver em áreas com fortes ondas de energia.**
**Sob Rupite e Melnik, existe um rio subterrâneo e depósitos de urânio. A radiação não é forte e tem uma influência positiva nas colheitas, assim como nas pessoas.**

**Ouvi Baba Vanga dizer que os trácios e os lírios viviam nas nossas terras e que eram muito espirituais, com uma cultura rica. Os sucessores dos bizantinos – os Mavri (ou os gregos de hoje) roubaram a cultura aos trácios, assim como a sua filosofia. Mas desde então distorceram a verdade em seu favor, e hoje o mundo não sabe que a cultura grega não é própria – tem origem nos trácios – uma das primeiras civilizações humanas.**
**Por coisas assim, Baba Vanga ficava muito zangada. No entanto, não gostava de falar sobre isso, pois sabia que se meteria em problemas. Toda a verdade ignorada está sempre ligada a um conflito, e ela odiava conflitos. Baba Vanga não contava muitas coisas – e sabia segredos grandiosos.**

**Uma das maiores disputas que Baba Vanga teve estava ligada à igreja que fundou. O padre Natanail era muito rigoroso e dizia que a igreja de Baba Vanga não seguia os cânones da igreja. O padre Pimen apoiava-a totalmente, e foi com a sua assinatura que a igreja foi consagrada.**

**Tive o privilégio de estar muitas vezes perto de Baba Vanga. Ela raramente falava de política, mas sabia que a Bulgária não iria resolver os seus principais problemas políticos e económicos durante muitos anos. Penso que essa dor foi um dos muitos factores pelos quais Baba Vanga adoeceu e faleceu mais cedo. Via a anarquia política que acontecia durante os tempos de transição na Bulgária, a ganância que dominava os líderes políticos. E não só – com dor no coração, via muitos "parasitas" à sua volta a tentar aproveitar-se da sua fama.**

**Com profunda desesperança dizia: "É uma vergonha que as casas das pessoas sejam mais altas do que uma igreja. Um homem não pode estar mais alto que Deus."**
**Nos últimos anos de vida, Baba Vanga tinha medo de ser envenenada. Era extremamente cuidadosa com o que comia e quem lhe levava a comida. Era um grande fardo nos seus ombros estar rodeada de traidores. De facto, antes da transição para uma economia aberta e democrática, Baba Vanga foi forçada por pessoas de cargos altos na hierarquia a não dizer certas coisas. Algumas das suas palavras também eram ditas segundo guiões entregues pelos mesmos.**

**As figuras locais VIP e políticas invejavam Baba Vanga. Ela alimentava toda a cidade com o dinheiro que recebia das consultas com o público. Todo**

**esse dinheiro era depositado na conta da câmara de Petrich. A própria Baba Vanga contou-me que alguns desses funcionários de alto escalão do Governo, que tinham acesso a esse dinheiro, compraram carros caros à custa de todas aquelas pessoas pobres e desesperadas que iam até ela em busca de um conselho. Ficava furiosa com essa injustiça. Baba Vanga desprezava a vaidade, a ostentação e as pessoas sem dignidade. Pela sua nobreza, curvo-me perante ela.**

**Uma vez lembro-me de termos falado brevemente sobre Ludmila Zhivkova – a filha do antigo líder comunista da Bulgária. Baba Vanga disse então: "A Ludmila não morreu, foi assassinada." Mas não disse (ou não sabia) quem o fez. "Aqui na minha lareira, a Ludmila queimou os livros do pai." Aparentemente, Ludmila não aprovava a política do pai e tinha percebido que ele estava rodeado de pessoas muito desonestas e traiçoeiras. Mas Baba Vanga não tinha poder para mudar o destino de ninguém. Podia ver o que ia acontecer, mas não podia evitar se fosse algo mau.**

**Uma vez perguntei ao filho adotivo de Baba Vanga – Mitko – se ela não lhe tinha falado do seu acidente de carro. Curiosamente, ela avisou-o dizendo: "Mitko, tens uma reunião amanhã em Blagoevgrad. Não vás de carro – vai de autocarro." Infelizmente Mitko perdeu o autocarro, e como era uma reunião importante, acabou por ir de carro. O acidente não o poupou. Esteve em inúmeros hospitais a fazer tratamentos. Estava obviamente escrito que tinha de passar por este grave acidente.**
**Há anos, o padre Evseviy servia no Mosteiro de Rozhen. É um curandeiro e milagreiro famoso. Agora serve no mosteiro de Chiprovtsi. Em 1994, um juiz e a mulher, de Gotse Delchev, vieram a Petrich para se encontrar com Baba Vanga. A filha deles tinha alguns problemas psicológicos. Levei-os até Baba Vanga, e ela enviou-os ao padre Evseviy. Fomos até lá, e a primeira coisa que o padre pediu foi se tinham uma peça de roupa da filha. Não tinham, por isso pediu-lhes para trazerem a filha.**

**Quando a trouxeram, o padre Evseviy cantou uma oração em frente ao ícone milagroso – a rapariga desmaiou. Não sei que milagre ele fez, mas a rapariga recuperou totalmente. Anos depois, o pai contou-me que a filha era uma estudante de sucesso numa universidade prestigiada. Muitas pessoas visitaram o padre Evseviy para pedir ajuda, e ele ajudou muitas delas, incluindo aquelas diagnosticadas com doenças terminais. Lembro-**

**me de ter levado um bom amigo meu que sofria de epilepsia. O padre Evseviy leu-lhe uma oração, e desde então nunca mais teve um ataque de epilepsia. Baba Vanga e o padre Evseviy eram muito bons amigos. Ambos eram muito genuínos, compassivos, humildes e submissos.**

**Baba Vanga nunca se interessou pelo tema de saber se as pessoas a declarariam santa. Tal vaidade estava muito longe dela. Era muito frontal, afastava pessoas desonestas e mesquinhas. Mas era uma grande diplomata e estava sempre a tentar unir todos à sua volta.**

**Acredito que a região de Rupite se tornará gradualmente um centro espiritual. Espero sinceramente que não vejamos a construção de grandes hotéis e casas "mais altas do que a igreja".**

**Houve bastantes disputas em torno da água mineral de alta qualidade que corre perto de Rupite. Baba Vanga avisou todos – "se começarem a vender esta água, ela desaparecerá." Pararam com a iniciativa, mas até quando...**

**Todo o complexo de Rupite, que tem cerca de 2 hectares, está declarado parque natural, é arborizado e mantido regularmente. Dimitar Valchev deu muito para que este lugar fosse preservado e mantido na sua forma autêntica. Mas como a inveja é um traço típico do carácter búlgaro, circulam tantos rumores maus em Petrich sobre ele. Este homem quer criar algo nobre que será usado por todos, mas dizem que não é uma boa pessoa... A verdade é que este lugar é precisamente sustentado e cuidado por Dimitar Valchev.**

**Outros, incluindo Petar Brachkov, Vlado Manolov e outros que começaram a fundação de Baba Vanga, são alguns dos outros grandes contribuintes para este feito nobre. Actualmente, Ivan Dramov – advogado local – é o presidente da fundação.**
**O complexo do mosteiro inclui um museu com objetos pessoais de Baba Vanga, uma sala de reuniões, uma adega, bem como um pequeno hotel. Haverá também um abrigo para todos os sofredores que venham dormir perto do túmulo de Baba Vanga, aqueles que acreditam verdadeiramente que receberão a sua cura milagrosa do espírito de Baba Vanga, que paira em torno de Rupite.**

## História de Zhivko Zhelev com Baba Vanga

**Zhivko Zhelev é um famoso engenheiro, cientista, físico e explorador búlgaro.**
**Em 1990 fui despedido da DZU Stara Zagora (um dos maiores fabricantes contratados da Bulgária, principalmente na indústria automóvel, moldagem por injecção e compressão de plástico, montagem electromecânica e electrónica), onde trabalhei durante 20 anos. Fui despedido porque apresentei um processo judicial contra Andrey Lukanov – antigo primeiro-ministro da Bulgária.**

**Naquela altura nem me passava pela cabeça ir visitar Baba Vanga, porque sabia muito bem que ela se dedicava totalmente a ajudar pessoas necessitadas – principalmente questões de saúde e problemas psicológicos. A minha situação era lutar contra pessoas que eu sabia que iam roubar a Bulgária.**

**Em 1990, um amigo meu dos Países Baixos telefonou-me. Era o especialista que liderava a equipa holandesa com quem começámos o projeto dos discos óticos na DZU (na altura tínhamos contratos sérios com a Philips e a Sony).**
**Ele estava doente. Durante mais de três anos recorreu à medicina convencional para curar a sua condição sem sucesso, e acabou por começar a procurar outros métodos alternativos. Os médicos disseram-lhe que, eventualmente, o braço esquerdo e a perna iriam ficar paralisados, e não tinham solução para o problema.**

**O meu amigo holandês tinha ouvido falar de Baba Vanga, e perguntou-me se eu podia arranjar-lhe uma consulta com ela. Prometi que ajudaria. Veio para Sófia, e fomos diretos para Petrich. Fomos acompanhados por um curandeiro búlgaro famoso – Bai Angel, que queria ouvir a opinião de Baba Vanga, pois acreditava que ela podia ajudar o meu amigo.**
**Os três sentámo-nos à frente de Baba Vanga. Eu ia ser o intérprete, e o meu amigo Jan ia gravar a conversa com o mais recente gravador da Philips. Mas não saiu nada dessa gravação.**

**Baba Vanga virou o rosto para mim e perguntou: – Quem é este homem? Eu disse que era meu amigo. Baba Vanga riu-se alto e disse: – Porque me estás a mentir, ele não é verdadeiramente teu amigo.**

**Fiquei sem palavras, pois não só tínhamos passado à frente de tanta gente, como agora estava a irritar Baba Vanga. Baba Vanga perguntou-me o que tínhamos feito juntos eu e o Jan. Disse-lhe que tínhamos lançado um projeto numa grande fábrica. Ela perguntou-me se a fábrica estava a funcionar. Confirmei. Então ela disse: – Não me mintas outra vez, vou-te pôr daqui para fora. Porque me mentes – vejo que a fábrica não está a funcionar.**
**Nunca estive tão nervoso e a suar tanto na vida. Foi então que percebi que estava a cometer um erro – não me estava a expressar corretamente à frente de Baba Vanga. O Jan era mais um conhecido meu do que um amigo – não fui muito rigoroso na forma como falei com Baba Vanga. Ficou evidente que as forças superiores que guiavam Baba Vanga usavam uma linguagem muito mais sofisticada e precisa.**

**Este primeiro encontro com Baba Vanga foi um momento especial na minha vida. A partir daí, a profetisa mudou completamente a minha forma de pensar, e tornei-me realmente um homem diferente.**

**Ela começou a falar sobre o Jan. Baba Vanga disse que o espírito dele vinha do outro mundo. Contou ao Jan que o pai dele amava a vida no mar e que isso lhe salvou a vida quando em Gibraltar todos os barcos se afundaram, o que não foi culpa dele. O pai do Jan era instrutor de iates, e uma vez em Gibraltar houve uma tempestade muito forte onde todos os passageiros morreram, exceto o pai do Jan.**

**O Jan ouvia com atenção, com grande espanto e um pouco de choque. Depois Baba Vanga falou-lhe das magníficas túlipas que o país dele tem. O nosso encontro continuou por muito tempo, e por um momento pensei que Baba Vanga se tinha esquecido de que viemos pedir-lhe conselho médico e ajuda para o Jan. Mesmo antes de irmos embora, Baba Vanga perguntou ao Jan quantas cirurgias já tinha feito.**

**Ele disse que já tinha feito três. Então Baba Vanga disse: – Vou curar a tua doença, e apontou para Bai Angel. Tanto eu como o Bai Angel vamos tratar-te. Manda-me mel e limões, e eu lançarei um feitiço sobre eles, depois vais comê-los e vais recuperar – não tenhas medo.**

**Baba Vanga e Bai Angel começaram o tratamento do Jan, e tivemos de visitar Baba Vanga mais algumas vezes. Além do mel e dos limões, o Jan**

também enviou bolbos de túlipas, como Baba Vanga lhe tinha pedido, e eu levava os ingredientes até à casa dela.
Com os limões e o mel sobre os quais Baba Vanga lançou o feitiço, e com as ervas que Bai Angel receitou ao Jan, ele recuperou totalmente. Dois anos depois voltou a Petrich para expressar a sua profunda gratidão. Então Baba Vanga disse-lhe que, se não casasse com a mulher com quem vivia há 4 anos, iria adoecer novamente.

Tive outros encontros com Baba Vanga anos mais tarde. O mais interessante foi o penúltimo, em 1995. Fui perguntar-lhe qual seria o futuro do maior programa educativo da Bulgária, do qual eu era o coordenador. Trazia o programa num disco multimédia dentro de um dos bolsos do casaco. Este programa foi o motivo do meu conflito com Andrey Lukanov e Robert Maxwell. Foi iniciado em 1986 e tinha como objetivo principal preservar a cultura e o folclore búlgaros através de uma educação multimédia – com este projeto supermoderno, teríamos sido os primeiros no mundo a realizar tal tarefa com tecnologia tão avançada. Infelizmente, quando o novo regime democrático chegou à Bulgária, todo o dinheiro destinado ao projeto foi roubado e o projeto foi interrompido. Foi por isso que apresentei um processo contra o primeiro-ministro na altura – Andrey Lukanov.
Então fui perguntar a Baba Vanga se iria resolver este problema.

Primeiro ela disse apenas: – Dá-me isso. Eu não fazia ideia do que ela queria. Depois insistiu: – Aquilo que tens no bolso do casaco. Percebi que se referia ao disco, então dei-lho. Ela abriu-o e rodou as mãos no ar algumas vezes. Nesse momento senti-me a perder a consciência. Nem me lembro de quando me ajoelhei diante de Baba Vanga para lhe beijar a mão. Um jovem que ajudava Baba Vanga e estava presente durante o nosso encontro disse-me que eu e Baba Vanga ficámos imóveis durante cerca de 7 minutos.
Nesse momento tive mesmo uma visão, que recordei no caminho de volta para Sófia.

Era Novembro, estava a nevar, e enquanto conduzia para casa, fui-me lembrando de tudo o que vi nesses 7 minutos enquanto via os flocos de neve cair. Presumo que as forças superiores que guiam Baba Vanga tiveram contato direto comigo. Vi um mecanismo totalmente novo para

**gravação do meu disco ótico, que basicamente tem a forma de duas espirais. Aparentemente, esta informação era demasiado complicada para Baba Vanga explicar, por isso essas forças enviaram-na diretamente para mim.**

**O meu último encontro com Baba Vanga foi em 1996. Ela começou por dizer: – Ontem à noite o Andrey Lukanov telefonou-me. Quem é que ele pensa que é para me telefonar assim. Ele agora não é ninguém, não é ninguém...**

**Ela repetiu isto três vezes e depois continuou: – Pára de te preocupares com o Lukanov e continua o teu trabalho. Aparentemente Baba Vanga sabia simplesmente que Andrey Lukanov seria mais tarde assassinado, por isso encorajou-me a seguir em frente com o meu trabalho.**

**Depois de todos os encontros com Baba Vanga, mudei drasticamente. Tornei-me menos agressivo. Percebi que o homem é insignificante e grandioso ao mesmo tempo. Comecei a ler sobre Peter Deunov – um dos maiores líderes espirituais, não só da Bulgária, mas do mundo. Se não tivesse conhecido Baba Vanga, provavelmente não teria terminado os projetos que comecei. Estava a desenvolver tecnologia para combater o crime, e na altura todo o país era um obstáculo. Eventualmente consegui introduzir as minhas tecnologias, que agora estão patenteadas, e comecei a vendê-las cá e lá fora.**

**Para mim, Baba Vanga foi uma verdadeira santa para o povo búlgaro. Nos anos de crise espiritual e negação, Baba Vanga veio dar-nos este conhecimento superior: conhecimento dos nossos antepassados que cuidam para preservar a nossa Bulgária sagrada.**
**Baba Vanga provou a todos os búlgaros que a vida para além deste mundo existe, que há reencarnação e a existência da energia boa e má. Baba Vanga tinha o dom de falar com os espíritos dos santos. Era uma grande crente, ainda que não canónica. Parte da sua missão era preparar os búlgaros para a próxima fase do seu desenvolvimento espiritual, fase essa que começou com o início da era do Aquário Verde.**

**Baba Vanga Acreditava na Bulgária – História de Anna Karaangelova**
**Eu cresci bastante próxima de Baba Vanga, pois sou de Petrich e conhecia-a desde pequena. Mais tarde mudei-me para a cidade vizinha de Sandanski,**

**e a maior parte das notícias sobre Baba Vanga chegava até mim por uma amiga e vizinha minha – Ivanka, uma professora reformada. Era muito amiga de Baba Vanga – quase todos os dias ia visitá-la, cozinhava para ela e ajudava-a a limpar a casa. A pobre Ivanka mal conseguia andar, pois tinha diabetes e as pernas feridas, mas não conseguia viver sem Baba Vanga. Quando voltava das visitas à Baba Vanga, telefonava-me muitas vezes para me contar o que tinham falado.**

**As minhas primeiras memórias desta grande profetisa remontam à minha infância. Lembro-me de ver Baba Vanga a tricotar durante horas. Baba Vanga era muito próxima da Ivanka, pois ambas se mudaram de Strumitza (atual Macedónia) e conheciam-se de antes. Dito isto, a Ivanka levava-me com ela quando ia visitar Baba Vanga. Eu não conseguia acreditar nos meus olhos como esta mulher cega podia tricotar tão depressa e tão bem – mais depressa do que a maioria das mulheres à sua volta. Às vezes chegava-me perto dela e olhava fixamente para os olhos dela para ver se me notava. Cheguei a suspeitar que ela via bem. Uma vez lembro-me de Baba Vanga ter dito às mulheres que varriam o seu quintal que tinham deixado uma folha por varrer.**

**Uma vez tivemos uma visitante em Petrich – Tamara Dzhedzheva. Ela era irmã da esposa do famoso poeta búlgaro Nedyalko Jordanov. A Tamara tinha sido colega de turma da minha tia, com quem eu vivia debaixo do mesmo teto. Veio a Petrich porque lhe tinham encomendado um artigo sobre Baba Vanga, no qual ela deveria criticar as suas atividades. Tamara pediu um favor à minha tia para lhe arranjar um encontro com a profetisa. O encontro foi combinado e, quando a Tamara entrou em casa de Baba Vanga, ela disse: "Porque me trazes esta mulher?**

**Sabes que ela não veio aqui com boas intenções." Ainda assim, Baba Vanga recebeu Tamara. Quando voltou a nossa casa, ficou em silêncio durante cerca de duas horas. Baba Vanga, com uma precisão extrema, disse-lhe muitas coisas sobre a sua vida pessoal – até o pior, que morreria jovem. Mesmo assim, Tamara escreveu o artigo e publicou-o, e no encontro seguinte com a minha tia contou-nos que tudo o que Baba Vanga lhe disse se tinha tornado realidade. Infelizmente, o pior do pior também se cumpriu – de facto, Tamara faleceu muito jovem.**

**Ao longo dos anos também levei pessoas para visitar Baba Vanga, mas nunca lhe perguntei nada sobre mim. Uma noite levei uma boa amiga minha à profetisa porque os médicos lhe tinham encontrado um tumor no cérebro e ela estava muito preocupada. Logo da porta, Baba Vanga disse: "O que te preocupa, querida? O que precisas mesmo é de um homem, não de um médico. Não tens cancro nenhum. Não te preocupes, não é cancro. Os médicos não te deram o diagnóstico certo desta vez. Não desistas dos teus estudos de direito – vais conseguir!"**

**Acabou por se confirmar que o marido da minha amiga era homossexual. Tinham-se divorciado e ela ainda estava a viver esse drama. Aconteceu exatamente como Baba Vanga disse – a minha amiga voltou a casar e tornou-se doutorada em Direito.**
**Há muitas histórias com Baba Vanga, das quais fui testemunha ou me foram contadas por outras pessoas. Mas de entre todas essas histórias, o que sempre vou recordar é o seu amor infinito e esperança na Bulgária. Ela acreditava que iríamos superar a crise política e económica e via o caminho da nossa salvação.**

**Ouvi-a dizer: "Um dia a terra vai abrir-se, e o mundo vai descobrir a verdade sobre os búlgaros. Não é verdade que os búlgaros são nómadas. Onde quer que tenham estado, deixaram um país e cidades 'brancas'."**

**Baba Vanga acreditava no futuro brilhante da Bulgária, porque conhecia bem o nosso passado e a nossa história. É verdade que as nossas cidades pareciam brancas, porque as casas antigamente eram construídas de pedra branca. Não é coincidência que a Igreja de St. Petka, fundada por Baba Vanga na região de Rupite, seja totalmente branca. Contava histórias de como os nossos antepassados eram fortes e robustos, como o cavalo era o seu melhor amigo e como tinham um sistema de governo bem organizado. As crianças recebiam educação militar até aos 12 anos.**

**Depois dessa idade, preparavam as raparigas para aprenderem a ser mães e os rapazes para serem soldados fortes e corajosos. Baba Vanga costumava dizer: "A escrita búlgara está entre as mais antigas da Terra. Um dia o mundo vai descobrir isso." Talvez Baba Vanga se referisse ao alfabeto rúnico dos trácios, que se acredita serem os nossos antepassados, que viveram nos Balcãs. Ela não falava dos eslavos, mas dos búlgaros e dos trácios.**

**Baba Vanga era uma grande patriota e adorava falar da Bulgária – especialmente dos nossos costumes nacionais. Costumava dizer: "Os búlgaros são espiritualmente e fisicamente muito fortes – basta ouvir o que cantam nas suas canções, e vais perceber como viveram. Tens de respeitar muito os teus costumes – são uma ferramenta de sobrevivência."**

**Com a sua sabedoria natural, despertava a consciência dos búlgaros para os nossos costumes, pois segundo ela, estes guardam fórmulas secretas de sobrevivência – costumes como o horo búlgaro (dança popular de mãos dadas), os trajes folclóricos, os bordados únicos desses trajes, a bandeira nacional e assim por diante.**

**Também me lembro de que, após as mudanças estruturais na Bulgária, a 10 de Novembro de 1989, Baba Vanga era contra o nosso afastamento da Rússia (ela nunca a chamou União Soviética). Para ela, quebrar a amizade entre a Rússia e a Bulgária, e os acordos comerciais, levou àqueles anos críticos durante a transição, quando Zhan Videnov era primeiro-ministro.**

**Ficava muito triste ao ver como milhares de hectares de terra estavam a ficar desertas e por cultivar. "A Bulgária, que ensinava o mundo sobre agricultura, agora não tem agricultura – que vergonha!?"**

**Sobre os macedónios, Baba Vanga era categórica – "Os macedónios são búlgaros." Dos gregos, tinha uma opinião negativa. Dizia que nos tinham prejudicado muito – mais até do que os turcos, porque reorganizaram toda a história a seu favor com todas as mentiras que propagaram ativamente.**

**"Os búlgaros são um dos líderes espirituais do mundo porque preservaram qualidades que nenhuma outra nação tem. Os búlgaros são fortes e conseguem sobreviver a todas as circunstâncias a que foram expostos."**

**Fui membro da fundação "Baba Vanga" quando foi criada. Na altura era procurador municipal e depois tornei-me jurista sénior da polícia regional de Blagoevgrad. Quando a Igreja de St. Petka estava em construção, aconselhei as pessoas a escreverem tudo o que ouviam de Baba Vanga, pois sentia que ela estava no fim da sua vida. Infelizmente, esta ideia não se concretizou. Uma vez perguntei a Dimitar Valchev, a quem Baba Vanga criou como filho, porque não puseram pelo menos duas pessoas dentro de**

**casa dela para escrever tudo o que dizia aos visitantes. Ele disse-me que a lenda de Baba Vanga era o mais importante.**

**Acho que mesmo hoje a Bulgária ainda não prestou tributo suficiente a esta grande mulher. Ela teve uma influência enorme no que aconteceu no nosso país nos últimos 50 anos. Ninguém conseguiu igualar o que fez em vida, nem hoje existe alguém que se possa comparar a ela.**

**Muitas pessoas hoje dizem que têm tido contatos com Baba Vanga do outro mundo. Uma vez fui à Igreja de St. Petka acender uma vela. Vi uma jovem mulher a varrer o quintal, a regar as flores e a limpar. Katya – a mulher que vendia velas na igreja – chamou-me de lado e, em voz baixa, disse-me: "Esta mulher veio aqui há três meses para rezar pelo filho, pois os médicos disseram-lhe que ele iria morrer em breve. Ficou na igreja a pernoitar, e Baba Vanga apareceu-lhe em sonho. Disse-lhe que os médicos tinham dado o diagnóstico errado e instruiu-a exatamente sobre o que fazer para curar o filho. A mulher seguiu cada passo do remédio de Baba Vanga e salvou o filho."**

**A Ivanka também teve contatos com Baba Vanga. Quando a profetisa morreu, Ivanka entrou em profunda depressão por causa da sua morte. Como tinha diabetes avançada e, em combinação com a depressão, a perna dela inchou muito. Mais tarde começou a desenvolver gangrena e os médicos queriam amputar-lhe a perna, caso contrário morreria. Na noite antes da cirurgia, Ivanka não parava de rezar para Baba Vanga a ajudar. Baba Vanga apareceu e disse-lhe: "Comporta-te, não é a tua hora agora. Deus não te quer receber ainda. O teu remédio para a perna é muito simples. Vai à farmácia e compra 2 litros de rivanolum. Mergulha uma gaze nos dois litros de rivanolum e enrola-a na perna. Mantém até secar. Depois repete novamente."**

**A Ivanka seguiu estritamente o remédio e, de facto, salvou a perna de ser amputada – recuperou totalmente!**

**Estou verdadeiramente convencida de que o espírito de Baba Vanga paira sobre a região de Rupite e em torno de todas as pessoas que a recordam com grande respeito e gratidão. Ela carregava uma cruz muito pesada – das mais pesadas. Admiro a sua força e paciência por ter conseguido carregar esse fardo ao longo de toda a sua vida.**

**Vladimir Golev, poeta, dramaturgo e romancista búlgaro, contou: ouvi muitas coisas sobre Baba Vanga através dos meus colegas – Kostadin Kulyumov e Evtim Evtimov, mas infelizmente nunca tive oportunidade de a conhecer pessoalmente. Tinha um certo receio de ter contato com o paranormal, o inexplicável. Além disso, naqueles anos Baba Vanga era mais rejeitada do que aceite devido ao sistema social que havia na Bulgária. Na verdade, nos anos 60, para alguns Baba Vanga era uma santa e um grande fenómeno, para outros era uma pecadora e uma vigarista. Os que a negavam diziam que sempre que alguém vinha a Petrich, através de pessoas próximas dela, Baba Vanga recolhia informação e que, ao mesmo tempo, nem sempre tinha leituras corretas.**

**Os cientistas rigorosos e os ativistas apoiavam-se apenas em factos e evidências empíricas. Mas não seria prova suficiente o facto de Baba Vanga conseguir contar tantos detalhes da vida de uma pessoa, falar com os espíritos de mortos, ou dizer algo que iria acontecer no futuro — por vezes muitos anos depois — ou ainda recomendar um remédio ou um médico que realmente curaria a doença?**

**Todas as suas profecias de certa forma contrariavam a nossa visão materialista e estreita da realidade. Se aceitarmos que ela conseguia ver as nossas vidas como num filme, então podemos concluir que os nossos destinos estão todos pré-definidos — o que está escrito, não se pode mudar nem apagar. Isto soa de facto místico — tal como as suas declarações de que existe outro mundo, outra matéria para além da nossa, que é maravilhosa.**
**Assim, por um lado, as pessoas ficavam completamente estupefactas quando Baba Vanga lhes dizia tanto sobre as suas vidas ou sobre os seus parentes falecidos.**

**Por outro lado, não havia provas empíricas do seu fenómeno, ou para ser mais preciso, ninguém se dispôs a assumir a tarefa quase impossível de o comprovar. Muitos políticos e dirigentes do Governo negavam oficialmente Baba Vanga, mas iam secretamente visitá-la pessoalmente, ou enviavam os seus assistentes ou secretárias.**

**Pessoalmente, sempre acreditei nas capacidades paranormais de Baba Vanga. Tinha esta convicção interior de que ela possuía habilidades fenomenais para ver o passado e o futuro.**

**Quando um amigo meu a visitou uma vez, ela "viu" que ele estava a usar um relógio novo e disse-lhe para reparar o antigo e usá-lo. Portanto, ela via o presente também — embora de uma forma diferente. Cozinhava, arrumava o quarto, regava as flores, vestia-se — tudo sozinha.**

**Uma manhã, o Kostadin Kyulyumov entrou na cafetaria dos escritores, entusiasmado, a contar-nos que na esquadra local a polícia tinha perdido uma chave importante. À noite, alguns agentes foram ter com Baba Vanga para lhe perguntar onde estava a chave. Ela disse-lhes: — Porque me incomodam a esta hora por uma coisa tão pequena e insignificante? A chave está escondida debaixo do tapete — vão lá buscá-la. Para grande surpresa de toda a esquadra, a chave estava mesmo lá.**

**Outro colega meu — Ivan Arzhentinski (muito céptico em relação às capacidades de Baba Vanga) contou-me uma pequena história. Os vizinhos dele não encontravam o filho e pediram-lhe para perguntar a Baba Vanga onde ele estava. Baba Vanga disse-lhe para perguntar ao amigo do rapaz desaparecido — ele sabia onde ele estava. O outro rapaz mostrou o local onde tinham estado a brincar — junto ao rio Perlovska — e de facto encontraram o corpo do menino afogado no rio.**

**Outra história curta que tenho com Baba Vanga é de uma prima minha. Ela é de Kalofer e foi ter com Baba Vanga porque tinha uma pneumonia grave e os sintomas não melhoravam. Baba Vanga recebeu-a com as seguintes palavras: — Vais ficar boa, não te preocupes com isso, mas vejo que a tua mãe está deitada na cama e está doente. Liga já ao médico que trata dela para ir vê-la imediatamente — se não for, a tua mãe morre. A minha prima ligou logo ao médico depois da visita. Acabou por se confirmar que a mãe estava a ter espasmos nos vasos sanguíneos e, se o médico não fosse a tempo, teria morrido — Baba Vanga estava absolutamente certa.**

**A última história que tenho é uma que me afeta pessoalmente. Um bom amigo meu, que trabalha na indústria cinematográfica, teve a oportunidade de se encontrar com Baba Vanga. O meu amigo ficou tão impressionado com o que ouviu dela. A dada altura, a profetisa chamou os espíritos do pai dele, que lhe fez várias perguntas e disse: — Porque é que o Vlado (eu) não foi ao meu funeral?**

**De facto, eu tinha uma gripe forte na altura e não consegui ir ao funeral. O espírito do pai ainda disse: — E o filho do Vlado — o Yasen — também não esteve lá?
O meu filho tinha apenas 4 anos e não quisemos levá-lo a um evento tão triste. Logo a seguir à conversa com o espírito do pai, Baba Vanga disse: — Vlado — a casa velha... a casa velha.**

**Porque disse ela isso, não fazíamos ideia. Dezassete anos depois percebi aquelas palavras. Sem sequer me lembrar da história do meu amigo e do que Baba Vanga disse sobre mim, dei ao meu romance autobiográfico o nome — "Memórias da casa velha". Até o título inicial que tinha para o livro era "A Flor Roxa", porque contava a história do meu avô, que fazia arcas de casamento decoradas com uma flor roxa. Quando o levei para a editora, o Evtim Evtimov, que era o diretor executivo na altura, não gostou muito do título. Eu e ele começámos a pensar num novo título, e mencionei que havia um subtítulo — "memórias da casa velha". O Evtim gostou logo, riscou os outros títulos e escolheu este.**

**Muitas vezes perguntei a mim mesmo se foi pura coincidência ou se Baba Vanga viu mesmo e leu o meu livro ainda não escrito, há 17 anos. Não só não estava escrito, como há 17 anos eu nem sequer pensava em escrevê-lo.Anos depois, a filha do famoso escritor Leonid Leonov contou-me uma história de como Baba Vanga leu um capítulo inteiro, à frente do escritor, de um romance que ele só escreveu anos mais tarde.
Talvez Baba Vanga tivesse mesmo acesso a essa informação e, no meu caso, não tenha havido coincidências!**

**História contada pelo Dr. Grigor Velev — doutorado em patologia:
Vi Baba Vanga pela primeira vez em 1967. Era assistente no ISUL (Instituto de Especialização de Novos Médicos) e todos os meses íamos em viagens de trabalho a diferentes hospitais do país para fazer consultoria. Nesse ano, tínhamos de visitar alguns hospitais em Blagoevgrad e eu estava com mais três doutorados — Dr. Goranov, Dr. Sharankov e Dr. Delizhanov (todos já falecidos). Quando terminámos o trabalho, por volta do meio-dia, o Dr. Sharankov disse: — Vamos visitar Baba Vanga para ver de perto o fenómeno enquanto ela faz as suas sessões. Telefonou a uns amigos dele de Petrich e lá fomos todos.**

**Baba Vanga recebeu-nos muito cordialmente — tinha uma afinidade especial por médicos. Assistimos a duas das suas sessões como espectadores. O primeiro visitante era um homem da Sérvia. Logo da porta ela disse-lhe: — Olha, não fiques zangado. O que as pessoas dizem da tua mulher não é verdade. Cuida dos teus filhos — tens a casa cheia de crianças — e não ligues ao que as pessoas dizem.**

**Quando o homem saiu de casa dela, o Dr. Sharankov perguntou o que é que diziam da mulher dele e Baba Vanga disse: — A mulher dele é uma rameira completa — não há homem na aldeia com quem não tenha dormido. Foi por isso que ele veio perguntar. Têm 5 filhos em casa...**
**— Porque é que não lhe disseste? — perguntou o Dr. Sharankov, curioso.**
**— Sabes como são os sérvios, doidos? Ele ia decapitá-la com um machado. Para quê dizer-lhe?**
**Depois entrou uma mulher de trinta e poucos anos. Baba Vanga gritou com ela: — Não quero ler nada para ti, não quero. A mulher começou a implorar para lhe dizer ao menos se o marido voltaria para casa.**
**— Como é que esperas que ele volte para ti, quando levantaste a "cauda" e ultrapassaste todos os limites — gritou Baba Vanga.**
**— Mas eu não tenho filhos porque o meu marido é estéril, e eu quero ter um — disse a mulher.**
**— Se queres filhos, devias ir adoptar um. Porque é que desonras tanto o teu marido a dormir com outros homens?**
**Quando vimos esses dois casos, fomos para casa. Anos depois, amigos chegados da minha família convidaram-nos a visitar Bansko (perto de Petrich, onde Baba Vanga vivia). Ofereceram-nos também a oportunidade de visitar Baba Vanga, já que eram amigos dela e podiam arranjar o encontro.**

**Quando chegámos em frente da casa dela em Petrich, sem dizer a ninguém quem eu era ou o que fazia, ouvi Baba Vanga dizer: — O doutor e a esposa podem entrar.**
**Quando entrámos em casa dela, disse: — Eh doutor, há muitos anos que não o via. Agora tens uma preocupação na cabeça, por isso é que vieste.**
**— Não tenho preocupação nenhuma neste momento — disse eu rapidamente.**
**— Tens, tens — insistiu ela. — Por favor, senta-te.**

**A preocupação a que Baba Vanga se referia era a defesa iminente do meu doutoramento. Mas acabou por acontecer que o número de vagas permitido para doutoramentos nesse ano em particular foi reduzido – foi provavelmente isso que Baba Vanga viu.**
**– Não se preocupe absolutamente nada – terá uma carreira muito bem-sucedida e realizará muito mais do que aquilo que inicialmente esperava. Está a escrever um livro neste momento – não o mostre já, pois tem muitos inimigos por aí.**
**Eu estava a preparar a minha segunda dissertação, por isso perguntei à Baba Vanga quando deveria publicá-la.**

**– Espere pelo menos um ano, um ano e meio e depois publique – tudo se encaminhará a partir daí.**
**Acabei por seguir o conselho dela e adiei a publicação por dois anos.**
**Depois Baba Vanga teve contato com o espírito do meu pai falecido. Fez uma descrição psicológica muito precisa do meu filho, que tem o nome do meu pai. Disse:**
**– Vejo o Pedro – quem é ele?**
**– É o meu pai – respondi.**
**– Ele está muito feliz por o seu neto, que leva o seu nome, ser tão inteligente e trabalhador. O seu pai toma conta dele e protege-o lá de cima.**
**O meu filho licenciou-se em Medicina com distinção – teve nota máxima em todas as disciplinas.**

**Baba Vanga disse que o meu filho também se tornaria muito próspero. Nos anos do socialismo era difícil imaginar que alguém pudesse enriquecer. O tempo passou, o sistema social mudou e o meu filho acabou por prosperar. Tornou-se proprietário de uma grande empresa farmacêutica na Bulgária chamada Ecopharm.**
**Baba Vanga comunicava também com outros espíritos. Contou-nos acerca da nossa filha, dizendo que era muito energética, sorridente e uma menina um pouco selvagem. Era verdade – tivemos alguns desafios com ela, especialmente na adolescência.**
**À minha mulher Baba Vanga disse:**
**– Tem um homem muito bom – ele dar-lhe-á oportunidades para viajar pelo mundo.**
**E assim foi – devido ao meu trabalho, visitámos 24 países e levei sempre a**

**minha mulher comigo.**
**A mim, a profetisa disse simplesmente:**
**– Tem uma vida extraordinária pela frente!**
**Não fui de todo cético enquanto ouvia as leituras da Baba Vanga sobre a minha família. Tudo o que ela disse soava razoável e de certa forma lógico. Ao longo dos anos, tudo o que previu aconteceu ao pormenor.**
**Aos 40 anos defendi a minha dissertação e tornei-me professor associado. Cinco anos depois tornei-me professor de Patologia – o professor mais jovem de Medicina da minha época.**

**Embora alguns dos meus colegas fossem céticos e negassem Baba Vanga, não posso dizer uma única palavra negativa sobre ela. Sendo eu cientista, sempre tive desconfiança em relação a profetas, videntes e outros fenómenos paranormais. Mas ao mesmo tempo não posso negar os factos. O Dr. Sharankov e o Dr. Shipkovenski consideravam Baba Vanga um fenómeno excecional. Segundo eles, o açúcar, com a sua estrutura cristalina, enviava a informação à Baba Vanga. As mais recentes descobertas no campo da física confirmam a conclusão de que a alma existe como uma matéria física sob a forma de campo eletromagnético. Através dos cristais de açúcar, Baba Vanga provavelmente entrava em contato com esses campos eletromagnéticos, conseguindo visualizar episódios isolados da vida dos mortos.**

**História contada por Ivan Tatarchev**

**Advogado e antigo Procurador-Geral da Bulgária entre 1992-1999**

**Pessoalmente conheci Baba Vanga no verão de 1957, quando iniciei a minha carreira como advogado na cidade de Razlog. A maioria dos meus encontros com ela eram secretos, pois não me era permitido visitá-la, além de que Petrich era uma cidade fronteiriça. Eu era uma das pessoas que não podia estar perto de zonas de fronteira. Por isso, até a própria Baba Vanga me criticou pessoalmente, dizendo que ao visitá-la nos meteríamos os dois em problemas sem necessidade.**

**No nosso primeiro encontro, recebeu-me de imediato. Baba Vanga conhecia bem a minha grande família – é famosa na Macedónia. Começou a dizer nomes de alguns dos meus parentes falecidos – o meu avô e o irmão dele – e também me perguntou o que era "Izdrizovo". Expliquei que**

**era a prisão mais cruel da Jugoslávia, para onde o meu tio – Dr. Asen Tatarski – foi exilado e posteriormente condenado à morte.**
**A partir desse encontro começou a minha amizade próxima com Baba Vanga, que durou até à sua morte em 1996.**

**Visitava-a muito raramente, pois era impossível ir a Petrich sempre que queria. Levava pessoas à Baba Vanga para que recebessem uma leitura, mas raramente queria ouvir algo sobre mim. Sentia-me desconfortável em desperdiçar o tempo dela comigo e usar o seu dom em benefício próprio. Mas acabou por me dizer coisas muito interessantes sobre mim e sobre os meus familiares, algumas das quais demasiado privadas.**

**Anos antes, disse-me que o Governo queria enviar-me para um campo, mas que um homem idoso me tinha salvado. Isto foi na altura em que ainda trabalhava em Razlog – em 1966. De facto, durante esse período fui privado dos meus direitos como advogado em duas ocasiões e estive detido algumas vezes.**

**Num dos encontros com Baba Vanga, fui com uma amiga minha – ela era microbiologista. Baba Vanga recebeu-a com estas palavras: "Que tipo de médica é que é, se não cura as pessoas, mas foca-se em micróbios e animais?". Disse-lhe também que ela deixaria a Bulgária e iria para o estrangeiro. E de facto, passados alguns anos, a minha amiga saiu do país e fixou-se na África do Sul.**

**Uns anos mais tarde, um amigo meu que vivia no estrangeiro foi operado a um cancro e voltou à Bulgária. Estava muito preocupado com o seu estado de saúde e pediu-me o favor de lhe marcar um encontro com Baba Vanga.**

**Quando chegámos a casa dela, entrei primeiro para lhe falar do meu amigo. Entretanto, ele sentou-se num dos bancos em frente à casa da Baba Vanga. As primeiras palavras dela foram: "Que cova é esta que vejo à porta da minha casa?". Pedi-lhe sinceramente que guardasse as más notícias para si, no que dizia respeito ao meu amigo. E assim fez. Contou-lhe em detalhe sobre o grave acidente de viação que teve, a cirurgia que fez, o problema de saúde... e, por fim, disse-lhe que teria netos.**

**Apenas dois dias depois, o meu amigo suicidou-se. Que história tão triste e marcante.**

**Houve um período em que Baba Vanga foi severamente perseguida pelo Governo. Prenderam-na, bateram-lhe... Nessa altura, a sua fama estava no auge e o seu dom de prever o futuro era mais forte do que nunca. Uma das razões era a sua juventude, bem como o facto de que, quando as pessoas sofrem, tornam-se mais fortes.**

**Com o passar dos anos, esta atitude em relação à Baba Vanga mudou. Os chamados ateus do Partido Comunista começaram a visitar Baba Vanga para pedir conselhos e profecias sobre o futuro. Foi então que o seu estatuto melhorou significativamente e o Governo retirou as acusações e perseguições contra ela.**

**Para concluir a minha história sobre Baba Vanga, quero dizer que era uma pessoa extraordinária, uma patriota incomparável. Dava-se às pessoas de forma totalmente altruísta. Criou a sua filha e o neto, proporcionando-lhe uma educação. Ajudou centenas de milhares de pessoas e, com as suas poupanças, construiu o mosteiro na região de Rupite. Com a sua morte, penso que a Bulgária perdeu uma verdadeira Santa!**

**História contada por Lyuben Dimanov – artista búlgaro de renome**
**Fui apresentado à Baba Vanga por um amigo meu – Kosta, que trabalhava em França e tinha grande respeito por esta mulher. Quando visitei a Bulgária em 1969, ele ofereceu-se para me levar até ela. Quando entrámos na casa dela, a primeira coisa que me perguntou foi:**

**– Que tipo de arte faz – é cerâmica?**
**– Gráfica, que é impressa em grandes tiragens. Expliquei rapidamente.**
**– Terá sucesso! – disse Baba Vanga.**
**A minha visita seguinte a Petrich foi em 1974. Fui com um amigo que queria fazer uma viagem de negócios ao Japão. Baba Vanga disse-lhe diretamente:**
**– Não, a sua viagem ao Japão não acontecerá.**
**Depois virou-se para mim e disse algo semelhante ao que me tinha dito cinco anos antes:**
**– Terá muito sucesso – está "aberto" para si.**

**Essas palavras ficaram-me na memória – na altura nem sequer imaginava que iria trabalhar no estrangeiro. Nesse mesmo ano fui para Paris e, em 1975, voltei a Sófia com um contrato de trabalho para uma galeria francesa**

**de prestígio. Durante alguns meses não sabia o que fazer – naqueles tempos da Bulgária socialista não era fácil obter uma autorização para sair do país e trabalhar fora. Finalmente, fui ao Sindicato de Artistas Búlgaros e pedi ajuda ao Svetlin Rusev. Ele e Lyudmila Zhivkova (filha do líder socialista da Bulgária – Todor Zhivkov) ajudaram-me a resolver a questão. Enquanto aguardava o processamento dos documentos, voltei a visitar Baba Vanga.**

**– Não terá obstáculos para sair da Bulgária e ir para França. A sua casa em Paris será parecida com a sua casa em Knyazhevo (bairro de Sófia).**
**De facto, depois de eu e a minha família procurarmos um sítio para viver, encontrámos uma casa em Paris que realmente me fazia lembrar a minha própria casa em Sófia – a zona era lindíssima, com bosques frondosos e artísticos. Nos meus primeiros anos em França, recebia muitas mensagens calorosas da Baba Vanga através do meu amigo Kosta.**

**Ela aconselhou-me a não voltar para a Bulgária até ser reconhecido em França.**
**Ao longo dos anos falei com Baba Vanga sobre muitas coisas. Muitas vezes ela dizia que existe reencarnação. Dizia: Se o céu estiver aberto, digo-lhe, se não estiver não posso ler nada. Tinha receio de entrar em transes profundos, pois quando está nesse estado, diz coisas que os poderes superiores não a deixam revelar.**

**Em 1975, antes de ir novamente a Petrich visitar Baba Vanga, disse ao Svetlin Rusev para vir comigo. Primeiro recusou, mas pelo menos deu-me açúcar sobre o qual dormiu uma noite. Assim que abri a porta, Baba Vanga disse: Dá-me esse açúcar – é do Svetlin. Ele é como eu – quando tem muita gente à volta, fica doente. Diz-lhe para vir ver-me.**
**Uma vez, estava preocupado com a minha saúde. Pedi ao Svetlin para ligar à Baba Vanga (já eram grandes amigos nessa altura) e dizer-lhe que eu estava na Bulgária. Mais tarde soube por ele que não devia preocupar-me – não era nada de grave. Quando a vi pessoalmente, mandou-me a um médico em Kyustendil – deu-me o nome dele. Fui, ele examinou-me cuidadosamente e receitou-me uns medicamentos – fiquei completamente curado!**

**Visitei Baba Vanga pela última vez uns meses antes da sua morte. Apesar de estar doente e deitada na cama, ofereceu-se para me ler. Ela usava**

**muitos símbolos nas suas leituras, por isso tínhamos de dar sentido às palavras dela muito tempo depois do encontro. Às vezes só percebemos o que disse anos depois – quando a profecia se torna realidade.**
**Baba Vanga era um verdadeiro fenómeno – dizia tudo. Previu muitas coisas do meu destino.**

**Também me deu inúmeros conselhos que me guiaram na carreira de sucesso e na vida pessoal. Havia muita gente em França que já tinha ouvido falar de Baba Vanga. Numa exposição do Svetlin Rusev venderam um retrato dela. Presumo que tenha sido vendido não só pelo valor artístico, mas porque quem o comprou sabia bem quem era Baba Vanga. Isto aconteceu por volta dos anos 80. Baba Vanga perguntou-me uma vez:**
**– Então compraram um quadro com o meu retrato, não foi? Sabes por quanto o compraram?**
**– Não, infelizmente não sei – respondi.**

**História contada por Stefka Subotinova – famosa cantora de música tradicional búlgara**
**Em 1965 eu e uma colega minha decidimos ir visitar Baba Vanga em Petrich. A todo o custo queria encontrá-la, porque a minha vida estava numa encruzilhada e não sabia o que fazer. Já tinha um divórcio e estava prestes a formar uma nova família. Tinha alguns pretendentes muito sérios para futuros maridos e custava-me escolher quem deveria ser o tal.**

**Apanhámos o comboio para Petrich. Só a minha mãe sabia que eu ia visitar Baba Vanga. Parti com tanta esperança, que decidi seguir todos os conselhos que Baba Vanga me desse.**

**Assim que lá chegámos, fomos primeiro fazer o check-in no hotel. Inicialmente pensámos que haveria 6 ou 7 pessoas à nossa frente para ver Baba Vanga, por isso uma noite de hotel seria suficiente. Chegámos à praça da cidade e vimos imensos carros, carroças, motorizadas, bicicletas… Perguntámos a um homem se aquilo era o mercado municipal. Ele riu-se e disse: – Não, isto não é o mercado – todas estas pessoas estão à espera para ver Baba Vanga!**

**Quando a minha colega – Valkana – ouviu aquilo, pediu-me para voltarmos para casa porque não valia a pena esperar tanto só para ver Baba Vanga**

**durante uns minutos. Eu fui firme – não sairia de Petrich sem ver Baba Vanga e perguntar-lhe sobre as minhas indecisões.**

**Começámos a esperar junto ao portão dela. Estavam mais de 100 pessoas connosco. Eu e Valkana disfarçámo-nos com lenços compridos, porque éramos figuras públicas e não queríamos ser incomodadas pelo público. Esperámos na fila durante horas. A certa altura até tive vontade de chorar. Perguntava a mim própria por que carga de água isto me estava a acontecer? Que vontade eu tinha de visitar Baba Vanga, e agora parecia que nem sequer a iria ver.**

**As minhas lágrimas já me escorriam pela cara, quando de repente Baba Vanga apareceu à porta de casa e gritou: – As cantoras podem entrar agora. As pessoas começaram a olhar à volta, mas como estávamos disfarçadas não nos reconheceram.**
**Tirámos os lenços e entrámos na casa dela. Para além do açúcar, trouxe também uma toalha bonita com flores bordadas da China – tínhamos tido um concerto lá.**
**Nem sequer tínhamos entrado na sala e Baba Vanga disse: – Stefka, que cabelo tão bonito tens!**

**Eu tinha o cabelo muito comprido, apanhado numa trança. – Quem vai primeiro – perguntou Baba Vanga.**
**– A Valkana, porque é mais velha do que eu – tem esse direito – respondi.**
**A Valkana passou-lhe o açúcar e, passados apenas alguns segundos, Baba Vanga disse:**
**– Valkana, por que levaste o Stoyan (o marido dela) da aldeia para Sófia? Deste-lhe educação superior e agora ele anda atrás das prostitutas. Sabes que ele vai querer divorciar-se de ti? Ele tem uma amante e vai casar-se com ela. Ela também vai ter um filho dele. Além disso, tem outras amantes também – do vosso grupo, todas elas são tuas amigas.**

**De facto, uma vez quando voltava de um concerto, vi o Stoyan com outra mulher no carro dele, e fiquei bastante surpreendida. Mas não podia contar à Valkana – afinal ela era a prima do nosso ensemble. Baba Vanga falou com ela pelo menos 20 minutos – contou-lhe muitas coisas da vida pessoal e profissional dela. E tudo o que disse aconteceu anos depois. Sim, Valkana e Stoyan divorciaram-se, ele casou-se com a amante e ela teve um filho dele...**

**Enquanto ouvia Baba Vanga a desvendar a vida da Valkana, fiquei completamente sem palavras. Fiquei calada, ansiosa à espera da minha vez. Na altura tinha alguns pretendentes sérios para ser o meu próximo marido – um solteiro, um engenheiro de Sófia, um advogado, um professor de Skopje e um general do exército.**
**Chegou a minha vez e Baba Vanga tocou no meu cubo de açúcar também. Passados uns segundos disse com voz firme:**

**– Divorciaste-te há dois anos? – perguntou Baba Vanga.**
**– Sim, divorciei-me.**
**– Por que não te divorciaste muito mais cedo?**
**– Porque pensei que ele ia mudar e o divórcio não seria necessário.**
**– Ele mudará quando os meus olhos voltarem a ver.**
**– Vim para a ver porque...**
**– Sei porque vieste. Também sei que choraste lá fora. O teu pai faleceu – ele está aqui agora. Morreu num acidente (de facto, o meu pai morreu em 1963 – foi atropelado por um camião). Diz para não chorarem tanto por ele – a almofada dele está sempre molhada. Está aqui a tua avó – acabou de chegar...**
**Ela continuou a enumerar mais familiares meus falecidos, mas eu insistia no meu problema:**
**– Estou numa grande encruzilhada na minha vida e não sei que caminho seguir. Vim pedir o teu conselho.**
**– Ah, tens muitos pretendentes. Quando as mulheres se divorciam, dificilmente encontram outro homem – e tu tens vários prontos para ti. Quem é este homem (disse o nome dele) do facto castanho – é advogado? Foge desse homem! Ele é muito mau – vai arruinar-te a vida. E o solteiro (mais uma vez disse o nome dele com 100% de precisão)? Ele ama-te de verdade. Os familiares dele também gostam muito de ti – a mãe dele, a irmã – todos querem que cases com ele. Se casares com ele, terás um filho dele. Mas tens de saber que ele te vai trair.**

**Eu pessoalmente preferia o solteiro entre os cinco homens, mas assim que Baba Vanga me disse aquilo, a minha opinião mudou instantaneamente.**
**– E o Dimitar, quem é ele? O meu conterrâneo da Macedónia. Vai ser como uma rainha com ele. Viverá na América com ele, tudo correrá bem, ele só quer um filho de si. Os que a rodeiam não vão gostar do seu casamento com ele (ela referia-se à minha filha e à minha mãe). Sabe que ele está**

**agora à sua espera em Sófia? Veio com algumas malas e uma pilha de documentos. Visitou o seu apartamento cinco vezes. Quer casar consigo. Será um bom casamento, mas não será muito feliz a viver noutro país. Fique na Bulgária.**
**No momento seguinte, Baba Vanga, com uma voz mais entusiasmada, disse:**

**– Oh, agora vejo um militar! Está bem colocado na hierarquia – um general. É viúvo e tem dois filhos. Aqui está a mulher dele... Ai como ela chora... morreu durante uma cirurgia. Chora muito e está muito triste por causa do filho mais novo (Baba Vanga disse o nome).**
**Depois Baba Vanga mudou de assunto e começou a falar de outras coisas menos importantes. Enquanto falava, estava a fazer malha – tão habilidosa, tão rápida. Eu tremia de emoção a pensar no conselho que me daria – por um segundo pensei que ela se tinha esquecido do motivo da minha visita. Nesse momento, como se me tivesse lido os pensamentos, disse:**

**– A 6 de Janeiro, vai casar com o general.**
**Eu nem o considerava como hipótese, pois tinha uma opinião negativa sobre homens do exército. Tão surpreendida, disse:**
**– O quê – está a falar a sério?**
**– Sim, o general será o seu próximo marido – repetiu Baba Vanga num tom ainda mais convincente.**
**– Ele não parou de lhe ligar e de perguntar à sua mãe onde é que estava. Disse-lhe para não contar. Agora, quando voltar a Sófia, vai vê-lo.**
**Depois Baba Vanga mostrou-me três dedos e disse:**
**– Vai ter três casamentos. Não fique zangada – é o que está escrito. Não pode fugir do seu destino.**

**Voltei para casa e a minha mãe recebeu-me com um sorriso radiante. – O general não parou de te ligar! Ele vai ligar outra vez hoje à noite. A minha filha também entrou na conversa: – Mãe, o Mitko de Skopje ligou-te e eu disse-lhe que estavas num concerto.**
**Nesse mesmo momento tocaram à campainha – era o Mitko, o professor de Skopje. Começou logo à porta: – és o meu anjo, és o meu tesouro, quero casar contigo! Fiquei sem palavras, sem reação durante uns segundos – senti-me tão atrapalhada e sem saber o que fazer naquela situação.**

**Lembrei-me apenas que tinha decidido seguir o que Baba Vanga me dissesse.**

**Dimitar trouxe algumas malas com ele (exatamente como Baba Vanga dissera) e começou a mostrar documentos e cartas, que começou a ler para mim: em essência, os tios dele na América estavam a convidá-lo para ir viver lá com eles. Disseram-lhe também para "casar com a búlgara porque é muito decente" e, se casasse comigo, comprariam um Cadillac e uma casa junto ao mar.**

**Não sei como aconteceu, mas casei-me com o general exatamente a 6 de Janeiro. Inicialmente o casamento estava marcado para 3 de Janeiro, mas não conseguimos arranjar padrinho até ao dia 6. O meu marido ficou pasmado e não acreditava quando lhe contei a conversa com Baba Vanga, mas a Valkana também confirmou.**
**Vivi com o general durante 10 anos e divorciámo-nos. Depois tive o meu terceiro casamento. Foi o casamento mais feliz da minha vida, mas infelizmente ele faleceu. Trabalhava como representante de comércio externo e, ainda hoje, acredito que morreu de forma estranha, em circunstâncias que nunca ficaram muito claras para mim. Vivemos juntos durante 13 anos – era um homem muito inteligente e bom, mas o destino levou-o de mim. Fiquei sozinha.**

**Baba Vanga previu também o meu sucesso – disse que me tornaria uma cantora de música tradicional muito famosa. Disse que, no final da minha vida, receberia um grande prémio.**
**Disse-me que não teria sorte nos meus casamentos porque sou a desgraçada da família – todos os grandes problemas recairiam sobre os meus ombros, e eu teria de carregar esse fardo.**

**Para a minha filha disse que estudaria uma coisa, mas trabalharia noutra. Disse: – Queres ter muitos filhos, mas "eles" permitem-te ter apenas um. A tua filha terá o mesmo destino. O que está escrito na pedra não pode ser apagado.**

**Chegou o momento de eu e a Valkana nos irmos embora, então meti a mão na mala para tirar dinheiro. Baba Vanga parou-me e disse:**
**– Não quero o teu dinheiro – dá-me a toalha da China.**
**Entreguei-lhe a toalha e, mal a tocou, descreveu a minha sala de estar em**

**pormenor. Depois disse: – Por que não me trouxeste um dos pauzinhos que trouxeste da China – vejo que tens 18 desses.**
**Eu trouxe um pacote de pauzinhos da China, mas não sabia quantos eram. Quando cheguei a casa, contei-os – eram, de facto, 18! Como é que ela conseguiu ver até este pequeno detalhe...**

**A minha filha também foi visitar Baba Vanga. Mandei-lhe através dela uma garrafa de licor de menta caseiro – sabia que ela adorava essa bebida. No entanto, a minha filha comprou uma no supermercado e trocou-a pela caseira.**
**Baba Vanga disse-lhe logo:**
**– Não quero esta garrafa – amanhã volta cá e dá-me aquela que a tua mãe te deu. E traz também a receita.**
**Tudo o que Baba Vanga me disse aconteceu com uma precisão inacreditável. Os meus casamentos, os meus divórcios... o destino da minha filha... a popularidade que tive no final da carreira. A única profecia que ainda não se concretizou é o prémio que receberei no fim da minha vida!**

**Neshka Robeva sobre Baba Vanga**
**O que é que a profetisa lhe ensinou, o que é que mais a aconselhava?**
**Baba Vanga nunca impunha os seus conselhos a ninguém, não pregava a partir do pedestal da sua singularidade e génio – toda a sua vida era um exemplo da essência de ensinar. Um exemplo para os que perderam a força e a fé, para os feridos, privados, doentes ou solitários... Viveu a sua vida sob o peso da missão que carregava, sem se queixar – nunca acusava ou julgava ninguém, mas oferecia ajuda a todos os que precisavam.**

**Como é que ela entendia a fé? Por que insistia tanto na fé, em acreditar em Deus?**
**Não sei como ela entendia a fé – mas carregava-a dentro de si, irradiava fé e inspirava os outros. Era iluminada. O poder de saber e “ver” coisas, inalcançáveis para os outros, foi-lhe dado. Isso deixava-a triste e apreensiva... Porque sabia muito bem que não se pode fazer ninguém acreditar em Deus, se essa pessoa não estiver disposta. Sempre que falava, havia muitas pessoas à sua volta que a ouviam, mas muito poucas que realmente escutavam o que ela dizia.**

**Parece que a fé e a consciência espiritual são a chave para a nossa salvação. Baba Vanga dizia muitas vezes: "Os búlgaros sofrem porque não são crentes." Porque é que desprezamos esta mensagem tão importante dela com tanta leviandade?**
**Porque não somos crentes. Alcançar a consciência espiritual é difícil. Não só para nós. Veja-se o que se passa no mundo inteiro. Baba Vanga dizia frequentemente: "A ganância vai matar a humanidade. Rezem a Deus para nos salvar a todos."**

**A dificuldade e o sofrimento podem ser superados, se as pessoas acreditarem que as dificuldades vêm como resposta ao nosso modo de vida, individual e coletivo. Somos nós que as causamos. A situação é esta: o nosso país está a ser roubado, o nosso povo está sujeito a um genocídio. Os nossos dirigentes são cada vez mais incapazes e dados à corrupção. E tudo isto acontece com a nossa participação ou ausência dela. Somos nós que escolhemos seguir o caminho do sofrimento. E talvez este seja o nosso destino...**
**A profetisa fazia distinção entre fé e religião?**

**Acho que sim. Há muitos anos, estava num campo de verão no Japão. Tive um problema. Baba Vanga disse-me para acender uma vela no dia de São Petko (Petkovden). Quando lhe disse que provavelmente seria difícil encontrar uma igreja ortodoxa em Tóquio, ela respondeu: "Vai para a varanda – para o crente, o céu é uma igreja." Nunca esquecerei as palavras que disse sobre o Padre Nathanael – o homem que santificou o templo dos Rupite pela primeira vez. Fê-lo contra vontade. Apresentou argumentos contra a consagração que eram ridículos e só podiam vir de um fanático. Todo o seu comportamento exalava hostilidade. Era uma daquelas pessoas que manchava a celebração. Baba Vanga disse apenas que ele não podia ser padre porque era movido pelo ódio e pela intolerância. Rezou a Deus para o perdoar. Mas... não foi perdoado. O templo foi santificado uma segunda vez, e pouco depois o padre Nathanael teve um grave acidente de carro. Espero que tenha percebido qual foi o castigo.**

**Baba Vanga insistia sempre nos rituais religiosos adequados, mas parecia chamar mais a atenção para a fé interior, para a nossa necessidade interna como manifestação das nossas virtudes.**

**É verdade. Há muitas coisas que não nos é dado o conhecimento para entender. A seu pedido, continuo até hoje a fazer três oferendas de qurban. Ainda não aceito totalmente o sacrifício animal, mas não duvido do conhecimento de Baba Vanga nem da necessidade de fazer o que ela queria. Tive muitas provas de que sempre que não a ouvi, estava errado. Mencionou num programa de televisão que ela lhe falou do Anticristo, de Cristo, de Petar Danov. O que era Deus para Baba Vanga?**

**Ela dizia que Petar Danov tinha renascido, e que se o visse, o reconheceria. Para ela, ele era o Mestre absoluto. Insistia: "Leiam Danov, ele fala a verdade." Também dizia que o Anticristo já estava na Terra, a entrar em cada casa: um filho a matar o pai, uma mãe a matar a filha. E é verdade. Não sei se a humanidade já testemunhou uma degradação maior da moralidade e das virtudes do que a de hoje em dia. Quanto a Deus, uma vez perguntou-me como é que eu o imaginava e respondeu logo ela própria: "Deus é luz. Ninguém jamais viu Deus."**

**O que pensa da angústia interior de Baba Vanga: "Porque me deste, Deus, este dom – para me tentares ou para te glorificar?"**
**Ela sofria. Tomou para si o fardo de todos. Era frágil e extremamente vulnerável. De tempos a tempos, o lado humano dela gritava, mas – estou convencida – nunca perdeu a fé. Uma vez, absorvida em mim mesma, queixei-me sem consideração de que já não aguentava mais. Ela limitou-se a dizer: "Então vamos trocar de lugar." Ainda hoje me envergonho de me ter lamentado em frente à mulher que abraçou o sofrimento como companheiro constante na vida terrena, redimindo também os nossos pecados...**
**Diz que ela muitas vezes lhe falava em parábolas e que tinha de pensar vezes sem conta até perceber o que ela realmente dizia.**

**Baba Vanga citava muitas vezes passagens da Bíblia e fazia-me lê-las. Era-me difícil na altura descodificá-las, queria respostas prontas. Mais tarde, quando a vida me bateu forte, percebi as lições dela.**
**Ela disse-lhe uma vez: "A Bulgária vai recuperar totalmente dentro de 3 anos." Isso estava relacionado com as escolhas que poderíamos fazer – usar certas qualidades ou outras?**
**Sim, acho que nos foi dada a opção de escolher o nosso caminho. Perdão, união, criação, em oposição a ódio, hostilidade e destruição. Escolhemos o**

**último. Mas será que temos consciência disso? Será que em breve começaremos a caminhar noutra direção?**
**Baba Vanga sentia a nossa maldade e os nossos pecados?**

**Ela conseguia ver e sentir o que a pessoa à sua frente tinha feito. Mas não julgava ninguém. Tinha pena dessa pessoa e rezava por ela. Acreditava que cada um vem a este mundo com uma missão e um destino. Insistia na honestidade. Às vezes, com dor na voz, contava-me como outros a roubavam... Deu-me como exemplo uma história que lhe aconteceu em Salónica – o Ícone não a deixou entrar na igreja até ela devolver um único fio que tinha arrancado de um tapete, sem pedir, para atar a meia.**

**Baba Vanga construiu um templo para nos lembrar de que o caminho da salvação passa por Deus. Isso traz-lhe alguma consolação? Vai lá muitas vezes e que memórias lhe traz?**
**Vou lá muitas vezes, é lindo. O lugar é extraordinário, imbuído de energia positiva. As pessoas juntam-se lá, unidas pela memória de Baba Vanga. Mais tarde, as lendas contadas de pessoa para pessoa levam-nas lá, lendas sobre os milagres criados pela Profetisa. Acredito que ela está lá, a olhar por nós e a ajudar-nos. Ainda a sofrer por nós. Onde quer que vá, acendo sempre uma vela por ela em primeiro lugar, como se fosse por uma pessoa viva. Posso estar errada, mas isso surge-me de forma espontânea. Construir o templo de Santa Petka foi o ato de coroamento da missão de Baba Vanga na Terra.**

**Baba Vanga é uma santa? O que falhámos em fazer para manter viva a sua memória?**
**Para mim e para quem a conheceu – sim, é uma santa. Mas ela dizia: "Pensem em mim como uma mártir." Fizemos muito pouco por ela. A fundação Baba Vanga terminou a construção do complexo monástico, graças ao qual a zona dos Rupite está cheia de vida. Mas isso é apenas uma pequena parte do legado que Baba Vanga deixou. A parte principal – ser bons, amar e ajudar-nos uns aos outros, viver sem ódio, sem separação – ainda parece tão distante de nós.**

**Baba Vanga – um testemunho de Lyubomir Levchev**

**A coisa mais inacreditável, a mais impressionante com que me deparei foi Baba Vanga. Mais de 20 anos de amizade pura e preciosa com ela**

**convenceram-me disso. Ela não cabe nas nossas definições. É uma testemunha única do que está para vir. E as leis que usamos não reconhecem essa testemunha única.**

**Aqueles que ingenuamente tentam apresentá-la como santa confrontam-se imediatamente com os cânones da Igreja. Não há lei que possa conter Baba Vanga. Ainda mais patéticos são os cientistas que tentam negar as suas capacidades. Diante de Baba Vanga, todos estamos como estamos diante da verdade. A verdade é sempre muito maior do que nós e nunca podemos abarcá-la por inteiro. O que sempre me impressionou foi a simplicidade e a normalidade da pessoa física que Baba Vanga era. O nosso contato surgiu por vontade dela. No nosso primeiro encontro disse-lhe que nunca lhe perguntaria nada sobre mim, mas que estava pronto a ouvir tudo o que ela quisesse dizer, mesmo o pior.**
**Nunca violei essa regra.**

**E mais de uma vez ela me alertou para perigos futuros, lançando uma sombra sobre mim. Salvou-me a vida. A franqueza abrupta e, ao mesmo tempo, a delicadeza das suas repreensões são inigualáveis. Fazem-me lembrar as palavras de Pascal, que disse que a verdade nos censura sempre. Paro aqui com as minhas memórias pessoais antes mesmo de começar, porque a minha gratidão sem fim só poderia diminuir a ideia de Baba Vanga. Ela não precisa dos meus testemunhos, e só os dou por aqueles que não a conheceram, nunca a conhecerão e só a podem compreender através de uma névoa de lendas místicas. Em criança, imaginava que as estrelas eram pequenas janelas circulares, deixando entrar a luz de algo eternamente belo, abençoado e etéreo.**

**Mais tarde, estudei Kant-Laplace, Jeans-Jeffreys e outras teorias do Universo. E aqui estou hoje, sem conseguir comparar Baba Vanga a nada senão a uma dessas pequenas janelas que deixam passar um raio de luz dessa eternidade que tudo abarca, onde passado, presente e futuro são o mesmo. Baba Vanga é uma voz. Mas nunca saberemos quem fala através dela. Até ontem, a voz estava deste lado da janela. A partir de hoje, falar-nos-á do outro lado, atrás da janela. Mas quem a ouvirá então? Será que alguma vez conseguiremos pedir desculpa a esta voz pelo sofrimento que lhe infligimos? Pela nossa descrença nela? Pela suspeição indigna? Ou pelo facto de lhe perguntarmos onde se escondia um dissidente, onde estava**

**enterrada a riqueza do avô, ou com quem o marido nos traía. Enquanto nunca lhe pedimos para nos abrir os olhos para a verdade que poderia fazer de nós pessoas melhores. De que extraterrestres andamos a falar? De que discos voadores deliramos, quando nem conseguimos aceitar Baba Vanga de outra forma senão como médium, profetisa, sensitiva, milagre, fenómeno?**

**Conheço muitas pessoas boas que tinham medo de ir ter com Baba Vanga. Mas o que é, senão medo, a nossa melhor atitude perante ela? Eu próprio sinto uma tristeza e um medo ainda maiores pelo facto de Baba Vanga já cá não estar. Não consigo imaginar a solidão que agora se instalará no coração do vulcão Kozhuh e também nos nossos corações. Uns ficarão calados e outros apressar-se-ão a elogiá-la. Mas que todos nos recordemos desta lição que aprendemos com ela: obrigada a ouvir constantemente a dor e o sofrimento dos outros, chamada a dizer a verdade numa época de mentiras agressivas, rodeada de incredulidade, curiosidade arrogante e ingratidão – Baba Vanga nunca foi uma voz de desespero.**

### Histórias de Baba Vanga com visitantes

**Em 1967, tivemos um concerto na cidade de Petrich com a orquestra Chalashkanov. Depois do concerto, que teve lugar no centro comunitário local, uma mulher aproximou-se de mim e disse que se chamava Lyubka – a irmã de Baba Vanga. Assim que ouvi isso, disse-lhe que adoraria ir ver Baba Vanga um dia. Lyubka sugeriu que eu fosse na manhã seguinte para a frente da casa de Baba Vanga. Quando lá cheguei, já havia muitas pessoas à espera para a ver. De repente, Lyubka saiu da casa e chamou-me para entrar. Provavelmente não devia ter sido assim porque Baba Vanga disse logo: "Como é que entraste aqui?"**

**Senti-me muito mal e não sabia o que responder. Ela percebeu que eu tinha passado à frente na fila e ralhou comigo. A irmã dela fez-me sinal para não responder e ficar calado. De repente, Baba Vanga perguntou-me: "Porque é que deixaste o conservatório?" Eu tinha acabado o terceiro ano e depois saí do instituto. Baba Vanga insistiu para eu acabar o curso. Disse-me outras coisas de que me lembro vagamente, mas, à saída, frisou: "Não tires os óculos." Eu disse-lhe que não usava óculos. Ela repetiu várias vezes que eu usava óculos. Anos mais tarde percebi que Baba Vanga se referia**

**aos óculos de otimismo que eu sempre usava, apesar de tudo o que já tinha passado.**

**Em 1971, sofri um acidente terrível, para o qual fui avisado por Baba Vanga duas semanas antes de acontecer, de uma forma muito estranha. Sonhei com uma mulher idosa, com o rosto muito branco e sem olhos. Era uma personificação de Baba Vanga. No meu sonho, disse-me para nunca entrar num avião se fossemos viajar 13 pessoas. Acordei desse pesadelo todo a tremer. No dia seguinte, eu e a minha orquestra tínhamos de viajar para Varna para participar num grande evento por ocasião do Dia do Estudante – uma grande celebração na Bulgária que tem lugar a 8 de Dezembro. Quando cheguei ao aeroporto, contei o meu pesadelo aos meus colegas e disse firmemente que não viajaria com eles. Um dos meus colegas disse-me que duas pessoas da orquestra tinham ido para Varna no dia anterior de comboio – por isso não éramos 13 a viajar. Acabámos por viajar de ida e volta sem incidentes, por isso comecei a esquecer o sonho, pensando que não passava de um mau pesadelo.**

**No dia 21 de Dezembro de 1971, um grande grupo ia viajar para a Argélia por ocasião dos Dias da Cultura Búlgara na Argélia. Éramos cerca de 70 pessoas a viajar – sendo que eu e a minha orquestra éramos exatamente 13 pessoas. Antes de entrar no avião, um dos meus colegas disse-me que tínhamos acabado de assinar contratos para seis meses de trabalho na Alemanha, por isso, logo depois de voltarmos da Argélia, partiríamos para a Alemanha. Fiquei entusiasmado com a notícia. Inicialmente, o meu lugar era na parte da frente do avião, mas decidi sentar-me com alguns colegas na parte de trás – tinha alguns enchidos búlgaros no bolso (um salame típico) e queria partilhá-los com os meus colegas, para brindarmos ao novo trabalho na Alemanha.**

**O avião começou a acelerar, depois levantou voo gradualmente e, a cerca de 40 metros de altura, no final da pista, fez uma curva brusca para a esquerda e despenhou-se com o nariz no chão. Não tenho palavras para descrever o pesadelo que vivi naquele avião. Foi um milagre ter sobrevivido. Na frente do avião, 35 pessoas morreram no local – era onde eu devia ter estado sentado. Foi ali que a nossa famosa cantora búlgara Pasha Hristova morreu.**

**Alguns dias depois desta tragédia, lembrei-me do sonho e do aviso que Baba Vanga me tinha dado. Durante muito tempo não consegui recuperar psicologicamente desse acidente trágico. Por isso decidi visitar Baba Vanga novamente. Da porta, ela começou: "Ai que medo tens... mas tenta acalmar-te, o acidente já faz parte do passado. Vais melhorar, mas afasta-te da água." Fiquei intrigado e não percebi o que isso queria dizer. Sou um excelente nadador e nunca tive medo de água. Onze anos depois percebi o que Baba Vanga queria dizer – como resultado do grande stress que sofri depois do acidente, desenvolvi diabetes – uma doença que obriga a beber muita água.**

**Em 1978 passei por um divórcio muito difícil com a minha esposa Emília. Apesar de ela me ter causado tanta dor a mim e ao meu filho, eu não conseguia tirá-la da cabeça. Isso estava a matar-me lentamente. Cheguei mesmo a ter pensamentos de suicídio. Foi por isso que fui mais uma vez a Baba Vanga. E, mais uma vez, no seu estilo – assim que entrei na sala, disse diretamente: "Por que queres suicidar-te?" Fiquei atónito. Eram pensamentos que nunca tinha dito a ninguém. Depois continuou: "Vou ajudar-te a tirar esses pensamentos destrutivos da cabeça. Vai para casa e traz-me um copo de água e um anel."**

**Voltei para Sófia, peguei nas coisas que Baba Vanga pediu e levei-lhas. Ela segurou os objetos por alguns minutos, murmurando algo sobre eles. Depois disse-me para levar o copo de volta para casa e, se a Emília viesse, para lhe dar água com esse copo. Quanto ao anel, disse-me para o colocar num lugar específico do apartamento dela. Ao sair da casa de Baba Vanga, disse-me que dentro de um mês eu estaria livre do meu fardo mental e conheceria uma mulher que seria o sol da minha vida para sempre. Foi exatamente isso que aconteceu – tudo o que Baba Vanga disse e previu tornou-se realidade! Esta é uma confissão que faço publicamente pela primeira vez. A minha nova esposa não sabia destas previsões de Baba Vanga e espero que não se zangue por eu nunca lhas ter contado...**

**Para mim, Baba Vanga continua viva mesmo depois da sua morte física. Quando tenho problemas pessoais, falo com ela nos meus sonhos e sigo rigorosamente tudo o que ela me diz enquanto sonho. Sou um crente firme de que ela continua a ajudar-me em tudo até hoje.**

**História de Peter Bakov com Baba Vanga**
**Petar Bakov e Baba Vanga foram amigos durante muito tempo. Ela adorava as canções dele, dedicadas a ela. Em algumas canções, Baba Vanga tinha momentos em que entrava em transe profundo e começava a dizer coisas muito invulgares, que de outra forma não diria. Todos esses momentos especiais com Baba Vanga foram descritos em detalhe no livro de Peter Bakov chamado "O lado alienígena de Baba Vanga." Este livro é uma das poucas provas de como sabíamos tão pouco sobre Baba Vanga e a sua capacidade fenomenal de comunicar com seres superiores a nós, e transmitir informações sobre a história da humanidade, a sua criação e o seu avanço rumo a novas estrelas...**

**Uma vez, quando eu era convidado de Baba Vanga, um casal jovem, muito atraente, entrou para a ver. Pareciam também abastados. Ela começou a gritar com a rapariga: "Quando sabias que ele tinha SIDA, por que é que dormiste com ele?"**
**"Porque o amo verdadeiramente" – disse a rapariga, com a voz trémula, e começou a chorar.**

**"Pois agora vais morrer antes dele, quando estás tão apaixonada." Baba Vanga ficou muito zangada e entrou em transe profundo logo de seguida.**

**Acompanhei o casal à porta e, quando voltei, vi os olhos azul-claros de Baba Vanga bem abertos. A voz dela ficou profunda e então começou a falar: "Amon Ra está a falar... aqui debaixo das vossas terras está enterrada a primeira escrita da primeira civilização. Está colocada num sarcófago de mármore.**

**Debaixo do sarcófago há uma pirâmide luminosa feita de diamante, em cima da qual há um orbe de cristal. Nesse orbe está a chave do grande segredo. O orbe é protegido por um cavaleiro feito de ouro e de uma liga desconhecida dos humanos e de uma energia desconhecida. Passado muito tempo, o orbe será encontrado por um homem iluminado destas terras. Então a humanidade entrará na irmandade da santidade. Os vossos criadores irão salvar-vos. O vosso sol desaparecerá e migrarão para outras estrelas..."**

**Quando Baba Vanga falava assim, eu perdia completamente o juízo. Tenho a certeza de que ela nunca partilhou estas revelações superiores com mais**

**ninguém. Muitas vezes me pedia para escrever um livro sobre tudo o que ouvi dela durante os seus transes, e publicá-lo quando ela morresse.**

**Ela contou-me muitas coisas... Lembro-me que foi nos anos 70 quando me falava sobre os gigantes Anunnaki que viviam perto do rio Struma (actual Bulgária) e que criaram os humanos. Ela dizia: "Todas estas terras aqui – Petrich, Melnik, Strumitza, Rozhen, St. Vrach, estavam todas debaixo de água. Ai se soubesses que batalhas houve aqui na Terra. Ali onde há a grande curva do rio Struma, há uma grande rocha – foi aí que os extraterrestres pousaram na Terra pela primeira vez.**

**Eles criaram-nos – nós não evoluímos dos macacos. O caos criou-os, e eles criaram-nos a nós. O caos é cheio de inteligência. Então esses eram os gigantes cósmicos ou os chamados Anunnaki. Vieram da constelação de Andrômeda. Criaram os Atlantes. Tinham mais de 3 metros de altura e eram muito bonitos. Por escolha própria, viviam entre 800 a 1600 anos. Há milhares de anos, a nossa terra aqui era um centro de sacerdócio. Também é um santuário de pagãos devotos. Os pagãos sabiam mais do que todos os cientistas de hoje. Os pagãos – estes são os profetas, xamãs, homens de sabedoria. Também nesses santuários estão colocados homens como Filipe e Alexandre, o Grande, e muitos mais, muitos mais..."**

**Às vezes Baba Vanga contava as suas profecias com os maiores detalhes – descrevia lugares, figuras históricas, acontecimentos... Ela era verdadeiramente grandiosa, iluminada por Deus, uma verdadeira Santa. Ao mesmo tempo, Baba Vanga era uma mulher comum. Muito frequentemente, à noite, ela e eu bebíamos um pequeno copo de aguardente com sabor a anis, e depois começávamos a cantar. Cantei-lhe literalmente milhares de canções, e escrevi inúmeros poemas dedicados a ela. Ela carregava uma energia de riso – sabia como fazer boas piadas. Era uma pessoa mortal como qualquer outra. Quando tinha "contato" com os poderes superiores, tornava-se um ser de outro mundo. Se não tivesse esse contato, não podia dizer nada sobre ninguém.**

**Infelizmente, havia muitas pessoas com energia muito negativa que rodeavam Baba Vanga diariamente. Como ela costumava dizer, estavam literalmente a sugar-lhe a energia positiva. Se não fosse por essas pessoas, provavelmente teria vivido mais 2-3 anos. Baba Vanga tinha este hábito estranho. Antes de começar a comer fisicamente a sua comida, colocava as**

**mãos na borda do prato e não tocava na comida durante algum tempo. Era assim que extraía a energia dos alimentos.**

**Baba Vanga preocupava-se com os processos judiciais de Todor Zhivkov (o líder comunista da Bulgária). Costumava dizer-me: "Faz alguma coisa por ele, para que não o condenem – ele é um homem bom." Eu era relativamente próximo do procurador-geral Ivan Tatarchev na altura, por isso ela pediu-me ajuda.**

**Ao longo dos anos, vi e ouvi tantos milagres e histórias através da minha amizade com Baba Vanga. Percebi muitas verdades espirituais e estou grato do fundo do coração a este fenómeno chamado Baba Vanga! Respeito a sua memória como a de uma Santa. Um dia ela será reconhecida como tal em todo o mundo e será retratada em muitas igrejas e templos. Para já, está apenas pintada no meu pequeno templo.**

## História de Evtim Evtimov com Baba Vanga

**Não me lembro qual foi o meu primeiro encontro com Baba Vanga. Ouvi falar muito dela quando era criança. Encontrava-me com ela nas ruas de Petrich (a minha cidade natal) muitas vezes. Houve uma altura em que até vivíamos muito perto um do outro.**

**Depois da Segunda Guerra Mundial – eu teria uns 10-12 anos – Baba Vanga começou a tornar-se cada vez mais popular. Uma das linhas da frente ficava relativamente perto de Petrich – cerca de 20 km a oeste, em direção a Strumitza – a terra natal de Baba Vanga. Ouvi dizer que muitos homens e mulheres iam visitar Baba Vanga para saber se os seus pais, maridos, filhos e irmãos estavam vivos, feridos ou mortos... Alguns amigos meus contaram-me que, se alguém estivesse morto, Baba Vanga geralmente não dizia isso diretamente, mas ficava pálida, doente ou até desmaiava – assim as pessoas percebiam que o familiar não estava vivo.**

**Lembro-me de, nos anos 50, um coronel de alta patente vindo de França ter vindo ter com Baba Vanga. A filha dele tinha desaparecido há 20 dias, e toda a polícia francesa não a conseguia encontrar. Depois ouviu falar de Baba Vanga, provavelmente através da nossa embaixada ou de jornalistas... Nessa altura, muito se escrevia sobre Baba Vanga, tanto na Bulgária como no estrangeiro.**

**Chamaram um amigo meu da escola para ser intérprete. Ele nem sequer entrou na sala de Baba Vanga, e ela recebeu-o com estas palavras: "Ah, vieste perguntar pela tua filha – onde é que ela está? Pois a tua filha está em casa – vai e liga-lhe para veres por ti mesmo que ela está perfeitamente bem."**

**Ao início, o coronel ficou estupefacto – não conseguia acreditar no que acabara de ouvir. Começou a pensar no pior, que nunca mais veria a filha. Foi ao posto de correios local de Petrich para fazer a chamada. Eu trabalhava lá na altura e estava presente quando o coronel chegou. Passados apenas 20 segundos, ouvi uma voz muito alta e risos de felicidade e alegria... o coronel saiu tão excitado – mal se aguentava de pé e quase desmaiou. Perguntei à minha amiga o que se tinha passado. Ela disse-me que a filha dele tinha um namorado e foram para a casa de férias dele durante 20 dias... e esqueceram-se do mundo.**

**O coronel voltou então para expressar a sua profunda gratidão a Baba Vanga e apanhou logo um voo de regresso a casa.**

**Em 1953 eu era recruta e fui dispensado do serviço por uma semana. Apanhei o comboio para Petrich e, no meu compartimento, estava um homem idoso com quem tive uma boa conversa. Descobri que era membro ativo do partido comunista – tinha estado preso muitas vezes, chegou mesmo a ser condenado à morte uma vez. Contou-me uma história fascinante sobre o seu único encontro com Baba Vanga.**

**Nesse mesmo ano de 1953, houve uma grande inundação na cidade de Sandanski. O rio Bistritza saiu do leito, levando árvores, casas e, infelizmente, pessoas. Este homem idoso tinha perdido o neto. Durante quase um mês não conseguiram encontrá-lo em lado nenhum – sem notícias, sem nada. Este homem, que era um ateu convicto, um descrente que até punia pessoas por irem à igreja, foi obrigado a ir perguntar a Baba Vanga se ela podia dizer onde procurar o neto. Quando a visitou, ela disse-lhe logo com voz zangada: "Vens ver-me, mas não vais acreditar numa palavra do que eu disser – porque vens então?"**

**"Sim, não acredito em videntes ou profetas, mas estou desesperado por encontrar o meu filho, que desapareceu na inundação." Então Baba Vanga explicou: "Quando voltares a Sandanski, vais seguir o rio Bistritza até ele se**

**encontrar com o rio Struma. Nesse cruzamento verás um pastor com um cajado. Cumprimenta o pastor e caminha exatamente 10 passos na direção da ponta do cajado dele. É aí que vais encontrar o teu neto."**

**O velho não acreditava nessas palavras, mas por desespero seguiu à risca as orientações de Baba Vanga. E, de facto, na confluência dos dois rios, lá estava o pastor com o cajado. Deu 10 passos na direção para onde o cajado apontava e, a 2 metros da margem, na areia, viu a mão de uma criança. Rapidamente escavou a areia e encontrou o corpo do neto.**

**Foi por isso que este homem viajava comigo para Petrich, para ir pessoalmente agradecer a Baba Vanga pela ajuda. Disse-me que a partir de então mudou completamente a sua forma de ver a vida e que, de descrente total, se transformou num homem diferente.**

**No final de 1965 eu era secretário do governo no centro comunitário de Petrich. Uma das minhas colegas no centro era a Veneta – filha de Baba Vanga. Um dia ela disse-me que Baba Vanga tinha dito que eu me tornaria um "grande" homem (isto é, famoso). Disse à Veneta que estava grato pelo que a mãe dela lhe dissera, mas não via o que de maior poderia eu alcançar além do meu cargo atual. Afinal, tinha 32 anos na altura – um poeta que trabalhava como secretário do governo. A poesia sempre foi o meu único e verdadeiro amor... Dizia para mim mesmo: "A minha poesia está a correr bem, os meus livros são publicados, sou membro da associação de escritores da Bulgária... o que maior do que isto poderia eu tornar-me?" Estava mesmo intrigado.**

**Cerca de duas semanas depois dessa conversa com a Veneta, fui numa digressão com o nosso ensemble do centro comunitário. No terceiro dia recebi um telegrama que dizia: "Vem a Sófia ao Comité Central do Comsomol (Liga Jovem Comunista). Estás contratado para o departamento editorial."**

**Fiquei realmente perplexo. Não tinha tais pretensões – Petrich já era bom o suficiente para mim. Nesse momento, lembrei-me das palavras de Baba Vanga. Se realmente quisesse tal promoção, poderia ter pedido ajuda a alguns dos maiores escritores do meu tempo – a maioria tinha grande respeito por mim. Mas como é que Baba Vanga sabia disso? Nunca tinha falado sobre este assunto antes...**

**Voltei para Petrich e, no dia seguinte, apanhei o comboio para Sófia. Fui recebido por George Atanasov – era o secretário-chefe do Comsomol. Abriu a conversa dizendo: "Evtim, és um homem muito talentoso e decidimos contratar-te por 6 meses para o departamento editorial. Vais substituir o Slav Karaslavov na poesia.**

**"Eu nunca fiz esse trabalho antes" – disse eu. "Convidamos-te não só para fazeres este trabalho, mas também para conheceres melhor os teus amigos literários e estares exposto a um clima mais profissional."**

**Disse ao Slav que daria resposta em dois ou três dias.**

**Quando voltei para Petrich, a Veneta estava toda contente e disse: "O que é que eu te disse – viste que a minha mãe tinha razão!? Ela foi categórica de que te tornarias um homem de sucesso."**

**A 16 de Janeiro de 1966 fui para Sófia. Baba Vanga viu o caminho da minha vida, o meu futuro. Eventualmente percebi o que ela quis dizer quando disse que eu me tornaria um "grande" homem.**

**Eu, pessoalmente, nunca visitei Baba Vanga em pessoa para que ela fizesse uma leitura sobre mim. Ela era próxima da minha mãe. Em 1969, a minha irmã morreu num acidente absolutamente absurdo, e desde então a minha mãe foi visitá-la algumas vezes. Nunca soube o que conversaram, mas lembro-me apenas que Baba Vanga lhe disse: "Ela poderia ter vivido muitos mais anos. Aconteceu algo que ninguém pensou, nem mesmo ela..."**

**Um ano, um dos famosos poetas russos – Ramsul Gamzatov – veio a Petrich. Pediu-me que o levasse até Baba Vanga. Entrou primeiro na casa dela, e depois chamaram a esposa para se juntar a ele. Quando saiu, vinha a segurar a cabeça, com a pele pálida e um comportamento completamente transtornado. Perguntei-lhe o que tinha acontecido – porque é que estava tão agitado.**

**Disse-me que ainda não conseguia recompor-se, e que precisava de algum tempo para isso. Nesse momento, um dos guardas de Baba Vanga apareceu e disse-me que ela também queria ver-me. Não hesitei muito e entrei para a encontrar. A primeira coisa que disse foi: "O meu amigo**

**Ramsul ficou tão perturbado quando saiu – o que aconteceu?" Baba Vanga riu-se e disse: "Ora, ele esqueceu-se de colocar a bengala da mãe dentro do caixão. Organizou uma grande cerimónia, mas esqueceu-se da bengala – e se ela precisar dela no outro mundo? Ficou esquecida atrás da porta do quarto dela."**

**Ramsul andava a tentar encontrar uma explicação lógica para como é que ela sabia de um detalhe tão grande...**

**Outro poeta russo – Leonid Leonov – perguntava frequentemente por Baba Vanga. Respeitava-a profundamente e mandava-lhe presentes de tempos a tempos. Na primeira vez que a visitou, ela disse-lhe: "Vejo que escreves livros grossos e muito grandes. Tens uma peça de teatro que escreveste há muito tempo, mas que guardaste algures nas tuas pastas. A peça era sobre uma carruagem. Essa obra pode trazer-te muito mais sucesso do que todos os teus livros juntos."**

**A "Carruagem de Ouro" era o nome da peça. Quando Leonov voltou a Moscovo, encontrou a peça, reescreveu-a e mais tarde publicou-a. De facto, tornou-se bastante popular com ela.**

**Durante esses encontros literários que aconteciam na Bulgária, Baba Vanga foi visitada por muitos escritores famosos, incluindo John Cheever, William Saroyan, Eugeni Evtushenko, Andrey Voznesenski, Bulat Okudzhava, entre outros.**

**Em 1965 eu ainda vivia e trabalhava em Petrich e, um dia, encontrei-me com os meus colegas escritores – Venko Markovski e Ivan Arzhentinski. Contaram-me que tinham visitado Baba Vanga. À saída, Baba Vanga disse-lhes, com voz muito séria: "Vão à oficina de reparação automóvel mais próxima, porque esse vosso carro não vos vai levar muito longe." Venko e Ivan não levaram muito a sério as palavras dela, mas o respeito e fé que tinham por Baba Vanga fizeram-nos seguir o conselho. Descobriram que os travões do carro estavam praticamente a falhar. Enquanto viveram, ambos recordavam esta história e mencionavam sempre Baba Vanga com gratidão.**

**Muitas pessoas iam ver Baba Vanga, incluindo aquelas que lhe proibiam de fazer leituras às pessoas.**

**Um ano, levei Stefan Getsov (um famoso ator búlgaro) para se encontrar com Baba Vanga. Inicialmente fomos comprar duas mesas de mármore, pois produziam-nas em Petrich. Isso aconteceu naqueles tempos em que ela não podia receber pessoas. Combinei o encontro através do presidente da câmara na altura – Stoil Bozhikov. Baba Vanga, a filha Veneta e o marido receberam-nos com muita cordialidade. Fizeram-nos café e começámos a conversar. Passados uns 10 minutos, Baba Vanga disse: "Evtim, este teu amigo que está aqui ao teu lado – vejo-o num palco muito grande!"**

**Baba Vanga reconheceu corretamente que Stefan era artista. Ninguém disse nada sobre ele durante a nossa conversa, nem sequer o apresentámos a ela. Eu apenas confirmei que ela tinha razão, e ela continuou a falar com Stefan: "Foi bom teres mandado a tua mãe viver noutro lugar, caso contrário terias divorciado da tua segunda mulher também… mas tu e os teus pais cometeram um erro há anos."**

**Stefan, ao princípio, não percebeu o que ela queria dizer com isso, e nesse momento Baba Vanga prosseguiu: "Porque não aceitaste tornar-te médico, quando te queriam mandar para França? Terias sido o maior talhante."**

**Assim que Stefan ouviu aquelas palavras, ficou muito pálido. Não disse uma palavra sequer, permaneceu em silêncio.**

**Quando saímos do quarto de Baba Vanga, Stefan parou-me e disse: "Vou dizer-te uma coisa que só três pessoas sabem – a minha mãe, eu e outro homem. Nos anos 50, um coronel da Segurança Nacional ofereceu-me trabalhar para eles. Queriam mandar-me para França para estudar Medicina. Foi por isso que Baba Vanga me disse que eu teria sido um grande talhante, cirurgião. Mas ninguém sabia disso!"**

**Numa das raras vezes em que levei pessoas a Baba Vanga, passei por uma situação muito embaraçosa. Em geral, evitava ter essa responsabilidade de levar pessoas à profetisa, mas desta vez fiz uma exceção. Era 1964 e eu ainda trabalhava no centro comunitário de Petrich. Fomos visitados por um famoso ensemble folclórico. Um dos cantores e o líder do ensemble pediram-me para os levar a Baba Vanga.**

**Fomos à casa dela às 2 da manhã – já havia pessoas à espera. Às 5 da manhã, o pátio estava completamente cheio. Por volta das 5:30, Baba Vanga saiu. Havia uma vedação entre a casa dela e a fila de pessoas, por isso começou a falar com elas através da vedação, dando a algumas leituras rápidas ou até expulsando outras (Baba Vanga tinha uma atitude muito rigorosa para com mulheres que traíam os maridos, entre outras coisas). Quando chegou a nossa vez, virou-se para a cantora e disse-lhe: "Por que vieste ver-me – vieste há cerca de um mês? Vens outra vez perguntar-me sobre o teu marido?"**

**"Sim, venho por ele outra vez, para me dizeres se ele me vai deixar?" – disse a cantora. Baba Vanga, com voz zangada, respondeu alto: "Como tens coragem, acabaste de sair da cama do líder do teu ensemble que está aqui ao teu lado, ainda cheiras a lençóis, e vens aqui perguntar-me se o teu marido te está a trair e se te vai deixar? Não leio para pessoas como tu – vai-te embora e nunca mais voltes."**

**Senti-me mesmo muito embaraçado em frente de Baba Vanga. O líder do ensemble ficou literalmente petrificado – não disse uma única palavra.**

**Desde esse momento tão constrangedor, nunca mais assumi compromissos de levar outras pessoas a Baba Vanga. Lembro-me de uma vez ela me ter contado uma história relacionada com traição. Uma jovem foi ter com ela para pedir conselho. Ficou grávida do amante e queria saber se devia ter o filho e mentir ao marido, dizendo que era dele. Baba Vanga disse-lhe que, como não se protegeu, daria à luz e cuidaria da criança – "o que semeias, colhes".**

**A mulher disse-lhe que já tinha um filho do marido, o que complicava ainda mais a situação. Queria ter os dois homens. Então Baba Vanga não conseguiu conter-se e disse-lhe que ela não merecia nenhum dos dois e estava a ser castigada por Deus. O marido da mulher entrou logo a seguir, perguntando a Baba Vanga porque é que a esposa andava tão nervosa nos últimos meses. Nesse momento, Baba Vanga não conseguiu dizer-lhe a verdade e simplesmente mudou de assunto.**

**Baba Vanga condenava fortemente as mulheres que traíam os seus maridos. Na nossa região (Petrich) os mais velhos dizem: "A mulher é a casa." Porque não dizem "o homem é a casa"? Porque é a mulher que cuida**

**da casa, dos filhos, do homem, e estabelece os valores morais e os princípios numa família.**

**Ao mesmo tempo, onde havia dor e sofrimento, Baba Vanga era sempre profundamente compassiva. Consolava sempre as pessoas, fosse com palavras boas ou com conselhos diretos, como nos casos em que enviava milhares de pessoas a médicos específicos ou lhes dava um remédio caseiro único, que miraculosamente curava a doença. Era um ser humano extraordinário – vou recordá-la sempre pelo bem!**

**História contada por Vladimir Bondarenko**
**Jornalista e cientista político ucraniano**

**Encontrei Baba Vanga duas vezes – a primeira foi em 1972, quando ainda estava na segunda classe. Infelizmente não consegui vê-la, pois estava cego nessa altura. Nesse mesmo ano eu e os meus pais mudámo-nos de Koblevo para Herson. Comecei numa nova escola. Tudo corria bem até ao dia em que um aluno mais velho da escola me bateu muito mal. Tive uma dor de cabeça terrível durante alguns dias e depois comecei a perder gradualmente a visão. O meu oftalmologista receitou-me óculos e disse-me para não forçar a vista.**

**Tudo aquilo soava como uma sentença para mim. Eu adorava ler e não parava durante horas. Adorava ler os livros de Mayne Reid, Jack London, Cooper Green... Escondido da minha mãe, usava uma lanterna para ler estes livros debaixo do cobertor, noite fora. A doença piorava e até os médicos de Moscovo começaram a mostrar sinais de impotência. Diziam que não havia muito mais a fazer, pois já se tinha desenvolvido uma atrofia no nervo ótico. Propuseram assinar os papéis para me atribuírem o estatuto de deficiente. Para uma criança de 10 anos, isso foi um golpe muito duro. Muito rapidamente perdi completamente a visão. Sentia que a minha vida tinha acabado. Não podia ir à escola, não podia ler, não podia brincar com as outras crianças na rua. Entrei numa depressão profunda, ficando horas deitado na cama.**

**Foi então que a minha mãe começou a levar-me a videntes e místicos. Infelizmente todos esses encontros foram uma perda de tempo, mas mesmo assim a minha mãe não desistiu. Tinha ouvido falar de Baba Vanga e decidiu levar-me à Bulgária para a visitar.**

**A minha mãe levou dois pacotes de manteiga da fábrica onde trabalhava como contabilista. Em frente à casa de Baba Vanga havia uma fila enorme. A minha mãe deu o presente ao segurança que ajudava Baba Vanga com as visitas. Pouco depois fomos chamados a entrar. À janela apareceu uma jovem que disse: "Tragam o rapaz que via bem e agora tem uma noite sem fim." Entrámos na casa, e a minha mãe começou a chorar, caindo de joelhos, suplicando a Baba Vanga por ajuda.**

**Baba Vanga disse que eu era o filho primogénito, e que tinha o nome do irmão falecido da minha mãe. De repente senti como se mãos femininas quentes tocassem nos meus olhos. Baba Vanga murmurava algo por cima de mim, e depois disse: "Tu és como eu. Vais ver não só o que está perto, mas também o que está longe." Tive a sensação de que um raio atingiu os meus olhos, e de repente ganhei a confiança de que voltaria a ver!**

**E foi exatamente isso que aconteceu. A noite constante começou gradualmente a tornar-se uma escuridão cinzenta com contornos vagos dos objetos. Apenas alguns dias depois comecei a ver mais claramente. No início não disse a verdade à minha mãe. Tinha medo de que esta melhoria da visão fosse temporária e que a escuridão negra voltasse. Quando saímos do comboio em Kiev, eu já via quase perfeitamente, mas ainda não disse uma palavra. Só quando chegámos a casa é que disse à minha mãe: "Porque é que puseste o leite na tigela verde e não na minha azul favorita?" Ela deixou cair o saco das compras e, com as mãos a tremer, abraçou-me e começou a chorar.**

**Logo no dia seguinte fomos a um oftalmologista para fazer um exame de rotina, e ele não conseguia acreditar naquele milagre. Poucas semanas depois da visita a Baba Vanga, a minha visão estava completamente restabelecida!**

**Manol Tochkov – Baba Vanga Deu Paz ao Meu Filho**
**Baba Vanga – A Maior Clarividente Búlgara**

**Manol Tochkov, sargento-mor da reserva, nasceu em 1940 na aldeia de Bryagovo. A sua infância em Bryagovo foi passada entre bois, vacas e burros. Em 1960, formou-se na Escola de Sargentos em Asenovgrad e mais tarde foi destacado para a divisão de Kurdzhali.**

**Durante três décadas foi sargento de uma bateria e chefe de um armazém de armas e munições. Casou-se com uma mulher da terra e começou do zero. Gradualmente ele e a esposa construíram o seu "ninho" familiar. Tiveram três rapazes. Infelizmente, em 1986, Manol perdeu o seu filho primogénito.**

**"Desde então tudo ficou de pernas para o ar. Eu e a minha mulher esquecemos o que era alegria e felicidade, ficámos cheios de medo. O meu filho tinha apenas 26 anos – era um bom especialista em eletrónica. Trabalhava no departamento de segurança do Ministério do Interior. Esta notícia funesta caiu como um raio num céu azul. O meu filho morreu num acidente de carro no centro de Kurdzhali, em frente ao hotel 'Bulgaria'. Ainda hoje não se sabe exatamente o que aconteceu, mas como resultado de uma manobra apertada, o meu filho embateu em pilares de betão e morreu no local."**

**Foi então que a família, desolada, decidiu perguntar a Baba Vanga o que tinha acontecido. 1986 ainda era um tempo em que visitar a profetisa era considerado heresia. Ser sargento e, por consequência, membro do partido comunista, era outro obstáculo sério para Manol, para o desencorajar de visitar Baba Vanga. Se esta visita se tornasse pública, perderia o emprego e nem se fala nas consequências sérias que isso teria na sua carreira futura. Para além de tudo, Manol era um ateu convicto. Apesar de tudo, decidiu arriscar e foi visitar Baba Vanga.**

**"Entrámos na casa dela e Baba Vanga recebeu-nos. Primeiro fez perguntas gerais como quem éramos, de onde vínhamos, onde trabalhávamos e por que razão a vínhamos ver. Olhava para nós com os seus olhos cegos de forma tão intensa que eu e a minha mulher ficámos um pouco intimidados – até errámos a data da morte do meu filho. Ele morreu a 15 de Agosto e nós dissemos 13 de Agosto. Baba Vanga interrompeu-nos imediatamente e gritou em voz alta:**

**'A informação que vejo é que o vosso filho morreu no Dia da Assunção, a 15 de Agosto. Porque é que me mentem?'**
**Quando sentiu que estávamos muito envergonhados pelo nosso erro, continuou num tom calmo: 'Quando as pessoas estão afundadas na dor, podem até esquecer o próprio nome, quanto mais datas ou meses... Os**

**boatos que ouvem em Kurdzhali estão todos errados, não se preocupem com a estupidez dos outros.**

**O vosso filho estava sozinho no carro quando morreu. Assim é que estava escrito para ele – passar para o outro lado neste grande feriado cristão. O vosso filho foi colocado no caixão com um facto cinzento-claro, camisa creme e gravata escura.' Foi exatamente assim, não falhou em nada. De repente o rosto dela ficou tenso e ficou calada por um ou dois minutos. Depois disse novamente em voz alta: 'Aqui está o vosso filho, vejo-o à minha frente. Ele está zangado porque o enterraram sem o relógio – ele quer o relógio dele.'**

**Expliquei que no acidente o relógio do meu filho ficou completamente destruído, e não pudemos colocá-lo no caixão. 'Vão comprar-lhe um novo! Quando fizerem o serviço memorial pelo 40.º dia, deixem o novo relógio no túmulo dele!'**

**A minha mulher também perguntou a Baba Vanga sobre os nossos familiares vivos. Ela voltou a ser muito precisa ao dizer: 'O vosso outro filho, George, está agora a estudar numa escola técnica. Vão construir-lhe uma casa em breve. O imóvel que pertencia ao vosso filho falecido será passado para o George. Quero que venham visitar-me um ano depois da morte do vosso filho.'**

**Passados exatamente 365 dias, Manol e a esposa foram ao Rupite visitar Baba Vanga novamente. Logo de início ela disse: 'Primeiro, façam um serviço memorial no dia de aniversário do vosso filho – ele ficará mais feliz. Segundo, removam essa laje de mármore do túmulo – ela pesa-lhe muito. Terceiro – pensem mais nos irmãos vivos dele.'**

**Mas isto não foi o fim da história. Manol não contou à profetisa que com um dos olhos estava quase cego. Durante um exercício militar, feriu-se e a retina ficou cheia de sangue. Gradualmente, quase perdeu a visão nesse olho. Manol fez duas cirurgias complexas no Hospital Militar de Sófia, mas a condição piorou em vez de melhorar. Tudo isso aconteceu antes do acidente de carro do filho. A esposa perguntou a Baba Vanga se a visão dele voltaria a melhorar. A profetisa previu que Manol não ficaria completamente cego, mas que sofreria.**

**“Antes de conhecer Baba Vanga, era um ateu completo. A minha mãe pedia-me sempre para beijar a mão do nosso padre Stoyo em Bryagovo – nunca o fiz. Mas pela Baba Vanga estou pronto a beijar-lhe os pés, se for preciso – para mim ela é uma Santa.**
**O meu consolo hoje são os meus outros dois filhos e os meus netos. Estou muito grato à Baba Vanga – se não a tivéssemos visitado, duvido que o meu filho tivesse encontrado paz e harmonia no outro mundo.”**

**História contada pelo capitão Peter Ivanov**
**Ex-inspector do Departamento de Passaportes da Bulgária**

**Em Março de 1960, fui contratado como inspector no Departamento de Passaportes da Bulgária – um subdepartamento da polícia. A minha função era assistir as unidades de fronteira da polícia e controlar se seguiam os procedimentos e normas no exercício das suas funções profissionais. Foi essa função que me levou a conhecer Baba Vanga.**

**Ouvi muitas histórias sobre o dom fenomenal dela para prever o futuro e ler as pessoas com uma precisão inacreditável, mas não tinha muito interesse em conhecê-la.**

**Fiquei bastante surpreendido com o número de pessoas que esperavam dias para obter autorização para atravessar a fronteira e chegar a Petrich – onde Baba Vanga vivia. Muito poucos revelavam a verdade de que iam encontrar-se com a profetisa. A maioria sabia muito bem que era proibido pela República Popular da Bulgária visitar profetas, oráculos, médiuns e todas as outras pessoas com dons especiais, que eram amplamente rejeitados pelo regime comunista da época. Por isso, as pessoas apareciam com todo o tipo de desculpas, como visitar familiares, visitar parentes que eram recrutas, participar em feriados nacionais, visitar um médico, e por aí fora.**

**Por precaução, a nossa agência de fronteiras exigia documentos que comprovassem a necessidade da respetiva visita.**

**Havia pessoas que declaravam que iriam visitar a aldeia vizinha (do outro lado da fronteira), mas assim que lá chegavam, tentavam chegar a Petrich. Alguns até arriscavam conduzir até Petrich com o seu próprio carro, porque se tivessem de ir de autocarro ou comboio, teriam de preencher**

**toda a documentação de declaração, incluindo a justificação de porque estavam a visitar a Bulgária.**

**Nalguns casos, alguns funcionários alfandegários mostravam condescendência e emitiam passes de entrada para pessoas que queriam chegar a Petrich. Tudo isto violava as normas e regras estabelecidas.**

**Tentei obter mais informações sobre Baba Vanga junto de alguns colegas meus. A versão oficial era que ela não dizia nada com precisão e tinha cúmplices que a ajudavam a recolher informações sobre os visitantes.**

**Queria mesmo descobrir por mim próprio se Baba Vanga era apenas um mito ou se realmente tinha capacidades fenomenais para nos ler como um livro aberto.**

**O meu interesse tornou-se ainda maior quando alguns jornais e revistas publicaram alguns artigos sobre ela.**

**Mais tarde, a famosa revista soviética da época chamada "Communist" publicou alguns materiais interessantes sobre pesquisas científicas feitas a pessoas com capacidades sobrenaturais. O fenómeno Baba Vanga também foi mencionado na revista. Essencialmente, os cientistas tentavam resolver e explicar empiricamente esses fenómenos naturais.**

**Uma vez discuti esses artigos com alguns dos meus superiores, mas disseram-me que a proibição de visitar Baba Vanga ainda estava em vigor.**

**Fiquei completamente convencido das capacidades fenomenais da Baba Vanga no verão de 1964, quando fui enviado numa deslocação de serviço a Petrich. Durante três dias, tinha de inspecionar o trabalho do departamento de polícia local relativamente à emissão de documentos de identificação e passaportes, bem como o registo de morada dos cidadãos locais. Nem sequer me passou pela cabeça perder tempo com o caso da Baba Vanga.**

**Assim que terminei a inspeção num edifício fora da cidade, logo no primeiro dia, apanhámos um carro da polícia para regressar. Em frente a uma casa, reparei em centenas de pessoas à espera. Perguntei aos meus colegas porque é que aquelas pessoas estavam ali e disseram-me que**

**aquela era a casa da Baba Vanga. Pedi-lhes que me deixassem ali, que podiam seguir, pois eu regressaria ao hotel a pé.**

**Entrei no quintal da casa e reparei em homens, mulheres e crianças sentados ou de pé junto à vedação. Julgando pelas roupas e pelas bagagens, percebi que algumas daquelas pessoas estavam ali há dias. A certa altura, uma rapariga saiu da casa e, em voz alta, disse: "Já vos disse, a Baba Vanga está muito cansada e não vai receber mais ninguém hoje."**

**Pensei que ela estivesse doente, pois estávamos no pico do verão e fazia muito calor. Fiquei com pena de não ter chegado na altura certa e virei-me para regressar ao hotel. Dei dois ou três passos quando ouvi outra voz a dizer: "Esse homem, junto à entrada — deixem-no entrar."**

**Na porta, atrás da rapariga, vi a Baba Vanga. Era exatamente como me tinham descrito — de meia-idade, estatura média, vestida de forma muito modesta. Dirigi-me a ela, passando por todas aquelas pessoas que me olhavam com uma certa inveja. Estava, provavelmente, muito emocionado e nervoso, pois tropecei no tapete que estava à porta. A rapariga convidou-me a entrar, e entrei no quarto da Baba Vanga. Era uma divisão típica de aldeia — não tinha nada de diferente do quarto dos meus pais, que viviam no campo. Os mesmos tapetes e toalhas feitos à mão espalhados por todo o lado. A mesma calma, limpeza e simplicidade... Ao entrar, tentei manter-me o mais calmo possível, para não pensar em mim nem no meu trabalho.**

**Tinha a certeza de que ninguém tinha dado informações sobre mim, pois todo o encontro aconteceu puramente por acaso. Nem sequer dormi com um cubo de açúcar debaixo da almofada, como era costume entre aqueles que iam visitar a Baba Vanga. Não parava de me perguntar como é que aquela mulher cega, sentada naquela divisão semi-escura, descobriu que eu estava junto à entrada do quintal e me chamou no preciso momento em que eu me preparava para ir embora — apesar de estar tão cansada.**

**A Baba Vanga começou a conversa em voz alta. Fazia perguntas e, poucos segundos depois, respondia ela própria: "Onde trabalhas? És de Sófia, perto da Ponte dos Leões, num edifício grande. O teu escritório fica mesmo ao lado do chefe de inspeção... ele respeita-te muito. O que tens nos ombros? Ah, vejo dragonas com estrelas. Vais ser promovido em breve."**

**Ela adivinhou com uma precisão inacreditável onde eu trabalhava e que o meu gabinete era perto do meu superior, mas como é que ela viu as minhas dragonas — se eu estava à civil? E viu as estrelas (eu era capitão na altura). Quanto à promoção, não acreditei — ainda teriam de passar pelo menos dois anos, se fosse promovido de todo.**

**A Baba Vanga não se demorou muito neste assunto e rapidamente mudou para a minha família. Adivinhou com precisão que os meus pais viviam no campo, que tinha dois irmãos e uma irmã, dizendo exatamente onde moravam também. Depois ficou em silêncio por uns segundos e disse: "Vejo uma campa fresca... ah, era o teu pai." De facto, o meu pai tinha falecido recentemente e enterrámo-lo onde vivia. Prosseguiu: "Vejo que vais mudar de apartamento em breve." Nesse momento, olhei involuntariamente para o lampadário de igreja que estava preso na parede — fiquei estupefacto. A Baba Vanga estava de costas para mim e mesmo assim percebeu o momento em que olhei para aquela lamparina. "Tal como a maioria das mulheres idosas, também tenho uma lamparina — mas não abuso dela."**

**Muito provavelmente, a Baba Vanga queria sublinhar que era uma grande crente, que era cristã. Ainda assim, naqueles tempos, todas as religiões ou fenómenos paranormais eram amplamente rejeitados e proibidos pelo Governo, por isso fez questão de mencionar que não abusava disso.**

**Poucos meses depois do encontro com a Baba Vanga, encontrei absolutamente por acaso um antigo colega meu, que já não via há muito tempo. Ofereceu-me um apartamento muito acolhedor, mesmo perto de onde eu trabalhava na altura. Um parente dele ia mudar-se, por isso, em apenas três dias, recebi a aprovação da câmara municipal para me mudar.**

**Graças ao facto de viver perto do trabalho, participei numa operação policial para capturar um prisioneiro perigoso que tinha fugido da prisão. Fui condecorado com um relógio especial, oferecido pelo ministro da Administração Interna. Pouco tempo depois, fui promovido ao posto de major. Eis como todas as palavras da Baba Vanga se tornaram realidade até ao mais pequeno detalhe.**

**Passado algum tempo, tive um colega de casa no meu novo apartamento — Alexander Varbanov, um músico da Orquestra Filarmónica da Bulgária.**

**Ele insistiu em conhecer a Baba Vanga, e um ano mais tarde levei-o a Petrich para se encontrar com a profetisa. Mesmo antes de entrarmos na sala da Baba Vanga, ela disse em voz alta: "Pedro, és tu outra vez — porque é que trouxeste este homem contigo?" Começou literalmente a gritar com ele, dizendo: "Porque é que abandonaste a tua família, a tua menina pequena? És tão ganancioso para enriqueceres. Não terás família, não terás felicidade, agora vai-te embora."**

**Fiquei tão surpreendido por ela me chamar pelo nome, que eu nunca lhe tinha dito no nosso primeiro encontro. Ainda mais espantoso foi o facto de ter adivinhado todos aqueles detalhes sobre o meu colega de casa — sem sequer ter o cubo de açúcar dele. O Alexander ficou completamente arrasado — nem teve coragem de perguntar se iria casar com a nova namorada. Limitou-se a sair da sala, a suar e com lágrimas nos olhos. Fiquei profundamente abatido ao ver a expressão no rosto dele.**

**Seis meses depois, o Alexander foi para a Áustria com os seus colegas da orquestra. A esposa dele suicidou-se, atirando-se do quarto andar. Na primavera de 1990 voltou à Bulgária e veio visitar-me. Desci e vi o seu Mercedes branco e a filha, que vivia com ele na Alemanha. Disse-me que tinha tudo (ou seja, financeiramente estava seguro), mas que ao mesmo tempo era profundamente infeliz. Foi nesse momento que me lembrei de tudo o que a Baba Vanga tinha dito sobre ele — e mais uma vez, ela tinha razão.**

**Relato contado pelo Prof. Dr. Lyubomir Kostov, de Stara Zagora. No verão de 1980, eu e um grupo de cientistas búlgaros, liderados pelo presidente da associação de cientistas — o académico Kiril Bratanov — dirigíamo-nos a Salónica, na Grécia. A cidade acolhia o 20.º congresso mundial de medicina veterinária. Passámos a noite num hotel em Petrich, onde vivia a Baba Vanga. O presidente da câmara da cidade na altura era o Dr. Dimitar Napoleonov. Contou-nos em detalhe sobre os encontros entre a Baba Vanga e políticos e empresários de alto escalão, incluindo reuniões com Lyudmila Zhivkova (filha do líder comunista da Bulgária — Todor Zhivkov). Essas histórias despertaram o interesse das nossas mulheres, que insistiram para que também nos encontrássemos com a Baba Vanga.**

**O encontro teve de ser marcado imediatamente, pois tínhamos de seguir para a Grécia de madrugada. O Dr. Napoleonov disse-nos que, embora**

**tivesse ligações muito próximas com a Baba Vanga, seria muito difícil conseguir-nos uma audiência a uma hora tão tardia, considerando que ela recebia pessoas o dia inteiro.**

**A persistência das nossas mulheres prevaleceu, e o presidente da câmara de Petrich fez um telefonema para a Baba Vanga. Eventualmente, ela concordou em ver não mais do que três ou quatro pessoas. O académico e os colegas de Sófia recusaram ir, pois eram céticos relativamente às capacidades de adivinhação da Baba Vanga. Os quatro que fomos éramos eu, o meu amigo Dr. Delyanov e as nossas esposas.**

**Já estava a escurecer quando encontrámos a Baba Vanga no seu quintal, sentada num banco em frente à sua casa, rodeada de flores em flor. Eu, o meu amigo e o presidente da câmara ficámos do lado de fora, junto à vedação, enquanto as nossas mulheres entraram. Então a Baba Vanga disse em voz alta: "Presidente, quem é que me trazes agora — médicos de cavalos? Porque é que eles não entram também — têm medo de mim?"**

**Eu estava apenas um pouco cético, mas acabámos por entrar no quintal da Baba Vanga e, nesse momento, as nossas mulheres começaram a tirar os cubos de açúcar e deram-nos a ela. Só então descobri que a minha mulher também tinha posto açúcar debaixo da minha almofada, sem me dizer nada.**

**A Baba Vanga começou a rir-se alto — o seu rosto era muito branco, com tons rosados, a pele lisa, sem rugas. Virou-se para a minha mulher e perguntou-lhe: "Eu conheço-te — és actriz — de onde és?"**

**"De Stara Zagora" — respondeu a minha mulher rapidamente.**
**"Muitas atrizes são 'mulheres fáceis' (ou seja, dormem com diferentes homens), mas tu não és uma delas. Então por que vieste com o teu marido ao congresso de veterinária na Grécia, em vez de estares em casa com o teu filho, que tem as amígdalas inflamadas? Assim que regressares a Stara Zagora, leva o teu filho diretamente ao Dr. Gugalov, ou será tarde demais."**

**De facto, o nosso filho foi operado às amígdalas supuradas e a cirurgia foi feita precisamente pelo Dr. Gugalov.**

**Depois, a Baba Vanga continuou: "Quem são a Tanka e o Peter? Estão a perguntar quando é que vais arranjar o portão da frente da tua casa? E cuida bem da tua menina."**
**Ao início, a minha mulher ficou confusa — aqueles nomes não lhe eram familiares, além de que nós não tínhamos uma menina. A Baba Vanga disse novamente, com voz insistente: "Tens, tens, não me digas que não sabes."**

**Nesse momento, percebi logo do que se tratava e disse: "Sim, a Tanka é a minha mãe e o Peter é o meu tio, e a menina de quem fala é a minha filha do primeiro casamento."**

**A Baba Vanga pegou no meu cubo de açúcar e virou-se para a minha mulher, dizendo: "O teu marido está muito nervoso neste momento — tem um grande desafio pela frente." (Eu estava a defender a minha dissertação daí a dois meses.) "Mas tu não ligues a esses momentos de nervos dele. Ele tem muitos inimigos à volta... Bem, não o vão matar, mas fazem muita coisa indigna e suja nas suas costas... Vai ficar tudo bem, mas o teu marido não vai trabalhar no estrangeiro. É melhor cuidares de ti própria e não te preocupares com o teu marido — ele vai ficar bem."**

**Defendi de facto a minha dissertação, não fui trabalhar para o estrangeiro, mas o pior de tudo foi quando a minha mulher faleceu de cancro alguns anos depois.**

**A Baba Vanga também me disse: "Olha o lado direito do teu carro, para não voltares da Grécia sem ele."**

**Na manhã seguinte, verifiquei cuidadosamente o carro, e parecia estar tudo normal. Dez dias depois, em Atenas, embati noutro carro — exatamente na parte da frente, do lado direito.**

**Ao sairmos, a Baba Vanga disse-me novamente: "Vai acender uma vela na igreja, que já não a visitas há muito tempo. E protege-te das pessoas que tens mais próximas de ti."**
**A Baba Vanga previu isto com uma precisão impressionante — os maiores inimigos na minha dissertação foram, de facto, colegas do meu círculo de amizades mais próximo.**

**Depois do meu encontro com a Baba Vanga, enviei muitas pessoas para a visitarem. Lembro-me desta história triste sobre um piloto de caça que desapareceu durante um treino. Não havia dados oficiais sobre onde tinha desaparecido. Havia todo o tipo de rumores: que se tinha despenhado, que estava em contato com a estação de rádio do inimigo, e por aí fora. Os pais do piloto foram ter com a Baba Vanga para obter informações. Assim que entraram, a Baba Vanga disse-lhes: "Parem de andar por aí à procura do vosso filho. O Lyudmil está no fundo do Mar Negro — esse era o destino dele, estava escrito na pedra. Lá onde está, ele sente-se bem, e pede-vos que não chorem tanto por ele."**

**Relato de George Ivanov Sodatski, de Pazardzhik. Em 1980, o meu sobrinho Nikola Vashteff, que era motorista internacional, foi enviado com quatro colegas para o Afeganistão para entregar uma carga, sem saber o que transportava. Quando perguntaram, disseram-lhes que era segredo militar. No regresso, bandidos mascarados abriram fogo sobre o veículo deles e, por milagre, ninguém morreu.**

**Duas semanas depois, mandaram-nos de novo para o Afeganistão. O meu sobrinho opôs-se e disse que ainda tinha pesadelos da viagem anterior. Disseram-lhe que, se desobedecesse, seria despedido.**

**'Camarada diretor, está a mandar-me para a morte certa' — disse ele — 'E sabe que não volto vivo, vou deixar uma viúva com dois filhos e uma mãe doente.'**
**Infelizmente, o meu sobrinho tinha razão e foi morto. Morreu a 23 de Maio de 1980, por volta das 6h, segundo os colegas.**

**Queríamos defender os direitos dele como cidadão e tentar obter uma indemnização. Escrevemos uma carta a Todor Zhivkov, ao general Dobri Djurov e ao general Semerdjiev. Nunca recebemos resposta. Falei do caso com um advogado, mas aconselhou-me que não podíamos avançar com um processo, visto que o assassinato aconteceu fora de um país comunista.**

**Tive uma reunião privada com o general Semerdjiev, que pessoalmente tinha recebido a informação sobre a morte do meu sobrinho. Bateu-me no ombro e disse-me que o Governo tomaria conta das crianças, e que a viúva seria considerada heroína nacional e receberia uma pensão. Passaram-se**

**meses, depois anos, mas todas essas promessas ficaram apenas em palavras.**

**Decidi ir ter com a Baba Vanga. Foi em Agosto de 1983. Ela saiu e sentou-se no banco do quintal. Eu era o primeiro de cerca de 50 pessoas à espera. Sentei-me ao lado dela e ela perguntou-me se tinha trazido açúcar. Disse que não. "Dá-lhe o teu relógio", sussurrou uma das pessoas. Mas quando estava a tirar o relógio, a Baba Vanga falou:**
**"Ahh, vens por causa do jovem que foi morto. Estás à procura de ajuda, de dinheiro. O dinheiro foi enviado, mas foi parar ao bolso de outra pessoa. Passaste por muita dor."**
**Esperei ouvir mais, mas ela disse: "Então vá, o que é que estás à espera, já te disse tudo, não vês quantas pessoas estão à espera?"**

**Análise da história: "O dinheiro foi enviado, mas foi parar ao bolso de outra pessoa." Quando a Baba Vanga não quer revelar pormenores de um caso complicado, é breve. Diz apenas o que não magoa nem a ela nem as pessoas que têm problemas com o Governo. Mesmo que veja tudo com detalhe, mantém-se em silêncio.**

**A mensagem que quis transmitir aqui é que, para as vítimas, ficasse claro que, a nível superior, o dinheiro foi mesmo enviado, mas algures na cadeia alguém o roubou. Existem centenas de histórias em que a Baba Vanga esconde pormenores e evita dar certas informações. Costumava dizer aos seus visitantes que com política e casos de roubo não queria ter nada a ver.**

**História contada por Vasil Kaltchev, de Targovishte**

**Conheci a Baba Vanga em 1960. Ela estava na sua casa na região de Rupite quando eu fui fazer um tratamento na aldeia vizinha de Marikostinovo. Durante a minha estadia na aldeia, conheci muitas pessoas locais que me contaram todo o tipo de histórias incríveis sobre as suas experiências com esta grande profetisa. Aqui está uma que me chamou a atenção.**

**Durante as épocas mais atarefadas do ano para a agricultura na província de Petrich, muitas pessoas das aldeias vizinhas iam em massa à casa da Baba Vanga para receberem os seus conselhos inestimáveis. Como havia falta de mão-de-obra, visto que o trabalho nos campos aumentava de dia para dia, a polícia local decidiu expulsar a Baba Vanga da província de**

**Petrich e enviá-la para o interior do país. O inspetor-chefe da esquadra de polícia de Petrich chamou um dos seus agentes para ir prender a Baba Vanga e explicar-lhe a ordem do Governo para o seu exílio daquela região.**

**O agente dirigiu-se à casa da Baba Vanga, entrou e ficou parado à sua frente. Mesmo antes de ele dizer uma única palavra, a Baba Vanga disse-lhe: "Eu sei porque estás aqui. Irei contigo, mas antes de irmos, corre depressa para casa, porque o teu filho caiu no teu poço. Vai salvá-lo enquanto ainda está vivo, e depois volta para me prenderes."**

**O agente ficou a ouvir, com um ar aterrorizado, o que a Baba Vanga acabara de dizer, e sem hesitar saiu a correr para casa o mais depressa que conseguiu. Quando chegou, encontrou a mulher à porta, ansiosa à procura do filho.**

**"Perdi o miúdo, não o encontro em lado nenhum" — disse-lhe a mulher. O agente respondeu rapidamente: "Ele caiu no nosso poço, vamos depressa." Chegaram ao poço seco, que tinha ramos, ervas daninhas e palha. De facto, o miúdo estava em cima dos ramos — estava apenas assustado, com alguns arranhões e nódoas negras ligeiras. O agente trouxe uma escada e retirou o filho do poço. Com lágrimas de alegria, a mãe começou a abraçar e a beijar o filho.**

**"Quem te disse que o nosso filho estava ali?" — perguntou, surpreendida. "Foi a Baba Vanga" — disse o agente. "Fui à casa dela para a prender, pois recebemos uma ordem superior para que a Baba Vanga fosse exilada da nossa zona e enviada para o interior do país."**

**Depois, o agente voltou à esquadra para falar com o seu superior. "Onde está a Baba Vanga — trouxeste-a?" — perguntou o inspetor-chefe. "Não a trouxe" — respondeu o agente. "Não consigo fazê-lo, mesmo que isso me custe o emprego, simplesmente não consigo. O que ela fez por mim hoje, o meu coração não me permite prendê-la."**

**Então o agente contou toda a história ao seu superior.
O inspetor-chefe acenou com a cabeça em sinal de aprovação.
"Bem, é óbvio que esta mulher está a ajudar as pessoas da região. Ela não merece ser expulsa de lado nenhum. Apesar de ser cega, aparentemente vê**

**melhor do que nós. Vamos mantê-la aqui — vou tentar convencer as instâncias superiores da minha decisão."**

**História contada por Lilia Mladenova Tzaleva, de Sófia**

**Eu e alguns amigos tivemos a oportunidade de ir a Petrich no dia 7 de Outubro de 1964 para visitar a Baba Vanga.**
**Pusemo-nos na fila com a minha amiga (ela não acreditava em profetas nem em fenómenos paranormais) e começámos a esperar pela nossa vez para nos encontrarmos com a profetisa.**

**A certa altura, a Baba Vanga apareceu à porta e começou a gritar que éramos demasiados naquele dia e que isso a deixava muito cansada — o cérebro dela ficava como elástico. Ali, começou a profetizar para pessoas ao acaso, virando-se para elas — à frente de todos. As pessoas saíam de lá espantadas quando ouviam a Baba Vanga dizer nomes de familiares ou de falecidos, lugares, descrever as suas casas ao mais pequeno detalhe, e muito mais.**
**Chegou a minha vez. O meu filho mais velho era recruta. Quando eu o ia ver ao quartel, chamava-o de Goshka — como sinal de ternura por ter de cumprir o serviço militar obrigatório, caso contrário, em casa chamávamo-lo de Gosho.**
**A Baba Vanga disse-me: "Gostas muito do Goshka! Ele vai tornar-se artista, será um homem próspero, vai viajar pelo mundo e terá um segundo casamento."**
**"E o que me diz do meu filho mais novo, que quer candidatar-se à universidade no curso de Química?" — perguntei, ansiosa.**

**"Nada de Química" — disse a Baba Vanga com voz firme. "Tal como o irmão, também ele estará na área das artes."**
**Com o passar dos anos, tudo o que ela disse sobre os meus filhos aconteceu — ao mais pequeno detalhe!**

**Não perdi a oportunidade de perguntar pelos meus outros familiares. A minha mãe, que tinha 62 anos na altura, não queria ser operada. Os médicos diagnosticaram-lhe cancro da mama. Perguntei à Baba Vanga o que aconteceria com ela, e ela disse: "A tua mãe está numa casa grande com muitas janelas, e há pessoas de avental branco à volta dela. Os médicos enganaram-se no diagnóstico — não é cancro da mama."**

**De facto, a minha mãe chegou aos 90 anos, quando faleceu pacificamente de um AVC. Quanto à minha sogra, que estava acamada depois de ter estado em coma, a Baba Vanga disse: "Vejo uma cova fresca." A minha sogra faleceu quatro meses depois. Depois, a Baba Vanga continuou: "És uma pessoa muito feliz. Tens uma boa vida à tua frente. Todos os teus familiares e amigos gostam muito de ti, mas o teu marido é quem mais te ama." Tudo isto era verdade, mas eu nunca dava importância — tomava tudo como garantido. Depois do meu encontro com a Baba Vanga, comecei a olhar para a vida de outra forma e passei, sem dúvida, a demonstrar mais respeito e amor pelo meu marido.**

**Lembro-me de uma história de outra mulher, que ouvi enquanto esperava à porta da casa da Baba Vanga. Quando a mulher entrou, a Baba Vanga começou logo a gritar com ela, dizendo que ela estava a trair o marido e o deixava sozinho a cuidar da casa e do filho deles. Disse-lhe: "Volta já para casa. Tens um homem tão bom que não mereces de todo."**
**Para a minha amiga que estava comigo, a Baba Vanga disse diretamente: "Para que queres que eu te diga alguma coisa, se não acreditas em profecias?"**

**Este encontro com a Baba Vanga fez-me perceber que todos nós temos o nosso destino, que não podemos mudar. Tornei-me uma pessoa melhor e passei a valorizar tudo o que tinha!**

**Análise da História**

**O poder da Baba Vanga de influenciar os reajustes morais das pessoas é enorme. Pelo respeito que as pessoas têm pelo seu dom fenomenal, as suas palavras — sejam de incentivo ou de crítica — são geralmente aceites como autoritárias e dignas de confiança. Essas palavras da profetisa têm a capacidade de mudar o rumo dos pensamentos das pessoas e de ajustar a consciência para uma avaliação objetiva e uma análise profunda do próprio comportamento.**

**É difícil contestar as críticas da Baba Vanga, pois ela expõe as más qualidades das pessoas, e a verdade não pode ser negada. Afinal, até o homem mais pecador — algures, bem no fundo — reconhece os seus próprios erros, apesar de tentar escondê-los ou arranjar desculpas. Uma vez exposto pela Baba Vanga, esse indivíduo percebe, muito**

**provavelmente, que tudo o que fazemos, pensamos e provocamos deixa uma marca algures.**

**Um dos atos mais nobres da Baba Vanga é precisamente este: recordar os bons valores morais a que cada pessoa deve regressar.**
**A Baba Vanga costumava dizer que algumas previsões podem ser canceladas ou alteradas. Se o pecador se tornar seguidor de bons valores e princípios, o seu castigo pode ser revertido. Se o homem bom seguir um mau caminho na vida, a sua bênção pode ser substituída por um castigo.**

**História contada por Stoyanka Stoyanova, de Burgas**

**Em 1969, a minha irmã foi visitar a Baba Vanga. Assim que a viu, a Baba Vanga começou a falar sobre o meu filho — Veselin, que foi morto aos 24 anos por um grupo de marginais.**
**"Vens de Kardzhali para perguntar pelo Veselin — ali está ele, vejo-o com os seus olhos encantadores e o cabelo bonito. Ele não voltará mais. Aqui está a avó Petra (esta era a minha mãe) — está com o Veselin. Neste momento, o Veselin está a saudar-te."**
**Assim que a minha irmã ouviu estas palavras, começou a chorar. A Baba Vanga perguntou-lhe porque não tinha trazido flores. A minha irmã tentou explicar, mas a Baba Vanga acrescentou: "Já não preciso das flores, mas quando voltares a Kardzhali, vai ao cemitério e leva flores frescas aos teus familiares."**

**A Baba Vanga também disse à minha irmã que o Veselin foi morto por 5-6 pessoas, e que a polícia haveria de encontrar os assassinos. Disse que ele foi morto perto de um rio, algures no meio do mato, junto a uma estrada. Inicialmente pensei que a minha irmã não tivesse ouvido bem o que a Baba Vanga lhe disse, por isso decidi ir eu própria visitá-la. Depois do encontro com ela, escrevi em detalhe tudo o que ouvi.**

**Eis um excerto da nossa conversa:**

**"Tu és a mãe do Veselin. Ali está ele — o bonito Veselin. Ele quer água, está a perguntar pelo relógio dele — onde está o relógio... Foi morto perto de uma estrada e de um rio, no meio do mato. Cerca de 5-6 pessoas embebedaram-no, e depois mataram-no. Começaram a segui-lo na sexta-feira, não conseguiram matá-lo no sábado, e domingo foi o dia."**

**A Baba Vanga repetiu literalmente as palavras que dissera à minha irmã. Depois continuou:**

**"O Veselin pergunta como estão as barragens, como está a ponte, como estão os pescadores. Pede-te que transmitas cumprimentos a todos eles. Diz que era um pescador apaixonado — o melhor peixe que apanhou foi num rio de águas muito claras. Queria estudar. No ano passado fez exames de admissão — e não foi aceite. Este ano tinha sido aceite para estudar em Sófia. Queria ter o seu próprio apartamento, ter o seu próprio carro, mas como ainda não estava pronto para um carro, primeiro queria comprar uma mota e um pequeno barco para poder ir pescar. Era muito inteligente, tinha de estudar matemática... Foi muito querido e muito chorado no funeral que lhe organizaste. Houve muitas flores no funeral, mas ele pergunta porque não foi levado à igreja."**
**"Porque — disse eu — as autoridades disseram que ou ia à igreja, ou ia estudar música."**
**"Fizeste bem" — disse a Baba Vanga.**

**Depois fez uma pausa de alguns segundos e prosseguiu:**
**"O Veselin pergunta pelo Bozhidar, Bozho? — este era o primeiro amigo do meu filho. Depois, a Baba Vanga enumerou os nomes da maioria dos seus amigos. 'Ele pede, de qualquer maneira, para enviares cumprimentos a todos os seus amigos. Pergunta pelo Todor e pelo Mehmed... Não vens diretamente de Kardzhali, mas sim de Plovdiv?'"**
**De facto, quando fui para Petrich, parei em Plovdiv para visitar o meu marido, que estava hospitalizado lá.**

**"Quem está no hospital?" — perguntou a Baba Vanga.**
**"É o meu marido" — disse eu rapidamente, e a Baba Vanga continuou:**
**"Ele está no departamento de oftalmologia, não consegue ver com os dois olhos, mas não te preocupes, os médicos em Plovdiv vão ajudá-lo... O Veselin pergunta pela camisola que ias tricotar para ele — o que aconteceu, tricotaste? Se não, faz isso e leva-a ao túmulo dele, na comemoração de um ano."**

**Ninguém sabia desta camisola, exceto o Veselin e eu. Ninguém sabia também que ele queria comprar uma mota. Perguntei à Baba Vanga de que cor ele queria a camisola, e ela disse que ele a queria cinzenta. Depois continuou a falar comigo como se estivesse a ler um livro à minha frente.**

**"Vives no terceiro andar — a tua casa é muito limpa e arrumada. Aumentaste a fotografia dele e colocaste-a em frente à tua cama — para o veres e chorares por ele. Não chores, mulher, choras demais — ainda te vais adoecer."**

**A Baba Vanga pediu-me para lhe levar um punhado de terra do túmulo do meu filho, quando passasse um ano. Fiz isso e, quando ela tocou na terra, disse sem hesitar que o meu filho tinha sido morto por dois homens, que lhe bateram na cabeça com uma arma.**
**"Um deles está na prisão agora. Porque é que o segundo ainda anda à solta?" — disse a Baba Vanga.**
**"Porque o protegeram" — respondi.**
**"Pois bem — estava escrito em pedra que terias um filho até aos 24 anos. Pára de procurar e de escavar o caso."**
**Isto é tudo o que a Baba Vanga disse sobre o assassinato do meu filho. A única coisa que não se concretizou foi que a polícia não apanhou os assassinos — pelo contrário, encobriram-nos.**

**A cereja no topo do bolo é que tudo o que a Baba Vanga me disse — eu já tinha ouvido do meu filho num sonho. A forma como ela descreveu o Veselin com tanta precisão — os olhos azuis, o cabelo e o rosto bonitos — foi como se o estivesse a ver mesmo à sua frente.**
**Para mim, a Baba Vanga é a maior profetisa que já vi na minha vida. Por mais forte que seja a ciência, nunca será mais forte nem mais poderosa do que Deus. Acredito verdadeiramente que a Baba Vanga foi enviada à Terra por Deus para ajudar quem precisa.**

**História contada por Rayna Furnadzhieva, da aldeia de Berovo, província de Plovdiv**

**Em 1974, depois de 12 anos de casamento, divorciei-me do meu marido. Ele tinha uma relação com uma mulher 20 anos mais nova do que ele, e depois do nosso divórcio casou-se com ela. Fiquei sozinha com os meus dois filhos. Pouco depois adoeci gravemente. Fiquei internada em várias clínicas em Sófia. Por fim, fui hospitalizada no hospital geral de Pazardzhik — no departamento de neurologia. Os médicos fizeram todo o tipo de exames, mas não me deram diagnóstico. Depois tentaram pôr-me de pé novamente através de terapias de eletrochoque. Fiquei imobilizada na cama durante 55 dias.**

**Tinha ouvido falar das capacidades fenomenais da Baba Vanga através de alguns colegas da universidade. Pedi à minha mãe para ir ter com ela, e embora fosse céptica e não acreditasse em dons proféticos, foi até Petrich para ver a Baba Vanga. Infelizmente, ela não estava em casa naquela altura. A minha mãe voltou e trouxe-me para casa, depois de me ter dado alta do hospital — nessa altura os médicos davam-me cerca de três meses de vida. Então ela apanhou o comboio e foi novamente a Petrich. Chorou a viagem toda. Por acaso, a minha mãe encontrou uma mulher que era próxima da Baba Vanga e, ao ouvir a minha triste história, essa mulher prometeu arranjar o encontro.**

**Logo à porta, a Baba Vanga disse à minha mãe: "Vens pela Rayna, mas ela não está doente por doença nenhuma. Porque demoraste tanto a vir ter comigo — pergunta-me."**
**A minha mãe fez-lhe apenas uma pergunta — se eu viveria, para poder criar os meus filhos (os meus filhos tinham 6 e 12 anos). "Neste momento não te posso ajudar, porque o Governo não me permite. Vai ter com o Atanas Dzambazov, da aldeia de Levunovo — ele ajudará."**

**A minha mãe foi imediatamente para a aldeia. Quando chegou à casa dele, viu muitas pessoas à espera no quintal. Ele chamou a minha mãe e disse-lhe que a estava à espera. A minha mãe deixou-lhe uma das minhas roupas, e ele deu-lhe uma folha de papel, dentro da qual havia outras mais pequenas, dobradas. Eu tinha de dormir com essas folhas durante algumas noites.**

**A minha mãe deitou fora a primeira folha num cruzamento. Depois, todas as terças-feiras queimava uma folha — tal como o curandeiro lhe tinha instruído. Nunca abrimos as folhas para ver o que lá estava escrito, mas graças a este homem, com esses dons paranormais, voltei à vida. Ficámos muito gratas à Baba Vanga também, pois foi ela quem nos indicou o Atanas.**

**Apenas uma semana depois do ritual com as folhas, já estava de pé novamente.**
**Tinha uma amiga, médica de família, a quem ligámos centenas de vezes para me ajudar quando estava muito doente. A minha mãe contou-lhe a nossa experiência com a Baba Vanga. Quando me viu de pé — começou a chorar de alegria.**

**Na semana seguinte, ela foi a Petrich para pedir ajuda para o irmão doente. Com a ajuda da Baba Vanga e de um professor de França, prolongaram a vida do irmão da minha amiga por mais cinco anos. Anos mais tarde, quando o meu filho mais velho tinha 17 anos, foi para as urgências em Pazardzhik com apendicite inflamada. O médico disse que o levámos demasiado tarde. O meu filho estava com drenagem e febre de 40 graus. Fiquei no hospital, e a minha mãe foi novamente visitar a Baba Vanga.**

**Muito cansada, a minha mãe sentou-se num banco em frente à casa da Baba Vanga e acabou por adormecer. A certo momento, sentiu que alguém lhe acariciava a cabeça — era a Baba Vanga. Ela disse-lhe: "Vai para casa, não te preocupes, o teu neto não vai morrer. Este médico que a tua filha trouxe de Sófia vai ajudá-lo. Diz-lhe para beber chá de calêndula — 100 ml de água e uma pitada de calêndula. Que beba três chávenas por dia, durante 15 dias, depois que pare durante 15 dias. Siga este procedimento durante três meses."**

**Demos alta ao meu filho do hospital de Pazardzhik e levámo-lo ao 1.º Hospital Geral em Sófia, para ser observado pelo Dr. Angelov. Ele fez a cirurgia e disse-nos que o apêndice esteve prestes a rebentar. Depois, o meu filho recuperou completamente.**
**Como tinha tanta vontade de visitar a Baba Vanga pessoalmente, um dia fui também a Petrich. Enquanto esperava, entrou uma família — uma mulher com o marido. Levavam um vaso com um cato. Eu estava perto, por isso consegui ouvir a conversa. De repente, a Baba Vanga disse: "Ele está a vir, está a vir, abram caminho. Diz-me, criança, como aconteceu? Ele andava de bicicleta na margem, escorregou e caiu na água."**

**A mãe começou a chorar. A Baba Vanga continuou: "Querem cortar a pereira do vosso quintal. Não a toquem, o vosso filho gosta muito dela. Preparem o vosso halavá caseiro e levem-no ao túmulo dele. Porque não lhe compraram as calças de ganga que ele queria tanto? Comprem-lhas agora."**

**Esta família descobriu a verdade sobre como o filho deles morreu. O espírito dele, obviamente, comunicou com a profetisa, que estava a transmitir as suas palavras.**
**Quando entrei na sala, o porteiro pediu silêncio e que esperasse alguns**

**minutos. Vi a Baba Vanga a segurar o vaso com o cato, a movê-lo para cima e para baixo, a dizer: "Já podes ir, criança, chega, por favor liberta-me da tua presença..."**

**A nossa conversa foi muito curta, pois não havia muito mais para perguntar quando ela disse: "Vais ficar sozinha. Vejo que ficarás sozinha toda a tua vida."**
**E foi exatamente assim que aconteceu. Tive mais dois relacionamentos falhados. Agora tenho mais de 60 anos, e continuo sozinha.**

**Sou professora de crianças. Sou feliz com os meus filhos e netos — eles são agora o propósito da minha vida.**
**Quando fui a Petrich ver a Baba Vanga, levei mais dois colegas. Para um deles — a mãe foi operada — diagnosticada com cancro. A Baba Vanga apenas disse: "O que o médico disse — é isso mesmo." O outro colega tinha problemas de nervos. Ela aconselhou-o a visitar termas com regularidade, e que gradualmente iria melhorar. E assim foi.**
**Em 1994 adoeci novamente. Os meus exames não eram nada bons, e estava prestes a ser operada.**

**Fui a Petrich à noite. A Baba Vanga recebeu-me na manhã seguinte e disse: "Vai ao hospital Pirogov e visita a tua parente lá. Ela arranjará um médico para ti. Não canceles a cirurgia — faz!"**
**Disse-lhe que tinha muito medo, pois havia risco de morrer na mesa de operações. Ela pegou nas minhas mãos com delicadeza e disse: "Não tenhas medo, não vais morrer. Deus está a proteger-te."**

**A Baba Vanga tinha razão outra vez — a cirurgia foi um sucesso e recuperei.**
**Para mim e para a minha família, a Baba Vanga é uma grande mulher — uma verdadeira Santa. Rezava para que tivesse saúde para poder ajudar todos os outros desafortunados que precisavam das suas bênçãos. Era muito direta, gritava quando tinha de o fazer, mas ao mesmo tempo era tão reconfortante e serena quando as pessoas mais precisavam — digo outra vez, era uma verdadeira Santa, que tive a grande honra de conhecer pessoalmente.**
**Quando a Baba Vanga faleceu, penso que perdemos um sol precioso que aquecia o nosso belo país.**

**História contada por Penka Tzaneva, de Silistra**

**Visitei a Baba Vanga em 1969. A minha irmã foi diagnosticada com leucemia e faleceu... Eu não tinha filhos, por isso fiquei com os filhos dela — um rapaz e uma rapariga — e criei-os como meus.**

**Assim que entrei na casa da Baba Vanga — ela levantou-se da cama e veio abraçar-me. Depois disse:**
**"És uma pessoa muito boa — mas és desafortunada. Diz-me o nome do teu primeiro marido."**
**"Nikolay" — disse eu.**
**"E o segundo?"**
**"Orhan."**
**"Pois bem, Orhan, Hasan, tanto faz quem seja, não tens sorte com os homens. És homem e mulher — assim será a tua vida de agora em diante. Tens uma boca 'picante', mas o teu coração é de ouro. Não tens, e não terás sorte."**

**Pedi à Baba Vanga para me dizer algo sobre dois colegas meus, como lhes tinha prometido que perguntaria quando fosse lá. Primeiro, ela recusou firmemente, mas depois cedeu e disse: "Vejo que te pagaram a viagem a Petrich — está bem, vou dizer-te o que vejo sobre eles."**

**Tudo o que disse sobre os meus colegas aconteceu. Um deles adotou uma criança, o outro sofria de enxaquecas crónicas, que se curaram com banhos regulares no Mar Negro.**
**Quando saí da casa da Baba Vanga, lembrei-me de que me esquecera de perguntar se continuaria a trabalhar no mesmo sítio onde estava na altura. Voltei atrás, mas o porteiro não me deixou entrar novamente. Tive de lhe mentir e disse que me tinha esquecido de pedir o nome do medicamento que a Baba Vanga me tinha receitado. Nesse momento, a Baba Vanga abriu a porta e gritou: "Não mintas! Vai para casa — vais trabalhar no mesmo sítio e lá te vais reformar também. Quanto ao teu marido Orhan — não há cura."**

**Os anos passaram e, espantosamente, a Baba Vanga acertou em todas as suas previsões.**
**Nasci numa aldeia de montanha perto de Tryavna. A minha família era muito pobre — éramos três irmãs e um irmão. Desde pequena comecei a trabalhar como pastora, a tomar conta de crianças e também a lavar loiça. Aos 16 anos, caí num canal e parti algumas vértebras da coluna. Fiquei imobilizada durante dois anos num molde de gesso. Uma noite, num sonho, vi Jesus Cristo — veio até à minha cama, todo vestido de branco, e disse-me: "Se acreditares em mim, vais curar!"**

**Durante seis meses andei com alguém a apoiar-me, mas recuperei totalmente. Sou uma mulher de espírito forte, ambiciosa, mas sem sorte na família — tal como a Baba Vanga disse. Consegui criar e educar os filhos da minha irmã, e agora ambos têm dois filhos cada um. Infelizmente, nunca pude ter um filho meu, além de que os médicos não me deixavam dar à luz devido ao meu trauma grave na coluna.**

**O meu marido era de Silistra, de origem turca. Era um homem muito bom e inteligente. Seis meses depois da minha irmã falecer, o meu marido desenvolveu epilepsia. Hospitais outra vez na minha vida — Ruse, Varna, Sófia... Acabou por começar a beber também. Não consigo descrever o medo com que vivi durante 17 anos inteiros. Ele não tinha ataques epiléticos todos os dias, mas quando aconteciam, perdia os sentidos de repente, onde quer que estivesse. Um dia desmaiou e nunca mais acordou.**

**É por isto que a Baba Vanga me dizia que eu era o homem e a mulher da minha família — nunca tive apoio de nenhum homem na minha vida. Toda a minha vida foi assim — uma solidão cheia de desafios.**

**Reformei-me no mesmo local onde trabalhei durante muitos anos — na Mototechnics. Mais tarde, pedi um empréstimo hipotecando o meu apartamento e abri uma pequena loja de peças para automóveis. Estou cansada da vida — tenho 75 anos agora. Ao mesmo tempo, estou grata a Deus por me ter dado força e saúde para chegar a esta idade. A fé forte de que Deus me protegeu foi o meu suporte ao longo de todos estes anos de sofrimento e solidão.**

**Durante toda a minha vida acreditei que fazer o bem aos outros me faria feliz. E é verdade — ajudei muitas famílias a não se divorciarem, usando o**

**meu próprio percurso de vida como exemplo perfeito. As pessoas ainda hoje têm muito respeito por mim — visitam-me nas festas, trazem-me presentes como se fosse a madrinha deles. Fico feliz por ver os meus amigos felizes, mas ao mesmo tempo sinto tristeza por estar sozinha e não ter ninguém que me ajude.**
**Nem vale a pena dizer quantas crianças ajudei a criar... Deus tirou-me a oportunidade de ter o meu próprio filho, mas deu-me a felicidade de mãe de poder amar todas as outras crianças.**

**A Baba Vanga previu o meu passado e o meu futuro com uma precisão incrível. Ela era um fenómeno fora deste mundo. Alguns desprezavam-na por ser tão frontal e direta, por dizer sempre a verdade na cara das pessoas. Uma vez que sentisse más intenções, nunca aceitava essas pessoas em sua casa.**
**Estou profundamente grata por todos os avisos e conselhos que ela me deu para a vida. Ajudou-me a preparar-me, com antecedência, para carregar a minha cruz pesada toda a vida e estar pronta para todos os golpes que o meu destino me traria.**

**História contada por Snezhana Hristova, de Varna**

**Era 1973. Tive bastantes infelicidades na minha vida, mas uma das piores foi quando dei à luz um filho com malformação. A cirurgia não foi bem-sucedida e tudo piorou. Então decidi apanhar o comboio e ir a Petrich visitar a Baba Vanga.**
**Quando entrei na sala onde a Baba Vanga recebia os visitantes, ainda tinha lágrimas nos olhos por causa dos visitantes anteriores, que tinham perdido um filho, e ouvi toda a conversa. A Baba Vanga pegou na minha mão e pediu-me para me sentar na cama. Sentou-se ao meu lado e começou a consolar-me, acariciando-me a mão. Assim que me recompus do meu episódio emocional, fomos para a mesa dela e pediu-me o torrão de açúcar. Vi como o rosto dela mudou, como se começasse a irradiar luz e energia. Disse-me:**

**"Foste casada com o Peter. Tens um filho — protege-o de traumas. Tens um carácter muito masculino, e a maioria dos homens tem medo de ti. Deviam ter-te casado antes dos 36 anos."**
**Ia perguntar algo sobre o meu filho, mas ela aparentemente leu o meu pensamento e disse:**

**“Deixa o filho por quem vieste perguntar ficar onde está (ele estava num hospital especializado). Não há nada que se possa fazer por ele… Vais divorciar-te do Angel (o nome do meu segundo marido) também. Quando tiveres 36 anos, vais conhecer um homem cujo nome começa com a letra ‘S’. Vais casar com ele — ele foi-te dado para ser teu marido. Vai proteger-te.”**

**Tudo o que a Baba Vanga previu para mim aconteceu com uma precisão inacreditável. Divorciei-me do Angel. O meu filho faleceu no hospital especializado e estive sozinha durante muitos anos… Exatamente no meu 36.º aniversário conheci o Slavtcho. Casei-me com ele no ano seguinte. Para mim, pessoalmente, a Baba Vanga era esta grande chama de esperança que iluminava a alma de todos os que sofriam como eu!**

**História contada por R. B., de Sófia**

**Sempre que me lembro da Baba Vanga, o meu coração sente um enorme respeito e amor por esta mulher. Ela não era apenas uma profetisa, era uma mulher de grande coração, com todas as boas virtudes que uma pessoa pode ter.**

**Eu e o meu marido tivemos uma vida relativamente normal durante mais de 20 anos. Ele não era mau homem, comparado com muitos outros generais do exército naquela altura. Era relativamente inteligente e culto. Todas as suas boas qualidades desapareceram perante a sua fraqueza para o álcool em excesso.**

**Num dia de sol, na Primavera de 1987, quando eu não estava na Bulgária, sem aviso prévio, aproveitando a minha ausência, o meu marido deixou a nossa família. Quando voltei para casa, fiquei em choque — todos os roupeiros estavam vazios — ele tinha levado todas as suas coisas. A culminação triste para mim veio quando, pouco depois de ele me ter deixado, o meu pai faleceu inesperadamente. Meses antes dele, a minha mãe morreu. Assim, enterrei as pessoas mais queridas sozinha — não tinha irmãos.**

**Durante dias, não estava no meu juízo perfeito. Os medicamentos não ajudaram e todos os meus amigos eram impotentes para me confortar. Aconselharam-me a ir a um daqueles sanatórios termais militares. Deixei a**

**minha filha sozinha e fui para o sanatório.**
**Todos os dias, às 10h, reunia-me com o pessoal para beber café. Todos ficaram chocados por o meu marido me ter deixado daquela forma, tão desrespeitosa, pois conheciam bem o nosso ambiente familiar de boa convivência. Um dos médicos recomendou-me ir visitar a Baba Vanga — tinha uma amiga que podia arranjar o encontro. Não hesitei nem um segundo — o que tinha a perder?**

**Era Primavera de 1988. Chegámos a Petrich por volta das 16h. A Baba Vanga estava sentada num banco no seu quintal. A amiga do médico entrou para falar com ela. Passados uns cinco minutos, a Baba Vanga chamou o meu nome.**
**Aproximei-me dela muito nervosa — tudo ficou negro à minha frente e as pernas cederam. Ela percebeu que eu estava ansiosa e a primeira coisa que disse foi:**

**"Dói-te muito a nuca?"**
**"Sim, muito" — disse eu.**
**"A-a-a, não te preocupes tanto. Se continuares assim, vais piorar o teu estado."**
**Fiquei quase entorpecida, senti-me ainda mais doente. A Baba Vanga ficou em silêncio por um momento e depois mudou de assunto:**
**"És uma boa pessoa e fizeste muitas boas ações — elas sustentaram-te todos estes anos. Tens uma preocupação — estás a divorciar-te. Não lamentes — o teu marido é uma pessoa má. Não importa que tenha uma posição elevada na hierarquia (ela referia-se ao posto de general), as pessoas gostam muito mais de ti."**

**Depois a Baba Vanga fez uma pausa de alguns segundos, a pensar. Eu absorvia cada palavra que dizia — quase senti que estava hipnotizada. E ela continuou:**
**"Escuta-me, nos próximos três anos ele vai processar-te e ele vai ganhar, tu vais perder. Depois do terceiro ano, ele perderá tudo e tu encontrarás paz na tua vida. Agora apressa-te e volta para o teu apartamento — a tua filha está doente e precisa da tua ajuda. Diz ao teu ex-marido para vir aqui — sei muito bem o que lhe hei-de dizer."**
**Aqui a Baba Vanga disse outra coisa que me surpreendeu muito:**

**“O teu marido tem outra mulher com ele. Ela também é muito responsável pelo que te está a acontecer, mas não ficarão juntos por muito tempo. Não te esqueças — traz-me as coisas que encontrares debaixo do teu patamar — do lado direito, ouviste? Agora vai!”**
**Quando voltei ao sanatório, comecei logo a preparar-me para sair na manhã seguinte para ir ter com a minha filha. Os médicos aconselharam-me a não ir, mas não ouvi ninguém. Encontrei a minha filha com febre alta, e ela tinha tido um colapso nervoso recentemente. Ela ficou sem saber como eu soube que não estava bem, mas eu não contei que soube isso através da Baba Vanga.**

**Depois, nos meses e anos seguintes — tudo o que a Baba Vanga disse aconteceu sem exceção. Contava aos amigos sobre o meu encontro com ela, mas todos eram reservados e não acreditavam, o que me magoava. A minha filha mais velha até pensava que eu estava a enlouquecer.**

**O meu respeito pela Baba Vanga aumentou ainda mais quando, depois de um exame, descobri que tinha uma condição grave nas vértebras cervicais. Depois, a 10 de Novembro de 1989, o meu marido foi demitido do serviço. Tiraram-lhe todos os privilégios como general. Durante muito tempo não teve casa própria, os amigos abandonaram-no, depois teve uma cirurgia complicada ao cérebro... Estava muito mais miserável e sozinho do que eu. A Baba Vanga ajudou-me a aceitar o meu destino de forma mais natural — como se estivesse escrito em pedra e não pudesse ser mudado ou apagado.**

**Em relação às coisas debaixo do meu patamar — isso ficou esquecido durante muito tempo. Eu sabia que o meu patamar era em betão, por isso não podia movê-lo. No entanto, um dia, fiquei espantada quando vi um grande pedaço de betão do meu patamar partido. Quando levantei o pedaço para o deitar fora, encontrei uma moeda antiga, toda coberta de alcatrão, e algum lixo. Deitei tudo na sanita.**

**Mais tarde, vim a saber que aquilo era magia negra. Por isso, a Baba Vanga tinha razão mais uma vez — era por isso que ela insistia para eu lhe levar tudo o que encontrasse o mais depressa possível, para me libertar dos infortúnios que essa magia me estava a causar.**

**A Baba Vanga também previu perfeitamente a mulher má com quem o meu marido viveu durante algum tempo. A mãe dela faleceu subitamente.**

**A filha nunca casou nem teve filhos. Tornaram-se grandes inimigos do meu marido e, ainda hoje, não se falam.**
**Em 1995, estava a assistir ao casamento de uma amiga minha na Igreja de Santa Petka, em Sófia. Cheguei mais cedo à igreja. Passou por mim um padre e decidi perguntar-lhe se acreditava em magia negra e se isso existia. Ele respondeu:**

**"Infelizmente existe, minha querida. Desde tempos imemoriais que as pessoas fazem magia negra, mas isso é muito errado e pecaminoso."**

**Lembrei-me logo da Baba Vanga, do aviso dela... Nunca mais a voltei a ver, mas ficou no meu coração enquanto eu for viva. Ela mudou completamente a minha visão da vida, e todos os dias agora tento ser uma pessoa melhor, pronta para ajudar os outros que precisam.**

**História contada por Ilia Mardov, de Gotze Deltchev**

**O meu irmão George, seis anos mais velho do que eu, adoeceu, e todas as idas aos médicos foram em vão. A minha cunhada insistiu para irmos visitar a Baba Vanga. Assim, a 10 de Julho de 1969, fomos até Petrich. O ambiente habitual — centenas de pessoas à espera em frente à casa da Baba Vanga, à espera da sua vez para ver a profetisa. Era por volta das três da tarde quando a Baba Vanga saiu da casa e disse em voz alta: "Está aqui um homem de Kornitza — que venha."**

**Por um momento fiquei muito excitado, pois não sabia se ela me chamava a mim ou a outro homem da minha aldeia. Aparentemente, ela sentiu a minha hesitação e disse novamente: "Ilia Mardov — vem aqui!"**
**Senti-me mal, ao ver os olhares de julgamento das outras pessoas, por estar a entrar antes delas — mesmo sabendo que tinham chegado muito antes de mim. Mas o que se faz quando a Baba Vanga chama?**

**Ela tinha uma mesa retangular na sua pequena sala, e debaixo da mesa havia uma bacia onde deitava o açúcar dos outros visitantes. Enquanto tocava no meu açúcar, disse: "Vejo a Maria e a Elena, estão a pedir por ti." Maria era a minha mãe, e Elena era a minha irmã — ambas já falecidas.**

**De repente, a Baba Vanga mudou o tom e disse com tanta compaixão: "Oh George, George... que homem tão bom que és, professor... estás muito**

doente... Vejo a morte — ela espera todos, a diferença é que uns são levados mais cedo, outros mais tarde."
Passado algum tempo, o meu irmão faleceu. Lembrei-me novamente da minha conversa com a Baba Vanga. Esta grande búlgara recebeu o dom extraordinário e o direito de ajudar outras pessoas. Para mim, ela é uma verdadeira Santa.

Análise da história

"Vejo a morte — ela espera todos." Aqui, a Baba Vanga está claramente a tentar confortar o Ilia, lembrando-o da verdade eterna do princípio e do fim de cada vida neste planeta. Para a Baba Vanga, vida e morte têm características especiais, diferentes daquilo que imaginamos. Ao longo de todos estes anos a prever o destino das pessoas, a Baba Vanga viveu entre duas realidades, onde o início e o fim estão ligados num fluxo único, provavelmente unido e indivisível. Muitas vezes, a Baba Vanga tenta confortar os seus visitantes quando perdem ou vão perder um ente querido, explicando-lhes que a morte é inevitável e que é assim que o mundo é organizado. Mesmo sabendo muito bem que nem as maiores palavras de sabedoria conseguem vencer a dor que cada ser humano sente, ela continua a inspirar força e esperança.

Parece que as pessoas precisavam da compaixão da Baba Vanga. Precisavam de ouvir a sua voz, que vinha desse reino invisível onde todos nós estamos condenados a ir um dia. Para a Baba Vanga, a morte era o outro nome da vida!

História contada por M.T., de Krislovo, província de Plovdiv

Sou uma mulher com deficiência — de grau II. O meu marido é saudável, mas a minha deficiência nunca nos impediu de ter uma vida normal. Tive mesmo sorte com ele — o meu primeiro marido também era deficiente como eu e morreu de cancro. Quando estava casada, vivi 12 anos na aldeia de Beglesh. O meu pai morreu novo, depois o meu marido, e 10 anos depois a minha mãe também faleceu.

Tendo perdido os meus familiares mais próximos, decidi ir visitar a Baba Vanga com alguns amigos. Apanhámos o comboio para Petrich a 10 de Junho de 1992. Chegámos à tarde e fomos diretamente para o hotel local.

**Assim que fizemos o check-in, fomos à casa da Baba Vanga na aldeia de Rupite (a poucos quilómetros de Petrich). O ar era muito limpo e refrescante — respirava-se com facilidade. De manhã, alinhámo-nos numa longa fila — éramos pelo menos 100 pessoas. Algumas estavam à espera há mais de 3 semanas.**
**Exatamente às 9:00, um carro preto parou em frente à casa e a Baba Vanga saiu e entrou para dentro. Em frente à sua casa havia muitas flores diferentes. Ao lado havia uma grande nogueira e, debaixo dela, um banco e uma mesa. Em cima da mesa havia um vaso com flores frescas, e perto do vaso estava colocada uma imagem da Virgem Maria.**

**Passados 10 minutos, a Baba Vanga saiu da casa e foi até à nogueira. Virou-se para o pôr-do-sol, benzeu-se e sentou-se à mesa. Tinha na mão um ramo de manjericão. Eu estava muito pensativa e nem ouvi que ela me tinha chamado. Uma das minhas amigas "acordou-me" e disse para eu ir até ela. Sobressaltei-me e agora ouvi que me estava a chamar. Aproximei-me, e o homem que estava com ela ia dar-me uma cadeira. A Baba Vanga pegou-lhe na mão e impediu-o de me dar a cadeira. Por um momento, ficou a olhar fixamente para mim — tive arrepios por todo o corpo. Pela primeira vez na vida tive tal sensação — senti como se ela estivesse a penetrar no meu cérebro como um raio-x. Fiquei tonta, as pernas tremiam, apoiei-me na mesa. Foi um grande esforço não cair ou desmaiar.**

**Ela estendeu-se sobre a mesa, agarrou-me a mão e disse: "Vem, senta-te aqui ao meu lado. Vejo que pagaste o hotel para uma semana inteira. Quero que venhas aqui todas as manhãs às 9:00 — para te sentares comigo à mesa. Aceitas?"**
**Acenei com a cabeça, sem me dar conta de que ela era cega e eu devia dizer algo para confirmar. Mas depois — como se me lesse o pensamento — disse: "Não te preocupes, posso ser cega, mas vejo com os olhos de Deus. Dá-me o açúcar em que dormiste durante três noites."**

**Abri a mala e entreguei-lho. Ela tocou no açúcar durante alguns segundos e depois virou a cabeça para mim: "Em que pensavas tu tão profundamente quando te chamei e não me ouviste — era na tua mãe? Ela está aqui mesmo ao meu lado, pronta para te ralhar."**
**Nesse momento, o rosto da Baba Vanga ficou um pouco amarelado, a mão**

**esquerda começou a tremer, os dedos começaram a rodar o ramo de manjericão e... ouvi a voz da minha mãe. Comecei a olhar à volta, mas não vi ninguém além da Baba Vanga, então prestei muita atenção.**

**"Porque te esqueceste de pôr um prato com comida e deixá-lo na mesa, por alma do descanso — depois de voltares do meu funeral? Fiquei com fome o dia todo. Quando voltares para casa, diz à tua irmã para matar e assar uma galinha no sábado, e, juntamente com um pão caseiro, deixá-lo na mesa — para eu poder comer um bocado. Tenho aqui o teu pai e o teu marido comigo. O que queres que lhes diga?"**

**Só disse: "Estou bem e tenho uma vida normal." Depois a minha mãe continuou: "O teu marido diz que, se encontraste alguém, cases com ele, que não fiques sozinha. Não te esqueças do que te disse, pois vou esperar. Adeus, que já nos estão a chamar."**
**Nesse instante, a cor do rosto da Baba Vanga voltou ao normal e ela recuperou a voz. Depois disse: "Vais casar outra vez, vais ter um homem bom e inteligente e terás uma vida normal. Não terás filhos — é por causa da tua doença — mas vais adotar um. Vais viver até aos 83 anos. Queres perguntar-me mais alguma coisa?"**

**– Sim, existe Deus e vida após a morte?**
**A Baba Vanga disse: "Não existe Deus porque assim é aceite pelo Governo dizer-se. Mas digo-te que existe uma grande força que move e controla este mundo. Existe vida após a morte, paraíso, inferno e reencarnação."**
**Nunca esquecerei essas palavras. Houve muitas outras coisas que a Baba Vanga me disse... e, ao longo dos anos, tudo o que ela previu para mim aconteceu.**

**História contada por Penka Tzaneva, de Silistra**

**Visitei a Baba Vanga em 1969. A minha irmã estava doente com leucemia e foi por isso que queria encontrar-me com ela. Marquei uma consulta por telefone, mas o aviso chegou quando a minha irmã já tinha falecido — tinha apenas 36 anos.**
**Quando entrei na casa da Baba Vanga, ela disse-me: "Penka, eu sei porque vieste aqui, mas a tua irmã não tinha outro destino — era isto que estava escrito para ela. Nada podia ter sido feito." Depois acrescentou: "Oh, tão jovem que ela é! Está a chamar a vossa mãe — aqui estão elas as duas."**

**Nesse momento comecei a chorar, e a Baba Vanga continuou: "Ela está a perguntar pela tua irmã Deshka, pelo teu irmão, mas sobretudo está feliz por te ver — está grata por estares a cuidar bem dos filhos dela."**
**Eu não tinha filhos, por isso fiquei a tomar conta dos dois filhos da minha irmã — um rapaz e uma rapariga. A Baba Vanga prosseguiu: "A tua irmã tem muita sede. Leva uma garrafa de água ao túmulo dela — deita a água dos pés para a cabeça. Não chega apenas regar as flores."**
**Depois disse: "O que é esse relógio que a tua irmã está a pedir? Porque não o usas? Ela pede-te que o uses."**

**Expliquei que tinha dito a uns amigos meus, que trabalhavam em navios, para me trazerem um relógio como prenda para a minha irmã. Quando o trouxeram, a minha irmã já tinha falecido, mas eu também nunca o usei.**

**Análise da História**

**Tradicionalmente, quando as pessoas vão visitar os túmulos dos seus familiares, levam água, flores e velas. Esta tradição foi passada de geração em geração, mas muitas pessoas não compreendem verdadeiramente o seu significado. Crentes e descrentes na vida após a morte fazem este ritual como sinal de respeito pelos seus familiares, e para seu próprio conforto.**

**Pelas palavras da Baba Vanga, percebe-se que as almas dos mortos têm necessidade de ser lembradas, de se manterem vivas na memória dos seus familiares vivos.**
**"Que relógio é esse que a tua irmã está a pedir?" Isto é outra prova de que os mortos insistem em não ser esquecidos, e este relógio é um símbolo de recordação dela. "Ela está a perguntar pela tua irmã Deshka, pelo teu irmão, mas sobretudo está feliz por te ver — está grata por estares a cuidar bem dos filhos dela."**

**Outro facto é que os espíritos dos mortos conseguem ver, a partir do seu mundo, o que acontece na Terra. Aparentemente, a sua informação é limitada, pois não conseguem ver tudo o que acontece com todos os seus familiares, e é por isso que pedem à Baba Vanga para perguntar coisas específicas.**

**Outra questão que se levanta: será que as almas dos mortos ouvem as respostas dos seus familiares vivos? Ou será que a Baba Vanga, através dos**

**seus recetores fenomenais, envia a informação de volta aos mortos? Assim, o círculo fecha-se — a profetisa, ao mesmo tempo, recebe e envia informação aos mortos e aos vivos.**
**Com base nas sessões da Baba Vanga com os mortos, podemos concluir que o mundo deles é mais sensível do que o nosso, e que conseguem ver-nos, descrever-nos e contar momentos da nossa vida — mesmo que a sua informação seja limitada. Nós, por outro lado, não os conseguimos ver, nem ouvir, nem sequer sentir quando vagueiam à nossa volta.**

**Outra mensagem interessante da história da Penka é quando a irmã dela chama a mãe. Aparentemente, as almas dos mortos conseguem chamar-se umas às outras na outra vida; assim que a irmã conseguiu comunicar com a Baba Vanga, começou a chamar a mãe.**

## História contada por Boris Gutsev, de Gabrovo

**O meu filho mais novo — Krasimir — quando tinha 30 anos foi diagnosticado com cancro no fígado. Depois de estar um mês no hospital, ficou claro que os dois canais da vesícula biliar estavam quase totalmente obstruídos pelas células cancerígenas, e as aberturas eram do tamanho de uma agulha. Isto fazia com que o sangue não pudesse ser purificado. Era facilmente visível na radiografia.**

**Decidimos levá-lo a Atenas, na Grécia. Antes de irmos para a Grécia, eu e o meu filho mais velho decidimos ir à Baba Vanga. Sem sequer dizermos uma palavra sobre o Krasimir, ela disse: "Os canais da vesícula dele estão entupidos, e decidiram levá-lo para a Grécia — levem-no."**

**Ela não disse mais nada, apenas nos mandou ir.**
**Depois de 10 dias em Atenas, voltámos. Segundo os médicos gregos, o Krasimir tinha, no máximo, um mês de vida.**
**Como última esperança, decidimos visitar novamente a Baba Vanga. Desta vez, ela foi ainda mais lacónica: "Vão para casa e liguem-me dentro de 10 dias."**
**Exatamente 10 dias depois, o Krasimir faleceu.**

## Análise da História

**"Liguem-me dentro de 10 dias" — é assim que a Baba Vanga abordava as situações difíceis — quando via a morte muito próxima, e sabia que as pessoas à sua frente eram demasiado frágeis para ouvir a verdade. Quando a morte está a dias de distância, a Baba Vanga costuma ser lacónica, quase sem palavras, e manda os visitantes para casa. Estas previsões faziam a Baba Vanga sofrer muito, pois guardava tudo dentro de si. Ela disse uma vez: "Oh, se soubessem quanto sofro quando tenho de falar de uma morte que está para chegar."**

**Evtim Evtimov — um poeta de Petrich — lembra-se de como a Baba Vanga, quando começou a receber pessoas, desmaiava quando tinha de dar más notícias. Era assim que as pessoas percebiam que o pior estava para vir. As imagens da morte, bem como as conversas com os espíritos das pessoas recentemente falecidas, consumiam grande parte da energia psicológica da Baba Vanga. Nos dias em que tinha mais casos tristes relacionados com a morte, costumava terminar as visitas muito mais cedo.**

**Raramente havia um dia em que a Baba Vanga não dissesse: "Vejo a morte." Esta previsão dela aplicava-se tanto a uma morte iminente como a uma morte recente.**

**História contada por Penio Popov**
**Em 1972, a minha mulher, Bogdanka, foi submetida a uma cirurgia para remover um tumor na cabeça. No mesmo ano, a minha irmã, Stoyanka, também fez uma cirurgia difícil na glândula timo. Eu queria ajudar o máximo possível — eram as pessoas mais próximas e queridas para mim. Fui a muitos hospitais diferentes, consultei médicos famosos, mas não encontrei esperança.**

**Finalmente, decidi visitar a Baba Vanga pessoalmente. A minha irmã já se sentia um pouco melhor e decidiu vir comigo. Sabíamos de antemão que a Baba Vanga precisava de açúcar para poder prever os nossos destinos. Colocámos cubos de açúcar debaixo da almofada da minha mulher, da minha irmã, da minha, e da do meu filho. Ele gaguejava desde o jardim de infância, pois ficou assustado depois de ver a cabeça de um urso.**

**Chegámos a Petrich e começámos a esperar com as centenas de pessoas que já lá estavam. Havia um homem à nossa frente que andava nervoso de um lado para o outro e olhava constantemente para a porta por onde se**

**entrava na casa da Baba Vanga. Passado pouco tempo, a Baba Vanga saiu e disse: "O homem que quer saber o que será o seu quinto filho, porque os outros quatro são meninas... neste momento, enquanto falamos, a tua mulher deu à luz um rapaz!" O homem agradeceu-lhe do fundo do coração e correu rapidamente. No dia seguinte, voltou para oferecer um presente à Baba Vanga.**
**No terceiro dia da nossa chegada, a Baba Vanga recebeu-nos. "Que entrem o irmão e a irmã — o irmão de Ruse e a irmã de Byala."**

**A minha irmã entrou primeiro, mas eu estava perto da entrada, por isso consegui ouvir toda a conversa.**
**"Qual é a tua doença?" — foram as primeiras palavras da Baba Vanga. A minha irmã explicou tudo em detalhe e depois perguntou: "Vou sarar? A minha filha vai ter um filho em breve — poderei ajudá-la a criá-lo?"**
**"Vais, vais" — disse a Baba Vanga. Depois disse-lhe mais algumas palavras de conforto e mandou-a ver um médico em Sófia.**
**Depois chegou a minha vez — a Baba Vanga pegou nos cubos de açúcar e perguntou-me:**
**"De quem é este açúcar?"**
**"É da minha mulher" — respondi.**
**"De que é que ela está doente?"**
**"Tem um tumor na cabeça — do lado esquerdo. Há uns dez anos, antes de fazer a cirurgia, uma colega dela, da fábrica, bateu-lhe na cabeça por acidente... ela vai ficar bem?"**
**A Baba Vanga fez uma pausa e disse:**

**"Vai viver, vai viver" — disse ela devagar, e de forma um pouco sonhadora. Passados alguns momentos, ouvi-a murmurar para si própria: "Eh Bogdanka, Bogdanka, onde foste arranjar esta doença tão cruel..."**

**Comecei a chorar, e ela parou-me:**
**"Não chores agora, há tempo para isso."**
**Depois dei-lhe o açúcar do meu filho, e agora com uma voz alegre ela disse:**
**"O que se passa com o teu rapaz? Ele terá muito talento e conhecimento — vai ter uma boa vida."**
**Disse-lhe que ele gaguejava:**
**"Em 2-3 meses o teu rapaz entrará na puberdade. A gaguez vai**

**desaparecer sozinha."**
**Foi exatamente assim que aconteceu.**
**Depois dei-lhe o meu açúcar e a Baba Vanga disse-me para cuidar do meu coração e lavar-me regularmente com água do rio. Na altura tinha um coração saudável, mas hoje tenho uma doença cardíaca.**

**Enquanto voltávamos para casa, pensava em todas aquelas previsões que esta profetisa cega, que viu o nosso passado e futuro, nos contou.**
**Assim que entrei em casa, a minha mulher recebeu-me com as palavras: "Vem cá para te contar o que a Baba Vanga me disse."**
**Perguntei-lhe como sabia, quem lhe tinha contado? "Tive um sonho com ela" — disse a minha mulher.**

**Fiquei pasmado. Tudo o que a minha mulher me contou sobre o sonho dela coincidia exatamente com o que a Baba Vanga me disse no nosso encontro!**
**Um ano depois, a minha mulher faleceu — com apenas 36 anos. Dois anos depois da morte da minha mulher, a minha irmã também faleceu. Soube mais tarde que a Baba Vanga disse aos nossos amigos em Petrich o seguinte: "A mulher do Penio vai morrer, e dois anos depois a irmã dele também morrerá."**
**Obviamente ela escondeu esta cruel verdade de mim, embora me tenha dado uma leve pista do que estava para vir quando falou da minha mulher.**

**História contada por Lyubka Todorova**

**Visitei a Baba Vanga apenas uma vez, no final de Agosto de 1966. Este encontro deixou em mim emoções profundas e duradouras.**
**Nessa altura já era casada — tinha uma filha e vivia em Sófia. A minha mãe e irmã viviam em Dupnitza. Logo depois da minha irmã — Bistra — terminar os estudos no Instituto para ser educadora de infância, adoeceu gravemente com esclerose múltipla. A doença evoluiu muito rapidamente. Em poucos anos, já estava imobilizada numa cama.**

**Fui visitar a Baba Vanga para pedir ajuda para a minha irmã. Fui a Petrich com o meu marido — tínhamos marcado uma consulta com bastante antecedência. Havia muitas pessoas à espera em frente à casa dela, por isso eu e o meu marido juntámo-nos a elas, de coração apertado. A maioria das pessoas não falava. Algumas estavam muito pensativas, imersas na sua**

**própria dor... algumas ficavam com a profetisa apenas por pouco tempo, outras ficavam muito mais. A irmã da Baba Vanga — Lyubka — estava lá e ajudava muito nas conversas, porque a Baba Vanga falava com um dialeto macedónio e às vezes era preciso tradução.**

**Ouvi o meu nome e entrei para visitar a Baba Vanga. Estava literalmente a tremer, encantada com a presença dela e toda a atmosfera à volta.**

**A primeira coisa que me disse foi que vim com o meu marido no nosso carro, que tinha estado recentemente no estrangeiro e que em breve voltaria a sair do país — era a pura verdade! Também adivinhou que eu tinha tirado uma licença do trabalho para cuidar da minha irmã.**

**Dei-lhe o açúcar sobre o qual a minha irmã tinha dormido na noite anterior. A Baba Vanga tocou nele e disse que a minha irmã estava muito doente — o lado direito estava paralisado e que não podia ajudá-la. "Ela morrerá com as mãos cruzadas como uma santa — mas não será para já", disse com uma voz tão amigável e compassiva que nunca esquecerei.**

**A Baba Vanga acrescentou ainda que a minha avó (que tinha falecido há 10 anos) estava a olhar por nós, e que um tio meu, que estava doente, morreria em breve. Inicialmente não sabia de que tio falava em concreto, mas passado algum tempo, o irmão do meu falecido pai morreu de cancro.**

**Depois a nossa conversa girou à volta da minha família. Lembro-me como a Baba Vanga insistiu: "Quero que tenhas um rapaz."**
**Em 1970 foi isso que aconteceu — dei à luz um filho, chamei-lhe Biser. Dois anos depois, no outono de 1972, a minha irmã faleceu, depois de anos de sofrimento com a sua doença.**

**Análise da História**

**Os profetas carregam um fardo muito pesado. Eles veem constantemente imagens sombrias de acidentes, cataclismos, desastres e infortúnios das pessoas. Veem tudo, sabem tudo, mas não podem fazer nada para evitar. A Baba Vanga recebia frequentemente pessoas cujos familiares sofriam das piores doenças, incuráveis. A maioria delas esperava ouvir da Baba Vanga: "Ele vai viver!" — mas infelizmente esse não era o destino desses mártires.**

**Quando a Baba Vanga via que a morte se aproximava e era inevitável — este era o seu maior desafio ao prever o destino das pessoas. Tinha de decidir se dizia diretamente que a morte estava próxima ou se tentava esconder, se sentisse que a pessoa à sua frente não conseguiria aceitar.**

**Muitas vezes, quando era esse o caso, a Baba Vanga dizia simplesmente: "Volta a visitar-me dentro de 10 dias" ou "Volta dentro de um mês", porque sabia muito bem que o inevitável já teria acontecido. Ao mesmo tempo, a pessoa que a visitava precisava da sua compaixão e coragem depois de perder o familiar querido, por isso ela estava sempre pronta a ajudar — e era por isso que os chamava de volta.**
**A Baba Vanga dizia: "Eu vivo com a dor e o sofrimento das pessoas todos os dias, mas não posso nem ouso explicar porque isto lhes acontece. Uma voz muito severa diz-me para não tentar explicar nada porque cada ser humano merece a vida que tem."**

**História contada por Snezhana Hristova, de Varna**

**Conheci a Baba Vanga algumas vezes, mas o encontro mais memorável foi o primeiro, que nunca esquecerei.**
**Era 1973 quando fui a Petrich. Não sabia quanto tempo teria de esperar, mas, por sorte, a Baba Vanga tinha acabado de voltar da igreja e anunciou que iria receber mais pessoas.**
**À minha frente estava uma família da Jugoslávia — um homem e uma mulher, muito preocupados. Quando entraram em casa, eu estava a poucos passos da porta, por isso consegui ouvir toda a conversa, que ainda hoje recordo palavra por palavra, pois foi algo fora deste mundo.**

**A Baba Vanga recebeu a família com as palavras:**
**"Enterraram o vosso filho recentemente — queriam vir ter comigo há muito tempo, mas nunca conseguiam decidir-se. O vosso filho já está aqui connosco."**
**De repente, a voz da Baba Vanga mudou significativamente e ela disse:**
**"Mãe, pai — esperei por vocês durante muito tempo. Pensaram que fui assassinado porque me encontraram morto em casa com uma ferida na cabeça — isso não é verdade. Quando voltei do quartel, não estavam em casa. Nessa noite, bebi uns copos com os amigos e voltei para casa tarde. Durante a noite, tive muita sede e levantei-me para beber água. Perdi o equilíbrio e bati com a cabeça no canto do fogão. Perdi os sentidos**

**durante algum tempo. Depois tentei abrir a torneira da água, mas infelizmente abri a válvula do gás — foi assim que deixei este mundo."**

**Os pais do jovem choravam desalmadamente — eu também comecei a chorar, tal era a tristeza da história. Depois, a Baba Vanga continuou em nome do rapaz:**
**"Mãe, pai — vocês não me deixaram casar com a minha namorada — mas ela agora está aqui comigo."**

**A Baba Vanga perguntou separadamente se isso era verdade — e os pais disseram que a namorada dele tinha morrido 20 dias depois do filho. Depois continuou:**
**"Os pais dela enterraram-na como uma noiva, mas não conseguiram comprar sapatos brancos, por isso puseram-lhe uns pretos. Por favor, digam-lhes para comprarem sapatos brancos e colocarem-nos no túmulo dela... Mãe, pai, por favor não chorem tanto por mim — estou constantemente molhado. Pai, pensas que alguém te roubou o transistor. Não, não está roubado, está no bolso do teu casaco, que está pendurado num prego na cave, junto à porta. Por favor, dá o meu facto novo ao meu melhor amigo — para ele o usar e se lembrar de mim com carinho."**

**Nesse momento, o pai começou a chorar alto, e a mãe quase desmaiou. A Baba Vanga começou a confortá-los e disse-lhes:**
**"O vosso filho já se foi. Sofria muito ao ver-vos chorar assim."**

**Análise da História**

**Muito provavelmente, neste caso em particular, a Baba Vanga entrou em transe e começou a falar com a voz do jovem. Uma mensagem tão longa e seguida do além é rara — a conversa com esta alma não foi como os contatos habituais que a Baba Vanga costumava ter. As outras conversas são tipicamente aos pedaços, a profetisa fala de muitas coisas ao mesmo tempo, faz perguntas (muitas delas retóricas) e todo o encontro decorre num diálogo. No entanto, aqui, a conversa não é interrompida e é contínua, e a voz da Baba Vanga também muda.**

**O que o espírito deste rapaz diz é incrível. Ele afirma que as almas dos mortos aparentemente veem o que se passa no nosso planeta e têm conhecimento da situação dos seus familiares. O pedido do rapaz aos pais**

**para deixarem de chorar, pois está sempre molhado, é difícil de explicar. Será possível que uma alma morta sinta algo físico — o que é a sensação de molhado, de humidade? Ou, de facto, após a morte física, o corpo astral permanece e ainda consegue sentir essas vibrações subtis?**

**História contada por Georgi Vukadinov, de Sófia**

**Em 1986 divorciei-me. Do meu primeiro casamento tenho duas filhas. A mais velha chama-se Ana e a mais nova Veselina.**
**Em 1989 conheci a Aneta — era mais nova do que eu e não era casada. Entendíamo-nos muito bem e começámos a viver juntos. Ela queria muito ter o seu próprio filho. Falava constantemente sobre como iria amar o filho, como o iria criar...**
**Quando engravidou, estava radiante — sorria o tempo todo, via-se que estava mesmo feliz. Infelizmente, perdeu o bebé no 4.º mês.**

**Passado pouco tempo, engravidou novamente — e o sorriso voltou-lhe ao rosto. Infelizmente, o destino não nos favoreceu e ela voltou a perder o bebé — desta vez no 5.º mês. Não consigo descrever a tristeza e o desespero da minha mulher.**

**Foi então que decidi ir pessoalmente visitar a Baba Vanga. O nosso primeiro encontro foi no Outono de 1992. Estava sentado em frente desta mulher santa e, com voz emocionada, contei-lhe os nossos infortúnios. Ela pediu-me para trazer também a minha mulher. No dia seguinte, a Aneta foi a Petrich. A Baba Vanga pegou-lhe na mão e disse: "Vais dar à luz uma criança saudável e trarás aqui para eu a batizar e dar-lhe um nome." Pediu-nos que lhe levássemos uma boneca, uma fralda e uma pequena bacia.**

**Nos dias seguintes, visitámos novamente a Baba Vanga e entregámos-lhe os três objetos que nos pediu. Ela colocou a boneca dentro da bacia, embrulhou-a na fralda. Depois pôs as mãos por cima e manteve-as ali durante cerca de um minuto. Depois pediu-nos para levarmos a criança até ela para lhe dar o nome.**

**Quando voltámos para casa, tivemos de guardar a boneca e a bacia num lugar alto. Depois, a Aneta tinha de enrolar a fralda à cintura e dormir com ela durante uma noite.**
**O verdadeiro milagre aconteceu! A Aneta engravidou novamente e, em**

**Setembro de 1994, deu à luz uma menina normal e saudável. Fui imediatamente a Petrich para a Baba Vanga dar o nome à minha filha. Comprei-lhe uma cruz de ébano como presente. Ela colocou-a na mesa, começou a tocar na cruz e depois disse: "Vejo a letra A — vais chamar a tua filha Ana."**

**Fiquei tão feliz e, ao mesmo tempo, surpreendido. A minha mãe chamava-se Ana, a minha filha mais velha do primeiro casamento é Ana, eu chamava a minha mulher de Any, e agora esta bebé — Ana! A Aneta também ficou muito feliz quando ouviu o nome.**